FALAS DE HOMENS

GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

FALAS DE HOMENS:

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE MASCULINA

GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

As moças e as mulheres, na sua evolução, só temporariamente imitarão as manias e as modas masculinas, só temporariamente exercerão as tarefas dos homens. Logo que acabem estes períodos dúbios de transição, ver-se-á que as mulheres se prestaram a estes disfarces, muitas vezes ridículos, apenas para arrancar da sua natureza as influências deformadoras do outro sexo. A mulher, que uma vida espontânea, mais produtiva, mais confiante habita, está sem dúvida mais próxima do humano do que o homem - o macho arrogante e impaciente que ignora o valor do que julga amar por estar preso às profundidades da existência, como a mulher, pelo fruto das suas entranhas. Esta humanidade que no sofrimento e na humilhação amadurece a mulher, virá à superfície quando esta romper as algemas da sua condição social. E os homens, que não sentem aproximar-se esse dia, ficarão espantados e vencidos. Um dia (sinais certos o atestam já, nos países nórdicos) a moça existirá, a mulher existirá. E estas palavras: "moça", "mulher", não significarão apenas o contrário de "homem", mas qualquer coisa de individual, valendo por si mesmo; não apenas um complemento, mas um modo completo da vida: a mulher na sua autêntica humanidade. Um tal progresso transformará a vida amorosa, hoje tão plena de erros (e isto mau grado o homem, que, de início, será ultrapassado). O amor deixará de ser o comércio de um homem e de uma mulher para ser o de duas humanidades. Mais próximo do humano, será infinitamente amável e cheio de atenções, bom e claro em tudo o que realizar ou desfizer. Este será o amor que, combatendo duramente, agora preparamos: duas solidões que se protegem, se completam, se limitam e se inclinam uma para a outra.

Rainer Maria Rilke[1]

[1] RILKE, Rainer Maria. **Alguns poemas e cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, p. 77-78.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos filhos *Marcelo, Lucas e André*, três jovens homens, pelo tempo de que os privei de meu contato, desejando que minhas reflexões contribuam para que se tornem pessoas melhores e mais felizes.

À *Wanise*, minha mulher e companheira de tantos anos, pelo apoio nas horas mais difíceis de minha jornada;

A meu pai *Francis*, modelo de honestidade e de capacidade de trabalho, do qual aprendi muitas das pesadas tarefas de um homem;

À minha mãe *Myriam*, constante apoio discreto, mas certamente amoroso, a quem devo muito do homem que hoje sou;

A *Daniel* Soares Lins e a todos os membros de minha banca de doutorado, que souberam me acolher sem paternalismo;

Às alunas do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - UNIFOR - *Cristiane* de Medeiros Passaréla, *Cláudia* Sales Leite, *Regianne* Antunes Dourado, *Paula Karinne* Maia Santos e *Tatiana* Cysne, pela transcrição de entrevistas e pelo trabalho com a literatura;

Ao *CNPq*, pelo apoio através de bolsa de estudo, o que muito me ajudou a prosseguir em meu projeto;

À *Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará*, sem a qual este livro dificilmente seria publicado.

S U M Á R I O

PARTE 1: A (RE)DESCOBERTA DO HOMEM: OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO – CONDIÇÃO, SUBJETIVIDADE E PAPÉIS MASCULINOS..... 1

Capítulo 1. Ser Homem: Uma Questão de Gênero..... 3

Capítulo 2. Os Rituais da *Construção* da Condição Masculina: Ser *Macho* ou Ser Homem? Uma História de Dor, Violência, Paixão e Regozijo..... 27

Capítulo 3. A Subjetividade e os Papéis Masculinos, Hoje: Dilema e Confusão, Crise ou Transformação?..... 54

PARTE 2: A APLICAÇÃO DE UM MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA DA SUBJETIVIDADE MASCULINA..... 86

Capítulo 1. Uma Escuta Fenomenológica da Subjetividade Masculina..... 91

Capítulo 2. Escutando Homens: Quem São Eles?..... 114

PARTE 3: A SUBJETIVIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: ANÁLISE E DISCUSSÃO A PARTIR DE MÚLTIPLOS RECORTES DE FALAS SIGNIFICATIVAS DE HOMENS EM FORTALEZA..... 125

Capítulo 1. Quando Homens Falam de Si Mesmos e do que É Ser Homem em Fortaleza: Uma Subjetividade em Constante (Re)*Construção*..... 127

1. *O que É Ser Homem*..... 127

. *O homem natural*..... 128

. *O homem moral*..... 130

. *O homem universal*..... 131

. *O homem forte*..... 132

. *O homem trabalhador*..... 133

. *O homem produto da sua cultura*.. 134

. *O homem diferenciado da mulher*..... 135

. *O homem* macho..... 137

. ***O homem sensível***..... 141
2. ***Vivências Masculinas***..... 142
. ***O aprendiz sexual***..... 143
. ***Mesmo o homem satisfeito com sua masculinidade sofre constrangimentos***..... 149
3. ***O Homem em Transformação***..... 156
. ***O homem mutante***..... 157
. ***O homem que continua essencialmente o mesmo de sempre e em qualquer lugar***..... 166
4. ***O Homem Violento***..... 168
. ***O homem que se reconhece violento***..... 169
. ***O homem agredido, pacífico ou reprimido***..... 175
Capítulo 2. Todas as Mulheres destes Homens: Sedução e Diferenciação..... 181
1. ***A Mãe do Homem***..... 184
. ***A mãe cuidadora e modelo de mulher***..... 184
. ***Minha mãe é imperfeita***..... 189
2. ***O Homem e as Atividades Domésticas***..... 199
. ***O filhinho*** **macho** ***da mamãe***..... 200
. ***Um homem de prendas domésticas?***..... 202
3. ***Sobre Amizade, Amor, Sexo e Dependência das Mulheres***..... 208
. ***O amigo das mulheres***..... 209
. ***O homem que não confia nas mulheres***..... 212
Capítulo 3. O Pai e o Filho do Homem: Identificação, Conflito e Confusão..... 221
1. ***Pai e Filho: Aprendendo a*** **Ser Homem**..... 225
. ***O pai participante e acolhedor, modelo de homem***..... 226
. ***O pai ausente, omisso, rejeitado ou violento e outros reforçadores de atitudes socialmente consideradas masculinas***..... 234

. *Uma nova paternidade?*..... 248

Capítulo 4. O Homem e os outros Homens: Competição e Violência *Versus* Amizade e Intimidade..... 259

1. *Os Melhores Amigos do Homem*..... 261

. ***O melhor amigo do homem é outro homem***..... 262

. ***O homem que não confia em outro homem***..... 269

Capítulo 5. O Trabalho e a *Construção* da Subjetividade Masculina..... 278

1. *O Homem e o Trabalho*..... 280

. ***O trabalhador realizado***..... 281

. ***O homem insatisfeito com o seu trabalho: trabalho de homem?***..... 290

2. *Cuidado: Homens e Mulheres Trabalhando Juntos!*..... 299

. ***Trabalhadores do Brasil, uni-vos!***..... 299

. ***A guerra dos sexos chega ao trabalho?***..... 304

3. *O Descanso do Guerreiro*..... 310

. ***Trabalho* versus *lazer***..... 311

. ***Diversão entre homens?***..... 315

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM FENÔMENO EM TRANSFORMAÇÃO: FALAS DE HOMENS: A *CONSTRUÇÃO* DA SUBJETIVIDADE MASCULINA..... 320

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 362

PARTE 1: A (RE)DESCOBERTA DO HOMEM: OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO – CONDIÇÃO, SUBJETIVIDADE E PAPÉIS MASCULINOS

O homem, acredito, é também maternidade, física e moralmente. Criar é para ele uma maneira de conceber. Os sexos estão talvez mais próximos do que se pensa e talvez seja esta a chave da grande renovação do universo: o homem e a mulher, libertos de todos os seus erros, de todas as suas dificuldades, não tornarão a procurar-se como contrários, mas como irmãos e como parentes. Unirão as suas humanidades para suportar juntos, gravemente, pacientemente, o peso da carne difícil que lhes foi propiciada.

Rainer Maria Rilke[2]

No sertão, isso não existe. A gente morre de gostar, mas não se toca. Por exemplo: toque, eu tenho com minha filha, mas meu pai não teve comigo, nem minha mãe teve comigo.

João

Ao pretender descrever, analisar e discutir como uma parcela do universo masculino vem lidando com sua própria masculinidade, deparei-me com um conjunto de noções e de conceitos que, apesar de se reportarem a este mesmo universo, freqüentemente se referem a concepções e a questões diferentes. Em alguns casos, termos diferentes visam a definir uma mesma questão; em outros casos, um certo termo parece ter sentidos diversos para diferentes autores, gerando uma certa confusão entre aqueles que se dispõem a conhecer e a estudar a quantas andam os homens neste início de século e de milênio. Portanto, pareceu-me que meu primeiro desafio, aqui, deveria ser tentar pôr alguma ordem nesta miscelânea de noções e de conceitos relativos à *sexualidade*, à *identidade*, ao *gênero*, à *condição*, à *subjetividade* e aos *papéis masculinos*, numa perspectiva fundamentada na *sociologia das relações de gênero*. Sem tal operacionalização dos termos aqui utilizados, corremos o risco de uma discussão equivocada ou pelo menos confusa por conta das diferentes e

[2] *Op. cit.*, p. 60.

diversificadas compreensões desses termos. Acredito que tal discussão pode permitir elucidar as opções conceptuais que adotei para a elaboração de minha pesquisa e para a análise e a discussão de meu tema de tese.

Assim, após diferenciar os diversos termos utilizados na discussão acerca do universo masculino, pretendo demonstrar como apenas uma compreensão do que é *ser homem* como uma questão de *gênero* pode dar conta de uma perspectiva sócio-histórica e cultural das relações humanas. A partir deste esclarecimento, creio que possamos vir a entender a constituição do masculino como uma *construção subjetiva*, que, apesar de ser uma *condição* em muitos aspectos comum aos diversos indivíduos do sexo masculino de uma mesma cultura ou sociedade, necessariamente se desenvolve de forma particular e individualizada. É neste sentido que a noção de *identidade masculina* será também questionada e, por isto mesmo, é o que justifica porque julguei mais preciso e adequado discutir com meus informantes, através das entrevistas que realizei, os diversos modos de *construção* de seus processos de *identificação* com a mãe, com o pai, com os amigos, com o trabalho etc., em vez de utilizar a noção de *identidade,* que pressupõe uma relação de *semelhança* absoluta com um determinado modelo social anteriormente existente, escamoteando a *multiplicidade* das manifestações da *condição* e da *subjetividade masculinas*. Finalmente, creio que poderemos passar à discussão da *condição*, da *subjetividade* e dos *papéis masculinos* no mundo atual, questionando a possível ocorrência de uma *crise do masculino*, como argumentam diversos autores.

Capítulo 1. Ser Homem: Uma Questão de Gênero

Que diferença da mulher o homem tem?
Espera aí que eu vou dizer, meu bem
É que o homem tem cabelo no peito
Tem o queixo cabeludo
E a mulher não tem
No paraíso, um dia, de manhã
Adão comeu maçã
Eva também comeu
Adão ficou Adão sem nada
Eva sem nada
Se Adão deu mancada
Eva também deu
Mulher tem duas pernas
Tem dois braços, duas coxas
Um nariz e uma boca
E tem muita inteligência
O bicho-homem também tem
Do mesmo jeito
Se for reparar direito
Tem pouquinha diferença.

Durval Vieira[3]

Apesar da noção de *sexo* e da própria concepção de *sexualidade masculina* perpassarem toda esta tese, minha análise e a discussão que aqui desenvolvo não se pautam meramente nestas noções. Tal posição se fundamenta no fato de que o *sexo* se refere, prioritariamente, à *condição* biofísica e reprodutiva dos seres vivos, o que não é, absolutamente, objeto da atenção principal de minha pesquisa. Ao consultar nosso mais conhecido dicionarista, encontramos:

> ***Sexo*** *(cs). [Do lat.* sexu.*]* S. m. ***1.*** *Conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas.* ***2.*** *O conjunto das pessoas que possuem o mesmo sexo.* ***3.*** *Sensualidade, volúpia, lubricidade; sexualidade (...)* ***4.*** Bras. *Os órgãos genitais externos.* ♦ ***O belo sexo.*** *As mulheres; o sexo fraco, o sexo frágil.* ***O sexo forte.*** *Os homens. (...)* ***O sexo fraco.*** *V.* o belo sexo. ***O sexo frágil.*** *V.* o belo sexo. ***O terceiro sexo.*** Irôn. *Os homossexuais* (Ferreira, 1975, p. 1307).

Por sua vez, Dorin (1978) assim define o termo, destacando seu caráter diferenciador: "SEXO. *zool*. Distinção básica entre organismos de uma determinada espécie que os

[3] Compositor de letra e música de *Tem Pouca Diferença*, interpretada por Luiz Gonzaga e Gal Costa, no disco *O Melhor de Gal*, de 1994, pela gravadora RCA.

divide em machos e fêmeas, os primeiros produzindo espermatozóides e os segundos, óvulos" (p. 256). Destaque-se que o termo *sexo*, em sua etimologia, tem a mesma origem de palavras como *seção*, *secionar*, *secional*, *setor* etc., relacionadas a uma divisão, uma separação, um corte ou uma cisão, que, no caso que nos interessa aqui, se refere à distinção entre homens e mulheres. Portanto, podemos perceber porque a *diferenciação* entre macho e fêmea - implícita na noção de *sexo* acima exposta - não é suficiente para que me paute nela em minha análise da *subjetividade* e da *condição masculinas*, pois a essência da *sexualidade* é comumente entendida a partir dos atributos físicos e reprodutivos do homem e da mulher, sem considerar, necessariamente, os *elementos subjetivamente construídos* por conta da vivência histórico-cultural dos seres humanos em sociedade. Neste sentido, podemos encontrar indivíduos que, apesar de sua *condição* anatomofisiológica ser aparentemente condizente com um determinado sexo, têm manifestações comportamentais, gostos e preferências sexuais e mesmo uma auto-percepção mais aproximados aos do sexo oposto. Assim, o *sexo* – ou a diferença sexual - parece ser apenas a primeira *condição* da *construção sócio-cultural* de nossa *subjetividade* como homem ou como mulher.

Tradicionalmente, o pensamento ocidental tende a se dividir entre duas abordagens aparentemente distintas da dualidade dos sexos - o modelo da *semelhança* e o modelo da *diferença* entre homens e mulheres - mas, em ambos os casos, sempre se buscou afirmar a superioridade do homem, o que justifica sua histórica *dominação* sobre a mulher. Até muito recentemente, era o modelo dos dois sexos em oposição que predominava, mantendo-se imperativo no século XIX e em boa parte do século XX. Por exemplo, para Jacques-Louis Moreau, em 1803, não apenas os sexos eram diferentes, mas, também, homens e mulheres eram contrapostos em cada parte do corpo e da alma - e, portanto, física e moralmente: a biologia tornou-se, então, o fundamento epistemológico dos preceitos sociais e a heterogeneidade dos sexos comandava os destinos e os direitos diferenciados de homens e de mulheres. Por sua vez, as teorias sócio-biológicas estabeleceram como princípio que o sexo seria uma força anti-social e que os dois sexos não se desenvolveram para se entender, mas apenas com a função de reproduzir a espécie.

Mesmo as várias correntes feministas contemporâneas, parte delas adepta do dualismo absoluto dos *gêneros* e a outra parte defendendo a semelhança entre os sexos e a multiplicidade dos *gêneros* humanos - cada uma pretendendo-se a real fundadora da igualdade dos sexos - iniciaram um debate que, para o nosso caso, pode assim ser resumido: a masculinidade é um dado biológico ou uma *construção* ideológica? No final da década de 70, o diferencialismo feminista surgiu do desapontamento com o feminismo universalista, que era amplamente dominante nos anos 50, quando Simone de Beauvoir (1980) propunha uma política conciliatória entre posições diversas, baseada numa filosofia da *semelhança*. Assim, as feministas diferencialistas defendiam a separação dos sexos e estimulavam que as mulheres privilegiassem as relações entre elas, pois, para serem iguais aos homens, tiveram que negar sua essência feminina e tornar-se imitações imperfeitas daqueles que as dominavam, perdendo sua *identidade*, alienando-se e, ingenuamente, entregando suas conquistas ao imperialismo machista. O grupo das “ecofeministas”, por sua vez, defendia que a mulher encarna a natureza e a vida, enquanto o homem é voltado para a cultura e a morte. De qualquer forma, ao apoiar-se no determinismo biológico, tanto a sociobiologia quanto o feminismo diferencialista terminavam chegando a uma conclusão semelhante: um sexo é sempre valorizado à custa do outro.

Nos anos 80, os primeiros especialistas dos estudos do homem - ou *men’s studies* - concordaram com a rejeição à idéia de uma masculinidade única, contestando o papel principal da biologia e dedicando-se a defender a multiplicidade humana: portanto, não existe um modelo masculino universal que valha para todos as épocas e culturas; a masculinidade não seria uma essência ou natureza, mas uma ideologia que tende a justificar a *dominação masculina*, pois suas facetas apenas se transmudam para manter o *poder* do homem sobre a mulher. Entretanto, pode-se perguntar da mesma forma como faz Badinter (1993): atualmente, quando o *poder* viril se esfacela perante nós, o que sobra da masculinidade? Foi Margareth Mead (1963; 1966; 1971) quem abriu caminho à idéia da multiplicidade masculina, demonstrando que nossa sociedade é um excelente laboratório de observação dessa diversidade, não havendo necessidade de buscar pelo mundo para sua comprovação: a masculinidade difere, não

apenas conforme a época e a cultura, mas, também, segundo a classe social, a raça e a idade do homem. Simone de Beauvoir (1980) defendia que a mulher não nasce mulher, mas que se faz mulher. Portanto, o mesmo se aplicaria ao dito primeiro sexo: o homem não nasce homem: ele *torna-se* homem. Se a masculinidade pode ser ensinada e ser *construída*, não há dúvida de que ela pode ser transformada, já que o que se construiu pode, então, ser "demolido" ou "des*construído*", para ser, novamente, *construído*. Os mais radicais entre os "construtivistas", inspirados por Derrida (1995), parecem interessar-se apenas pela "*desconstrução*", desconsiderando categoricamente o dualismo dos *gêneros* e mesmo o dos sexos, que seriam apenas oposições ideológicas, sempre visando à opressão de um pelo outro. Assim, acreditam poder instituir um regime de plena liberdade e se livrar definitivamente da questão dos problemas da *identidade* sexual - mesmo o dos transexuais. Desta forma, o debate entre as várias posições antagônicas e irreconciliáveis mantém o mistério sobre a *condição masculina*, dividido, de um lado, entre o determinismo biológico e seu *macho* eterno, e, de outro, o construtivismo, que nega a existência do *gênero masculino* (Chabot, 1er trim. 1992).

Atualmente, portanto, para muitos pensadores da *condição masculina*, o homem não é mais reconhecido como "o Homem": o indivíduo do *gênero* masculino é apenas um aspecto da humanidade, e a masculinidade, por sua vez, é considerada um conceito relacional, pois apenas pode ser definida com relação à feminilidade. Neste sentido, os teóricos anglo-americanos enfatizam a concepção de que não existe virilidade em si, pois masculinidade e feminilidade são *construções relacionais*: embora o *macho* e a *fêmea* possam ter características universais, não se pode compreender a *construção social da masculinidade* ou da feminilidade sem referência ao outro pólo relacional (Kimmel [ed.], 1988). Assim, pode-se pensar que a masculinidade, atributo do homem, é sempre relativa e reativa. Conseqüentemente, quando a feminilidade muda - ou seja, quando as mulheres tentam redefinir sua *identidade* ou sua própria *condição* - a masculinidade tenderia a se desestabilizar. Em resumo, a história das sociedades patriarcais mostra que, geralmente, são as mulheres, e não os homens, que suscitam os grandes questionamentos. Desta forma, esta poderia ser uma explicação - pelo

menos, parcial, e, portanto, questionável - dos dilemas e da confusão do homem contemporâneo, pois pressupõe que as mudanças masculinas seriam apenas uma reação a reboque das mudanças das mulheres.

A noção de *gênero*, diferentemente da concepção de *sexo*, mais do que se limitar à referência ao mero exercício da prática sexual, inclui a investigação das atitudes, dos comportamentos, das relações, dos valores, dos estereótipos, dos conceitos e dos preconceitos, que também são *social, histórica, política* – pois têm caráter ideológico - *e culturalmente construídos*.

> *O conceito de gênero surge como uma tentativa de aglutinar interesses comuns e ampliar a compreensão das relações entre os sexos, apoiando-se na idéia de que existem machos e fêmeas na espécie humana, mas, principalmente, que a qualidade de ser homem e ser mulher é definida em termos de relação entre ambos e do contexto sócio-histórico mais amplo em que eles interagem* (Medrado, out. 1996, p. 3).

Deve-se ter em mente que as três dimensões fundamentais da noção de *gênero* – relacional, situacional (ou contextual) e histórica - são correlacionadas intrinsecamente:

> *assim a dimensão contextual se define em termos da localização espacial do gênero, reconhecendo as prescrições sociais como um conjunto de características que pertencem ao contexto cultural em que são engendradas, do mesmo modo que a historicidade compreende as diversidades no âmbito temporal, apontando a necessidade de se considerar o caráter histórico das construções sociais* (p. 11).

Neste sentido, significa dizer que, ao tratar de *gênero*, estamos lidando com práticas, símbolos, representações, normas e valores relativos à *diferenciação* sexual, datados historicamente, presentes na cultura e compartilhados pelos indivíduos inseridos numa dada sociedade.

Scott (1990) identifica três orientações teóricas principais na elaboração da noção de *gênero*: a *teoria do patriarcado*, a partir de Max Weber (1980; 1992); a *teorização marxista*, principalmente as formulações de Engels (1884 [1981]); e a *teoria psicanalítica*, em especial a corrente da escola francesa - fundamentada nas leituras estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud a partir das teorizações acerca da linguagem (principalmente Lacan, 1960; 1964; 1966) – mas também as da escola anglo-americana, que centrou suas atenções nas teoria das relações de objeto. A categoria de “dominação patriarcal” de Weber foi utilizada politicamente pelas feministas para justificar a submissão da mulher a uma necessidade masculina de

dominação, mas carecia de precisão quanto à análise histórica e em diferentes culturas. O clássico texto de Engels associava a sexualidade feminina aos meios de (re)produção, que, portanto, deveria ser controlada, pois atribuía o controle do homem não propriamente à mulher, mas às questões de herança, possibilitando a liberdade sexual masculina, numa perspectiva economicista, essencialista e naturalista. Certamente, a influência da teoria psicanalítica na compreensão das questões de *gênero* é inegavelmente significativa e reconhecida; portanto, pretendendo discutir criticamente suas contribuições em diversos pontos desta tese.

Como anunciei antes, o uso da noção de identidade, apesar de utilizada por vários dos aliados teóricos em quem me apoiei, apresenta seus problemas. Sobre esta noção, voltando ao nosso mais famoso dicionarista, descobrimos: "**Identidade.** [Do lat. escolástico identitate.] S. f. **1.** Qualidade de idêntico (...). **2.** Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc." (Ferreira, 1975, p. 743). Da mesma forma, encontramos num dicionário de filosofia: "**identidade** (lat. tardio identitas, de idem: o mesmo) Relação de semelhança absoluta e completa entre duas coisas, possuindo as mesmas características essenciais, que são assim a mesma. (...) Opõe-se a diferença" (Japiassú & Souza Filho, 1993, p. 127). Conforme estas definições, podemos perceber que a noção de *identidade* pressupõe uma *semelhança essencial, absoluta e completa* com algo que lhe é igual, opondo-se à idéia de *diferença*. Neste sentido, concordo com Kehl (1996) quanto às limitações do conceito de *identidade*, pois

> *nada poderia parecer mais consoante com a idéia de diferença do que a perspectiva de que cada sujeito possa se dizer* um*, num contexto em que tudo se massifica, se industrializa, se globaliza. No entanto, quando se fala em diferença, a referência não são as singulares e sim a produção de* identidades. (...) *As identidades são as próteses subjetivas produzidas nas sociedades de massa – e quem vive no século XX, sabe que a afirmação das diferenças, constituídas como grupos identitários, tem tido antes o efeito de produzir a intolerância do que o diálogo e a convivência na diversidade. É notável que agrupamentos sociais se diferenciem e se representem segundo traços identitários sexuais, raciais, nacionais, étnicos, religiosos e, por que não (...), de classes. Mas esperar que a marca identitária dê conta da subjetividade, que a permanência a um grupo defina por exemplo para os indivíduos os caminhos a ser percorridos pelo desejo e o objeto de sua satisfação, é a meu ver um dos modos contemporâneos de alienação* (p. 11-12).

O enfoque que busco oferecer aqui tenta demonstrar não apenas a *diferença*, mas a *construção* da *diversidade* da *subjetividade* e da *condição masculinas*. Mesmo

adotando a perspectiva da *diferença*, Suely Rolnik (1995; 1996) busca, como nesta tese, favorecer a escuta das *diversidades* que se constituem nas várias manifestações da *subjetividade*, destacando que as *diferenças* - que prefiro denominar de *diversidades* - não têm um sentido identitário, mas, ao contrário, vêm justamente abalar as *identidades*, estas calcificações de figuras, opondo-se à idéia de eternidade.

Destaco que desde o início do século XX, a ciência passou a não mais defender a posição de que as crianças sejam seres assexuados. Freud (1905 [1972]; 1940 [1938] [1975])[4] foi, provavelmente, o primeiro a desmistificar a pretensa "inocência" infantil. Ou seja, as crianças têm desejos e os manifestam desde cedo. Durante muito tempo, a mulher foi considerada a grande e misteriosa desconhecida. Freud (1905 [1972][5]; 1908 [1976][6]; 1926 [1976][7]), em vários momentos e de várias formas, chegou a se indagar "o que quer uma mulher"?[8] Entretanto, antes dele, Rousseau (1757 [1969]) já afirmava que "o macho só é macho em certos momentos, a fêmea é fêmea durante toda a vida, pelo menos durante toda a sua juventude" (p. 697). Rousseau (1758 [1967]) igualmente convocava homens e mulheres a viver normalmente separados, pois eles se ressentiriam tanto quanto ou mais do que elas de um relacionamento muito íntimo. Elas só perderiam seus modos, enquanto os homens perderiam, ao mesmo tempo, os

---

[4] Freud (1905 [1972]), no início do século, já afirmava: "uma das características da idéia popular sobre o instinto sexual é que ele está ausente na infância e só desperta no período da vida descrito como puberdade. Isto, contudo, não é puramente um erro simples, mas um erro que tem tido graves conseqüências, pois é principalmente a esta idéia que devemos nossa atual ignorância das condições fundamentais da vida sexual. Um estudo completo das manifestações sexuais da infância provavelmente revelaria os caracteres essenciais do instinto sexual e nos mostraria o curso de seu desenvolvimento e a maneira pela qual ele se consolida a partir de várias fontes" (p. 177). Próximo à sua morte, ainda mantinha e reassegurava que "a vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento" (Freud, 1940 [1938] [1975], p. 177).

[5] Em 1905 (1972), Freud afirma que "nos homens, (...) sòmente sua vida erótica se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres (...) ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade" (p. 152).

[6] Em 1908 (1976), Freud escreve: "em conseqüência de circunstâncias desfavoráveis de natureza interna e externa, as observações que se seguem aplicam-se principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo - isto é, o masculino" (p. 215).

[7] Freud, muitos anos depois, em 1926 (1976), observa: "sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um 'continente negro' para a psicologia" (p. 242).

[8] Na verdade, esta indagação é encontrada no texto de rodapé abaixo, anexo à nota do editor inglês de "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos" (Freud, 1925 [1976]): "Ernest Jones escreve (1955 [1975], p. 468): 'pouca dúvida existe de que Freud julgava a psicologia das mulheres mais enigmática que a dos homens. Disse ele uma vez a Marie Bonaparte: "a grande questão

modos e a sua constituição. Não querendo mais sofrer a separação, as mulheres os tornariam mulheres por não poderem se tornar homens. Desta forma, o filósofo, sob um ângulo intrigante e à sua maneira, já apontava para o fato da *construção* de nossas *subjetividades*, particularmente no que se refere à *condição masculina*. Ou seja, o ser humano não é predeterminado, mas *socialmente construído*. As diferenças sexuais constituem uma teia cultural que fundamenta as relações humanas e que modela de forma inexorável tanto homens quanto mulheres numa fôrma bem definida (Mead, 1963). Neste sentido, Costa (1992) nos lembra que:

> *não conhecemos culturas capazes de integrar simultaneamente todas as formações imaginárias por meio das quais os sujeitos desejam e se relacionam. Cultura significa inclusão e exclusão de certas possibilidades expressivas do sujeito e seu desejo. Uma cultura que tudo permitisse seria uma "cultura impossível", como a chamou Rieff. Em outros termos, é o que depois de Lacan denominamos castração pela linguagem. Essa castração pode receber várias traduções imaginárias, ou seja, várias formas de ensinar aos sujeitos como seguir regras morais. Seguindo essas regras estruturamos nossas subjetividades de acordo com os ideais de eu ou subjetividades modelares pressupostas nas descrições do que "deve ser o sujeito" e que fazem parte de toda recomendação ética. Acontece que a estabilidade da cultura, sem a qual não existiriam recorrência de regras e tampouco subjetividades que se reconhecessem como subjetividades, dá-se às custas de diferenças e oposições ao que não é idêntico. Uma cultura só reconhece sua identidade distinguindo-se de outras.* Mutatis mutandis*, o mesmo ocorre com a identidade do sujeito e, finalmente, com os ideais de eu* (p. 19).

Conforme Badinter (1986; 1993), até o século XIX, era comum que se acreditasse que o indivíduo podia mudar de *identidade* sexual sem grandes problemas íntimos, mas, através dos trabalhos de Erik Erikson (1975; 1976; 1980), as várias ciências que discutem os *processos identitários* passaram a reconhecer que a *aquisição da identidade social, étnica, psicológica ou sexual* é um processo extremamente complexo, envolvendo uma *relação positiva de inclusão* e uma *relação negativa de exclusão*. Ou seja: identificamo-nos tanto através das semelhanças com algumas pessoas quanto pelas diferenças com outras (Mucchielli, 1986). Erikson (1976) acrescenta a esse complexo *processo de construção sócio-cultural*, a noção de *diferenciação*, isto é, o fato que permite que uma criança pequena possa distinguir sua *identidade* sexual devido tanto à *diferença* com as crianças do sexo oposto quanto à *identificação* com aquelas de seu mesmo sexo. Nesta idade - justifica ele - as

---

que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina é: 'o que quer uma mulher?'"" (p. 304).

diferenças culturais entre os sexos ainda não estão bastante presentes para que a dupla codificação macho-fêmea se instale e permaneça. Hartley (1959) afirma que, para serem masculinos, os *machos* aprendem geralmente o que *não devem ser* antes de incorporarem o que *podem ser*. Ao se perguntar a muitos garotos como definiriam a masculinidade, eles simplesmente respondem que é "o que não é feminino". Isto demonstra não apenas a importância do reconhecimento social da *diferença dos gêneros* para que a criança tenha um claro *sentimento de identidade*, mas aponta também para o fato de que esta *diferenciação* continua se desenvolvendo - e que, portanto, pode ser transformada - através das diversas experiências na vida de uma pessoa.

Stoller (1973; 1989; 1993) discute os *processos identitários*, aconselhando a distinção conceitual entre *sexo*, *gênero* e *núcleo de identidade do gênero*. A palavra *sexo* (condição de *macho* ou de *fêmea*) se refere ao domínio dos aspectos biológicos. Para determinar o *sexo*, deve-se analisar cromossomos, órgãos genitais externos e internos, gônadas, o estado hormonal e os caracteres sexuais secundários. O *gênero*, por sua vez, tem conotações psicológicas e sócio-culturais. A *identidade do gênero* inicia-se, então, com a percepção de que se pertence a um sexo e não a outro. O *núcleo de identidade do gênero* é a convicção de que a atribuição de seu sexo foi correta: "eu sou *macho*" se define antes dos 2 anos de idade, e, em geral, tende a se manter ao longo da existência do homem de forma mais ou menos persistente, caso não ocorram percalços significativos. Entretanto, como tratarei mais adiante, a trajetória da *construção* de um homem não é tão tranqüila quanto muitos poderiam pensar.

Freud (1926 [1976]) já entendia que a *identificação* era a chave do conceito de *identidade*, múltipla por definição. Sem dúvida, o corpo é a fonte primária da *identidade* e o *sexo* um investimento sempre privilegiado, mas não basta ter cromossomos Y e um pênis funcional para alguém sentir-se homem, pois é possível crer-se masculino a despeito de muitas anomalias ou disfunções. Segundo Jost (*in*: Sullerot [ed.], 1978), o *macho* (XY) possui todos os genes presentes na *fêmea* (XX), além de herdar os genes do cromossomo Y. Neste sentido, afirma que o *macho* é a *fêmea* mais alguma coisa, mas, também, que o sexo feminino é o sexo de base em todos os mamíferos e que o

programa embrionário de base é orientado para produzir *fêmeas*: “o *macho* se *constrói* contra a feminilidade original do embrião. Ao longo do desenvolvimento, tornar-se *macho* é uma luta de cada instante” (p. 86-87). Isto significa que, durante as primeiras semanas, os embriões XX e XY são anatomicamente idênticos, dotados ao mesmo tempo de canais de *fêmea* e de *macho*, sendo sexualmente bipotenciais. Durante essa fase, o feto enfrenta uma dura “batalha” para não obedecer ao programa de desenvolvimento feminilizante. Essa luta, totalmente biológica de início, é apenas um primeiro passo diante do constante e longo esforço de *diferenciação social* que o garoto terá que investir para tornar-se um homem.

Nascido o bebê, o olhar dos pais tem uma função determinante, pois, através de sua convicção quanto à definição e ao desenvolvimento da *condição* de *gênero* e do sexo de seu filho, podem certamente influir em seus caminhos posteriores. A tendência a estereotipar sexualmente o bebê é bastante comum entre os pais, pois o condicionam através dos gestos, da voz, das roupas e dos brinquedos conforme o sexo a que pertença, mas pesquisas (Luria & Rubin, 1978) demonstram que esta tendência é principalmente paterna. Como podemos perceber, esse processo de *diferenciação* continua, com crescente intensidade e constância sociais, quando do nascimento do bebê *macho*. O olhar dos pais, desde então, se configura como o fator mais importante: “basta dizer de um homem, para o elogiar, que ‘ele é um homem’” (Bourdieu, sep. 1990, p. 21).

Ao nascer, o menino é alimentado tanto física quanto psiquicamente por uma mulher, o que parece interferir em sua *subjetividade* de modo mais significativo, mais complexo e mais dramático do que na trajetória feminina, particularmente no sistema patriarcal, que domina o mundo há milhares de anos e no qual a diferença rígida dos *papéis sociais* tem lugar de destaque. Assim, o menino é *fêmeo* na sua origem, mas logo é advertido de que deve adotar uma nova postura, oposta à anterior - a masculina - sendo “arrancado” dos cuidados maternos, numa imposição freqüentemente violenta e dolorosa, mas também ardorosamente desejada. Esta relação intensamente erótica entre a mãe e o bebê do *gênero* masculino requer uma justa medida, pois amor de menos o adoeceria, enquanto amor demais o impediria de se tornar um homem.

Ao ser amamentado, o bebê atinge o ápice da *dependência passiva*[9], o que grava marcas indeléveis em seu psiquismo adulto, pois o vínculo erótico entre mãe e filho não se limita às satisfações orais, já que ela é aquela que, através de seus cuidados, desperta toda a sensualidade dele, iniciando-o no prazer e ensinando-o a amar seu corpo: em outros termos, a mãe boa é, num certo sentido, incestuosa e pedófila (Badinter, 1993). Isto é claramente marcante para o menino, pois, enquanto a menina tem na mãe uma base para sua *identificação*, ele tem nela um esteio prazeroso do qual deve abdicar. É por conta disto que, para tornar-se homem, ele deve aprender a *se diferenciar* de sua mãe e a recalcar profundamente essa *passividade* deliciosa em que ele e a mãe criaram uma unidade simbiótica. Em resumo: pleno de feminilidade durante toda a sua vida intra-uterina e identificado com sua mãe logo após seu nascimento, o pequeno *macho* só pode se desenvolver adequadamente perante a sociedade e a cultura tornando-se o oposto do que vinha sendo desde sua origem, ou seja, rejeitando toda a passividade e a dependência com que foi cativantemente acalentado por sua mãe. Para Stoller (1973), quanto mais a mãe mantém essa simbiose com o filho - apesar de considerá-la relativamente normal nos primeiros meses de vida do bebê do *gênero* masculino - maior será o risco de que a feminilidade se entranhe no seu *núcleo de identidade do gênero*. Para que o devido “corte” aconteça nessa relação simbiótica, o *papel socializante* do pai é deveras importante. De qualquer forma, podemos deduzir dessa situação que a *masculinidade* é secundária em relação à união primária e profunda com a mãe, que pode ameaçá-la com sua sedução encantadora, caso persista além do necessário. Então, enquanto a relação entre mãe e filha favorece o *sentimento de identidade* da garota, o menino deve esforçar-se para rejeitar, dessensibilizar e mesmo anular suas pulsões protofemininas. Para Mitscherlich & Dierichs (1983), nossa sociedade cobra muito cedo que os meninos se afastem das mães e assumam um comportamento viril, gerando o que Chesler (1983) denomina de “seres dematriciados” (p. 53). O comportamento que a maioria das culturas e das sociedades costuma definir - e, conseqüentemente, reforçar - para os homens como

[9] Groddeck (1923 (1978]) já observava que, quando amamenta, a mãe é o “homem” ativo, que alimenta o bebê, enquanto a criança é a “mulher” passiva, que recebe o seio materno.

adequadamente masculino é *construído* através de um conjunto de *manobras de defesa*: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma de ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de cuidados dispensados aos outros; e, evidentemente, temor a ser desejado por um outro homem ou - o que seria considerado mais grave ainda - de desejá-lo. Isto é, as atitudes do homem comum podem ser assim descritas: ser grosseiro, fanfarrão e briguento; tratar com violência e tornar as mulheres seus fetiches; buscar amizade apenas dos homens, mas odiar, desprezar e maltratar os homossexuais; falar rudemente; desconsiderar as atividades das mulheres. Assim, “o primeiro dever de um homem é: não ser uma mulher” (Stoller, 1989, p. 311).

O tempo de duração dessa relação simbiótica entre mãe e filho variou bastante de uma época a outra, e, mais atualmente, entre as diversas culturas e sociedades. Apesar dessa compreensão ser recente, já não se aplica adequadamente às sociedades industriais contemporâneas, pois as mulheres transformaram de modo radical seu modo de vida, fazendo com que essa relação simbiótica com seus filhos se encurtasse significativamente, especialmente devido à sua inserção crescente no mercado de trabalho. Para Stoller (1989), quanto mais extensa e envolvente for essa relação de prazer mútuo, maiores são as chances de que o menino se feminilize, sendo função do pai do menino interditar essa simbiose, tanto qualitativa quanto quantitativamente. Esta perspectiva parece evidenciar uma posição paterna que, apesar de ainda relativamente comum, é meramente punitiva, autoritária e disciplinar, como se a paternidade não pudesse ser exercida de forma afetiva e calorosa, sendo uma atitude relativa apenas à mulher e à mãe, que mima seu bebê e espera que ele continue dependente e frágil. Embora muitos pais ainda se preocupem bastante com a possibilidade de feminilização de seus filhos devido aos carinhos maternos, o homem vem se transformando e a paternidade acompanha as mudanças de atitudes e de comportamento masculinos, que se tornam mais acolhedores, mas, nem por isto, necessariamente menos viris. Por outro lado, para alguns autores, o grande dilema da *condição masculina* no que diz respeito à figura materna - e em oposição à *condição* das mulheres - ainda se deve à necessidade de *diferenciação* em relação à mãe, pré-

requisito básico do sentimento de pertença ao grupo dos homens. É neste sentido que afirma Burguer (1982 [1985]) que “todo homem se defronta com o seguinte problema: de um lado, agir ativamente contra a mãe; de outro, sofrer passivamente por causa dela... Devemos matá-la e morrer por ela. Fazendo-se, o homem deve ter o cuidado de não ferir sua alma feminina” (p. 197). Entretanto, devemos levar em conta que tal sentimento de pertença ao mundo masculino, e mesmo o reconhecimento de sentimentos pretensamente femininos por parte dos homens, são também *condicionados histórica, social e culturalmente*. No mundo contemporâneo, os homens vêm sendo estimulados e até induzidos a manifestar sentimentos de ternura, de passividade ou de dependência - por muito tempo considerados femininos - sem perder sua condição masculina. O fato é que muitos homens, mesmo alguns extremamente viris, costumam manter uma relação intensa com suas mães, e suas genitoras se mantêm, apesar de toda a possível ambigüidade e ambivalência de seus filhos para com elas, como o seu principal modelo de mulher ao longo de suas vidas. No entanto, embora importante e digna de nota, a *diferenciação* do homem em relação à figura materna e feminina não é o único determinante da *construção da subjetividade masculina*.

Especialmente nas sociedades patriarcais, até quando é recalcada, a simbiose com a mãe atormenta o inconsciente masculino, pois os homens são criados em grande parte ou apenas pelas mulheres há centenas de anos, precisando, posteriormente, investir fortemente sua energia de resistência para manter as mulheres à distância, como única forma de resguardar sua virilidade ameaçada. Nessas sociedades, ao homem é sempre atribuído um caráter ativo; entretanto, esta atividade trata-se, na verdade, apenas de uma reação contra a passividade, a dependência, a feminilidade e a impotência originais do bebê recém-nascido: para os *machos*, a atividade não adviria de uma necessidade social, mas faria parte de sua natureza constitucionalmente masculina, conforme pensam. A internalização dos valores e das normas da virilidade masculina exige dos homens de nossa cultura um recalque sucessivo dos desejos de passividade, especialmente do desejo de ser cuidado. Assim, a masculinidade, que é *construída* de forma inconsciente nos primeiros anos de vida de

um menino, se intensifica até explodir, literal e conscientemente, na adolescência, quando o sofrimento e o medo da feminilidade, da dependência e da passividade começam a se tornar mais óbvios, através das buscas de atividades, da autonomia e das atitudes consideradas socialmente masculinas. O horror à passividade e à feminilidade que os homens freqüentemente sentem é tão intenso exatamente por conta de que esses são seus desejos mais fortes, e, portanto, sofrem maior recalque. Desde a infância até à idade adulta, e muitas vezes durante toda a vida, a masculinidade é muito mais uma reação inconsciente do que uma adesão consciente. O homem, a partir da meninice, se afirma por uma tripla negação ou oposição: “eu não sou minha mãe”; “eu não sou um bebê”; “eu não sou uma menina (ou um homossexual)”. Este protesto de auto-afirmação viril é dirigido antes de tudo à sua mãe, mas logo se estende às demais mulheres, aos outros homens e ao próprio mundo, além dele mesmo, o que pode explicar, pelo menos parcialmente, as razões da *violência* ser um atributo essencialmente masculino.

Para Devor (1989), a necessidade de *diferenciação* em relação ao sexo oposto não é produto de aprendizagem ou de uma *construção social*, mas uma necessidade arcaica; ou seja: seria um atributo inerente ao ser humano, uma *essência*, e, portanto, provinda de suas primeiras experiências quando do seu surgimento na face da Terra. No entanto, Devor adota uma posição contraditória ao argumentar que a maioria das sociedades usa o *sexo* e o *gênero* como principais estratégias cognitivas para entender seu ambiente, as pessoas, as idéias e os objetos - que são geralmente classificados como masculinos ou femininos - o que apenas demonstra e reforça mais ainda o fenômeno da *construção social*. As crianças aprendem a classificar pessoas e coisas em dois grupos opostos, conforme a semelhança ou a diferença em relação a elas. Em todas as sociedades humanas, meninos e meninas acabam sempre se separando em grupos do mesmo sexo, e aqueles que divergem ou que transitam entre os grupos masculinos e femininos são freqüentemente rejeitados ou são objeto de chacotas.

Segundo algumas pesquisas (Maccoby, juin 1990; Maccoby & Jacklin, 1974), a tendência a preferir companheiros do mesmo sexo começa muito cedo, nas

brincadeiras infantis, os fundamentos da segregação sexual já aparecendo entre as crianças antes da escolarização: na verdade, surgem desde quando a criança começa a classificar - sempre segundo o *gênero* - a si mesma e aos outros. Essas pesquisas, na verdade, terminam por demonstrar que as diferenças encontradas entre grupos de meninos e de meninas se devem principalmente às formas de *socialização* da criança segundo seu sexo a partir do nascimento, o que varia muito entre os genitores e de uma família a outra, mas explica a *diversidade* das experiências humanas. Ou seja: *a condição masculina*, tanto quanto a feminina, *é uma construção sócio-cultural e histórica*.

Badinter (1993) defende que a crença culturalmente generalizada no mito do instinto de amor materno - que afirma categoricamente que a maternidade é biologicamente inata, sendo as mães as únicas capazes de cuidar de bebês e de crianças - reforça a relação simbiótica da mãe com o filho, excluindo, afastando e impedindo a aproximação do pai. Questiona tal mito, alegando que o pai é tão dotado de sensibilidade, afeto e competência quanto a mãe, desde que mobilize sua *feminilidade*, idéia que é compartilhada por Risman (mars 1987). Apesar desta posição fazer sentido, pode-se questionar, por outro lado, se, para poder cuidar bem de bebês e de crianças, os homens não podem fazê-lo à sua maneira: eficientemente sensível, afetuosa e acolhedora, mas, ainda assim, *masculina*. A idéia acima, embora um evidente avanço em relação à compreensão da capacidade de “paternagem” dos homens, persiste ainda em dicotomizar os atributos humanos em qualidades masculinas *ou* femininas.

Na Antigüidade, Aristóteles (1979) já se referia à reprodução humana, afirmando que o homem - o *macho* - transmitia à criança o princípio da humanidade. Desta forma, a *condição masculina* passou a ser identificada com a própria *humanidade*, o que podemos perceber, mesmo hoje, nos diversos discursos sobre o *homem abstrato*, costumeiramente confundido com o *macho*. Sabemos hoje que o *sexo* masculino - melhor dizendo, o cromossomo Y - é transmitido pelo pai, mas, além deste mero fato biológico, o genitor, qualquer outro homem ou mesmo grupo de homens pode ser o objeto principal de *identificação* do menino, o que nos remete novamente à idéia de

construção social. Os homens devem encarnar a imagem paterna para que possa ser concluído o processo de *construção da diferenciação masculina*, favorecendo com que o menino transforme sua feminilidade primitiva numa masculinidade secundária - sempre reativa e freqüentemente defensiva - mas consistente.

Foucault (1976) nos ensina que as *relações sociais de gênero* são, também, relações de *poder*, destacando:

> *- que o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis;*
> *- que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, **relações sexuais**[10]), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações (...);*
> *- que o poder vem de baixo; isto é, não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados, dualidade que repercuta de alto a baixo e sobre grupos cada vez mais restritos até as profundezas do corpo social. Deve-se, ao contrário, supor que as correlações de força múltiplas que se formam e atuam (...) nas famílias (...) servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social (...);*
> *- que as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas. Se, de fato, são inteligíveis, não é porque sejam efeito, em termos de causalidade, de uma outra instância que as explique, mas porque atravessadas de fora a fora por um cálculo: não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos. Mas isto não quer dizer que resulte da escolha ou da decisão de um sujeito, individualmente (...);*
> *- que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder* (p. 89-91).

Estas considerações de Foucault merecem alguns comentários no que diz respeito aos mecanismos de *poder* quanto às *relações sociais de gênero*:

- o *poder* atribuído aos homens é historicamente vivenciado a partir de várias manifestações e de relações diferenciadas, e, portanto, se transforma, também, ao longo da história e nas diferentes culturas e sociedades;

- tal *poder masculino* é exercido de maneira intimamente ligada a outras manifestações correlatas, ou, melhor dizendo, é parte de um conjunto de relações que envolve os processos econômicos, o saber científico, as instituições sociais e políticas e outras manifestações de *poder*, sendo, assim, produtor de desigualdades e de conseqüentes conflitos;

[10] O grifo é meu.

- o *poder* dos homens é exercido em todas as instâncias sociais, sendo um gerador das várias *diferenciações* entre os indivíduos, e, particularmente, entre homens e mulheres;
- embora as relações de *poder* entre os gêneros sejam objetivas, expressam-se de forma subjetiva e intencional. Portanto, sua objetividade não invalida a pretensão que me move, através desta tese, isto é, entender como alguns homens de Fortaleza vivenciam, em seu cotidiano e em sua própria história, o *poder* que lhes é atribuído ou que percebem em si mesmos;
- da mesma forma, busco aqui investigar como estes mesmos homens lidam com as resistências e as pressões que encontram em suas vidas por conta das correlações de força envolvidas nos mecanismos de *poder*, particularmente no que se refere às *relações sociais de gênero*.

Sobre a investigação das *relações sociais de gênero*, e, particularmente, no que se refere à questão do *poder masculino*, Bourdieu (*in*: Lins [org.], 1998) alerta para a necessidade de correr o risco de parecer justificar a *dominação masculina* para demonstrar como as mulheres podem contribuir com sua própria *dominação*. Neste sentido, afirma que "é notável que o discurso feminista caia tão freqüentemente no essencialismo que ele censura com justiça no 'conhecimento masculino'" (p. 4). Apenas este reconhecimento de que as próprias mulheres são *construídas socialmente* e que reproduzem o *poder masculino* pode propiciar uma verdadeira revolução simbólica e a conseqüente transformação das *relações sociais de gênero*. Toma a sociedade cabila (Bourdieu, sep. 1990) como um "modelo histórico" geral das estruturas fundamentais da visão e da divisão masculinas do mundo, o que explica como as disposições "falo-narcísicas"[11] são depositadas e inscritas nos corpos de mulheres e homens das sociedades ocidentais contemporâneas, mas sob formas distorcidas, mutiladas e parciais, sofrendo lacunas, incoerências, discrepâncias e substituições. Assim, explica que as diferenças sexuais estão inseridas e submersas num sistema de oposições: "a

[11] Laplanche & Pontalis (s.d.) esclarecem que "pode verificar-se na literatura psicanalítica contemporânea um emprego progressivamente diferenciado dos termos 'pénis' e 'falo', designando o primeiro o órgão masculino na sua realidade corporal e sublinhando o segundo o seu valor simbólico" (p. 225). Quanto ao narcisismo, trata-se de uma "referência ao mito de Narciso, amor que se tem pela imagem de si mesmo" (p. 364).

oposição masculino/feminino é dotada de uma necessidade objetiva e **subjetiva**[12], pelo fato de estar emaranhada em, ser sustentadora de e sustentada por um inextricável e inexaurível sistema de oposições homólogas, as quais, todas elas, se reforçam mutuamente" (Bourdieu *in*: Lins [org.], 1998, p. 17). Acrescenta que, apesar da divisão dos *gêneros* estar inscrita na ordem social das coisas - sendo, portanto, *objetiva* - no entanto,

> *todas essas* divisões objetivas *se vêem inscritas nos corpos, na forma de disposições, e se tornam* princípios subjetivos de visão*, categorias cognitivas através das quais os indivíduos vêem e constroem o mundo como realidade significativa, viva. Tendo se originado do mundo, tais esquemas de percepção estão de acordo com a ordem objetiva das coisas e nos inclinam a tomar o mundo como dado. Essa concordância espontânea entre as estruturas sociais e as estruturas cognitivas – quando ocorre – é a base da* experiência dóxica da dominação masculina *como inscrita na natureza das coisas, invisível, não questionada. (...) A ordem masculina está tão profundamente arraigada que não precisa de justificação: ela se impõe como auto-evidente, universal (o homem [...] é esse ser particular que experimenta a si mesmo como universal, que tem o monopólio do humano,* homo*). Ela tende a ser tida como certa em virtude da concordância quase perfeita e imediata que estabelece entre, por um lado, estruturas sociais, como as expressas na organização social do espaço e do tempo e na divisão social do trabalho, e, por outro, estruturas cognitivas nos corpos e nas mentes* (p. 18).

Assim, compreende-se que a *dominação masculina*, sem dúvida, ainda é onipresente e universal. Entretanto, pode-se perguntar sobre o que vem acontecendo com a *subjetividade* e a *condição masculinas* quando sistematicamente as mulheres vêm avançando em diversos espaços sociais, e, conseqüentemente, provocam transformações nas *relações sociais de gênero.* É objetivo desta tese apontar e discutir alguns *recortes de falas masculinas* que possibilitem um certo vislumbre esclarecedor sobre essa questão.

Quanto ao conceito de *papel*, termo proveniente do antigo teatro grego, já era discutido num certo sentido "sociológico" por Nietzsche (1881-1882 [1967]), que afirmava que "a preocupação com a existência impõe (...) à maioria dos europeus de sexo masculino um *papel* determinado, sua carreira como se diz" (§ 356). Ou seja, em sociologia, se entende que qualquer organização envolve um conjunto de *papéis* mais ou menos diferenciado, que definem obrigações e coerções relativas a zonas de autonomia condicionadas. Essas coerções ou obrigações normativas, associadas a cada *papel*, são mais ou menos conhecidas pelos atores sociais, criando *expectativas*

[12] O grifo é meu.

de papel, objetivando a redução da incerteza da interação. Apesar de não serem determinantes - pois permitem uma margem de manobra entre o *papel* e a *pessoa* (Goffman, 1974) - os *papéis* atribuídos aos homens são um importante condicionante de sua conduta, mesmo em sociedades e culturas cada vez mais heterogêneas como aquelas da contemporaneidade.

É nesse sentido que Pleck (1975) destaca a diferença entre os tradicionais *papéis sociais* masculinos, que envolviam fortes laços emotivos entre os homens - mas cuja intimidade era controlada pelos rituais de iniciação, como tratarei no próximo capítulo - e os *papéis sociais* masculinos modernos, nos quais as relações de afeto entre homens são débeis e freqüentemente inexistentes: o homem jovem dos tempos modernos não tem mais um iniciador, pois seu genitor não pôde cumprir esta função – como ocorria em tempos idos - já que hoje é relativamente comum que os pais ainda sejam homófobos, temendo contatos muito íntimos com seus filhos, apesar de modificações consideráveis neste sentido.

Alguns psicanalistas analisam a trajetória percorrida por toda criança do estado indiferenciado à organização genital sexuada, mas costumam advertir que esta organização é produzida pela *identificação* com os ideais parentais de *gênero* - ou seja, pela cultura. Portanto, ninguém nasce homem ou mulher, mas tornamo-nos homens ou mulheres, ao fim de um percurso que exige de cada um o abandono das disposições femininas ou bissexuais primárias e da indiscriminação infantil. Neste sentido, Schneider (*in:* Lins [org.], 1998) argumenta que “a genitalidade só poderá fazer ressurgir a excitação sepultada atando o surgimento sexual ao que, no homem, desponta como potência de infância, de nascimento, e como aceitação de um risco: expor-se a uma espécie de contágio do feminino” (p. 31). Assim, esclarece que, na verdade, “a feminização genital do homem não representa (...) uma ameaça à qual seria preciso libertar-se, mas uma etapa que é parte integrante do desenvolvimento próprio da sexualidade masculina. Um desenvolvimento que, exatamente como o parto, não se dá sem dor” (p. 52). Em outros termos, afirma que “o homem poderá não encontrar a mulher como a estranha absoluta porque, na relação erótica consigo mesmo, ele – em

seu próprio corpo – atualiza uma das dimensões do feminino" (p. 53). Portanto, conclui que

> *é verdade que o itinerário erótico masculino é colocado sob o signo da fuga, mas essa fuga expulsa o homem para fora de si mesmo, e é nesse risco de separação de uma parte de si mesmo que ele pode encontrar (...) um ser realmente pertencente ao outro sexo: a mulher. Nesse jogo, o feminino está longe de encarnar a absoluta alteridade; o encontro com o que ele oferece é preparado pelo equivalente de uma metamorfose, de uma alteração de si mesmo* (p. 55).

Lacan (1960 [1993]) acrescenta que a "linguagem é destino" (p. 705): é a cultura que nos propicia destinos diferenciados como homens ou mulheres. Se são principalmente os filhos que ainda "amarram" as mulheres ao lar e que implicam em suas cobranças e exigências aos maridos e companheiros, além de certas limitações (práticas, mas também, sem dúvida, libidinais), esses *papéis* domésticos servem não apenas para pensar e explicar o feminino (Kehl, 1996), mas para compreender o que posso denominar de "manutenção de um mínimo *poder* feminino" no espaço doméstico: acredito que, pelo menos em parte, a maior proximidade dos filhos com as mães tende a persistir devido ao tradicional *papel sócio-cultural* das mulheres junto ao lar e à educação das crianças - o que impediu, durante muito tempo, e ainda hoje obstrui os seus avanços no espaço público - associado à ainda arraigada resistência masculina às atividades consideradas domésticas. Algumas mulheres parecem se "agarrar" às suas crias, numa tentativa - geralmente inconsciente, mas freqüentemente bem sucedida - de obter e de manter um espaço de *poder* - por mínimo que seja – parcialmente sob seu controle, no lar e junto aos filhos. Conseqüentemente, o discurso masculino sobre a relação com os filhos, muitas vezes, é recheado de conformismo com a maior proximidade das mães e de inveja ou de ressentimento contra as suas mulheres, como se esses homens não se sentissem em condições de competir com um amor e uma intimidade tão fortes.

Para a psicanálise, um homem, para se constituir como tal, "precisa desafiar a lei, desarrumar o que estava arrumado; em outras palavras, desbancar a instância paterna de modo a conseguir se colocar, como porta-voz dos mesmos ideais e das mesmas proibições, no lugar do pai" (Kehl, 1996, p. 140). Em outros termos,

> *tenta ser 'pai de si mesmo' (uma fantasia bem de acordo com a sociedade dos* self-made-men*), o que o torna ao mesmo tempo extremamente forte e extremamente vulnerável*. (...) *Seu lugar na*

> *sociedade, seu reconhecimento como sujeito, depende de como ele vai conseguir se manter, sozinho, em um pólo permanentemente ameaçado já que exclui por completo o outro pólo, seu oposto complementar. Não podemos deixar de reconhecer aqui os eixos fantasmáticos que sustentam, para Freud, as construções paranóicas: o eixo da homossexualidade - dominar ou ser dominado - o eixo da responsabilidade pelo desejo ameaçado - acusar ou ser acusado - e o eixo da agressividade – matar ou morrer* (p. 143)[13].

Desta forma, um homem apenas mantém sua posição masculina "'assassinando' um igual" (p. 157). Ainda é comum ouvirmos que "homem que é homem não chora" e que não expressa medo. Entretanto, "o sentimento mais estimulante é o medo: é impossível o pouco que seríamos se não tivéssemos medo. (...) É peculiar ao homem a tendência de sempre se expor ao medo. Nenhum sentimento de medo se perde, mas seus esconderijos são sempre misteriosos" (Canetti, 1987, p. 65). Quanto a esta questão, Lins (1995) nos lembra que o enfrentamento do medo e a expressão de emoção são atributos heróicos: "*sofrer como uma mulher, morrer como um homem* parece ser a sina do guerreiro ou do herói. Todos os heróis gregos têm medo. Choram, sofrem, inclusive Zeus!" (p. 59). Desta forma, "a experiência do medo nos ensina alguma coisa sobre os nossos limites e, claro, sempre troca as bordas das representações que tentamos manter inconscientes" (Kehl, 1996, p. 177). Assim, podemos compreender como muitos homens se vêm compelidos a manifestar coragem, ousadia ou mesmo violência diante de situações que lhes apavoram, com o intuito de obter o estatuto ou de manter o reconhecimento como *machos*.

Conforme Kehl (1996), o "narcisismo das pequenas diferenças", que já fora analisado por Freud (1929-1930 [1974]), se revela em várias manifestações de intolerância, tanto nas idiossincrasias religiosas quanto na violência das torcidas organizadas - predominantemente masculinas, neste caso - que apontam para a falência do simbólico no mundo contemporâneo, até mesmo nas áreas em que deveria ser dominante. Portanto,

> *a aproximação entre os campos masculino e feminino também confronta o homem com* sua própria castração*, além de revelar a fragilidade do que se considera a posição masculina. A virilidade dos homens depende, sim, de uma certa passividade, de uma certa submissão por parte das mulheres (...). Portanto, se as reivindicações das mulheres mudaram com a modernidade, as dos homens não inovaram nada no campo das diferenças sexuais: eles*

[13] Em alguns pontos desta tese, discuto o extremo temor de dependência por parte de muitos homens, de desejar ou de ser desejado por outros homens, bem como a freqüente violência entre eles, que se volta preferencialmente para seus congêneres, as mulheres e seus filhos.

> *continuam demandando que as mulheres fiquem longe o suficiente para ser desejadas. E que ao se aproximarem, mantenham ao menos um certo* recato *que os proteja daquilo que eles definitivamente* não querem saber (Kehl, 1996, p. 250-251).

No entanto, devo lembrar que esta *illusio* viril (Bourdieu, sep. 1990) é sempre inalcançável, não apenas porque as mulheres já não se dispõem a atendê-la, mas também porque os próprios homens já não dão conta de tentar corresponder a um exercício de *poder* que, apesar de engrandecê-los, freqüentemente oprime suas facetas mais humanizadas.

O que posso considerar a partir do que foi discutido até aqui? Inicialmente, posso constatar que a masculinidade difere conforme as épocas, as culturas, as classes sociais, as raças e as idades do homem. Tal *diversidade* sugere que o homem não nasce homem, ou seja, que ele *torna-se* homem. Assim, a masculinidade pode ser *construída*, podendo, portanto, ser transformada. Masculinidade e feminilidade são, também, *construções relacionais*, não existindo virilidade em si mesma. Desta forma, a masculinidade é sempre relativa e reativa, e, conseqüentemente, quando as mulheres tentam redefinir sua própria *condição*, os homens tendem também a se desestabilizar ou mesmo a desenvolver uma suposta *crise do masculino*. A *construção da condição masculina* – como qualquer outra *subjetividade* - envolve uma *relação positiva de inclusão* e uma *relação negativa de exclusão*, ou seja, ocorre através da *identificação* e da *diferenciação* em relação às demais pessoas, de ambos os sexos. É comum que os meninos aprendam o que *não devem ser* antes do que *podem ser*. Podemos deduzir, então, que a noção de *gênero* tem conotações psicológicas, e, portanto, sócio-culturais e históricas. As diversas culturas e sociedades, ao longo da história, dificilmente conseguem integrar simultaneamente todas as formações imaginárias por meio das quais os sujeitos desejam e se relacionam. Na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*, o comportamento que a maioria das culturas e das sociedades ainda costuma definir e reforçar como adequado ao homem constitui-se através de um conjunto de *manobras de defesa*: atração, mas também temor e distanciamento em relação às mulheres; uma freqüente ambivalência em relação aos seus congêneres masculinos; uma confusa relação com a paternidade; resistência à expressão de qualquer traço de feminilidade (ternura, passividade, dependência e cuidado com os

outros), além de diversas manifestações de hostilidade homofóbica. Como as *relações sociais de gênero* são, sem dúvida, relações de *poder*, podem revelar as diversas facetas e as diferentes manifestações dos homens na contemporaneidade. Portanto, na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*, percebo o freqüente conflito entre *papéis sociais* de *gênero* - cristalizados a partir de uma série de rituais, expectativas, cobranças e entraves sociais - e, ao mesmo tempo e de outro lado, a *desconstrução*, as transformações e os avanços das várias manifestações da *diversidade* masculina.

Para melhor compreendermos a clara *diferenciação* sócio-cultural que ainda hoje se percebe entre homens e mulheres, creio ser importante discutir os mecanismos através dos quais ocorre a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, os dilemas daí decorrentes e as vivências íntimas dificilmente compartilhadas pelos homens, que busquei obter através das *falas significativas* de meus informantes.

Capítulo 2. Os Rituais da *Construção* da Condição Masculina: Ser *Macho* ou Ser Homem? Uma História de Dor, Violência, Paixão e Regozijo

É triste ver meu homem
Guerreiro menino
Com a barra do seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele sangra
Eu vejo que ele berra
A dor que tem no peito
Pois ama e ama

Gonzaguinha[14]

- Eles preferem contar vantagens; nós, quando nos reunimos, gostamos de confidenciar - comentou uma jovem. Também na amizade entre homens - mesmo quando dotada de grandeza e lealdade - há uma tendência para o impessoal. Uma zona intransponível - porque são discretos ou travados - faz com que em geral se limitem a assuntos de trabalho, política e esporte, alguma nova conquista, umas poucas vezes queixas da distante mulher que têm ao lado. Não acham fácil falar de si: seus cansaços e humilhações, suas ansiedades, sua vontade de serem mais compreendidos, muito menos seus medos. Seu desejo de mais companheirismo na família, ou que fosse mais divertida, ou que os perseguisse menos com tantas exigências, ou que a mulher voltasse a ser sensual como tinha sido no começo.

Lya Luft[15]

Money & Ehrhardt (1982) destacam que é mais fácil construir uma mulher do que um homem, pois, como bem acentua Le Rider (printemps-été 1984), o desenvolvimento masculino é sem dúvida a “via difficilior” (p. 121-122). Ou seja, desde a concepção do

[14] Trecho de *Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)*, letra e música compostas e interpretadas pelo próprio Gonzaguinha, incluída no CD *Gonzaguinha*, da coleção *MPB Compositores*, lançada em 1997, pela gravadora RGE e pela Editora Globo.
[15] *Op. cit.*, p. 75-76.

bebê *macho* até a virilidade adulta, a *construção da condição* e da *subjetividade masculinas* é plena de percalços. Os perigos se iniciam desde a sua constituição biológica, se estendendo ao longo da existência física, psicológica e sócio-cultural dos homens. Senão vejamos:

- já no útero materno, o embrião, e, posteriormente, o feto do sexo masculino, têm maiores dificuldades para sobreviver, sendo maior o número de abortos de embriões e feto *machos*, o que parece indicar sua maior fragilidade em relação aos do sexo feminino;
- esta ameaça de fragilidade se mantém no primeiro ano de vida, pois morrem mais crianças do sexo masculino nesta faixa etária;
- e, como é sabido, universalmente, a mortalidade masculina é significativamente superior à das mulheres, ao longo de toda a sua vida (Ruffié, 1986).

Badinter (1993) destaca como uma das principais razões da maior vulnerabilidade física masculina o fato de que ela, provavelmente, advém da também maior fragilidade psíquica dos homens, como vem sendo observado com maior clareza nas duas últimas décadas. Portanto, o menino - nascido e gestado num ventre de uma *fêmea* - deve se voltar em direção à *diferenciação* da mulher durante a maior parte de sua vida (ao contrário da menina), pois só pode garantir sua existência de *macho* opondo-se à sua mãe, à sua própria feminilidade original e à sua *condição* de bebê dependente e passivo. Assim, “por três vezes, para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual” (p. 35), (re)afirmando sempre que é um homem, que é um adulto e que é um heterossexual. Tal situação do pequeno *macho* é agravada devido ao fato de que a masculinidade do menino é menos estável e menos precoce do que a feminilidade da menina. De fato, a masculinidade é social e culturalmente *construída*, secundária e frágil, sendo desenvolvida a partir da feminilidade original, pois é consideravelmente mais importante para os homens do que é a feminilidade para as mulheres (Hacker, aug. 1957). É fácil constatar o quanto os homens se preocupam em demonstrar, comprovar e reafirmar sua virilidade, o que não é tão comum entre as mulheres no que se refere à sua própria feminilidade. Diante das dificuldades e dos

transtornos da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* aqui descritos, posso argumentar que já não se pode manter de pé a concepção popular de que o homem é o *sexo forte*: ele deve, na verdade, ser reconhecido como o *sexo fraco*, pelo menos em alguns aspectos (Fogel *et al.*, 1989; Segal, 1990), pois é vítima de uma série de fragilidades, tanto físicas quanto psíquicas. É neste sentido que Eisenberg (*in*: Sullerot [ed.], 1978) aponta a predominância na população masculina dos distúrbios psiquiátricos mais comuns entre as crianças. Da mesma forma, alguns psicanalistas atribuem às perversões um caráter essencialmente masculino, pois o fetichismo, o travestismo e o transexualismo atingem muito mais freqüentemente os homens (Money & Ehrhardt, 1982). Finalmente, podemos consultar todo um quadro descritivo da literatura masculina sobre a fragilidade do *macho*: culpa, autopunição, perda de suas referências, ódio de si mesmo e do outro, cólera e violência.

Historicamente, as diversas sociedades sempre criaram instituições ou instâncias hierarquizadas de *poder* com o objetivo de exercer o necessário controle sobre seus cidadãos através de mecanismos de inclusão e de exclusão. Quer se trate da pedagogia homoerótica da Grécia antiga, da educação viril dos cavaleiros da Idade Média, dos “rituais de iniciação masculina” de meninos e adolescentes nas sociedades ditas primitivas, ou mesmo das manifestações atenuadas e disfarçadas - mas ainda presentes - nas sociedades contemporâneas (Castoriadis, 1995), todas visavam a instalar e a garantir a masculinidade de seus filhos. Esses rituais de iniciação, de passagem[16] ou de confirmação da masculinidade geravam, ao mesmo tempo, terror e fascinação nos jovens, pois o reconhecimento como *macho* era não apenas uma meta a ser dolorosamente alcançada, mas também ansiosamente desejada. Nas sociedades pré-industriais, essas práticas se tornaram mais sutis, mas ainda desempenhavam um papel importante. Se consultarmos a literatura que retrata a época, encontraremos inúmeros exemplos de práticas humilhantes ou mesmo sádicas, tanto nas residências quanto em internatos, em escolas, nos quartéis, nos conventos e em instituições fechadas (Goffman, 1974). Novas facetas surgiram na *construção sócio-cultural* do

[16] Bourdieu (1982/1990) questiona a denominação de ”rituais de passagem”, preferindo considerá-los “ritos de instituições”, que historicamente têm importante *papel social* em diversas culturas.

macho humano nas sociedades industriais. Devido às exigências da nova conjuntura econômica, o pai foi obrigado a se ausentar por longo tempo em busca de trabalho ou por conta das exigências de seu emprego, passando a educação e o cuidado dos filhos à mãe.

A meta principal e comum a esses ritos de instituições é transformar o estatuto de menino para torná-lo homem. Na maioria das sociedades arcaicas e ritualizadas, a masculinidade era um desafio que submetia, mas elevava todos os meninos pela força dos homens mais velhos. Assim, essas várias instituições pedagógicas da virilidade – muitas vezes violentas - tinham três características semelhantes:

- a primeira delas se refere à existência de um limite crítico a ser superado: após a puberdade, o menino deveria abandonar sua infância *indiferenciada* (pois até então não havia *diferenças* significativamente visíveis entre os *gêneros*). Para a maioria das culturas e das sociedades, é extremamente problemático tornar-se adulto, pois o homem é uma *construção de gênero* difícil e árdua: enquanto a menstruação - uma espécie de iniciação natural - propicia à moça adolescente a possibilidade de gerar filhos, fundamentando sua *condição* feminina, no rapaz adolescente, diferentemente, ocorre um processo educativo que deve substituir a natureza para romper a *identificação* primeira e encantadora com a mãe (Corneau, 1993). Assim, posso depreender que tornar-se homem é, também e em grande parte, uma operação comandada pela vontade;
- a segunda semelhança entre as diferentes pedagogias da virilidade é a criação de provas ou de rituais de iniciação: a masculinidade é conquistada no final de um combate contra uma série de dificuldades - mas, particularmente, contra si mesmo – o que costuma gerar dor física e psíquica. Assim, afirma Lins (1995) que “a felicidade e a infelicidade do guerreiro parecem ser permeadas pelo desencadeamento de uma lógica que o motiva a superar todos os limites, inclusive os limites dos arquétipos da virilidade” (p. 59). Para Loraux (printemps-été 1984), a virilidade é exposta através das marcas do corpo masculino. Neste sentido, todo homem deve comprovar que é um guerreiro para ser reconhecido, pois “conhece inevitavelmente, o medo, treme, chora e se faz tratar de mulher, sem perder, entretanto, sua virilidade (p. 45 ss.) O *macho* guerreiro deve

sempre estar disposto a morrer e a enfrentar o perigo. Como qualquer mortal, é vulnerável e capaz de sentir medo, mas deve sempre enfrentá-lo, o que lhe possibilita se tornar um herói e o livra da pecha de perdedor e de fracassado. Duby (1990) nos lembra que "a dor é antes de tudo assunto de mulheres (...) O homem deve desprezá-la, sob pena de se ver desvirilizado e de ser rebaixado ao nível da condição feminina" (p. 205-206). Os homens, ao sentirem dor, devem suportá-la e nunca se queixar e se lamuriar, como é culturalmente permitido às mulheres. Para Le Breton (1991), as marcas instaladas no corpo masculino estão relacionadas aos ritos de instituições das sociedades tradicionais, que visavam a fazer "morrer" a sua antiga *identidade* feminina para propiciar o surgimento de outra, mais prestigiada, isto é, a *identidade masculina*. Ou seja, essas provas e rituais têm sempre o objetivo de reforçar a masculinidade, que correria o risco de tornar-se frágil, ou mesmo de nunca se desenvolver, sem seu incentivo. Neste sentido, Jardim (23-27/11/1994), Lins (1997) e Diógenes (1998) demonstram como grupos de homens, adolescentes e adultos, de várias camadas populares do Brasil, do Nordeste brasileiro e do Ceará, respectivamente, se utilizam dos usos e das marcas do corpo para reforçar sua *identificação* com o *gênero masculino*;

- Badinter (1993) aponta como terceiro ponto de contato das pedagogias tradicionais da *condição* e da *subjetividade masculinas* o papel nulo ou apagado dos pais, pois são principalmente rapazes mais velhos ou outros homens adultos da família que se ocupam da "iniciação" masculina dos mais rapazes mais jovens[17], como podemos constatar em alguns dos depoimentos de meus entrevistados sobre sua iniciação sexual em prostíbulos[18], longe da família e dos pais.

---

[17] Neste particular, é emblemático o depoimento de Flávio - um engenheiro e corretor de imóveis, solteiro, de 39 anos - sobre sua iniciação sexual: *a instrução de sexo que eu tive - eu era garoto ainda: devia ter uns 10, 12, 9-10 anos - foi ir pra "cabaré", ir numa cidadezinha do interior com meus tios. Eles iam e eu ia. Agora, a instrução sexual mesmo que eu tive foi - parece até uma brincadeira - com 11 anos, em Amsterdã-Solke* (?)*. Logo depois que o meu pai morreu, eu viajei com uma turma de garotos e garotas, e eu era de colégio militar e o Colégio Militar tem aquelas excursões. Então, foi a instrução mesmo que eu tive. Foi no "Quartier Rouge". Lá, um dia, eu saí. Aliás, passando uns 4-5 dias, eu "saquei" nas vitrines, né, umas mulheres em brigas* (?) *com homens. Você paga: "molhando" a moedinha, você entra. Você olha pela vitrine na rua e escolhe. Só num foi uma experiência muito boa. Eu num sei se eu tava com medo, e as vezes que eu tentei, não consegui. Eu era "matuto", "matuto" do Ceará.*

[18] Para uma interessante análise da relação entre prostitutas e clientes, consultar Sousa, Francisca Ilnar de. *O Cliente: O Outro Lado da Prostituição.* São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

É bastante comum que se faça associação entre *violência* e comportamento masculino. Girard (1990) afirma haver pouca variação dos mecanismos biológicos da violência, tanto entre indivíduos quanto em culturas diferentes. Por sua vez, Badinter (1993) argumenta que há grande variação da violência entre os indivíduos e entre as diversas culturas, não manifestando-se a violência de forma universal. Considera-a um perigo nas culturas em que a mística do *macho* continua a predominar. Apesar desta controvérsia, é importante lembrar que a sociedade se impõe aos indivíduos por meio da violência, sendo, assim, um "freio" aos seus desejos e às suas vontades (Amorim, 1995). Neste sentido, portanto, a violência é necessária e mesmo inevitável para a sobrevivência humana, quer individual, quer coletiva.

O mito do homem violento é antiqüíssimo e a presença da violência masculina, sem dúvida, pode ser reconhecida ao longo de toda a história da humanidade. Na Grécia Antiga, o herói "surge aos nossos olhos externos e sobretudo 'internos' como alto, forte, bonito, solerte, destemido, triunfador" (Brandão, 1977, p. 52), ou seja, é dotado de características que o associam ao espírito guerreiro ou mesmo à violência. Nas sociedades consideradas "primitivas" ou arcaicas, a violência é descrita como um traço essencialmente masculino (Geertz, 1980; Bourdieu, 1988). Entre os séculos XVII e XIX, o Iluminismo criou e reforçou um conjunto de representações acerca do ser humano, como o homem *trabalhador*, o homem *pai*, o homem *sexo*, o homem *emoção*, e, também, o homem *violento* (Nolasco [org.], 1995). Mais recentemente, nas sociedades modernas, a violência vem assumindo facetas mais sutis, mas não menos presentes - a *violência simbólica* e a *violência lúdica* ou *ritual* (Fatela, 1989) – que contam mesmo com uma atuação costumeiramente mais branda das mulheres, porém sempre sendo reservadas aos homens as suas manifestações mais evidentes, pesadas e explícitas.

Deve-se destacar que a importância da *honra* - tema recente, mas cada vez mais presente nas ciências sociais contemporâneas - e, conseqüentemente, as manifestações violentas nela motivadas, variam conforme o *status social* dos indivíduos, mas são sempre exigidas atitudes de coragem de um homem como resposta às ofensas à sua honra, o que não se espera nem se cobra de uma mulher

(Pitt-Rivers *in*: Czechowsky [org.], 1992). Originalmente associado ao mito do herói, o termo *honra* provém do latim *honos*, sendo representado por uma divindade guerreira, dotada de coragem e de bravura, atributos geralmente associados à virilidade masculina (Brandão, 1977). No Brasil, particularmente no Nordeste e no Ceará, a figura do herói sertanejo "habita" o imaginário popular, pois

> *Lampião, personagem sem conteúdo revolucionário, é o arquétipo do cangaceiro independente. Sua trajetória foi marcada por um imaginário social e semântico que fez dele um bandido de* honra[19]*, um bandido romântico, um bandido social ou um herói canônico, "primitivo da revolta". Misto de deus e do diabo, ele é o bandido popular, rebelde de cada um. No palco da crueldade que seria "historicamente" o sertão, o cangaceiro ocupa sem dúvida um papel primordial. Ora anjo, ora diabo, ele é o espaço de identificação, a encarnação simbólica da violência dos pobres contra a violência dos ricos – o imaginário da fome servindo de pano de fundo à culpabilidade mesclada ao medo* (Lins, 1997, p. 193).

Cidade nordestina, Fortaleza, apesar de já apresentar ares cosmopolitas, tem no cangaceiro Lampião, o "herói do sertão", mitificado por sua população - em grande parte provinda do interior – o representante da *honra*, da justiça e da valentia viris, bem como o protótipo do *macho* corajoso que ainda "habita" o imaginário masculino. Mesmo sendo consideradas práticas primitivas pelo senso comum, sabemos que as diversas manifestações de violência – física, simbólica, lúdica etc. - sem dúvida são transformadas pela história das civilizações e inegavelmente fazem parte do quadro caótico da vida nas megalópoles das sociedades ditas pós-modernas, como podemos perceber através da descrição de Harvey (1992):

> *demasiadas pessoas perdiam o rumo no labirinto, era fácil demais nos perder uns dos outros e de nós mesmos. E se havia algo de libertador na possibilidade de representar muitos papéis distintos, também havia alguma coisa estressante e profundamente desestabilizadora em ação. Por trás de tudo isso estava a tenebrosa ameaça da violência inexplicável, a companhia inevitável da onipresente tendência à dissolução da vida social no caos absoluto* (p. 17).

Neste sentido, creio que Fortaleza conflui elementos de uma cultura rural tradicional, pautada na *honra*, com aspectos múltiplos de uma sociedade moderna que tem acesso às novidades crescentes da tecnologia, mas também violenta, aliando as diversas modalidades de violência que ambos os modelos civilizatórios manifestam.

Deve-se lembrar que a *agressão* - que se distingue da *violência* como uma função ou capacidade humana básica para o contato e para as relações sociais - faz

[19] O grifo é meu.

parte da natureza do ser humano (Perls, 1969). Como já destaquei aqui, mesmo a violência é reconhecida por muitos pensadores sociais como um componente intrínseco à vida em sociedade. Entretanto, ainda há controvérsias se a violência é uma característica essencialmente masculina, pois a masculinidade sempre foi associada à força física e ao espírito guerreiro. A ocorrência da violência varia na vida cotidiana das pessoas, mas, no transcurso histórico da humanidade, o imaginário masculino tem sido muito mais vinculado a figuras controladoras e autoritárias do que a figuras moderadas e pacíficas (Nolasco, 1993). Para Giddens (1993), em vários setores da vida social, tem se evidenciado o controle - especialmente o sexual - das mulheres por parte dos homens. Entretanto, Lins (1997) aponta que, mesmo no violento cangaço, a inclusão das mulheres fez com que as atitudes de homens considerados brutos e sanguinários se modificasse consideravelmente, revelando uma sensibilidade e uma visão de mundo surpreendentes. Tal fenômeno curioso pode ser um sinal da existência concreta de um *poder feminino*, o da sedução mas também da manifestação de um sintoma social revelador de que o controle dos homens sobre as mulheres, especialmente nos tempos mais recentes, vem sendo abalado, provocando um novo fenômeno sócio-cultural que muitos cientistas sociais vêm denominando de *crise de identidade* ou da *condição masculinas*. Creio que alguns homens já não se reconhecem no modelo patriarcal de *macho*, pois se afastaram de muitos dos seus valores tradicionais, mas ainda não incorporaram novos princípios que os mantenham confortáveis nesse contexto que vem se configurando. O mal-estar gerado pela instabilidade das transformações por que vêm passando as *relações sociais de gênero* na atualidade pode eventualmente ter como resposta uma reação agressivo-defensiva dos homens – talvez um refluxo de *violência* reprimida - especialmente contra as mulheres e as crianças, mas também contra seus congêneres, os outros homens.

Particularmente nas últimas décadas, vem se desenvolvendo também um novo contexto familiar, que revela sintomas sociais de carência ou de ausência da figura paterna em relação à sua prole ou, por vezes, mesmo de quase inexistência de relacionamento afetivo íntimo entre pais e filhos. Devido à progressiva multifacetação assumida pela família – desde o tradicional modelo conjugal de pai, mãe e filhos (ainda

dominante), mas também configurações com mães ou pais solteiros, pais homossexuais, agrupamentos diversos etc. – já não podemos reconhecer um modelo sócio-familiar único (Lins & Bezerra de Menezes [coords.], 1995). Em alguns casos agravados pela ausência de um modelo familiar estruturado, a freqüente debilidade, a embriaguez e/ou a violência paternas são tão aversivas que o filho se recusa veementemente a se *identificar* com qualquer manifestação de virilidade, investindo em fazer desaparecer toda similaridade com a figura paterna e masculina. Para Corneau (1993), tal confusão é favorecida devido à manutenção, diante da diversidade social, do que denominou de *paternagem* inadequada: violência física ou simbólica regulares; ausência prolongada; indução de culpa; falta de resposta às necessidades de afeto e de dedicação; ameaças de abandono com objetivo de punição ou de disciplina; "agarramento" ao filho para que ele cresça rápido demais para sua idade; e fazer do filho o "bode expiatório" da patologia familiar. Ou seja, apesar da diversidade dos modelos familiares e de *paternagem*, muitos homens ainda são *construídos* por meio de uma educação que apenas privilegia a hierarquia, a competição e a violência. Neste sentido, para Corneau (*in*: Nolasco [org.], 1995), "a terrível violência dos homens em nossa sociedade começa por essa primeira violência, a que se pratica sistematicamente contra si mesmo, e todos os homens, inclusive eu, a dirigem contra a própria sensibilidade" (p. 47).

Atualmente, nas ruas brasileiras, encontramos "guris" que demonstram através de suas atitudes viris que, no processo de *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, ainda é importante ser portador de atributos físicos e morais que lhes permitam enfrentar a competição com seus pares. Com o objetivo de reafirmar sua honra e sua virilidade, esses jovens costumam exercitar-se através de lutas corporais e de duelos verbais, num clima de jocosidade e de brincadeira, de desafio e de agressão, bem como de falas explícitas sobre o baixo corporal e sobre a sexualidade, que têm importância tanto prática quanto simbólica (Diógenes, 1998; Jardim *in*: Duarte [org.], 23-27/11/1994; Leczneiski *in*: Fonseca & Brito [orgs.], 1995). Na falta de um modelo de *identificação* masculina na figura paterna no lar – pois o pai está ausente, senão física, mas (ou também) simbolicamente (Corneau, 1993; *in*: Nolasco [org.), 1995) - é comum

que os adolescentes busquem, fora de casa e longe dos pais, novos canais de expressão de sua virilidade e da frustração com o ambiente familiar. Desta forma, mais do que simplesmente aderir a um instinto gregário, buscam romper com e se afastar da figura paterna - e, também, da cultura predominantemente materna e feminina vivenciada em casa - para incorporar-se a uma cultura masculina (Badinter, 1993) externa ao lar, em que a *violência* é um meio de expressão costumeiro.

O *habitus* masculino se desenvolve num campo destinado apenas aos homens, no qual se desenvolvem a competição, a guerra, a política, a ciência, a arte, a religião e a *honra*, o que determina sua grandeza, mas também com freqüência sua própria miséria. Desta forma, os homens buscam dominar seus congêneres, mas, secundariamente e como um instrumento de luta simbólica, além deles, as mulheres (Bourdieu, sep. 1990) e seus filhos. Particularmente nas sociedades latino-americanas, conforme Béjin & Guadilla (janvier-juin 1984) e como pude também observar em alguns depoimentos de meus entrevistados, o comportamento machista entre os jovens é favorecido não apenas pelo pais e por outros homens mais velhos, mas também por seus pares e até mesmo por suas próprias mães, pois elas mantêm ainda em grande parte o *papel sócio-cultural* de formadoras primeiras da *subjetividade* e da *condição* dos futuros *machos* que geraram.

Podemos reconhecer a forma tradicionalmente opressiva e violenta pela qual certos homens, ainda hoje, são socializados. É razoavelmente comum que alguns deles tenham que renunciar à sua liberdade, negando seus sonhos, seus desejos, sua história de vida e seus limites, visando a uma aceitação e a uma adequação sociais através da incorporação de *papéis sócio-culturais* viris prontos e acabados, particularmente os engendrados e estimulados pelo modelo patriarcal. Neste sentido, o homem violento é induzido a considerar seu próprio corpo como uma ferramenta, uma máquina ou mesmo uma arma, podendo ser usada para enfrentar e para agredir seus adversários, que passam também a ser considerados como meros objetos (Messner *in*: Kimmel [ed.], 1988).

> *O corpo através de cicatrizes, marcas, mutilações, comprova entre homens uma experiência de vida e a própria masculinidade. As marcas corporais evidenciam, antes de um deslocamento do*

> *indivíduo de um grupo de referência, o lugar de um corpo singular e de sua história de vida em um código masculino* (Jardim *in*: Duarte [org.], 23/11/1994, p. 14).

Essa concepção de masculinidade - violenta, hierárquica e competitiva – também desfavorece a criação e o desenvolvimento de amizades duráveis, sólidas e íntimas com outros homens. Aliás, mesmo os grupos viris, apesar de suas manifestações clara e vigorosamente homofóbicas, freqüentemente apresentam um forte homoerotismo inconsciente (Messner *in:* Kimmel [ed.], 1988). Tudo se passa como se, a despeito de uma homofobia proclamada, os homens necessitassem criar a oportunidade de se tocar e de se agarrar sem verem suas atitudes sob a suspeita de intenções homossexuais (Badinter, 1993). A amizade entre os homens, então, passa a ser constituída de relações fortuitas, superficiais e esporádicas, como se indivíduos do sexo masculino não necessitassem de contatos íntimos com seus congêneres. Conforme Campolim & Lima (1998), é bem clara a relação entre *machismo* e homofobia, pois

> *nenhuma masculinidade é suficientemente segura e vem daí o medo que todos têm de ser veados. Nenhuma sexualidade é segura, a propósito. E só quando esta insegurança está fragilizada e assumida, o homem se torna mais masculino. Quer dizer, o homem é cada vez mais masculino quanto mais ele assume, dentro dele, essa dupla identidade, da mãe e do pai, os aspectos masculinos e femininos. (...) É bastante vulnerável o machista, e as mulheres sabem disso. Porque o homem que aniquila o feminino para parecer seguro de sua masculinidade está dando sinal de uma insegurança maior. É o que, em psicanálise, nós chamamos de formação reativa. O machismo é uma formação reativa enquanto forma que encobre uma insegurança para parecer totalmente seguro. Vêm daí os estereótipos do machismo. O domínio sobre a mulher, a misoginia, a postura de superioridade, que se traduz às vezes de uma forma cruel, são todas formas de expressão dessa formação reativa, assim como a homofobia de certos homens, que se referem com desdém e desrespeito aos homossexuais. São formas de compensar o aniquilamento do que é identificado como feminino na personalidade masculina, como a sensibilidade, a manifestação de emoções do feminino. Quanto mais machista a cultura, maior a homofobia, como se pode observar nas regiões sertanejas nordestinas e gaúchas, por exemplo, mais representativas do machismo no Brasil. (...) Para o homem, a identificação com os estereótipos femininos o desqualifica em relação às expectativas que se tem dele: de nunca hesitar, sempre liderar, etc.* (p. 58ss.)

Neste sentido, os diversos grupos masculinos e também as práticas esportivas viris se constituem num espaço social de contato íntimo entre os homens, sem o risco do estigma homofóbico ainda bastante comum em nossa cultura.

As relações com as mulheres, também, se tornam confusas, pois os homens, ao não se permitirem reconhecer seus limites e suas potencialidades, têm freqüentemente dificuldade de aceitar ou de lidar com as conquistas femininas. O mundo feminino se

torna, então, um espaço de estranheza e de desconfiança, ao qual alguns homens resistem ou mesmo recusam qualquer aproximação. A mulher se mantém, em muitos casos, uma fonte de mistério, atraente sem dúvida, mas perigosa, pois pode contaminar o *macho* inseguro de pôr em risco sua frágil masculinidade debilmente *construída*.

Diversos pensadores, entre eles Lévi-Strauss (1976; [org.], 1981), consideram o patriarcado como um sistema universal de *poder*. Sobre esta universalidade do sistema patriarcal, Campolim & Lima (1998) argumentam que

> *os homens, pensados como gênero masculino, são portadores de vários signos predominantemente de poder. Na nossa tradição ocidental e de outras culturas orientais, eles representam esses signos, cuja experiência é concreta mas a posição é metafórica. É a fantasia que dá aos homens esse poder. Nós podemos dizer que a força física tornou-se uma vantagem, e a partir desse elemento concreto, literal, se construíram elementos de domínio. Daí o patriarca, o provedor, o rei, o príncipe, o chefe da tribo, o feiticeiro serem todos homens* (p. 122).

Este *poder* patriarcal ainda impera, sem dúvida. Entretanto, Badinter (1980; 1986; 1993) argumenta que a teoria do patriarcado eterno e necessário - que justificaria o "primado do falo" em Lacan (1960; 1964; 1966)[20] - estaria superada, pois o *poder* dos homens sobre as mulheres dá, cada vez mais, mostras de sérios abalos. Tal afirmativa se justifica pelo fato de que, desde os anos 70, o ideal hegemônico masculino vem se configurando como fatal para os próprios homens. Atualmente, a diferença da mortalidade entre homens e mulheres, apesar de todos os avanços tecnológicos da medicina e das condições de higiene e de infra-estrutura básica, estaria em torno de 8 anos, em todos os países ocidentais[21]. A explicação psicossocial dessa diferença de longevidade entre os gêneros e de sua crescente acentuação desde o início do século

[20] Badinter (1986) comenta que, como muitos psicanalistas, Lacan é totalmente indiferente à luta dos sexos, à história ou mesmo à realidade social, argumentando que a psicanálise é uma realização falo-narcísica que acentua os aspectos viris em detrimento de seus aspectos femininos, infantis e dependentes. Bourdieu (sep. 1990), por sua vez, aponta na perspectiva freudiana da diferença biológica dos sexos, concebida como deficiência, uma verdadeira inferioridade ética. Uma frase típica deste falo-narcisismo poderia ser a seguinte: "pode-se dizer que este significante [o falo] é escolhido como o mais *saliente* daquilo que se pode *agarrar* no real da copulação sexual, como também o mais simbólico no sentido literal (tipográfico) deste termo, pois que ele aqui equivale à cópula (lógica). Pode-se dizer também que ele é por sua turgidez a imagem do fluxo vital na medida em que atravessa a geração" (Lacan, 1966, p. 692).

[21] Certamente, não é por acaso que a Islândia, país reconhecido por sua política igualitária quanto às *relações sociais de gênero*, seja uma exceção interessante, pois a diferença entre mortalidade masculina e feminina cai para 5,5 anos (Badinter, 1993).

XX se fundamenta nos constrangimentos que o tradicional *papel sócio-cultural* masculino ainda impõe e sobrecarrega os homens. Senão, como explicar que mesmo mulheres que adotam uma postura viril em sua luta por ascensão no mercado de trabalho venham apresentando, cada vez mais, as mesmas doenças até há alguns anos consideradas caracteristicamente masculinas? Apesar do homem ter as mesmas necessidades psicossociais da mulher – ou seja, ser ativo e passivo, amar e ser amado e manifestar emoções e sentimentos (Jourard, 1971) – a ilusão viril, ainda em grande parte, continua proibindo ou limitando o homem na expressão de suas reais necessidades e na adoção de algumas atitudes verdadeiramente humanas. Há mais de duas décadas, Farrell (1974) e Feigen-Fasteau (1980) já apontavam os perigos físicos que rondam o "homem duro", induzido a sofrer acidentes ao praticar esportes, "hobbies" ou mesmo vícios arriscados, pautados nos símbolos sócio-culturais da virilidade. Além disto, considere-se a obsessão pelo desempenho sexual, a vivência da violência pessoal e coletiva e a competição e o estresse profissionais, comuns entre muitos homens, e teremos uma idéia mais clara das imposições que ainda rondam e dão um significado de "fortaleza" ao *macho* humano, mas que, por outro lado, o fragilizam, pois freqüentemente se vê acometido de ansiedade, de angústia, de temor do fracasso e de claras dificuldades com a expressão de seus próprios sentimentos, muitas vezes tendo como conseqüência o desenvolvimento de doenças psicossomáticas – uma espécie de auto-violentação - ou a manifestação de comportamentos compensatórios de violência, cujas principais vítimas acabam sempre sendo as mulheres, seus filhos e seus congêneres.

Sem dúvida, as mulheres, por meio dos avanços e das conquistas inegáveis que vêm obtendo em todos os campos sociais, foram e são peças fundamentais na configuração do abalo sistemático do ideal patriarcal a que me refiro. Apesar de não serem as únicas forças motrizes das progressivas transformações das *relações sociais de gênero*, seu sonho igualitário alavancou o crescente desmantelamento da masculinidade tradicional.

> *Isto se traduziu numa recusa dos valores masculinos e na idealização dos valores femininos. A maioria dos homens sentiu-se relegada ao banco dos réus. Angústia, culpa e agressividade foram as reações mais comuns. Esses valores supostamente femininos foram declarados*

> *moralmente superiores aos valores masculinos, sistematicamente denegridos. A equação macho = mal se impôs em toda parte.* (...) *A essa extrema vitalidade feminina, os homens, contestados em sua virilidade, reagiram com a fuga, o desespero ou a impassibilidade silenciosa* (Badinter, 1993, p. 149).

Por vezes, "encurralados" por essas novas cobranças sociais, particularmente as advindas das mulheres, e não podendo, não conseguindo ou não querendo atendê-las, ou ainda criticados por persistirem em adotar posturas consideradas ultrapassadas, pois pautadas no modelo patriarcal de virilidade – certos homens reagem com violência ou buscam outros escapismos defensivos menos visíveis, mas certamente reveladores da confusão em que se encontram por conta das inquietantes transformações nas *relações sociais de gênero*, especialmente no que diz respeito às conquistas e aos avanços femininos, entendidos por alguns deles como uma ousadia ou um atentado contra o *poder* viril que acreditam deter e que ainda consideram inquestionável.

O sistema patriarcal desenvolveu um meio opressivo e violador pelo qual muitos homens, ainda hoje, continuam sendo socializados, o que tem gerado seres mutilados, incapazes de integrar suas heranças paterna e materna, masculina e feminina, ativa e passiva, adotando um processo de *diferenciação* rígido e unilateral, voltado unicamente aos atributos viris. Para Nolasco (1993), em pesquisa que realizou anteriormente,

> *qualquer outro comportamento que não os identificasse com o estereótipo do machão passava a ser considerado duvidoso. A questão se resumia a saber qual a sua preferência sexual para então classificá-lo. Como estratégia de dominação era perfeita: os homens temem serem vistos como homossexuais pelas conseqüências que isso acarreta para seus projetos e conquistas* (p. 12).

Alguns desses homens se esforçam para redefinir um novo modelo masculino, diferenciado da latinidade defensiva do *macho* e que não propicie a manutenção dos valores tradicionais; outros tentam se mostrar conformados ou adaptados ao modelo tradicional; alguns, ainda, apresentam uma fachada de aceitação das inquietantes transformações recentes das *relações sociais de gênero*, mas a elas se contrapõem quando surgem situações para as quais não se sentem preparados para lidar. É neste sentido que, na última parte desta tese, busco discutir em mais detalhes aspectos da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, dos *papéis* sociais e dos modos de vida associados a elas, os quais acredito que a maioria dos homens não costuma revelar.

Nolasco (1993) destaca a propensão à negação da sensibilidade masculina, comum na educação dos homens, e a atribui ao fato de que a dinâmica *subjetiva* sempre foi considerada "propriedade" das mulheres, o que levaria muitos homens, ainda hoje, a adotar para si mesmos parâmetros de comportamento pautados nessa negativa ou numa pretensa *objetividade* masculina. Sobre a propalada objetividade masculina, Campolim & Lima (1998) alertam que os homens apenas parecem ser mais

> *pragmáticos. Mas, na verdade, não o são. Essa aparência se mantém à custa da negação de certos elementos da experiência, tais como o acaso, os sentimentos, as oscilações emocionais, que a atitude masculina põe de lado ou nega para poder manter o sentimento de que as coisas estão transcorrendo dentro de uma aparente racionalidade* (p. 27).

Entre as várias características da *construção* da *condição masculina*, Nolasco (1993) destaca as dificuldades profissionais vivenciadas num contexto social que desqualifica a manifestação da individualidade, da singularidade e da *subjetividade* dos homens, a ausência impactante do pai em suas vidas, bem como a sua inserção social através de atitudes autoritárias, competitivas e violentas, que se opõem a qualquer manifestação afetiva em seu cotidiano, mesmo que elas não façam mais sentido para eles. A partir disto, afirma que no Brasil, desde o final da década de 80, a mídia tem questionado o comportamento masculino, o que de certo modo tem favorecido com que os homens venham mudando, ou, pelo menos, propiciando uma "autorização social" (p. 17) para que realizem tarefas até então consideradas femininas, o que gerou um certo reconhecimento e até mesmo uma valorização de situações cotidianas e de sensações que não lhes eram permitidas, sem o risco de serem considerados "maricas", como ocorria anteriormente. Neste período, conforme informa Nolasco (1988),

> *um pequeno número de homens brasileiros, individualmente, começa a repensar como constroem seus vínculos afetivos e de trabalho fora do crivo do estereótipo social para eles definido. Estes indivíduos buscam encontrar caminhos próprios para suas vidas, ampliando-os para além da redução a que ficaram submetidas pelo patriarcado que separa a "vida de um homem" da "vida de macho". Neste sentido, procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedecem cegamente. Como conseqüência, os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de sua existência. (...) Os homens interessados em repensar sua forma de adesão à vida começam a avaliar o "preço que pagam" para manter esta senhorilidade, e se perguntam se vale a pena sustentá-la* (p. 18).

Não se considerando nem “monstros” truculentos nem “pobres coitadinhos” dignos de piedade, alguns homens, já há algum tempo, passaram a buscar uma nova configuração subjetiva que espelhe aquilo que realmente são, sem mais adotar o tradicional modelo patriarcal e suscitando uma transformação que passe pela vivência cotidiana individual e pelo confronto com os impasses culturais que toda mudança social propicia. Assim, a mídia tende a divulgar taxativamente a idéia de que o movimento feminista seria o grande responsável pelo surgimento dessa nova postura masculina. Sem dúvida, o movimento político das mulheres representa um dos principais desencadeadores de muitas das significativas transformações das *relações sociais de gênero* dos últimos tempos e mesmo de algumas das mudanças de atitude pelas quais vêm passando muitos homens; entretanto, atribuir a esse movimento a capacidade de fazer com que os homens se adaptem ou que se modifiquem a ponto de gerar uma *crise da masculinidade* seria um exagero e uma redução da *condição* e da *subjetividade* viris a uma mera realização dos desejos femininos. Prova disto é que a maior parte da literatura feminista ainda descreve os homens como uma categoria genérica, sem singularidade e opressora das mulheres. Por exemplo, Greer (1971) afirmava que “as mulheres não desconfiam do quanto os homens as odeiam” (p. 206), generalizando uma misoginia que a maioria dos homens está longe de sentir, como podemos constatar pelas manifestações de admiração e de compreensão da situação das mulheres de alguns de meus entrevistados[22], apesar dos inegáveis preconceitos masculinos que ainda persistem. Além disto, mesmo mais recentemente, os congressos e os eventos sobre *gênero* são dominados pela presença feminina e boa parte dos trabalhos apresentados ainda versa unicamente sobre as mulheres, como se essa categoria conceitual dissesse respeito apenas a elas. Neste mesmo sentido, Tolson (1983), tratando das fronteiras da masculinidade na classe média, alerta que

> *o papel masculino que uma sociedade sexista impõe ao homem é uma imagem de machismo e de virilidade, muitas vezes tão mutiladora para o homem como a imagem de feminilidade para a mulher. Por isso, a possibilidade de um movimento de libertação dos homens liga-se a uma*

[22] Mesmo entre manifestações reconhecidamente machistas, José (43 anos, casado, comerciante) admite: “eu acho as mulheres umas heroínas; eu acho elas muito ‘batalhadoras’. O ‘lado ruim da história’ sempre fica com elas”, avaliando que a situação dos homens é, muitas vezes, cômoda.

> *tomada de consciência por parte destes das limitações que lhes são impostas pela sua própria sociedade sexista* (p. 11).

Assim, creio ser necessário reconhecer também os níveis de opressão a que muitos homens estão submetidos e que nem todos entre eles estão identificados com a falocracia. Portanto, ouso perceber uma tendência a um enfoque predominantemente confrontativo e radical dos conflitos entre os *gêneros* na literatura e no discurso feministas, inclusive em suas vertentes biologicistas.

As transformações do *gênero* masculino - ou suas pretensas *crises* - são bem mais antigas do que o movimento feminista dos anos 60 pretende, mesmo considerando suas primeiras manifestações, o que nos remete ao século XVIII, com as "preciosas francesas" (mas também na Inglaterra), que incluíam entre elas alguns homens e questionavam o *papel sócio-cultural* e *político* de ambos os gêneros nos séculos XVI e XVII, sendo, portanto, um grupo precursor tanto das feministas quanto dos chamados "novos homens" (Badinter, 1993). Deve-se lembrar que esses pequenos e limitados grupos em que predominavam as mulheres pertenciam à elite sócio-econômica e às classes dominantes de sociedades avançadas e refinadas - a aristocracia e a burguesia urbanas - e que elas gozavam de mais liberdade do que suas congêneres de outras culturas e classes sociais. Sem dúvida, expressavam uma necessidade de transformação dos valores ideológicos, econômicos e sociais, que já vinha ocorrendo, e se voltavam contra idéias e práticas que ainda imperavam naquela época, tendo repercussão - mesmo que limitada - nas organizações familiares e do trabalho. Lenta, mas progressivamente, as mudanças nos paradigmas da ciência e do saber, decorrentes das transformações econômicas e sociais nos últimos séculos, propiciaram o surgimento de uma nova concepção de homem, a partir da constituição do sujeito de direito e do reconhecimento da noção de indivíduo como valor, com direitos e deveres iguais aos seus semelhantes. É neste sentido que tendo a concordar com Nolasco (1993), que afirma que

> *restringir a transição vivida hoje pelos homens a particularidades e à história do movimento de mulheres é negar que o próprio movimento de mulheres também decorre das transformações sociais iniciadas no século XVII. Desse ponto de vista, o feminismo seria uma tentativa de "reparação" da identidade das mulheres, tal como está acontecendo com os homens* (p. 23).

Desta forma, acrescenta Le Rider (1993), “ambos” – o feminismo e os *men’s studies* – “são frutos das sucessivas transformações vividas pelos indivíduos, podendo ser compreendidos como uma ‘radicalização do individualismo’” (p. 12), vivida como *crise* desta mesma ideologia individualista. O feminismo, desde sua origem, vem apontando os homens como opressores das mulheres, confundindo-os com o patriarcado como se fossem o mesmo fenômeno social (Perrot, 1988). Concentrado na luta pela ampliação das oportunidades sociais das mulheres, o movimento feminista pouco se deu conta e menos ainda se preocupou com as variadas formas de opressão que também submetem e fazem sofrer aos homens. Adotando posições certamente necessárias para a obtenção de seus avanços e conquistas,

> *o feminismo não pode escapar de seus ritmos e ele oscila constantemente entre os pólos da diferenciação e da indiferenciação. Ele assim foi no passado. Ele assim vai da mesma forma hoje. Forte afirmação da diferença? Esta foi a arma do feminismo radical dos anos setenta, aquele (...) que, na verdade, recusava então a própria palavra “feminismo” como produto perverso da dominação masculina* (p. 404).

Portanto, num certo sentido, esta tese é um convite aos homens e às mulheres - e neste particular às militantes feministas - a repensarem suas posições e a também se debruçarem sobre a *condição* e a *subjetividade masculinas*, compreendendo as nuanças do *poder sócio-cultural* atribuído e exercido pelos homens, à luz de depoimentos reveladores proporcionados por indivíduos a quem tive acesso.

A partir de pesquisa sobre a *identidade* masculina, Nolasco (1988) afirma que a maioria dos homens não percebe ou não compreende ainda o significado das diferenças entre os *gêneros* a não ser definindo-as biologicamente. Acrescenta que,

> *para um homem, falar de seus medos e inseguranças para um outro homem é como “entregar de bandeja a própria cabeça para o inimigo”. Cada pergunta gerava mal-estar. O constrangimento que demonstravam era produzido pela forma despojada e descomprometida com que falavam sobre suas vidas. Estavam temerosos de não serem reconhecidos como homens, na medida em que um homem não tem o que falar sobre si para outrem* (Nolasco, 1993, p. 25-26).

No mesmo sentido, Tolson (1983) argumenta que

> *como homens, sentíamo-nos encurralados na nossa própria exclusão - não por sermos excluídos das actividades das mulheres, mas porque não havia para nós uma “libertação” equivalente à delas. Uns com os outros só poderíamos cair na “camaradagem” tradicional dos bares, com palmadinhas nas costas destinadas a recalcar pelo menos tanto como o que expressavam. Era impossível falarmos entre homens de sentimentos pessoais de fragilidade ou ciúme. Uma “máscara de silêncio” masculina dissimulava o vazio da nossa vida afectiva* (p. 12).

Podemos situar nos Estados Unidos, em meados dos anos 70, o início dos primeiros questionamentos masculinos sobre sua própria *condição* viril. Alguns homens passaram a se perguntar se a *violência*, considerada atributo da virilidade masculina, não seria resultado da própria violência a que muitos deles foram submetidos na infância, que os teria transformado num estereótipo de apatia diante de sua própria *subjetividade*, de seus sentimentos afetivos e de seus *papéis* sociais. Isto os teria levado a reavaliar sua forma de inserção na vida da coletividade:

> *esta reflexão levou-os a buscar, com os trabalhos de grupos, uma "humanização" do cotidiano masculino, adequando o projeto de ascensão social à especificidade de cada indivíduo. Isto significa iniciar este processo pela história de vida de cada um deles, reconhecendo a limitação e a dinâmica do desejo masculino* (Nolasco, 1993, p. 28).

Assim, "um menino cresce alimentando-se de múltiplas ilusões de força e senhorilidade para dar demonstrações de coragem diante da vida sem jamais poder expressar o temor de vivê-la pela grandiosidade que ela comporta se comparada à onipotência humana" (p. 29). Surgem, assim, vários "grupos de homens"[23], cujas origens, concepções e funcionamento podem ser atribuídas à modernidade vienense (Le Rider, printemps-été 1984; 1993), particularmente em sua vertente individualista, o que concorre para que esses grupos adotem uma intensa crítica à ideologia "machista", sendo portanto solidários e assemelhados à crítica social do movimento feminista. A ambivalência da noção de um "eu dividido" - percebida nas concepções desses grupos - são herdeiras da modernidade do século XIX, que engendrou um novo modelo de *subjetividade*, diferenciado do modelo de homem dos séculos XVII e XVIII, pois reconhece a relevância das características psicológicas, endossando cada vez mais os atributos subjetivos como determinantes do comportamento a partir da concepção de *inconsciente*. Tais grupos, em suas discussões, passaram a se dar conta de que a consciência de si mesmo de muitos homens é ainda calcada numa representação masculina conforme os moldes cartesianos e pautada em vagas noções de autoridade e de tradição. Passaram, então, a buscar uma linguagem que expressasse melhor suas

[23] Apesar de surgirem e crescerem em número considerável nos países ocidentais economicamente desenvolvidos e influentes, estes grupos de homens estão longe de ter a mesma influência sócio-cultural que tiveram e têm os grupos militantes feministas. Ao que parece, as transformações da *condição* e da

emoções, a redução da manifestação violenta em suas vidas e um novo e maior envolvimento com a função paterna.

Desde as décadas de 70 e 80, principalmente na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e no Canadá, a literatura sobre a *condição* e a *subjetividade masculina*s vem crescendo consideravelmente, e mais recentemente no Brasil. Esses textos e especialmente a ação dos diversos grupos de homens vêm questionando e reavaliando o *papel* social masculino nas guerras, nas políticas de dominação e nos problemas trabalhistas, raciais, sexuais e propriamente de *gênero*, a partir da constatação de que muitos homens conquistaram sua autonomia de vida ao preço de um desenvolvimento desumanizado, esquecidos de seus afetos e envoltos numa enorme solidão. Neste sentido, Goldberg (1994) aponta que a existência masculina é pautada numa rotina uniforme e contínua no que diz respeito a seus afetos e ao trabalho, tendo na representação da ausência paterna seu expoente máximo. Apesar de visivelmente confusos, pode-se perceber em diversos homens hoje uma atitude contrária às posturas distantes, inexpressivas e padronizadas afetivamente no contato com sua prole, buscando compreender as próprias angústias e ansiedades quanto à paternidade, diferenciando-se da representação divina da figura do pai no Ocidente, tradicionalmente assentada numa moral repressiva e distanciadora, e tentando *construir* uma nova relação com os filhos, pautada na cumplicidade, no prazer e na gratidão.

Para Dupuis (1989), a sociedade patriarcal sacralizou o casamento, enquanto marginalizava a homossexualidade. Seus valores sócio-culturais serviram de referência para a representação da *condição* e da *subjetividade masculinas*, tendo o machismo como modelo para situar o homem no mundo. São esses mesmos valores conferidos ao *macho* que também potencializam, mantêm e estimulam a *violência* masculina. Essa perspectiva estereotipada e limitada da virilidade explica em grande parte o distanciamento e a dificuldade de envolvimento afetivo de muitos homens. Assim, os grupos de homens têm descoberto uma polarização excessivamente rígida no modo de

---

subjetividade masculinas passam, em grande parte, pela disponibilidade individual de cada homem e pelas suas relações íntimas no seio da família.

perceber e de compreender o mundo por parte da maioria dos homens, opondo masculinidade e feminilidade, atividade e passividade, dever e prazer, controle e descaso e dependência e auto-suficiência, o que gerou uma clara dificuldade de desenvolver uma auto-imagem que não se limite aos estereótipos do *macho*. Essa cobrança sócio-cultural exclui o reconhecimento da diversidade da *subjetividade masculina*, levando à crença de que um homem é *construído* numa *condição* absoluta e a partir de preceitos rígidos: “nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar. É a este último modelo que os homens estão procurando renunciar” (Nolasco, 1993, p. 40).

Esses grupos de discussão sobre a masculinidade reconhecem que, mesmo com todas as transformações que alguns homens vêm conseguindo em sua vida familiar, ainda têm sobre seus filhos a expectativa de que sejam ativos, enquanto almejam que suas filhas sejam sempre mais recatadas, o que reproduz sutilmente e mantém mais firmemente instalada a ordem sócio-cultural que diferencia homens e mulheres, além de não levar em conta as suas reais e mais básicas necessidades. Em outros termos, as *relações sociais de gênero* são sempre relações de *poder* (Adler, s.d.; Ariès, 1981; Foucault, 1976; 1979). A *diferenciação* dos sexos começa pelos genitais, mas é apenas o ponto de partida para uma série de expectativas sócio-culturais e de comportamento tanto para o homem quanto para a mulher, o que engendra boa parte da *subjetividade* e da “apartação” das pessoas, pois, como argumenta Foucault (1976), “o que é o próprio das sociedades modernas é não terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim terem-se devotado a falar dele sempre valorizando-o como *o* segredo” (p. 36). Entretanto, os homens, especialmente, são instigados desde sempre a valorizar e a manifestar sua sexualidade - pela fala, pelas atitudes e pelo comportamento - como uma reprodução de um modelo prévia e socialmente determinado, mas não como uma expressão de suas *subjetividades*. Sem dúvida, as diferenças sexuais são estruturantes primárias da *identificação* dos indivíduos, mas entre os homens a valorização falo-narcísica de seus genitais é tal que eles se referem ao seu pênis como um *outro*, dissociando-o de seu corpo e de seus afetos, sendo controlados pela busca de uma estimulação voltada apenas à função erétil, a uma

prática sexual limitada e a uma negação da totalidade de seus corpos como fonte de prazer. Essa representação do que significa a *condição* e a *subjetividade masculinas* impede que muitos homens possam se entregar afetivamente em suas relações interpessoais, quer sejam com as mulheres, com os filhos ou com outros homens. Desde pequenos, os meninos aprendem a valorizar aquilo que diz respeito à sua sexualidade - particularmente o seu pênis - com a conseqüente desvalorização da sensibilidade feminina como algo inferior, sem sentido, confuso e instável, terminando por desqualificar seus próprios sentimentos, entendidos como "coisa de mulher". Os homens crescem contando estórias - freqüentemente imaginárias - que buscam dar-lhes reconhecimento, aceitação, afirmação e valorização de sua masculinidade (diante de si mesmos e dos outros), acreditando que são melhores apenas por serem homens e que o meios que lhes conduziriam inexoravelmente na direção do sucesso são sua pretensamente larga experiência sexual e seu trabalho profissional (Falconnet & Lefaucheur, 1975; 1977; Tolson, 1983; Goldberg, 1994).

Em resumo,

> *os padrões tradicionais definidos pelo modelo patriarcal para o comportamento masculino dissimulam as possibilidades do encontro nas relações sociais, pois definem que em uma relação, a priori, alguém ataca e alguém defende, alguém ganha e alguém perde. Esta concepção de relação impossibilita o estabelecimento de qualquer tipo de contato fora das fronteiras demarcadas pela moral patriarcal, que em última instância faz crer aos homens que estão continuamente expostos ao ataque. Assim, desde pequenos os homens aprendem esta regra, transformando-a posteriormente em uma crença de que as atitudes combativas e agressivas incorporadas pelos homens são atributos biológicos* (Nolasco, 1993, p. 43).

Aqui, podemos sintetizar as principais considerações que foram desenvolvidas e discutidas no que diz respeito aos rituais sociais e culturalmente instituídos na *construção da condição e da subjetividade masculinas*. Demonstrei que, desde a sua gestação e ao longo da existência dos homens, a *construção do masculino* é sempre a "via difficilior", pois é cheia de percalços, de deveres e de exigências que, mais do que engrandecer sua pretensa fortaleza, apenas evidenciam sua fragilidade, comprovada em estudos biológicos, psicológicos, sócio-culturais e históricos. Além disto, o masculino é sempre *construído* negativamente: não pode ser uma mulher, uma criança ou um homossexual, tendo que comprovar constantemente sua *condição* de homem, de adulto e de heterossexual. Desde cedo, o menino aprende que deve se diferenciar da

feminilidade primitiva, representada por sua mãe: daí porque a virilidade parece ser tão mais importante para os homens do que a feminilidade é para as mulheres. Assim, os homens aprendem que devem freqüentemente (re)afirmar sua masculinidade, tanto para si mesmos quanto para os outros.

Portanto, é inegável que as *relações sociais de gênero* são *construídas* através de instituições de *poder*, que têm no masculino o *gênero* dominante. As sociedades patriarcais elaboram rituais que visam a instalar a virilidade em seus cidadãos e a eliminar seus traços femininos – dependência, passividade e expressão exacerbada de afetos, entre outros. Esses rituais sócio-culturais, apesar de serem assustadores e gerarem dor física e/ou psíquica, são freqüentemente desejados e mesmo buscados pelos meninos e adolescentes, pois lhes garantem reconhecimento social e são valorizados com regozijo por significarem a inclusão nos grupos viris. Mais sutis a partir da modernidade, tais rituais persistem, pelo menos no imaginário masculino – mas não apenas – de modo que os homens ainda tendem a seguir o modelo patriarcal tradicional, apesar de transformações significativas nas *relações sociais de gênero* virem acontecendo nas últimas décadas.

O amor paterno, por exemplo – que sem dúvida sempre existiu ao longo dos tempos – teve sua expressão freqüentemente silenciada, e os pais, muitas vezes, passaram a ser vistos como duros, frios, ausentes e distantes, ou, por outro lado, como desvirilizados e desprezados. Nas últimas décadas, alguns homens têm recuperado uma atitude mais acolhedora e expressiva com seus filhos, mas as marcas do patriarcado ainda se fazem presentes, impedindo muitos homens de se mostrarem mais participantes e próximos da vida de seus filhos.

O fato é que esses ritos institucionais requerem a superação de limites críticos através de provas que confirmem a virilidade dos homens, freqüentemente tendo os usos do corpo masculino do “guerreiro” como instrumento dessa confirmação. Os homens devem suportar as dores físicas e psíquicas - ou seja, as marcas corporais e em sua *subjetividade* - para comprovar sua masculinidade. No Brasil, no Nordeste e no Ceará, podemos encontrar inúmeros exemplos de como os jovens são confirmados em

sua virilidade através de rituais que costumam acontecer longe do olhar paterno e familiar, particularmente no que se refere à sua iniciação sexual.

A *violência* – explícita, sutil, lúdica ou simbólica – é elemento comum em tais rituais, o que nos leva a associá-la com freqüência à masculinidade. Não se deve esquecer que a violência – ou pelo menos a agressão - é também fundamento necessário e inevitável da sobrevivência humana, individual e coletivamente. Neste sentido, o mito do homem violento é antiqüíssimo, sendo encontrado na maioria das sociedades e culturas, ao longo da história da humanidade. Associadas à *honra* viril, as manifestações de violência masculina vêm se transformando na medida em que as *relações sociais* – particularmente as de *gênero* - se modificam, mas se mantêm como elemento presente em várias culturas. Encontrei diversas expressões da violência e da honra viris nos depoimentos e no imaginário de homens que habitam em Fortaleza por mim entrevistados, mesmo que envoltos em culpa ou em escamoteamentos variados, o que demonstra a confluência de elementos tanto das sociedades patriarcais tradicionais quanto das modernas e tecnologicamente avançadas na cultura cearense e de Fortaleza em particular. Neste sentido, tendo a pensar que, nos tempos mais recentes, o *poder* dos homens sobre as mulheres e sua prole e as tentativas de impô-lo a seus congêneres não é mais o mesmo, pois muitos homens já não se reconhecem nele, tendo em parte se afastado dos valores patriarcais tradicionais, embora ainda não tenham clareza sobre quais seriam os novos valores sócio-culturais que poderiam mantê-los confortáveis nessa nova situação. Muitos cientistas sociais vêm denominando tal fenômeno de *crise da identidade masculina* ou *crise do masculino*. O que posso perceber é que muitos homens, para além da dita *crise*, tendem a refletir, a reagir ou mesmo a buscar as inegáveis transformações sócio-culturais que vêm ocorrendo – entre elas os avanços e as conquistas femininas em diversos campos – o que não deixa de lhes causar, muitas vezes, um evidente *mal-estar*. Este incômodo, parece-me, eventualmente tem como resposta uma reação agressivo-defensiva por parte de alguns homens - a *violência* - particularmente contra as mulheres e as crianças, bem como contra outros homens.

Historicamente, a família vem sofrendo inúmeras transformações. Hoje, é mesmo difícil defini-la, tal a multiplicidade de formas que pode assumir, desde a família tradicional – composta de pai, mãe e filhos, todos no mesmo lar – até várias outras configurações, antes inimagináveis. Neste sentido, apesar de muitos pais buscarem um contato mais íntimo com seus filhos, é ainda bastante comum que os homens jovens procurem fora da pretensa segurança doméstica – pois a casa não é e nunca foi o paraíso seguro que muitos pensam – novos modelos de *identificação* para a *construção* de sua *condição* e de sua *subjetividade masculinas*.

É interessante perceber e destacar que, especialmente nas sociedades latino-americanas – e em particular em nossa cultura (Fortaleza, Ceará, Nordeste do Brasil) - o comportamento viril dos homens jovens é estimulado não apenas pelos seus pais e por seus pares, mas, muitas vezes, também por suas próprias mães, que se mantêm ainda como as primordiais e principais formadoras dos futuros homens que eles serão, numa aparente contradição que se volta contra elas e que apenas confirma a permanência do *poder* patriarcal e masculino em nosso meio, mesmo que mais lábil no atual momento histórico. Tal contradição é apenas aparente, pois, tanto quanto os homens, as mulheres também estão submetidas a este sistema universal de *poder*. Desta forma, tanto as relações dos homens entre si quanto com as mulheres tornam-se freqüentemente confusas, na medida em que muitos deles têm dificuldade de reconhecer suas necessidades e seus limites. Muitos homens aderem a atividades e a espaços sociais em que, através de um implícito consentimento cultural, podem conviver e compartilhar com seus congêneres, sem a pecha de serem vistos como homossexuais. Entretanto, com a conquista cada vez mais visível de amplos espaços pelas mulheres, o *poder* sócio-cultural atribuído aos homens vem sendo questionado e abalado até porque tal *poder* vem se revelando claramente fatal para os homens. De forma crescente desde o início do século XX, a mortalidade masculina vem sendo significativamente maior do que a feminina nos países ocidentais. Este fenômeno universal é explicado por vários pensadores sociais por conta do ideal viril, que leva muitos homens a ainda crer que devem ser sempre ativos, independentes e dotados de

uma virilidade à toda prova, enfrentando situações estressantes e mesmo suicidas, na medida em que desconsideram suas reais necessidades psicossociais e humanas.

De um lado, a incorporação sócio-cultural dos ideais igualitários feministas, principalmente a partir da década de 60, vem proporcionando às mulheres a conquista de consideráveis espaços sociais. Por outro lado, seu discurso ideológico militante freqüentemente ainda toma o *gênero* masculino como uma representação do mal e parece, muitas vezes, querer simplesmente inverter o sistema patriarcal e masculino de *poder* “a favor” das mulheres. Tal discurso negligencia a existência de uma *condição* e de uma *subjetividade masculinas* e mostra-se freqüentemente cego aos avanços e às mudanças de atitude e de comportamento que muitos homens têm desenvolvido ao longo das últimas décadas.

No próximo capítulo, dou continuidade e busco aprofundar a discussão acerca das transformações sócio-culturais da *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na contemporaneidade. Com tal objetivo, busco apoio nas análises de diversos representantes da *sociologia das relações de gênero*, incluindo e destacando, entre outras, em particular as idéias de pensadores sociais que se voltaram às especificidades da formação do homem brasileiro.

Capítulo 3. A Subjetividade e os Papéis Masculinos: Dilema e Confusão, Crise ou Transformação?

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino

Pepeu Gomes[24]

Nas últimas décadas quebraram-se padrões estabelecidos durante longo tempo. Ainda não se firmaram outros que já nos possam servir de referência; tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão. Não temos certeza das oportunidades que nos são oferecidas em cada esquina. Estamos fazendo bom uso delas ou ainda nos assustam demais? E esse medo: é infundado ou é razoável? (...) Essa mulher do século que finda, gerenciadora de sua vida e sua profissão, menos algemada a convenções arcaicas - pode ser mais íntegra e mais realizada, mas não está mais livre. Corre perigo de ficar tão aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes se sentem os homens que as construíram (...) não havia tantos homens nos hospícios porque estavam em casa aos cuidados das mulheres da família.

Lya Luft[25]

O homem do final do século XX não sabe mais como se definir com clareza, pelo menos com a mesma segurança que parecia manifestar no auge do patriarcado, ou, se posso ousar dizê-lo de outro modo, a masculinidade vem sofrendo múltiplas transformações sócio-culturais e assumindo uma diversidade subjetiva tamanha que tornou também difícil sua definição por parte daqueles que se dedicam aos estudos da *condição* e da *subjetividade masculinas*. Apesar de alguns pensadores sociais se referirem a várias *crises da masculinidade* ao longo da história da humanidade, apenas recentemente, em especial a partir dos anos 60, começou a se desenvolver uma crescente - embora tênue e sutil, em muitos casos - reação antipatriarcal entre alguns homens, que, se já não adotam a postura e a linguagem machistas características de

[24] Trecho de *Masculino e Feminino*, canção interpretada pelo próprio compositor e regravada para o disco *Back to New Wave – Vol. 2 – Vários*, de 1994, pela gravadora Sony Music.
[25] *Op. cit.*, p. 62 ss.

tempos anteriores, ainda não encontraram uma atitude alternativa frente às diversas mudanças sócio-culturais que vêm se desenvolvendo nos últimos anos, particularmente quanto às conquistas das mulheres e do movimento feminista. É neste sentido que, no cenário das investigações sobre *gênero*, surgem cada vez mais estudos específicos sobre o homem e a masculinidade. A partir dos anos 70, diversos teóricos das ciências humanas, principalmente dos Estados Unidos da América, inauguraram os questionamentos sobre os idealizados e estereotipados *papéis sócio-culturais* masculinos, entendendo-os como fonte de alienação para os próprios homens, como fator gerador de desentendimento com as mulheres e como inibidor do seu exercício harmonioso das tarefas relativas à paternidade. A década de 70 produziu os primeiros trabalhos científicos sobre a masculinidade, que tinham o tom da paixão que acompanhava suas denúncias. Os anos 80 constituíram um período de incerteza, carregado de angústias e de dúvidas, pois mais do que nunca o homem passou a ser compreendido como um problema a ser resolvido, não mais como uma questão dada e preconcebida. É neste sentido que a classe, a idade, a raça, a preferência sexual e demais questões relativas ao *gênero* tornaram-se fatores de *diferenciação* masculina, tanto que os anglo-americanos preferem se referir à masculinidade no plural: não mais *o homem*, mas as múltiplas *masculinidades*.

Neste mesmo período, as mulheres, por meio das reivindicações do movimento feminista, vêm buscando pôr fim à tradicional distinção dos *papéis sócio-culturais* de homens e mulheres e se posicionando sistematicamente em todos os domínios da vida antes reservados unicamente aos homens, conseguindo reduzir parcialmente a pretensiosa, injusta e prepotente ideologia falo-narcísica masculina, embora ela ainda mantenha-se universal e dominante. Passaram, então, a denunciar tal ideologia viril que induz à crença na superioridade do homem sobre a mulher e que, desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como um ser privilegiado, dotado de algo a mais, situação não compartilhada pelas mulheres. Ou seja, concluem que *ser homem* é estar instalado de saída numa posição que implica *poderes sócio-culturais* – tanto reais quanto imaginários (Bourdieu, sep. 1990).

Atualmente, alguns pesquisadores sociais apontam a ocorrência de uma *crise* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, que estaria sendo gerada pelas progressivas mudanças sócio-culturais, forçando o homem de hoje a reavaliar a percepção de sua *condição* de *macho*. Esta dita *crise* levaria o homem contemporâneo a confundir-se com um modelo de masculinidade há muito incorporado – o patriarcal - que se caracteriza pela *violência*, pela hierarquia e pela competitividade exacerbadas, impedindo-o de manter relações construtivas consigo mesmo, com as mulheres, com os filhos, com seus congêneres e com seu próprio trabalho profissional. Nesta perspectiva, alguns homens de hoje já reconsideram sua relação com a família, tentando desenvolver *papéis sócio-culturais* masculinos cada vez mais dissociados dos estereótipos machistas por meio dos quais podem expressar sua *subjetividade* e seus afetos sem que percam o reconhecimento como homens e como seres humanos. O modelo viril patriarcal esteve quase sempre presente na história da humanidade, atuado freqüentemente através de rituais em que a *violência* era associada a uma pretensa *identidade* masculina: o jovem, para se tornar homem, deveria que se *identificar* com esse modelo, pautado no autocontrole e na autoridade. Moore & Gillette (1993) argumentam que esses rituais de passagem da adolescência à fase adulta e de instalação da virilidade se perderam no tempo, o que favoreceria a *construção* de uma nova *identidade* masculina. Portanto, os poucos rituais de virilização que ainda ocorrem no mundo masculino contemporâneo seriam apenas “pseudo-rituais”, não tendo mais o mesmo significado sócio-cultural daqueles ritos dos povos antigos, pois não há realmente uma passagem de uma fase à outra e a transição parece ser algo frágil, não solidificando a *identidade* adulta. Assim, para estes autores, o homem atual já não encontra, na sociedade contemporânea, condições favoráveis para o surgimento de sua *identidade* masculina adulta. Entretanto, tendo a concordar com Castoriadis (1995), que afirma que esses “ritos de instituições” (Bourdieu, 1982/1990) ainda mantêm resquícios consideráveis nas sociedades contemporâneas através de manifestações mais sutis, mas não apenas no imaginário sócio-cultural.

Ruitenbeek (1969), um psicanalista norte-americano, já discutia as causas dessa pretensa *crise da identidade masculina* em seu país, atribuindo suas razões históricas

ao processo de colonização da América do Norte, pois os pioneiros conquistadores dos Estados Unidos eram desbravadores itinerantes, homens solitários, conduzidos pelas acentuadas marcas do individualismo da sua cultura. Alegava que a necessidade quase compulsiva de conquista e de *poder* do homem norte-americano parece cobrar um preço deveras alto, pois ele vive em constante busca de adquirir bens e de aumentar seu padrão de vida, impossibilitando-o de conseguir uma maior proximidade com as pessoas com quem convive, preocupado obsessivamente com sua produtividade e esquecendo de investir em suas relações afetivas. As suas relações familiares - cujas características são a ausência e o alheamento - geralmente são também frágeis, pois o pai está freqüentemente fora do lar e não participa da vida afetiva de sua prole, o que não favorece com que os filhos se *identifiquem* com a figura paterna. O psicanalista argumentava que os jovens terminam por buscar em seus pares um novo *modelo identificatório*, propiciando o surgimento de grupos nos quais a *violência* se insere como uma de suas principais características.

Por sua vez, Muszkat (1994) destaca que o sistema patriarcal estimula a separação da criança e da mãe - considerada um objeto de investimento libidinal - exacerbando a *identificação* com a figura paterna. Em seu processo de individuação, o menino nasce e cresce em seus primeiros anos fusionado à mãe, mas o pai tem um *papel sócio-cultural* fundamental de interdição, determinando a separação entre seu filho e sua mulher. Conseqüentemente, no sistema patriarcal, o pai deve estabelecer a ordem e a lei, levando seu filho a perceber que sua mãe pertence a seu genitor. O amor do menino permanece inabalado em relação à sua mãe, mas ele sente inveja do pai - possuidor do falo - e, portanto, de sua adorada mãe: “por desejar ocupar o lugar do pai ele sofre triplamente. Pela humilhação da comparação, pela culpa decorrente dos seus sentimentos hostis e pelo medo de punição que poderá vir dele, simbolizado na ameaça de castração” (p. 61). Assim, não possuindo o falo, o menino desenvolve sentimentos hostis em relação a seu pai, que geram, em conseqüência, medo de ser punido com a castração pelo pai, detentor do *poder* fálico. Conforme a psicanálise, o menino estabelece com o pai um contrato não-verbal no qual renuncia ao amor da mãe, tendo que se afastar dela para salvar seu órgão genital e *identificar-se* com a figura paterna.

Essa separação é vivenciada com muita angústia na cultura patriarcal, pois seu modelo rigidamente instituído e estereotipado de homem utiliza toda sua força na direção de um verdadeiro "matricídio": o menino deve, além de separar-se da mãe, excluí-la e desvalorizá-la, para que seus comportamentos e atitudes originalmente femininos não comprometam sua virilidade. Portanto, um homem em nossa cultura deve negar seus sentimentos, sua afetividade, sua sensibilidade e seu corpo para tornar-se *homem de fato*, pois reconhece que os atributos relacionados à mãe referem-se ao comportamento culturalmente associado ao universo feminino. Desta forma,

> *a separação abrupta do menino em relação à mãe, como uma necessidade urgente de emancipação, representa como que uma espécie de rompimento com a própria natureza. Trata-se de criar uma antinatureza, uma natureza artificial, que tende a renegar o colo materno que, se por um lado acalenta e alimenta, por outro ameaça sua autonomia. Ao renunciar à intimidade do corpo da mãe, o menino renuncia à intimidade com seu próprio corpo, já que não se pode apoiar-se no pai com essa finalidade* (p. 62).

Então, a negação do corpo masculino é um elemento significativo na compreensão da diferença das formas como os homens e as mulheres entendem sua própria prática sexual. Para muitos homens, as relações sexuais não envolvem necessariamente a totalidade de seu corpo, porém seu pênis deve estar sempre ereto e disponível, pois a ele é atribuído um *status* próprio na sedução e na conquista. O afeto não recebe tal primazia, enquanto que, para a maioria das mulheres, as relações sexuais envolvem todo seu corpo e toda sua afetividade: o que é entrega para a mulher significa conquista e posse para o homem. Esse processo de dicotomização entre seu corpo e seus afetos perpassa toda a vida sexual e afetiva dos homens, numa perene busca de provar a si mesmos e a outrem que são homens, desenvolvendo atitudes que geram dor física e psíquica, exibindo seus atributos de *machos* e relegando às mulheres as atitudes passivas, de ternura, de carinho e de cuidado, abdicando da sua afetividade e tornando-se pessoas duras e distantes das demais.

Entretanto, não creio que essa dita *crise da masculinidade* signifique necessariamente uma catástrofe iminente, gerando a confusão e a ambigüidade entre os *gêneros*. Se, por um lado, parece haver ainda um temor bastante generalizado entre alguns teóricos – e sem dúvida e principalmente entre as pessoas comuns - de que as mudanças na definição dos *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos possam

destruir as diferenças entre os *gêneros*, tornando todos os seres assexuados ou acrobatas ambissexuais (Tucker & Money, 1975), por outro lado, o termo *crise* parece indicar um momento histórico decisivo, necessário ou mesmo crucial, em que o desenvolvimento masculino tem que escolher uma nova direção, mobilizando recursos de crescimento, de recuperação e de uma nova *diferenciação* (Erikson, 1976).

Podemos encontrar na gênese do pensamento ocidental na modernidade os elementos históricos, político-econômicos e sócio-culturais que explicam a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, o que facilita a análise e a discussão das transformações por que vêm passando os homens na contemporaneidade, objeto de atenção de minha investigação. A descoberta de novas terras, no final do século XV e no início do século XVI, foi um momento histórico crucial para a cultural ocidental, tendo grande impacto devido à ampliação das fronteiras, buscada por conta da necessidade de expansão comercial, o que possibilitou um maior contato entre as culturas e a revelação de sua diversidade e das diferenças pessoais. A noção de *individualidade* começa, então, a ser gestada a partir da valorização da *singularidade* e da *diferença*. Entretanto, a ampliação das fronteiras gerou também temor da perda de *identidade*: os novos mundos significavam o desconhecido, o que provocou perseguições e guerras, numa tentativa de melhor delimitação dessas fronteiras. É interessante pensar, nesse mesmo contexto, o afrouxamento das fronteiras da *condição* e da *subjetividade masculinas*. Antes que houvesse tal flexibilização de *papéis* sexuais e sociais, foi necessária uma exacerbada luta em defesa da *identidade masculina*: assim, uma cruel caça às bruxas foi desencadeada, em que as feiticeiras perturbadoras da ordem estabelecida eram identificadas entre as mulheres e os homossexuais, pois questionavam o *status quo* masculino e buscavam a conquista e o avanço de seu próprio espaço na sociedade. Desta forma, buscava-se reassegurar as fronteiras entre o masculino e o feminino, o normal e o perverso. A descoberta de novas terras gerou grande riqueza econômica na Europa, mas evidenciou contradições: mudanças intensas dos costumes e grandes avanços tecnológicos, mas também corrupção, empobrecimento, carestia e fome, entre outros fenômenos globais. (Qualquer semelhança com os tempos atuais não é mera coincidência, pelo menos no chamado

Terceiro Mundo). Surgiram, então, vários movimentos reformistas no campo da religião, da política, da ciência e da filosofia, que buscavam reordenar as relações do homem com o mundo e controlar de alguma forma a experiência humana através da disciplina para que a desestruturação das transformações sociais fosse minimizada e o homem pudesse se sentir mais uno e mais integrado. Tais reformas geraram uma divisão em duas dimensões no campo da vida humana: o espaço privado (a vida familiar, o trabalho e as crenças religiosas) e o espaço público (a vida social, as leis, a política e a cidadania). Esta separação se desenvolveu com o fortalecimento e a supervalorização da esfera privada, que passou a ser exteriorizada e cada vez mais despolitizada, pois, desde o Iluminismo, a *subjetividade* – a "personalidade" ou a experiência psicológica individualizada - obteve crescente "permissão social" para ser expressada sem o risco de interferência na vida pública dos cidadãos. Por outro lado, a tarefa principal do espaço público passou a ser garantir a privacidade nos negócios, na família etc. (Figueiredo, 1992).

No campo da sexualidade e das *relações sociais de gênero*, as intensas transformações do mundo moderno engendraram a necessidade de uma nova concepção das diferenças entre homens e mulheres. Até o século XVIII, predominava o "one-sex-model", padrão metafísico único e idealizado do corpo humano, cuja perfeição apenas era alcançada pelo homem, sendo a mulher considerada semelhante a ele, embora fosse concebida como um homem invertido e inferior (Costa, 1992; Laqueur, 1990; 1992). A partir do século XIX, houve uma redefinição desta hierarquia - que sobrepunha os *papéis sócio-culturais* masculinos aos femininos a partir de diferenças meramente anatômicas - numa polêmica sobre a bissexualidade original do ser humano e a função do homem e da mulher na sociedade e na cultura, o que desenvolveu solo fértil para a discussão política e econômica das questões de *gênero*. As diferenças entre os *gêneros* passaram a ser consideradas em termos de descontinuidade e de oposição, ou seja, não mais hierarquizadas e pautadas na anatomia, embora a pretensa superioridade masculina ainda permaneça incólume.

Além disso, uma evidente mudança de valores ocorreu com o processo de industrialização, que retirou do lar não apenas os homens, mas também as mulheres,

possibilitando-lhes prover sua própria vida, dependendo menos do homens e ganhando mais independência e autonomia, o que favoreceu o questionamento da plenipotenciária autoridade masculina dominante. Tal quadro desencadeou a germinação de um processo de *desconstrução* do sistema patriarcal - e de seu modelo sexista e machista – cujos desdobramentos e efeitos podemos detectar mais claramente nos dias de hoje, com as mulheres se expondo e exigindo cada vez mais a satisfação de suas justas necessidades, apesar da autoritária atitude masculina ainda ser visível. A família também não ficou imune à Revolução Industrial, tornando-se progressivamente reduzida a seu núcleo - basicamente pai, mãe e filhos – renunciando em parte à autoridade parental e tendo limitadas algumas de suas funções socializadoras e educativas, que vão sendo assumidas formal ou informalmente pela escola, pelos meios de comunicação de massa e pelos grupos de pares, entre outros. Manteve-se a função familiar de dedicação prioritária à segurança emocional dos filhos nos seus primeiros anos e à sua preparação para o enfrentamento dos rigores do mundo moderno, cada vez mais competitivo. Não por acaso, o século XX tem sido marcado pela proliferação e pelo desenvolvimento de especialidades profissionais conduzidas especialmente por mulheres e dedicadas ao controle social – como o serviço social, a educação e a psicologia - que passaram a se responsabilizar cada vez mais pelas funções anteriormente exercidas pela família (Lasch, 1991). As facetas múltiplas da família vêm se diversificando mais e mais, a ponto de instituições internacionais – como a ONU e a UNESCO - e publicações dedicadas a seu estudo (L'Année Sociologique, 1987; Le Monde de l'Éducation, 1994) terem recentemente desistido de caracterizá-la num padrão único, como fora possível até então. Ao longo dos últimos cinqüenta anos, os valores patriarcais e tradicionais da família foram seguidamente questionados e condenados pelos próprios jovens e pelas militâncias feminista e homossexual, particularmente a partir dos anos 60, quando o movimento de contracultura efervesceu e essas diversas militâncias ganharam força e voz.

Lasch (1983; 1986; 1991) argumenta que essas transformações da estrutura da família moderna – cujas funções tradicionalmente visavam a proporcionar apoio emocional na infância de seus filhos e a prepará-los para a independência e para os

empreendimentos adultos futuros – geraram tensões devastadoras tanto em homens quanto em mulheres, pois sua característica principal era o isolamento do mundo, percebido como perigoso e ameaçador, separando a família da vida pública. As mulheres, geralmente limitadas à privacidade da família, foram desfavorecidas, pois freqüentemente se restringiam ao cuidado dos filhos, sem ajuda externa, sem acesso ao trabalho produtivo ou oprimidas pela divisão entre os espaços do lar e do trabalho, vivendo de delegações por meio da vida de sua prole. O trabalho, por sua vez, era desenvolvido de maneira estanque e apartada da família, pois era considerado incompatível com ela. Os homens, de sua parte, viviam cindidos entre seus sentimentos e seus conhecimentos e entre o lar e o trabalho, freqüentemente degenerando numa busca desenfreada de satisfação longe da domesticidade ou num carreirismo compulsivo. Tal estruturação familiar - individualista, isolacionista e compartimentada - favoreceu sem dúvida as dificuldades e as resistências masculinas a assumir uma paternidade responsável e acolhedora, criando carências nos filhos, que freqüentemente são também renegadas por eles na maturidade.

É nesse contexto de questionamento e de crítica aos *papéis sócio-culturais diferenciados* a partir do *gênero* e desempenhados no ambiente familiar que surgem propostas recentes de solução da pretensa *crise do masculino* e de um resgate idealizado da “virilidade perdida” entre alguns grupos que se dedicam aos estudos “masculinistas”. Por exemplo: a proposta de alguns junguianos, como Bly (1990), é um reencontro com o “guerreiro interior”, selvagem e primitivo, através de incursões e da permanência na floresta, usando máscaras, tocando tambores e gritando, o que não me parece nem eficiente nem convincente em seus efeitos, além de tais atitudes se mostrarem freqüentemente caricatas. Para Badinter (1993), a nostalgia dos antigos tempos (Grécia, Idade Média e povos arcaicos e patriarcais) é tão intensa entre os adeptos deste tipo de proposta que, apesar de suas negativas, acabam por reforçar o dualismo dos sexos, postura cada vez mais incoerente com as atitudes, os conhecimentos e os avanços gerados pelos estudos de *gênero*. Por outro lado, alerta que, se as virtudes femininas - tão glorificadas hoje em dia pela própria mídia - não forem dosadas pelas virtudes masculinas, podem levar os homens a se tornarem

passivos e subordinados, pois as mulheres conquistaram, compreenderam e se regozijaram com sua humanidade reconciliada antes dos homens, que só agora começam a encará-la. Portanto – acredita a psicanalista – as mulheres não devem estranhar a demora dos homens em alcançá-las nessa reconciliação humanizada consigo mesmos e com o outro, pois

> *quando os homens tomaram consciência dessa desvantagem, criaram um paliativo de grande envergadura: o sistema patriarcal. Hoje, constrangidos a dizer adeus ao patriarca, precisam reinventar o pai e a virilidade que vem dele. As mulheres, que observam esses mutantes com ternura, sustêm a respiração* (p. 189).

Tal afirmativa fundamenta-se no *papel sócio-cultural* historicamente exercido pelas mulheres na transformação dos homens. Elas os gestam, os criam e os iniciam na *construção* de sua *condição* e de sua *subjetividade masculinas*. Essas mudanças microssociais – que bem podem favorecer transformações coletivas - requerem a aceitação, a compreensão e mesmo uma certa paciência por parte das mulheres, pois muitos homens ainda se sentem confusos por conta das pressões renovadoras em prol de uma nova configuração das relações entre os *gêneros*, que, especialmente a partir dos anos 60, vem crescendo com maior intensidade, impulsionada inicialmente pelo movimento feminista, reforçada pela luta pelos direitos dos homossexuais, e, mais recentemente, redimensionada pelos *men's studies*.

Várias obras de Foucault (1976; 1977; 1979; 1985; 1990) - mais particularmente as voltadas para a história da sexualidade e as questões do controle e do *poder sócio-culturais* - serviram de fundamento ao desenvolvimento dos estudos sobre *gênero*, que abandonaram e em grande parte passaram a criticar a perspectiva do essencialismo sexual – a noção de uma *diferença natural* entre os *gêneros*, sem levar em conta a sua *construção sócio-cultural* – compreendendo que os desejos humanos não são meramente necessidades biológicas, mas que são constituídos como práticas sociais historicamente determinadas. Tais argumentos levaram os estudiosos das questões de *gênero* a se dar conta de como a combinação de diversas forças sociais – as ideologias, o temor às pressões políticas, as instituições legais e a prática médica, entre outras – contribuíam para enquadrar ou para conformar a *subjetividade* e os *papéis sócio-culturais* das pessoas, e, conseqüentemente, suas condutas sexuais. Essa nova

perspectiva - o *construtivismo sócio-histórico* ou *cultural* - vem apontando como as instituições e os grupos sociais rotulam, classificam ou categorizam as diversas experiências humanas, criando moldes ou padrões tanto para o comportamento individual quanto para as práticas coletivas, que, entre outras conseqüências, pressionam e induzem a diversidade das *condições de gênero* a adotar formas estereotipadas e rígidas.

Diversas ciências – mais particularmente as ciências humanas e sociais – têm contribuído sistematicamente com os avanços dos estudos sobre a *subjetividade* e a *condição de gênero*. Lasch (1983; 1986; 1991) aponta a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a antropologia como as ciências humanas que, ao longo deste século, mais contribuíram com os estudos sobre o homem e suas relações com o mundo, e em particular com suas investigações sobre *gênero*. As ciências sociais se desenvolveram com maior ênfase a partir do pós-guerra, demonstrando que o homem é uma *construção* sócio-cultural, que a sociedade é constituída por uma rede de relações interpessoais e grupais e que o desenvolvimento social cria padrões crescentemente intrincados de interdependência, revelando-se na divisão do trabalho e na *diferenciação* dos *papéis* e das funções sócio-culturais.

Envolvido no campo de estudo das *relações sociais de gênero*, julguei ser interessante e enriquecedor investigar a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* entre homens que vivem em Fortaleza, a capital cearense, cidade nordestina e brasileira

> *em que os planos pessoal e impessoal, privado e público são percebidos pelos indivíduos de forma híbrida e indiferenciada. Ou seja, trata-se aqui da impressão de que, nós, brasileiros, construímos a relação entre esses planos de uma maneira bastante peculiar e cuja ênfase repousa intrinsecamente nesta imprecisão. Esta perspectiva alternativa coloca-se igualmente como oportuna diante de objetos de estudo que envolvam tão de perto temas como: projeção, identificação, reatividade, conflitos, estruturas relacionais, que são tão caros e extremamente valorizados pelas nossas classes médias* (Almeida, 1996, p. 21).

Ou seja: a perspectiva psicossocial de apreensão da *subjetividade* e da *condição masculinas* que utilizei em minha pesquisa enfatiza os aspectos relacionais e projetivos do contato entre o pesquisador e seus entrevistados, buscando dela compreender o significado do que é *ser homem* para estes últimos, entre outros temas. Tal questão

demonstra bem como a configuração da *subjetividade* e da *condição masculinas* dos brasileiros está também "relacionada aos processos mais antigos de socialização dos indivíduos, que foram vividos em etapas bem anteriores de sua biografia e que fogem, portanto, aos padrões exclusivos das 'mediações' culturais estáveis" (p. 22). Neste sentido, apesar de me utilizar de minha experiência clínica para obter os *recortes* da *subjetividade masculina* a que me propus analisar e discutir, minha estratégia metodológica visa a traduzir as diversas *falas* dos entrevistados para uma perspectiva sociológica que vá além da ordem do psíquico. Neste enfoque, é interessante observar que, embora a questão da *subjetividade* seja uma temática recente e ainda percebida com desconfiança por muitos que fazem as ciências sociais, "é equivocado afirmar que a subjetividade não existe para as ciências sociais" (p. 30). Portanto, concordo com Figueira (1991), que afirma que

> *o "sujeito" é uma problemática nova que não se confunde com o indivíduo das psicologias ou com a representação tão cara à ideologia individualista de um "indivíduo" que se pensa não socialmente determinado. A teoria do sujeito é um lugar vago que se preocupa com os diferentes tipos de ordenação da subjetividade, e o papel que aí desempenham tanto a ilusão do indivíduo psicológico quanto a ideologia individualista* (p. 180).

Freyre (1936) apontou a dimensão ideológica da figura do grande patriarca ou do senhor de engenho, que mesmo atualmente ainda se mantém como uma espécie de arquétipo nuclear, caracterizando e formando modelos de conduta, de orientação e de organização do imaginário dos brasileiros. Para Almeida (1996),

> *trata-se, portanto, em outras palavras, de uma espécie de selo invisível, que, de forma extremamente sutil e matizada, continua a inspirar comportamentos e a demarcar estilos de conduta para além de sua existência histórica específica. Uma das maneiras de perceber o funcionamento desta lógica é acompanhar as identificações e analogias ainda hoje traçadas entre as noções associadas de virilidade/macho/senhor/dono/força/ violência - e os pilares formadores da identidade masculina legítima no Brasil* (p. 49).

Neste particular, a análise sociológica de Freyre é extremamente fértil na descrição das *subjetividades* masculina e feminina e de sua diferenciada *condição de gênero*. No entorno do núcleo da família patriarcal brasileira - constituído pelo grande patriarca, sua mulher e seus filhos – convivia uma variada periferia, integrada por indivíduos ligados ao patriarca (suas amantes e concubinas, seus filhos ilegítimos, seus escravos, clientes e amigos, entre outros), com quem não raramente mantinha laços coesos, pois eram considerados também seus membros. Tal convivência surpreendentemente pacífica e

cordial entre o núcleo e a periferia da família patriarcal, uma peculiaridade da cultura brasileira, leva Almeida (1996) a questionar algumas análises que apressadamente generalizam e associam nossa *subjetividade* – aí incluídos a emotividade, a sensibilidade e o *machismo* dos brasileiros - a uma influência vaga dos povos ibéricos e latinos, como já tratei anteriormente, por exemplo em Pitt-Rivers (*in*: Czechowsky [org.] 1992). Neste sentido, evidencia-se a capacidade da sociedade brasileira de *produzir* e, ao mesmo tempo, de ser *alvo* de diferentes estilos de estruturação subjetiva da masculinidade. Destaque-se que as modalidades de convívio dos brasileiros parecem ser constituídas através de uma ética emotiva que se entranha na vida social de uma forma pouco compreensível à maioria dos estrangeiros. O "homem cordial" brasileiro, apresentado a nós por Freyre (1936; 1961), adota uma polidez "epidérmica" que, paradoxalmente, visa tanto a preservar intactas sua sensibilidade e sua emotividade quanto a evitar uma convivência pessoal com sua própria *subjetividade*, o que explica a dificuldade de lidar com a intimidade por parte de muitos homens, muitas vezes necessitando apoiar-se apenas em si mesmos para enfrentar as diversas circunstâncias da vida social, e, ao mesmo tempo, expressando uma espécie de exacerbação freqüentemente superficial da espontaneidade e da receptividade interpessoais.

> *Em nosso modo de ver, tal comportamento estaria ancorado no mecanismo da* fusão com o outro*, um subproduto de um tipo de subjetividade sistematicamente voltada para a referência exterior (exo-referência). Ou seja, a polidez é utilizada, a um só tempo, como dispositivo de resistência e anteparo ao desvelamento das emoções pessoais e como libertação do pavor que os indivíduos sentem em viver consigo mesmos, ou apoiar-se em uma vida privada e pessoal. Neste último caso, o recurso geralmente utilizado para relativizar o mal-estar seria o da "fusão com o outro". A dificuldade radical, sobretudo por parte do homem, em "viver consigo mesmo" encontra, no ritual da polidez, uma possibilidade de solução e apaziguamento* (Almeida, 1996, p. 57-58).

Particularmente entre os homens, são típicas deste fenômeno peculiar - como já tive oportunidade de apontar anteriormente - certas reuniões e festas de nossa classe média em que, apesar dos abraços e das tapinhas nas costas, das piadas, dos gracejos mútuos e dos costumeiros comentários sobre as proezas sexuais de cada um, percebe-se claramente a dificuldade de muitos deles de compartilhar verdadeiramente suas vidas pessoais. Espaços potenciais de confraternização entre iguais, tais situações são

parcamente vivenciadas por muitos homens por conta do modelo viril patriarcal ainda fortemente instalado na *subjetividade* e no imaginário masculinos.

Almeida (1996) aponta na fase patriarcal da história política e literária do Brasil, especialmente durante o período do Império, a preponderância de um subjetivismo ralo e medíocre em boa parte da classe dominante, associado a uma grande falta de interesse pelos problemas concretos, imediatos e locais, além de uma ausência quase completa de objetividade, "de modo que os assuntos gerais eram tratados não só do ponto de vista inteiramente masculino como por processos mentais ou psíquicos quase exclusivamente masculinos, isto é, com a preponderância do elemento subjetivo sobre o objetivo" (Freyre, 1961, p. 108). Desta forma, podemos constatar que a *dominação patriarcal e a subjetividade masculina* se mantêm como marcas que, apesar de abaladas nos tempos mais recentes, ainda se mantêm significativamente firmes nas *relações sociais de gênero* e no imaginário dos brasileiros.

Através de pesquisa em muitos aspectos semelhante à investigação que realizei - pois busca desvelar os principais constituintes da *subjetividade masculina* e o que significa *ser homem* entre indivíduos da classe média carioca - Almeida (1996) detecta entre seus entrevistados uma clara dificuldade de relativizar a *naturalização* e a *diferenciação* dos *papéis sociais* culturalmente atribuídos a ambos os *gêneros*, explicando tal apartação patriarcal por meio das palavras de Freyre (1961):

> *também é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo. (...) À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário - tal como o que dominou longo tempo no Brasil -, convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por esta diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades do gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino* (p. 91).

Candido (*in*: Smith, 1951) também nos auxilia na compreensão da *subjetividade* do homem brasileiro. Destaca o papel historicamente fundador da família patriarcal na vida pública e privada do Brasil, interferindo em sua organização econômica, política e social através de suas características contraditórias. Neste sentido, Candido vai além ou se diferencia de Freyre (1936), numa análise mais detalhada e complexa, pois

percebe no modelo clássico da família patriarcal brasileira uma clara dualidade, que contrapõe seu núcleo – composto do patriarca, sua mulher e seus filhos legítimos, vivendo na casa-grande – à sua periferia – constituída por um grupo menos definido, mas ainda extensivo à influência do patriarca. Esta dicotomia tem como conseqüência a criação na realidade e na *subjetividade* dos homens brasileiros de um "double moral standard" (padrão moral duplo) pautado na separação das funções reprodutivas legais da família em relação ao espaço afetivo e sexual vivido na sua periferia, conforme a análise sociológica de Candido*:*

> *sobre as aparências de uma rigidez proverbial, o núcleo sofria diretamente a contracorrente dos grupos satélites. Ancorado no centro de um genuíno caos sexual, ele servia, de um lado, como uma força estabilizadora e criava não somente a tradição de uma vida disciplinada, mas penetrava com seu poder regulador dentro do caos, formando famílias monogâmicas e cristãs no seio da escravidão. Em uma certa medida, o núcleo desobstruía torrentes de sexualidade. No entanto, de outro lado, esse mesmo núcleo legal sofria do impacto da situação que, acima de tudo, facilitava as irregularidades sexuais do homem. Estas irregularidades, muitas vezes, eram impostas por um tipo de casamento que quase sempre assumia a mais rígida forma de contrato, excluindo de seu âmbito a idéia de satisfações emocionais* (p. 302-303).

Para Almeida (1996), o fenômeno da dualidade casa-rua na *subjetividade* do homem brasileiro permite compreender as costumeiras bravatas e fanfarronices sexuais de nossos *machos* e a forma peculiar como manifestam ostensivamente sua capacidade reprodutiva e sua virilidade aparentes. Ouso acrescentar que a constante possibilidade ameaçadora da perda de sua potência viril deixa alguns homens permanentemente alertas contra o fantasma do homossexualismo sempre latente, reagindo através de uma homofobia defensiva e violenta e do conseqüentemente desenvolvimento de um estereótipo de fortaleza e de agressividade. Assim, devo concordar com o comentário lapidar de Candido (*in*: Smith, 1951) de que

> *o homem casto no Brasil, como um tipo ideal, é praticamente inexistente, contrariamente à situação de outras culturas. Isso tudo é levado a um tal ponto, que os pais, mesmo enquanto procuram preservar a pureza de seus filhos, sentem-se um pouco desapontados, se eles são bem-sucedidos neste objetivo* (p. 311).

Por sua vez, Buarque de Holanda (1984) contribui com a discussão acerca da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* do homem brasileiro através da noção de "cultura da personalidade", que permite explicar a supervalorização da autonomia masculina e sua resistência a qualquer tipo de dependência, numa espécie

de “individualismo radical”, bem como a ausência de princípios básicos de coesão e de consenso que reúnam a sociedade brasileira em torno de um padrão mais estável e homogêneo:

> *para os espanhóis e portugueses, o índice do valor de um homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes (...) - e as virtudes soberanas para essa mentalidade são tão imperativas que chegam por vezes a marcar o porte pessoal e até a fisionomia dos homens. (...) Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida. (...) À frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares da história das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil. Os elementos anárquicos sempre frutificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolência displicente das instituições e costumes. As iniciativas mesmo quando se quiseram construtivas, foram continuamente no sentido de separar, não de os unir. Os decretos dos governos nasceram em primeiro lugar da necessidade de se conterem e de se refrearem as paixões particulares momentâneas, só raras vezes da pretensão de se associarem permanentemente as forças ativas* (p. 4-5).

Mais adiante, acrescenta, sobre a vida íntima do homem brasileiro:

> *ela nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre a seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades* (p. 112).

Desta forma, podemos encontrar na colonização portuguesa os elementos históricos, políticos, sócio-culturais e mesmo econômicos que germinaram tanto as raízes do Estado brasileiro e de suas instituições quanto a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* de nosso homem. As características principais de nossa formação favoreceram o desenvolvimento do personalismo masculino, ou seja, a auto-referência e a auto-suficiência dos homens, tendo como conseqüência a labilidade das instâncias sócio-políticas por conta de sua resistência à hierarquia e à organização e de sua tendência à separação (econômica, das classes, dos *gêneros* etc.) e à dispersão das ações coletivas. A vida pessoal e coletiva do homem brasileiro, herdeiro do patriarcado, mostra-se freqüentemente inconsistente e desorganizada, o que parece transparecer numa certa desintegração social pouco consciente e numa ilusória “liberdade” para absorver influências, idéias e posturas exteriores a ele.

Para Almeida (1996), essa inconsistência viril tende a se manifestar também através do discurso retórico dos homens que entrevistou, pautado com freqüência em analogias, imagens e símbolos relacionados à sexualidade. As figuras emblemáticas do

grande patriarca e do senhor de engenho parecem constituir um modelo fundador da *subjetividade* e da *condição masculinas* do brasileiro, caracterizado por uma atitude tanto simbólica quanto concretamente utilitarista e "predatória" no que diz respeito à mulher, à terra, aos seus bens e às suas propriedades, todos acessíveis a seu "desfrute". Essa atitude hipersexualizada do homem brasileiro seria um elemento indissociável da organização e do funcionamento de sua *condição* e de sua *subjetividade masculinas*, manifestando-se claramente na linguagem e no discurso de nossos *machos*. Apesar de parecer arcaica ou extemporânea na atualidade, essa lógica simbólica e de características primitivas e rudimentares ainda mantém-se entranhada, mesmo que sutil ou veladamente, nas concepções e nas falas de muitos homens acerca da amizade, do casamento e das relações afetivo-conjugais e extraconjugais com as mulheres. Neste contexto, as *falas masculinas* representam um recurso importante para a compreensão da influência do componente sexual nas relações sociais de nossos homens, pois muitos deles parecem confundir os diferentes campos do afeto e da sexualidade.

> *Não são raros os exemplos de depoimentos em que se percebe, naturalmente, a identificação da mulher à condição de "alimento" ou "comida", para o homem. Por mais assimilado que esteja, em nosso repertório verbal, a expressão "comer" para se referir à relação sexual, encontrei a possibilidade de complexificar um pouco mais o seu significado. Este raciocínio acabou por me parecer muito mais abrangente e digno de estender seu raio de significação e influência a toda uma modalidade de organização desta subjetividade masculina. Além das questões objetivamente ligadas ao sexo, o referencial sexual, percorre, traduz e expressa, desde as áreas ligadas ao lazer e à vida profissional, ao público e ao privado, à rede de relações sociais, à concepção da intimidade, à vida em família, à rede de amigos homens, até itens relacionados ao universo de valores e princípios morais e éticos. A presença invasora desta dimensão metafórica do sexo pode ser encarada também a partir de seu padrão ambíguo de funcionamento. Esta ambigüidade pode, por sua vez, ser entendida do seguinte modo: o plano do* conteúdo*, que parece reger a intensa "loquacidade" sexual dos entrevistados, é identificado com padrões de modernidade, pois revelaria, em sua "informalidade" e "naturalidade", uma quebra da inibição ou da distância que caracterizaria aquela situação. O uso de palavrões, gírias, metáforas sexuais etc. pode servir de exemplo para essa identificação com padrões de "igualitarismo" e modernidade. A utilização, portanto, deste vasto elenco de expressões e referências configuraria a seguinte relação: conteúdo = moderno* (p. 132).

Portanto, para Almeida[26] – que baseia sua análise nas concepções de Figueira (1980; *in*: Almeida, Carneiro & Paula [orgs.], 1987; 1991) acerca das transformações sociais da *subjetividade* e da *condição masculinas* do brasileiro - o aparente discurso moderno, espontâneo, informal e loquaz de seus entrevistados encobre apenas superficialmente as ainda intensas influências das figuras emblemáticas do grande patriarca e do senhor de engenho no imaginário, nas fantasias e nos desejos masculinos. Não se pode negar a interferência dos resquícios patriarcais no imaginário sócio-cultural bem como na *subjetividade* e na *condição masculinas* dos brasileiros. Entretanto, creio que são inegáveis também as mudanças pelas quais os homens vêm passando ao longo dos tempos, particularmente nas últimas décadas. A análise de Almeida, embora aguçada e perspicaz, certamente por partir de um olhar peculiar a seu próprio *gênero*, o feminino – como a pesquisadora chega a admitir - parece impedi-la de perceber e de reconhecer algumas transformações significativas nas concepções masculinas acerca de suas relações com as mulheres. Embora um de seus entrevistados, por exemplo, destaque a preocupação crescente de muitos homens com o prazer sexual de suas parceiras, tal postura recente de cuidado masculino com o outro é desconsiderada – numa atitude bastante comum entre algumas militantes feministas – e tomada ainda como uma atitude peculiar ao *machão*, unicamente preocupado com seu desempenho e com sua capacidade de satisfazer sexualmente suas "presas". Pode-se perguntar: se as mulheres se queixaram durante séculos da insensibilidade sexual de seus parceiros, por que mantêm a mesma crítica mesmo quando muitos deles passam a cuidar de satisfazê-las? Sem dúvida, esta queixa feminina persistente não deixa de ser uma estratégia de luta pelo *poder sexual* - e, portanto sócio-cultural - ainda nas mãos dos homens, mas serve também para subvertê-lo e para dar às mulheres cada vez mais acesso a ele.

[26] Almeida (1996) fundamenta suas considerações na perspectiva de que, "para conseguir examinar esse processo social 'de fora', é preciso ir além daquilo que é visível para as pessoas e, mesmo, para os estudiosos da sociedade munidos por teorias sociológicas clássicas. É preciso ir do 'sociologicamente visível' (aquilo que a maior parte das teorias sociológicas problematiza e nos permite ver e pensar sistematicamente) até o 'sociologicamente invisível' (toda a dimensão que a maior parte das teorias sociológicas negligencia, seja porque não percebe sua importância, seja porque a considera da alçada das disciplinas psicológicas)" (Figueira *in:* Almeida, Carneiro & Paula [orgs.], 1987, p. 14).

Vários cientistas sociais trataram da *dominação masculina* sobre as mulheres e da universalidade impositiva do modelo patriarcal nas relações humanas ao longo de muitos séculos. Para Balandier (1974), por exemplo, “a relação homens/mulheres é a mais profunda base de todas as relações desiguais” (p. 57). Lévi-Strauss (1976) afirma que

> *a autoridade política, ou simplesmente social, pertence sempre aos homens, e esta prioridade masculina representa um caráter constante, quer se ajuste a um modo de filiação patrilinear ou matrilinear, na maioria das sociedades primitivas, ou imponha seu modelo a todos os aspectos da vida social, conforme acontece nos grupos mais desenvolvidos* (p. 156).

Por sua vez, Enriquez (1991) considera que

> *desde Engels e Freud, todos os autores estão de acordo (qualquer que seja a sociedade abordada) quanto ao estatuto inferior e dominado da mulher e quanto às características de desordem e de vinculação com a natureza (considerada aqui como antagônica e antinômica da cultura), que revestem o feminino* (p. 182).

Acompanhando a argumentação deste último cientista social, analiso e questiono as diversas hipóteses sociológicas que buscam explicar tais fenômenos historicamente generalizados, quer justificados por conta da decisiva importância sócio-econômica da caça para a *dominação masculina* (Meillasoux, 1976), da necessidade de *diferenciação* por meio de especializações técnicas e da produção de variados tipos de alimentação (Lévi-Strauss), ou da geração material e simbólica da sociedade pelos homens através das mulheres (Balandier). Enriquez destaca a fundamentação sociologicamente coerente de todas essas hipóteses, mas as considera apenas parcialmente completas, sugerindo uma explicação pautada tanto na análise do imaginário e dos mitos culturais quanto nas considerações clínicas surgidas a partir da psicanálise. Neste sentido, afirma que, “até recentemente, prevalecia a tese da bissexualidade biológica: todos os seres humanos seriam, em proporções variáveis, masculinos e feminino ao mesmo tempo” (p. 183). Entretanto, estudos mais recentes nas áreas de embriologia, de anatomofisiologia e de endocrinologia – como já tive a oportunidade de anunciar e de discutir a partir de Jost (*in*: Sullerot [ed.], 1978) em outro ponto desta tese – apontam para o fato de que “todos os seres humanos pertencem inicialmente ao sexo feminino” (Sherfey, 1978). Viderman (1975) até mesmo ironiza as conseqüências desta descoberta surpreendente para o orgulho masculino:

> *existe aqui um retorno das coisas que têm um peso no narcisismo dos homens. Após as feridas narcísicas que Copérnico, Darwin e Freud infligiram ao narcisismo dos humanos, a biologia parece visar o sexo forte, com a hipótese de que se, biologicamente, há um só sexo, não é aquele que pensamos... Foi Adão que nasceu da costela de Eva* (t. XXXIX).

Entretanto, apesar da "primogenitude filogenética" feminina cientificamente comprovada – que poderia fazer-nos pensar na maior possibilidade de conquista de privilégios sociais por parte das mulheres - podemos encontrar, entre homens de todas as sociedades, mitos e comportamentos que apontam a mulher como um ser associado ao mal (evidentemente, não como um fenômeno natural, mas como uma atitude *construída* culturalmente). Para Enriquez (1991), "tal fato, tão geral, só pode ser indispensável para a estrutura da ordem social" (p. 186). Argumenta que as relações humanas básicas dizem respeito à sexualidade (que possibilita a procriação e a reprodução social), ao trabalho (fundamental para a sobrevivência) e a morte (que elimina as demais condições anteriores). Se

> *a sociedade se funda* contra as mulheres mas através das mulheres*, um ser que representa a violência do amor e que é o símbolo e o instrumento possível da morte, deve necessariamente tornar-se um ser que trabalha; suas pulsões de vida e suas pulsões agressivas podem então ser canalizadas para o benefício de todos, ou mais exatamente, em benefício da comunidade dos homens* (p. 203).

Ou seja: todas as investigações sociológicas e antropológicas sobre o trabalho feminino demonstram que, em todas as culturas e sociedades, as mulheres têm uma carga de trabalho significativamente maior do que a das tarefas que cabem aos homens, pois as atividades femininas são sempre mais desgastantes, desprestigiadas e repetitivas – como o trabalho doméstico (Farias, 1983), um exemplo típico – situação que torna as mulheres, pelo menos potencialmente, objeto das principais e freqüentes novidades experimentais que surgem no campo da exploração social e na área do trabalho. Um de meus entrevistados[27] reconhece a sobrecarga de trabalho que pesa sobre a mulher, comparando-a com a situação social privilegiada do homem, o qual geralmente consegue,

> *em termos sociais, maior independência econômica, o trabalho mais fora de casa, a pouca participação na educação dos filhos em caráter doméstico, enquanto que a mulher vem assumindo um interesse mais produtivo no mercado de trabalho, mas que não deixou de basicamente ser a responsável por todas ou quase todas as tarefas domésticas e educacionais*

[27] Entrevistado aos 40 anos, Jorge é um médico e funcionário público nascido em Fortaleza (CE) que viveu no interior cearense até a adolescência.

> *dos filhos. Eu acho que existe diferença porque existe o preconceito na questão da mulher, embora que uma regra não exista, mas normalmente a mulher ganha menos, é mais discriminada, o mercado de trabalho exige teste de gravidez, controla a menstruação. Quer dizer, é uma forma de discriminação: paga menos.*

Balandier (1974; 1976) considera que tal dicotomia sócio-cultural desfavoreceu a mulher desde os primórdios da humanidade e as sociedades arcaicas, pois restavam-lhe sempre as tarefas e os deveres difíceis e desagradáveis, enquanto o homem ficava livre para se dedicar aos seus próprios prazeres. Mesmo nos tempos atuais, em todo o mundo contemporâneo, as mulheres representam dois terços dos trabalhadores que recebem menor remuneração. Entre as categorias salariais mais baixas, as mulheres são principalmente operárias de baixa qualificação, empregadas em funções inferiores e pequenas vendedoras em grandes lojas. Além disto, ainda são relativamente poucas as mulheres que assumem cargos nos governos, nas representações legislativas e em grandes empresas, embora já sejam a maioria nas instituições de ensino superior. Acrescente-se que algumas profissões, anteriormente consideradas masculinas ou que contavam com maior participação dos homens, vêm se tornando progressivamente femininas, como os ensinos primário e secundário, o serviço social e a medicina hospitalar, o que, para Enriquez (1991), não é um produto das lutas e conquistas das mulheres, mas conseqüência de uma desvalorização de algumas profissões - como as referidas acima - que têm sido associadas a um certo tipo de “intuição” feminina, gerando a proliferação de profissões assistenciais e reparadoras em várias sociedades. Ao mesmo tempo, alega que

> *não devemos atribuir, entretanto, esta situação unicamente à vontade dos homens de manter as mulheres em trabalhos subalternos e difíceis. É certo que tal dominação existe e que é ratificada pelo sistema social: seria vão negá-lo. Mas é necessário, também, constatar que muitas mulheres que teriam possibilidades opõem-se a ocupar cargos de responsabilidade na vida social, e consideram normal que os homens ocupem funções de* poder (nota de final de texto, p. 384).

A partir destas considerações, Enriquez justifica tal situação sócio-cultural desfavorável às mulheres diante dos homens e em todas as sociedades, utilizando várias explicações interpretativas:

1. A ideologia patriarcal masculina ainda dominante, introjetada por homens e mulheres, faria com que indivíduos de ambos os *gêneros* – mas especialmente as mulheres –

tendessem a agir como vítimas condescendentes, que protestam freqüentemente contra a *dominação masculina*, mas que, no fundo, estariam satisfeitas de serem acolhidas por aqueles que as protegem. Ou seja: as mulheres, ao mesmo tempo admiram os homens por se manterem no seu *papel* viril tradicional – desejado e esperado por elas - porém os criticam e os maldizem como seus contumazes opressores, o que permite a elas adotar, portanto, a função de autênticas guardiãs da ordem social;

2. As mulheres estariam inclinadas a uma certa "histeria", isto é, a funcionar como verdadeiras armas sexuais que usam sua habilidade de expressão emocional como um insidioso *poder* sobre os homens, através das "artes" da sedução, dos carinhos especiais e das ameaças de abandono. Como tal *poder* feminino não é adequado às atividades diretas de comando, as mulheres teriam melhor capacidade para tarefas de aconselhamento, de assistência social e de relações públicas;
3. Muito centradas em seu corpo e em seus afetos, as mulheres tenderiam a desconsiderar a civilização e o mundo social mais amplo, voltando-se para a família e para os filhos e aceitando a grande carga do trabalho doméstico, com suas tarefas repetitivas, desgastantes e desprestigiadas, mas alçando ao centro do *poder* familiar e delegando aos homens o *poder* externo;
4. Culpabilizadas e divididas entre as exigências freqüentemente contrapostas do lar e da família, de um lado, e do trabalho social externo, de outro, as mulheres logo se dariam conta de que o exercício do *poder* exige como conseqüência, entre outros sacrifícios, a busca permanente de um equilíbrio quase impossível. Correndo sempre o risco de nunca poder investir o bastante nas tarefas complexas do mundo social ou de permanecer cindida num duplo papel, a mulher tenderia, mais comumente, a optar pela aceitação de uma situação subordinada;
5. Finalmente, as mulheres seriam histórica e intrinsecamente contra o *poder*, pois seu usufruto sempre implicaria o uso da força, da violência e das práticas de guerra, concebendo a sociedade como o *locus* dos constantes conflitos e embates masculinos e recusando as armadilhas institucionais, que os homens estariam mais aparelhados a enfrentar.

Embora os fenômenos sócio-culturais levantados por Enriquez (1991) sejam inegáveis, não posso concordar com todos os seus argumentos explicativos, particularmente no que se refere à pretensa aceitação de um papel subordinado por parte das mulheres, pois, em muitos pontos, tais alegações parecem desconsiderar que o *poder* feminino também existe e que, apesar de se manifestar de forma freqüentemente mais discreta, suave e sutil do que o *poder* masculino – comumente narcísico e exibido - tem se mostrado eficiente e capaz em várias atividades sociais e coletivas, antes apenas delegadas ou assumidas pelos homens. Entretanto, creio que algumas considerações do grande cientista social mereçam ser levadas em conta e devidamente discutidas, o que faço aqui:

1. Sem dúvida, não se pode negar a ainda evidentemente intensa *dominação masculina*, pautada em grande parte nos valores da secular ideologia patriarcal, que serviu como uma espécie de fôrma da *subjetividade* e da *condição de gênero* de homens e mulheres, embora seja necessário reconhecer que - até como estratégia de sobrevivência – as mulheres tenham desenvolvido formas de burlar ou de minar tal opressão. Neste sentido, acredito que a atual confusão dos homens acerca de seu *papel sócio-cultural* e do que se espera deles seja um produto, pelo menos parcialmente, desta "guerrilha" íntima, comandada pelas mulheres e travada não apenas no recesso do lar, mas também em espaços sociais cada vez mais amplos. Talvez não seja por acaso que, mesmo em sociedades e culturas consideradas mais tradicionais ou conservadoras, como a nossa – Fortaleza é uma cidade brasileira, nordestina e cearense - algumas mulheres, especialmente as mais velhas, sussurrem ironicamente entre si ou para as mais jovens – que, muitas vezes, já não seguem a "sabedoria" das antigas, pois apenas entendem o exercício do *poder* em suas manifestações viris – sobre a "arte" de comandar os homens, fazendo-os pensar que eles continuam sendo os grandes senhores de seus lares, como muitos persistem ainda crendo que são;
2. Também – como conseqüência das considerações acima – devemos reconhecer a habilidade *construída* pelas mulheres no uso de suas "armas" sexuais e afetivas, mesmo que de forma manipuladora, pois, se foram esses mesmos recursos que os

próprios homens deixaram a elas, que outras artimanhas elas poderiam usar? Se a *subjetividade* - particularmente no que se refere às emoções e à intimidade - foi sempre considerada “coisas de mulher”, o *gênero* feminino se tornou especialista na sua compreensão e na sua aplicação prática, e, neste sentido, muito tem o que ensinar aos homens. Resta a dúvida se eles de fato estão dispostos a aprender com as mulheres e se elas estão também disponíveis a ensinar-lhes sua habilidade de administrar o pretenso *poder* masculino da forma alternativa como vêm exercendo-o em funções que já não se limitam às tarefas tradicionalmente consideradas femininas, enquanto alguns homens ainda persistem numa resistência crescentemente ineficaz às argumentações e tomadas de posições das mulheres;

3. Já tive a oportunidade, em outro ponto desta tese, de tratar do desenvolvimento e da “manutenção de um mínimo *poder* feminino” no espaço doméstico por parte de algumas mulheres, exatamente por conta de sua privação de *poder* no espaço social e da persistente resistência masculina a compartilhar com elas as lides do lar. Não creio que a mulher seja indiferente ao mundo social, em absoluto. Como fêmeas, elas gestam seus filhos – o que, pelo menos até hoje, ainda é biologicamente impossível aos homens - mas a criação e a educação da prole é uma tarefa árdua e difícil que muitos pais, mesmo hoje, evitam assumir, restando às mulheres a cruel divisão entre o espaço privado e o público, caso ainda tenham alguma disposição para investir no mundo social. Penso que as limitações das mulheres quanto ao acesso ao espaço público devem-se muito mais às resistências masculinas a que elas trabalhem e à sua tradicional divisão culpabilizada entre o trabalho externo e os cuidados com o lar e com sua prole do que a um desinteresse feminino pelo mundo social;
4. As mulheres, não resta dúvida, já não aceitam uma função subordinada sem pelo menos algum tipo de compensação. Atualmente, poucas ainda aceitam se dedicar exclusivamente às tarefas domésticas e à educação dos filhos, mas geralmente trata-se de uma decisão pessoal ou pautada em circunstâncias em que não há outra solução possível. A maioria delas busca ativamente sua inserção no mercado de trabalho como uma necessidade básica ou como uma tentativa de realização

pessoal, muitas vezes se chocando com a resistência e a oposição dos homens. Por outro lado, a maioria dos homens ainda se exime, evita ou se opõe a participar das atividades domésticas por considerá-las uma obrigação essencialmente feminina;

5. Por último, também não creio que a mulheres sejam intrinsecamente contra o *poder*, mas que vêm lutando há séculos por um espaço social a que têm direito e igualmente contra a forma muitas vezes truculenta como o *poder patriarcal* tem sido exercido pelos homens – especialmente contra elas - e, em alguns casos, propondo, desenvolvendo e aplicando - se encontra ou se consegue criar condições para isso - modos alternativos de administração do referido *poder*.

Enriquez (1991) argumenta que, mesmo no início da Revolução Industrial, crianças e mulheres eram as primeiras a serem convocadas para as novas tarefas, tornando-se trabalhadoras anônimas, assalariadas, desqualificadas, sem profissão definida e submetidas à alta rotatividade nas indústrias têxteis e nas minas de carvão. Dedicavam-se às tarefas mais árduas que o capitalismo sistematicamente necessitou e costuma requisitar, pois muitos homens rejeitavam tais funções, sonhando com posições mais elevadas e reconhecidas. De qualquer forma, acena com algumas esperanças e alguns alertas quanto a uma nova configuração tanto da *subjetividade* quanto da *condição* e dos *papéis masculinos* e femininos:

> *é possível que a orientação atual à indiferenciação dos sexos, que implica a aceitação de valores femininos no homem e de valores masculinos na mulher, devam acarretar maiores modificações na posição subjetiva e social das mulheres. É ainda muito cedo para perceber com clareza. O interesse de um número significativo de mulheres pela vida militar, a participação de mulheres no primeiro plano de grupos terroristas, o número cada dia mais importante de mulheres* gangsters *que não temem utilizar armas mortíferas, nos parecem ser os primeiros sintomas de um processo de transformação que, se for até o final, reforçaria a tendência à uniformização característica das sociedades modernas* (nota de final de texto, p. 385).

Numa espécie de exercício lúcido de “futurologia” dos tempos em que vivemos, Enriquez anuncia:

> *se nos detivermos na evolução do trabalho contemporâneo, perceberemos: que o trabalho temporário (que pode ter um grande futuro se mudanças políticas não ocorrerem) atingiu inicialmente os trabalhos femininos (principalmente os de escritório), antes de levar em conta os trabalhos masculinos; que o trabalho dos “colarinhos brancos” masculinos começaram a se degradar quando os funcionários foram obrigados a trabalhar sobre máquinas e num ritmo comparável ao dos operários (...); o desemprego atinge inicialmente as mulheres, antes de tornar-se um elemento estrutural do funcionamento das sociedades ocidentais. Tudo se passa*

> *como se as mulheres fossem uma população que permite experimentar medidas que em seguida serão aplicadas aos homens* (p. 205).

De fato, com as transformações freqüentemente traumáticas da globalização mundial e do império generalizado do neo-liberalismo, o emprego temporário, além do trabalho informal, vem se constituindo como mais uma modalidade de exploração que o capitalismo impõe à grande massa de trabalhadores. O espectro ou a realidade do desemprego tem atingido indivíduos de ambos os *gêneros*, mas os homens, apesar da importância do *trabalho* para a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* – como já apontei anteriormente e volto a demonstrar mais detalhadamente na terceira parte desta tese – costumam resistir à assunção de atividades e de funções desgastantes e que consideram humilhantes como trabalho profissional, especialmente aquelas que estão associadas ao universo feminino e que as mulheres mais facilmente aceitam.

Sabiamente, Enriquez (1991) adverte que a "vitória" do homem do patriarcado sobre a mulher gera conseqüências nefastas para si mesmo. Se, por um lado, seu triunfo propicia a criação de instituições essenciais à vida social e a fuga do "paraíso encantado" – mas mortífero para sua virilidade – do *poder* materno, por outro, produz uma *dominação* hierarquizadora que diferencia homens e mulheres e impossibilita a utopia de uma sociedade igualitária, justa e mais acolhedora da *diversidade* das ricas *subjetividades* possíveis de serem *construídas* através do contato mútuo entre seus cidadãos:

> *recusando-se a enfrentar autenticamente a diferença de sexos, a enfrentar a mulher enquanto encarnação típica do* outro*, aquela que lhe lembra que seu desejo pode ser interrogado, aquela cuja confissão de reconhecimento é necessária para que o homem possa reconhecer-se enquanto tal, o homem instaura o social sobre uma violência da qual não poderá jamais se desligar e que o atingirá no mais profundo do seu ser* (p. 207).

Descrevendo a *construção da subjetividade masculina*, Enriquez (1991) retoma e reforça algumas questões já tratadas aqui, nos lembrando que "a situação de *jovem* é, por definição, uma situação precária", pois

> *as sociedades humanas (...) fundam-se através da constante passagem (para os machos e somente para eles) da situação de crianças reduzidas a uma existência "infra-social" à de "homens jovens, reconhecidos socialmente e ainda dependentes" e, finalmente à situação de*

> *"homens detentores da plenitude de direitos e de privilégios"*[28]*. Situação temporária, submissão temporária, esta é a sorte das crianças machos. Sorte não comparável à das mulheres, colocadas em situação de menores* "ad vitam aeternam" (p. 208).

Acrescenta que a relação entre pais e filhos é intensamente marcada por freqüente antagonismo, costumeira ambivalência e, muitas vezes, crueldade. Além das mulheres, a *violência* dos homens tem como vítimas contumazes seus congêneres e seus próprios filhos. Em grande parte, nossa cultura patriarcal reconhece um homem como adulto quando ele torna-se pai, pois deve assumir o *papel* daquele que "inicia", educa e propicia alguma "garantia" da *construção sócio-cultural* da *subjetividade* e da *condição masculinas* de seus filhos conforme parâmetros bastante claros e definidos, como já tive a oportunidade de tratar. A paternidade também torna o homem o depositário das leis sociais, transformando-o num dominador potencial, que, em algumas culturas, conta com plenos direitos sobre sua prole:

> *enquanto ele é solteiro, ele é vagabundo*[29]*, desligado, não tem direito de fazer aliança com outros clãs e outros grupos, é o possível ladrão de mulheres dos outros. A paternidade o transforma em membro aceitável, racional, um* indivíduo social*. É a criação física de um "não-social" - a criança (que deve ser imersa no social) - que transforma o possível* perturbador *em indivíduo integrado* (p. 209).

Entretanto, nunca há garantias seguras de que a "iniciação" do jovem *macho* tenha sucesso. Além disto, o risco é sempre duplo, pois, ao fracassar, pode comprometer não apenas a *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* do filho, mas também o *papel social* e *culturalmente* instituído do pai como adulto engendrador de outros *machos* e como indivíduo social. Há sempre o perigo de que, sendo criado "sob as saias" da mãe, o menino seja aprisionado e tragado por ela, tornando-se apenas um "filhinho da mamãe" ou mesmo uma "mulherzinha" como ela. Desta forma, a figura paterna não será idealmente investida nem aceita pela comunidade patriarcal como um cidadão reconhecido entre os demais. Assim, é *papel sócio-cultural* do pai – pelo menos no patriarcado, que ainda resiste – interditar e romper a ligação simbiótica de afeto e de apego excessivos de seus filhos com a mãe que os superprotege por meio de um

---

[28] Cf. Balandier, *op. cit.*, p. 70.

[29] Aqui, devo relembrar outra condição básica da *construção sócio-cultural* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, e, conseqüentemente, do seu reconhecimento como indivíduo adulto, ou seja, o *trabalho profissional*, que vai engendrar nos homens a ainda persistente instituição do *papel* patriarcal

fenômeno coletivamente instituído como um ritual que se mantém até hoje, ainda que de forma diluída e simbólica, tanto no imaginário quanto na vida concreta dos homens, “libertando-os” do mundo da natureza - originalmente feminino - e instalando-os no mundo masculino da cultura ancestral. Já tive a oportunidade de descrever alguns destes ritos de instituições (conforme denomina-os Bourdieu [1982/1990]), bem como as freqüentemente violentas provas de resistência à dor física e psíquica que são aplicadas aos jovens *machos*, candidatos ao estatuto viril, relatados em impressionantes documentos gráficos e pictóricos de diversas culturas, embora nem sempre devidamente considerados por alguns cientistas sociais. Neste particular, devo destacar que “a tortura é a essência do ritual de iniciação. (...) No ritual de iniciação, a sociedade imprime sua marca sobre o corpo (...) ou, em outras palavras, ela imprime sua lei” (Clastres, 1974, p. 155ss).

Mais significativamente a partir do século XX, o progressivo conhecimento científico acerca da criança e sua conseqüente admissão como pessoa com direitos sociais (Ariès, 1981) geraram uma certa confusão difusa na família. Divididos entre o modelo castrador e autoritário do patriarcado - que começou a ser questionado - e as perspectivas de uma emergente proposta de educação mais compreensiva das reais necessidades infantis - mas que exige atenção, cuidado e acompanhamento mais intensos das crianças - os pais muitas vezes terminaram por abdicar em grande parte de seu tradicional papel de iniciadores de seus filhos em prol de outras instituições formais e informais que crescentemente passaram a interferir na vida familiar, como a escola, os grupos de pares e os meios de comunicação de massa. Mead (1963; 1966; 1971) sugeriu que tais transformações na família seriam resultado da própria evolução geral das relações entre pais e filhos[30]. Entretanto, Enriquez (1991) critica a tese da

---

de provedor de sua família, da mulher e de sua prole, bem como boa parte de sua “necessária” – como muitos homens ainda costumam acreditar – auto-suficiência sócio-econômica.

[30] Sua tese diferencia e classifica as diversas culturas como *pós-figurativas* (em que a aprendizagem dos jovens é predominantemente conduzida pelas gerações anteriores, como na maioria das sociedades arcaicas), *cofigurativas* (em que tanto adultos quanto jovens são instruídos pelos seus próprios pares) e *pré-figurativas* (em que os adultos têm algumas experiências de aprendizagem com os jovens, como vem acontecendo cada vez mais nas sociedades contemporâneas). Portanto, hoje, estaríamos no advento ou mesmo nos primórdios de uma cultura em que os jovens exercem seu domínio devido a seu inusitado e constantemente renovado saber - a informática e a *Internet* são exemplos claros deste avanço – a cujo

antropóloga, que se fundamenta no pressuposto central de que essas relações se modificaram devido às intensas transformações econômicas, tecnológicas e históricas pelas quais vem passando a humanidade, especialmente neste último século, argumentando que

> *ora, se é verdade que a criança atualmente (particularmente o filho) aprende mais através da experiência pessoal, através de sua filiação a um grupo de companheiros, por intermédio da escola e dos meios de comunicação de massa, e se é verdade ainda que os pais (o pai, de maneira privilegiada) não possuem mais o conjunto do saber a ser transmitido e são "ultrapassados" por seus filhos, conseqüentemente, se a imagem do pai tende a se esfumar e eventualmente cair no ridículo, isto nos parece ser devido menos à incompetência dos pais (a variedade dos saberes e de seus modos de transmissão) do que à sua incapacidade de se situarem no lugar da lei e de desempenharem seu papel de* interdição *e de pólo de* identificação*. Ora,* os pais nunca souberam fazer isto; *pois não se trata de um saber do qual eles possam ser depositários e para o qual bastaria garantir sua transmissão. Trata-se de uma* posição *(estar na ordem da lei) sempre contestável que, portanto, representa sempre uma parada alta* (p. 214).

Enriquez alega que, nas sociedades modernas, pautadas no individualismo, os pais já não conseguem delegar à escola seu *poder sócio-cultural* de condutores da iniciação viril – até porque as instituições educativas não podem ou se recusam a assumi-lo, influenciadas pela contestação ao modelo autoritário patriarcal – restando a frustrante tentativa de retomar o modelo tradicional que aprenderam com seus próprios pais ou a costumeira hostilidade contra suas crias, ignorando-as ou perseguindo-as, ou mesmo desistindo de sua função de prepará-las para a vida futura. Em resumo: os pais também estão confusos, pois já não sabem mais como lidar adequadamente com as conturbadas transformações e com a diversidade da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* de seus filhos. Nesta questão, ao se contrapor às idéias de Mead, Enriquez afirma que:

- em todas as culturas, mesmo nas sociedades arcaicas, os jovens sempre representaram uma força inventiva e contestadora;
- apesar de outras causas interferirem nesse processo, a *violência* dos rituais de iniciação dos jovens *machos* apenas será compreendida se for levado em conta o caráter de contraposição dessa força juvenil;

---

controle poucos adultos têm acesso. "Podemos nos inspirar nos jovens, que parecem depositar sua fé em utopias que se realizariam imediatamente. (...) acredito que, nesse ponto, eles nos mostram o caminho, que eles nos indicam como devemos retificar nossa maneira de pensar" (Mead, 1971, p. 148).

- a essa força dos jovens – que freqüentemente convive com o fantasma da onipotência - se contrapõe o *poder* patriarcal viril e de interdição da lei paterna. Se não há uma lei que defina claramente o *papel sócio-cultural* do jovem *macho* em busca de sua *condição* e de sua *subjetividade masculinas*, ele o procurará por si mesmo, disputando ou distanciando-se do pai por não haver *identificação* com ele;
- "nenhuma sociedade conseguiu tratar serenamente tal problema. (...) A dominação sobre as crianças tem ainda muito tempo pela frente" (p. 215): o pequeno *macho* sempre teve que se submeter a rituais de submissão mais ou menos intensos, sendo percebido como um "intruso" ou um "revoltado em potencial", que precisa ser conformado para que venha a se tornar não apenas um homem, mas também um indivíduo social como seu pai. Ainda são poucos os pais e filhos que vivenciam uma relação de complementaridade. Finalmente, Enriquez conclui que

> *a dominação constante sobre as mulheres é necessária à construção da sociedade humana (a partir do momento no qual a alteridade não pode ser plenamente reconhecida e assumida), a dominação sobre os jovens é indispensável à reprodução da sociedade e é tão precária como o são as "idades" do homem* (p. 216).

Embora Mead (1963; 1966; 1971) não tenha podido prever algumas das transformações sócio-culturais que ocorreram na família e nas *relações sociais de gênero* nos anos após sua morte, acredito que suas idéias, embora diferenciadas e talvez excessivamente otimistas, não são incompatíveis, mas complementares às de Enriquez (1991).

O que parece-me mais importante destacar a partir das idéias dos vários pensadores sociais em que me apoiei nesta discussão sobre a *construção sócio-cultural* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na *contemporaneidade* é a consideração de que o modelo patriarcal de família, com seus rituais violentos de iniciação viril de seus jovens *machos* - ainda presentes, mesmo que de forma diluída, disfarçada ou sutil - vem sendo abalado na medida em que não apenas as mulheres já não se submetem docilmente ao peso das tarefas repetitivas, desgastantes e socialmente desprestigiadas que lhes são impostas por esse tradicional e cruel sistema, mas os homens, particularmente os mais jovens, começam também a questioná-lo. Portanto, acredito que as transformações sócio-culturais que as *relações sociais de gênero* vêm sofrendo,

especialmente nas últimas décadas do século XX - apesar de não proporcionarem ainda uma clareza do rumo que devem tomar - parecem indicar uma nova configuração que contemple não apenas uma maior compreensão e uma melhor relação consigo mesmos por parte dos próprios homens, mas também e conseqüentemente uma mudança significativa, mais consistente e certamente positiva de seus relacionamentos com as mulheres, com os outros homens, com a paternidade e com seu trabalho profissional. Tal transformação, sem dúvida, implica num preço, mas deve propiciar suas compensações sociais: se, por um lado, o homem deixaria de ser o único e o inquestionável detentor do *poder sócio-cultural* dominante – historicamente determinado – como ainda vem sendo desde o advento do patriarcado, por outro lado, poderá vivenciar com mais tranqüilidade e mais equilíbrio as múltiplas facetas ricamente diversificadas de um processo de (re)*construção* – árduo e difícil, evidentemente, mas com certeza também engrandecedor – de sua *condição* e de sua *subjetividade masculinas*, de maneira mais condizente com os tempos atuais.

Creio ser este um bom momento para descrever e justificar os instrumentos e os procedimentos metodológicos que utilizei nesta investigação fenomenológica da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade* a partir de *múltiplos recortes de falas* de homens que vivem em Fortaleza, Ceará, Brasil para fundamentar tais conclusões.

PARTE 2: APLICAÇÃO DE UM MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA DA SUBJETIVIDADE MASCULINA

A melhor forma de fazer um homem exprimir o que sente está em escolher os que já o exprimem e evitar os que não procedem dessa maneira - o que significa fazer uma escolha ativa, e não se deixar ser escolhido passivamente. Também significa que algumas mulheres precisam reexaminar seus valores.

Warren Farrell[31]

Quando a ciência social reconhecer que a realidade objetiva da sociedade, grupos e organizações formais é experimentada de maneira subjetiva pelo indivíduo e que essas experiências subjetivas estão intimamente relacionadas com os procedimentos humanos de externalização e objetificação nos quais os seres humanos se empenham ao pensar e agir no mundo social, então uma ciência social mais informada e baseada na realidade surgirá.

George Psathas[32]

As relações entre as ciências sociais e a subjetividade sempre foram perigosas. Como toda relação perigosa, os riscos de contágio, simbiose, dissolução mútua de identidades tornaram-se objeto de cautelas rituais, exorcismos e envergonhados preservativos retóricos. Subjetividade é uma palavra pesadíssima, apesar da leveza semântica a que está associada, ou justamente por isso. É muito difícil associar o santo nome da ciência a isto, a subjetividade, que não é dada como um objeto, porque, em cada caso e em cada momento, insiste em se auto(re)definir, sendo essa auto-descrição ao mesmo tempo: (1) relevante, sempre, porque parcialmente consecutiva ao que se auto-descreve e (2) condenada, mais do que à parcialidade, ao equívoco. Rebelde à objetificação, a subjetividade invade o campo do observador, que a examina com métodos e conceitos. E os cientistas se vulnerabilizam: também ele e ela, enfim, subjetividades. A cadeia sanitária erguida contra esta ameaça procura evitar o tema impróprio, recorrendo a acusações estigmatizantes contra os que se entregam à sedução do (anti)objeto perverso: relativismo, irracionalismo, inconsistência

[31] FARRELL, Warren. **Por que os homens são como são**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991, p. 373.

[32] PSATHAS, G. (ed.) **Phenomenological sociology**. New York: John Willey and Sons, 1973, p. 13.

> *metodológica, auto-refutação teórica, anarquismo pós-modernista, estetização diluidora. Coisa de mulher, alguém se atreveria a dizer, se os tempos fossem politicamente menos corretos. Estas palavras, associadas a práticas micropolíticas excludentes, têm sido eficientes, de um modo geral, na preservação do cordão sanitário, isto é, do círculo do silêncio em torno do tema, corriqueiro e maldito. E, graças aos deuses da epistemologia, há outras ciências para cuidar desse pântano: drená-lo, cultivá-lo, cercá-lo*.
>
> Luiz Eduardo Soares[33]

Consciente dos riscos de tentar investigar uma questão pouco reconhecida e ainda sujeita a resistências no contexto das ciências sociais (Soares *in:* Almeida, 1996) – a *subjetividade* e a *condição masculinas na contemporaneidade* - optei pela utilização do método fenomenológico, acreditando que seus instrumentos mais facilmente me poriam em contato com estas questões íntimas, pois a entrevista fenomenológica pressupõe uma "descrição [que] poderia tão facilmente se prestar a uma análise sociológica ou antropológica" (Giorgi, 1985, p. 11). Tal eleição se pautou também em minha maior versatilidade nestes procedimentos, já que minha formação e experiência profissionais como psicoterapeuta e professor se dirigiram em grande parte e há bastante tempo para o enfoque fenomenológico-existencial.

Defini como meu principal objetivo de pesquisa buscar colher, reconhecer, analisar e discutir, a partir de depoimentos, de *falas significativas* ou de *recortes* vivos, os processos através dos quais certos homens de Fortaleza vivem, experienciam, pensam, atuam, se relacionam, significam e dizem *o que é ser homem*, tendo como referência a sua própria compreensão e observação da *condição* e da *subjetividade masculinas*. Certo de que esta *construção* da masculinidade se dá, em boa parte, a partir das inter-relações e da *diferenciação* da *subjetividade* feminina, particularmente centrada na figura materna, incluí, em minha investigação, uma análise de depoimentos de alguns homens quanto às suas *relações com a mãe e com outras mulheres* significativas em suas vidas. Da mesma forma, o pai - e, por extensão, *a paternidade* e

[33] SOARES, Luiz Eduardo. *Apresentação in:* ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/feminino: tensão insolúvel**. Sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 9-10.

as *relações com outros homens* - tem sido uma espécie de “fantasma” mais ou menos assustador de muitos homens e de seus filhos, mas, outras vezes, ainda significa um modelo masculino determinante e encantador dos papéis exercidos por muitos deles, conforme pude analisar a partir de meus estudos. Finalmente, incluí uma análise das *relações e do significado que meus entrevistados atribuem ao seu trabalho profissional*, bem como de seus freqüentemente culpabilizados *momentos e atividades sociais de lazer* - entendendo que *trabalhar* ainda constitui quase que necessariamente um requisito básico para a *construção* e a reafirmação dos *papéis* masculinos e como cidadãos dignos para muitos homens, especialmente neste momento histórico e sócio-econômico em que o desemprego ronda-os como uma ameaça desestruturante.

Assim, optei por uma pesquisa essencialmente qualitativa e de base fenomenológica que buscasse obter depoimentos - a que denominei de *recortes* ou de *falas masculinas significativas* - através de longas entrevistas semi-estruturadas, pois acredito que, por meio deste instrumento metodológico, a

> *prática da vida cotidiana é interpretada pelos atores; ou seja, dentro da tradição de Mead, os atores sociais alocam sentidos aos objetos circundantes, através do processo de interação uns com os outros e consigo próprios, passando, então, a interpretar seu mundo significativo. O conhecimento que os indivíduos adquirem sobre este mundo e sobre si próprios é um conhecimento do dia-a-dia, um conhecimento ordinário que os leva a estabelecer o que é a realidade para eles* (Garfinkel, 1967, p. 50).

Ciente de que as respostas oferecidas por indivíduos entrevistados são, muitas vezes, *reações de defesa da imagem social* (Amatuzzi, 1989; Becker, 1993; Camargo, 1984; Goode & Hatt, 1979; Nogueira, 1968; Pena, 1990; Pereira de Queiroz, 1988; Quivy & Campenhoudt, 1992; Thiollent, 1987), ou seja, atitudes que escamoteiam aquelas falas mais íntimas, significativas ou verdadeiras, isto é, considerando que muitos homens buscam manter a imagem concebida pela cultura como socialmente desejável e adequada a eles, percebi que eu dispunha, em princípio, de uma amostra virtual e potencial de sujeitos ou informantes que poderiam melhor escapar dessas assim chamadas defesas da imagem social. Eram meus *ex-clientes*: homens adultos que já haviam sido atendidos através de vários serviços psicológicos (psicoterapia individual e/ou grupal e psicodiagnóstico) que eu acompanhara, entre 1983 e 1998, ou seja, homens que tiveram, por seu próprio processo pessoal, a oportunidade de ter

estabelecido comigo uma relação de bem maior intimidade do que quaisquer possíveis entrevistados que eu pudesse conseguir em ambientes outros, e que, potencialmente, estariam menos preocupados com a defesa e a manutenção de sua imagem social. Além disto, é importante destacar que esses indivíduos haviam concluído ou interrompido seus processos psicoterápicos há algum tempo - certamente variável - não mais mantendo contato pessoal significativo ou serviço psicológico comigo. Neste sentido, devo lembrar que, embora não pudesse nem devesse abandonar meu olhar de psicólogo clínico e de psicoterapeuta no contato com meus ex-clientes, busquei sempre privilegiar a perspectiva da *sociologia das relações de gênero*, posto que meu objetivo não era interpretar psicologicamente as atitudes, os valores, a *identidade* ou mesmo a *condição masculina* pessoais de meus entrevistados, mas desenvolver uma perspectiva que atravessasse esta compreensão clínica – utilizando-se dela - porém vislumbrando a *subjetividade masculina* na *contemporaneidade*.

Sem dúvida, eu pretendia, justamente, a oportunidade de obter depoimentos mais próximos do que pensavam e do que sentiam os homens que entrevistei. Provavelmente, outros pesquisadores, com enfoques diferenciados, obteriam *recortes* ou *falas masculinas significativas* qualitativamente distintas. Entretanto, mais do que isso, eu me interessava, especificamente, pelas *singularidades* e pelas *subjetividades construídas* por esses indivíduos, bem como buscava compreender como eles as vivem, elaboram, dizem, se relacionam e agem a partir de sua *condição masculina*. Reafirmo, mais uma vez, que o contato anteriormente ocorrido com os sujeitos entrevistados foi um elemento facilitador do “rapport” desses indivíduos comigo, assim permitindo um clima de maior liberdade nas entrevistas e possibilitando o acesso a depoimentos mais próximos da intimidade desses homens, numa freqüência menor de reações de defesa da imagem social do que a que enfrentaria se tivesse optado por outros tipos de informantes. Do meu ponto de vista, a especificidade da amostra permitiu um alargamento tanto *horizontal* - indivíduos disponíveis, de fato, a dar seus depoimentos - quanto *vertical* - maior intimidade, profundidade e veracidade pessoais das declarações dos entrevistados acerca das questões examinadas - justamente porque a experiência clínica anterior deixara, entre os pares da pesquisa, um espaço

relacional de intimidade, supostamente inexistente ou praticamente ausente se eu utilizasse outros procedimentos de investigação. O que, à primeira vista, pode parecer enviesar os depoimentos, talvez colocando sob suspeita seus conteúdos, na verdade, provocou exatamente o efeito contrário: obter *recortes* de olhares subjetivos ou *falas significativas* acerca da *condição masculina* na contemporaneidade entre homens que vivem em Fortaleza. Resumindo: acredito que a análise e a discussão do contato direto que tive com a *subjetividade masculina* e com os depoimentos que obtive desses homens são os pontos que mais ricamente podem contribuir, não apenas com minha experiência como pesquisador, mas, também, com uma nova compreensão da *condição masculina na contemporaneidade*.

Capítulo 1. Uma Escuta Fenomenológica da Subjetividade Masculina

Não basta buscar a coerência ou compreender as relações que existem entre os fenômenos que observamos no grupo ou na sociedade. No face a face e no envolvimento com a ação, é preciso desenvolver uma escuta sensível ao que acontece com as pessoas em sua prática, eu diria, a sua experiência.

Mauro Martins Amatuzzi[34]

Como afirmei anteriormente, adotei a *perspectiva fenomenológica* como método de elaboração de minha pesquisa, mas mantendo sempre a abertura e a flexibilidade necessárias e muito próprias ao desvelamento de meu objeto de investigação, o que me permitiu contar com o suporte de outros métodos. Portanto, posso apontar uma longa lista de *aliados metodológicos*[35] entre aqueles que me serviram tanto para a coleta quanto para a análise e a interpretação dos dados obtidos. Sem dúvida, meu conhecimento anterior das questões referentes à filosofia e à psicologia fenomenológico-existenciais me fez optar, na mesma direção, por uma *pesquisa de cunho fenomenológico em sociologia*, que, como uma característica peculiar deste tipo de investigação, assumiu facetas próprias a partir de seus vários momentos e de decisões que tive de tomar, pois o próprio *método fenomenológico* se constitui como uma *construção* efetivada de momento a momento. Neste sentido, devo destacar que, devido a existirem diversas propostas fenomenológicas - dependendo do(s) aliado(s) metodológico(s) que busquemos seguir, da elaboração de cada investigação e da natureza do objeto de pesquisa - os passos em direção ao desvelamento da temática desta tese requereram uma (re)criação constante e própria a cada situação encontrada por parte deste pesquisador.

Assim sendo, posso adiantar que não me preocupei com a delimitação quantitativa e objetiva de minha amostra de pesquisa nos moldes clássicos de investigação, embora faça um breve esboço das principais características de meus entrevistados no final do próximo capítulo. Apenas defini que meus entrevistados deveriam ser homens adultos para evitar problemas éticos quanto à utilização de

---

[34] AMATUZZI, Mauro Martins. A investigação do humano: um debate. **Estudos de Psicologia**. v. 11, n. 3, p. 77, 1994.

[35] Meus *aliados metodológicos* seguem uma *orientação fenomenológica*, uma perspectiva próxima a ela ou pelo menos adotam uma *abordagem essencialmente qualitativa*. Posso citar: Amatuzzi (ago.-dez. 1990; 1993; 1994; 1995; 1996); Amorim (s.d.); Berger & Luckmann (1983); Bertaux (1997); Bourdieu (1986); Coulon (1995); Creswell (1998); Demo (1985); Ferrarotti (1983); Garfinkel (1967; 1974); Giorgi (1978; 1985; 1986; 1997; Giorgi *et al.*, 1980); Gomes (1984; 1985; 1987; 1997); Gomes *et al.* (set./dez. 1988); Kessler & McKenna (1978); Kimmel (1988); Lüdke & André (1986); Martins & Bicudo (1989); Miller & Crabtree (199?); Minayo (1993); Moustakas (1994); Moynihan (oct. 17 1998); Patton (1980); Psathas (ed.), 1973; Ratner (1997); Ricoeur (1969 [1978]; 1990; 1991); Vieira *et al.* (1985); Weber (1992).

indivíduos menores de idade numa pesquisa que visa a investigar questões bastante íntimas. Realizei 3 entrevistas com homens que não tinham se submetido a qualquer serviço psicológico por mim oferecido, além de um outro que, por esses acasos que nos acontecem, recebeu minha carta-convite e dispôs-se a ser entrevistado, mesmo não tendo sido meu cliente anteriormente. Fiz ajustes no instrumento, sendo estas primeiras entrevistas também incorporadas à pesquisa e funcionando como pré-teste. Ao final, 20[36] homens foram entrevistados, tendo respondido espontânea e afirmativamente a meu convite a partir de um arquivo de 122 ex-clientes - número mais do que considerável numa pesquisa essencialmente qualitativa, além de não ser esta uma questão pertinente às características de uma pesquisa fenomenológica - dos quais pouco mais de 60 tiveram seus endereços localizados. Tal carta-convite os convocava a participar da pesquisa, informando-os de meus objetivos de investigação, alertando-os de que não havia pretensão de retomada de qualquer serviço psicológico de minha parte em relação a eles e dando-lhes várias formas de acesso a mim. Na medida em que muitos ex-clientes a quem foi enviada a carta-convite não se manifestaram, ficando excluídos da amostra de pesquisa, acredito que este procedimento já assegurava potencialmente que trabalhei apenas com aqueles participantes que estavam de fato disponíveis a serem entrevistados. Neste caso, eliminava-se a possível variável de um sujeito dar respostas evasivas por não desejar compor a amostra da pesquisa por mim conduzida. Além disto, terminei realizando longas entrevistas (em alguns casos, com até 90 perguntas, dependendo da situação do informante – ser pai, por exemplo), o que me possibilitava obter múltiplos *recortes* ou *falas significativas* da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* em *Fortaleza* na *contemporaneidade*.

A delimitação de Fortaleza como meu universo de investigação não se deveu apenas à minha comodidade como pesquisador ou a uma facilidade prática, mas também a certas características que nossa cidade apresenta e que vem desenvolvendo. O município de Fortaleza conta com mais de 2,4 milhões de habitantes

[36] Na verdade, 24 homens responderam à minha carta-convite, porém, por motivos vários, não pude ou preferi não entrevistar 4 deles: um, infelizmente, faleceu entre seu contato telefônico comigo e meu retorno para marcar a entrevista; um outro reconheceu-se como esquizofrênico, enviando-me suas

em sua área metropolitana, sendo a 5ª maior cidade do Brasil em população, podendo ser considerada uma cidade de grande porte, com os reconhecíveis problemas sócio-econômicos de um país do chamado *Terceiro Mundo*, também já apresentando outras situações peculiares aos grandes centros urbanos. Assim, convivem, nem sempre harmoniosamente, miséria, violência e avançadas tecnologias, grande concentração de renda e uma razoável oferta de serviços, bem como injustiça social e alguns modernos espaços de lazer. Trata-se de uma cidade que tem grande parte de sua população originária da zona rural ou do *sertão* cearense, mas que tem recebido um considerável fluxo de imigrantes, quer através do turismo, quer por meio de famílias de outras localidades que decidem aqui se instalar (Anuário Estatístico do Ceará [1994], 1995). Tal *diversidade* pode ser constatada, inclusive, na composição de minha amostra de pesquisa no que se refere à origem de meus entrevistados: metade dos entrevistados é nascida em Fortaleza, enquanto a outra metade aqui reside há mais de10 anos, embora seja proveniente de várias regiões do Brasil. Um motivo último que me incentivou a delimitar meu campo de pesquisa em Fortaleza deveu-se à própria denominação da cidade, numa referência ao *imaginário sócio-cultural* (Amorim, 1995; Castoriadis, 1995) da propalada *fortaleza* do *macho* latino-americano, brasileiro, nordestino, cearense e de sua capital. De qualquer forma, a questão que me propus a investigar é inegavelmente uma temática *universal* que vem sendo debatida amplamente, tendo sido Fortaleza escolhida para possibilitar um delineamento mais preciso da origem das *falas significativas* que analiso e discuto nesta tese.

De maneira geral, a *pesquisa fenomenológica* que desenvolvi segue – se bem que não rigidamente - algumas das características descritas por Lüdke & André (1986) quanto a uma *investigação qualitativa*:

- a adoção de um ambiente *natural* como fonte direta de dados e do *investigador como instrumento principal* da investigação: ou seja, a pesquisa não é meramente uma situação de laboratório, montada para a experimentação, mas pressupõe a criação de um espaço intersubjetivo em que são explorados diversos aspectos da *subjetividade*

---

confusas considerações em um pequeno bilhete, o que me fez decidir não entrevistá-lo; dois outros não foram entrevistados por limitações práticas de tempo de sua parte.

dos sujeitos. Portanto, a *subjetividade* do pesquisador, longe de ser percebida como um empecilho à investigação, também é considerada como um aspecto importante para a interpretação dos dados coletados. O pesquisador investiga uma determinada situação, vinculando os fenômenos, as pessoas, os seus gestos e as suas palavras ao contexto em que surgem. Destaco que meu contato anterior com a maioria de meus entrevistados se deu por conta de eu ter-lhes proporcionado algum serviço psicológico, principalmente psicoterapia, o que indica que eu tive acesso à sua *subjetividade* e que meus sujeitos tinham, em alguma medida, desenvolvido uma certa intimidade e alguma confiança em relação à minha pessoa. Nesta pesquisa, se não adotei um ambiente propriamente *natural* para coletar os depoimentos de meus sujeitos, busquei fornecer-lhes um espaço já conhecido, o meu consultório particular, que permitisse que expusessem sua *subjetividade*, ou, então, em alguns casos, indo até eles em locais por eles mesmos indicados para entrevistá-los de modo que estivessem à vontade para me proporcionar os relevantes dados que obtive;

- os dados pesquisados são essencialmente *descritivos*: todos os dados fornecidos pela realidade são considerados, adotando-se transcrições de *entrevistas* e de *depoimentos*, bem como são utilizadas *citações* dos entrevistados e de aliados teóricos para fundamentar uma afirmação ou para esclarecer um ponto de vista. Tal ênfase pode levar a considerar que a fenomenologia é um método meramente descritivo e que não exige interpretação, o que não é verdade. Entretanto, a interpretação é sempre a sua última fase e é desenvolvida a partir de pressupostos acerca do fenômeno investigado – no meu caso, a *sociologia das relações de gênero* - inicialmente suspensos (ou postos "entre parênteses") para que o pesquisador tenha um acesso mais direto e sem elaborações prévias à vivência dos sujeitos. Os pressupostos teóricos são apenas posteriormente retomados para a devida interpretação dos dados coletados;

- há um interesse maior no *processo* do que no produto, verificando *como o fenômeno se manifesta nos comportamentos, atitudes e interações cotidianos*, o que põe o investigador em contato direto com o mundo existencial e com a cultura na qual estão inseridos os informantes da pesquisa;

- são objetos especiais de atenção *os significados que os sujeitos dão aos fenômenos estudados* e a *pesquisa qualitativa* visa a esclarecer o *dinamismo interno*[37] desses fenômenos sócio-culturais, geralmente inacessível ao observador externo;
- a análise dos dados tende a adotar uma *perspectiva indutiva*, *não existindo hipóteses ou questões específicas apriorísticas*. Geralmente, parte-se de focos de interesse bastante amplos, que vão sendo especificados e tornados diretos a partir da perspectiva dos sujeitos estudados.

Da mesma forma, a fenomenologia não é uma proposta de *interpretação* de uma determinada realidade no sentido em que a psicanálise ou a teoria marxiana - por exemplo - são, desenvolvendo construtos ou categorias como o inconsciente ou a luta de classes, respectivamente, que determinam todo o processo de discussão ou de interpretação dos fenômenos investigados. Isto significa que, ao contrário das perspectivas citadas acima, a metodologia fenomenológica não busca desvendar como os sujeitos investigados se inserem em determinadas categorias – que não existem previamente – mas como estas categorias são significadas pelos informantes, ou, mais propriamente, como eles constroem as categorias – a que chamei de *tipologias analíticas* – que são elaboradas a partir de alguma teoria, mas dos depoimentos dos entrevistados, isto é, da realidade concreta e vivida do fenômeno pesquisado pelos informantes, num percurso diferenciado e, num certo sentido, inverso ao de outras abordagens metodológicas. Neste particular, a pesquisa fenomenológica adota:
- a noção de ciência rigorosa, sistêmica e sistemática, na medida em que busca persistentemente se ater ao fenômeno investigado em sua essência. Isto não significa que dados considerados "periféricos" não façam parte da análise e da discussão do tema central, pois, desde que gerem compreensões significativas sobre a *subjetividade* e a *condição masculinas na contemporaneidade*, inevitavelmente são interpretados teoricamente à luz da *sociologia das relações de gênero*;

[37] O termo *"interno"* aqui não se refere exatamente e apenas às vivências *pessoais* dos sujeitos investigados, mas também e para além delas, visando a compreender como o fenômeno investigado se expressa no "interior" de um determinado contexto histórico e sócio-cultural.

- a concepção de suspensão de preconceitos apriorísticos, colocando “entre parênteses”, provisória e precariamente, a interferência dos valores e das crenças do pesquisador, como expus acima;
- e a sistemática indagativa, que desenvolve a articulação entre relatos e observações através de descrições, de pontuações de significados e da interpretação hermenêutica (no sentido “emergente”, ou seja, daquilo que emerge do próprio fenômeno, conforme esclarece Gomes [1985; 1987; 1997]).

Como “um *estudo fenomenológico* descreve o significado das *experiências vividas* por diversos indivíduos acerca de uma concepção ou *fenômeno*” (Polkinghorne *in*: Valle & Halling [eds.], 1989, p. 51), entendo que o método fenomenológico pode ser muito bem aplicado a uma investigação voltada às *relações sociais de gênero*, pois articula a instrumentação metodológica da fenomenologia para estudar estes atos sociais. A fenomenologia está interessada em investigar como membros comuns da sociedade constituem o mundo da vida cotidiana, especialmente como os indivíduos conscientemente desenvolvem significados das interações sociais (pessoas interagindo entre si). Garfinkel (1967; 1974) denomina esta abordagem de “etnometodologia” no sentido de que é uma perspectiva que se aproxima da etnografia. Mais precisamente, é um caminho para examinar como os indivíduos em sociedade *constroem* significados a partir de suas vidas cotidianas. A metodologia fenomenológica repousa em métodos de análise do discurso cotidiano, pois é em grande parte inspirada na etnografia e em temas sócio-culturais, embora adote características próprias.

Destaco os principais procedimentos ao utilizar uma fenomenologia voltada para questões sociais, conforme Creswell (1998):
- o pesquisador precisa entender as perspectivas filosóficas por trás da abordagem, especialmente a concepção que visa a estudar como as pessoas experienciam um fenômeno. O conceito de *epoché* (redução) é central, pois o pesquisador “põe entre parênteses” suas próprias idéias preconcebidas sobre o fenômeno para entendê-lo através das vozes dos informantes;

- o investigador elabora perguntas de pesquisa que exploram o significado desta experiência para os indivíduos e solicita que estes sujeitos descrevam suas *experiências vividas*;
- o pesquisador, então, coleta dados dos indivíduos que têm experienciado o fenômeno sob investigação. Tipicamente, esta informação é coletada através de longas entrevistas, acrescidas com a auto-reflexão e as descrições posteriormente desenvolvidas pelo investigador, com informantes variando em número de 5 a 25 (Polkinghorne *in*: Valle & Halling [eds.], 1989);
- os passos da *análise fenomenológica dos dados* são geralmente similares para todos os pesquisadores que discutem este tipo de método. De acordo com Moustakas (1994) e Polkinghorne (*in*: Valle & Halling [eds.], 1989), todos os fenomenólogos empregam uma série de passos. Os protocolos originais são divididos em afirmações ou *horizontalizações*. Então, as unidades são transformadas em *grupos de significados* expressos em conceitos fenomenológicos;
- essas transformações são vinculadas juntas para fazer uma *descrição geral* da experiência, a *descrição textural* do que foi experienciado e a *descrição estrutural* de como foi experienciado. Alguns fenomenólogos variam esta abordagem, incorporando o significado pessoal da experiência (Moustakas, 1994), usando a análise de um único sujeito antes da análise intersubjetiva ou discutindo o *papel sócio-cultural* do contexto no processo (Giorgi, 1978);
- o relato fenomenológico se encerra com o leitor entendendo melhor a *estrutura essencial, invariante (ou essência) da experiência*, reconhecendo que existe um significado unificador da experiência. Desta forma, isto significa que todas as experiências têm uma “estrutura” subjacente. O leitor do relato deve sair com o sentimento de que “eu entendo melhor como é para alguém experienciar isso” (Polkinghorne *in*: Valle & Halling [eds.], 1989, p. 46).

Para Creswell (1998), uma *pesquisa fenomenológica* pode ser desafiante e difícil devido às seguintes razões:

- o investigador deve ter um sólido fundamento nos preceitos filosóficos da fenomenologia;

- os participantes da pesquisa devem ser cuidadosamente selecionados por serem pessoas que tenham experienciado o *fenômeno*;
- a "colocação entre parênteses" das experiências pessoais pelo investigador pode ser difícil;
- o investigador deve decidir como suas próprias experiências pessoais serão introduzidas e expostas na pesquisa.

Giorgi (1980) assim descreve sua proposta fenomenológica de análise de dados:

> *primeiro, lê-se através do protocolo para captar o sentido das totalidades. O primeiro passo da análise em si mesma é tentar determinar as "unidades de significado" naturais como expressas pelo sujeito. A atitude com a qual isto é feito é a de máxima abertura e a meta específica do estudo não é ainda levada em conta. Após as unidades naturais terem sido delineadas, tenta-se afirmar tão simplesmente quanto possível o tema que domina a unidade natural na mesma atitude que definiu as unidades* (p. 87).

O passo seguinte é indagar estes temas dominantes das unidades naturais quanto ao objetivo específico da pesquisa. Se uma investigação tem várias perguntas, estas indagações devem ser associadas aos dados consecutivamente, não devendo ser misturadas. Na medida em que os temas essenciais e não redundantes tenham sido devidamente definidos, o pesquisador deve tentar ligá-los a uma afirmativa descritiva. Há várias maneiras de se fazer isto, mas pelo menos duas formas são reconhecidas como as mais válidas para a comunicação geral. A primeira forma é descrever o que podemos denominar de *nível situado*, que significa aquela descrição que inclui a concretude e as especificidades da situação real de pesquisa empregada. A segunda maneira é uma descrição geral, cujas afirmativas deixam de lado particularidades da situação específica e se centram naqueles aspectos que emergiram e que, embora não sejam necessariamente universais, são pelo menos *transituacionais*.

Em outro texto, Giorgi (1986) descreve os 4 passos do método fenomenológico:

> *(1) Lê-se a descrição inteira com o fim de conseguir o significado geral da afirmação total. (2) Uma vez que o significado da totalidade tenha sido captado, o pesquisador volta ao início e lê através do texto uma vez mais com a meta específica de discriminar "unidades de significado" a partir de uma perspectiva psicológica*[38] *e com um foco no fenômeno que está sendo pesquisado. (3) Uma vez que "unidades de significado" tenham sido delineadas, o pesquisador então examina todas as unidades de significado e expressa a compreensão psicológica*[39] *contida nelas mais*

[38] No caso desta pesquisa, evidentemente, a perspectiva adotada foi sociológica, ou, mais precisamente, psicossocial.
[39] Cabe aqui a mesma observação da nota de rodapé anterior.

> *diretamente. Isto é especialmente verdadeiro para as "unidades de significado" mais reveladoras do fenômeno sob consideração. (4) Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades de significado transformadas numa afirmação consistente considerando a experiência do sujeito. Isto é usualmente referido como a estrutura da experiência e pode ser expressada numa série de níveis* (p. 10).

Assim, posso sintetizar e especificar melhor estes passos:

- *Apreensão do sentido da totalidade*: são feitas leituras múltiplas das entrevistas - especialmente em descrições ou entrevistas transcritas de 15 a mais de 20 páginas, como foi o caso de minha pesquisa - criando um terreno favorável e fértil para o próximo passo, a discriminação de *unidades de sentido*;

- *Discriminação de unidades de sentido numa perspectiva psicossocial focada no fenômeno que está sendo pesquisado:* como não é possível analisar todo um texto simultaneamente, é necessário "quebrá-lo" em unidades manejáveis, ou seja, em discriminações percebidas espontaneamente nas *falas significativas* dos sujeitos entrevistados a partir de uma atitude psicossocial do pesquisador em relação à descrição concreta. Surgem, então, exemplos ilustrativos do fenômeno pesquisado - no caso, a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade.* O investigador registra as discriminações das *unidades de sentido* diretamente sobre a descrição, quando, após reler o texto, se dá conta de uma mudança de significado. Nesta fase, a linguagem do informante não é modificada de qualquer forma, mas a discriminação das *unidades de sentido* ocorre antes de ser interrogada mais adiante (no próximo passo), sendo feita espontaneamente, embora sempre na atitude psicossocial e no conjunto anteriormente descritos.

Giorgi (1986) destaca que este modelo descritivo da fenomenologia pode ser facilmente aplicado à análise sociológica ou antropológica, dependendo dos interesses e dos objetivos do investigador e da perspectiva de análise e de interpretação em relação à descrição concreta que for adotada. Desta forma, adotei e apliquei um conjunto de limites ou de controles para a análise e para a tematização de alguns aspectos particulares de uma realidade mais complexa e ampla, visando a destacar aqueles que se referem mais diretamente às *relações sociais de gênero*. Inicialmente, esse método possibilitou que eu operasse mais espontaneamente com os *significados vividos* dos termos, para, posteriormente, tentar avaliar e discriminar mais precisamente

o significado dos termos-chave, só então analisando as atitudes e os conjuntos realmente adotados sob uma perspectiva teórica. Destaque-se que

> *mesmo havendo pressuposições e uma pré-compreensão geral, elas não são tão específicas para delinear as categorias numa maneira exclusiva, e, assim, descobertas genuínas podem ser feitas com respeito a fatos específicos e, muito freqüentemente, categorias, também. O que diferencia o método fenomenologicamente inspirado é o fato de que uma espontaneidade disciplinada é permitida funcionar, através da qual, primeiro, se descobre as unidades de significado relevantes, ou sua categoria, e, apenas depois, baseado numa análise subseqüente, explica sua significação real e total* (p. 13-14).

Da mesma forma, é importante esclarecer as diferenças entre o método fenomenológico e a análise de conteúdo, pois classicamente este último método pode ser definido como "uma técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto de comunicação" (Berelson, 1952, p. 18), enquanto, conforme Giorgi (1986),

> *em contraste, não consideraríamos que nosso método seja uma técnica, mas precisamente um* método *(não é estático ou mecânico o bastante para ser uma técnica), nem nossa análise é primariamente quantitativa (embora a quantificação não seja em princípio excluída), nem limitamo-nos ao conteúdo manifesto (o significado genuíno pode apenas ser apreendido em profundidade)*" (p. 14);

- *Transformação de expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicossocial com ênfase no fenômeno investigado*: neste passo, ocorre um processo de reflexão e de variação imaginativa, em que o objetivo do método fenomenológico utilizado é, partindo e "atravessando" expressões concretas dos informantes entrevistados - e não apenas por meio de abstrações ou de formalizações - chegar a categorias gerais. Aqui, utilizei a linguagem do senso comum iluminada por uma perspectiva fenomenológica, bem como as considerações teóricas da *sociologia das relações de gênero*;

- *Síntese das unidades de sentido transformada numa afirmativa consistente acerca da estrutura da experiência dos sujeitos*: quanto mais entrevistados - no caso de minha pesquisa foram 20 informantes - maiores são as variações e também melhor é a possibilidade de perceber o que é essencial no que se refere ao objeto de investigação. Assim, busquei sintetizar, integrar e levar em conta todas compreensões contidas nas *unidades de sentido*, então transformadas em descrições consistentes da estrutura da *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas na contemporaneidade*,

considerando como critério que todos os sentidos modificados dessas unidades devem estar, pelo menos implicitamente, contidos na descrição geral.

Psathas (1973) esclarece que a *sociologia fenomenológica* em que se baseia este tipo de investigação adota as concepções da *sociedade como um processo*, da *inter-relação estreita entre indivíduo e sociedade* e a ênfase na importância da compreensão do *aspecto subjetivo do comportamento humano* como necessária nos processos sócio-culturais de formação e de manutenção - portanto, de *construção* - tanto da dinâmica do "self" social quanto do grupo social. "Entretanto, nem o 'self' nem o ato social são estáticos. Eles evoluem ou se modificam de acordo com as mudanças nos padrões e nos conteúdos das interações que o indivíduo experiencia, não só com os outros, como consigo mesmo"(Mead, 1934, p. 31).

Assim, a proposta metodológica por mim utilizada não deixa de ser uma espécie de etnometodologia, pois refere-se a um "estudo sobre a organização do conhecimento de um membro sobre suas atividades ordinárias; sobre seu próprio empreendimento organizado, onde o conhecimento é tratado por nós como parte do mesmo ambiente que ele também organiza" (Garfinkel, 1974, p. 18). Esta perspectiva de Garfinkel (1967; 1974) é fruto da influência fenomenológica de Husserl (1900-1901 [1980]; 1910 (1952]), entre outros, que o levou a posicionar-se contra certas versões durkheimianas que ensinam que a realidade objetiva dos fatos sociais é o princípio fundamental da sociologia. Ao contrário, como afirma Garfinkel (1967),

> *a realidade objetiva dos fatos sociais como um contínuo desenrolar das atividades da vida cotidiana, com as maneiras ordinárias e artesanais deste resultado sendo conhecidas, usadas e reconhecidas por seus membros, é, para aqueles que fazem sociologia, um fenômeno fundamental. Porque elas são o fenômeno fundamental da sociologia prática, elas representam o tópico predominante para os estudos etnometodológicos* (p. 49).

Portanto, a proposta etnometodológica pautada na fenomenologia sociológica utilizada nesta tese se propõe a estudar e a analisar as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade, grupo ou organização, visando a descobrir a forma como essas totalidades se tornam visíveis, racionais e reportáveis, ou seja, como elas se validam, pois a reflexibilidade sobre o fenômeno é uma característica singular da ação. As investigações sob o enfoque dessa etnometodologia, conseqüentemente, são dirigidas para a tarefa de desvendar como as atitudes ordinárias e cotidianas das

pessoas são *construídas* como métodos para tornar analisáveis as suas ações práticas, as circunstâncias, o conhecimento baseado no senso comum sobre as estruturas sociais e o raciocínio sociológico prático, assim como de buscar entender suas propriedades formais compreendidas “de dentro” dos ambientes como parte integrante do próprio mundo social. Em outras palavras, essa *etnometodologia fenomenológica e sociológica* “procura descobrir os ‘métodos’ que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade a fim de *construir* a realidade social; procura descobrir, também, a natureza da realidade que elas constroem” (Garfinkel, 1967, p. 49-50), utilizando-se do “fato relatado”, isto é, da linguagem ou das *falas significativas*, que desempenham um papel fundamental no seu esquema analítico: “eu uso o termo etnometodologia para me referir à investigação das propriedades racionais das expressões indexicais e outras ações práticas como resultado contingente e contínuo da prática artesanal da vida cotidiana” (p. 50). Garfinkel entende que a sociedade é *construída* através de uma estrutura de regras e de conhecimentos compartilhados e *tácitos* que tornam a interação social possível e razoavelmente estável, sendo o mundo social possível devido a essa densa estrutura coletiva de *entendimento tácito* e de atitudes e atividades mundanas, ordinárias e comuns do cotidiano, não parecendo acreditar que a estabilidade social exija a internalização de normas e valores, mas que ela é, ao contrário, precária, frágil e ilusória. Entretanto, ele não está preocupado em demonstrar de que forma e devido a quais motivos as estruturas se transformam, mas em evidenciar apenas que essas regras tácitas existem e que elas representam um fundamento relativamente seguro para a interação social. As regras sociais são entendidas mais como *convenções* ou como *regras do jogo* em todas as áreas da sociedade - incluindo a ciência - dependendo de procedimentos e de regras arbitrárias. Acredito que são essas regras que vêm mudando e transformando os homens em seres confusos e conflitados nas sociedades contemporâneas.

É neste sentido que, partindo dos ricos e vivos depoimentos de meus entrevistados, busquei analisar e interpretar o fenômeno da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, utilizando-me dos aportes teóricos da *sociologia das relações de gênero*. Portanto, de um contato inicial ainda incipiente e fragmentado com

a literatura produzida recentemente pela *sociologia das relações de gênero*, elaborei um roteiro semi-estruturado de entrevista que visava a atender às *perguntas de partida* de minha pesquisa[40], mas aberto às amplas possibilidades de exploração das questões que meu contato com os entrevistados pudesse criar. Estas perguntas visavam a que meus sujeitos descrevessem as situações por eles vividas e, de minha parte, representam, de fato, uma etapa essencialmente descritiva da pesquisa. Neste momento, não me competia realizar qualquer análise ou interpretação dos dados, que passaram a ser sistematicamente organizados e classificados nas etapas subseqüentes. Assim, a análise dos dados coletados propiciou a elaboração de um conjunto de *categorias descritivas* - ou *tipologias nativas*[41] - que, após a classificação e a organização dos dados, possibilitou o estabelecimento de novas conexões, relações, explicações e interpretações acerca da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade* - ou *tipologias analíticas*. As *tipologias analíticas* representam um movimento, após a etapa de descrição, de classificar os dados em grupos organizados de modo a facilitar sua análise e a posterior interpretação conforme a *sociologia das relações de gênero*. Resumidamente, a abordagem qualitativa que desenvolvi e utilizei nesta pesquisa foi organizada numa seqüência de *reflexões fenomenológicas* - *descrição, redução e interpretação* - aproximando-se das proposições (entre diversos outros aliados metodológicos) de Gomes (1987).

Creio ser importante destacar que delimitei os temas centrais de minha investigação, e, conseqüentemente, das entrevistas com esses homens, centrando-me

---

[40] De modo simplificado, as *perguntas de partida* desta pesquisa foram cinco questões genéricas: (1) Como o homem contemporâneo entende e vivencia o que *ser homem*?; (2) Como o homem contemporâneo compreende sua relação com as mulheres?; (3) Como o homem contemporâneo vivencia a relação com seu pai e sua própria paternidade?; (4) Como o homem contemporâneo compreende suas relações com outros homens?; e (5) Como o homem contemporâneo se relaciona com seu trabalho profissional? Geraram subseqüentemente as cinco *unidades de sentido* desta pesquisa.

[41] Estas *tipologias* são consideradas *nativas*, pois já se encontram nos depoimentos ou *falas significativas* dos entrevistados, sendo organizadas em *tipos* ou grupos em torno de uma *unidade de sentido* destacada pelo pesquisador, que, neste momento, as agrupa sem se pautar em qualquer fundamento teórico, conforme o método fenomenológico por mim utilizado. Apenas posteriormente, no momento da interpretação sociológica, é que o pesquisador confronta tais *tipologias nativas* com as elaborações teóricas da *sociologia das relações de gênero*. Isto significa dizer que as *tipologias nativas* não são categorias previamente elaboradas, mas que se destacam ou são descobertas pelo pesquisador através da *escuta* de seus informantes. Neste sentido, elas "já estão lá", sendo, portanto, *nativas*, desvendadas pelo olhar do pesquisador.

em *cinco* questões principais - ou *unidades de sentido* - assim distribuídas conforme o que segue abaixo:

1. *Questões acerca da Condição Masculina:* tentei apreender a compreensão e a experiência vivida desses homens quanto à sua própria *condição de gênero* e suas impressões acerca da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*. Ou seja, busquei escutar desses homens como entendiam o que significa *ser homem* hoje e de que forma percebem as possíveis transformações sócio-culturais que a masculinidade na atualidade vem sofrendo, bem como outras situações e experiências consideradas significativas como constituintes do universo masculino. Nesta primeira *unidade de sentido*, mas também naquelas que se referem às demais questões seguintes, a *violência* recebeu uma atenção particular, pois parece ser elemento significativo da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*;
2. *Questões sobre a Relação com as Mulheres:* as percepções acerca de seus *relacionamentos com as mulheres* constituíram outra *unidade de sentido*. Tratei com meus entrevistados sobre seu contato com as figuras femininas a partir das próprias mães, mas também discutindo suas repercussões sobre sua experiência com outras mulheres, especialmente as que são significativas em suas vidas, além das imagens de homem e de mulher que apreenderam de suas genitoras. Questões como a (im)possibilidade desses homens serem amigos de suas parceiras por conta da atração sexual, o temor de depender ou de confiar nelas, as cobranças e/ou exigências de realização de atividades domésticas por parte das mulheres e a violência contra elas (Astrachan, 1989; Boris, 1996) foram também discutidas com os entrevistados;
3. *Questões sobre a Paternidade:* de que maneira os entrevistados caracterizam sua relação com seu pai, as possíveis cobranças, transformações e influências dele sobre seus relacionamentos, bem como, quando era o caso, o que se assemelha e/ou se diferencia de sua relação com seus próprios filhos foram questões de mais uma *unidade de sentido* explorada junto a meus informantes. Aqui também discutimos as imagens de homem e de mulher transmitidas pelo pai, bem como as que os entrevistados buscam incutir em seus filhos. Neste sentido, busquei explorar

suas vivências quanto aos seus genitores, e, se os entrevistados tinham filhos, confrontar estas vivências com a experiência de serem eles mesmos pais;

4. *Questões sobre a Relação com Outros Homens:* a vivência e a compreensão que os sujeitos de minha pesquisa têm de suas *relações sociais com outros homens* formaram outra importante *unidade de sentido*. Assim, explorei diversas facetas de seus relacionamentos com outros indivíduos do *gênero* masculino, particularmente as amizades, os grupos viris e algumas situações peculiares às relações entre os homens, como, por exemplo, o *constrangimento* e o *estranhamento mútuo*, bastante comuns entre eles;
5. *Questões sobre a Relação com o Trabalho Profissional:* como última, mas não menos importante *unidade de sentido*, elegi as *escolhas profissionais* e a forma como meus entrevistados avaliam sua relação com a *profissão* e como dão *significado* ao *trabalho*. Tratamos da possibilidade de ocorrência de *amizade* com os colegas de trabalho, do *clima no ambiente profissional* e do temor ou da vivência do *desemprego*. A possibilidade ou o fato de serem *chefiados por mulheres no trabalho* também foi discutida. O problema do espaço dedicado ao *lazer* pelos homens entrevistados não foi esquecido, pois considerei todas essas questões relativas ao desempenho profissional a partir da referência que as atividades de *trabalho* parecem ter para a *condição* e a *subjetividade masculinas*.

Posteriormente, as várias perguntas referentes a cada uma das cinco *unidades de sentido* foram agrupadas em *treze tipologias nativas* - que abrangem as respostas a várias perguntas - conforme discrimino abaixo[42]:

Tipologia Nativa 1: O que É Ser Homem

. Sobre o significado de ser homem (pergunta 1)

. Sobre o que torna uma pessoa um homem (pergunta 2)

. Sobre a diferença entre homens e mulheres (pergunta 3)

[42] As perguntas 16, 36, 63, 76 e 89 não aparecem nesta lista, pois constituem a última pergunta de cada uma das *unidades de sentido*, que serviu para criar um espaço final para que o entrevistado acrescentasse o que desejasse para além das perguntas feitas, sendo suas respostas inseridas junto à *tipologia nativa* que mais se adequasse a elas.

. Se as regras sociais devem ser diferentes para homens e mulheres (pergunta 4)

. Diferenças entre ser homem e ser macho (pergunta 5)

. Se um homossexual é um homem (pergunta 6)

Tipologia Nativa 2: Vivências Masculinas

. Se recebeu instrução sobre sexo (pergunta 7)

. Se já esteve em situações acontecidas especificamente por ser homem (pergunta 8)

. Influências destas experiências na sua vida (pergunta 9)

. Se já se sentiu inadequado como homem (pergunta 10)

Tipologia Nativa 3: O Homem em Transformação

. Se percebe os homens de hoje diferentes dos homens de antigamente e por que (pergunta 11)

. Se os homens estão mudando e em que sentido (pergunta 12)

. Se acredita que os homens que conhece são diferentes dos homens de outros lugares e por que (pergunta 13)

. Se ele se considera um homem diferente dos demais e por que (pergunta 14)

Tipologia Nativa 4: O Homem Violento

. Se já viveu alguma situação de violência (pergunta 15)

. Se já viveu alguma situação de violência contra a mulher e o que pensa sobre isto (pergunta 35)

. Se já se percebeu sendo violento com os filhos (pergunta 61)

. O que pensa sobre ser violento com eles (pergunta 62)

. Se já ocorreu alguma situação de violência com outro homem (pergunta 74)

. Como lidou com esta situação de violência (pergunta 75)

Tipologia Nativa 5: A Mãe do Homem

. Como caracteriza a relação com a mãe (pergunta 17)

. Sobre as diferenças da relação da mãe com ele e os demais irmãos (pergunta 18)

. Como explica estas diferenças de relação (pergunta 19)
. Se é mais próximo da mãe ou do pai (pergunta 20)
. Se havia toques e manifestação de carinho na relação com a mãe (pergunta 21)
. Se houve alguma mudança com o tempo na relação com ela (pergunta 22)
. Sobre a influência da mãe no seu relacionamento com as mulheres (pergunta 23)
. Sobre a influência dela em seu relacionamento com os homens (pergunta 24)
. Sobre a imagem das mulheres transmitida pela mãe (pergunta 25)
. Sobre a imagem dos homens transmitida pelo pai (pergunta 26)

Tipologia Nativa 6: O Homem e as Atividades Domésticas

. Se a mãe cobrava ou solicitava que realizasse atividades domésticas (pergunta 27)
. Como respondia às cobranças ou solicitações de que realizasse tais atividades (pergunta 28)
. Se hoje alguém lhe cobra que realize atividades domésticas (pergunta 29)
. O que pensa sobre realizar estas atividades (pergunta 30)

Tipologia Nativa 7: Sobre Amizade, Amor, Sexo e Dependência das Mulheres

. Se tem amigas (pergunta 31)
. Se compartilha suas questões pessoais com elas (pergunta 32)
. Se diferencia as relações afetivas das relações sexuais com as mulheres (pergunta 33)
. Se já dependeu de uma mulher (pergunta 34)

Tipologia Nativa 8: Pai e Filho: Aprendendo a Ser Homem

. Como caracteriza sua relação com o pai (pergunta 37)
. Sobre a diferença da relação do pai com ele e os demais irmãos (pergunta 38)
. Como explica estas diferenças de relação (pergunta 39)
. Se havia toques e manifestação de carinho na relação com o pai (pergunta 40)
. Se houve alguma mudança com o tempo na relação com ele (pergunta 41)
. Sobre a influência do pai no seu relacionamento com as mulheres (pergunta 42)

. Sobre a influência dele no seu relacionamento com os homens (pergunta 43)
. Sobre a imagem dos homens transmitida pelo pai (pergunta 44)
. Sobre a imagem das mulheres transmitida ele (pergunta 45)
. Se o pai lhe cobrava atitudes mais firmes, decididas ou agressivas (pergunta 46)
. Como respondia a tais cobranças do pai (pergunta 47)
. Se alguém hoje lhe cobra atitudes mais firmes, decididas ou agressivas (pergunta 48)
. O que pensa a respeito dessas cobranças (pergunta 49)
. Como caracteriza sua relação com os filhos (pergunta 50)
. Como compara a relação que tinha com o pai com sua relação com os filhos (pergunta 51)
. Se os filhos são mais próximos dele ou da mãe (pergunta 52)
. Como justifica esta maior proximidade (pergunta 53)
. Se ele se percebe repetindo as atitudes do pai com ele na relação com os filhos ou se tenta agir diferente do pai (pergunta 54)
. Se na relação com os filhos há toques e manifestação de carinho (pergunta 55)
. Se houve alguma mudança nestas atitudes com o tempo (pergunta 56)
. Se há diferença no contato com filhos e filhas (pergunta 57)
. Que imagem procura transmitir das mulheres aos filhos (pergunta 58)
. Que imagem procura transmitir dos homens a eles (pergunta 59)
. Se cobra dos filhos atitudes mais firmes, decididas ou agressivas e por que (pergunta 60)

Tipologia Nativa 9: Os Melhores Amigos do Homem

. Se tem amigos (pergunta 64)
. Como caracteriza suas relações de amizade (pergunta 65)
. Se compartilha com os amigos suas questões pessoais (pergunta 66)
. O que pensa a respeito desta atitude com outros homens (pergunta 67)
. Se percebe alguma diferença na sua relação com os amigos e as amigas (pergunta 68)

. Se em algum momento já se sentiu constrangido no contato com outros homens e por que (pergunta 69)
. Se já dependeu de um outro homem (pergunta 70)
. Se participa de alguma atividade ou de algum grupo composto apenas de homens (pergunta 71)
. Como se sente num ambiente constituído apenas de homens (pergunta 72)
. Se, numa festa, se aproxima mais de grupos masculinos e por que (pergunta 73)

Tipologia Nativa 10: O Homem e o Trabalho

. Como se deu sua escolha profissional (pergunta 77)
. Se relaciona sua escolha e seu desempenho profissionais ao fato de ser homem e por que (pergunta 78)
. Como define sua relação com seu trabalho, qual seu objetivo ao trabalhar, ou para quê trabalha (pergunta 79)
. Que tipo de “clima” predomina em seu ambiente de trabalho (pergunta 82)
. Se já esteve desempregado e como lidou com tal situação (pergunta 83)
. Se o trabalho ocupa um espaço significativo em seu cotidiano (pergunta 86)

Tipologia Nativa 11: Cuidado: Homens e Mulheres Trabalhando Juntos!

. Se tem amigos em seu ambiente de trabalho (pergunta 80)
. Se os amigos do trabalho são diferentes de outros amigos fora dele e por que (pergunta 81)
. Se já foi ou é comandado por uma mulher no trabalho (pergunta 84)
. Como encara este fato ou esta possibilidade (pergunta 85)

Tipologia Nativa 12: O Descanso do Guerreiro

. Que espaço o lazer ocupa em seu cotidiano (pergunta 87)
. Se suas atividades de lazer são socialmente consideradas masculinas (pergunta 88)

Tipologia Nativa 13: Sobre a Entrevista

. Comentários sobre a entrevista (pergunta 90)

Finalmente, cada *tipologia nativa* gerou algumas *tipologias analíticas*, que, então, partindo da fundamentação da *sociologia das relações de gênero*, de minhas próprias observações e de considerações de meus aliados teóricos, permitiram a discussão e a interpretação dos dados obtidos nos ricos *recortes* ou *falas significativas* dos homens por mim entrevistados, como resumo abaixo:

Tipologia Nativa 1: O que É Ser Homem

. Tipologia Analítica 1: O Homem Natural
. Tipologia Analítica 2: O Homem Moral
. Tipologia Analítica 3: O Homem Universal
. Tipologia Analítica 4: O Homem Forte
. Tipologia Analítica 5: O Homem Trabalhador
. Tipologia Analítica 6 O Homem Produto da Sua Cultura
. Tipologia Analítica 7 O Homem Diferenciado da Mulher
. Tipologia Analítica 8: O Homem *Macho*
. Tipologia Analítica 9: O Homem Sensível

Tipologia Nativa 2: Vivências Masculinas

. Tipologia Analítica 10: Aprendiz Sexual
. Tipologia Analítica 11: Mesmo o Homem Satisfeito com Sua Masculinidade Sofre Constrangimentos

Tipologia Nativa 3: O Homem em Transformação

. Tipologia Analítica 12: O Homem Mutante
. Tipologia Analítica 13: O Homem que Continua Essencialmente o Mesmo de Sempre e em Qualquer Lugar

Tipologia Nativa 4: O Homem Violento

. Tipologia Analítica 14: O Homem que se Reconhece Violento

. Tipologia Analítica 15: O Homem Agredido, Pacífico ou Reprimido

Tipologia Nativa 5: A Mãe do Homem

. Tipologia Analítica 16: A Mãe Cuidadora e Modelo de Mulher

. Tipologia Analítica 17: Minha Mãe É Imperfeita

Tipologia Nativa 6: O Homem e as Atividades Domésticas

. Tipologia Analítica 18: O Filhinho *Macho* da Mamãe

. Tipologia Analítica 19: Um Homem de Prendas Domésticas?

Tipologia Nativa 7: Sobre Amizade, Amor, Sexo e Dependência das Mulheres

. Tipologia Analítica 20: O Amigo das Mulheres

. Tipologia Analítica 21: O Homem que Não Confia nas Mulheres

Tipologia Nativa 8: Pai e Filho: Aprendendo a Ser Homem

. Tipologia Analítica 22: O Pai Participante e Acolhedor, Modelo de Homem

. Tipologia Analítica 23: O Pai Ausente, Omisso, Rejeitado ou Violento e Outros Reforçadores de Atitudes Socialmente Consideradas Masculinas

. Tipologia Analítica 24: Uma Nova Paternidade?

Tipologia Nativa 9: Os Melhores Amigos do Homem

. Tipologia Analítica 25: O Melhor Amigo do Homem É Outro Homem

. Tipologia Analítica 26: O Homem que Não Confia em Outro Homem

Tipologia Nativa 10: O Homem e o Trabalho

. Tipologia Analítica 27: O Trabalhador Realizado

. Tipologia Analítica 28: O Homem Satisfeito com o Seu Trabalho: Trabalho de Homem?

Tipologia Nativa 11: Cuidado: Homens e Mulheres Trabalhando Juntos!

. Tipologia Analítica 29: Trabalhadores do Brasil, Uni-vos!

. Tipologia Analítica 30: A Guerra dos Sexos Chega ao Trabalho?

Tipologia Nativa 12: O Descanso do Guerreiro

. Tipologia Analítica 31: Trabalho *versus* Lazer

. Tipologia Analítica 32: Diversão entre Homens?

Tipologia Nativa 13: Sobre a Entrevista

. Tipologia Analítica 33: Repercussões Positivas

. Tipologia Analítica 34: Repercussões Negativas

No próximo capítulo, faço uma breve descrição de meus entrevistados, para, na terceira e última parte da tese, me dedicar à interpretação dos dados coletados à luz da *sociologia das relações de gênero*.

Capítulo 2. Escutando Homens: Quem São Eles[43]?

> *- Essa entrevista, pra mim, ela é marcante, não é, que eu pude me lembrar de coisas que eu não lembrava mais e eu pude elaborar conceito de alguma coisa que eu imaginava que fosse "fechado" pra mim. Você "mexeu" comigo também: eu saí "mexido" no sentido de que determinadas intervenções são difíceis, são caras, não são completamente elaboradas; de tentar formular mais respostas; de perguntas mais difíceis de fazer; e comentar pra me deixar falando do jeito que aconteceu comigo em relação a você. É no sentido de não "fechar" em torno das questões que você me perguntou, percebe? E muita coisa foi de impulso e do momento, que eu achava que era: quando eu falei do meu pai; quando eu namorava "legal"; as questões, também, de mulher, de homem, nesse sentido. É somente isso. Isso "mexe" comigo.*
>
> Mário

Julguei importante expor aqui breves informações acerca de meus informantes para facilitar a compreensão das características principais daqueles que me forneceram seus ricos depoimentos:

João foi meu primeiro entrevistado, ainda na fase de pré-teste da pesquisa. Tinha na época 48 anos, sendo casado e pai de uma filha de adolescente. É professor universitário, ensinando também em escola de 2º grau. Obtém como renda mensal cerca de 40 salários mínimos. Não foi meu cliente de serviços psicológicos. Proveniente de uma cidade do interior do Ceará, vive em Fortaleza há mais de 30 anos. Mostrou uma atitude claramente disponível a ser entrevistado, apesar de destacar seu "defeito" de não se "abrir" completamente com ninguém.

Haroldo é também professor universitário, tendo 41 anos no momento de sua entrevista como participante da fase de pré-teste de minha investigação. Portanto, também não foi meu cliente de serviços psicológicos. É casado e pai de 2 filhos homens, de 12 e de 6 anos. Ganha em torno de 25 salários mínimos mensais. É nordestino e vive em Fortaleza há 20 anos. Sua entrevista teve que ser repetida, pois,

[43] Evidentemente, por motivos éticos e para evitar possíveis identificações de meus informantes, seus nomes são todos fictícios, mantendo-se apenas os dados significativos para a análise de minhas questões de pesquisa.

por problemas técnicos, a primeira não foi gravada. Apesar de tal fato ter tornado a segunda entrevista repetitiva e cansativa – como ele mesmo destacou - mostrou-se disposto e falante em seus depoimentos.

Luís foi meu terceiro e último entrevistado da fase de pré-teste da pesquisa. Tinha 28 anos no momento da entrevista e era funcionário de uma instituição privada, além de trabalhar como técnico autônomo em contabilidade. Tem 2º grau completo e recebia cerca de 5 salários mínimos por mês. É separado da mulher e tem uma filha pequena, que vive com a mãe. É natural do Norte do Brasil e vive em Fortaleza há 26 anos, não tendo sido, como todos os entrevistados anteriores, meu cliente em qualquer serviço psicológico. Apresentou-se de forma um tanto humilde e tímida, embora afável, sem escamotear suas respostas às questões que lhe foram indagadas.

Tomás tem 25 anos e foi o mais jovem de meus entrevistados. É solteiro e vive com os pais. Insistiu em destacar repetidas vezes sua timidez e sua dificuldade de se relacionar com as mulheres. Estudou medicina, mas a abandonou, pois freqüentava o curso apenas para agradar o pai. Dedica-se no momento a estudar direito, tendo formação de técnico em contabilidade. Sua renda mensal é de cerca de 3 salários mínimos, considerando-se desempregado. Foi meu cliente de psicoterapia individual em 1989, durante apenas 4 sessões. É natural de Fortaleza e sempre aqui morou.

Valdir tem 50 anos e afirmou que teve uma vida conturbada com as mulheres. Manifestou sua dificuldade de entendê-las e de aceitá-las, resistindo às exigências que elas freqüentemente lhe fazem. É divorciado mais de uma vez e afirma não mais desejar conviver com mulheres de forma contínua e sob o mesmo teto. Tem pouco ou quase nenhum contato com os filhos, particularmente com os mais velhos (de seu primeiro casamento), de quem se sente profundamente magoado. Teve, a partir de seus dois casamentos, 8 filhos. Tem formação em engenharia civil e em economia, recebendo cerca de 40 salários mínimos em suas atividades atuais como engenheiro. Durante apenas 3 sessões foi meu cliente de psicoterapia individual em 1987. Nasceu em Fortaleza e viveu sempre nesta cidade.

Flávio tinha 39 anos na época de nossa entrevista e foi meu cliente de psicoterapia individual durante 38 sessões, no período entre 1985 e 1986. De formação

extremamente burguesa e com pretensões de sofisticação, contou que se formou em engenharia civil porque seu curso anterior fora extinto e tivera a oportunidade de escolher outro curso, tendo sido ajudado nas tarefas e nas provas por outras pessoas. Detesta trabalhar e só o faz quando tem necessidade de dinheiro. Trabalha como corretor de imóveis e parece ter vida confortável, apesar de, curiosamente, declarar renda mensal em torno de apenas 3 ou 4 salários mínimos. É solteiro e contou ter experiências sexuais múltiplas e variadas, afirmando pretender adotar uma menina pequena, fruto de um relacionamento fortuito de um parente próximo. Nasceu num Estado do Sudeste brasileiro, mas vive em Fortaleza há 36 anos.

Ernesto é bancário aposentado, tendo 48 anos no momento de sua entrevista. É economista, mas nunca exerceu esta profissão, optando por se dedicar às atividades bancárias. Não voltou a trabalhar em outros serviços após a aposentadoria, a partir da qual tem renda de 19 salários mínimos mensais. Filho de pais dominadores, apresentou discurso confuso e freqüentemente pouco audível, manifestando posições conservadoras. É casado e pai de 3 filhos, dois rapazes e uma garota adolescentes. Foi meu cliente de psicoterapia de grupo em dois períodos, nos anos de 1988 e 1989, num total de 14 sessões. É natural de uma cidade do interior cearense, morando em Fortaleza há mais de 40 anos.

Mário tinha 30 anos na época de nossa entrevista. É solteiro e afirma ser homossexual. Tem renda mensal em torno de 12 salários mínimos. Nascido e morando sempre em Fortaleza, foi meu cliente durante 12 sessões no início dos anos 90. Manifestou grande satisfação pela oportunidade de rememoração e de reflexão sobre suas experiências como homem, propiciada pela entrevista.

Gilson foi o informante que me forneceu a mais longa entrevista, em dois dias diferentes, e meu entrevistado de mais idade, tendo 56 anos na época de seus depoimentos. É casado, sendo pai de dois rapazes. Trabalhou inicialmente numa área industrial, pois era bem remunerada, o que lhe proporcionou independência financeira, sendo também reconhecida como “masculina” em sua cidade natal no Nordeste. Posteriormente, fez concurso para um banco, do qual aposentou-se recentemente, passando a exercer outras atividades. Tem renda mensal entre 30 e 40 salários

mínimos. Mora em Fortaleza há 12 anos. Demonstrou uma atitude afável, inteligente e sensível. Foi meu cliente de psicoterapia individual e de grupo durante 21 sessões, entre 1986 e 1987.

Pedro me concedeu seu depoimento fora de meu consultório particular, local em que, na maioria das vezes, fiz as demais entrevistas. Em seu caso, nossa conversa aconteceu nas arquibancadas de uma quadra esportiva, por sua sugestão, enquanto alguns rapazes jogavam futebol. É um engenheiro de 35 anos e afirma ter-se decidido por esta profissão, na época, por ser considerada “difícil” e “trabalho de homem”. Acha que conseguiu dar a seu trabalho um sentido social mais condizente com suas reais convicções. Casado, sem filhos, recebe cerca de 20 salários mínimos por mês. Foi meu cliente de psicoterapia individual durante apenas 5 sessões em 1985, tendo nascido e morado sempre em Fortaleza.

José é um comerciante alegre, falante e positivo, de 43 anos. Foi militar e estudou biologia, mas não terminou o curso, optando pela representação comercial, visando a ganhar dinheiro. É, sem nenhuma dúvida, meu entrevistado que vive mais folgadamente em termos financeiros, tendo declarado uma renda mensal de 166 salários mínimos. Afirmou ser casado, mas está separado da mulher, tendo se unido a outra, com quem tem uma filha pequena. Do primeiro casamento, tem 3 filhos adolescentes, sendo os dois mais velhos homens. Nascido numa cidade do interior cearense, mora em Fortaleza há 32 anos, tendo sido meu cliente de psicoterapia individual durante o ano de 1994 por apenas 4 sessões.

César é um homem simples, de origem e de hábitos humildes, que me procurou em 1983 com o objetivo de fazer psicodiagnóstico para um curso de piloto privado, tendo estado comigo por apenas 2 sessões. Solteiro aos 35 anos, preocupa-se em enriquecer, pois acredita que apenas assim poderá conseguir uma mulher que se interesse por ele. Tem 2º grau completo e trabalha como consultor imobiliário em Fortaleza, onde sempre habitou, recebendo mensalmente cerca de 4 salários mínimos. Sua primeira entrevista teve que ser parcialmente refeita numa outra data devido a problemas técnicos na audição da gravação.

Marcos é um publicitário de 33 anos proveniente de um Estado do Sudeste brasileiro. Mudou-se para Fortaleza há 11 anos, com a mulher e o filho pequeno. Apesar de conversador e bem relacionado, diz-se desapontado com os grupos apartados de homens e mulheres nas festas locais, mantendo maior convivência com pessoas provenientes de seu Estado natal. Atualmente, tem uma renda mensal de 25 salários mínimos, que afirma ser menor do que a da mulher, fato que não o incomoda, apesar - ou talvez por causa - de ser o "homem (administrador) do dinheiro" em casa. Foi meu cliente de psicoterapia individual em 1993, durante 42 sessões.

Rogério é um aposentado de 53 anos. Embora se diga homossexual assumido, evita que suas preferências sexuais sejam expostas socialmente aos antigos colegas de trabalho com quem ainda convive. Quando adolescente, pensou em ser padre e médico, mas afirma que desistiu devido à sua homossexualidade e às limitações financeiras da família, tornando-se ateu, e, posteriormente, espírita. Tem renda mensal de 34 salários mínimos. Cursou economia após ter ingressado na instituição na qual trabalhou por vários anos, até se aposentar. É solteiro, sem filhos e diz que duvida que seja capaz de arcar com as responsabilidades da paternidade. Nascido no interior do Ceará, morou quase sempre em Fortaleza, tendo comparecido apenas a uma sessão de psicoterapia individual em 1995.

Renato é um engenheiro de 27 anos, desempregado na ocasião de sua entrevista, tendo sido gerente industrial em seu último emprego, no qual recebia 11 salários mínimos mensais. É natural de Fortaleza e sempre morou aqui. É solteiro e namora uma mulher separada do marido, mãe de uma filha pequena, mas diz que tem dúvidas se quer assumi-la como sua filha. Afirma evitar depender da mãe, pois acredita que ela tende a infantilizá-lo, não se identificando também com o pai, de quem às vezes duvida da masculinidade, embora se relacione bem com ele. Foi meu cliente de psicoterapia individual em 1992 durante 11 sessões.

Sílvio não foi cliente de qualquer serviço psicológico por mim oferecido, tendo comparecido a meu consultório e se disposto a ser entrevistado devido a uma coincidência de nomes ou a um erro de endereço, o que me fez incluí-lo entre meus informantes. Tem 26 anos, solteiro, tendo estudado administração e informática,

optando pelo primeiro curso, do qual gostou mais. Trabalha com os pais, com quem diz se dar bem, numa empresa familiar na qual recebe entre 10 e 12 salários mínimos por mês. Pretende abrir outra empresa com amigos, pois acredita que complementaria sua renda e se realizaria mais como administrador independente. Nasceu e morou sempre em Fortaleza.

Jorge forneceu-me seu depoimento em um de seus diversos locais de trabalho, pois não dispunha de tempo para se deslocar a meu consultório e ser entrevistado. Trata-se de um médico e funcionário público de 40 anos, com renda mensal de 30 salários mínimos. É separado da primeira mulher, com quem tem 3 filhas adolescentes. A mulher com quem vive atualmente é mãe de um garoto também adolescente, do qual ele tenta se aproximar, mas vem enfrentando resistências. Na época da entrevista, sua companheira estava grávida de 5 meses de gestação de um menino. Parece um homem “duro” e enrijecido pela educação moral e religiosa dos pais, mas mostra-se questionador da relação desigual entre homens e mulheres e angustiado com o cansaço do “peso” do trabalho que é imposto socialmente a ele como homem. Foi meu cliente durante 47 sessões entre 1995 e 1996. Mora em Fortaleza há 25 anos, proveniente de uma cidade do interior cearense na qual os pais ainda vivem.

Lucas é um médico de 39 anos, solteiro, que afirma ser homossexual. Discreto, sério e compenetrado, diz que sempre pensou em se dedicar à medicina, mostrando-se satisfeito com a profissão, apesar dos rigores do trabalho e, particularmente, da disputa pelo poder e das fofocas, especialmente entre as mulheres. Nasceu em Fortaleza e morou quase sempre aqui, à exceção de um período de estudos no Sudeste brasileiro. Afirmou ter renda mensal de 40 salários mínimos. Foi meu cliente de psicoterapia individual em 1991, totalizando 26 sessões.

Guilherme é um professor universitário de 37 anos, proveniente de um Estado nordestino. Solteiro, mora sozinho e afastado da mãe, por quem se sentia “sufocado”, e do pai, com quem não se dava bem. Declarou renda de 18 salários mínimos mensais, tendo sido meu cliente de psicoterapia individual durante 25 sessões entre os anos de 1987 e 1988.

Edson foi meu vigésimo e último entrevistado, um homem casado há pouco tempo e ainda sem filhos. Formado em pedagogia, vem trabalhando em educação e em projetos culturais. Mostrou uma atitude idealista e pouco preocupada com o freqüente desemprego, os trabalhos alternativos ou de renda escassa, declarando vencimentos de 12 salários mínimos. Foi meu cliente de psicoterapia individual entre 1997 e 1998, tendo nascido em Fortaleza, onde sempre morou. Encerrou o processo após apenas 7 sessões devido à mudança para uma cidade do interior do Ceará, onde recebeu proposta de trabalho.

* * *

Como anunciei anteriormente, não tive a preocupação de delimitar minha amostra de pesquisa à exceção de ter elegido homens adultos que tivessem tido um contato profissional anterior comigo através de serviços psicológicos. Os entrevistados foram aqueles que se dispuseram a me fornecer seus depoimentos. De qualquer forma, creio ser interessante comentar um pouco alguns dados quantitativos que servem como uma apresentação ilustrativa da situação dos homens que me deram seus depoimentos nesta pesquisa:

- as faixas etárias de meus entrevistados apresentam uma distribuição bastante equânime: ¼ (5) dos entrevistados se situa na faixa etária entre 25 e 29 anos e outros ¼ (5) na faixa etária de 35 a 39 anos. As faixas etárias de 30 a 34 anos, de 45 a 49 anos e de 50 a 54 anos contam cada uma com 10% (2) dos entrevistados, enquanto 15% (3) deles estão na faixa etária entre 40 e 44 anos. Finalmente, 5% (1) dos meus entrevistados têm mais de 55 anos. Tais dados apontam uma amostra bastante variável de faixa etária, pois ouvi homens entre 25 e 56 anos;
- os casados e solteiros significam, ambos, 45% (9) de minha amostra de pesquisa, sendo 10% (2) deles separados, divorciados ou casados novamente, mesmo que numa relação não oficializada formalmente, o que aponta também uma distribuição bastante homogênea de meus entrevistados em termos de estado civil;

- 14 (70%) dos meus informantes têm nível superior completo; 20% (4) deles têm 2º grau completo, enquanto 10% (2) iniciaram, mas não completaram o nível superior. Tal amostra aponta uma grande predominância de entrevistados que tiveram acesso à Universidade, os demais sujeitos tendo nível médio;
- entre os entrevistados com nível superior - alguns fizeram mais de um curso - há várias formações acadêmicas representadas: medicina e psicologia: 17,64% (3 de cada curso); economia e engenharia civil: 11,76% (2 de cada); enquanto os demais cursos - administração, biologia engenharia elétrica, engenharia mecânica, letras, pedagogia e química industrial - contam com 5,88% (1 de cada) de minha amostra de pesquisa. Tais dados demonstram variabilidade de formação acadêmica entre os entrevistados que cursaram o 3º grau;
- as profissões a que se dedicam meus informantes - alguns têm mais de uma atividade profissional - também variam bastante: 10,71% (3 de cada profissão) estão aposentados, são bancários, psicólogos ou professores; 7,14% (2 de cada) são corretores ou consultores de imóveis, médicos ou técnicos em contabilidade; 3,57% ou apenas um entrevistado encontrava-se desempregado; as demais atividades profissionais (administrador, comerciante, consultor, educador, engenheiro civil, engenheiro eletricista, funcionário público, gerente industrial e publicitário) significam 3,57% (1 de cada atividade profissional) de minha amostra de pesquisa. Aqui também evidencia-se diversidade profissional entre os entrevistados;
- praticamente todos os entrevistados pertencem à classe média, tendo minha amostra de pesquisa a seguinte distribuição: renda entre 11 e 20 salários mínimos mensais: 35% (7); 30% (6) dos informantes recebem entre 31 e 40 salários mínimos por mês; 1/5 (4) de meus entrevistados têm vencimentos mensais de até 10 salários mínimos; 10% (2) deles têm renda entre 21 e 30 salários mínimos por mês; e 5% (1) de minha amostra de pesquisa ganha mensalmente acima de 40 salários mínimos. Tendo adotado o critério de renda mensal para determinar e classificar a classe social de meus entrevistados, os dados demonstram uma clara predominância da classe média, com poucos sujeitos vinculados às classes populares;

- a distribuição entre homens que têm filhos[44] e aqueles que não são pais é bastante equânime: 50% (10) em ambas as situações. Parte da investigação se voltou para os entrevistados que são pais, buscando confrontar estes dados com a relação que estes indivíduos tiveram com seus próprios progenitores. No caso dos sujeitos que não têm filhos, a pesquisa, neste quesito, se centrou apenas na sua relação com os pais;
- entre os que são pais, 40% (4) deles têm apenas um filho; 1/5 (2) dos entrevistados têm dois filhos; e 10% (1 em cada situação) de meus informantes têm, respectivamente, 3, 4, 5 e 8 filhos, o que demonstra uma predominância de poucos filhos entre meus entrevistados, apesar de alguns poucos terem uma prole bastante mais ampla;
- 53,57% (15) dos filhos de meus entrevistados[45] são do sexo masculino e 46,52% (13) são do sexo feminino. Em todos os casos, busquei investigar o relacionamento de meus sujeitos de pesquisa com seus filhos. Entretanto, entre aqueles que têm filhos homens, explorei uma possível articulação entre estes relacionamentos e os que estes entrevistados tiveram com seus próprios pais;
- meus informantes têm filhos de idades variadas: 28,57% (8) deles têm entre 11 e 15 anos; ¼ (7) deles têm entre 16 e 20 anos; as faixas etárias até 5 anos e de 6 a 10 anos significam cada uma 14,28% (4) dos grupos de filhos de meus entrevistados; 10,71% (3) têm entre 21 e 25 anos, enquanto apenas 7,14% (2) deles têm mais de 25 anos. Tais dados indicam uma clara predominância de filhos no período da adolescência (em maior grau) e da infância entre meus entrevistados. Portanto, o fato de que alguns destes sujeitos tenham filhos ainda no período em que estão *construindo* sua *condição sócio-cultural de gênero* permitiu-me que eu pudesse explorar este fenômeno nas entrevistas com meus informantes;
- como informei anteriormente, ouvi 3 homens que não foram meus clientes de serviços psicológicos, além de um outro entrevistado que se dispôs a dar seu depoimento, mesmo que não tenha sido meu cliente, constituindo minhas entrevistas de pré-teste

[44] Foram considerados pais todos os homens que, mesmo não o sendo geneticamente, assim se consideram em relação a seus enteados ou filhos adotivos, pois uma das principais questões investigadas em minha pesquisa tem a ver com a forma como esses homens lidam com sua *função paterna*.
[45] Este dado me interessou por conta de que minha pesquisa explora, entre outras questões, a relação de meus entrevistados com seus filhos, particularmente os do sexo masculino.

(19,04% de meus informantes); 2/3 ou 14 deles foram meus clientes de psicoterapia individual, enquanto 9,52% (2) foram clientes de psicoterapia de grupo e apenas 4,76% (1) deles submeteram-se a psicodiagnóstico. Esta diversidade, mesmo que restrita, aponta para vários vínculos e canais de informação sobre a *condição* e a *subjetividade masculinas na contemporaneidade*;

- realizei minhas entrevistas de pesquisa nos primeiros meses de 1998. Portanto, a época em que meus ex-clientes foram anteriormente atendidos por mim varia consideravelmente: 37,5% (6) deles estiveram sob meus serviços psicológicos entre 1984 e 1988; 31,25% (5) de meus informantes estiveram comigo entre os anos de 1989 e 1993, ¼ (4) deles após 1994 e apenas 6,25% (1) de meus ex-clientes me consultou em 1985. Tais dados reforçam o que destaquei no item anterior no sentido de uma diversidade no vínculo íntimo e de um certo distanciamento em relação ao contato com meus sujeitos de pesquisa;

- 43,75% (7) de meus entrevistados tiveram comigo até 10 sessões de serviços psicológicos; 18,75% tiveram entre 11 e 20 e entre 21 e 30 sessões (3 ex-clientes em cada um dos subgrupos); 12,5% (2) de meus informantes tiveram mais de 40 sessões, enquanto apenas 6,25% (1) teve entre 31 e 40 sessões de serviços psicológicos comigo. Tais dados também apontam para o que expus nos dois itens anteriores, ou seja, o da amplitude de contatos diferenciados com meus informantes;

- a origem de meus informantes também é variada: 50% (10) deles nasceram em Fortaleza; ¼ (4) são provenientes do interior do Ceará, 15% (3) de outros Estados nordestinos, 10% (2) de Estados do Sudeste brasileiro e apenas 5% (1) de um Estado do Norte do Brasil. Apesar da variação da origem de meus entrevistados, todos têm como ponto em comum o fato de viverem em Fortaleza, campo em que circunscrevi minha amostra de pesquisa;

- 40% (8) de meus entrevistados sempre moraram em Fortaleza; 20% (4) deles estão nesta cidade entre 26 e 35 anos; 15% deles aqui vivem entre 16 e 25 anos; dois subgrupos são constituídos de 10% (2) de meus informantes, cada um habitando Fortaleza entre 10 e 15 anos e entre 36 e 45 anos, respectivamente; apenas 5% (1) de meus ex-clientes vive nesta cidade há mais de 45 anos, proveniente de outras

localidade. Finalmente, tais dados demonstram que todos os meus sujeitos habitam Fortaleza há no mínimo 10 anos, período suficiente para incorporarem e/ou estarem envolvidos pelas pressões sócio-culturais relativas à *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas na contemporaneidade*, o que justifica sua utilização como importantes informantes a respeito desta questão.

Passo agora a discutir os dados coletados junto a meus entrevistados, buscando extrair conclusões acerca da *subjetividade* e da *condição masculinas na contemporaneidade*.

PARTE 3 - A SUBJETIVIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: ANÁLISE E DISCUSSÃO A PARTIR DE MÚLTIPLOS RECORTES DE FALAS SIGNIFICATIVAS DE HOMENS EM FORTALEZA

- Eu queria, só para finalizar, colocar essa questão que, para mim, é uma coisa muito importante: existe uma cobrança muito grande em cima da coisa de ser homem, por parte de outros homens, por parte das mulheres. Isso é uma cobrança, e isso é uma cobrança que eu acho que explica estatisticamente porque os homens morrem mais cedo do que as mulheres. São tantas cobranças que, um dia, o enfarto "pega", né? Então, eu acho que é isso - quer dizer - e é o que eu procuro fazer: é diminuir esse "peso", fugir dessas cobranças.
- Você sente esse "peso" na sua própria vida?
- Sim: existe, né? Então, eu procuro sempre negar isso: procuro fugir disso. Onde é que está escrito que é sempre o homem que tem que "puxar as coisas", o homem que tem que "estar à frente" de tudo, né? Onde se viu que está escrito isso?

Pedro

Relembro aqui que cada uma das cinco *unidades de sentido*[46] utilizadas nesta pesquisa compõem os temas principais dos próximos capítulos da terceira parte da tese e geraram treze *tipologias nativas*[47], ou seja, um conjunto de *categorias descritivas* das principais questões levantadas por meus entrevistados, recolhidas ainda sem análise teórica, que, por sua vez, propiciaram o surgimento de trinta e quatro *tipologias analíticas*[48] a serem, em seguida, interpretadas à luz da *sociologia das relações de*

[46] Resumidamente, foram estas as 5 *unidades de sentido*: (1) Questões acerca da Condição Masculina; (2) Questões sobre a Relação com as Mulheres; (3) Questões sobre a Paternidade; (4) Questões sobre a Relação com Outros Homens; e (5) Questões sobre a Relação com o Trabalho Profissional.

[47] Resumidamente, foram estas as 13 *tipologias nativas*: (1) O que É Ser Homem; (2) Vivências Masculinas; (3) O Homem em Transformação; (4) O Homem Violento; (5) A Mãe do Homem; (6) O Homem e as Atividades Domésticas; (7) Sobre Amizade, Amor, Sexo e Dependência das Mulheres; (8) Pai e Filho: Aprendendo a Ser Homem; (9) Os Melhores Amigos do Homem; (10) O Homem e o Trabalho; (11) Cuidado: Homens e Mulheres Trabalhando Juntos!; (12) O Descanso do Guerreiro; e (13) Sobre a Entrevista.

[48] Resumidamente, foram estas as 34 *tipologias analíticas*: (1) O Homem Natural; (2) O Homem Moral; (3) O Homem Universal; (4) O Homem Forte; (5) O Homem Trabalhador; (6) O Homem Produto da Sua Cultura; (7) O Homem Diferenciado da Mulher; (8) O Homem *Macho*; (9) O Homem Sensível; (10) O Aprendiz Sexual; (11) Mesmo o Homem Satisfeito com Sua Masculinidade Sofre Constrangimentos; (12) O Homem Mutante; (13) O Homem que Continua Essencialmente o Mesmo de Sempre e em Qualquer Lugar; (14) O Homem que se Reconhece Violento; (15) O Homem Agredido, Pacífico ou Reprimido; (16)

gênero. São os resultados desses ricos depoimentos que me proponho a discutir nos cinco próximos capítulos desta terceira e última parte da tese.

A Mãe Cuidadora e Modelo de Mulher; (17) Minha Mãe É Imperfeita; (18) O Filhinho *Macho* da Mamãe; (19) Um Homem de Prendas Domésticas?; (20) O Amigo das Mulheres; (21) O Homem que Não Confia nas Mulheres; (22) O Pai Participante e Acolhedor, Modelo de Homem; (23) O Pai Ausente, Omisso, Rejeitado ou Violento e Outros Reforçadores de Atitudes Socialmente Consideradas Masculinas; (24) Uma Nova Paternidade? (25) O Melhor Amigo do Homem É Outro Homem; (26) O Homem que Não Confia em Outro Homem; (27) O Trabalhador Realizado; (28) O Homem Insatisfeito com o Seu Trabalho: Trabalho de Homem?; (29) Trabalhadores do Brasil, Uni-vos!; (30) A Guerra dos Sexos Chega ao Trabalho?; (31) Trabalho *versus* Lazer; (32) Diversão entre Homens?; (33) Repercussões Positivas; e (34) Repercussões Negativas.

Capítulo 1 - Quando Homens Falam de Si Mesmos e do que É Ser Homem em Fortaleza: Uma Subjetividade em Constante (Re)*Construção*

Guerreiros são pessoas
Tão fortes, tão frágeis
Guerreiros são meninos
Por dentro do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os tornem refeitos

Gonzaguinha[49]

Sempre os achei solitários, embora não me fossem apresentados como espécimes muito confiáveis. Desde criança ouço falar pouco bem deles. Por toda parte queixas e acusações, como se fossem uns bichos alheios a nós. Talvez não se possa mudar a cabeça dos nossos companheiros, mas nós, com tantos novos conceitos, como estamos criando os nossos filhos homens? Ainda temos tempo de educá-los ou tudo aos poucos vai sendo - excessivamente - delegado às creches, às escolas e aos terapeutas? O que escutam de nós a respeito de si mesmos, e de seus papéis? Ainda o antiqüíssimo "homem não presta"... ou já lhes incutimos desde o berço que são gente, são apenas humanos, que podem ser sensíveis e sabem ser sutis, que são grandes companheiros?

Lya Luft[50]

1. *O que É Ser Homem*

Intencionalmente, iniciei as entrevistas com meus sujeitos de pesquisa com uma indagação que considero bastante vaga, aberta e difícil – *o que significa ser homem pra você?* (pergunta 1) – com o objetivo de permitir a meus entrevistados que, mesmo com a possibilidade de ficarem surpresos com a questão aparentemente filosófica, pudessem discorrer sobre a *condição* e a *subjetividades masculinas* a partir de parâmetros e de referenciais que de fato fizessem sentido para eles. Em seguida, fazia-lhes uma indagação semelhante, embora com um detalhe diferenciador - *o que* torna

[49] Outro trecho de *Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)*, *op. cit.*
[50] *Op. cit.*, p. 71-72.

uma pessoa um homem? (pergunta 2) - não apenas para que tivessem a oportunidade de retomar e de rever as argumentações que fizeram na resposta à pergunta anterior, mas também para buscar conferir a possibilidade de que considerassem o fato da *construção sócio-cultural do gênero*, sem, entretanto, levantar diretamente tal questão. As duas perguntas seguintes tentavam descobrir como eles diferenciavam homens e mulheres (pergunta 3), e, subseqüentemente, se consideravam que as regras sociais deveriam ser diferentes para os dois *gêneros* (pergunta 4). Prosseguia indagando-lhes se e como diferenciavam um *homem* de um *macho* (pergunta 5), pois reconheço a existência e o uso diferenciados destes dois termos relativos à *condição* e à *subjetividade masculinas* em nosso contexto local. Finalmente, consciente da forte homofobia que grassa entre muitos homens, perguntava-lhes se acreditavam que os homossexuais fossem "homens de fato" (pergunta 6). O conjunto destas seis perguntas vieram a constituir minha 1ª *tipologia nativa*, pois giram em torno de questões relativas às impressões masculinas sobre *o que é ser homem*. Tal 1ª tipologia nativa gerou o leque das 9 (1ª a 9ª) *tipologias analíticas* desta tese - *o homem natural*; *o homem moral*; *o homem universal*; *o homem forte*; *o homem trabalhador*; *o homem produto da sua cultura*; *o homem diferenciado da mulher*; *o homem* macho; e *o homem sensível* - o que demonstra a amplitude da dificuldade dos homens de definir o que caracteriza a *condição* e a *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade*.

. O homem natural

Agrupei nesta *categoria* ou *tipologia analítica* todas aquelas respostas que buscavam tentar compreender o homem apenas ou principalmente como um produto originário da natureza. Tais definições descrevem o *gênero masculino* como "normal", sendo pautadas em critérios sexuais ou em atributos corporais, físicos, biológicos ou orgânicos. Neste sentido, o homem é considerado como um reprodutor, um ser genital, sexuado e desejante, que tem prazer com a mulher. Quase dois terços de meus entrevistados tiveram suas definições acerca do que é *ser homem*, de alguma forma, incluídas nesta tipologia, mesmo que posteriormente vários deles incluíssem outros

critérios também, particularmente a inserção sócio-cultural para configurar os indivíduos do *gênero masculino*. Um exemplo ilustrativo da manutenção desta concepção do senso comum acerca da constituição *natural* como *essência da humanidade* a partir da *condição masculina* pode ser percebido na resposta de João, meu primeiro entrevistado, quando lhe perguntei "o que significa ser homem":

> *ser homem, pra mim, é ser humano normal. Não vejo nenhuma coisa diferente. Ser homem, pra mim, é, pelo fato de ter nascido homem, né, permanecer homem. Me parece que não há, assim, uma coisa definida por mim, mas é uma coisa que veio a mim naturalmente. Ser homem pra mim é uma coisa natural. (...) Não vejo nenhuma coisa diferente.*

Esta idéia reaparece e é reforçada em seguida, quando lhe perguntei "o que torna uma pessoa um homem": "o que me tornou homem foi, acredito, uma questão biológica, natural. Então, pra mim, a questão de ser homem também é uma conseqüência natural de não ser mulher: eu sou um homem". Assim, podemos perceber o quanto a idéia de uma *constituição natural de gênero* está disseminada entre as pessoas, bem como uma concepção de *humanidade* a partir do *masculino*. Da mesma forma, Gilson argumenta que, "na realidade, a única diferença que eu vejo entre o homem e a mulher é somente a questão do homem ser o doador de espermatozóide pra reprodução. A única diferença que eu vejo é a mulher como receptora e como geradora". Mário afirmou, reproduzindo uma conhecida música[51], que a diferença entre homem e mulher é "que homem tem barba, cabelo no peito e a mulher não tem. Eu acho que há diferença física, né?" Finalmente, Jorge resume tal perspectiva, afirmando que o que torna uma pessoa um homem "é ser do sexo masculino", enquanto Edson destaca "o sexo, né? Quer dizer, no caso, o fato do órgão sexual em si é o que torna homem". Portanto, posso deduzir que o primeiro critério de definição sobre *o que é ser homem* para muitos indivíduos do *gênero* masculino permanece sendo ainda a biologia. O *gênero*, antes de tudo, parece ser concebido como um produto da natureza, particularmente no que se refere à sexualidade, o que deve determinar o comportamento, as atitudes e, conseqüentemente, a *subjetividade* e a *condição masculinas*.

[51] A letra completa desta canção, composta por Durval Vieira, encontra-se transcrita como epígrafe no início do Capítulo 1.1 desta tese - *Ser Homem: Uma Questão de Gênero*, à página 15.

. *O homem moral*

Outra definição bastante comum do que significa *ser homem* entre meus entrevistados centra-se em questões relativas às qualidades éticas – positivas ou negativas - do ser humano, ou, mais especificamente, a respeito do caráter moral do *gênero masculino*. Desta forma, posso apontar algumas destas definições do que denominei de *homem moral*:

> *acho que, pra mim, ser homem é ter um caráter definido, um posicionamento flexível acerca também dos diversos problemas e assuntos que porventura surjam. Primeiro, é responsabilidade, ter responsabilidade. Ele tem que ter responsabilidade, tem que saber arcar com as suas responsabilidades, assumir os seus atos, independente de que tipo de ato seja: enfim, ser capaz de assumir os seus atos* (Luís).

Valdir afirmou que

> *o homem, ele tem que ter palavra. O homem tem que assumir aquilo que ele se propõe a realizar. É, eu acho que o homem tem que ter, perante tudo, palavra. Deve ter um ponto de vista, ter palavra. Ele é um homem quando ele assume aquilo que ele faz, quando ele endossa aquilo que ele faz, mesmo que ele vá ter - digamos assim - vá ter prejuízo. Então, um homem, pra mim, ele tem que ter, antes de tudo, uma idoneidade e uma moral bem definida.*

Ernesto, por sua vez, expõe claramente uma perspectiva moral acerca do que é *ser homem*:

> *o homem, geralmente, é um farrista safado. Quando ele é mais jovem, tem uma formação diferente da mulher: geralmente, é um pouco machista, né, autoritário. Então, a gente "saca" que ele tem, assim, uma cobrança maior do que uma mulher, né? A gente tem que passar por certas experiências e chega à conclusão, né - e tem suas razões - que isso geralmente é da formação, né? Como eu falei, tô convencido: a gente é mais lúcida sobre tudo o que envolve, por exemplo, pra mulher, né? Então, vemos aí, né: a pressão é maior; também as responsabilidades, acima de tudo - pelo menos na minha geração era maior, né?*

José também endossa essa mesma perspectiva: "ser homem pra mim é ter um posicionamento de honestidade, de lealdade, de comportamento adequado, embora respeitando o lado machista que eu sou, devido à minha idade", enquanto Sílvio acrescenta que "ser homem, hoje, tem muito a ver com cidadão, a ter uma postura correta. Se for voltado mesmo à questão do sexo masculino, eu acho que é assumir o papel mesmo de homem, sei lá, de ter família perante a sociedade". A mesma posição é bastante clara no depoimento de Marcos:

> *caráter. O que torna uma pessoa um homem, além do caráter, é determinação, humildade, o zelo, a segurança, a compreensão. O homem no sentido completo é aquele que tem uma família,*

> *que cuida da sua família, que faz as suas coisas bem no trabalho: aquele que pensa com retidão em tudo que ele faz, quer seja na educação do seu filho, no contato com a sua mulher, no seu trabalho, com seus amigos; aquele que ampara; aquele que acolhe; aquele que sabe brigar também, que sabe fazer o bem e o mal, né, mas que saiba sempre pensando naquele objetivo com bastante tranqüilidade: "o objetivo é esse. O que é certo é isso e a gente vai ter que buscar aquilo. É esse negócio".*

Assim, penso que, para muitos homens, as qualidades morais – o caráter, a responsabilidade, a honestidade, a lealdade, a cidadania etc. – e mesmo atributos negativos – como o machismo, o autoritarismo, a "safadeza" e outros – ainda são considerados componentes significativos da *construção da subjetividade* e da *condição masculinas* na *contemporaneidade*. Estas características morais parecem provir de uma certa confusão entre *o que é ser homem* e o que significa ser um "homem de bem", mesmo que isto inclua características negativas, mas sempre reveladoras da *fortaleza* do *macho*.

. *O homem universal*

Também fortemente presente, encontrei entre meus entrevistados a concepção – aliás, bastante comum - do homem como modelo de atributos universais, como se essas qualidades dissessem respeito apenas aos indivíduos do *gênero masculino*. Quase todos os meus sujeitos de pesquisa, mesmo os que disseram não saber como definir o que significa *ser homem*, lhe atribuíram, de forma clara ou sub-reptícia, características que denominei de "universais", pois não se referem apenas aos homens, mas a todos os seres humanos. Assim, para Gilson,

> *é muito complicado explicar, mas eu não tenho uma visão de homem, do tal lado homem, masculino: não tenho esta visão. Entendo mais homem como ser humano. Esta é a minha visão de homem, de homem genérico, de ser humano, porque, na realidade, a única diferença que eu vejo entre o homem e a mulher é somente a questão do homem ser o doador de espermatozóide pra reprodução. A única diferença que eu vejo é a mulher como receptora e como geradora.*

Além da referida perspectiva ética, Mário também acrescenta uma conotação "universal" à *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*:

> *eu acho que a honestidade, a seriedade no lidar com a vida, a maturidade. Acho que uma busca de desenvolvimento pessoal também, um crescer interno, uma descoberta de si mesmo. Então, ser adulto, pra mim, é muito parecido com ser homem. Ser homem é ser adulto, ser maduro, tentar ser competente, assertivo.*

Portanto, para muitos homens, as qualidades que definem a *subjetividade* e a *condição masculinas* incluem atributos universais que dizem respeito à própria humanidade e que independem da *condição de gênero*, mas eles tendem a confundi-las com as peculiaridades do mundo masculino e as tomam como modelo para as pessoas de maneira geral. Esta parece ser uma percepção comum, revelando, mais uma vez, a perspectiva *androcêntrica* – pautada no homem como modelo universal – que perpassa as principais buscas do ser humano em geral e não apenas a *subjetividade masculina*.

. *O homem forte*

A força física masculina ou a "fortaleza" do *macho* é também um atributo que vários de meus entrevistados destacam como um constituinte importante do que significa *ser homem* ainda hoje. Neste sentido, Renato admitiu:

> *eu sinto uma certa obrigatoriedade de ser forte. Eu acho que isso ainda é uma coisa que me toca muito em todos os aspectos, essa coisa do sempre estar no comando da situação. Por isso que "eu me sinto a força" em todos os aspectos porque não é só o físico, mas é o conhecimento geral e a segurança. É tudo: a frieza, o não envolvimento com o certo.*

João destaca "a questão mesmo da força. Nós achamos que o trabalho mais pesado, ele é só do homem. Ainda é aquele da força, né, que pega o maior peso, tipicamente é o mais forte. Então, isso ainda existe, mas muito pouco, mas existe". Lucas afirma que "o homem é, na verdade, assim organicamente, mais forte em termos de corpo, né, de estrutura física", no que concorda César: "eu acho que as mulheres são mais frágeis fisicamente, certo? Em termos de aspectos físicos, né, ele se sobressai mais na parte física porque ele tem uma força maior", enquanto Tomás argumenta que "as mulheres, hoje em dia, elas querem a igualdade de direitos, mas abrindo mão de deveres, né, e elas se escondem muito atrás do aspecto físico. Já o homem, é mais forte fisicamente. Então, tem que fazer as coisas sozinho. A mulher, não".

Desta forma, destaco que, além de caracterizar a masculinidade a partir do maior porte físico e da fortaleza do homem, alguns de meus entrevistados percebem e sentem um certo ônus sócio-cultural por conta da pretensa "superioridade" masculina, muitos se fazendo auto-exigências como sempre ter de manifestar força viril, realizar

tarefas pesadas, ser frio ou demonstrar saber lidar tranqüilamente com situações difíceis, tanto em comparação com as mulheres quanto com seus congêneres.

. *O homem trabalhador*

Como já anunciei anteriormente, o trabalho profissional e a conseqüente capacidade de manter a própria família parecem ser pré-requisitos fundamentais ao reconhecimento pessoal e sócio-cultural de muitos homens. Neste sentido, Valdir foi bastante categórico: “rapaz, o homem, pra mim, é uma responsabilidade que você tem com respeito à sobrevivência dos seus dependentes”. Ernesto argumenta que o homem nem sempre consegue trabalho ou está satisfeito com ele: “num tem tanta felicidade na questão do trabalho, num tem um emprego, né, você sabe, pra se sustentar”. Afirma Pedro que,

> *em relação às mulheres, principalmente aqui, ainda existe muito esta coisa da mulher ficar na retaguarda: a mulher ficar esperando que o homem faça o dinheiro, que o homem faça coisas e fica aquela coisa de “batalhar o pão de cada dia”, né? Acho que ainda existe muito essa coisa da sociedade colocar o homem como quem tem que batalhar as coisas, e, a princípio, isso não seria uma obrigação da mulher. Então, eu vejo que essas coisas, pra mim, caracterizariam uma certa divisão. Digamos: ao homem, é dada uma certa pressão que ele tem que trabalhar, tem que “batalhar o próprio pão”, e, para a mulher, isso é colocado, mas nem de uma forma tão forte como para o homem, né? Às vezes, eu penso que a coisa é muito colocada pro homem, né?*

Embora nem todos os meus entrevistados tenham incluído explicitamente o *trabalho profissional* como *condição sócio-cultural* determinante da masculinidade, a maioria deles parece associar certas atitudes que consideram relativas ao homem – ser atento; ativo; ousado; determinado; provedor financeiro; chefe de família; independente; participante; decisor dos grandes problemas – à auto-exigência de ter um emprego e, em boa parte, de ser capaz de sustentar a família. O peso das expectativas femininas, dos próprios homens e também da sociedade parece funcionar no sentido de incutir neles, mesmo que implicitamente, a idéia de que “homem digno é o homem que trabalha”, reforçando minha convicção acerca da importância do trabalho como um dos principais determinantes sócio-culturais da *subjetividade* e da *condição masculinas* desde sempre, inclusive ainda na contemporaneidade.

Foi devido à percepção da freqüente preocupação com o trabalho e à importância que os homens parecem dar à comprovação de sua capacidade de prover a família que optei por dedicar todo o último capítulo desta tese à questão do trabalho profissional como determinante da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade*, bem como a outras temáticas – como o lazer – a ela associadas.

. *O homem produto da sua cultura*

Apesar de muitos homens ainda definirem a *condição* e a *subjetividade masculinas* a partir de critérios eminentemente naturais, físicos, universais ou morais, pude encontrar várias manifestações de reconhecimento do papel da cultura e da sociedade na *construção* do que é *ser homem* entre meus sujeitos de pesquisa. Lucas admite que "o homem é uma pessoa que, de uma certa forma, ela é influenciada pela condição de ter sido criada como homem". João, após defender uma argumentação naturalista, acrescenta dados sobre sua origem sócio-cultural para justificar as diferenças entre o homem e a mulher:

> *o que houve, talvez a questão cultural, né, ter nascido no sertão, ter vivido num ambiente machista. Nós temos uma formação cultural. Então, eu acho que a diferença entre o homem e a mulher, ela está muito mais colocada dentro da gente pela cultura, pelo ambiente que a gente vive. Isso não depende de mim.*

Outros são menos diretos e incluem o cotidiano como influência na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, após adotarem uma visão de homem universal, como Gilson: "acho que a vida mesmo, o dia-a-dia. São as experiências de vida, e, quanto mais experiência de vida, melhor", considerando, ao tratar da diferença entre os *gêneros*, que "os aspectos que diferenciam, a mim parece, são aspectos muito superficiais, e talvez esses aspectos superficiais foram incorporados por cada um em função da criação e da sociedade mesmo". Haroldo, de sua parte, afirma: "eu continuo distinguindo o homem como assim também um lugar, porque você ocupa na sociedade um lugar que - digamos assim - tem algumas atitudes".

Tais *recortes de falas masculinas* demonstram, portanto, que muitos homens, embora fundamentem sua compreensão acerca do que é *ser homem* a partir de capacidades físicas e de critérios anatômicos concretos, ou de qualidades morais e universais, terminam por destacar os valores, os estereótipos e mesmo as atitudes e os comportamentos originados nas vivências sócio-culturais de seu cotidiano. Isto revela que, embora muitas vezes confusos, muitos homens parecem intuir a clara influência dos fatores sócio-culturais na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas na contemporaneidade*.

. *O homem diferenciado da mulher*

Alguns critérios freqüentemente utilizados por meus entrevistados para definir a masculinidade têm como contraponto as figuras femininas. Neste sentido, como em vários dos depoimentos já apresentados nesta tese, Haroldo assim diferencia as atitudes masculinas e femininas:

> *ser homem é desejar a mulher, conquistar e ter prazer com ela. É que ele deseja a mulher e busca a mulher. E busca o quê? Busca um prazer. O que me ocorre é que a mulher, a forma de buscar dela é diferente. Ela seduz ou atrai, né, e o que ela espera do homem é uma coisa diferente do que um homem espera dela. Ela é mais afetuosa e busca muito, além do prazer sexual, a proteção, a compreensão. Algumas se colocam muito como filhas e outras como mães.*

Esta contraposição entre homem e mulher comumente ainda se manifesta também numa atribuição de *papéis sócio-culturais* opostos a partir da *diferenciação dos gêneros*, como afirma Pedro: “existem algumas características que eu diria que seriam mais masculinas, né, e algumas características que seriam mais femininas”. Para Marcos, também, o *papel sócio-cultural* masculino tem referências evidentes à mulher:

> *é você poder, assim, tomar conta de uma mulher, ter uma casa, direcionar os rumos da família, né? Com o filho, você poder educar - apesar de saber que a maioria das informações que chegam para os filhos chegam através da mãe - mas você poder ser o que dá segurança, o que dá calma e determinação, aquele que vai buscar as coisas, aquele que almeja e aquele que coloca um objetivo e fala “nós temos que buscar isso, né?”, no caso da relação com a mulher.*

Mesmo para Rogério, que afirma ser homossexual, tal contraposição entre *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos – embora negada – ainda se faz presente: “bom, eu me sinto satisfeito com a minha condição de homem. Eu não gostaria de ser mulher.

Sinceramente, eu num faço muita distinção, não. Têm papéis distintos, né, mas ambos são importantes, são necessários. Eu num vejo supremacia, assim, hoje, né?" Jorge reconhece a *diferenciação sócio-cultural* entre homens e mulheres, apesar de condená-la:

> *o homem é um indivíduo do sexo masculino, que tem papéis diferenciados das mulheres. Normalmente, é ainda o mais responsável pela questão financeira, que goza de uma determinada independência, superior à da mulher por conta da independência financeira, e que ainda tem pouco papel dentro de casa nas atividades domésticas e criação dos filhos. Acho que essa coisa vem mudando e o homem vem aumentando mais as tarefas domésticas, mas ainda muito aquém do que é preciso.*

Mesmo quando aproximam ou igualam os *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos, alguns de meus entrevistados ainda se reportam a universos aparentemente diferentes, como argumenta Edson: "eu já não tento, assim, separar, por exemplo, essa história de fazer comida, lavar prato, varrer casa: então, uma série de funções que estariam associadas ao fato de ser mulher". Finalmente, João resume essa perspectiva de *diferenciação* a partir da mulher - aparentemente "natural", mas certamente sócio-cultural - com a seguinte consideração:

> *então, pra mim, a questão de ser homem também é uma conseqüência natural de não ser mulher. Eu sou um homem. Até o ato de fazer poesia, o fato de gostar das artes, isso me tirou um pouco daquela coisa do machismo que eu nunca tive, mas eu estava sendo encaminhado pra ele.*

Assim, posso deduzir que a *diferenciação dos papéis sócio-culturais* femininos e masculinos – não apenas a diferença física e sexual entre os *gêneros* - constitui um componente ainda importante na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na *contemporaneidade*.

É interessante observar que, embora a quase totalidade de meus sujeitos de pesquisa negue a necessidade da existência de regras sociais diferenciadas para homens e mulheres, na medida em que discutíamos a questão, esses mesmos homens levantavam exceções e situações limitadoras da igualdade dos *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos. De um lado, Jorge denuncia a discriminação da mulher:

> *eu acho que as diferenças das regras deveriam ser só no que diz respeito ao que caracteriza mesmo a mulher no que tange à maternidade, que, daí, ela precisa ter mais tempo; o período de amamentação; a parte de aborto, que diz respeito mais a ela. Só que existe isso legalmente e existe as outras regras que não são – digamos - legais, escrito, no que diz respeito à discriminação, mas que de fato existe.*

Por outro lado, penso que o ainda freqüente escamoteamento da discriminação da mulher aponta o conflito, o desconforto e o mal-estar que muitos homens vivem atualmente por conta de já não encontrarem razões objetivas para mantê-la, embora, no plano subjetivo, afetivo e familiar, ainda não se sintam plenamente prontos para abdicar dela. Não se trata de uma mudança definida, mas sugere um processo de transformação das relações entre homens e mulheres, que tende a se configurar no sentido de uma mais plena e igualitária equivalência dos *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos.

. *O homem* macho

A maioria de meus sujeitos de pesquisa manifesta também uma clara *diferenciação sócio-cultural* entre as qualidades que atribuem ao que é ser *homem* e as características do que denominam de ser *macho*. Entretanto, o termo *macho* apresenta conotações diversas, apesar de, para vários de meus entrevistados, terem pontos em comum – geralmente associados ao *machismo* - com o que significa *ser homem* para cada um deles. João argumenta que "você pode ser feminino sendo homem e é muito difícil você ser feminino sendo *macho*". Haroldo acredita que

> *o homem tem que ser* macho*. Muitas vezes, o* macho *num é homem porque num tem a visão de mundo. Qualquer um pode ser* macho*. Ser homem é um pouco mais do que ser* macho*. Eu acho que são aspectos sociais. São aspectos do papel mais ético. O homem, eu coloco como o ser* macho *que é mais ético: tem critérios etc. O* macho *é o homem que extrapola algumas coisas.*

Luís admite de maneira simplificada que

> *o* macho*, ele é mais ignorante. Termo machista. Ele é mais grosseiro. Ele num procura ponderar as coisas, num procura entender as coisas, que é uma prática bem comum hoje. Nos dias de hoje, a gente convive muito com esse tipo de coisa. Ser* macho *é um "caboclo" dizer "eu só sou eu, eu sou homem" e num pensar nas minhas outras hipóteses e outras coisas. E eu acho que o homem, não: ele raciocina mais.*

Da mesma forma, Tomás argumenta que

> *essa questão de* macho *é, assim, às vezes, meio pejorativa, né? O* macho*, pro pessoal, às vezes, é aquele que anda com várias mulheres; é aquele que, às vezes, trai a mulher, né? Acho que tem o homem, aquele ali, feito de carne, né, que tem a sua masculinidade, né? Mas esse negócio de* macho*, eu acho assim meio pejorativo, né?*

Por sua vez, Valdir acrescenta de forma um tanto confusa:

> *parece que* macho *é aquele "bicho" que é um "garanhão". O homem seria o "cara" de palavra, o "cara" que "toca aqui". Eu, pra mim, (...) por exemplo, (...) eu sou homem. Eu num me acho* machão*. Aliás, eu me acho* macho*. Essa é uma palavrinha que eu não uso:* macho*. Eu sou homem. É, pra mim, ser* macho *é só um qualificativo, sem falar da gozação: "porra, esse 'bicho' é* macho*!" Quer dizer: é um grau acima de homem. Eu num consigo só tá me mantendo na mesma coisa.*

Flávio, por sua vez, não distingue claramente *ser homem* de ser *macho*: "me encanta ser homem. No sentido que eu falei, eu acho que ele já é bastante macho. O macho, pra mim, num é aquele que bate no peito: "ah, eu fiz isso, fiz aquilo, fiz aquilo outro!" Macho, pra mim, é o "cabra" ser homem". Ernesto associa masculinidade e macheza, acreditando que a virilidade é um componente intrínseco do homem, que, embora não necessariamente o torne feliz, geralmente faz com que se sinta respeitado. Mário, de sua parte, reconhece seu preconceito em relação ao termo *macho*, pois

> *parece que ser homem também está muito associado à maturidade, certo? Há uma busca de um crescimento interior, espiritual, que exigem vários cuidados. Ser* macho*, pra mim, tem muito daquele que está "caçando" sempre a mulher, coça o "saco", cospe no chão, que fala alto, que é grosseiro, que não sabe ser delicado, que não chora, não pede. É aquele que fala mal, né, sobre as "bichas", os travestis, os homossexuais. Ele rejeita quem tem um relacionamento com outro homem. Não perdem oportunidade de mostrar que são muito homem. Ser* macho *também tem muito a questão, né, muito mais animal mesmo, né, separar o* macho *da* fêmea.

Para Gilson, não há diferença entre o homem e o *macho*, pois

> *não é porque eu tô falando do homem como ser humano, como uma coisa assim mais ampla, que pode englobar mulher e homem, que eu ache que o homem deva ser diferente do* macho*. Não, o homem caracterizado como do sexo masculino, eu acho que ele se confunde com o* macho*. Não sei...*

A fala de Pedro parte da etimologia do termo *macho* e ilustra sua compreensão da distinção do que significa *ser homem* através de situações vividas por ele:

> *eu acho que, no sentido das palavras, o* macho *seria mais ligado com a coisa do* machismo*, né, pelo que eu entendo da sua pergunta. E o homem seria essa coisa mais, talvez até, a princípio, mais orgânico, mais ditada pelas diferenças físicas óbvias que existem entre o homem e a mulher do que necessariamente por essa coisa de comportamento. Quer dizer, eu cito o meu exemplo: eu me considero um homem, e, no entanto, eu sou uma pessoa que gosta de plantas, de flores; eu gosto de manter as coisas arrumadas, coisas que, a princípio, são colocadas de modo geral como coisa de mulher, generalizando. Essa coisa do* macho*, eu compreendo que seria mais aquela coisa do* machismo*, né, aquela coisa de "em todos os locais, eu tenho que levar todas as mulheres para a cama, tenho que conquistar todas as mulheres".*

José relaciona o uso da expressão *macho* a questões culturais:

> *o termo* macho*, pra mim, é só o sexo masculino do ser humano.* Macho*, no sentido que a gente tem - "sou muito* macho *e tal" - isso é bobagem. Isso é mais um problema cultural, a coisa de ser* macho*, o "cabra" do interior, que não pode chamar ele de "baitola", não pode chamar de "corno",*

> *não pode chamar de "filho da puta", que ele tem que matar; não pode "levar chifre", que tem que matar. O* macho*, pra mim, é mais nesse sentido cultural.*

César enfatiza a distinção entre ser *homem* e ser *macho*, afirmando que são diferentes atitudes diante da vida:

> *ser* macho*, eu acredito que é aquela pessoa que é mais grosseira, que acredita que os problemas da vida podem ser desenvolvidos pela força. É aquele que é mais grosseiro, mais rude, que acredita que a força física é quem resolve, que manda, né? Já o homem, eu acho que ele tem uma compreensão mais plena da vida, uma coisa mais suave, mais sutil. Ele já tenta resolver tudo na base do diálogo. O* macho*, não. Eu acho que existe o homem e existe o* macho*: o* macho *resolve tudo pela força e o homem se impõe pela inteligência.*

A mesma diferença é destacada por Marcos, argumentando - como todos os demais entrevistados - que não se considera um *macho*, um *machista* ou um *machão*:

> *ser* macho *é meio grosseiro. Eu não aplico isso porque eu acho que o fato de eu estar com a perna cruzada aqui, conversando com você, eu acho que o fato de você chorar, o fato de você exprimir os seus sentimentos, isso não te destitui da condição de homem, daquele homem que eu falei inicialmente, né? O homem é o* macho*, é o reprodutor, é aquele que faz. Ah, eu não sou* machão*!* Machão*, não, é aquele que briga. Não, é aquele que puxa revólver.* Machão*, não, é aquele que é grosseiro. Quer dizer: esse é uma aberração, né? O ser homem, para mim, ainda é a melhor coisa.*

Rogério tem a mesma posição:

> *por exemplo: eu não sou* macho*. Pra mim, num tem essa concepção muito ultrapassada, né, de dominação, de dono da verdade, de super-homem, num poder chorar, por exemplo, não poder expressar seus sentimentos, não poder fazer determinadas coisas que seriam femininas. Quer dizer que eu considero como* macho*, como* machismo*, mas o homem, não. O homem pode fazer tudo isso: pode chorar, pode se emocionar, pode sentir, pode fazer até determinadas profissões tidas como femininas, sem alterar sua masculinidade.*

Por sua vez, Renato simplifica a questão, resumindo: "bem, o *macho*, eu diria, que é a coisa mais da cópula; é tanto que o termo já tá dizendo: *macho* e *fêmea*. Homem, eu acho mais ligado à pessoa". Para Sílvio, a sexualidade também é o cerne dessa distinção entre homem e *macho*: "o *macho*, em si, tem muito a questão sexual; e ser homem, eu acho que envolve coisas muito mais abrangentes, vai muito além do sexo". De sua parte, Jorge retoma a argumentação de que a *macheza* – associada à coragem e a posturas agressivas - é uma questão histórica e sócio-cultural:

> *no interior, a história do ser* macho*, que é aquela pessoa que é destemido, que briga, que luta de forma mais agressiva. Essa coisa de* macho*, eu acho que é um papel que talvez coubesse muito numa outra época, em que se tinha que brigar físico quase pela sobrevivência, que eu acho que agora não tem muito sentido.*

Lucas associa a concepção de *macho* à *dominação masculina*, considerando um fenômeno tanto natural quanto sócio-cultural, mas principalmente relacionado à ausência de questionamento dos homens acerca de sua própria *condição de gênero*:

> *eu acho que é muito mais cultural essa coisa de ser* macho *dominador. A coisa é muito mais colocada pela sociedade e a parte animalesca também, né? Eu acho que ser homem transcende o ser* macho*. Às vezes, muita gente, muitos homens, não param para refletir o que é ser homem. Eu acho que há muito tempo eu me pergunto sobre isso. Quer dizer que, pra mim, extrapola muito essa condição de ser* macho*.*

A mesma posição é defendida por Guilherme: "a idéia do *macho* é uma idéia de animalidade, do instinto sexual. Eu acho que o homem, na minha cabeça, tem algo de mais completo, de mais social. Também depende da cultura, dos costumes". Finalmente, Edson renega o uso do termo *macho*, também associando-o à animalidade e aos usos do corpo:

> *eu particularmente não uso, assim, essa expressão "ser* macho*". Nunca tive a intenção de ser isso do sujeito dizer "ah, eu sou* macho*". Quer dizer: eu acho a palavra* macho *uma coisa muito ligada ao corpo. Quer dizer que é muito associada à questão da associação animal com alguma coisa que eu acho que o homem - aí, tanto o homem como homem e mulher, né? - já está bem longe disso. Eu não sei como é usar pênis pra mulher; então, é uma coisa que me parece fora de sentido.*

Todos esses recortes de *falas masculinas* demonstram a extrema importância que os próprios homens ainda atribuem atualmente à sua masculinidade e ao reconhecimento de sua virilidade perante si mesmos e os outros, mesmo que questionem ou reneguem os estereótipos *construídos* social e culturalmente. Ao mesmo tempo, revelam uma mudança ainda sutil na *subjetividade* e na *condição masculinas* na *contemporaneidade* no sentido de não mais simplesmente incorporar, mas de esboçar um questionamento dos tradicionais *papéis sócio-culturais* atribuídos ao *macho* humano pelo remanescente imaginário do patriarcado, que vêm sendo abalado nos tempos recentes.

. *O homem sensível*

Alguns de meus entrevistados revelaram uma aparentemente nova faceta da *subjetividade e da condição masculinas* contemporâneas, que me parece ser uma tentativa recente de reação ao estereótipo do *macho* descrito acima. Vários deles

destacam a existência de uma sensibilidade masculina, quer diferenciada, quer equivalente à propalada sensibilidade feminina. Este “homem sensível” ainda se manifesta sutilmente, mas é significativo que alguns de meus sujeitos de pesquisa o tenham evidenciado. Da mesma forma, pude perceber a opinião confusa de alguns de meus informantes no que se refere à homossexualidade, pois, ao lhes indagar se consideravam os homossexuais homens, todos responderam positivamente, embora muitos manifestem ainda atitudes contraditoriamente homofóbicas ou discriminatórias quanto aos indivíduos de orientação homoerótica. Ernesto, mesmo criticando a sensibilidade associada aos homossexuais, admite que “tem que ser uma pessoa corajosa. Enfim, se transforma em um grande artista; tem sensibilidade. É um risco, mas que também faz da pessoa um homem”. Além disso, censura a perda de sensibilidade das mulheres em sua luta para conquistar espaço social e no trabalho, tornando-se assemelhadas aos homens. Gilson põe em dúvida o pretenso sexto sentido das mulheres, bem como os estereótipos sociais que afirmam que homem não chora e que não é sensível. João – da mesma forma que Flávio, Marcos e Haroldo - admite sua sensibilidade e reconhece que o homem de hoje demonstra-a mais fácil e abertamente, embora a associe a uma certa feminilidade: “eu, por gostar de poesia e gostar da arte, por ser uma pessoa muito sensível, eu me acho muito mais feminino do que *macho*, mesmo sendo *macho*”. Finalmente, José admite que escamoteia sua sensibilidade através de manobras elaboradas por acreditar que sua manifestação pode fragilizá-lo diante de outras pessoas. Todas essas declarações reforçam a idéia da existência de uma sensibilidade masculina, que é igualmente uma *construção sócio-cultural* tanto quanto a feminina. Esses *recortes de falas de homens* apontam, da mesma forma, para as defesas que muitos deles aprendem a desenvolver em relação à sua própria sensibilidade, o que os torna aparentemente frios, distantes ou insensíveis. Por outro lado, pode-se pensar que a sociedade contemporânea vem criando espaços mais permissivos à expressão da sensibilidade masculina e à diversidade de suas manifestações.

2. *Vivências Masculinas*

Reuni, na 2ª tipologia nativa desta tese - *Vivências Masculinas* - recortes de falas masculinas sobre algumas experiências que meus entrevistados acreditam que lhe aconteceram ou que tendem a ocorrer com eles por conta de pertencerem ao *gênero masculino*. Busquei saber se tiveram alguma instrução sobre sexo em suas vidas (pergunta 7); sondei se vivenciaram situações que consideram típicas aos homens (pergunta 8); pedi-lhes que descrevessem como estas experiências influenciaram suas vidas (pergunta 9); e indaguei se já se sentiram inadequados como homens (pergunta 10). Sob essa 2ª tipologia nativa, as perguntas acima geraram 2 (10ª e 11ª) tipologias analíticas, a partir das quais discuto as experiências de meus entrevistados como aprendizes sexuais e contraponho suas vivências de satisfação e/ou de inadequação pessoal e social à *condição* e à *subjetividade masculinas contemporâneas*.

. *O aprendiz sexual*

Embora a vivência e a aprendizagem da sexualidade sejam uma questões consideradas muito importantes, extremamente enfatizadas ou mesmo quase exigências na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, a maioria de meus entrevistados alega não ter tido qualquer instrução sexual por parte dos pais, tendo a maioria buscado suas experiências por si mesmos, através de amigos, ou, mais raramente, de familiares mais velhos e distantes, muitas vezes com prostitutas. Tal constatação confirma a afirmativa de Badinter (1993) acerca do *papel sócio-cultural* praticamente nulo ou apagado dos pais na iniciação sexual dos jovens através dos rituais viris nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, para João, as instruções sobre sexo foram aprendidas de forma intelectualizada ou moralista, por conta de suas atividades profissionais e vocacionais, vivenciadas longe da família:

> *nunca teve instrução. (...) Tratava-se apenas do sistema de vida, né, o fato de trabalhar com professores, professoras no ambiente educacional, as minhas leituras de filosofia do seminário. Foram estudos informais. Apenas no seminário nós tínhamos um padre, que era o diretor espiritual, que chamava a gente pra conversar pra dar instruções sobre questões iniciais de sexo,*

> *sobre masturbação, sobre a vocação sacerdotal. A única coisa que vinha era na masturbação. Era só isso. Mas era um tipo de formação que me parece que foi praticamente nula.*

Haroldo chegou a obter algumas informações indiretas, mas

> *muito pouca, da minha mãe. Ela me deu um livro pra ler e perguntou se a gente queria conversar alguma coisa. Eu acredito que foi inadequado porque, se fosse por parte do meu pai, a conversa podia ter fluído melhor, mas, com ela, foi muita inibição. Ao mesmo tempo, ele não se dispunha e ela que ocupou esse espaço, muito tempo - digamos assim - depois de que eu tivesse alguma coisa ainda pra aprender com ele, já com 20 e tantos anos. Na escola, filme mostrando como é a reprodução humana e comentários moralistas.*

Luís recebeu alguma instrução sexual e algumas pressões para namorar, embora recheadas dos valores religiosos dos contextos escolar e familiar:

> *mais com meu pai, quando ele era vivo. E depois do convívio familiar, num colégio onde eu fiz o 2º grau, a gente tinha uma turma de amigos: estudava juntos, sentava, questionando esse tipo de problema. (...) Minha mãe, ela sempre foi mais "fechada". Acho que eu também: sou protestante. Aconteceu comigo, eu acho, quando eu fazia o 2º grau, com uns 14 anos, 13 pra 14 anos. Eu tinha turmazinha de amigos e a turma toda já tinha namorada, essas coisas. Eu era meio acanhado, meio tímido: "Luís, ó, você tem que arrumar uma namorada porque senão você não é homem", aquele negócio. Foi aquela pressão por ser homem.*

Tomás nunca teve uma conversa aberta e clara sobre sexo com os pais, vindo a ter algumas instruções no curso de medicina - que terminou por abandonar - mas admite que a experiência de observar a intimidade sexual dos pais produziu um efeito marcante em sua vida:

> *uma vez, numa casa de praia, que eu sem querer entrei no quarto e eles estavam dormindo nus, né, numa rede, eu vi, né? E num sei: aquela imagem, assim, me surpreendeu talvez porque eu já tinha visto, muitas vezes, minha mãe nua; já tinha tomado banho com meu pai nu, né, mas talvez aquela imagem dos dois, deitados, né, nus, na rede, né, num-sei-que. Eu sei que eu saí ali do quarto, sem acordar nem nada. Eu nunca falei com eles sobre isso. Essa imagem fica na minha cabeça, mas eu num sei, assim, aonde ela tenha me influenciado talvez, né? Certamente, deve ter porque, como eu disse, até hoje eu ainda num esqueço essa imagem.*

Valdir não encontrou espaço para se informar junto ao pai, buscando se instruir através das leituras e do contato informal com os amigos. Afirma que tenta agir de forma diferente com seus próprios filhos:

> *eu sempre procurei que só, que o papai num tinha, num dava muito, num dá nenhuma informação, né: informação nenhuma. A gente se "entertinha" só. Aí, se fosse falar uma coisa assim, tava arriscado até levar uma pisa. Coisa que eu procuro é conversar com meus filhos "numa boa", sem nenhum constrangimento a eles. Tudo o que eu aprendi, aprendi através de leitura e na rua mesmo.*

Já tive a oportunidade de descrever a experiência de iniciação sexual de Flávio, num prostíbulo de cidade do interior, com os tios, bem como sua surpresa com as

“aberrações” das vitrines de Amsterdã, numa viagem com colegas de escola. Acredita que tais experiências deixaram-no “viciado” em todas as modalidades de sexo, tendo experimentado de tudo. Ernesto, por outro lado, teve apenas instruções sobre anatomia na escola. Mário, embora tenha tido poucas informações sobre sexo em casa e na escola, obteve informações através de revistas e livros e afirma que *construiu* um homoerotismo mais consciente através do contato inicial com um estranho que conheceu por acaso, e, posteriormente, com amigos identificados com a mesma *condição*:

> *uma vez, eu me lembro que meu pai estava sentado à mesa e conversava comigo, meu irmão e um primo dele, e falava “por alto” sobre relacionamento sexual, né? Agora, eu tive, sim, um “paquera”, quando eu tinha uns quinze anos, e ele tinha uns trinta e alguma coisa, e esse rapaz “paquerou” comigo na rua. (...) Foi a primeira pessoa que falou de sexo pra mim. Ele me levou pra tomar uma coca-cola e eu tava nervoso e ele começou a perguntar se tava tudo bem, e ele começou a falar sobre sexo, né, falar do envolvimento com outros homens, do comportamento diferente, da possibilidade de um homem gostar de outro homem, mas a gente só conversou e ele me mandou ainda uns cartões, mas a gente nunca chegou a namorar nem nunca teve nada. Ah, eu me senti “super-bem”. Eu me senti acolhido, me senti dado, fantasiei sobre o próximo caso. Eu escondi dele o meu nome; depois, eu falei pra ele e ele chegou a mandar dois cartões de Natal. Com o tempo, como Fortaleza é muito pequena, esse rapaz foi namorado da irmã do meu namorado e a gente se encontrou novamente. Eu me senti muito agitado, sabe? Assim: me senti um pouco “balançado” por ele, né? Gostei muito dele. Agora, não era uma conversa do que eu vi na prática sexual, né? Não era só assim sobre a prática sexual: ele falava de outra possibilidade, de outro sexo, né, de ser homem e de ser homossexual, né, dessas possibilidades. Agora, a oportunidade de falar sobre sexo ou de ouvir a orientação sobre prática sexual foram pouquíssimas. Sempre as orientações que eu ouvi era que sexo eu não poderia praticar, não é, ou então aquelas orientações “ah, aquela menina, ‘emplaca’ aquela menina”, que era pra eu “transar” com a menina, sair com a menina. As orientações eram muito mais autoritárias, que forçavam um relacionamento com mulheres, que não eram orientações: era uma orientação muito vazia. A maior orientação que eu tinha era em revistas, nesse livro, né, um livro antigo, né, que meus pais deixaram na estante, bem fácil, assim “estampado”, com fácil acesso. Aí, nele, falava sobre masturbação, da atração do homem pela mulher, da mulher pelo homem, mas não falava absolutamente nada sobre o homossexualismo, e eu, desde pequeno, me sinto atraído por homem. Não é uma coisa que me interessava muito, mas falava de masturbação, tinha o órgão sexual masculino e feminino, tinha o sistema anatômico, curiosidades, e, na minha casa, meu pai sempre comprava revistas “Playboy”, que tinha cartas, contos eróticos, né? É, a orientação sexual que eu posso dizer que eu tive também foi que meu irmão é 3 anos mais velho que eu, e ele ficou com 18 anos e eu tinha 15 anos, e eu roubava a carteira de estudante dele pra ir ao cinema, assistir filme pornô, né, o que eu acho que terminou sendo um pouco de orientação sexual, né? Lá, no cinema pornô, foi que eu comecei a perceber como eram as relações sexuais. E tinha cenas muitas vezes grosseiras até, né? Eu só ia a filmes de homens com mulheres, né? E nunca tinha ido a filmes de homens com homens, até que eu fui conhecendo alguns rapazes e eu fui conhecendo mais sobre sexo porque a gente conversava muito.*

Por sua vez, Pedro relaciona o silêncio de seus pais acerca de sexo à situação política do Brasil durante sua adolescência e à influência religiosa da Igreja sobre sua família.

Entretanto, apesar de ter se incomodado com a exigência sócio-cultural de ser um homem sedutor, sentiu-se regozijado quando obteve sucesso em suas conquistas:

> *eu estava com 15 anos em 78. Então, a fase mais crítica para mim sobre a questão sexual foi na adolescência. Isso era a época em que o Brasil ainda vivia um período de regime militar, né? Quer dizer: o que ficou, infelizmente, foi a coisa ruim, né, que era aquela imagem que a Igreja - eu tive uma educação religiosa e tal - a coisa do pecado, né? Quer dizer: o que houve foi uma coisa negativa. Era simplesmente como se não existisse, né? Fazia de conta que não existia. Nos momentos em que eu tinha interesse em uma mulher e que havia uma resposta positiva por parte da mulher, então, isso, para mim, era muito interessante, né? Então, era uma experiência, para mim, realmente de afirmação, né? Então, para mim, isso é uma experiência boa, né?*

Embora se diga um "abnegado do sexo", o silêncio também imperou na educação sexual de José, levando-o a buscar informações em livros e com os amigos ou mesmo a aprender sozinho:

> *tudo foi autodidatismo. Eu, toda vida, fui abnegado do sexo. Então, quando eu era mais jovem, na fase dos 17 aos 18 anos de idade, tudo que era livro de sexo eu li. Mas foi interesse próprio meu. (...) Pai não falava; mãe não falava; escola nunca falou; conversa de amigos era - vamos dizer - de "esculhambação": não era uma conversa construtiva.*

José se refere a um dos terrores que rondam a sexualidade masculina:

> *uma vez, eu tive* (risos)*, uns 15 dias, uma fase de impotência. Claro: aconteceu comigo porque eu precisava ter ereção; a mulher não precisa de ereção. Foi exatamente naquela fase em que eu estava me separando. Eu só fiquei apavorado e tentei de todo jeito e eu não sabia o porquê. E eu só sabia que estava com complexo de culpa de ter deixado uma excelente mulher, três filhos, mas estava apaixonado por outra. E vivia maravilhosamente bem, quando namorei com essa outra um ano e meio sem que minha mulher descobrisse. Quando descobriu, deu aquela confusão toda. Aí, eu sou muito bem resolvido: "tá, então vamos nos separar". E separei. Logo depois que eu fui morar junto, passou um período que eu não "levantava", uns 15 dias, 20, que era uma "coisa morta" mesmo. Aí, depois, passou um tempo e recuperou-se, tanto que eu não fui procurar nada. Eu sabia a origem. Então, passou.*

Marcos, à semelhança de José, viveu um episódio de impotência sexual por conta da auto-exigência social e culturalmente introjetada de ser um conquistador de todas as mulheres, sentindo-se inadequado como *macho*:

> *eu me senti inadequado por uma questão de impotência sexual, vivida numa época da minha vida. Eu tinha meus 20 e poucos anos - eu não saberia precisar agora - e tive uma relação. Acabei não tendo essa relação com a pessoa. Eu busquei uma pessoa com a qual eu quis me relacionar e eu, achando que eu tinha que "transar", que eu tenho que "comê-la" de tudo quanto é jeito, de fazer as coisas. Acho que o fato de eu ter aquela pessoa, deitada na cama, né, à minha disposição - eu falei: "nossa, eu tô com esse mulherão na minha cama!" - e eu não consegui. Desviei o assunto. A coisa, eu não sei se ficou tão constrangedora no ato. Não saberia precisar agora, mas eu me senti inadequado.*

César me revelou sua busca freqüente de experiências sexuais, o que demonstra a corriqueira dicotomia masculina entre a "mulher para namorar" e a "mulher para o sexo",

tendo vivido algumas situações inusitadas e constrangedoras em sua iniciação sexual com prostitutas:

> *quando eu era mais novo, eu ia pra "cabaré", tal, essa coisa. Eu tinha dificuldade aí no sentido de arranjar namorada porque, quando se arranjava namorada, era aquelas meninas de família, com conversa de portão, beijinho no rosto, e o "cabaré" era o "bicho legal". Você, e tal, "pegava" uma mulher, fazia umas amizades, levava ao cigarro, levava ao vício, levava uns bombons pra elas e tal. Aí, ficava aquele negócio: ela te dava tudo na cama. Então, você também não tem respeito: pega onde quiser. Me atraía porque eu não tinha isso com as namoradas: com elas, era só aquela de beijinho; no máximo, uma mão no seio; mais que isso você não conseguia; e com a prostituta, não. Na época em que eu ia com os colegas, tinha umas meninas até bonitas. Então, era assim uma coisa que vinha à cabeça. Meu pai dizia assim que "você não vai acolá", né? Mas tudo que seu pai dizia pra você não fazer, você faz porque, enquanto você não fizer, ele vai dizer "não entre ali; não deve entrar", mas se ele não disser porquê... Pra mim, não surtiu efeito. Só surtiu efeito porque eu entrei lá e vi porquê: é porque tem muito marginal; porque você pode ser roubado; de vez em quando, acontece uma briga; porque pode jogar uma garrafa. Mas meu pai era meio orgulhoso e as coisas da sexualidade ele nunca falava. Então, quando eu "dei" da sexualidade em si, foi muito fácil porque tinha uma prostituta e eu acabei com ela assim: eu acabei quase que namorava com ela, né? Não foi assim um namoro, mas eu levava umas coisas para ela, né? Então, foi uma atitude que ficou boas lembranças em mim. Teve outra prostituta, tal, que, uma vez, eu estava lá e ela acabou sendo presa porque ela era "de menor", né? Mas teve outra que ficou a recordação porque eu levava cigarros, bombons, e acabei "transando" de graça com ela. Ela não me cobrava: ela pedia que eu botasse qualquer coisa que quisesse no bolso dela porque não dava: ela, com 16 anos, era arriscado ela ser presa. Uma vez, eu estava lá e a polícia ficou abordando todo mundo e levou uma "de menor" e ela ficou presa. Então, ficou até, assim, uma recordação, assim, desse tempo, né, que até parece que eu não podia ir lá e nem sabia porquê, mas eu namorava mais que se fosse hoje mesmo: então, ficou um bom sentido do sexo. Com umas, nós namoramos, e, com as outras, era "bem-bom" mesmo. Éramos uns 4 ou 5 e a gente foi para um "cabaré". Esta foi a primeira vez que eu fui lá. (...) Lá, eu fiquei com a mulher, e eu tinha problema de fimose - a primeira vez, né? Aí, colocou na vagina. Aí, o "cabresto" se rasgou. Aí, foi sangue que sujou a cama toda. A mulher chamou logo a responsável lá e mostrou a cama suja de sangue porque senão a culpa surgia como dela. Ela fez questão de dizer que foi eu. (...) Aí, botou sal: ficou aquela "zorra" toda. Eu me senti constrangido, né? Estava nu ainda, né: nenhuma roupa, só uma toalha, né? Ainda não tinha me lavado, né? Aí, eu tive que me vestir com "mais de mil" e fui embora, correndo. Foi uma situação que eu passei, assim, porque, na minha concepção, nunca passou na minha cabeça que eu fosse "transar" com uma mulher e fosse acontecer isso, né? Eu já tinha me masturbado algumas vezes, mas eu vou me encontrar com uma mulher e acontece um negócio desse! (...) Eu sabia que a mulher, quando "transa" a primeira vez, sai sangue. Aí, de repente, isso acontecer comigo! (...) Eu já tinha uns 18 pra 20 anos de idade. Acho que eu contei isso para o meu irmão: foi a única pessoa que eu contei. Cheguei tarde, com a cueca suja. Aí, lavei a cueca. Escondi da mamãe. (...) Depois, eu descobri que isso é normal e tal. (...) Aí, depois, surgiu a idéia de se operar de fimose, né? Aí, então, não fiz com medo de injeção, né? Aí, meu irmão fez e eu fiquei pra fazer. Aí, eu marquei, adiei, marquei, adiei, e até hoje eu nunca fiz, né? Agora, se até agora eu nunca fiz, agora é que eu não vou fazer porque eu já tô com quase 40 anos e nunca me aconteceu nada, né? Eu acredito que não vou fazer mesmo.*

Renato me contou o que acredita ter sido um caminho diferente dos demais no que se refere à sexualidade, pois só conversou com o pai após saber do assunto por um amigo:

> *só depois que um amigo meu me disse, me falou sobre masturbação, aí eu fui conversar com meu pai sobre isso e, fato bem interessante porque, na verdade, eu fui falar com ele era alguma coisa sobre um "show" de dança: era uma coisa "tipo" periquitos; aí, eu falei "priquitos", e aí, meu pai achou que eu já soubesse e me falou, mas, até então, eu só sabia de cegonha. 9 anos! E se eu recebi algum tipo de instrução? Não, eu recebi esse que ele me falou como era que acontecia e, depois, eu fui tendo conversas. (...) Na escola, foi só a nível biológico mesmo. Aliás, é até engraçado porque, sempre que eu via a figura lá do órgão sexual feminino, eu sempre me masturbava e sempre ficava difícil de estudar. Eu achei que foi interessante isso.*

Jorge também viveu o silêncio sobre a sexualidade em casa, comum a outros entrevistados, tendo que descobrir tudo sozinho através de seus próprios estudos, particularmente por meio de sua formação médica, considerando que

> *quando não se conversa sobre sexo, então, eu acho que é uma atitude negativa que se tem porque é uma tentativa de negar. Então, nesse aspecto, flui na educação de informações negativas. Meu pai, eu tinha pouca intimidade com ele pra discutir questão de sexo. Minha mãe é que ficava mais em casa, tratando o sexo com muita discriminação. Por esse aspecto aí, realmente é um tipo de educação negativa.*

Guilherme se ressente e se constrange com as cobranças sociais de demonstrar constantemente seu apetite sexual:

> *às vezes, eu acho que o que se espera do homem, eu me sinto às vezes inadequado. Por exemplo: acho que é mais uma coisa de demonstração sexual, muito assim. É evidente que eu não tenho propensão a isso ou demonstração o tempo inteiro de ter desejo por uma mulher, seja ela qual for, ou algo dessa natureza. Às vezes, eu me sinto assim fora do padrão.*

Finalmente, Edson admite que sua mãe tentou informá-lo indiretamente através de livros, o que apenas o confundiu, tendo que procurar parentes mais velhos para saber sobre sexo. Confessa que sentiu as corriqueiras cobranças sexuais no seio de sua família, particularmente durante a adolescência:

> *acho que me lembro de minha mãe ter comprado um livro, quando eu devia ter "tipo" 10 ou 11 anos: "De Onde Vêm os Bebês". Não me lembro se tinha conversas em cima do livro ou alguma coisa assim. Não me lembro de nenhuma referência oral, né, que tivesse aí, mas lembro desse livro: pelo menos na época, me "embananou". Com amigos, por exemplo, tinha meus primos que eram mais velhos. Então, me lembro de fitas "cassete" de sacanagem: me botavam pra ouvir. A gente ouvia essas coisas dividido, mas de turma, que não era nem turma, mas de primo mesmo, porque eles eram mais velhos do que eu - digamos - já tinham mais conhecimento sobre o assunto. (...) Na escola, não. Acho que, na adolescência - que é também quando você vê uma outra coisa, como a forma como se trata a própria educação sexual - que me lembre, de família, de tios, assim, um almoço em família, reunião de família, de comentarem, na minha adolescência: "aí, cada espinha!", de "tá se masturbando muito, tá não-sei-o-que". Então, esse tipo de diferença, como se tivesse uma "forçação de barra" em relação à sexualidade, né? Então, isso me incomodava muito porque eu não tinha essa ânsia de se concretizar rapidamente, assim, pessoalmente, é tanto que eu só vim "transar", acho que eu tinha 17, 18 anos. Então, essa história só me constrangia, esse tipo de comentário dos velhos, "empurrando" você.*

Assim, confirmo o silêncio que impera acerca da sexualidade nos lares brasileiros a partir das famílias de meus entrevistados. Por outro lado, destaco a pressão sócio-cultural através da família sobre os homens no sentido de que (re)afirmem sua virilidade: ao mesmo tempo em que os pais se preocupam e restringem o exercício da sexualidade masculina na adolescência – e, sem dúvida, mais ainda da feminina - sentem-se profundamente decepcionados quando a *condição de macho* não é comprovada e confirmada ou toma rumos alternativos. Essa pressão familiar é freqüentemente exercida indiretamente, através da literatura, da escola, da instrução religiosa, na rua, ou por meio de familiares ou de amigos mais experientes.

. *Mesmo o homem satisfeito com sua masculinidade sofre constrangimentos*

Muitas das pressões familiares e sócio-culturais referidas acima se manifestam não apenas no campo da sexualidade, mas se estendem a várias outras situações não claramente sexuais, algumas tendo sido consideradas constrangedoras por meus sujeitos de pesquisa, outras reforçadoras de sua satisfação com a própria virilidade, mas todas reconhecidas por eles como passíveis de ocorrer simplesmente pelo fato de pertencerem ao *gênero masculino*, como se pode perceber através dos *recortes de falas masculinas* que descrevo a seguir. Para João, por exemplo, ir ao estádio de futebol sozinho e torcer por seu time junto a outros homens é uma situação tipicamente reveladora da liberdade e da satisfação masculinas que um homem pode usufruir, mas a que as mulheres ainda não têm muito acesso:

> *se eu fosse mulher, será que eu ia sozinho? Fui pro estádio torcer Ferroviário: passei a tarde lá; tomei uma cerveja no intervalo; fui no meu carro; desci; fiquei sozinho numa cadeira. Mas se eu fosse uma mulher, as pessoas que estavam lá comigo - a maioria, homens - teriam me visto como me viram? Então, eu acho que, todo dia, todo momento, têm situações de que o fato de eu ser homem, eu existo diferente do fato de se eu fosse mulher.*

Por outro lado, Haroldo cita uma situação inusitada de recrutamento de emprego em que se sentiu constrangido por não ser mulher:

> *até me lembro de uma vez que eu fui me candidatar a um emprego e num tinha explícito lá que a pessoa devia ser mulher, né, mas, na entrevista: "vocês mesmo disseram que nunca esperavam que um homem fosse". Eu num sei. Acredito que é porque a psicologia é uma profissão que, na*

> *maioria, é exercida por mulheres e não colocaram isso como um requisito e eu fui lá e "ah, um homem? Ah, tá certo". "E por que essa coisa?" "Não, porque a gente esperava mulher e tal".*

Tomás acredita que sofre maiores pressões do que as irmãs para que trabalhe e que seja independente financeiramente dos pais: "como homem, fica até uma pressão maior de você ter que arranjar um emprego, ter que já se livrar da tutela dos pais, num-sei-que. Não que você, como mulher, num tenha, né, mas é bem menor, eu acho. Acho que, no homem, essa pressão é mais forte, né?" Para Flávio, a pressão sobre os homens provoca até mesmo o uso de recursos anti-éticos para obter melhores resultados nos negócios: "num interessa os fins: interessa o meio. Pô, se eu fosse mulher, não teriam acontecido "mutretas" em negócios, entendeu? Talvez eu num tivesse - sendo mulher - a coragem que eu tive de fazer algum tipo de coisa que é meio até ilícito: eu fiz". Mário viveu claramente as imposições da dicotomia dos *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos:

> *por exemplo, quando eu dançava na minha casa, a informação que me passavam era que dançar - dançar como eu dançava - era para menina; desenhar a Branca de Neve e os Sete Anões; pintar, também. Quer dizer: se eu fosse menina, não teria essa conotação de ridículo quando eu dançava, quando eu pintava a Branca de Neve e os Sete Anões e tantas outras coisas. Quando, uma vez, eu fui a umas reuniões de colégio, só tinha menina e eu tava lá e os meninos ainda não tinham chegado. Aí, eu cheguei pra uma das meninas e perguntei: "aqui só tem menina"? Aí, uma me soltou uma piada: "você quer os meninos? Eles chegam já". E eu, quer dizer, se eu fosse menina, não teria passado essa cobrança de ter que trabalhar, de manter sua vida, de não "botar corpo mole". Eu acho que isso é um tipo de cobrança que acontece em todo o mundo e não só aqui, a nível de Ceará: cobranças do "tipo" carregar coisas, ver o que está acontecendo lá fora, se tem um ladrão, não é? Homem sempre faz isso. No trabalho, por exemplo, quando têm que tomar uma decisão, o homem sempre tem que "falar grosso". Se você tem que responder à altura, é uma forma cobrada do homem. No trabalho é assim: eu trabalho com mulheres e, às vezes, numa determinada situação, numa reunião, eu me sinto cobrado por minhas amigas, minhas colegas de trabalho, de que ali precisava de um homem falar com o chefe, dar uma resposta para o chefe, e, depois, numa outra reunião, eu tentei dar esta resposta. Eu não tinha que dar, mas aí eu falei: eu "olhei no olho" e falei o que eu queria falar também, mas me senti assim meio que cumprindo um papel de homem, de estar enfrentando, assim, o poder, o preconceito existente.*

Marcos, apesar de discutir os planos do casal com a mulher, advoga para si mesmo a função de responsável por estabelecer os grandes objetivos a longo prazo da família, como a aquisição de um apartamento, por exemplo. Renato deparou-se com atividades associadas ao *poder sócio-cultural* masculino no seu trabalho: "eu veria no campo profissional. Tem a coisa do ser homem. Tem a ver com a área, que é engenharia. Ainda tem muito disso. É, existe a expectativa pelo poder que se venha exercer, né? Eu

lido muito com isso aí". Jorge associa sua violência na adolescência ao fato de *ser homem*: "as brigas, as tentativas de brigas que eu tive na adolescência, eu acho que ocorreram devido ao fator de ser homem". Gilson e Lucas reconhecem a maior liberdade de ir e vir dos homens em qualquer lugar, enquanto Edson, mesmo que contraditoriamente, destaca que as mulheres, particularmente as mães, têm um *papel sócio-cultural* fundamental na discriminação entre os *gêneros* masculino e feminino:

> *minha mãe, acho que ela tende a me tratar melhor. Não sei se é por eu ser homem ou por ser o primeiro filho. Ela tem um tratamento, ao meu ver, mais atencioso em relação às outras filhas, que são duas mulheres. Agora, eu não sei se é porque são mulheres ou é por que são mais novas.*

As repercussões dessas pressões sócio-culturais e familiares têm efeitos diversos na vida desses homens. João destaca sua satisfação com a liberdade masculina:

> *influencia pelo fato de que eu acho que eu, como homem, eu tenho mais livre arbítrio, mais trânsito livre nos diversos locais, de como se eu fosse mulher. Tenho impressão que, na minha situação, na minha idade, se eu fosse uma mulher, eu não tinha tanta penetração nos locais, tanta liberdade que eu tenho pelo fato de ser homem. Também, pelo fato de eu gostar muito de ser só, de andar só. Eu, apesar de ser casado, ter uma filha, mas eu gosto muito, às vezes, de estar só, sozinho, com os meus fantasmas, com a minha liberdade, e isso, se eu fosse mulher, talvez eu não tivesse essa liberdade que eu tenho, né, de viajar sozinho pro sertão, andar nos matos, viajar só por uma cidade sozinho e freqüentar qualquer local.*

Luís reconhece que as principais exigências sócio-culturais advindas do fato de *ser homem* provêm dos próprios homens: "eu acho que, por ser homem, eu acho que a classe masculina, ela tende a cobrar mais, a querer mais que a pessoa prove e que mostre a sua condição de homem". Tomás vive angustiado com a pressão da família para que consiga um emprego:

> *na minha vida, isso, em particular, influencia muito porque eu penso muito nisso, me causa depressão, porque você fica naquela angústia de querer arranjar algumas coisas, né: "é só arranjar esse emprego"; "é arranjar alguma coisa"; que "você num sabe trabalhar", né? Eu não sei se - talvez até por questão desse preconceito - se isso acontecesse comigo, mas, às vezes, você também não que, assim, pegar qualquer coisa, né, por exemplo, trabalhar de porteiro, essas coisas, assim, né? Você fica procurando alguma coisa, mas, mesmo assim, num tem pra você, né? É difícil, né? Eu fico numa angústia grande por causa disso, né?*

As pressões sócio-culturais na infância levaram Mário a buscar ajuda psicológica profissional:

> *até à infância, principalmente, né, eu tinha o problema de não me achar normal, me achar estranho, inferior. Também tinha, na adolescência, que eu era muito tímido, muito "fechado". Eu*

> *notei que as minhas experiências não me fizeram bem, né? Tinha as cobranças todas: tinha que ter namorada, tinha que jogar futebol, não podia dançar, desenhar. Isso tudo, na adolescência, me trouxe muita timidez. Eu fiquei muito isolado, muito "parado", né? Não gostava do povo, não gostava de mim. Baixou muito a minha auto-estima, muito, não é, senti depressão.*

Gilson também sentiu o "peso" e a culpa por falhar em desempenhar o protótipo do *macho*:

> *influenciaram porque, se você falha, você fica com impressão de que a culpa é sua porque você não atingiu aquele grau de homem, de* macho*. Então, se exige de você um determinado comportamento porque o comportamento é do homem, e, se você falhou, então, eu acho que é ruim.*

Marcos se sente orgulhoso como provedor da família e pelas conquistas que obteve a partir de sua independência em relação ao pai, ao vir para Fortaleza:

> *vim morar no Ceará: construí uma família; tenho um filho; tenho uma mulher. É que eu tenho que prover - vamos dizer assim, né? - prover não só no sentido financeiramente, mas no sentido de objetivos, no sentido de educação, "porrada" de coisas, sabe, Georges? Eu me orgulho disso quando eu vejo que posso vislumbrar a aquisição de uma coisa que, até uns 5 anos atrás, era uma coisa que era impossível para nós e que chegou uma hora de nós fazermos tal coisa. Ela: "ah, eu acho que eu não tenho condições de fazer isso financeiramente". "Tem, sim, porque nós vamos conseguir fazer as coisas assim, assim, assim". Isso me traz muito orgulho porque me desvincula um pouco daquele "cordão umbilical" com o pai, né, de ter que pedir opinião para o pai. (...) Eu não tenho muitos amigos com os quais eu possa falar ou discutir sobre isso. Então, eu sei que aquele passo que eu tenho que dar, seja para a aquisição de um apartamento, seja para a mulher trabalhar sozinha, seja para a educação do meu filho, seja para o trabalho que eu vou executar, se eu abro a minha empresa, ou seja, o que for, eu faço. O primeiro passo bem dado, eu discuto bastante com a mulher, busco bastante informações com ela: ela me "traz muito para o chão" e eu vou mais sonhando. (...) Então, isso me dá bastante orgulho, essa condição. (...) Não me "pesa". Eu briguei por ela. Eu lutei por ela. Então, isso me dá bastante orgulho e bastante prazer porque eu briguei, eu quis isso. Eu saí de S. brigado com o meu pai: trabalhava com o meu pai na loja (...); não gostava de trabalhar com ele; vivia em conflito com ele. Vim para cá, passei péssimas histórias no Ceará, de início de vida, morando sozinho: bebia muito, comia mal e eu busquei isso, colocando uma pessoa do meu lado, uma pessoa "alto astral", que "vamos para frente". Conquistei minha mulher; trouxe para cá, moramos juntos. Então, em 88, eu conheci a minha mulher; em 89, nós ficamos juntos; em 90, nós casamos; em 91, tivemos o nosso filho. Quer dizer: eu fui buscando isso daí. Em cada uma das etapas, eu fui conquistando. E hoje, eu penso que eu gozo de uma situação que eu "plantei" no passado e que, hoje, para mim, é ótima. E não tá "pesando" de forma alguma isso. Só me dá orgulho.*

Renato se queixa de que as mulheres têm certos privilégios sócio-culturais:

> *é mais fácil a mulher burlar certas situações. Por exemplo: o Georges Boris está numa máquina de "xerox"; aí, chega uma menina e pede: "ah, deixa eu tirar uma? Ah, cavalheiro, deixa?" "Ah, deixa eu tirar outra?" Quer dizer: esse tipo de situação de dizer um "não" para uma mulher, no começo, foi meio difícil porque tinha aquela coisa de não ofender a uma mulher. Só que ela não tá numa posição de poder: então, eu tenho que encarar ela de igual para igual. Então, isso, muitas vezes, para mim, ainda é muito difícil. Mas hoje, eu vejo que eu já "levo" melhor.*

Jorge se sentiu constrangido por ter de usar da força e da violência:

> *briguei só no sentido de perceber a tentativa de resolução dos problemas através da violência, da estupidez, da força, da falta de razão: mais nesse aspecto. Desafiado e numa situação incoerente, que você tinha que resolver na "porrada" ao invés de discutir, de se conversar para resolver o problema.*

João também já se sentiu discriminado por *ser homem* ao reivindicar um cargo de trabalho como diretor escolar, considerado predominantemente feminino em termos sócio-culturais:

> *eu era professor de uma escola do Estado onde eu ensinei 7 anos. Aliás, trabalhei uns 15 anos como orientador de aprendizagem e houve um momento em que o único homem era eu na escola. E eu, formado em pedagogia, em administração escolar, eu era a pessoa mais cotada pra ser diretor da escola dentro de uma eleição. Mas como o público eleitor era todo mulher e como a escola era de 1º grau e elas achavam que, para ser diretor de uma escola de 1º grau, (...) elas tinham na mente delas de que uma mulher era mais apropriada pra aquilo do que um homem. Elas me colocaram como vice-diretor, mas botaram uma diretora mais incompetente, uma diretora sem formação, exatamente porque o ambiente era feminino totalmente. Eu fui discriminado.*

Tomás se sente constrangido quando as mulheres comentam a beleza de outros homens ou quando ele mesmo se compara fisicamente com seus congêneres:

> *já tive oportunidade de sair com umas amigas. Então, (...) você fica meio deslocado naquilo, principalmente quando elas começavam a conversar sobre outro homem, né? Às vezes, você tá até numa sala, né, eu e minha irmã ou duas amigas, e começam a falar de outro homem, né: "num-sei-quem tem os olhos bonitos"; a dizer que fulaninho num-sei-que. Você se sente, assim, meio constrangido. Às vezes, quando elas falam de um ator, né, uma coisa assim, dizendo que é bonito, você, às vezes, se sente até menosprezado, né? Eu num me sinto bem quando eu tô assim. Até mesmo uma própria namorada, quando fala, assim, de outros, você se sente meio constrangido. A energia num "bate", né? Com grupo de homens, eu me sinto inadequado quando, assim, temos que tirar a roupa, né, em grupo, né? Isso aí num me agrada. No exército, né, nos exames, tem que tirar toda a roupa. Digamos que isso aí num me agrada, não. Fico, assim, meio constrangido, né? Me incomoda: talvez esse meu receio de homossexualismo... Você olha um grupo de homens nus: tem que olhar pros pênis do pessoal, né? No pouco relacionamento com as mulheres, prevalece a minha timidez, né, com as mulheres. Eu não me acho muitíssimo adequado: me acho gordo; me acho com o pênis pequeno, né? Num gosto muito.*

Para Mário, é freqüentemente constrangedor estar com seu parceiro diante de outras pessoas que não compartilham de sua mesma *condição de gênero*:

> *quando eu saio com meu namorado, quando a gente fica num barzinho que não é um gueto, que não é só para "gays", às vezes, eu me sinto inadequado, né? Então, era mais comum, algum tempo atrás, a gente ser observado porque eu era homem e eu não podia olhar para outros homens naquele local. Eu estava com o meu namoradinho, encostava a perna embaixo da mesa, ou nós dois íamos jantar num local muito romântico, né? Principalmente nesses locais públicos, ao ir à praia com ele, às vezes, a gente chegava junto à beira-mar: então, ficava aquela paranóia de estar sendo perseguido, de estar sendo inadequado. Talvez fosse, pra mim, mais fácil se eu fosse mulher e estivesse andando com meu namorado numa via pública, né? Aí, não: dois homens caminhando juntos como namorados, eu me sinto inadequado. (...) A primeira vez que*

> *eu fui pra um motel com um namoradinho, eu me senti completamente inadequado: queria voltar, não queria entrar, o porteiro, tava com medo, uma série de coisas.*

Gilson custou a entender que *ser homem* implica em certas cobranças e exigências sócio-culturais: "é a tal da cobrança e dos papéis como características definidas. Exigem grosserias; às vezes, até falta de educação, quando não tem nada a ver uma coisa com a outra". De sua parte, José se sente extremamente satisfeito por *ser homem*, pois considera que não tem obrigação de cuidar de tarefas domésticas – que relega à mulher – preferindo que ela não trabalhe, o que lhe permite controlá-la em casa:

> *se tiver reencarnação, se tiver opção, eu quero voltar homem de novo porque é muito mais fácil ser homem do que ser mulher. Eu trabalho, mas, quando chego em casa, não quero saber se tem roupa: eu jogo num canto e a mulher apanha e manda lavar; se tiver um botão faltando, eu dou "carão". Eu acho que o homem, pelo meu estilo de vida, é o melhor que tem porque eu não me preocupo com nada em termos de cuidado. Ela, quando trabalhava, tinha que cuidar de casa, até que eu consegui que ela, essa segunda mulher, deixasse de trabalhar: ela não trabalha mais. Olha, no fundo, no fundo, não quero. Ela trabalhava: aceitei, tudo bem. Ela voltou a estudar: não tem problema porque ela não fez cursinho, não se formou. Então, não tem problema. Mas, na realidade, em casa, é mais fácil "monitorar"* (risos).

Rogério, mesmo se reconhecendo homossexual, sofreu com as mesmas auto-cobranças de ser *macho*, chegando a buscar auxílio médico, a tentar se relacionar sexualmente com mulheres e até mesmo a ficar noivo de uma delas:

> *quando eu fui tentar ter relações heterossexuais, né, sempre fracassei: duas vezes e as duas vezes fracassei. Arrasado! Quando eu era jovem, 20 anos de idade, 21 anos de idade, fui ao psiquiatra, fui falar que eu tava impotente, coisa e tal, fiz exame da testosterona: mesmo assim, deu normal. Eu, achando que era impotente, quando realmente não era: a questão é que eu sempre fui, eu acho que já nasci homossexual. No começo, sofri muito com isso, muito mesmo, até os 20, 20 e poucos anos, até que eu tive uma independência econômica: saí de casa. Sofri muito porque eu sabia que era homossexual e não me aceitava como tal. Então, tentava fingir, tentava namorar. Fiquei até noivo. Tudo isso aí, no fundo, no fundo, eu sabia que não ia dar certo: não era isso que eu queria, mas não era isso que a sociedade queria de mim, né, entendeu? Até que eu resolvi depois "jogar tudo pro alto": não adianta. Eu tive mesmo que assumir a minha homossexualidade, mesmo, e assumi, mas esse assumir não significa sair por aí desmunhecando. Assumi assim: "bom, se a opção que eu quero é fazer isso comigo mesmo - pronto! - num vou mais me enganar e mais enganar ninguém". Não posso é dizer pra todo mundo, que é uma coisa que me constrange. Mas isso é cultural, é social você não poder, de certa forma, viver livremente a sua opção sexual: até nos Estados Unidos, pra compreender em termos de Brasil! Mas eu gostaria que isso fosse possível, que ninguém se incomodasse: eu tá aqui com o meu "caso" lá, e conversar, todo mundo saber, sem problema nenhum. Só que isso aí, hoje em dia, é um sonho, né?*

Renato se sente inferiorizado quando se mostra menos forte ou "duro" em comparação com outros homens:

> *em um encontro que eu fiz, há pouco tempo, de "rapel" - que é uma técnica de você descer de corda - então, eu, na questão de não ter força, eu me senti inferiorizado pelas brincadeiras dos outros "caras" e tudo. Eu me senti inferiorizado. Quer dizer: não sei se cabe, mas eu me senti inadequado. Tanto é que eu parei e comecei a fazer musculação, que é pra quando eu tiver com força, aí eu volto. Eu me senti inadequado. Tecnicamente, na minha profissão, às vezes, eu me sinto. Também porque eu não vou dizer que eu me sinto inseguro, mas, por exemplo, a última fábrica que eu visitei, de móveis, eu não conhecia nada. Então, eu acolhia a opinião dos supervisores encarregados. E eu noto que a postura que queriam que eu tivesse, que a diretoria queria que eu tivesse, era mais "dura" e eu não sou de acordo com isso.*

Jorge admite que custou a reconhecer e a lidar bem com as reivindicações femininas, mesmo na militância política:

> *no início, quando eu comecei a participar de movimentos políticos, em algumas reuniões que predominavam mulheres ou nas reuniões pra discutir a situação discriminatória das mulheres - que existiam poucos homens - eu me senti pouco à vontade, no início. Hoje, eu não ligo mais pra isso, não. Eu acho que era preconceito, que, no meu modo de ver, ainda persiste, mesmo nos movimentos sindicais e políticos, para um "mundo" de políticos, as divergências e discriminações que existem entre os sexos, e eu acho que era fruto do início do meu trabalho nessa área, que eu também, naquele momento, estava debochando: um determinado preconceito.*

A fala de Edson destaca o importante *papel sócio-cultural* das mulheres e, particularmente, das mães no que se refere à discriminação entre os *gêneros*:

> *a situação que eu sempre me lembro de tratamento diferenciado por ser homem é, não sei se é por eu ser homem, mas minha mãe, acho que ela tende a me tratar melhor. Não sei se é por eu ser homem ou por ser o primeiro filho. Na história das minhas irmãs, eu não reconheci nada que seja especial ao ponto de receber um tratamento pouco melhor do que os delas. Não há necessidade de diferenciar socialmente um por ser homem ou por não ser homem.*

Portanto, destaco que todos os meus entrevistados demonstram clara satisfação por serem homens, alguns ainda se mostrando pouco inclinados a se questionar sobre uma realidade tão multifacetada, em que a *condição* e a *subjetividade masculinas* se manifestam de maneira extremamente diversificada. Outros freqüentemente parecem acreditar num tipo único, universal, natural e eterno de masculinidade – a *macheza* - que desafie o tempo, o espaço e as fases da vida. Assim, para alguns, *ser homem* se diz mais no imperativo do que no indicativo: "seja homem"! Penso que nossa sociedade ainda hoje impõe um trabalho e um esforço pessoais que, em muitos aspectos da vida, não parecem serem exigidos das mulheres, pois é improvável ouvir "seja mulher" como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao homem adulto é lugar-comum na maioria das sociedades (Gilmore, 1990), como pudemos perceber nas falas masculinas aqui expostas. Para Badinter (1993), as pessoas com freqüência costumam agir como se a feminilidade fosse algo *natural*,

portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, ou seja, *construída*, e a alto preço. Os depoimentos de meus sujeitos de pesquisa descrevem situações vividas por muitos homens, demonstrando o “peso” e as cobranças sócio-culturais em diversos aspectos de suas vidas: a *illusio* viril (Bourdieu, sep. 1990) que os obriga a mostrar uma sexualidade exacerbada e a se exibir como pretensos erotômanos; o convívio constrangedor e jocosamente tenso com seus congêneres; a cobrança do exercício obrigatório do *poder viril* no trabalho; o relacionamento confuso e discriminatório com as mulheres; os negócios escusos; a dicotomia entre *papéis sócio-culturais* pretensamente masculinos *ou* femininos; a auto-exigência de serem os provedores da família; a contumaz homofobia; a violência como resposta corriqueira aos seus próprios conflitos, entre muitos outros fenômenos e vivências masculinas que aqui apresentei. Entre os homens, a contradição entre a necessidade de exibir sua virilidade e a ausência de comprovações sócio-culturais concretas e definitivas nunca foi tão grande, pois há quem se queixe hoje da ausência de feminilidade das mulheres de hoje, mas raramente se duvida da *condição de gênero* delas: são com freqüência os próprios homens que se distinguem entre si pelo “rótulo de qualidade” - ser um *homem de verdade* ou um *macho* - e são eles que se interrogam em grande parte ainda secretamente para saber se merecem tal atributo viril.

3. *O Homem em Transformação*

Nesta 3ª tipologia nativa, discuto a ocorrência de possíveis transformações na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade* a partir da perspectiva e da opinião de meus entrevistados. Assim, indaguei-lhes se percebiam diferenças entre os homens de hoje e os de tempos anteriores (pergunta 11); averigüei se percebem tais mudanças e em que direção elas parecem se dirigir (pergunta 12); perguntei-lhes se acreditavam que os homens de Fortaleza são diferentes daqueles de outros lugares (pergunta 13); e, em seu caso particular, se consideravam-se homens diferentes dos demais (pergunta 14). Tais questões geraram 2 (12ª e 13ª) tipologias analíticas, que reúnem, respectivamente, as impressões dos informantes que percebem

transformações na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, e, por outro lado, daqueles sujeitos de pesquisa que acreditam que os homens continuam sendo os mesmos de sempre.

. *O homem mutante*

A grande maioria de meus entrevistados percebe mudanças positivas na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*, embora vários esbarrem em limites em sua própria transformação e alguns apontem seus aspectos negativos. Da mesma forma, grande parte de meus sujeitos de pesquisa se considera um homem diferenciado dos homens de sua cultura e de sua época por motivos vários, conforme exponho em seguida. João destaca a incorporação da feminilidade nas atitudes do homem contemporâneo a partir do seu próprio contato com as mulheres, bem como as diferenças entre os homens com quem convive na Universidade e os *machos* do sertão cearense. De sua parte, considera-se um homem diferenciado, por se expor ou mesmo se exibir através de seus textos literários:

> *uma grande maioria, hoje, já está mais aberta, já tem menos preconceitos. (...) O homem de hoje tem mais coragem de ser feminino do que o homem antigo. (...) Os homens de hoje choram mais do que os homens antigos. Eles expõem publicamente mais a sensibilidade do que o homem antigo. O homem antigo, quando ia chorar, chorava escondido, com raras exceções. Eu tenho convivido mais com mulheres do que com homens porque, no mundo que eu vivo, da educação, hoje, é um mundo mais povoado de mulheres do que de homens. Por isso, eu convivo mais com as mulheres, e isso eu acho que tem contribuído para que eu "derrube" dentro de mim alguns tabus que eu poderia ter se eu vivesse no exército, por exemplo, ou lá no sertão. Os homens do ambiente que eu convivo, do ambiente universitário, são homens diferentes do ambiente do meu sertão. O homem universitário, ele é um homem mais sensível, ele é um homem mais à vontade. Todo mês, eu vou ao sertão. (...) Mas me parece que o homem do sertão ainda é mais recluso dentro dele pra assegurar uma situação machista que o homem do meio ambiente universitário. (...) O fato de eu gostar das artes, o fato de eu gostar de poesia, o fato de eu me revelar através da literatura, de eu me desnudar no meu texto - que nem todo mundo faz isso - eu me considero diferente dos outros porque eu tenho a coragem de me exibir. Então, eu sou exibicionista e isso eu mostro através da minha literatura. Nem todo homem faz isso. Tem gente de muito mais talento do que eu que poderia fazer poesia melhor do que a minha - um conto, uma pesquisa - mas tem medo de se revelar.*

Haroldo percebe maior disponibilidade dos homens para realizar tarefas domésticas e que eles estão mais sensíveis às mulheres. Ele não se considera um homem diferente dos seus congêneres:

> *alguns homens têm algumas tarefas que, antigamente, até há bem pouco tempo, eram da mulher, né, "tipo" lavar prato. Num é uma coisa costumeira, mas se faz. Mas, principalmente os*

> *cuidados com os filhos, pra levar pra dentista e dar uma olhada num dever de casa e orientar pra fazer o dever e mais uma coisa ou outra assim, no âmbito da casa, algumas coisas que tá sendo solicitado a minha contribuição. Acho que, de tanto se falar na mulher, eu acredito que eles estão mais sensíveis, né? Eu, pessoalmente, me sinto mais sensível pra perceber a mulher, as suas limitações, os seus desejos etc.*

Luís lamenta a perda do cavalheirismo e do romantismo dos homens de hoje, mas admite que eles manifestam maior aceitação dos indivíduos de orientação homoerótica, embora muitos homens ainda tratem as mulheres como objetos à sua disposição. Apesar de não se considerar um homem diferenciado dos homens de outras localidades, acredita ser um homem mais esclarecido do que a maioria de seus contemporâneos:

> *há uma diferença enorme. Acho que, pela convivência que eu tive com meu pai e pelo que, às vezes, eu escuto a minha mãe comentar, acho que o homem perdeu aquele cavalheirismo, aquele romantismo que existia em meados de 40, por aí, 50. Acho que até 60 existia ainda cavalheirismo e romantismo, e hoje, o "caboclo" querer ser romântico e cavalheiro, muitas vezes, ele é taxado de "quadrado". (...) Eu não me considero romântico, não, mas eu acho que ainda sou um pouco cavalheiro. Meus amigos, eles acham que, por eu ser assim, eles dizem que "ah, você é besta! Num existe mais esse tipo de coisa". Eu acho que a idéia que os homens hoje têm - acho que uma grande maioria - acerca de mulher é que mulher é objeto e deve tá disponível pra ele na hora que ele quiser, como ele quiser e quando ele quiser, e pronto, acabou-se! Eu acho que tão "abrindo mais a mente" acerca de muitas coisas, como o homossexualismo. Por exemplo: eu tenho alguns amigos que já encaram de uma maneira diferente, respeitam a particularidade. Tenho amigos que são também homossexuais, que respeitam a individualidade de cada um. Eu respeito o ponto de vista deles e eles respeitam o meu: amizade com normas estabelecidas. É uma mudança recente.*

Tomás também destaca a maior "difusão do homossexualismo", atribuindo-lhe uma conseqüente flexibilização do vestuário masculino. Entretanto, em relação às mulheres, admite que, em seu próprio caso, tem dificuldade de aceitar algumas conquistas femininas. Considera que o *machismo* varia entre as diferentes sociedades e que a cultura local apresenta aspectos contraditórios:

> *o homossexualismo antigamente era menos difundido, né? (...) Prendiam homens. Já tá tirando mais também essa questão de achar determinadas coisas, até vestimentas, que são pra mulheres: a questão do brinco, que o pessoal usa, né? Até uma maior liberdade no carnaval, né? E aquela questão, também, que a gente tinha falado, de o homossexual ser homem, né? Então, um monte de homossexuais tão ganhando isso porque você não deixa de ser homem porque você tem uma relação com outro homem, né? Antigamente, eram "mariquinhas", num-sei-que, né? É claro que o machismo também tem diminuído, né, em relação às mulheres, né? Mas, às vezes, é difícil de aceitar. Eu, pelo menos em relação ao machismo, é assim: eu, em muitos assuntos, como esse do feminismo, né, eu sei o que é certo, mas eu, às vezes, num aceito comigo, "tipo", por exemplo, ter um superior feminino, né? Eu sei que é uma coisa, assim, plenamente normal, né? Uma mulher tem a mesma capacidade, até mais, num-sei-que, mas eu num aceito. Até hoje, também, né, nos cursos que eu faço, eu me sinto menosprezado quando eu vou ver as notas e vejo que uma mulher tirou uma nota maior do que a minha. Quer dizer: eu*

> *sei que isso é uma coisa besta, uma coisa plenamente normal, num deixa de ser, mas você num aceita, né? É difícil você perder pruma mulher. (...) Me sinto meio usado. (...) O meu pai, que eu acho errado, ele tinha "caso" fora da família, né, porque eu acho que, hoje, são coisas contraditórias, né? Às vezes, você quer um "caso" fora da família. Talvez seja pra mostrar masculinidade, num-sei-que, né? Às vezes, é "status" você ter uma amante, né? Um receio que eu sempre tenho é em termos, assim, da minha sexualidade. Eu sou meio tímido, né? Eu vim a perder a virgindade há pouco tempo. Então, eu, quando tava num grupo de alguns amigos, eu me sentia, assim, meio reprimido porque eu, achando que todo mundo ali já tinha uma experiência, num-sei-que, e eu, né, era um novato ali, num-sei-que, né? Ou, então, quando sai um grupo que todo mundo ia arranjar uma namorada, eu ia ficar, assim, "de fora", né? Então, eu me sentia totalmente diferente nisso, né? Eu tinha esse receio, num-sei-que, num é? Aí, quando todo mundo pergunta, eu já digo que "ah, já tinha experiência"! Quando têm outros que me perguntam, eu digo que "não, num comecei d'agora, não. Comecei há mais tempo, né?", porque isso é uma condição que ainda tenho, assim - acho que muita gente ainda tem - de valor do homem ainda, né? Parece que a questão do* macho *talvez se misture aí com o homem, né, de você ter uma iniciação sexual.*

Valdir acredita que o homem de hoje vem perdendo e mesmo cedendo espaço aos avanços da mulher, que se revoltou e está extrapolando na busca de igualdade entre os *gêneros*. Considera que os homens não são diferentes em outras culturas, mas acredita ser mais radical do que os demais por não fazer concessões às mulheres, não tendo mais disponibilidade para conviver maritalmente com elas:

> *o homem atual, ele está recuando muito pro seu potencial. Isso é em qualquer posição da vida: na proporção que você recua, o outro ataca. Então, você vai fazendo concessões pra mulher. Quanto mais concessão você fizer, mais ela vai avançar. Então, o homem, hoje, ele é muito submisso, talvez. Ele num se impõe. Ele num luta. Eu acho que o homem, o atual, ele num tem mais aquele potencial de anteriormente, não. O antigo é mais objetivo e, talvez, ele é o que agora vão chamar de machista. Os de hoje, não: tão se adaptando às mulheres. Em todos os sentidos, o homem tá perdendo o espaço. Foi como eu disse: o que eu acho é que a mulher tem sua função, num tenha dúvida. A mulher, como eu disse, é pra ser companheira do homem, mas não igual ao homem. Ela não pode ser igual ao homem jamais. Como disse o Kadaffi: "uma mulher jamais poderá ser igual a um homem. Quando uma mulher grávida pular de pára-quedas..." - isso, o Kadaffi que disse, né?* (risos) *Tem coisa que num tem nem alguma condição de realizar. Eu num faço muitas concessões, e mesmo eu acho que eu sou muito autoritário. Inclusive pra mulher, eu num dou muito "caco", não. Eu sou difícil de me relacionar com as mulheres porque eu acho que as mulheres de hoje, elas "alopraram", revoltaram muito, e eu acho que eu num tô preparado nem tenho essa "estirpe" de ficar "nessa". Eu já sou muito independente, ou um brio, num sei: num sei nem definir e nem procuro porque jamais eu tornarei a ter um convívio dia-a-dia com uma mulher. Eu posso estar casado com uma, passar dois dias. Se eu passar dois dias, já tô perturbado: eu já tô* (riso) *todo ansioso, já quero ir viajar. Aí, imagina: eu num tenho muita calma, não, pra ficar debaixo de uma casa, não, nessa monotonia. É uma personagem muito difícil, a minha.*

Flávio destaca que o homem atual se sente perdido e inadequado e que, apesar de ter mais condições de vivenciar sua feminilidade, percebe-o inseguro devido ao "peso" de seu *papel sócio-cultural* de ser obrigado a dar segurança à mulher. Considera-se um homem diferenciado por sua sensibilidade:

> *eu acho que hoje o homem tá meio perdido, né? Tá meio louco, até mais frágil – digamos - menos seguro. Na maior parte das pessoas que eu conheço, eu noto isso. Hoje, pode se "soltar" mais e pode "soltar" mais esse seu lado não-homem, o lado da mulher que existe dentro do homem. Então, a coisa tá fluindo por aí. Se eu fosse mulher, pra mim seria mais fácil hoje em dia porque eu me casaria com um homem* (riso) *que me desse uma situação de segurança.*

Ernesto percebe maiores mudanças entre os homens jovens e os homossexuais, mas atribui as transformações sócio-culturais recentes a causas econômicas – o maior *poder* aquisitivo dos homens – enquanto a autoridade paterna vem se perdendo. Apesar de desacreditar que os homens de outros lugares sejam diferentes dos locais, revela sua rígida formação diferenciadora dos *gêneros* e as conseqüências que sofreu:

> *os jovens estão mais, assim, integrados nesses aspectos, não em tudo. Quanto a essa desenvoltura, os homossexuais, eles aparecem mais, ficam conversando um bocado de coisa. Esse negócio de usar brinco, também, isso contribuiu pra isso vir a ser mais aceito, né, embora eles se preocupem também muito com a questão sexual, né? Até no rendimento, eles se preocupam. As mulheres não têm mais aquela fibra como antigamente. Devido ao poder econômico - eu também passo por isso - as pessoas se acovardam mais. Antigamente, era a pressão da autoridade. Hoje, é o poder econômico: autoridade é ter poder, principalmente pelo poder econômico. Tenho submetido por causa do meu poder econômico. Minha formação foi diferente: eu num estudei em colégio, não. Num era seminário: era num colégio salesiano, colégio de padre. Então, eu criei uma auto-censura pra mim, né: eu num uso mais falar palavrão, embora eu pensasse. Eu acho interessante que penso palavrões, mas não os digo: num sei qual o objetivo, viu, disso, né? Por que? Então, é também uma questão de fé. Eu sei que eu num consigo uma relação de fé. Hoje, ainda sou impaciente: até certo ponto, é válido, né, evitar qualquer confusão. Eu tento evitar, embora isso tenha prejudicado um pouco: ser mais fluido na coisa de questão sexual.*

Mário também destaca a maior visibilidade homossexual, a mudança dos *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos na família, a flexibilização da dominação masculina e a expressão de sentimentos por parte do homem atual. Pessoalmente, considera-se diferenciado por ser homossexual, embora reconheça que outras culturas tratam de forma diferente esta questão:

> *eu acho que antigamente não existiam boates "gays", não com a quantidade que existe hoje, não tão abertamente, tão claramente, não é: não existia. Então, eu acho que os homens, hoje, estão um pouco mais diferentes. Acho que nós, homens, estamos mostrando mais o que a gente é, nossas buscas, nossa identidade, de uma coisa mais a nível de sentimento. Meu avô era muito "trancado", "fechadão". (...) Eu acho que o homem de antigamente, em relação à mulher, por exemplo, se achava muito melhor. (...) Hoje, eu acho que o homem vê a mulher muito mais como igual com ele. (...) A minha avó, ela cozinhava, fazia o macarrão, o molho; era ela quem cuidava da casa, cuidava dos filhos, era ela quem cozinhava, né? E meu avô, ele também fazia as coisas assim que acordava. Mas era assim: chegava e ela tinha que botar o almoço dele e, quando terminava de almoçar, depois é que ela ia. Eu acho que hoje o homem aceita que a mulher trabalhe fora: não tem que ficar só dentro de casa. Mas eu acho que antigamente era mais difícil que o homem fosse relacionado com outro homem, não é? Ele queria assumir isso dentro da família. Socialmente, há algum tempo atrás, ser homossexual era uma loucura. O homem era preso e isso mudou, eu acho. (...) Então, está se modificando pra melhor. Agora, o homem está*

> *podendo ser mais ele mesmo. Eu acho que os homens estão se modificando no sentido de se descobrir cada vez mais, né, de deixarem de ser preconceituosos, tentarem um bem-estar maior, né, deixarem de serem tão "fechados", menos "durões", de carregarem o peso maior, de ter que casarem, de ter filhos, de sustentar tudo. Eu acho que hoje ele tá dividindo ou com outro homem ou com a própria mulher. Eu acho que ele está deixando de ser o único que tem poder. Ele rebaixa esse poder ou o poder rebaixa ele.*

César afirma que atualmente os homens são menos grosseiros, atribuindo tal mudança principalmente às conquistas femininas e às conseqüentes transformações no espaço de trabalho, mas lamenta a proliferação "gay", que lhe faz vacilar antes de adotar qualquer atitude mais gentil:

> *hoje, a quantidade de "bicha", de "veado" que você vê é uma coisa assim: parece uma coisa de época mesmo, uma modificação. Hoje, você vai ali pra "Volta", "brincando", você vê um bocado de homossexual. Antes, não. (...) Sábado à tarde, eu ia pra "Volta" e ficava até 11 horas da noite e ainda ia pra um cabaré: você não via um "veado"! (...) Eu me lembro que a gente tinha que tomar cuidado pra não ser roubado. (...) Hoje, não: você vai e fica preocupado com vírus e tal. Você vai "paquerar" com uma mulher: aí, "pô", pode ser um "veado". (...) Hoje, você fazer uma sutileza pra alguém, você tem que olhar pra quem você faz e como você faz, que é pra pessoa não te confundir com uma "bicha". (...) Eu acho que antigamente o homem era mais grosseiro. (...) Acho que o homem, hoje, até pela emancipação da mulher - que hoje a mulher já tem as mesmas opções que o homem - que o homem já está (...) mais aberto ao diálogo e tal. Acho que o homem vem sendo influenciado principalmente pela profissão. (...) Já existe uma mulher trabalhando de motorista, que é uma profissão chata: você ficar o dia todo indo pra lá e pra cá. Acho que isso, na categoria dos motoristas - que eu acho que motorista, policial, são duas categorias grosseiras, são duas categorias que o "cara" não te respeita - então, eu acho que agora tem uma polícia feminina, e (...) já tem uma motorista mulher. Acho que isso foi uma "porrada" neles. Acho que isso vai acabar influenciando o comportamento grosseiro deles.*

Marcos destaca as mudanças relativas à paternidade e o maior incentivo ao estudo em detrimento do tradicional *papel sócio-cultural* de provedor da família. Em seu caso particular, considera-se um homem diferenciado devido à sua maior participação nas questões domésticas, bem como à tranqüila aceitação do fato de que sua mulher tenha maiores vencimentos financeiros do que ele:

> *era comum você ver, no passado, aquela figura autoritária, aquela figura mandona. Quer dizer: o pai da família, o chefe de todos os chefes que era o pai, né? E essa condição, eu estou vendo se desmoronar um pouco de dentro da minha própria família porque o meu pai era o centro das atenções, né, e ele ainda consegue um pouco disso. Isso, eu já vejo como uma condição diferencial do homem do passado pro homem de hoje. O fato de, no passado, a gente não ter uma necessidade muito forte no estudo para o homem. O homem era aquele que provia a família financeiramente. (...) Hoje, por exemplo, a minha mulher ganha muito mais do que eu, né? Isso não tem abalado, pelo menos a nossa relação. Então, aí, eu vejo o homem muito mais diferente: o homem muito mais sensível, o homem muito mais questionando a si mesmo, essas mudanças, porque é difícil você ver uma relação que existe hoje onde a mulher pode ganhar mais que o homem. A mulher trabalha e conquista cargos que outrora era dos homens. O fato de você ter responsabilidades para com o seu filho, de levá-lo à escola, de saber o que é que está acontecendo na escola, quais são os remédios que ele toma: isso eram coisas que o meu pai*

> *não tinha; isso eram coisas da minha mãe. A minha mãe era quem sabia se os filhos iam bem na escola, se não iam; qual o remédio que eles iam tomar; se eles estavam doentes; que médico os levava. (...) Hoje, eu participo muito mais ativamente disso. A minha mulher participa por outro lado, o financeiro da família, que antes não havia essa participação. Meu pai é um exemplo disso: meu pai trabalha; minha mãe não trabalha. Meu pai é quem dá o dinheiro todo mês para ela. Hoje, lá em casa, a gente tem conta conjunta, administrando os gastos; visualiza o objetivo de aquisição de alguma coisa; vê as contas aqui. Eu discuto com a minha mulher qual o remédio que ele vai tomar; se nós devemos optar por homeopatia ou por alopatia; se eu devo "alçar vôo", trabalhando. Quer dizer: todas as discussões colocam a mulher num contexto que, hoje, questiona muito o homem porque eu vejo a mulher muito mais segura nessa questão de entrar e buscar, de se colocar nesse mercado e de discutir as coisas com os homens, e os homens se questionando mais: "pô, a mulher tá entrando, tá conquistando espaço. Eu tô precisando saber um pouco mais das coisas de casa; eu preciso discutir com ela as questões financeiras; não sou eu que vou decidir; nós vamos comprar um apartamento, assim, assim, assim, assado. Não, eu tenho que chamar a mulher para isso". E o homem começa a se questionar. Chorar não é ruim. Quer dizer: expressar os seus sentimentos não é ruim. O homem cria vaidade, né? O homem gosta de se vestir, gosta de passar perfume. O homem gosta de vestir boas roupas. Quer dizer: isso não são coisas só de mulher, né? São coisas do homem também. Eu vejo isso muito nessa geração, colocando aí o diferencial entre o homem do passado, né, e o homem atual.*

Rogério argumenta que os homens de hoje têm avançado no sentido de uma maior tolerância com as mulheres e os homossexuais, mas ainda de forma limitada em nossa realidade, pois acredita que o homem das regiões mais ao sul do Brasil sejam mais abertos a essas questões, o que provoca cuidados de sua parte para que sua *condição de gênero* diferenciada não transpareça de forma discriminadora:

> *estão de modo geral mais - digamos assim - receptivos ao papel da mulher, mais receptivos à própria homossexualidade: um pouco mais, sabe, né, mas ainda é também uma coisa irreal, uma coisa mais localizada e dependendo do nível, né, da classe social. Eu vejo isso mais na classe alta, classe média e, às vezes, na baixa também: muitas vezes, até é mais receptiva de certa forma, embora brinque, embora dê piada, mas no fundo, no fundo, não agride, não. Eu acho que, nesse ponto aí, dos anos 60 pra cá, o povo realmente tem uma certa abertura - isso é no mundo inteiro, tanto faz - muito mais na Europa, no chamado Primeiro Mundo, (...) mas houve uma mudança, eu acho. Hoje em dia, a coisa é mais livre, mais aceita, não é mais tão perseguida como era. Alguns segmentos de travestis tão aí. No meio artístico, todo mundo sabe, o pessoal se declara publicamente: é importante. Então, acho que houve uma mudança, né, no sentido de um pouco mais de tolerância, um pouco mais de abertura. Em termos de Brasil, os nordestinos de modo geral são muito mais conservadores, né, e mais intolerantes, muito mais do que os sulistas. (...) A não ser por esse aspecto da homossexualidade, né, eu tenho que realmente que ter cuidado, se bem que isso aí num impede: entro à hora que eu quiser, eu participo de tudo, que eu tenho atividade política, sindical, religiosa. Se "sacam" alguma coisa ou mesmo se transparece, ninguém diz, né?*

Renato também comenta as recentes mudanças sócio-culturais masculinas no mesmo sentido, acrescentando que há um certo relaxamento nas rígidas atitudes viris dos homens e uma conquista de maior autonomia pelas mulheres. Entretanto, ainda tende a se sentir inseguro diante de sua dificuldade de se impor, o que o leva a assumir uma fachada de fortaleza que não tem:

> *há aceitação da homossexualidade. (...) Tem, por exemplo, um amigo meu que a gente até brinca um com o outro porque é assim: os amigos dele, (...) "porra", têm, assim, uns quatro que viraram "gays", sabe? E eu, da mesma forma, eles brincam comigo: "você vai ser o próximo da lista", alguma coisa desse tipo. Eu, por exemplo, freqüento há muito tempo (...) para danceterias "gays" e tudo, sabe? Eu acho "legal" esse tipo de espaço. Eu acho que o homem já é mais maleável nisso. (...) Bem, eu acho que a mulher, hoje, é mais compreensiva numa questão de se "brochar", por exemplo, apesar de que, hoje, ela já tem mais autonomia para a área de sexo, quando eu acho que, antes, ela não poderia ter tanta autonomia para isso. Às vezes, eu tenho receio exatamente disso: que eu seja denominado de inseguro. Nessas horas, às vezes, eu me sinto meio infantil também por estar assumindo uma insegurança, apesar de que isso, assim: (...) quem expressa mais insegurança, às vezes é o mais frágil também; e, às vezes, eu tenho medo também de ser achado pouco sério. Eu procuro me diferenciar.*

Sílvio atribui as mudanças sócio-culturais masculinas às transformações tecnológicas do mundo moderno, embora algumas atitudes se mantenham, destacando as tensões sócio-econômicas e o desemprego, que incidem particularmente sobre o homem. Acredita que os modos de vida em outras sociedades sejam diferentes, mas que os homens são, ao final das contas, muito assemelhados:

> *é, eu acho que tem diferença. Tem principalmente porque hoje a gente tem muito mais facilidades: tudo é mais acessível. Então, principalmente o estilo de vida é totalmente diferente. Acho que ele vive numa eterna mutação em que vai se adequando ao ambiente, que é a sociedade. Na medida que vão surgindo novas tecnologias, novos modos de vida, eu acho que o homem vai acompanhando. Eu acho assim: têm determinados comportamentos que - "tipo" beber, farrear - sempre teve e sempre vai ter, né? Mas também eu acho que muda porque o comportamento do homem recebe uma carga de estresse muito grande - tudo: a família, o trabalho. Outra é a questão de desemprego, que está aí "batendo na porta" de todo mundo.*

Jorge associa os avanços sócio-culturais do homem atual às lutas das mulheres, reconhecendo que os preconceitos masculinos ainda são intensos e que as transformações das *relações sociais de gênero* são lentas e limitadas. Percebe maior discriminação entre os *gêneros* nos pequenos centros urbanos, especialmente no Nordeste brasileiro:

> *eu acho que mudou hoje por conta da mulher brigar mais, participar mais do processo produtivo - discute mais, está mais ativa na voz, na parte do trabalho e no econômico - mas eu ainda vejo um avanço muito pequeno. Eu acho que os homens ainda são preconceituosos. Eu acho que as mulheres ainda continuam responsáveis por quase todo trabalho de casa, que o homem ainda participa muito pouco. Eu acho que está, mas numa velocidade que poderia ser maior no sentido da compreensão da igualdade da mulher, de poder trabalhar, de poder desempenhar uma função não só em casa, mas também em qualquer atividade e qualquer campo de trabalho. Eu acho que essa percepção ou aceitação de uma igualdade maior há mais nos centros urbanos maiores que nos interiores. Não conheço por não morar lá, mas nos interiores do Estado do Ceará, o papel da mulher ainda é aquele tradicional, de ficar em casa e cuidar só de filho e não participar de quase nada. Só na agricultura que a mulher ajuda, mas também, ou não é remunerada ou o trabalho básico dela é em casa: de fazer comida e cuidar de filhos, varrer casa, ajeitar casa e é isso.*

Lucas atribui as mudanças do homem contemporâneo às próprias transformações da sociedade. Embora perceba diferenças culturais entre os homens, acredita que exista uma *condição de gênero* comum, apesar de se considerar diferenciado devido à sua homossexualidade:

> *eu acho que o homem tá mudando, sim, até no que a sociedade também como um todo está mudando e ele faz parte do processo de mudança da sociedade. Hoje, ele está vendo a mulher como uma concorrente, né: uma pessoa que é capaz de concorrer com ele já na parte profissional, apesar de que ele não se chegou ainda no sentido de igualdade, no nível de igualdade, né? Mas eu acho que já começa a perceber o lado feminino: as mulheres estão conquistando espaço também, né? A própria identidade sexual, acho que é, hoje em dia, um dos assuntos que eram completamente proibidos de se falar e de se comentar. Eu acho que o homem está mudando. Eu acho que o homem, inclusive, está assumindo a sua vaidade: antigamente, havia muito preconceito, né? Hoje, o homem já passa a se cuidar, se tratar do corpo, da pele, ter um cuidado com a sua beleza, a sua vaidade: eu acho que isso está modificando. Existe a diferença cultural; agora, eu acho que existe uma essência comum da própria condição do homem, mas eu acho que tem mistura da condição masculina, já que tem a coisa do sexo, mas eu acho que a diferença é mais cultural: depende de onde ele mora. Eu sou diferente no sentido da minha opção sexual: exclusivamente nesse sentido, pra mim, né?*

Para Guilherme, os homens vêm demonstrando mais flexibilidade quanto ao comportamento e aos *papéis sócio-culturais*. Percebe uma maior necessidade de corresponder ao padrão viril entre os homens de nossa cultura para não serem considerados homossexuais, o que o diferencia deles, pois já viveu em outro país:

> *eu acho que têm algumas coisas mais flexíveis em relação a comportamento, roupa, papel na sociedade, "tipo" assim: dividir coisa de casa, tomar conta de cozinha. São coisas que pro meu pai era impossível de se pensar. Acho que, pra muitos homens, fica essa cobrança muito de preencher o padrão, de responder ao padrão. Eu acho que essa cobrança, às vezes, até de mim mesmo eu sinto. Por exemplo: na Alemanha, eu tive contato com algumas culturas "tipo" assim discretas e eu via uma afinidade muito maior do contato físico entre homens, "tipo" assim: chegava, beijava o rosto em cumprimento, o toque, e que aqui, as pessoas consideram mais uma manifestação de homossexualismo ou qualquer coisa. Acho que era muito comum, muito agradável. Pros alemães, era o contrário. Pros alemães, assim, um beijo, "triscou", o toque, já é uma coisa extremamente incômoda. Então, você vê manifestações diferentes. Acho que nessa coisa de ter que estar mostrando a virilidade ou a masculinidade a todo instante, às vezes, eu me acho diferente.*

Edson destaca as mudanças de comportamento do homem de hoje, mas apenas em relação aos mais jovens:

> *o pessoal da minha geração, dá pra notar a diferença, assim, tanto na atenção dada aos filhos, né, a própria ajuda dada em casa, nessas outras tarefas mesmo, que, normalmente, eram associadas principalmente às mulheres, como o de cuidar da casa, né? Ah, então, eu sinto diferença.*

Destaco que meus entrevistados se percebem mudando e que tendem a acreditar, em sua maioria, que os homens estão se modificando num sentido positivo.

Embora suas opiniões variem quanto à importância, à significação e à intensidade dessas mudanças sócio-culturais e alguns estejam mesmo insatisfeitos com elas - considerando negativos os efeitos dos recentes rumos da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* - creio poder considerar tais transformações um verdadeiro *fenômeno sócio-cultural*. Entretanto, não posso deixar de fazer algumas observações. Muitos de meus entrevistados destacam a suavização ou a flexibilização da rigidez do *poder* viril patriarcal, conservador e autoritário, mas, muitas vezes, confundem tal abrandamento com uma feminilização dos homens, uma perda de espaço sócio-cultural para as mulheres – neste caso, percebidas como suas adversárias - uma efeminação dos *machos* ou até mesmo a ocorrência de uma proliferação *gay* - fenômenos que são freqüentemente considerados por muitas mulheres insatisfeitas com a confusão masculina – o que apenas tem reforçado a costumeira homofobia em nossa cultura. Embora a diferença entre homens e mulheres seja fundamental, ela é mínima, pois não fixa necessariamente o *gênero* à sexualidade: "feminilidade(s) e masculinidade(s), vamos encontrá-los distribuídos entre homens e mulheres em combinação tão variados, que no limite poderíamos pensar numa sexualidade para cada indivíduo" (Kehl, 1996, p. 13). Neste sentido, como bem afirma a psicanalista, para os homens, toda feminilização é percebida como uma perda ou como o cumprimento final de uma antiga ameaça. Seria por isso, então, que ao homem interessaria manter a mulher à distância, buscando garantir que sua superioridade corporal - associada ao falo - lhe confira uma certeza de imunidade. Nos tempos atuais, especialmente, a aproximação e a semelhança da aparência, das ações e dos atributos masculinos e femininos são, para muitos homens, extremamente angustiantes:

> *a mulher que exprime mais diretamente a sua sexualidade se depara com o horror masculino diante desse vazio-que-fala, já que no (seu) inconsciente toda mulher se confunde com a figura da mãe, cuja voracidade seduz mas ameaça - de onde se conclui que a tradicional interdição da sexualidade feminina, além dos motivos práticos de controle da linhagem dos herdeiros, fundamentava-se no temor inconsciente à mãe devoradora. Mitos antigos, como o das Bacantes, já vinham dizendo que a sexualidade feminina livre de freios poderia ser muito poderosa* (p. 51).

Portanto, não creio que o homoerotismo, hoje, seja mais comum do que em outros tempos. No entanto, acredito que sua crescente visibilidade e a maior permissividade sócio-cultural para com as conquistas das mulheres e dos indivíduos homoeróticos

possam levar alguns homens menos dispostos a questionar sua própria *condição masculina* e suas *relações sociais de gênero* a adotar - reativa e defensivamente - atitudes discriminadoras e homofóbicas, que, em muitos casos, podem explicar a violência masculina contra as mulheres e contra seus congêneres. Tal violência ou reatividade agressiva, embora negada ou escamoteada em muitos dos depoimentos que obtive, pontuou diversos momentos das entrevistas, vindo a ser objeto da discussão que me dispus a realizar nesta tese.

. O homem que continua essencialmente o mesmo de sempre e em qualquer lugar

Alguns de meus entrevistados acreditam que o homem de hoje continua sendo o que sempre foi. José, tendo se separado da primeira mulher e casado novamente, questiona se os homens estão mudando, afirmando que, especialmente os mais jovens – como seus próprios filhos - estão, na verdade, se acomodando diante dos avanços femininos, particularmente no que se refere ao *poder* econômico, pois é a mulher que tem se modificado bastante, enquanto a homens como ele resta o "peso" da responsabilidade pela manutenção de sua(s) família(s). Acrescenta que todo homem gostaria de manter seu *papel social* dominante e que as diferenças entre os homens são culturais:

> *meus filhos, eu percebo mais acomodados. Não sei se é porque tiveram uma vida mas fácil. (...) Não são tão "batalhadores", embora existam uns, mas a maioria não tem pulso firme, não se colocam em posição de comando. (...) Têm medo. (...) Eu tenho uns amigos que, para fazer qualquer negócio, têm que consultar a mulher. (...) Eu acho que deve consultar, mas quando dá. Quando aparece um negócio, não se pode perder. Então, os homens mais novos, eu sinto que eles perderam, assim, a iniciativa e o poder de decisão. Acho que o "peso" é a responsabilidade que eu ainda tenho. Eu sou arcaico e um pouco antigo. Então, a grande preocupação minha é sempre ter condições de manter com dignidade e dentro das minhas possibilidade minhas duas famílias. Isso é um "peso" grande. A outra trabalha, a que eu deixei, mas eu botei uma loja pra ela, mas eu que tenho que sustentar a loja, que não dá "porra" nenhuma. O problema é o seguinte: eu noto que as mulheres que trabalham - e é natural isso, não tem quem evite - começam a ter mais força. Você começa a dividir o comando. (...) As mulheres que trabalham são até um atenuante para os homens porque, quando as mulheres trabalham e botam dinheiro em casa suficiente para dividir as despesas, ela fica muito com posição de força também, coisa que eu nunca tive porque mulher minha nunca trabalhou. Então, nesta área, eu nunca tive problema com certeza porque fica atrevida. Mulher que trabalha e ganha dinheiro fica atrevida. (...) Eu acho que é mais as mulheres é que estão se modificando em relação aos homens. Todos os homens gostariam de ter essa posição de comando, de decisão. (...) As mulheres estão galgando cargos, ganhando dinheiro, não ainda na mesma proporção do homem, mas estão*

> *ganhando. (...) Estou dizendo assim: não é que o homem está perdendo; a mulher é que está ganhando e está dividindo forças com ele. (...) Eu não noto mudança nos homens, não. A maioria gostaria de ter pulso, de mandar, de ter tudo na mão: isso, a maioria.*

Para Gilson, apesar de se considerar otimista e reconhecer as transformações do universo masculino, tais mudanças ainda não são socialmente significativas, pois os homens continuam manifestando ainda de forma freqüentemente estereotipada o preconceito e a *macheza* viris, mesmo os mais jovens:

> *não é a maioria, não, porque existe ainda uma propaganda do papel de homem, homem* macho*, homem grosseiro. Então, esse pensamento meu talvez seja restrito a um outro mundo pequeno de pessoas. Eu tenho um colega de 21 anos na turma, também, um "cara" que faz francês e tá estudando direito. Os comentários dele, as conversas - eu não sei se é aqui ou é só pra impressionar, que tem muita mulher na turma pra impressionar (...) - não deixam de ser um resquício de um comportamento em função de um estereótipo que foi criado. Meu filho mesmo, meus dois filhos - a gente tenta viver da maneira mais aberta, aceitando todo tipo de questionamento - e, de vez em quando, surgem esses comentários. Eu acho que os homens que eu conheço são parecidos. (...) Eles, às vezes, podem alterar em alguns detalhes, assim, de educação, de maneira de se comportar, mais nada. Eu gostaria de sim, mas não me percebo diferente. (...) Têm algumas coisas que eu faço que eu acho que sou diferente. Eu acho que sou ingênuo. (...) Isso provoca que eu sou otimista em relação à humanidade e aos homens.*

Pedro, que se considera um homem diferente por respeitar as mulheres, também lamenta a persistência dos resquícios do *poder* patriarcal masculino, destacando o *papel sócio-cultural* significativo da mulher na manutenção desta dominação, que constitui uma fôrma cultural que ainda *constrói* muitos homens como *machos* exibicionistas de uma virilidade ilusória e como contumazes conquistadores de *fêmeas*:

> *infelizmente, eu vejo que a maioria ainda está muito presa a essa coisa do papel, né, do homem. (...) O quê que eu chamo de papel não seria nem do homem. Seria mais essa coisa do* macho*, (...) essa coisa de que, em qualquer ambiente que eu chegue, onde tem mulher, eu tenho a obrigação de "bater ponto", de levar uma para o motel mais próximo, né? Isso ainda está muito presente para as pessoas. E essa coisa, para mim, não existe. Quer dizer: eu não vou dizer que eu não possa estar num ambiente e me interessar por uma pessoa, mas não colocar isso como uma coisa da obrigação. E, muitas vezes, eu vejo que algumas pessoas colocam isso: "tenho que contar mais um caso"; "fui numa festa tal: levei mais uma para a cama", como coisa de troféu, né, mais uma que eu conquistei". (...) Homem geralmente tem a fonte de renda, ganha melhor do que mulher; ou ainda é muito ditado por essa coisa econômica e também ainda é muito ditado pelas próprias mulheres. Eu acho que elas que são, em sua maioria, as grandes incentivadoras que os homens continuem esse papel clássico, né, do conquistador, aquela coisa, né? Existe uma modificação, mas ela ainda é para a minoria, né? Então, a partir do momento que existe essa coisa, aquela questão de que eu estou no trabalho, tem uma pessoa que trabalha lá, uma secretária, porque é inferior a mim no trabalho e é uma mulher escultural, então, eu vou ter a obrigação de ter que dar "cantada", né? Então, eu acho isso uma coisa lastimável, mas ainda existe muito. (...) Me considero, não só um homem, mas como uma pessoa diferente. (...) É que eu procuro trabalhar essa questão mais de igual para igual. (...) Eu procuro ver que o homem tem os mesmos direitos de uma mulher; procuro ver a mulher não necessariamente como essa coisa da conquista. (...) Isso, para mim, faz uma pessoa diferente.*

Sem dúvida, as transformações da *subjetividade* e da *condição masculinas* são um fenômeno sócio-cultural visível, particularmente nas últimas décadas. Suas manifestações, entretanto, não são apenas positivas e ainda não permitem uma generalização universal ou mesmo um reconhecimento social unânime em nossa cultura. Os *recortes de falas masculinas* de vários de meus entrevistados destacam ainda a manutenção do *poder* viril dominante, apesar dos avanços sócio-culturais mais gerais, confirmando a resistência e a defesa reativas de alguns homens contemporâneos, que relutam – freqüentemente de maneira confusa - em abandonar um controle social que já não possuem firme e integralmente como em outros tempos, muitas vezes utilizando a *violência* como um recurso desesperado, talvez último e extremado, mas certamente pífio e degradante desse mesmo *poder sócio-cultural masculino* que considero estar em decadência.

4. *O Homem Violento*

Como já anunciei anteriormente, a violência é um dos objetos de análise desta tese e uma temática que perpassou diversos momentos dos depoimentos por mim colhidos. Tratar desta questão representou, para mim, tocar um ponto nevrálgico da *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*. Portanto, foi com muito cuidado que levantei tal questão, partindo de situações mais genéricas da vida de meus entrevistados para, pouco a pouco, discutir com eles situações específicas que eles viveram. Desta forma, os recortes das *falas masculinas* que se referem a esse tema foram reunidos no que constituiu a 4ª tipologia nativa desta pesquisa. Neste sentido, indaguei a meus entrevistados, ainda genericamente, se já tinham vivido situações de violência (pergunta 15). De maneira mais específica, inseri a questão da violência vivenciada por meus informantes em situações mais precisas: contra a mulher (pergunta 35); contra os filhos (pergunta 61) e sua opinião sobre isso (pergunta 62); contra outros homens (pergunta 74) e como lidaram com tal situação (pergunta 75). Assim, desenvolvi as seguintes (14ª e 15ª) tipologias analíticas:

. O homem que se reconhece violento

A violência masculina, embora seja um fenômeno social e culturalmente reconhecido, não é facilmente admitida pelos homens quando tratam de sua vida pessoal. Entretanto, pude obter depoimentos que confirmam sua presença no cotidiano de praticamente todos os meus entrevistados. Apesar de perceber que suas confidências eram freqüentemente feitas com um visível sentimento de mal-estar, de constrangimento e de inadequação, meus sujeitos de pesquisa confirmaram que já tiveram algum contato com a violência, quer como agressores quer como vítimas. João afirma que vivenciou

> *muito poucas situações de violência, muito mais no esporte porque eu pratico futebol. Basta dizer que, sábado agora, eu joguei bola aqui, e eu, no esporte, pelo menos no futebol, sempre fui um jogador pesado, de bater muito. Já troquei tapas, já bati em alguém, já apanhei de alguém. Quando nessas horas, eu sinto que ainda existe um elemento não totalmente controlado, que ainda sou bruto. Depois que passa, eu noto que ainda existe dentro de mim aquele "cara* machão*", valente.*

Acrescenta que considera absurda a violência contra as mulheres, mas a admite contra os homens, atribuindo-a a uma característica viril:

> *a violência é um fenômeno de natureza masculina. De repente, eu não consigo imaginar uma violência contra a mulher. Eu só imagino a violência contra o homem, haja vistas que a mulher não foi feita para a violência. Eu acho muito forte, masculina e mais apropriada. Eu acho que é até uma feição machista, mas eu acho que o homem, o* macho*, foi feito mais pra ser violentado do que a mulher.*

Haroldo me contou que "uma vez, eu tinha uma sociedade e houve uma discussão em função de que eu e meu sócio, a gente se desentendeu e saiu uns tapas de um lado e uns tapas do outro". Viveu também episódios violentos com mulheres:

> *já tive uma namorada que ela "sacudiu" uma lata de leite em mim. Eu "devolvi" nela* (risos) *e pronto. Foi minha culpa. E também, uma vez, houve uns gritos e pronto. Eu num me senti bem, não. Eu achei chato. As duas se colocaram na posição de vítima. Somente essa da lata num tinha a menor razão porque ela "sacudiu" uma lata e queria que eu fizesse o quê?* (risos)

Tomás relatou o seguinte episódio em que foi intencionalmente violento e como se sentiu:

> *uma vez, houve um acidente de carro (...) porque, no carro, eu que andava (...) normal, né, logo quando a "Kombi" passou, mas ela atravessou a preferencial, né? Eu acho que isso talvez tenha acontecido porque eu já tenha tido até uma vontade de provocar aquilo. Às vezes, no volante, parece que você se transforma, né? Num sei se você num quer aceitar, às vezes, muitas*

> *agressões dos outros, né? Às vezes, um lhe "corta": aí, você fica "injuriado", quer "cortar" também. (...) Você, no volante, quer se sentir superior aos outros ou, assim, parecer mais* macho*, vamos dizer assim. Você não aceita desaforo no trânsito, né? E eu, nesse dia que a "Kombi" passou, eu notei que o outro carro, ele ia também atravessar a preferencial, que era minha, né? Mas eu - é claro que isso, talvez inconscientemente, muito rapidamente, o inconsciente: "(...) ah, aqui num vou deixar, não! A responsabilidade é dele; né minha". Aí, o "cara" - "pá"! - bateu, né, e eu, receando, levantei, saí do carro e comecei a xingar o "cara", né? Quase batia nele, mas não cheguei a tanto, né, num-sei-que. Depois me acalmei. Aí, eu fiquei, talvez depois de algum tempo, pensando que realmente ali era a primeira vez que eu colhia, assim, uma coisa que eu num ficava bobo. Entre aspas, eu ficava valente, né, de partir às vias, de brigar. Eu não vou negar: eu me senti bem, na hora. (...) Você se sente, assim, ou talvez seja sempre - vamos dizer assim - também mais homem, num sei, né, um senso de poder na gente, talvez ainda algum resquício, né, de que a gente tem ainda uma parte instintiva, uma parte animal, num-sei-que da gente, né? E quando vem aquilo, você se sente mais forte, né, num sei, mais poderoso, né?*

Valdir também já vivenciou situações de intensa violência, reconhecendo, constrangido, apesar de rir dos fatos que me confidenciou, que "perdeu a cabeça" e que pretende reagir de outra forma se tais situações voltarem a acontecer:

> *no meu primeiro casamento, eu tive um problema com um negócio de família: minha mãe deu um presente pra minha filha lá e a minha mulher num gostou. (...) Ela não gostou de me ver receber esse presente que a minha mãe deu pra menina e queimou as calças dela; rasgou as calcinhas, né, calcinhas de bebê. E a mãe dela tinha me dado um rádio, um radiozinho. Quando eu vi a coisa queimando, eu "sapequei" o rádio no chão: quebrei o rádio. (...) Nisso, passada ali uma hora talvez, essa bendita dessa minha filha, pois é, ela chorou. Aí, quando eu fui pegando, me abaixei pra pegar ela, que tava chorando na rede, a S. veio e deu uma mãozada em mim: passou a mão "beijada". Naquele instante - eu me lembro muito bem como se fosse hoje - aí, eu bati: pá! Aquilo lá ardendo em mim, pensando de costas: "é, apanhei dessa vez. Daqui pra frente, eu vou apanhar. Eu vou apanhar quase todo dia, né?" Aí, nisso, eu dei um murro nela com tanta violência, rapaz, que ela caiu uns* (riso) *3 metros de distância. Aí, eu enchi de pezada. Tinha uma empregada que é lá da família dela: eu bati em empregada, bati em mulher, bati em tudo. Então, esse foi um caso de violência que aconteceu comigo. Quanto mais eu batia, é como se eu fosse soltando aquela ira, né, e lá pra última, eu já tava com pena. Tanto é que, hoje, depois, eu cheguei à conclusão que, se acontecesse comigo outra vez - o que eu acho muito difícil - mas se acontecesse, eu procrastinava: eu nem reagiria. Primeiro, eu deixava, até que eu sairia e deixava. Eu falaria ali, desbocado, porque não é uma situação boa. Eu nunca me senti bem, não. Eu fiquei constrangido com aquele baque e, hoje em dia, se uma mulher, por algum motivo, (...) se me baterem, qualquer coisa, eu apenas me saio friamente. Num vou dar ênfase. A última vez que ocorreu - já tá com algum tempo atrás - foi envolvido também com a primeira mulher. (...) Na época que eu me separei dela, uma oportunidade, eu fui (...) pegar meus meninos na casa até da mãe dela. Quando eu vinha no caminho, eu encontrei ela e ela ia no carro dela com um "cara" do lado lá, que acho que o rapaz até vinha do hospital: o "cara" era médico, talvez. Eu sei que a minha menina disse até: "a mamãe"! Foi um contratempo. "A mamãe ali, num-sei-que, ali"! Num sei porque cargas d'água eu "tranquei" o carro dele lá, peguei o rapaz e bati muito no rapaz. Me arrependi porque o "cara" num reagiu e eu arrastei depois. Quando eu começo a bater* (riso)*... Depois de eu tá com pena, então, como eu num tava saindo daquela situação, eu, num sabendo, virei o rapaz pra bater o pé na bunda, né, dele. Pra mim, era a visualização máxima, mas realmente, hoje, eu me arrependo disso: uma questão emocional.*

Apesar de nunca ter sido espontaneamente violento, Mário admite que teve de usar sua presença e sua força masculinas para proteger amigas do assédio de outros homens e

em situações em que seu namorado se envolveu em brigas. Teve uma intensa e hostil rivalidade com o irmão na infância, sentindo-se um *homem* quando pôde enfrentá-lo:

> *Teve, assim, algumas vezes, e eu estava acompanhado por mulheres. Teve duas vezes, eu me lembro agora. A primeira foi lá na boate (...) e um "cara" "deu em cima" de A. e ela não "estava a fim" do "cara" e o "cara" insistindo e eu tava perto e ela olhou pra mim, meio pedindo socorro, e eu me meti na história e fui lá falar com o "cara" e ficou pra lá, e eu – violento, nesse sentido - falei alto, né? Aconteceu (...) uma vez que eu estava numa oficina e um "cara sacana" que estava lá era meio alto e meu namorado também é violento, né? Com o meu irmão, durante a infância, a gente brigava muito. (...) Com meu irmão, eu tinha ódio dele. Eu queria matar ele. Reagia: ele era 3 anos mais velho e eu sempre apanhava. Aí, quando a gente tava um pouco maior, teve uma vez que eu consegui. Uma vez, taquei a cabeça dele na parede e saiu muito sangue: eu fiquei apavorado, né? Teve uma vez que eu fiquei orgulhoso porque ele pegou uma garrafa pra bater em mim e ele tacou essa garrafa em meus pés e eu estava sem nada nas mãos. Aí, eu disse: "você vai pegar essa garrafa pra bater em mim agora"? Aí, eu me senti homem, né? Eu fiz com que ele procurasse outro artifício, né? Do que eu me lembro, a gente brigava demais. A gente brigava muito! A gente se agarrava e rolava no chão.*

Gilson também passou por situações semelhantes em solidariedade a amigos: "me metendo numa confusão que não era minha e ter que participar contra o que não tinha muito a ver, mas que era com uma pessoa amiga que era muito complicada". Pedro, por sua vez, admite que, excepcionalmente, num momento de intensa raiva, pode perder o controle e agir violentamente:

> *eu cheguei uma vez a dar um tapa numa pessoa, em um momento de total descontrole realmente, né? É muito ruim, né, inclusive me tremendo porque é uma coisa que me faz mal. (...) Isso já faz um bom tempo felizmente. Eu tinha um relacionamento muito ruim com uma irmã minha, né, e exatamente por essa coisa que eu falei da disputa pelo amor dos pais, né, que hoje eu entendo, mas, na época, logicamente eu não entendia nada. Então, havia sempre essa coisa da disputa pelo fato da mãe preferir os filhos homens em detrimento das filhas mulheres. Havia essa disputa e a coisa se acirrou de uma certa forma que chegou até a haver até essa coisa da agressão física em relação a uma irmã minha, né? Felizmente, essa coisa já se passou. Inclusive, ela é uma pessoa com quem eu falo hoje. Felizmente já faz muito tempo atrás, que eu acho que, para mim, é uma coisa muito ruim: a sensação de ódio é um sentimento muito ruim, que consome muita energia e não constrói nada.*

A homofobia e o pavor do questionamento de sua masculinidade levaram José a quase agredir violentamente sua mulher:

> *eu reclamei dela uma coisa de casa e ela disse pra mim: "vai dar"! Aí, nesse dia, fiquei brabo. Levantei para "cobrir" ela de "porrada". Mas, aí, ela olhou para mim e viu que eu estava transtornado. Quando ela olhou pra mim, eu digo: "você vai buscar agora?" "Vou". Quando ela foi buscar, eu digo: "ó, você nunca mais na sua vida repita pra mim essa frase 'vai dar'. Não é que você está me chamando de qualquer coisa, de 'baitola', de 'veado', não. É porque é um desrespeito seu para comigo. É o mesmo que eu te chamar de puta. Eu sei que você não é puta. É como se eu tivesse lhe ofendendo. É pra atingir você fortemente" – isso, depois que eu me acalmei, que, na hora, o sangue vem pra cabeça. Aí, depois, ela veio explicar que eu não entendi o que é "vai dar". Aí, eu disse: "olha, eu vou fazer de conta que eu não entendi porque, você não saber que 'vai dar' não é a bunda, eu não entendo. Você já tem 33 anos de idade e não saber*

> *que 'vai dar', 'vai dar' o quê"? "Não, não, realmente eu não sabia". "Pois é isso e nunca mais se repita. Eu controlei a primeira vez. A segunda, eu não quero me controlar: eu vou te dar um monte de 'porrada' porque, no dia que eu te der um monte de 'porrada', você me deixa. Então, me deixa. Pronto, acabou-se"!*

César reconhece a violência costumeira em sua adolescência e descreve as reações masculinas perante a vitória ou a derrota diante de seus desafetos: "freqüente foi quando eu tinha 16 anos, 18 anos. Era freqüente: eu gostava de brigar. A gente apanhava. No mais, quando a gente ganhava, achava o máximo, né? Mas quando saía perdendo, saía desconfiado". Renato já agrediu uma mulher, mas, apesar de temer pelas conseqüências, confessa que fantasiava com tal situação:

> *uma situação de violência foi quando eu tinha uma namorada, que, na verdade, eu queria só ter "transado" com ela, mas ela foi querer ir ficando e ficando e ficando, mas a gente ficou assim bem um mês. Daí, a gente foi numa festa. O negócio já estava bem ruim e eu "fiquei" com outra menina na festa na frente dela e eu ainda fui me despedir. E aí, quando eu fui deixar ela em casa, ela me bateu e me arranhou. E daí eu bati nela também e tudo. Daí, ela saiu do carro. (...) Olha, eu fiquei com medo, muito medo que ela fizesse alguma coisa, "tipo" corpo delito porque eu bati nela. Eu sei que num foi com força. Eu sei que não deu pra ficar hematoma, mas eu fiquei todo arranhado e eu fiquei com medo. Ela tinha 21 anos e fazia oitava séria. Era alguma coisa desse tipo: ela era bem atrasada; ela era manequim, tal, e daí eu fiquei com medo dela ser uma "cabeça de vento" e "tipo", e largar a cabeça na parede e dizer que tinha sido eu, sabe, e depois fazer um corpo delito. Mas eu acho que eu achei engraçado sair dizendo coisa do tipo: "comigo, bateu, leva"! (...) Era uma fantasia até, isso acontecer.*

Jorge sofreu com a violência política e repressiva, mas admite que é capaz de se tornar fisicamente violento quando estressado ou embriagado, tendo buscado apoio psicológico devido à bebida e aos episódios de violência em seus casamentos:

> *aqui mesmo em Fortaleza, quando eu vim, (...) no auge desses momentos políticos do regime militar, e ainda hoje que, quando se participa de greve, da polícia, (...) da repressão de uma forma geral. Como adolescente, (...) fiquei um pouco frustrado pelo uso da força pra resolver diferenças bestas. As violências da questão política, de passeata, de greve, me causaram indignação e menos medo do que na época de quando eu era adolescente: era indignação, revolta e, de certa forma, até me estimulava a não aceitar aquilo. (...) Quando eu me estresso muito, eu uso violência - violento normalmente; físico, não, mas violento verbal, de ser estúpido. Violência física é bem mais raro. (...) Fico decepcionado por ter me deixado envolver emocionalmente a esse ponto de perder a razão e ter que ser violento. No meu primeiro casamento, eu cheguei a ter brigas, inclusive com violências, rusgas por algumas ocasiões, e algumas no final do relacionamento, muito além do que eu queria. E no segundo casamento também. No início, eu cheguei a dar empurrão e era agredido mais verbalmente, mas também físico: muito ruim. Isso me deprimia, tanto na situação anterior do primeiro casamento como no segundo. Me deixava muito deprimido, muito chateado e me fazia buscar alternativas pra esse tipo de relacionamento. Eu iniciei tratamento psicoterápico e acho que me ajudou um bocado nas discussões, a me controlar mais, no sentido de conversas posteriores aos atos agressivos e como se dava muito quando eu bebia, diminuindo ou parando de beber durante um determinado tempo.*

Apesar de considerar que nunca foi violento, Guilherme percebe o quanto é difícil conter sua animosidade e sua agressividade:

> *no trânsito, as vezes que eu me mostro mais agressivo, né, mas eu num sei se caracterizaria isso como violência, né? Na Alemanha mesmo: de agressividade, assim, com o vizinho ou coisa assim, mas num passou de "bate boca". Uma cena maior de violência ou de violência física ou de envolvimento, não. Eu me senti assim com uma raiva muito grande, né, um certo esforço para controlar.*

Edson entende que, nas poucas brigas de rua em que se envolveu durante a infância, pagou um tributo à virilidade patriarcal, o que chegou a lhe satisfazer:

> *foi alguma situação violenta de turma de rua. Não me lembro exatamente o que foi: só sei que houve um movimento de contato com essa turma de bairro, né, e é possível que eu tivesse 7 anos de idade. E 3 anos depois tive uma briga mesmo de rua com um rapaz e por conta de jogo de futebol, né, na rua. (...) Quando terminou, a sensação era de que - "pronto!" - eu tinha brigado. Quer dizer: eu não era mais diferente das pessoas que tinham brigado, mas que eu não sentia mais nenhuma vontade de continuar brigando, né? Quer dizer: eu me senti "tipo" pagando uma dívida ao homem antigo, pagando uma dívida a um homem que eu não queria ser. Então, "pronto! Briguei, acabou, tchau!" Então, tinha um pouco a sensação de satisfação. Também não ganhei a briga e nem perdi: foi uma coisa de igualdade, "tipo" um lá e um cá, uma situação de que não tinha me saído mal, mas uma sensação de que era desnecessário.*

Embora quase todos os entrevistados que são pais admitam que tenham batido nos filhos, a maioria deles tende a minimizar o fato de usar de violência contra eles, argumentando que não foi "violento, não: usaria a palavra 'agressivo'" (Haroldo); que foi apenas "palmadinha muito simples. Eu nunca fui de bater nela" (João); ou que foram raras as vezes, como no caso de Gilson: "eu bati no mais velho uma vez, eu me lembro que com uma chinela. Eu estava com muita raiva mesmo. Foi a única vez: nunca mais eu bati. Com o outro, aí é que se acabou mesmo". Ernesto admite não mais bater nos filhos: "atualmente, não, que eles estão grandes". Outros, como Valdir, deixam a tarefa de punir os filhos com sua mulher:

> *eu num bato neles, não. Essa tarefa eu deixo pra mãe. Eu num tenho uma mínima condição de bater. Eu num tenho coragem. (...) Eu me sentiria tremendamente covarde se eu tivesse que apelar. Eu prefiro "gastar mais saliva", embora, às vezes, eu já observei que num funciona bem. Eu tenho um pequenininho, o menino de 9 anos. Ano passado, ele começou estudando e "caiu". No fim, eu prometi tudo a ele e tal e ele num recuperou. Já no finzinho, já ficou de recuperação e a mãe dele deu uma pisa nele e ele, num instante que evoluiu, mas eu num teria coragem de fazer isso.*

José, apesar de se arrepender depois, admitiu que usou de violência contra seus filhos: "algumas vezes, quando eles me aporrinham. Eu, só de boca. Eu falo alto. (...) Aí, vira

‘alto-falante’ de comício. Eu sou violento, assim, em palavras. Eu falo alto e sou grosseiro. Dou umas ‘cacetadas’. Aí, eu digo: ‘pô, eu não deveria ter dito isso’!”

Admitida ou não pelos homens, a violência masculina perpassa todo o campo das *relações sociais de gênero*. Tal fenômeno é, sem dúvida, uma expressão da própria violência que engendrou a cultura brasileira e as sociedades em geral, pautadas na *dominação masculina* e no *poder* viril (Geertz, 1980; Bourdieu, 1988; Badinter, 1993). Essa violência primordial e originária, além de se manifestar nas raízes da civilização (Girard, 1990; Amorim, 1995), pode ser reconhecida no fato bastante evidente de que vários de meus entrevistados, quer admitam ou não sua própria violência, sofreram, por sua vez, com sua ação.

. *O homem agredido, pacífico ou reprimido*

Assim, diversos de meus informantes foram também vítimas da própria violência masculina. Luís foi agredido durante um assalto:

> *foi em 95. Acho que eu vinha mais uns três. Nós vínhamos, parece que era de um pagode, mais ou menos. Nós descemos num bairro, assim, vizinho ao nosso. O bairro era muito próximo: num tinha disponibilidade de carro. A gente vinha numa rua, assim, meia escura, assim, meio esquisita. Quer dizer: o meu primo vinha atrás; eu vinha na frente. Aí, eu fui abordado por um assaltante, que me abordou com uma faca pra dar os documentos, entregar a carteira. Como eu vi que era só um, eu entreguei. Quando fui entregar, que ele pegou, tentou pegar, eu reagi. Só que, aí, apareceu um outro, dentro do mato, com uma outra faca na mão. Me bateram. Bateram em mim, muito mesmo. Agora, a minha sorte foi porque parece que tinham umas pessoas que tavam de frente: um rapaz me emprestou um carro e mandou soltar, senão ele ia atirar. Me parece que um dos marginais, ele morava no bairro onde eu moro e me conhecia. Me conheceu por causa do meu ex-sogro, na época. No momento, eu me senti, assim, inútil, sem poder fazer nada. Fui reagir, mas, na circunstância que aconteceu, tava se desenrolando todo o problema, eu me senti um inútil: eu num podia fazer nada. Simplesmente tava ali pro que desse e viesse, na hora, com o “sangue quente”. Eu tive um pouco de medo. Mas, depois, o rapaz que tinha me assaltado, sabe, consegui falar com o tio da minha ex-esposa, que é militar, e fomos na casa dele pegar meus documentos. Mas, também, num reagi nem nada: só mandei ele pegar meus documentos. Deixei pra lá.*

Flávio já foi assaltado algumas vezes, mas considera a pior violência o fato de seus agressores terem questionado sua masculinidade, pois, já na infância, não conseguia

reagir às agressões de colegas de escola, o que revela a necessidade comum entre muitos homens de (re)afirmar seus atributos viris:

> *às vezes, eu deixo o meu carro em casa e pego um táxi. Eu mando o motorista me deixar lá no centro da cidade e fico "alto". Aí, vou olhar as coisas, Fortaleza antiga. (...) Então, já fui pego. Tava olhando o prédio da APLUB e passou um preto. O preto me pediu um cigarro. Eu disse: "pois, não". Aí, dei um cigarro pra ele e saí andando (...) pra pegar um táxi por ali. E o preto, num sei porque, andou atrás de mim e: "ah, têm uns prédios antigos. (...) Vamos ver na Major Facundo". Eu fui. Eu fui atacado por esse negro. Ele pegou, aqui, o dinheiro que tinha; me "deu"; eu caí; fiquei ferido. Pela zona, pelo tipo de gente que anda por lá, eu tenho impressão que o preto achou que eu tava "dando em cima" dele. Doutor, a pior violência foi que ele disse: "ah, eu num quero negócio com 'veado'". E aquela fala num tem nada a ver isso. (...) Eu senti insegurança. Quando eu era criança, (...), tinha um "cabra" que, eu num sei porque, passava, assim, e tacava um tapa. Minha mãe foi dizer pro padre: num dizia pra meu pai e num dizia pra ninguém. Me trancava no banheiro e chorava, doutor, meio chateado. Hoje em dia, eu vejo que era "tipo" uma inveja (...) dele.*

A dificuldade de reagir à violência levou Gilson a passar por dificuldades e constrangimentos diante da autoridade de chefes e superiores no trabalho:

> *uma vez, eu fui agredido e não reagi, e de outra, eu reagia à agressão e falava palavras feias: isso, quando era criança. E, quando adulto, só lembro da última, que foi uma agressão por via de telefone, que foi uma coisa desproporcional. Aí: "como é que é o nome de teu pai?" - procurando mostrar que eu estou magoado. Eu me "tranco" e me afasto e não digo nada. A primeira vez que eu tive uma conversa com o presidente do banco, que eu achei agressivo, eu até fiquei "desarmado" porque eu não esperava aquela maneira agressiva de falar: (...) eu, defronte dele, e ele, chegando na ponta da cadeira, me falou que eu precisava ser mais agressivo, não sei o quê e tal. Aí, eu achei desproporcional e me "tranquei" e fiquei calado, ouvindo o que ele disse, mas, depois, eu fiquei cá comigo, pensando como era que eu tinha que dizer que eu não estava entendendo a origem daquela agressão, e eu me arrependo amargamente de não ter feito isso.*

Rogério foi assaltado por um parceiro sexual, mas apenas culpa a si mesmo por sua própria imprudência:

> *na verdade, teve um companheiro do apartamento, há alguns anos atrás, e ele me roubou, né? Mal entrou, foi logo se oferecendo. Queria até minha roupa: uma situação bastante traumática. Eu acho que foi muita "proteção", viu, Georges, porque simplesmente eu não reagi, né? Eu entreguei relógio, entreguei dinheiro: "rapaz, num vai ficar com a camisa, não! Num posso sair daqui sem camisa. Eu num moro aqui"! Ele entendeu: me deixou de tênis, de camisa e calça. Ia levar tudo. Eu disse que num "operava" lá, que ali era apenas um local que eu mantinha encontros.*

Renato considera que sofreu outro tipo de violência no campo do trabalho profissional – a do preconceito contra a cultura nordestina – que tomou como uma agressão psicológica:

> *uma violência, a meu ver, que eu fui agredido psicologicamente. Foi o período que eu tive, nessa última empresa, (...) que tinha um encarregado de São Paulo. Eu traduzia os técnicos e fazia as planilhas de medição e orientava, às vezes, os mecânicos na montagem de alguma máquina, "tipo" assim: o encarregado ficava numa e eu ficava na outra. Só que o "cara" me "massacrava"*

demais e ele era encarregado só pela montagem, sabe? Então, assim, em termos de Nordeste e tudo, e de eu ser nordestino, sabe, e, algumas vezes, que eu não respondia: aí, era o "burro não-sei-o-que". "Porra!" Eu me sentia muito mal. Tive muita dificuldade de reagir. Não reagi. Não sei se, hoje, eu saberia reagir. Talvez, hoje, eu já "chutaria mais o balde", mas a coisa tava bem difícil e eu me achei agredido psicologicamente. (...) No final, eu já tava reagindo mais. Aí, eu ficava com medo do chefe: o quê que ele ia achar já que o "cara" era um "cara" deles, era um "cara" de lá e eu ficava "entrando"? Eu fiquei com receio disso, do quê que a autoridade superior, lá, ia achar.

Muitos de meus entrevistados consideram-se pacíficos, mas admitem que a contenção da agressividade lhes custa muito, gerando tensão. José concorda que tal repressão da agressão é muito perigosa, podendo desencadear episódios muito mais violentos, o que o leva a controlar também a própria potencialidade violenta que reconhece em si mesmo:

eu sou um "cara" pacato até um certo ponto. E eu nunca briguei, nunca "dei" na mulher, em nenhuma das duas, essa coisa de bater, e, nos meus filhos, eu bato muito pouco porque, às vezes, batia quando fazia muita danação e quando eu tô de "saco cheio". Então, eu dou uma palmada, mas dói mais em mim do que neles. Realmente, eu sou muito ruim de violência. Logo, eu tenho um problema: eu não posso deixar desencadear violência em mim porque eu sou muito violento mesmo. Eu sou assim: eu tenho que controlar esse meu lado violento, e, muitas vezes que aconteceu de eu ficar violento, de eu perder o controle - que dificilmente eu perco o controle - eu fico violento demais, eu fico perigoso. É tanto que eu não ando armado. Eu nunca andei armado, e eu fui militar durante 6 anos. E todo militar tem arma na cabeça. O militar tem três coisas: pensa que tem duas "cunhão" e acha que é o "John Wayne", que é "macho" e tal. (...) Eu sou muito violento quando eu perco as coisas ou com a mulher. Às vezes, brigo com a mulher e a mulher afronta: eu tenho que ter muito controle. Eu fico, assim, com vontade de esganar. Então, eu tenho que ter muito cuidado com esta minha parte de violência porque eu fico perigoso quando eu perco o controle. É tanto que bebida, eu não posso beber muito. Eu bebo, mas bebo sempre pra brincar porque a bebida, as vezes que eu perdi o controle, eu tinha bebido. Eu tenho um limite, um limiar: até aqui, eu estou absolutamente sóbrio; a partir daqui, o álcool já está mais forte. Então, eu não posso ter uma raiva, que eu fico violento mesmo. Já me aconteceu com a A.: nós estávamos "brincando" em Campina Grande - foi até na semana passada - e um "camarada" "tacou" a mão na bunda dela. Eu esperei ela me dizer e ela não disse, certo? Aí, depois, eu tive uma raiva grande com ela: foi uma briga grande. Nesse dia, eu quase bati nela: não bati, mas dei-lhe uns empurrões porque eu achava que ela devia ter-me dito. (...) Aí, deixei passar um tempo e perguntei: "você não vai me contar, não, que aquele 'cara' passou a mão na sua bunda?" "Não, eu não ia contar porque você podia brigar e não-sei-o-que" Aí, eu me zanguei com ela e dei-lhe uns empurrões: fiquei com raiva braba mesmo.

Tomás lamenta sua dificuldade de reagir quando é agredido em situações de surpresa ou quando precisa defender seus direitos:

a maioria, eu até me surpreendi porque - num sei se por eu ser tímido - eu aceito muito as coisas. Um exemplo: um trocador, se ele, às vezes, ele me dá um troco errado, (...) eu fico até com receio de reclamar. Eu sou uma pessoa meio medrosa, certo? Como eu disse: às vezes, eu pego no troco, eu vou olhar, num tem; ou então, às vezes, eu vou subir num ônibus, o "cara" me trata mal, assim, duma vez, entendeu? Então, das vezes que eu sou pego de surpresa, eu me calo. Eu fico na defensiva, né?

Ernesto sofreu com o autoritarismo da própria família durante a infância, o que provocou muito medo, insegurança e dificuldade de lidar com qualquer tipo de autoridade instituída, com repercussões inclusive no campo do trabalho profissional:

> *eu tive uma educação autoritária, um negócio, assim, meio de reprimir: tanto reprime a formação quanto que humilha. Ainda hoje, eu tenho as conseqüências: muitos medos; medo de fazer as coisas mesmo. E a violência violenta a pessoa. Eu (...) me sinto, assim, (...) como se tivesse sido violentado. As pessoas, às vezes, falam que foi violentado sexualmente, mas, aí, violência assim num entrou por questão sexual, mas ligada à moral, né? (...) De qualquer jeito, é violência: você sai violentado. Só assim, autoritária, né, lá pra repartição, né? Eu tenho muito medo da violência, certo?* (Pausa) *Eu num entendo. É uma coisa, assim, que depois humilha. Eu num tenho maturidade pra sustentar* macho *e de reagir com violência.*

João contrapõe a violência dos castigos físicos que recebeu dos pais com sua dificuldade de punir a filha:

> *eu levei uns "cocorotes". Eu apanhei do meu pai: papai batia em mim. Inclusive, ele dava surra em mim de cipó, às vezes. Minha mãe dava uns "cascudos" em mim, mas eu num consigo fazer isso - eu não sei porquê - porque eu realmente vivi. Papai me deu algumas surras, algumas "cipoadas" boas em mim. Levei "cocorote" de mamãe e eu num consigo fazer isso com ela. Não sei se é da minha formação, depois disso tudo. Agora, eu gosto muito do meu pai e de minha mãe, mesmo com essas "cipoadas".*

Mário passou por situações de violência simbólica no lar, gerando conseqüências restritivas em sua vida social e escolar:

> *eu acho que foi na infância. Na época, eu tinha violência na relação com a minha mãe. Quando ela passava, me olhava de forma muito hostil. No colégio, também, eu ouvia uma piada, outra, e eu achava que era um tipo de violência. (...) Eu não reagia, não! Só teve uma vez, na alfabetização, que teve uma briga que eu nem me lembro mais porquê era. Eu nem me lembro porque eu briguei com meu coleguinha. Mas, já, assim, no colégio, eu ouvia um riso, uma piada, mas eu não revidava. Era mais fácil que uma amiga revidasse do que eu, não é? (...) Então, é até por isso que eu era muito "pra baixo", triste.*

Destaco através do depoimento de Gilson a derrocada do mito do lar e da família como espaços seguros e protetores contra a violência da sociedade, pois ela se manifesta tanto na casa quanto na rua:

> *me lembro de violência em criança porque a violência de adulto em relação à criança é que é pior ainda. A criança é totalmente indefesa. Já passei por situações que eu considero que foram violências contra mim. Presenciei alguns tipos de violências, coisas, assim, bem difíceis, tanto com pessoas amigas como com pessoas da família. Um irmão que eu tinha, que era muito violento - eu era criança e ele já era rapaz - e eu presenciei algumas cenas de violência, e eu, também, achava que aquilo era uma violência contra a mamãe.*

Como elemento social, a família reproduz a violência da sociedade. Edson temia e ficava sem reação diante da violência do pai, quando ele chegava bêbado em casa: "meu pai, quando bebia, às vezes chegava com violência de quebrar as coisas, mas

nunca tentei reagir fisicamente a isso, não". A reação de homens que sofreram a violência repressiva da sociedade pode ser percebida na fala de Pedro:

> *agressão física eu nunca sofri, não. Agora, atitudes que eu considero violentas, como a "coisa" do autoritarismo, a falta de democracia, a falta de diálogo, isso eu considero uma forma de violência. (...) Se eu vivo uma determinada situação que me faz mal, vai contra os meus princípios, eu me "fecho", né? Isso é uma coisa que, inclusive, me faz muito mal* (risos). *Eu sempre digo que adoraria ser daquelas pessoas que, se alguma pessoa vem de forma violenta para cima de mim, com autoritarismo, quebrassem a mesa, chutassem a cadeira, distribuíssem pontapés por todos os lados, mas não consigo. Então, a minha tendência é sempre me "fechar", né? Isso é uma coisa que, depois, tem repercussão, às vezes, até física, com dores que surgem no corpo, essa coisa da repressão interna.*

Haroldo compara o seu potencial agressivo com o de sua mulher no trato com os filhos:

> *eu sinto que a mãe deles mesmo é muito mais agressiva do que eu, mas o agressivo dela é diferente, que é recebido diferente do que o meu. Eu acho que eles, o A., falam muito mais o que querem comigo do que com a mãe. Agora, quando eu fico agressivo, então, é muito mais forte. É porque eu sou muito poucas vezes agressivo. A mãe é muito mais.*

Alguns entrevistados, como Marcos, revelam sua atitude pacífica: "eu sou da paz, mesmo porque eu não procuro confusão. Eu dou uma boiada para não entrar numa confusão. Eu não quero confusão: eu não gosto, mesmo de trânsito. O que acontecer, sou da paz. Ah, bateu? Bateu. Eu pago: fico tranqüilo". Rogério associa suas atitudes pacíficas à sua restrita força física ou a possível repressão, retraimento, timidez ou bloqueio, preferindo ser agressivo verbalmente:

> *eu sou uma pessoa pacífica. Eu sou violento, às vezes, no falar, quando se refere a agressões verbais, impropriedades, mas sempre verbal. Eu tenho que me desculpar depois: "olha, eu exagerei. Me desculpe". Quando eu sou agressivo, eu sou agressivo verbalmente. Fisicamente, eu acho difícil porque eu num tenho nem condição. Mas eu nunca fui propenso a esse tipo de coisa: eu nunca briguei, nem quando criança; trocar murro, nunca. Eu sempre fui uma pessoa pacífica, ou fui retraída, ou tímida, ou bloqueada: num sei, num posso dizer. Mas o detalhe é que eu nunca fui às vias de fato, murros com ninguém, em nenhuma época da minha vida.*

Marcos se sente incomodado quando é agressivo sem razão aparente com o filho, mas se sente justificado ao bater nele quando acredita ter razões para puni-lo:

> *quando exagero, fico mal "pra cacete". Às vezes, eu tenho uns arroubos de nervosismo (...). Às vezes, eu estou meio bruto com ele, mas, aí, eu (...) "fico mal" (...); não gosto de fazer isso; me policio o máximo possível para isso. Agora, quando bato com razão, aí, eu sei que é um ato de correção: aí, não me dói nem um pouco.*

Na infância, Guilherme se sentiu encurralado e indefeso diante da violência:

> *eu me lembro, só na infância, de ter apanhado uma vez, e não é só pelo fato de ter apanhado, mas pelo fato de ter me sentido encurralado, acuado, sem capacidade de reação. (...) É mais*

> *pelo fato de não ter conseguido me defender, reagir: muito fraco, humilhado, muito mal, muito mal mesmo, muito mal mesmo.*

Finalmente, Lucas sintetiza o potencial violento da *construção da condição e da subjetividades masculinas*:

> *eu descobri, assim, em relação a isso, principalmente em uma relação não só de amizade, que eu tenho esse lado, também, muito agressivo. Eu quase espanquei, assim - não foi de murro nem nada - mas cheguei a quase mesmo a bater, sabe? A vontade era de bater: um lado agressivo que eu descobri em mim, em poucas situações, que eu acho que eu devo ter, mas num coloco isso pra fora e que os homens têm, né? Eu não gosto: eu acho que a coisa é muito pouco racional, isso, sabe? Eu sou uma pessoa que eu gosto de colocar a razão.*

O amplo quadro aqui descrito demonstra a complexidade da violência no contexto das *relações de gênero* na contemporaneidade. Associada à *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*, os homens parecem encarar e lidar com sua própria violência de formas diversas. Tal fenômeno sócio-cultural demonstra que a masculinidade também é submetida a uma constante (re)*construção*. Embora chocante e freqüentemente escamoteada - como posso perceber pelos depoimentos de meus entrevistados - a violência masculina vem sofrendo transformações na medida em que a própria sociedade, também, se modifica. Apesar de se apresentar ainda de maneira bastante freqüente nos relacionamentos dos homens com suas mulheres, com seus congêneres e com seus filhos, e em campos diversos – na escola, na rua, no trabalho e, sem dúvida, no próprio lar – acredito que a violência masculina atual já não se manifesta da forma gritantemente truculenta como se apresentava em períodos anteriores em que o *poder* viril do patriarcado era plena e hegemonicamente dominante. Um dos elementos que reforçam minha impressão de que o *poder sócio-cultural* masculino já não é tão firme nos tempos atuais é exatamente o constrangimento, o incômodo e o mal-estar com que muitos de meus informantes expuseram o uso da violência em suas vidas. Sem dúvida, as mulheres também têm uma clara participação nesta mudança de postura dos homens, pois já não aceitam de maneira submissa os desmandos masculinos, denunciando-os de forma genuína e sistemática. Por outro lado, a violência masculina, como uma *construção sócio-cultural*, é um produto da educação que os homens recebem na família, que, de sua parte, vem se transformando também. Ainda persiste o evidente e preponderante *papel sócio-cultural* da mulher

como formadora dos futuros *machos* no contexto das *relações sociais de gênero*. Assim, optei por destacar esta questão como objeto de discussão no próximo capítulo.

Capítulo 2. Todas as Mulheres destes Homens: Sedução e Diferenciação

A capacidade de ser amigo de uma mulher, particularmente a mulher que a gente ama, é para mim a maior realização. Amor e amizade raramente andam juntos. É muito mais fácil ser amigo de um homem que de uma mulher, especialmente se a última é atraente. Em toda minha vida, só conheci alguns casais que eram amigos tanto quanto amantes.

Henry Miller[52]

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de abraço
Da própria candura

Gonzaguinha[53]

Neste fim de milênio somos tão diferentes das mulheres antigas? O que mudou em nós? Tudo será tão positivo como nos dizem, e foi outrora tão ruim como parece? Na Idade Média havia tecelãs inscritas em sindicatos; em todas as épocas, mulheres cultas escreviam, debatiam, influenciavam seu meio. Embora sempre em quantidade bem menor do que os homens, não eram exceções tão raras quanto nos parece. Onde foi parar a história dessas que administravam propriedades e bens quando os maridos iam à guerra, transmitiam a

[52] MILLER, Henry. **Sexteto**. São Paulo: Ágora, 1985, p. 10.
[53] Mais um trecho de *Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)*, *op. cit.*

> *tradição oral da sua gente, eram depositárias de lendas, praticavam medicina e criavam os futuros guerreiros de seu povo? Rainhas ou mulheres de senhores feudais participaram de campanhas bélicas ao lado do marido, ou em seu lugar quando ele precisava combater em outra parte; séculos atrás, na Europa, mulheres não se dedicavam apenas às intrigas da Corte, mas davam cursos públicos de retórica, falavam latim, conheciam teologia e filosofia. As poucas hoje comentadas só aparecem como esposas de seus maridos famosos. (Joana d'Arc teve o nome perpetuado por si mesma: foi preciso que morresse queimada num fogueira inquisitorial.) Tudo isso porque "os livros de história são escritos por homens"? Eles seriam tão poltrões que não cederiam à mulher o seu devido lugar nos fatos do mundo? Não acredito muito nesses preconceituosos clichês, nem tenho competência ou disposição para fazer afirmações sobre o assunto: este é, afinal, um livro de indagações. Mas custa-me acreditar que os homens sempre tenham querido ter a seu lado frágeis ornamentos ou apáticas escravas.*
>
> Lya Luft[54]

Em seu instigante livro sobre o falecido herói e automobilista brasileiro Ayrton Senna, Lins (1995) afirma que

> *Ayrton Senna da Silva é fiel ao ideal masculino, à solidariedade corporativista do macho brasileiro. Nos seu discurso dividido, encontram-se a vontade de amar e a* hainamoration[55] *lacaniana – ódio do feminino em si, no outro – instituído, colado como uma ferida no coração do guerreiro. Mas o amor à distância parece ser mais reconfortador do que o amor compartilhado, no face a face do cotidiano. A mulher aparece como um apoio, coerente, nesse ponto, com o mito hebreu da invenção do feminino – Eva como apoio para Adão* (p. 65-66).

Nesta mesma linha de pensamento, Lins esclarece que nos espaços essencialmente masculinos e nos jogos viris, "a mulher não existe como sujeito. Ela é um objeto a consumir e, em alguns casos, etiquetada como um outro homem" (p. 63), pois

> *a imagem da mulher surge como uma ameaça à masculinidade do homem. De fato, tudo indica que é a mulher que, paradoxalmente, vai efeminar o homem. O lugar da mulher é, pois, à margem desta sociedade de homens. E, na ordem esportiva, o axioma fundamental é, assim, resumido:* é o masculino que reforça o masculino. *A mulher é, pois, a personagem secundária cuja presença é destinada a temperar um pouco as histórias de homens* (p. 66).

Portanto, neste sentido, a frágil *identidade sexual* dos homens – como a de todos os heróis guerreiros, quer se trate dos cangaceiros, dos *cowboys* ou dos esportistas – não

[54] *Op. cit.*, p. 61-62.

é uma extensão da *identidade* materna, mas sempre uma conquista através da ruptura com ela. Para Flem (printemps-été, 1984), os espaços e jogos viris contam particularmente "a perseguição incessante de homens à procura de sua masculinidade" (p. 107). Loraux (1989) comenta que tudo parece funcionar como se, "ao se aproximar demais da mulher, o herói arriscasse perder suas qualidades, tornar-se carinhoso demais, muito vulnerável, covarde, e mesmo enfermo" (p. 77). Neste contexto conflituoso das *relações sociais de gênero*, Badinter (1993) destaca que

> *quando a feminilidade muda - em geral, quando as mulheres querem redefinir sua identidade - a masculinidade se desestabiliza. A história das sociedades patriarcais prova que são sempre as mulheres, e não os homens, que suscitam os grandes questionamentos. Isto se explica facilmente pelo* status *privilegiado que têm os homens neste tipo de sociedade. Mas as grandes crises da masculinidade não são apenas complicações do poder. (...) Ao contrário do que diz a ideologia do patriarcado, os homens não são os primeiros referenciais da humanidade, e sim as mulheres. É em relação a elas e contra elas que eles se definem. Pelo menos até hoje. Mas que os homens fiquem tranqüilos: a crise atual não é sem problemas* (p. 11).

Assim, podemos compreender que as mulheres – particularmente as mães - têm um *papel sócio-cultural* essencial na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, e que, embora não sejam seus únicos determinantes, no mínimo, são as bases primeiras e primordiais da formação e da inclusão dos homens na sociedade, pois os gestam, educam, criam e com eles interagem e convivem ao longo de suas vidas. Entretanto, as *relações sociais de gênero* são sabidamente conflituosas. Homens e mulheres manifestam diferenças nas atitudes pessoais, relacionais, sociais e em inúmeros outros campos, o que leva muitos a pensar em universos distintos. Para Campolim & Lima (1998),

> *o modo de ver o mundo, e, portanto, a mulher e o homem, que predomina entre nós, por conseqüência, no Ocidente, vem da matriz hebraica, judaico-cristã, recuperada pela reforma protestante. Ou seja, a forma monogâmica de viver que nós temos, bem como a luta feminista pela igualdade entre os sexos, vem dessa tradição. Já o machismo dos latinos não tem tanto a ver com ela e sim com a tradição mediterrânea de domínio patriarcal, a qual não prevalece mais entre nós, mas nem por isso deixa de ter sua influência* (p. 87).

Acrescentam que

> *essa sedução que tem sua origem no Mediterrâneo, e que de certo modo predomina nas culturas latinas, católicas, etc., envolve um jogo em que a mulher aparece como a fraca e o homem como o forte. É este o jogo, que ao mesmo tempo é o engano que toda sedução envolve: a mulher fica*

---

[55] Jogo de palavras de Lacan (1960 [1993]; 1964; 1966) com o termo *énamouration* (enamoramento), aglutinando *haine* (ódio) e *amour* (amor) e expressando a ambivalência destes sentimentos.

> *no lugar de fraca, mas fazendo de conta que é frágil, enquanto que o homem fica no lugar de forte, achando, erroneamente, que de fato é forte. Pois é tão vulnerável quanto a mulher, do ponto de vista humano. Essa a assimetria do jogo...* (p. 101).

Como já tive a oportunidade de descrever e de discutir os rituais da *construção* da masculinidade na primeira parte desta tese, neste ponto pretendo abordar e analisar as relações entre homens e mulheres a partir dos diversos olhares e discursos masculinos que pude colher nas entrevistas que realizei.

1. *A Mãe do Homem*

Sem dúvida, o amor materno e o relacionamento das mães com seus filhos constituem os principais objetos de veneração mítica dos homens e das pessoas de um modo geral, numa aura que envolve as concepções do senso comum, dos artistas, dos literatos e mesmo dos cientistas. A mãe é freqüentemente considerada uma mulher sagrada, para além de seus limites humanos (Badinter, 1980). Campolim & Lima (1998) nos lembram que

> *a família patriarcal, o patriarcalismo, engendra isso ao situar os filhos e a esposa, em geral divinizada dentro do estereótipo da mãe, no espaço do lar sagrado, protegido, higiênico, separado do espaço da rua, do bar, do prostíbulo, da zona, das outras mulheres. Essa separação, que gera esse estereótipo, é muito comum até hoje* (p. 23-24).

Buscando investigar essa relação envolta num encantamento tão especial quanto freqüentemente ilusório, centrei minha 5ª tipologia nativa em torno desta questão a partir de diversas perguntas a meus entrevistados: como caracterizam a relação com suas mães (pergunta 17); se percebem diferenças no tratamento da mãe em relação a eles e a seus irmãos (pergunta 18) e como as explicam (pergunta 19); se são mais próximos da mãe ou do pai (pergunta 20); se, na relação com a mãe, havia toques físicos e manifestações de carinho (pergunta 21) e se houve mudanças nesta forma de contato ao longo do tempo (pergunta 22); sobre a influência materna no relacionamento com as mulheres (pergunta 23) e com os homens (pergunta 24); e sobre a imagem transmitida pelas mães em relação às mulheres (pergunta 25) e aos homens (pergunta

26). Tais questões geraram as seguintes (16ª e 17ª) tipologias analíticas, conforme as impressões de meus entrevistados no que se refere à figura materna e à mulher:

. *A mãe cuidadora e modelo de mulher*

Em várias depoimentos masculinos que obtive, a mãe de meus entrevistados continua sendo percebida como um modelo de mulher para seus filhos, certamente uma das principais responsáveis pela imagem positiva ou negativa que seus filhos têm, tanto acerca do *gênero* feminino quanto do masculino. Luís recebeu da mãe a imagem "da fragilidade da mulher, da necessidade de compreensão, de carinho. Isso, ela sempre passou pra mim, e, conversando comigo, ela me passou isso em relação ao meu pai e que era uma característica que ele tinha no relacionamento com ela". Rogério resume esta idealização da figura materna: "o mundo dela são os filhos, claro, como muita mulher por aí é assim, né? Na vida das mães, vivem em função da vida dos filhos; depois dos netos". A fala de José também explicita a idealização da relação entre mãe e filho:

> *a minha mãe é 'super-mãe'. (...) A gente sabia que, dos quatros filhos, ela tinha preferência por mim. Eu sou o mais velho. (...) Então, era notório que minha mãe gostava mais de mim. (...) Levava merenda na rede, o prato que eu gostava: ela fazia de tudo. Se eu tivesse ficado em casa, não seria o José que eu sou hoje - porque eu saí de casa aos 11 anos de idade para estudar aqui em Fortaleza - talvez eu fosse "mamado na égua", "abestalhado", um fraco, porque minha mãe me tratou de uma maneira que "não existia". Então, a minha relação com minha mãe sempre foi ótima, boa. Eu queria muito bem a ela. Nunca tive problema, que, hoje, tem de trauma, de recalque, essas coisas, e eu nunca tive nada. Ela sempre foi uma mãe maravilhosa, só que, quando eu era pequeno, não sentia, mas, depois, eu percebi realmente uma preferência dela por mim. (...) Os outros três, ela tratava muito bem, mas, no fundo dela, tinha preferência por mim. (...) Minha mãe era super-mãe e super-mulher. Ou seja: ela sempre me deu comida, a melhor possível; roupa lavada, limpa, sem nenhum botão faltando na camisa do meu pai; a casa sempre um esmero de limpeza; e dedicação integral. A minha casa era a casa do caos. Eu vinha das farras e ela já levantava, já deixava preparada uma panela de caldo, e ia toda a "galera", de 8 a 10. Tinha caldo para todo mundo. (...) Então, tudo isso me fez (...) querer uma mulher que fosse a projeção da minha mãe em termos de cuidados com o marido e com o lar. (...) A minha ex-mulher e a minha atual mulher - concubina - são umas excelentes donas de casa. Quando começa com os defeitos, aí a gente vai "botando nos eixos". (...) Eu acho que, se toda mulher fosse como minha mãe, seria muito bom. E, como eu digo, eu sou muito comodista e egoísta - isso é a grande verdade, que não me furto dela - porque a minha mãe, ela ficava tentando adivinhar os pensamentos nossos e do meu pai pra atender. Só que, com um detalhe: aquilo fazia ela feliz. É tanto que a gente botava uma empregada e ela não deixava cozinhar: "para os meus filhos e pro meu marido, quem cozinha sou eu". Ela lavava prato, arrumava a casa: eu acho que ela era feliz. Pras mulheres de hoje, ela era uma aberração da natureza. Querem liberdade,*

> *dividir. O homem vai dividir tudo, né: as despesas divididas em casa, né? Todo homem queria ter minha mãe como mulher.*

Ser o primogênito, no caso de Marcos, parece ter contribuído para uma atitude de superproteção e mesmo de cumplicidade erotizada entre ele e a mãe, influenciando seu tratamento com a própria mulher e com outros aspectos de sua vida. Além disto, acredita que sua mãe compartilha de seu orgulho de ter vencido pelos próprios meios, respeitando-o devido ao distanciamento e à voz ativa na família, o que parece ter propiciado uma intimidade agradável com ele:

> *eu sou o filho mais velho, primogênito no caso do meu pai e da minha mãe, e o primeiro neto: o primeiro filho de todos os irmãos do meu pai, né, e o primeiro do meu pai. (...) Ela é superprotetora. Ela é muito descarada, também: fala palavrão "pra caramba". "Enche muito o saco" com relação a cuidar da minha mulher. Ela não tem uma relação muito boa com o meu pai: não se separaram ainda porque a minha mãe gosta muito do meu pai e meu pai deve gostar muito da minha mãe porque senão já teria "dado um pé na bunda" dela. Mas estão vivendo lá, sob o mesmo teto. E ela se preocupa muito em saber se eu: "você está levando a V. pro motel? Você tá 'transando' com sua mulher? Você tá levando ela pra jantar fora?" (...) Se preocupa muito com a minha saúde. Desde pequeno, eu tenho uma relação super-gostosa com a minha mãe. Eu só posso te dizer que a minha mãe me deu muita tranqüilidade para minha vida sexual, profissional, cabeça, discutir as coisas, encarar as coisas com bastante naturalidade: a questão do homossexualismo, a questão de drogas, a questão de tudo. (...) O meu pai ficou um pouco ausente nesta história. (...) Pelo fato de, hoje, eu estar distante, eu vejo que sou uma força dentro da minha família, que eu não era quando eu estava lá. (...) Hoje, eu questiono o meu pai. Hoje, eu brigo com meu pai: discuto de igual a igual com o meu pai em função de eu estar distante e ele me respeita muito. A minha mãe, também, me respeita muito. Ela liga: "fala com o seu pai. Conversa com o seu tio. Fala com seus irmãos. Seu irmão está fazendo isso". Ela espera que eu oriente. Eu sei que eu sou voto ativo. Eu sou ouvido e ponderado, levado em consideração. (...) Eu sempre beijo minha mãe. Ela sempre se encosta. Quando estamos sentados para conversar, ela sempre senta próximo, me abraça, me beija. A minha mãe é muito despudorada: a minha mãe fica só de calcinha, sem sutiã, na minha frente. Eu tenho 33 anos, e, desta vez, agora, ela ficou só de calcinha: "ah, meu filho, eu estou aqui". "Mãe, vai vestir um sutiã! Fica aí, com esses peitos caídos e tal! Se, ao menos, estivessem novinhos e tal"! (...) Quando eu era muito pequeno, eu me lembro - é uma história que eu até conto para minha mulher - que eu brincava de "coxar" a minha mãe. Sabe o que é "coxar"? É pegar por trás e ficar encostando: ficava "coxando". Tinha uma relação meio que sexual, de desejo, esse negócio todo. (...) Agora, está muito mais de mãe mesmo: aquele negócio de "oh, mãe! Senta aqui, mãe". Até o pessoal que está comigo fica dizendo: "você fala 'mãe, mãe', o tempo todo" porque tem muito mais preocupação de saúde, de relacionamento com o pai, com os filhos, se está precisando de dinheiro, se assistiu um filme, se ela está bem, se ela está saindo com as amigas, viajando, financio viagens pra ela. (...) Desde que eu comecei a me relacionar com mulheres que a minha mãe sempre foi muito tranqüila. Eu me lembro de episódios. Eu levava mulheres, namoradas pra "transar" lá em casa, num quartinho que a gente tinha lá em cima, e a minha mãe: "olha, meu filho, olha o que você vai fazer". Ela me deixava à vontade. No dia seguinte, lá está ela: "olha, eu estou subindo". Dava tempo de eu me arrumar e aquela coisa toda. E ela levava café e falava: "e aí, tudo bem? Descansaram"? Quer dizer: eu, sabendo que ela sabia que eu tinha acabado de "transar", mas não falava nada, e ela sabendo que eu sabia que eu tinha "feito", que eu tinha "transado", mas ela nunca foi de falar explicitamente. Aí, passava um tempo e ela vinha: "olha, cuidado que teu pai não gosta que você traga mulheres pra cá. Só as namoradas! Toma cuidado quando trouxer pra cá. Se trouxer, leva ela pra casa: pode ficar escutando música etc. e tal. Na rua, cuidado". (...) Eu não me lembro da*

> *minha mãe falando de AIDS, mas ela falava de doenças venéreas, de "camisinha" porque eu sempre falava pra ela "mãe, fui na 'zona'; 'comi' uma prostituta". "Filho, você é louco? Botou a 'camisinha'"? "Botei". "Ah, você é louco! Levou seu irmão?" "Levei meu irmão". "Ah, você é muito louco: não faça isso". Mas sempre com muita tranqüilidade. A coisa sempre "rolou" com minha mãe de uma forma muita tranqüila. Ela falava: "e, aí? Tá namorando"? "Estou". "Como é que é esse namoro?" "Não, mãe: se você quer saber se eu 'comi', ainda não 'comi', não, mas vou 'comer'". Brincava muito assim com ela, tudo muito tranqüilo. Isso me deu tranqüilidade pra quando eu fosse, nas ruas, buscar as mulheres, de eu ter tranqüilidade de buscar dar prazer para as mulheres, ao invés de buscar só o meu prazer numa relação sexual. Eu não tenho muita "neura", muita culpa, muita coisa assim. Então, eu acho que estas coisas me formaram: falar sobre sexo; não tenho vergonha de mostrar o meu sexo; não tenho vergonha; dar tranqüilidade para que a mulher pudesse ficar nua na minha frente. (...)O que eu busco na lembrança agora é ela falando: "eu quis cantar: meu pai não deixou. Eu quis trabalhar: meu pai não deixou. Eu quis fazer um bocado de coisas e não pude". A minha mãe tem 53 anos hoje e é uma mulher bonita. Ela, quando nova, era muito bonita. Então, eu vejo que meu pai desperdiçou a grande oportunidade da vida dele, de estar com uma mulher sensacional. E a minha mãe sempre falava destas coisas, sempre dizendo: "dê oportunidade para uma mulher. Faça-a feliz. Satisfaça-a sexualmente que ela vai te dar o mundo de presente: ela vai te dar tudo". (...) Então, isso foi minha mãe que colocou, quem me educou desta forma.*

João destaca a importância de sua mãe em sua vida, pois teve que viver afastado dela, o que acredita que tenha provocado com que buscasse relacionamentos com mulheres mais velhas do que ele e que tenha tido uma visão tão positiva e um bom tratamento com as mulheres:

> *com 9 anos de idade, eu saí de casa. Eu fui para o seminário, dentro de Fortaleza. (...) Então, eu fui tirado do contato de minha mãe muito cedo. E sempre as mulheres da minha vida foram mais velhas do que eu. Mesmo minha mulher, hoje, é mais velha do que eu. Então, eu tenho impressão de que há - não sei se uma procura ou encontro - alguma coisa que essas mulheres, na maioria mais velhas do que eu, têm alguma coisa de maternal do qual eles me separaram. (...) Eu ficava com mamãe, duas, três vezes por ano. Agora, não, que eu vou todo mês: passo o dia com ela. (...) Isso me tirou dela e eu acho que eu busquei noutras mulheres, em primeira fase da minha vida, aquilo que eu tinha perdido em casa. Quer dizer: aquela mãe que eu não tinha no dia-a-dia, eu encontrei nas minhas tias; aquela mãe passou a ser os padres do seminário; aquela mãe passou a ser as mulheres com quem eu me relacionei. Então, sempre eu acho que esse foi o primeiro ponto. O outro ponto é que a ternura que eu tinha por ela, o zelo, aquela beleza, o tratamento que ela dispensava comigo, que era um tratamento excepcional, de uma mãe incomum, me parece que fez com que eu, também, respeitasse as mulheres, que tratasse as mulheres muito bem. Talvez eu trate melhor as mulheres do que os homens, eu acho. A ternura dela, a feminilidade dela, a maternidade dela, eu botei na minha cabeça de que as outras mulheres também têm tudo aquelas qualidades que ela tem. Ela me transmitiu uma imagem das mulheres muito boa: aquela imagem bela, maternal, muito fêmea, mãe, amamentadora, que eu vi ela amamentando meus irmãos. Aquilo, eu "transportei" um pouco: fiquei achando que outras mulheres tinham aquelas qualidades dela e ainda hoje eu acho isso. Muitas mulheres têm qualidades que eu via em minha mãe: sensibilidade.*

Haroldo aprendeu com sua mãe que os homens "devem ser honestos, trabalhadores, dormir cedo", incorporando a ênfase ao valor sócio-cultural do trabalho profissional na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*. Destaca as transformações de

seu relacionamento com ela no sentido de uma independência mútua, apesar de sentir falta de sua atenção e de sua concordância. Percebe que sua mãe está mais próxima dos irmãos - que parecem precisar mais dela - e que diminuíram as manifestações de carinho. Entretanto, admite que a mãe foi um modelo de mulher para seus futuros relacionamentos afetivos, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos:

> *primeira coisa a dizer é que ela muda ao longo do tempo, (...) da dependência pra independência: minha dependência pra minha independência. Eu acho que, de certa maneira, ela é dependente, até hoje, um pouco dos filhos, né, pelo menos quando ela se coloca como mãe. E, talvez, uma coisa que me haja percebido é que eu tô sempre, ainda, querendo coisas dela, né, querendo atenção, querendo que ela concorde comigo, né? O que acontece, hoje, que eu me sinto independente, é que eu já não sofro tanto quando ela não atende a esses meus desejos, e, também, é que, hoje, ao contrário de antes, nem tudo que ela quer, eu faça ou deseje ou sinta, né? (...) Eu vejo que ela é mais apegada, hoje em dia, que é o mais velho e a mais nova, talvez por ser os dois que têm mais problemas, hoje em dia. (...) Isso aí foi diminuindo. Ainda hoje em dia, tem beijo, abraço, mas isso é mais raro. Então, eu acredito que, provavelmente, eu defini as próximas mulheres assim, né: elas devem ter essas coisas que eu acho que são boas da minha mãe e não devem ter essas que eu não gosto. Acho que influenciou a partir do modelo: sofredoras, sofredoras - as mulheres vieram ao mundo pra sofrer.*

A mãe de Valdir é descrita como a real provedora de sua casa, no lugar do tradicional *papel sócio-cultural* atribuído ao pai patriarcal. Sua mãe se orgulhava de ter gerado um filho homem e se dedicou ao marido e aos filhos até falecer:

> *mamãe, sei que era quem me dava tudo, né? A gente sabe quem arrumava era a mamãe. A mamãe foi que botou a gente pra estudar. A mamãe cuidou de arranjar colégio. O papai, ele só fazia suprir a casa, né? Supria a casa: eu num sei se era mal ou era bem, né? Eu sei que ele fazia parte. Ele era assalariado. (...) Ele era sargento da polícia. Num tive muito convívio com ele, assim, de partilhar, de brincar. Eu sou totalmente diferente: eu gosto muito de sair com os meus filhos. Eu adoro brincar com eles, né, quando dá oportunidade, mas o papai, não. O papai num saía com a gente e a mamãe era quem fazia tudo. A mamãe dava um dinheirinho pra gente ir pro cinema, passear. Ela que supria tudo, né? Eu tinha muita confiança nela e ela era muito possessiva, né, e ele num queria que namorassem. Nunca gostou da minha namorada, né? Mas acho que é de mãe mesmo: é uma herança declarada e pronto, entendeu? A mamãe me protegia muito. Foi até uma época que eu vivi em casa: ela dava uma atenção bem maior pra mim. Com relação aos homens, é o seguinte: sempre eu ouvia ela dizer que tinha parido um "macho", né? Ela falou isso: "que eu pari foi um homem". (...) Era muito econômica, sabe? A mamãe era uma pessoa muito trabalhadora, dona de casa, aquela pessoa que viveu pra casa, né?*

O relacionamento de Sílvio com os pais - especialmente com a mãe – é tão bom que até mesmo trabalha com eles numa empresa familiar. Embora sinta o peso e a responsabilidade de ser o primogênito, explicita que tem a figura materna como modelo de mulher e mesmo para os relacionamentos com os amigos:

> *a relação é ótima. Assim: sempre eu me dei "super-bem" com ela; a gente conversa, trabalhava junto tudo; e tudo dela é comigo. É, eu trabalho com ela e com ele: com os dois. É diferente*

> *porque eu carreguei a responsabilidade por ser o primeiro: eu comecei a trabalhar mais cedo, em tudo, assim. Eles transferem muita coisa, muita responsabilidade pra mim. (...) Eu acho que, às vezes, o caçula é que é o mais privilegiado. Acho que influenciou porque ela é como se fosse, assim, o padrão de mulher pra mim. Então, daí, eu moldei mais ou menos assim o padrão que eu quero, mais ou menos, pras minhas namoradas, para minhas amigas. Eu seleciono muito todo homem, mulher com quem eu me relacione.*

A mãe de Pedro deixava clara sua maior afinidade com os filhos homens:

> *isso daí é uma diferença muito grande, né, que, por sinal, ela mesma coloca: externa que os filhos homens "puxaram" a ela e que as filhas mulheres não "puxaram"; que o relacionamento dela com todas as mulheres é muito tenso, né, e, com os homens, ela coloca que é um relacionamento ótimo, dentro da ótica dela.*

Podemos perceber como as mães detêm um certo *poder*, feminino e sutil, mas, sem dúvida, familiar e social – o de influenciar fortemente a *subjetividade* e a *condição masculinas* de seus filhos – fenômeno sócio-cultural freqüentemente não reconhecido ou mesmo renegado por muitas militantes feministas. Sobre o *papel sócio-cultural* da mãe como importante determinante da futura imagem das mulheres para os homens, Campolim & Lima (1998) consideram que muitos deles temem as mulheres por conta da "função de mãe poderosa, castradora em potencial. É dessa imagem que vêm o medo e a necessidade de mantê-las à distância" (p. 142-143). Em outro ponto desta tese, denominei tal situação de "manutenção de um mínimo *poder* feminino" no espaço doméstico, indicando uma forma de resistência feminina ao ainda remanescente e persistente – mas abalado – *poder* viril patriarcal. Certamente, muitos filhos não se dão conta claramente deste exercício de influência feminina, envoltos na acolhida do seio materno, que protege e acolhe, mas também controla e escamoteia as sutilezas da *construção sócio-cultural* dos futuros homens que virão a ser. Entretanto, alguns de meus sujeitos de pesquisa demonstraram perceber mais criticamente o *poder* feminino exercido sobre eles, entendendo suas mães como seres humanos concretos, não mais como um mito da mulher perfeita.

. *Minha mãe é imperfeita*

Apesar de toda a corriqueira idealização em torno da figura materna, obtive depoimentos diferenciados de meus entrevistados a respeito de suas mães. Nem

sempre a figura materna é idealizada em termos positivos pelos homens que entrevistei, pois, em certos momentos, alguns as descreveram como pessoas passíveis de crítica. Filho adotivo e único, Luís lamenta os entraves religiosos da mãe e seu excesso de mimos e de zelo, que procura evitar se ausentando de casa:

> *ela, como é uma pessoa de uma igreja evangélica, e, justamente por causa disso, ela tacha muito, ela bitola muito os membros, os que querem moldar num padrão de vida que eu acho que nem mesmo os líderes da Igreja, os pastores, têm condições de viver esse padrão de vida. Eles tentam transparecer o "faça isso" pros membros e geram a confusão, né, de pensamento, de idéias, nos membros. Eu já penso de uma maneira diferente. Eu já sou de uma maneira mais aberta, vejo as coisas que acontecem no mundo, e, na Igreja, é uma maneira completamente diferente. A minha mãe, a que me teve mesmo, num cheguei a conhecer, mas ela morreu de parto. (...) Havia aquele que eu, hoje, chamo de excesso de zelo, aquele mimo, que eu era o filho único. Hoje em dia, coisa rara é eu ter que ficar o final de semana em casa só porque, na minha infância e até mais ou menos, assim, uma época duns 13 pra 14 anos, quando eu comecei a "dar em cima" das garotas, mais ou menos, era preso dentro de casa. Não podia sair pra canto nenhum, não: excesso de preocupação.*

Ernesto tem uma relação "respeitosa" com a mãe, o que parece confundir e encobrir tanto seu temor quanto sua admiração por ela:

> *no momento, eu considero que tem muito é protecionismo, muita formalidade, devido (...) num ter, assim, muito diálogo (...) em relação a sentimento, nem sexual nem emocional, devido à personalidade forte, propiciando (...) na gente um sentimento errôneo. (...) Tenho muito respeito, né? (...) Também, muita admiração por essa personalidade dela, forte. (...) Praticamente, porém, eu nunca tive maior proximidade afetiva. (...) Eu, por exemplo, eu não queria me relacionar com as mulheres com a personalidade forte como a minha mãe. (...) A mamãe, do jeito que ela era, ela se impôs mais por uma coragem, que era uma qualidade, antigamente, para uma mulher ter isso. Ela era corajosa, de personalidade forte. As mulheres num tinham valorização assim.*

Alguns de meus entrevistados destacaram - apesar da eventual sensação de se sentirem protegidos - seu incômodo com as ingerências e as tentativas de privação de sua autonomia por parte da mãe controladora. Tomás se ressente das investidas maternas no sentido de direcionar sua vida:

> *a mãe, ela também queria dirigir as coisas da gente. Hoje, ela, até quando você vai sair, hoje mesmo, né, ela disse assim, aos meus 25 anos: "mude de camisa. Essa camisa fica feia, num-sei-que". Ela quer escolher suas roupas, né? Ela quer saber porque, por exemplo, eu acho que, na minha idade, às vezes, se eu quero faltar uma aula por querer. Por exemplo, se eu tô faltando aula: "eu num vou porque num quero, hoje". Ela pergunta. Vai, vai e pergunta: "mas você num foi por quê, num-sei-que"? Então, eu acho que ela, a minha relação com minha mãe tem esse problema dela querer dirigir a minha vida, né?*

Flávio aprendeu com a mãe "que homem deve ser forte: o homem tem que escolher aquilo que 'segura a barra'". Embora considerasse doentia a relação que tinha com ela, se sentisse constrangido nos contatos físicos mais íntimos entre eles e tenha se

afastado dela, confessa que se sentia protegido e que incorporou os valores burgueses da mãe:

> *doutor, eu acho que até meio doentia. Não tem aquele complexo de Édipo, que o "cara" acha que matou a mãe? É mais ou menos isso. (...) Minha mãe - tinha de ser comigo, né? - ia pro médico: não ia porque num queria ir com ninguém; tinha que ser comigo. Ia no mercado e deixava o motorista em casa, mas eu tinha que ir com ela. (...) Eu era exclusivo dela, entendeu, de ir pra costureira, de ir pra ficar dentro do carro, ir pra loja. (...) Eu me sentia bem: até bem seguro. Era uma forma que me dava uma segurança bem grande. Gostava disso. Tudo da minha mãe ela me contava. Ela era como quem comandava a minha vida, entendeu, assim? Minha sócia, também, em tudo, né, e muito amiga, amiga de saber tudo: saber histórias - entendeu? - saber de algumas coisas sexuais minhas - não que eu dissesse - que ela chafurdava, capitalizava e encontrava e sabia. (...) Às vezes, ela pegava na minha mão e eu ficava todo "errado", né? Quando eu era menino, eu me deitava em cima, entendeu: ela, deitada no ombro; eu, encostado. Ela conversou foi coisa, assim, de homem, que ela foi descobrindo algumas coisas minhas, né? Aí, brigava. (...) Eu fui me afastando mais dela. Eu achava que era mais meu, mas o dela, também, era uma reação, num é? Se você num chega perto de mim, por que é que eu vou chegar de você? (...) Mulher nenhuma servia. (...) Ela morria de ciúmes da gente, dos filhos. (...) Morria de ciúme de mim, principalmente. (...) Mas ela influenciou demais. A minha mãe - não falando mal: eu também tenho isso - ela era muito preconceituosa, entendeu? Eu também tenho, mas ela era preconceituosa. E a imagem de mulher, pra mim, é duma mulher bem alta; super-magra - não esquelética; quer dizer: faz aquele tipo manequim francês - super-elegante, que amanheça o dia "nos trinques"; que adore "frescura"; adore jóia; adore obra de arte; que saiba pôr uma mesa, entendeu? A imagem de mulher, pra mim, é isso: que saiba sentar; aquela mulher que você entre num local e todo mundo se vire, né, que chame atenção. A imagem de mulher, pra mim, é isso: (...) aquela mulher "dondoca"; providencialmente, que tenha muito dinheiro* (riso)*; seja filha de um grande "cara" e, de preferência, filha solteira de um pai que tenha pouco tempo de vida e que eu conquiste a mãe dela, como o genro querido.*

Mário percebe e expressa confusamente a ambivalência e a dubiedade de seus sentimentos em relação à sua mãe, comparando-os aos relacionamentos dela com seu irmão e com seu pai, o que criou dois blocos rivais em casa. Apesar de seus carinhos serem muito agradáveis, viveu um misto de medo e de identificação com ela, que dominava a casa e desacreditava dos homens:

> *acho que é uma relação sincera, muito diferente, mas com minha mãe é uma relação de medo, de medo mesmo; de raiva ao mesmo tempo, e, ao mesmo tempo, adorava. Muita confusão em relação aos sentimentos por ela: eu era muito confuso, né? Sempre foi muito dúbio nossa relação, mas nunca foi tão bom como está hoje. É, antigamente ela era nítida: ela dominava em alguns momentos. Estar ao lado dela, então, chegava a não suportar, às vezes. (...) Ela me considera ainda uma coisa complicadíssima, ainda hoje. (...) Engraçado que fica como se meu pai tivesse a maior amizade com meu irmão e eu com minha mãe. Então, eles, quando querem conversar, vão lá pra sala e eu fico com minha mãe, e a conversa da minha mãe com meu irmão é uma coisa mais distanciada, né? (...) Mas ela não dá a mínima pro meu irmão: não é tão boa de verdade. (...) Eu acho que, talvez, porque meu irmão seja machista. (...) Ele não aceita que minha mãe saia de mini-saia, sozinha, não é, que ela saia com as amigas dela, que beba de vez em quando, não é? (...) Eu acho que ela talvez se sinta - não sei - mais chegada a mim do que ele. (...) Ela me abraçava, apertava, tudo. Eu dizia: "tu me mata, doida!" Até hoje, ela é afetiva, mas era muito gostoso. Eu e meu irmão, a gente ia para cama da minha mãe, cheirar. Eu não*

> *"descolava" da minha mãe. Ela ia trabalhar, né, e a gente ficava, na cama, cheirando os lençóis dela. Eu acho que tinha medo, né? (...) A minha mãe, eu queria ser muito como ela, não é? Eu queria vestir do jeito dela. Eu vestia a roupa da minha mãe: ela ia trabalhar e eu vestia a roupa dela. (...) Com as mulheres, assim, essa impressão que eu tinha das mulheres era a minha mãe, né? É como se a minha mãe estivesse presente em todos os detalhes naquelas mulheres, e era o que se construía na minha cabeça. Assim, de uma forma mais erótica, tinha uma atração a nível de cheirar aquele pescoço, como eu fazia com a minha mãe, não é? A nível de amizade, de companheirismo, de colégio, é mais fácil me chegar às mulheres, não é: fazer uma amizade, ter namoro, não é? Aí, ela facilitou. Também nossa relação era muito complicada porque ela brigava muito comigo no que ela não gostava, mas eu acho que nem por isso eu deixei de me aproximar das meninas. Eu preferia ficar com as mulheres do que com os meninos. Eu acho que influenciou pro lado da obrigação, né? Eu tinha que ter amigos homens e eu só tinha amigas meninas. (...) Eu acho que existe uma cobrança muito grande da minha mãe em me afastar das coisas das meninas, "tipo" assim se eu ia brincar com as meninas, né? (...) Era uma coisa ruim pra mim. (...) Na verdade, eu acho que ela passava isso por falsos sons: ora uma coisa, ora outra coisa completamente diferente dela, como algo ameaçador. (...) Uma hora, ela é extremamente amorosa ou ela fica extremamente agressiva, grosseira e estúpida: sai, assim, entre os extremos. Então, as mulheres, no início, eu tinha pavor, não é, com a possibilidade de amar. Eu nunca tive vontade de namorar com medo delas e eu acho que foi por isso. A imagem que ela passava das mulheres, pra mim, era essa: "tipo" assim, aquelas perigosas, aquelas de revista. Muito facilmente, eu via mulheres "peladas", o tempo inteiro. Às vezes, também, ela trocava de roupa na frente da gente, né? Era comum ver a minha mãe de "topless" dentro de casa, no quarto dela. (...) Eu acho que a idéia da mulher que ela passou pra mim é essa: que a mulher é muita confusão; que homem não presta, uma imagem que homem deveria ser como meu tio, trabalhador, estudioso - tinha que ter "status" social, né? - e como o meu avô. Eu tive que sair do colégio que eu gostava para estudar no colégio que estudou meu pai e meu avô. Então, num tinha um equilíbrio. (...) E ela era quem mandava no "pedaço".*

Para Gilson, a relação com sua mãe foi sempre caracterizada pela busca de atenção por parte dele, o que terminou por lhe causar ressentimentos. Seu afastamento dela demonstra a necessidade masculina de ruptura com a figura materna para que pudesse se tornar adulto e se sentir um homem. Apesar do tratamento diferenciado e preferencial que recebeu de sua mãe e de sua própria atração por mulheres de personalidade forte, hoje, ele tem consciência de que a mãe lhe transmitiu uma imagem negativa de seu pai:

> *eu caracterizo que foi difícil porque, no primeiro momento, eu sentia uma proteção e uma necessidade enorme, e eu fazia o possível pra poder ter essa atenção, e, depois que eu comecei a não querer mais essa proteção maior nessa vida, eu comecei a ser grosseiro, ser frio, distante. Eu não sei se eu cansei de procurar a atenção, de mendigar a atenção, ou se eu tentei mudar a relação pra poder me transformar em adulto. Aí, eu talvez imaginasse que era por aquele caminho: era me afastando cada vez mais, sendo frio, distante, sem demonstrar carinho, sem nada. Também ela não era uma pessoa que tinha facilidade de demonstrar carinho. Eu era o sexto, numa família de seis filhos: o mais novo. (...) Aí, eu percebia que eu fazia o possível pra agradar, que achava que não recebia a atenção devida. E depois, quando eu fiquei mais velho, (...) eu comecei a perceber que ela não era uma pessoa carinhosa, era uma pessoa relativamente "seca". (...) Eu me lembro que eu procurava sentar no colo, mas era muito difícil uma manifestação de carinho. Quando eu já estava adulto, já estava noivo com a minha atual mulher, a primeira vez que ela foi (...) conhecer minha mãe, quando nós chegamos de viagem,*

> *quando nós encontramos pela primeira vez, minha mãe tentou me abraçar - e ela era bem baixinha e eu bem alto - e ela me abraçou assim na cintura e ficou com a cabeça aqui em meu peito, mas eu retribuí de uma forma muito fria. E a minha mulher, na época, percebeu e disse: "abraça a sua mãe, rapaz! Quanto tempo você não a vê"! Aí, me estimulou a dar um abraço. (...) Ela se emocionava muito quando eu aparecia, quando eu voltava, mas ela era uma emotiva. Apesar de ser uma pessoa "seca", não demonstrar, mas ela é uma pessoa muito sensível, que sofria com facilidade, que gritava, esperneava, e era uma pessoa muito briguenta, briguenta no sentido de tentar: ela tentava, fazia um esforço enorme - é uma característica mesmo. (...) Talvez, sim, tenha mudado um pouco antes dela morrer. Talvez a gente tenha se aproximado mais, mas eu nunca consegui entender tudo isso. Eu achava que ela era muito malvada com a minha irmã um pouco mais velha do que eu. Ela exigia muito da minha irmã; já não exigia de mim, e eu também não dava por onde. Eu vivia fazendo pra poder agradar; eu vivia me comportando pra agradar. (...) Ela sempre foi uma pessoa habilidosa, e eu tentei imitar, a vida toda, essa habilidade dela - fazer trabalho manual, trabalho com as mãos, desenhos - e eu me metia a fazer tudo, e tudo que eu me metia eu conseguia. É tanto que até hoje eu tenho vontade de saber cozinhar, pintar, desenhar, costurar, não-sei-o-quê, apesar de que eu acho que eu tinha alguma capacidade pra isso. Eu notava essa diferença, assim, no tratamento: eu achava que ela me tratava melhor. (...) Todas as mulheres com quem eu vivi um relacionamento foram mulheres de temperamento muito forte e eu me dava muito bem como amigo das pessoas, das mulheres com temperamento forte. (...) Eu acho que ela achava meu pai uma pessoa fraca, uma pessoa sem disposição. Não era uma pessoa viva, e isso, ela dizia sempre. Quando eu era criança, eu ouvia isso: que meu pai era uma pessoa fraca, sem visão. Ela exigia muito dele e ele não podia dar.*

Embora aparentemente superadas, César tenta esquecer as brigas intensas que teve com a mãe por conta de ciúmes das atenções ao irmão mais novo, melhor sucedido profissionalmente, mas continua percebendo a mãe e as irmãs vivendo apartadas do seu universo masculino e a dificuldade de manifestar afeto mútuo:

> *eu gosto muito da minha mãe, né, mas eu já tive muitas brigas com a minha mãe. (...) Eu já tive um relacionamento meio pesado com minha mãe porque tem um irmão meu, mais novo que eu e que é "encostado" em mim, e que teve mais sorte e começou a ganhar mais dinheiro que eu, logo ser mais do que eu, né, e eu acho que ela dava mas atenção pra ele do que pra mim. E os outros irmãos entraram logo na faculdade e eu não consegui entrar e tal. E eu acho que ela não dava atenção pra mim. Então, eu criava confusão. É uma fase que eu nem gosto de lembrar disso. (...) Eu custei muito a me equilibrar profissionalmente. Então, eu achava que minha mãe dava mais atenção a ele e a gente teve algumas discussões meio pesadas, na época, de brigar mesmo e tal, mas o meu relacionamento com ela é bom.* (...) *A mãe passa o dia todo no quarto das mulheres, né? Ela conversa muito com as mulheres e, com os homens, ela não conversa muito. Com as mulheres, não tem nem comparação. Ela sempre rejeitou. E hoje, não sei se é porque ela está mais velha, mas hoje, ela rejeita muito mais ainda. A diferença é que, antes, quem se aproximava dela era eu, mas agora, os dois estão.*

Primogênito e arrimo de família há muitos anos, Rogério sentiu o "peso" da responsabilidade de ser o modelo dos irmãos mais novos. Atribui à personalidade autoritária e dominadora de sua mãe a causa da reatividade agressiva e do afastamento respeitoso da parte dele, acreditando que as características dela – a tendência feminina ao controle e à dominação dos homens - possam ter influenciado na

construção de seu homoerotismo e no seu constrangimento com os contatos afetivos fora dos relacionamentos sexuais. Entretanto, admite que reproduz as atitudes controladoras de sua mãe com as pessoas por quem tem afeto:

> *ela é uma pessoa, hoje, do tipo autoritário, né: castradora, dominadora, centralizadora - isso aí até pelo fato do pai foi uma pessoa omissa, daquele tipo - digamos assim - um "machão", que achava que só tinha que trabalhar pra dentro de casa e acabou-se. Só que a vida num terminava ali, né? Então, ela que fazia tudo, né: pra buscar menino no colégio, levar pra médico. (...) De uma certa forma, essa figura pode até ter contribuído pra minha homossexualidade, num sei. Essa figura, assim, muito dominadora, hoje em dia, me incomoda. Hoje em dia, (...) de certa forma, eu agrido comportamentalmente. (...) Até aos vinte, vinte e poucos anos de idade, até que eu saí de casa, tudo que eu fazia - eu, não: todos os outros; todos foram assim - tinha que dizer pra onde é que ia, com quem ia sair, que hora voltava, né? (...) Me incomoda o fato de eu ter que agredi-la de alguma forma porque ela não vai mudar, né? (...) Então, é uma relação que eu convivo, né, mas num é aquela relação afetuosa, tranqüila, realmente de amigos, de amigo e amiga: num existe isso. Respeito, mas também sou respeitado. Sei que ela gosta profundamente de mim. Também gosto dela - num vou dizer que num gosto, né? - mas num há essa afetividade, esse carinho que a gente imagine que é o normal, que é o comum, ou o que deveria ser a relação, né, se bem que, no caso, eu sou o mais velho, arrimo de família há muito tempo. Fazia parte da rotina ter essas demonstrações de abraçar, beijar, dar presente. Sempre fui muito avesso a esse tipo de coisa, tanto com homem como com mulher. (...) Eu só consigo - assim, digamos - ser mais afetuoso, mais assim, quando tocam na cama, só com o parceiro. Fora isso, num sou. Na sociedade, eu num gosto de abraços, de beijos, demonstrações. (...) Eu sou realmente formal, tanto com homem como com mulher. O toque - não sei porque - não me é muito familiar, não me é muito comum: me deixa meio constrangido, o toque. Não consigo explicar. (...) Eu nunca fui de sair para "bater bola" na rua, que era proibido. Podia brincar com os irmãos - tinha quatro, três irmãos homens, né? - que brincassem entre si. Eu, como o mais velho, era o modelo, era o encarregado, né? Então, você, brincando com irmão, num deve ter muito toque, muita coisa na família. Talvez pelo fato dela ser como eu lhe falei, assim, tão dominadora, centralizadora - eu diria até castradora, né, "tipo" executiva: quer saber de tudo, quer controlar tudo - talvez isso tenha influenciado na coisa. (...) Consigo muito projetar que toda mulher é assim. De um modo geral, é realmente. Pelo meu critério, mais ou menos, nessa educação, dentro da minha concepção hoje, a mulher é dominadora. Ela acha que é dona das pessoas, é dona das coisas, né? A mulher é muito apegada às coisas materiais: pior que um homem. Na minha concepção, eu acredito, de um modo geral - claro que têm as exceções - mas eu acho que isso é específico feminino. (...) É exclusivista. Eu não concordo. Eu acho a mulher mais política. Então, por isso, eu acho que há seqüelas dos maridos, ora dos namorados, ora dos filhos. Eu acho que isso aí, eu posso ter projetado até em excesso, né? Talvez, também, porque às vezes me comporto, "me pego", no meu comportamento - pelo menos com os parceiros - agindo exato como ela agia: sempre protegendo demais; tomando iniciativa por eles; aconselhando demais; me preocupando demais. Quer dizer: fazendo exatamente aquilo que eu tô condenando, que eu condeno* (riso) *nela: uma coisa paradoxal, né? (...) Você repete o modelo, né? Tá dentro do papel do homem sério, hoje. (...) Eu era conduzido a fazer de acordo com o que ela dizia, com o que ela queria, sei lá. Não havia papo, não, ô, Georges, mas a maneira como ela conduzia a coisa - e que eu aceitava, né? - moldou o comportamento, né?*

Renato reage com frieza e agressividade às interferências da mãe em sua vida e à sua visão preconceituosa sobre a sexualidade feminina. Afastou-se dos carinhos dela por iniciativa própria quando entrou na adolescência, acreditando que os cuidados excessivos da mãe o infantilizaram, mas tende a transferir esta mesma atitude de

criança indefesa aos seus relacionamentos com outras mulheres, embora tenha aprendido com ela que deve ser forte e tomar iniciativas:

> *eu converso com ela, mas ela ainda interfere muito na minha vida, mas vem interferindo cada vez menos e isso é muito bom. Então, hoje, a gente tem um relacionamento mais de igual pra igual. Eu acho que foi as minhas interferências contra as interferências dela. Eu sempre usei até de grosseria porque eu não via outro caminho: de frieza. Hoje, eu sou bem mais frio com ela. Quando eu era pequeno, ainda "rolava" aquela história de ela dar um beijo na minha cabeça, mas aí, depois, eu fui ficando grande. Eu acho que eu mesmo não quis isso. "Tipo" quando eu tinha uns 11 anos, 12 anos, eu não queria mais que ela me beijasse, "que eu já sou um homenzinho e tudo", e eu acho que foi bem isso. (...) E eu sou frio até hoje, "tipo" converso o mínimo possível porque ela sempre queria que eu fosse a criança, o "pixototinho": (...) "'porra', quem ia gostar de que eu tivesse tendo esse comportamento infantil seria minha mãe e não as mulheres". Eu acho que, por muitas vezes, eu deixei de me impor mais numa relação por causa desses resquícios dela, alguma coisa "tipo": "se eu me impor, se eu tratar mal, eu não vou ter o amor". Então, eu acho que, dessa forma, eu não era eu e eu me tornava uma pessoa que eu achava que a minha mãe ia gostar. Só que eu levei esse modelo pro meu relacionamento com outras mulheres, o relacionamento de indefeso, de infantil. Eu não via um relacionamento entre ela e o meu pai, pelo menos que fosse assim uma coisa sadia, uma coisa prazerosa. Então, acho que isso foi muito mau. (...) Ela sempre deu uma imagem que a mulher não sentisse prazer. (...) Ser forte, (...) tomar iniciativa: ela queria que eu consertasse as coisas, tudo. E aí ela dizia coisas do tipo: "faça o que o seu pai não faz! E, quando você tiver na sua casa, você é que é pra fazer as coisas dentro de casa". Daí, ela dava o exemplo do pai dela, que, sempre nos finais de semana, ele consertava as coisas na casa dela. O papai nunca foi afeiçoado a esse tipo de coisa, de consertar coisa desse tipo. Então, eu acho que isso foi uma das coisas que me passou do homem: que ele é que era para tomar iniciativa e tudo.*

A intensa presença da mãe de Jorge em sua educação gerou um sentimento ambíguo em relação a ela e às mulheres, pois se sentiu discriminado com a rejeição dela ao contato físico com ele, o que interferiu no seu relacionamento com as duas mulheres a quem se uniu. Atribui a atitude materna ao tradicional *papel* da mulher de sua época e a determinantes sócio-culturais das *relações de gênero*:

> *minha mãe era quem cuidava da parte de educação; e aí, conseqüentemente, era quem castigava. Era quem reprimia, quem orientava mais, e a mamãe, às vezes, apelava para a violência física. (...) Talvez por conta disso, durante muito tempo, foi uma relação muito ambígua, de aceitação e de respeito, mas também de raiva e de revolta. Hoje, eu tenho uma relação mais amigável e mais de respeito, sem tanta misturada de afeto. (...) Eu acho que minha mãe é um bocado antiga: tem 84 anos. Então, ela foi criada quando os papéis eram muito fixos e rígidos, e eu acho que ela pensa de acordo com a época em que ela viveu, que foi criança, adolescente. Eu acho que é mais cultural. Por parte dela, existia mais uma rejeição do contato físico, em algumas ocasiões. Durante uma determinada época, até bem pouco tempo, eu tinha uma relação de ambivalência com as mulheres que eram mais íntimas minhas, especialmente minhas duas mulheres, a anterior e a atual. Hoje, eu consigo separar mais essa relação da relação anterior de mãe. Quando os meus pais moravam lá em M., eu tinha uma imagem de que mulher era um enfeite que tinha habilidade de se enfeitar, que não tinha papel social, mas que tinha um grande valor pro homem no sentido de que era parte de satisfação e de suprimento da necessidade do homem* macho*, do sexo masculino, com certeza influenciado por ela muito. Hoje, eu não vejo mais desse jeito. Aliás, hoje não: há muito tempo que eu não vejo desse jeito. Do que eu me*

> *lembro, era que o homem não podia expressar muita afetividade, que tinha que se conter, que não podia chorar. Eu acho que nesse aspecto tradicional de divisão de papel mesmo.*

Lucas percebe uma compreensão mutuamente aceitadora no silêncio dos gestos afetivos de seu relacionamento com a mãe, apesar do pouco contato físico entre eles, o que fez com que, durante a adolescência, se sentisse atraído por mulheres parecidas com ela, embora tenha se afirmado como homossexual:

> *a gente não tem uma proximidade boa, mas é muito mais de sentimento do que de palavras e de gestos, né? Mas eu tenho uma relação muito boa com a minha mãe. Quando eu era adolescente, eu percebi que eu havia um interesse por um artigo: as figuras femininas, pra mim, eu percebi que sempre as que eu me interessava, as mulheres que me interessavam eram mulheres que tinham uma semelhança com a minha mãe em algum aspecto, né? Isso, na adolescência. Como eu te falei: quando eu era adolescente, que eu tinha relações com mulheres, as mulheres que eu me relacionava tinham alguma coisa a ver com mamãe.*

Guilherme, sendo o caçula da família, percebe sua relação com a mãe como complicada e ambivalente, pois, apesar de ter se sentido amado, acredita que foi muito desrespeitado, sufocado e invadido, perdendo a espontaneidade para contatos físicos com ela e com as mulheres devido à dificuldade de manifestar sua masculinidade:

> *é ambivalente, ambivalente. Eu diria assim, que, com a minha mãe, eu me sinto amado, mas me sentindo - hoje, menos - mas ainda marcado, muito invadido e desrespeitado por ela. (...) Bem, eu sou o caçula e sempre me senti mais sufocado: há uma relação de posse maior. Por exemplo: fazia uma coisa; ela brigava comigo; eu ficava "puto da vida" e ela se arrependia e vinha quase tentar fazer as pazes, um pouco "forçando a barra"; queria mais uma proximidade e eu me sentia muito mal com isso. Eu consegui regular mais essa distância, mas, também perdi um pouco, eu acho, que a espontaneidade de abraçá-la, de demonstrar carinho em relação a toque. Eu acho essa relação meio ambivalente. Eu tinha uma certa vergonha, assim, de demonstrar essa masculinidade pra ela, na medida em que fui crescendo. Isso, acho que atrapalhou o meu relacionamento com as mulheres, onde admitia essa masculinidade de demonstrar, né? Essa coisa da posse muito grande, eu tive dificuldade de conquistar o meu espaço junto aos meus irmãos, aos amigos que tinham sido do meu espaço próprio. Acho que ficou um pouco a sensação de um pouco de invasão, (...) uma funda sensação de ameaça.*

Edson e sua mãe têm um relacionamento de avanços e recuos conforme os momentos mais tranqüilos ou mais difíceis da vida requeiram a necessidade de cuidados mútuos, pois a mãe sempre se mostrou preocupada e responsável com o trabalho profissional, o marido, os filhos e com a necessidade de estabilidade no sustento da mulher e da casa:

> *é uma relação de cuidado mais do que - digamos - companheirismo, né: acho que, das duas partes. Acho que a gente se aproxima mais em momentos mais difíceis, né, seja dela quanto meus: então, a gente se aproxima, conversa alguma coisa, tenta se ajudar. Aí, depois volta a coisa ao nível de conversa: assim, mas não, sem muita profundidade. (...) Quando as coisas estão razoavelmente bem, o contato é menor; quando as coisas não estão, o contato é maior. Ela estava mais preocupada com o trabalho dela. (...) O que eu me lembro de ter marcado é a insistência dela com o casamento. (...) Há um tempo atrás, por conta do alcoolismo do meu pai,*

> *então, é uma coisa que até cheguei a perguntar pra ela isso uma vez: ela disse que se sentia responsável por ele, e, também, principalmente na época, por conta da gente, dos mais velhos, ou, então, da minha irmã menor, que são 8 anos de diferença. E de fato, ela se sente responsável por ele. Uma coisa que ela insiste muito é a questão de estabilidade, né? Ela enfatiza muito isso assim: "ah, você tem que pensar na mulher. Mulher é quem cuida dos seus filhos, não-sei-o-que, você tá entendendo? Você tem que ter mais alguém pra se responsabilizar além de você mesmo". Talvez fosse responsável por muita coisa, né? Talvez se eu não fosse homem, ela tivesse outra idéia, mas, por eu ser homem, tem aquela idéia de trazer o sustento da casa.*

Mesmo elogiando-a, João afirma perceber e considerar natural a maior proximidade de sua mãe com seus irmãos mais novos e especialmente com as mulheres, justificando sua atitude por ser um fenômeno sócio-cultural:

> *afetivamente, é a mesma, se bem que eu vejo que me parece que ela é mais apegada aos mais novos, se bem que há mais intimidade dela e maior preocupação dela com as mulheres - é evidente: isso é cultural - do que com os homens, mas que o tratamento é o mesmo, né? (...) É evidente: isso é uma coisa natural.*

Tomás destaca a cumplicidade da mãe com suas irmãs e a considera típica do universo feminino, do qual se sente desconfiado e apartado:

> *a mulher, parece que ela tem, assim, né - eu diria até independente de ser moça - algo até de cumplicidade, "tipo" uma mulher com a outra: ela tem mais, assim, segredo, num-sei-que, né? Você fica desconfiado daquela conversa. Você vê duas mulheres: você num sabe o quê que tá pensando. Você fica desconfiado de muitas coisas, né?*

Apesar de reconhecer a dedicação de sua mãe, Valdir se ressente de ter sido sempre cobrado por ela. Embora dê mostras de não sentir falta de seus carinhos, introjetou os valores da mãe acerca das mulheres, em quem não confia, pois se sentiu explorado até mesmo por ela. São evidentes as repercussões da influência da mãe sobre a forma de seu filho encarar o trabalho profissional, a independência financeira e a necessidade de prover a família:

> *nós éramos muito pobres e o papai era soldado. A minha mãe fez até o 3º ginasial, mas para soldado era muito difícil e a mamãe "apostou as fichas" em mim. (...) Ela queria que eu me formasse para ajudar a minha mãe. E ela me cobrou. Ela sempre me cobrou isso. Com as minhas irmãs, ela num cobrou nada, não. Nunca houve, assim, um negócio mais chegado. O nosso relacionamento, eu acho que ele "caiu no poço", entende? Mesmo assim, nem um desejo reprimido num trouxe, né? Eu aprendi com ela algumas coisas como, por exemplo: (...) que eu jamais me casaria com uma mulher que não fosse virgem porque, hoje em dia, muito jovem vai se casar com uma mulher que não é virgem e tal. (...) Casei com uma mulher que não era rica, mas fazia medicina e tinha outro nível, né? (...) Mas a mamãe num gostou que eu me casasse porque ela imaginava que eu ia ganhar dinheiro pra assistir uma pessoa. Quando eu me propus, eu cumpri o que eu disse: eu disse que ajudava e ajudei até duro. Ajudei, ajudei até o instante que eu concluí que a mamãe, também, já tava me explorando, né? Mas ajudei financeiramente. (...) Ajuda material, ela me cobrava. Sempre cobrou e nunca se satisfez. Bota motivo aí! Se eu arrancasse a cabeça e desse pra ela, ela ainda ia exigir mais. Eu entendi, né, porque é preciso*

> *entender que, se ela num tinha. Houve uma época em que sentia muito aquela culpa porque num podia dar mais. Se eu dava 25% do que eu ganhava, mas ainda num se satisfazia: eu tinha vontade de dar era tudo! É porque, na realidade, eu num trabalho como gente: eu trabalho quase como um bicho! (...) Eu trabalho todo dia, de manhã, sábado, domingo. É uma coisa assim - vamos dizer - até aberrativa, mas é a maneira d'eu me impor porque (...) quem não tem independência financeira num tem nada.*

Pedro considera que sua formalidade é uma reprodução das atitudes maternas, tendo custado a entender a visão maniqueísta que incorporou dela a respeito de seu pai. Sentiu muita dificuldade de tomar iniciativas sexuais conforme as expectativas sócio-culturais por conta das concepções assépticas de sua mãe:

> *é uma característica dela: ela sempre foi uma pessoa um pouco "fechada", né, aquela coisa de uma certa formalidade, até hoje. Acho que muito, principalmente influenciado por ela, essa coisa de que muitas pessoas me têm como uma pessoa formal e eu acho que muita coisa que eu herdei dela. Então, esse formalismo - vamos dizer assim - é uma coisa que continua até hoje, né? A mudança principal foi que eu acho que, até depois da adolescência, até eu quase adulto, sempre foi colocada aquela imagem que a minha mãe era uma santa entre aspas e meu pai era o vilão da casa, né, sempre aquela coisa do bem e do mal. Então, isso: eu, praticamente quase adulto - quando eu saí de casa, pela primeira vez, eu tinha 28 anos, 27 - é que eu vim compreender isso. Saí de casa para compreender que a coisa não é tão simples assim. Então, meu pai tinha as suas qualidades e defeitos, assim como a minha mãe também tinha as suas qualidades e defeitos. Então, eu não podia simplesmente colocar como se fosse a luta do bem contra o mal. Eu acho que influenciou na medida em que essa coisa da presença da mãe foi muito forte, pela coisa que ela me passou. Então, a adolescência simplesmente não existe. A questão sexual - já que não é falado - então, não existe. Então, isso foi, de certo modo, presente nas minhas formas de relacionamento porque eu sempre tive dificuldade muito grande. Quer dizer: você conhecia uma mulher, namorava e, quando chegava - digamos - a uma hora de ter uma relação sexual, então, aquilo, para mim, era uma coisa dificílima. Inclusive foi a causa de que muitos relacionamentos terminaram porque, como eu falei há pouco, para o homem, é colocada muito a coisa de iniciativa, né? Quer dizer: então, é quem tem que chegar e segurar a mulher - digamos assim - e levar para a cama e a mulher nunca leva. Então, se o homem não leva e a mulher nunca leva, então, acaba o relacionamento porque ninguém toma a iniciativa. E, para mim, eu nunca tinha tomado essa iniciativa pelo fato da educação que eu recebi da minha mãe, que é sempre aquela coisa: "o sexo é uma coisa que não existe; tem que fazer de conta que não existe", exatamente essa imagem que não envolvesse a coisa do sexo, né? Quer dizer: eu acho que ficou muito gravado isso para mim. Então, a primeira vez que eu tive uma relação sexual com uma mulher, a coisa partiu realmente da mulher.*

Tomás se percebe atualmente mais crítico em relação à mãe, ao seu relacionamento com os pais e deles entre si, relembrando o discurso materno que freqüentemente anunciava que "homem não presta":

> *minha mãe sempre trabalhou 8 horas, né, e a gente num tinha muito contato com ela, né? A gente tava sempre em casa com a empregada, num-sei-que. Mas eu acho que mudou, sim, porque, antigamente, eu tinha, dos meus pais, ambos, mais uma relação de respeito e medo, né? (...) Antigamente, você num enxergava os defeitos porque eles tavam "lá em cima", né, eram autoritários. Hoje em dia, como você tá mais íntimo, se eu posso enxergar mais alguns defeitos, então, isso aí te aborrece, né? Você enxerga os defeitos da mãe, que demora no telefone. Às vezes, (...) até quando tá conversando com uma amiga, você acha uma coisa, assim, meio falsa:*

isso te irrita, né? (...) Têm dias, lá, em que a gente fica sem conversar nem nada. Têm outros dias que você já tá mais aberto, tem mais amizade. O relacionamento lá dos meus pais sempre é assim, oscilando um pouco, né? (...) Nunca discuti em "bate-boca" com eles, nunca, né, mas que eu sou uma pessoa, às vezes, que eu me "enfezo", assim, né? (...) Talvez ela tenha me transmitido essa questão da fragilidade física da mulher porque ela sempre tinha problema de enxaqueca, reclamava de menstruação, essas coisas assim. Hoje em dia, talvez, ela é um mulher às vezes fraca fisicamente, né, mas, ao mesmo tempo, contraditoriamente, ela sempre teve uma personalidade muito forte, de brigar, de discutir, num-sei-que, né? Como toda mulher, devido a esse problema do pai, é a imagem de que "ah, o homem não presta", num-sei-que, né, essa questão de traição, dessas coisas dos homens, né, que eu sempre me preocupei nas relações que eu tinha. Lá em casa, eu me preocupo muito de, quando arranjar mesmo uma pessoa pra ficar, né, pra casar, num-sei-que, eu nunca tentar cair nesse negócio de traição, de que um homem geralmente tem uma mulher, né, porque o relacionamento nunca chega a ser o mesmo, né? "Afoga" o relacionamento pro resto da vida, né?

Assim, entre toda a envolvente sedução materna e a necessidade de *diferenciação* do encantamento feminino, muitos homens parecem oscilar entre perceber suas mães como santas dedicadas aos filhos e à casa e como mulheres comuns, com necessidades e desejos humanos. Esta confusa e reativa atitude masculina se manifesta em diversos espaços sociais, mas mais freqüentemente no lar e mais claramente na postura dos homens no que diz respeito às atividades domésticas, que elegi como a próxima (6ª) tipologia nativa.

2. *O Homem e as Atividades Domésticas*

Desvalorizado econômica e socialmente como trabalho profissional e considerado "coisa de mulher" durante muito tempo, o exercício das atividades domésticas tem se tornado, nas sociedades contemporâneas, uma necessidade prática que as mulheres já não se dispõem a realizar sozinhas, tanto pelo "peso" da dupla jornada de trabalho quanto pelo sentimento de que não é justo que apenas elas se sintam responsáveis pela manutenção e o cuidado com o lar: trata-se de uma tarefa que compete também aos homens. Costumeira fonte de atrito e de conflito entre homens e mulheres, as atividades domésticas constituem também um espaço de embate em torno das transformações sócio-culturais da *subjetividade* e da *condição masculinas*. Tradicionais responsáveis pelas lides do lar e pelo cuidado e a educação dos filhos nas sociedades patriarcais, as mães – e, posteriormente, as mulheres desses mesmos homens – ainda têm um importante e significativo *papel sócio-cultural* na

construção da disponibilidade ou da resistência masculina a assumir tais tarefas domésticas, além da aprendizagem da futura função paterna dos homens. Portanto, esta questão constituiu minha 6ª tipologia nativa, desenvolvida a partir das seguintes perguntas a meus entrevistados: se a mãe cobrava ou solicitava que realizassem atividades domésticas (pergunta 27); como respondiam a tais cobranças ou solicitações da mãe (pergunta 28); se atualmente alguém lhes cobra que realizem atividades domésticas (pergunta 29) e o que pensam sobre realizar tais tarefas (pergunta 30). Estas perguntas geraram 2 (18ª e 19ª) tipologias analíticas:

. *O filhinho* macho *da mamãe*

A principal observação que posso fazer no que diz respeito às relações de meus entrevistados com as tarefas domésticas é que boa parte dos sujeitos cujas mães os impediram ou não os aproximaram dessas atividades do lar são exatamente aqueles homens que mais resistem a realizá-las posteriormente ou, com mais certeza, os que permanecem com maiores dificuldades quando se vêem obrigados a dar conta delas ou mesmo quando se dispõem a cumpri-las. Luís justifica sua pouca disponibilidade para realizar tais tarefas por não ter sido treinado para elas pela mãe, pois, até hoje, mesmo morando com ela, não precisa fazer quase nada em casa:

> *até hoje, assim, em matéria de casa, dessas atividades, assim, domésticas, praticamente eu num preciso fazer praticamente nada. Eu tenho amigas que, às vezes, perguntam porque que eu não ajudo, porque que eu não lavo os carros. Simplesmente, eu acho que por não ter, num período anterior, feito esse tipo de coisa, eu num me vejo, eu num tenho jeito.*

Apesar de todas as suas cobranças financeiras, a mãe de Valdir não lhe solicitava ajuda nas tarefas domésticas. Hoje, ele confunde as cobranças das mulheres com quem conviveu com tentativas de controlá-lo e não aceita participar das lides do lar, justificando sua tenaz resistência às atividades de cuidado com a casa e com os filhos por conta de seu *papel sócio-cultural* de provedor da família:

> *Georges, as mulheres que eu me relaciono ou me relacionei, elas sempre querem tentar me "domar". Tentaram me mandar fazer, me faziam capataz em circunstâncias pontuais, né, de divisão, de num-sei-que. Agora, eu acho o seguinte: eu num posso dividir nada com ninguém quando eu tenho mais. Se eu tenho mais, eu num vou dividir: num ponho mais. Nós dois temos iguais: aí, nós podemos dividir. Mas eu trabalho, me mato de trabalhar: (...). Aí, só por conta*

> *disso, ela quer dividir! Eu posso fazer se houver uma necessidade muito grande, né, não tenha a menor dúvida: eu num vou chegar e "botar as pernas num possuído" da pessoa e dizer que num faço. Eu num tenho nenhuma objeção em ajudar, não. Agora, não posso fazer é constantemente porque mesmo eu não me adaptaria.*

César sempre foi muito relaxado com as atividades domésticas, mas acabou se rendendo a cumprir pequenas tarefas em casa para ajudar a mãe doente. Embora continue acreditando que são atividades mais pertinentes às mulheres, já não as considera desonrosas:

> *ela só mandava olhar um café, um leite, mas me mandar lavar um prato, não. Ela reclamava assim: que mexia nas panelas e deixava aberta; de deixar o prato em cima da mesa e não levar para a pia e tal; botar as coisas nos lugares; a roupa pra lavar; até de lavar pratos. São coisas, assim, no sentido de lavar um copo, trocar um tubo de gás. Eu nunca gostei de fazer tudo isso. Não houve nada de participação nisso. Hoje, devido à idade dela, não ter empregada, minhas irmãs não querem fazer, eu almoço e deixo o prato lá. Ela quer que eu lave; quer que eu use o copo e lave. Reclamam comigo e eu acabo fazendo: não é tão difícil. Não gosto, não. Eu acho que é uma coisa mais da mulher do que do homem, mas isso não tira a honra de ninguém: faço mais para ajudar a minha mãe, que é doente. Isso é uma coisa que eu não gosto de fazer, que é uma coisa mais de mulher. Hoje, a maioria dos homem fazem um bolo. Aí, me dá preguiça de lavar: aí, eu acabo desistindo.*

Apesar de ter sempre realizado tarefas domésticas em casa por conta das cobranças maternas, Rogério, hoje, acha que merece não realizá-las, pois sustenta toda a família da mãe viúva:

> *cobrava não só de mim como de todo mundo. Cada um tinha uma certa tarefa: um tinha que lavar a louça; outro tinha que varrer casa. Fazia: tava sem empregada. Quando tinha, tudo bem, mas, quando não tinha... Eu cheguei até a cozinhar arroz: eu me lembro disso. Na maior passividade que você possa imaginar: achava que era obrigação minha, era dever, e, na época, num questionava de jeito nenhum isso aí. Hoje, é o contrário. Hoje, ela quer que eu coma e faça a mesa. Eu num sou capaz nem de botar na pia. Aqui e acolá, minha irmã que me cobra isso, né: "mas você deixa aí? Tá pensando que eu sou empregada? Vai contratar uma 'secretária' pra limpar os vidros". Eu faço o contrário, exatamente o contrário: "num tô nem aí"! Por causa disso, não. Eu num lavo nada, eu num faço nada. E qualquer tarefa doméstica - até fazer o supermercado, pra mim, que hoje em dia é assim quase que obrigação - porque num tenho que fazer mesmo, eu vou fazer alguma outra coisa do que uma tarefa doméstica. Teoricamente, eu acho que num tem problema nenhum, mas, na prática, elas me incomodam: eu num gosto de fazer. Num é porque sejam femininas, não: porque eu acho que eu num devo fazer. Eu dou o dinheiro todo; eu sustento; eu faço compras. O quê que eu vou fazer ali? Eu pago a empregada; eu levo pra médico. Vou eu fazer isso também? Elas seriam uma sobrecarga. Eu acho que eu mereço* (riso) *não fazer isso, mas, é claro, se for preciso - digamos - ainda dá pra ajudar. Se num tiver outra pessoa que eu possa chamar, num é por isso que eu vou deixar de fazer, não.*

Boa parte da rejeição masculina às atividades domésticas parece provir da desvalorização sócio-cultural que elas vêem sofrendo nas últimas décadas, particularmente após os anos 60, quando as próprias mulheres passaram progressivamente a deixar de receber em sua educação básica os fundamentos das

prendas domésticas e se lançaram mais efetivamente no mercado de trabalho fora do lar. Entre as classes sociais mais abastadas do Brasil - e particularmente em Fortaleza - ainda é razoavelmente comum a contratação de empregadas domésticas (Farias, 1983) para realizar as tarefas caseiras que as próprias famílias e certamente as mulheres já não se propõem a cumprir. Entretanto, há uma tendência mundial a que este tipo de trabalhadora doméstica desapareça ou que se torne financeiramente inacessível para a maioria das famílias, o que certamente obriga que as lides domésticas sejam resolvidas pelas pessoas que convivem no seio do próprio lar, inclusive os próprios homens.

. *Um homem de prendas domésticas?*

Percebi entre meus entrevistados que aqueles homens que tiveram incentivo ou cobrança de ajuda nas atividades domésticas da parte de suas mães ou mesmo de outros parentes homens parecem se mostrar mais abertos e disponíveis a executá-las, alguns chegando mesmo a apreciar as tarefas que muitas mulheres hoje abominam. João, que sempre viveu em torno de mulheres mais velhas, embora se sinta pouco hábil para realizar muitas das tarefas domésticas, teve o exemplo do avô e do próprio pai:

> *meu avô paterno era um homem totalmente doméstico porque minha avó morreu muito cedo e meu avô paterno ficou sendo o dono da cozinha da casa dele. E meu pai é um homem de cozinha também. Então, eu sou também um pouco da cozinha, apesar de num saber manejar muito as coisas, mas tenho tido um acesso normal porque isso é uma coisa do meu próprio pai e eu também vivia. (...) A minha mulher me cobra algumas coisas. Eu realizo algumas atividades domésticas. Eu acho natural. Eu até me sinto constrangido, às vezes, porque num sei fazer mais coisas, a não ser pôr uma mesa, lavar prato, fazer pequenas comidas quando é possível, né? Gostaria de saber até mais. Eu acho que eu seria mais humano ainda. Eu viveria melhor, talvez, se eu soubesse, se eu fosse mais da cozinha.*

Haroldo realizava atividades domésticas apenas quando a mãe ficava sem empregada, revezando com os irmãos, que, por vezes, evitavam suas tarefas, mas acha justo dividi-las com a mulher, apesar de nem sempre estar disposto:

> *quando ela ficava sem empregada, ela botava os três filhos pra lavar o prato: um tirava a mesa, um lavava o prato e outro enxugava. A gente ficava rodando: cada dia, um fazia uma coisa diferente. Eu fazia. Eu só ficava chateado quando um dos meninos corria, se escondia e ela relevava, né? Eu ficava chateado porque alguém trabalhava e outro alguém não trabalhava. Penso que é muito justo, só que nem sempre eu tô com "saco" de fazer.*

Tomás não gostava e tinha preguiça de cumprir as tarefas domésticas, pois as associava às obrigações femininas, mas hoje acha que elas podem facilitar sua independência, sentindo-se orgulhoso disso:

> *às vezes, a gente ficava sem empregada. Eu achava, às vezes, ruim. Quando ela solicitava, eu num achava ruim o fato de ter que fazer uma atividade: é que, geralmente, quem faz é a mulher. Mas tem, às vezes, o fato da preguiça, né, pra se lavar o banheiro. Eu tinha que varrer a casa, né, nas épocas em que a gente estava sem empregada, mas era todos: eram homens e mulheres, indistintamente, né? Quando num era um que tava lavando as louças, era outro, né? E hoje em dia, eu acho bom isso porque eu já tenho uma noção de viver só, né? Eu diria até que eu me orgulho de saber fazer isso. Nisso, talvez, eu me ache diferente dos homens, né, porque eu vejo muitos homens, amigos meus, que não têm essa praticidade com as coisas da casa, né? E eu me sinto, talvez, até mais avançado por causa disso: por saber fazer essas coisas. Eu me sinto um homem mais avançado, mais intelectualizado, né, uma coisa mais aberta, né?*

Apesar da educação burguesa, a mãe de Flávio ensinou-o a gostar de administrar a casa depois que ela morreu:

> *eu fui assumindo, entendeu? Ela: "Flávio, mande fazer isso", sei lá. "Flávio, vá ver o que tá faltando pra ir comprar". Aí, eu fui assumindo a casa, entendeu? Agora, minha mãe foi criada como "dondoquinha" de papaizinho rico o tempo todo e que era rodeada de gente: era empregados o tempo todo e nunca gostava de coisa de casa, né? (...) Então, hoje em dia, eu sei como mandar: eu (...) tava mandando nas empregadas, em negócio de limpeza; a organização da casa; comida; o quê que vai comer; o quê que num pode; o que tá faltando; o quê que num vai; ir pra supermercado, mercado, sabe? (...) Isso aí foi até bom porque é uma coisa que eu gosto, sabe? Eu mesmo que me forço e "curto" o prazer também, né? (...) Gosto muito de cozinhar. Só num gosto de lavar chão: essas coisas assim, não. Pr'eu poder fazer comida, eu pego livro de comida e vou ler. Hoje em dia, tá sendo minha literatura favorita: como se faz tal comida; se tá ruim; se tá horrível, né?*

Ernesto contou-me que sua mãe nunca lhe cobrou que ajudasse nas atividades de casa, justificando também sua inabilidade doméstica com o fato de sempre ter tido de trabalhar fora de casa. Embora não goste de realizar tais tarefas, preocupa-se em ensiná-las aos filhos:

> *eu trabalhava fora, né, também. Ela nunca cuidou da casa, assim, em termos domésticos, né? (...) Dirigia a casa, mas, porque sempre tinha alguém pra fazer uma série de cuidados - tantas crianças - o contato era pequeno. Eu num gosto de lavar roupa: raramente faço. Eu acho que eu tenho que ensinar, senão as crianças, com medo, elas futuramente vão ser igual a mim.*

Mário, que hoje mora sozinho, precisou se esforçar muito contra a resistência materna para aprender a lidar por si mesmo com as mais básicas atividades domésticas:

> *eu queria ir pra cozinha e ela dava um "chutão", tá entendendo? Ela dizia: "pára, que eu não quero homem na cozinha". Eu ia lavar prato: "não! Deixo, não". Ia cozinhar: também. Fazer a cama: nunca! Lavar cueca, meia, coisa assim, que, às vezes, a mãe pede para o filho fazer, mas ela nunca pedia. Ela não deixava fazer nada em casa. Ela pedia, às vezes, pra aguar as plantas e olhe lá!* (riso) *Hoje, não. Hoje, ninguém me pede para realizar atividade doméstica, não. Agora,*

> *depois que eu tô com empregada doméstica, é que tá me ajudando, mas eu passei dois anos, né? Eu fazia todo o serviço doméstico e só não lavei roupa. Aliás, lavei e passei algumas peças (...). Mas lavar prato, limpar casa, tudo isso: só não cozinhar, que eu sou um "desastre". Bem, eu acho que gostaria de saber cozinhar, não é? Eu acho que é válido, sim, não é? Não dá mais pro homem não saber fazer tarefas domésticas, principalmente se ele não pode pagar empregada doméstica. Se ele pode pagar, melhor: vai se dedicar a outras coisas porque atividades domésticas é um "saco" mesmo. Eu faço mais por obrigação, não é? Eu tenho tios que cozinham, cuidam de casa. Meu avô, como eu falei, ele se levantava e ia fazer o café, enquanto minha vó ficava na cama, sabe? Eu acho "legal" a pessoa saber "se virar" na cozinha.*

Apesar de sua mãe cobrar que realizasse tarefas domésticas, Gilson, como todos os seus irmãos e irmãs mais velhos, se dedicava mais a ajudar o pai no armazém e no sítio do interior. Hoje, é um homem organizado e auto-suficiente quanto às atividades domesticas e até cobra da mulher a mesma organização em casa:

> *eu não respondia com muita satisfação, não, mas eu acho que passou a se incorporar na minha vida, no dia-a-dia, porque, assim, ficou a idéia que o mais velho ajudava o meu pai; depois, o mais velho saiu pra estudar; ficou com a segunda; depois, a segunda casou; aí, ficou o outro. Quer dizer: sempre tinha um que ajudava a meu pai e eu fui o último da fila. E eu me lembro que tinha 8 anos e eu já fazia coisas: dar recados; coisas do armazém que a gente tinha no interior pra fazer entrega; andar por cima do muro pra carregar produtos em cima do caminhão pra viajar. Eu acho que sou um "cara", assim, mais ou menos organizado. Então, eu procuro manter as coisas organizadas. Eu acho que, hoje, eu é que sou mais cobrador. Eu acho que todo mundo tem que aprender a fazer o que puder na vida - tudo: cozinhar, lavar, costurar - o que for possível. Eu acho que as pessoas deveriam ser auto-suficientes, sendo necessário ou não, precisando ou não. Pode ser até que a pessoa nunca precise fazer nada disso, mas não custa nada a pessoa se sentir auto-suficiente. Se um dia, a casa estiver sem ninguém, não tiver nenhuma empregada, eu faço tranqüilamente: vou para a cozinha; lavo; passo; faço o que for necessário.*

Filho caçula entre mulheres, Pedro foi pouco exigido a cumprir tarefas domésticas pela mãe. Hoje, negocia com a mulher a responsabilidade pelas atividades de cada um em casa, sentindo até mesmo prazer em algumas delas:

> *isso era uma coisa que era mais colocado como que para as mulheres, né, que eu me lembre. Também, porque eu era o menor: então, sempre tinha pessoas com maior idade para fazer as coisas. Essa coisa das plantas, da cozinha, é uma coisa que me agrada. Agora, por exemplo, a coisa de limpar a casa, aí eu já acho um "saco", né? Já não gosto. (...) Aí eu deixo para a minha esposa fazer. Já ficou mais ou menos subentendido, isso. Lógico: quando ela precisa de ajuda, eu ajudo, passo o aspirador. Eu passo, mas eu não tomo iniciativa porque eu não quero mesmo, né? Uma coisa que realmente eu não gosto de fazer é a limpeza de casa. Foi uma coisa boa que eu descobri, nos últimos anos, essa coisa de transformar a coisa da casa numa coisa agradável. (...) A principio, dentro da visão clássica, seria uma coisa mais para a mulher fazer: Eu faço. Eu aprendi também a coisa de fazer alguns pratos simples, uma "pizza", uma coisa assim: isso me dá prazer, acho interessante - quer dizer: "quebrando" essa coisa de que cozinha é coisa para mulher. Isso é bobagem.*

Vivendo no interior na infância, José era instado pela mãe a ajudar o pai em suas atividades pecuárias. Hoje, realiza as tarefas domésticas quando são necessárias, mas não admite receber ordens:

> *quando eu morava em casa, eu ajudava mais na parte do meu pai, que era a parte do gado: eu limpava curral; eu banhava gado; eu colocava comida para as vacas. Isso, naturalmente, ela me cobrava, mas por esse lado de ajudar papai. Eu achava sem problemas.(...) Ninguém me cobra, não, e eu até realizo, quando estamos sem empregada, que agora tamos com problemas de empregada. Eu lavo pratos; eu passo pano na casa: não tem problemas. Pra mim, não tem problema, não: agora, eu querendo fazer! Mandar, dividir tarefa - "isso aqui fica com você; isso aqui fica comigo" - aí, eu não aceito, não. Eu realizo até com prazer, com gosto. (...) Eu não acho que é ruim pro homem, nada. Tudo é baboseira, ignorância: lavar prato, arrumar casa, não tem problema. Isso tudo eu sei fazer. (...) Só não sei cozinhar nada. Aí, isso aí, eu nunca faço: não deu; não sei fazer nada. Cozinha, não sei passar nem um ovo. Se eu fizer um ovo - se não for aquele mexido - eu não sei fazer porque eu não sei virar o "bicho".*

Marcos sempre foi metódico e manteve este hábito quando casou, realizando certas tarefas domésticas com prazer:

> *eu gostava de lavar o quintal. (...) Eu sempre fui um "cara" que, quando terminava de tomar banho, arrumava muito o banheiro. Eu era um "cara" muito metódico. Eu trabalhei muito nisso: um "cara certinho" e tal. Brigava com minha mulher por causa disso. (...) Meu pai tinha a história de lavar o carro, que eu não gostava muito: só quando ele deixava eu dirigir depois. (...) Adoraria poder cozinhar. Até há pouco tempo atrás, quando ainda não tínhamos empregada em casa, eu fazia minha parte nas tarefas. Eu acho que é uma arte maravilhosa. Eu não sei cozinhar: mal sei fritar um ovo. Me acho um incompetente nisso, mas sou um bom "gourmet": adoro comer. Com a minha mulher, quando a gente morava sozinho, eu era responsável por lavar os banheiros, passar pano, e a minha mulher, era lavar roupa. Não me bote para lavar roupa: odeio lavar roupa; odeio passar roupa; não sei fazer. Não quero aprender e pago quanto for preciso pagar para alguém fazer este trabalho. Agora, lavar prato eu sempre fiz, sempre faço. Às vezes, minha mulher sai cedo, a empregada viaja, tem prato pra lavar, arrumar a pia, guardar as coisas, enxugar: isso aí eu gosto de fazer e faço com naturalidade. (...) Nunca fui cobrado: fazia porque gostava.*

Filho único, embora sua mãe não lhe cobrasse a realização de atividades domésticas, Renato atualmente se cobra e sente prazer em ajudar nas tarefas caseiras da namorada e de sua filha: "hoje em dia, eu que me cobro mais. Quando eu vejo, por exemplo, a casa da minha namorada não tem empregada: é ela e a filha. Então, eu vou e ajudo sem problema. Eu sinto até um prazer em ajudar". Sendo muito organizado, Sílvio se acostumou a realizar tais tarefas desde que sua mãe deixou de ter empregadas domésticas em casa, encarando-as com naturalidade, pois as considera atividades básicas:

> *rapaz, lá em casa, teve uma época que a gente aboliu empregada mesmo: aí, sim, cada um tem que ajeitar suas coisas. Pra mim, é normal porque eu sempre fui muito organizado. Então, assim, ela transmitiu muito essa questão de limpeza. Então, tudo isso é básico: isso aí já foi da*

> *educação mesmo que passou pra gente. Olha: daqui pra frente, eu acho que as pessoas, se não gostam, vão ter que se habituar a fazer porque, hoje, tá cada dia mais difícil você conseguir empregada doméstica, não é, pra deixar na sua casa uma pessoa de confiança e tudo. Então, eu acho que, daqui pra frente, as próprias pessoas vão ter que "se virar".*

Jorge, por mais que tentasse, não conseguiu aprender a cozinhar, pois sua mãe o expulsava da cozinha, já que ela considerava tais tarefas femininas. Hoje, embora colabore em casa como pode, suas atividades de trabalho impedem-no de participar mais ativamente:

> *ela recusava. Inclusive, eu já morando aqui em Fortaleza, quando eu ia a M. tentar aprender a cozinhar - do que eu me ressinto muito: eu não sei fazer coisa nenhuma - e ela me botava pra fora da cozinha porque dizia que homem não podia chegar perto de cozinha, que era trabalho feminino. Eu discordava, mas como ela não queria me ajudar no aspecto de eu aprender a cozinhar - que isso me interessava de forma necessária - aí, eu saía da cozinha e ia pra casa. Eu ajudo muito pouco em casa. Eu passo muito tempo - 80-90% do meu tempo - fora de casa. Quando eu estou, no final de semana, eu lavo prato, copo. Normalmente, minhas cuecas, eu mesmo lavo. Procuro não sujar muito, mas as cobranças são pequenas. Eu faço isso mais porque eu acho que tem que fazer. (...) Eu acho que não pode deixar só pra esposa fazer. Eu acho que há muita coisa que pode ser feita. Só me incomoda o fato de eu não ajudar muito: deveria, mas o fato é que eu não posso.*

Lucas, que mora sozinho, acha tranqüilo dividir tais atividades com quem venha a viver com ele, apesar de nunca ter sido cobrado por sua mãe a realizar tarefas domésticas, pois seus estudos eram prioritários:

> *eu sempre fui daquele espírito de tentar estudar, né, o primeiro da turma, não-sei-o-que. Então, não tinha essa: vivia mais pra estudar mesmo. Eu acho interessante. Inclusive, eu faço na minha casa - que eu moro só, né? - mas eu acho a coisa completamente possível de você dividir com o companheiro ou com a companheira.*

A mãe de Guilherme não permitia que ele, seus irmãos e seu pai fizessem quaisquer atividades domésticas, pois considerava-as tarefas dela. Embora não goste de realizá-las, soube dar conta delas quando passou a morar sozinho:

> *pelo contrário, era até o seguinte: "os meus homens não fazem nada na casa". Pode deixar as coisas virar do avesso, que ela não reclamava, assim, não: "olha isso aqui. Bote no seu lugar. Num faça isso". Não: era tarefa dela. Na A., eu morava só e tive a experiência de ter que passar minha roupa, lavar, e ter que fazer coisas por mim mesmo, ou, então, cozinhar junto com outras pessoas. Não são atividades que eu gostaria de fazer na rotina, mas, quando eu tenho tempo livre, são coisas, também, que não me desagradam, algumas delas.*

Edson viveu a experiência de dividir as atividades domésticas com todos os irmãos em casa, o que fazia de bom grado, e, freqüentemente, por sua própria iniciativa, pois até mesmo gosta de realizar tarefas manuais:

> *lá em casa, era uma solicitação geral pra todos os filhos. A gente dividia as tarefas. Eu sempre respondia muito bem. Na verdade, eu era o que respondia melhor dos três. Ah, e eu, na verdade, não achava ruim, não. (...) Fazia, às vezes, sem ser solicitado. Pra mim, ela teve um efeito muito bom porque é como se fosse um contraponto prático a uma vivência fundamental. Por exemplo: eu gosto muito de ter uma coisa mais manual, uma coisa que me dá uma referência, além disso, de eu me sentir muito bem assim, podendo organizar o ambiente em que eu vivo - isso, em atividade doméstica.*

Podemos perceber, pelo menos entre os homens que entrevistei, que a resistência masculina à realização de tarefas domésticas já não é mais tão ferrenha quanto já foi. Para Campolim & Lima (1998),

> *o homem está condenado a compartilhar o trabalho doméstico com a mulher. Depois se transforma essa sua participação em ideologia. Depois vão dizer: 'Ele foi para a cozinha porque ficou mais solidário'. Não concordo. Ele irá para a cozinha porque não terá outra alternativa diante o custo de manutenção de funcionários, que está cada vez mais elevado em relação à renda das pessoas de classe média* (p. 68).

Neste sentido, creio ser um exagero esperar o surgimento de um homem “de prendas domésticas” – como já se denominou por muito tempo as mulheres que não trabalhavam fora de casa - mas acredito que os homens, quer gostem ou não, acabarão por ter que dividir o exercício de tais tarefas de uma forma mais justa com suas mulheres e com sua prole, superando a preguiça, o comodismo e a *construção* machista muitas vezes induzida por muitas mães. Mais uma vez, devo destacar o importante *papel sócio-cultural* das mulheres na eliminação da concepção que atribui características de *gênero* a essas atividades de manutenção da vida cotidiana, ou seja, considerando-as predominantemente femininas.

3. *Sobre Amizade, Amor, Sexo e Dependência das Mulheres*

Esta 7ª tipologia nativa trata daquele que considero ser provavelmente o ponto nevrálgico mais sensível das relações e dos conflitos entre homens e mulheres, pois, afinal, o amor e sua busca sempre foram e continuam sendo os motores essenciais dos relacionamentos humanos. É comum que se diga ser impossível que um homem e uma mulher sejam verdadeiramente amigos caso tenham um envolvimento afetivo-sexual. Além disto, um dos grandes terrores masculinos é a possibilidade de depender de outra pessoa, especialmente se tal pessoa é uma mulher. Almeida (1996), numa pesquisa em

muitos pontos semelhante à minha, expõe através de falas masculinas de seus entrevistados as dificuldades de comunicação entre mulheres e homens e o fosso sócio-cultural entre os *gêneros*, que, em grande parte, ainda se mantêm nos dias atuais, evidenciando a importante influência feminina na transformação das *relações sociais de gênero*:

> *você sabe qual é o grande reclamo das mulheres hoje em dia em relação a seus maridos, casamentos, seus amantes, seus namorados? O cara não fala de si e do que está sentindo, o que pensa. (...) E olha que eu tenho amigos do mais alto lustro intelectual, e eles não falam! (...) A saída para isso seria "pensar um pouco como mulher". Eles têm medo, pavor, pânico, absoluto pânico de não corresponder àquilo que acham que é a expectativa do outro com relação a si. Eu acho que o que difere a gente, realmente, hoje em dia (o homem e a mulher), é uma questão de menor resistência. O homem é um animal, é um brinquedo menos resistente. Você é de ferro e eu sou de plástico, no interior. Agora, aparentemente, eu sou mais rigoroso, eu tenho um pouco mais de força. Nós somos menos resistentes principalmente no sentido da emotividade. O homem se desmancha à toa. (...) Eu chorava, tinha vontade de me matar até. Mas, depois, eu me sentia leve, como é bom! Eu descobri que chorar é bom e fiquei puto com quem? Com a minha mãe, ora! Eu tenho ódio da minha mãe! Porque chorar era ótimo e ela me inibiu de chorar durante trinta anos! Há muito tempo, ela me deve trinta anos de lágrimas! Vocês mulheres me devem trinta anos de lágrimas. E eu precisei ser libertado por uma outra mulher! A minha mulher! Isso eu agradeço a ela, por poder chorar. Foi necessário que uma mulher me libertasse de um grilhão que uma outra mulher tinha me colocado! É por isso que eu digo para os meus amigos que estão meio fodidos, que o único antídoto para essa fossa, para essa dispnéia que se está passando aí, é um novo amor de uma mulher. O homem precisa, para sair de uma relação, de uma outra. A mulher não, a mulher sai sozinha. Vai de armas e bagagens. Vai sofrer. Vai roer a beira do poste, sofre muito mais, mas sofre com classe. E o homem faz merda pra caralho, dá porrada, vai preso, bate com o carro, toma porre* (p. 110ss).

Outro entrevistado de Almeida justifica tal situação por conta de que

> *o homem está muito inseguro, muito vacilante, muito incerto, por falta de possibilidade de completar uma evolução. Então, a maioria dos casos de homens que parecem desinteressados da mulher é porque eles estão confusos mesmo. (...) O meu cavalheirismo! Isso é da maior dificuldade para mim! (...) Uma dama que queira ofertar os seus encantos assim, o seu calor humano, o seu entusiasmo a mim... Olha, recusar, para mim, é um problema, é um problema de... eu me sinto mal... o cavalheirismo... eu recusar uma oferta tão generosa e que eu sei que vai ficar rara quando eu for velho!* (p. 129).

Um terceiro informante de Almeida manifesta-se sobre a dificuldade que muitos homens têm de manter relacionamentos de amizade com mulheres:

> *é muito difícil, ao meu ver, você ser simplesmente amigo de uma mulher. (...) Então se ela é uma mulher e se eu sou interessante para ela, me dá vontade de "comê-la". Então, se você é interessante, qual é a restrição? Por que não? Não é que se tenha de "comer" todas as amigas, não é isso! Mas atravessa uma relação de amizade homem/mulher, para o homem, nítida e claramente a questão: "eu posso comer essa mulher um dia"* (p. 133).

Mas vejamos o que meus entrevistados têm a dizer sobre seus relacionamentos com as mulheres. Indaguei a meus entrevistados se têm amigas (pergunta 31); se

compartilham questões pessoais com elas (pergunta 32); se fazem alguma diferenciação entre os relacionamentos afetivos e sexuais que têm com as mulheres (pergunta 33) e se já dependeram de uma mulher (pergunta 34). Assim, desenvolvi 2 (20ª e 21ª) tipologias analíticas a serem discutidas em seguida.

. *O amigo das mulheres*

Chamou-me a atenção que a grande maioria (18 ou 90%) de meus (20) entrevistados afirme que tem amizade com mulheres. Alguns deles informam que têm muitas amigas ou mesmo que têm mais amigas do que amigos, compartilhando suas questões pessoais com elas. Entretanto, parece comum que a intimidade com as amigas tenda a esmorecer quando os homens se envolvem com outras mulheres, estão namorando ou se casam. Luís confirma esta impressão, admitindo ser mais fácil compartilhar sua intimidade com amigos: “eu compartilhava, mas eu tinha uma amiga que era a que era mais próxima de mim. Depois que eu casei, ela casou. Aí, então, o relacionamento da gente ficou mais, assim, formal, de ‘bom dia, boa noite’. Mas, pra mim, se torna mais fácil com um amigo”. Mário não se sente atraído sexualmente por suas amigas, mas se percebe à vontade para compartilhar seus segredos pessoais com elas:

> *eu nunca tive, com minhas amigas, nenhuma prática sexual. Então, elas sabem as minhas “danações”, os meus segredinhos, as minhas fofoquinhas, né? É, eu não conto as minhas relações amorosas, mas às minhas amigas eu sempre conto: a gente sempre conta com sinceridade.*

Gilson inicialmente me disse que tinha mais amigas do que amigos, mas terminou relativizando a afirmativa anterior e me confessando que conta tudo sobre si a muito poucas amigas, diferenciando amizade de relacionamento afetivo-sexual:

> *eu tenho mais amigas do que amigos. Depende das amigas: têm amigas que a gente fala detalhes; têm pouquíssimas amigas - pouquíssimas, não: talvez uma que a gente consegue. Eu, às vezes, acho que eu separo. Eu acho que eu tenho um defeito: (...) é que eu departamentalizo muito as coisas - aqui é pra isso; aqui é pra aquilo - e disso eu não me “largo”, eu não me “deixo”. Então, se eu tenho uma amiga, eu, ali, é só o departamento de amigos. Então, eu acho isso meio complicado. Eu tentei fazer isso com a minha mulher: quebrar estas falhas, estes departamentos todos, né, tentar fazer uma coisa só, mas foi difícil e está sendo difícil porque minha mulher é*

> *muito "trancada" e ficava uma coisa só "de mão única". Aí, eu esgotava: ficava falando de coisas minhas e não recebia de volta. Isso esgotou, e aí, eu me "fechei".*

De sua parte, Pedro apenas consegue compartilhar seus problemas com as mulheres com quem tem envolvimento sexual, diferenciando-as das que são meras amigas, com quem conversa sobre sexo de maneira genérica:

> *com as amigas, você não trata de assuntos sexuais com elas. Quando você fala, é falando de um caso que saiu na "Veja" ou no "Jornal Nacional": não tem nada a ver com você e não tem nada a ver com ela. Com a pessoa que você tem relações sexuais, você tem um espaço aberto, infinito, não só com assunto sexuais, com assuntos profissionais, assuntos sociais: você trata do assunto que você quiser. (...) Já com a amiga, se for de assuntos sexuais, é uma coisa que aconteceu com fulano, com uma amiga, mas nada que aconteceu com você e nem a ela.*

Embora venha se dedicando apenas à namorada e, atualmente, não tenha nenhuma amiga, Renato já pôde trocar confidências íntimas com algumas delas anteriormente, reconhecendo que o ideal seria poder ter uma amiga com quem tivesse intimidade sexual:

> *ultimamente, eu venho tendo menos amigas. É "tipo" aquela coisa de amigo mesmo, de contar as confidências: ela contar como é que faz a "trepada" com o "cara", (...) coisa desse tipo, coisa de amigo, eu acho. É onde você vê a confiança (...) e eu não tenho tido nenhuma amiga. A única pessoa com quem eu tinha esse tipo de "papo", deixei de falar com ela há muito tempo, que ela se mudou e não me deu telefone, sabe? (...) Então, eu estou com a minha namorada há três anos e já estou com um certo tempo que eu estou sem amigas. (...) Não é difícil, não: sem nenhum problema. Agora, tem que ter o grau de proximidade, que eu, infelizmente, "deixei pra lá". É pela questão de eu não ter "tesão". Tenho até um amigo meu que dizia: "rapaz, você tem que ter uma amiga que você tenha 'tesão' por ela e que seja sua amiga" - porque a gente até brincava que as minhas amigas eram as mulheres que eu não sentia 'tesão', porque uma amiga que eu sentisse 'tesão', eu ia querer 'trepar' com ela e ia querer namorar.*

Marcos, no momento, tem mais intimidade pessoal com um único amigo. Embora alegue maior facilidade de relacionamento social com as mulheres, normalmente sua intimidade com elas se restringe às questões do campo profissional e a outros problemas genéricos, fora da área da afetividade e da sexualidade:

> *eu me "abro" mais com as mulheres do que com os homens. Hoje, eu tenho uma pessoa, que é o D., que eu compartilho muito mais as minhas coisas: ele sabe muito, muito, muito da minha vida pessoal, da minha vida no trabalho, da minha vida sexual com a minha mulher, do que eu penso da vida, de como eu era, porque eu faço. (...) É um amigo muito próximo que eu tenho, como eu sei também que a mulher dele, a M., é muito amiga da minha mulher. (...) Mas eu sempre tive muito mais facilidade para falar com as mulheres sobre as minhas questões pessoais, as coisas mais íntimas, (...) do que com os homens. Mas, hoje, eu tenho poucas amizades que eu possa me "abrir". (...) São muitas colegas mulheres, mas amigas mulheres, não. Com essas mulheres, é um relacionamento profissional. Eu tenho três mulheres num departamento, hoje, trabalhando comigo. (...) E eu falo muito pouco com elas. (...) São pessoas que eu tenho assuntos profissionais e trato mesmo como profissionais. (...) Então, é tranqüilo a gente conversar, mas não de vida sexual, de relacionamento: não sabe nada disso.*

Apesar de afirmar não ter dificuldade de compartilhar suas questões pessoais com homens ou mulheres, Jorge alega que o pouco tempo que lhe resta do trabalho profissional e da militância política limita sua intimidade apenas à família. A afetividade e a sexualidade são para ele os principais diferenciadores entre amigas e amantes:

> *com algumas, normalmente se discute mais questão política, questão profissional; pessoais, são poucas. (...) É que o tempo que eu disponho, livre, é muito pequeno, e as questões de intimidades não é só com amigas: é com amigo porque muito raramente eu saio com alguém que não a minha mulher e filhos. (...) Eu não sinto dificuldades de compartilhar pra uma amiga, não, desde que eu tenha intimidade, né? Com as pessoas mais próximas, já é difícil, duplamente. É difícil porque, pra que haja intimidade, é preciso que você tenha tempo de conversa, de aproximação. (...) Se torna difícil por causa do tempo, que é curto. Eu, normalmente, só me relaciono sexualmente com a mulher que eu estou. Pra mim, ela é a amiga maior: é com quem eu tenho maior intimidade, que me "abro" mais, que me conhece mais. E, obviamente, tenho o envolvimento afetivo, extremamente maior do que com as demais mulheres porque, com as outras mulheres, eu tenho amizade e não tenho a parte afetiva.*

Embora tenha muitas amigas, Sílvio também as diferencia de seus relacionamentos afetivo-sexuais: "com as amigas, amigas mesmo, assim, eu não tenho aquela aproximação corporal".

Como podemos perceber, persiste a grande dificuldade masculina de serem amigos das mulheres, o que parece ocorrer – quando os homens se permitem – apenas com aquelas que eles estão envolvidos afetiva e/ou sexualmente. Creio que a próxima tipologia analítica pode explicar tal "apartheid" de *gênero*, pelo menos na perspectiva masculina.

. *O homem que não confia nas mulheres*

Ainda que os depoimentos expostos acima demonstrem uma certa intimidade de alguns de meus entrevistados com suas amigas, as *relações sociais de gênero* ainda são vividas com grande desconfiança por vários homens, o que é motivo de queixas freqüentes por parte de muitas mulheres, como anunciei anteriormente. Da mesma forma, amizade e atração sexual são comumente consideradas incompatíveis por muitos homens. Neste sentido, Valdir alega que não teve oportunidade de ter amigas e que não costuma compartilhar qualquer problema pessoal com as mulheres, apenas conversando algumas questões com suas ex-esposas, pois não consegue se adaptar

ao universo feminino, preferindo que fossem apenas amigas, sem envolvimento afetivo ou atração sexual:

> *é bem diferente: primeiro, porque eu num tenho amiga, né? Mas eu tenho: têm essas duas mulheres, que é mãe dum menino, mãe de outro, que eu converso, principalmente com a outra, que é mãe das meninas, né, que eu converso muito com ela. Quero dizer que gostaria de me adaptar ao modo de pensar delas. Essa daí, eu converso alguma coisa, mas não: eu preferia ser amigo - no caso aí, que fosse uma amiga só, sem nenhum vínculo afetivo.*

Ernesto tem raríssimas amigas e se relaciona pouco intimamente com elas: "é 'tipo' assim: as amigas, agora, num têm mais essa intimidade de conversar. Falam coisas, assim, mais detalhadas da vida; mais perguntas também. O problema é sobre relacionamento: não tô falando em sexo". Flávio teve amigas em quem confiava mais do que nos amigos, mas vem revendo seu estilo de vida e se tornando recluso e reservado em relação às pessoas devido a experiências traumáticas. Considera tais amigas como relações especiais, diferenciando-as de relacionamentos superficiais e "formais" de amizade:

> *eu tinha. Aí, uma se matou. Tenho outra, que mora nos Estados Unidos, que quase um ano, mais ou menos, que eu num vejo. Agora, há pouco tempo, ela ligou pra mim e eu tô fugindo. Eu num sei: tá havendo comigo um negócio, doutor, de querer me isolar de tudo e de todos. (...) Essa minha amiga que mora nos Estados Unidos, em Miami, pra mim, era o maior prazer quando ela vinha pra cá, que a gente fazia farra, saía e pá-pá! Aí, ligou pra mim: eu mando dizer que eu num tô. (...) E há essa minha outra amiga, também da minha idade. Ela ficou maluca. Fez uma loucura aí: (...) ela chamou em torno de 150 pessoas, inclusive a mãe e o pai, o apartamento todo decorado, tudo montado, tudo. Mandou botar à mesa* (riso)*. Entrou no quarto, pegou um revólver e, no meio da sala - pau! - pegou um tiro na boca, na frente de todo mundo. Isso, eu achei "legal": eu acho o suicida um mundo de pessoas "fora de série", corajosas. E era minha amiga. Eu noto que, com essas duas que eu comentei, eu me sentia até meio igual a elas e elas iguais a mim, sabe? Agora, com as outras, não: é uma coisa mais séria, mais compenetrada, entendeu, mais respeituosa e mais distante. Eu mantenho mais a distância: a diferença é essa.*

José considera que tem poucas amigas duradouras e não compartilha suas questões pessoais com elas, pois, quando são bonitas, alega que não consegue deixar de percebê-las como objetos de seus desejos sexuais:

> *amigas, tenho, tá certo? Agora, eu não sei: pode até ser um problema psicológico. Eu tenho algumas amigas, mas são poucas porque as amigas que eu tive, num relacionamento normal e tal e que eu achava bonita, eu tentei namorar, eu tentei ter "caso". (...) Amiga no sentido de amizade duradoura, muito pouco. A maioria, eu tentei ter "caso": tentei "comer".*

César considera amigas apenas aquelas mulheres com quem tem algum envolvimento afetivo-sexual, enquanto as demais são apenas colegas: "rapaz, tenho umas amigas, mas são mais colegas do que amigas, né, que são pessoas que não têm aqueles "bate-

papos", já são casadas, né, algumas são separadas, né? Mas têm duas mulheres aí que eu tenho relações e tal". Rogério nunca revelou sua homossexualidade a suas amigas, pois considera as mulheres apenas colegas, não confiando nem mesmo na própria mãe:

> *amigas, não. O que eu considero amigo ou amiga é aquela pessoa que você confia e pode contar tudo. Eu nunca contei pra mulher nenhuma que eu sou homossexual. Tenho muitas companheiras de trabalho, companheiras de partido, colegas de trabalho. Podem até dizer que dou atenção, de visitar, de telefonar nos aniversários pra beber, mas eu num considero isso uma amizade, não. (...) Nesse terreno, nem minha mãe é minha amiga.*

João, apesar de ter muitas amigas, não costuma compartilhar suas questões pessoais com elas e nem mesmo com os homens. Entretanto, não vê diferenças significativas entre a amizade e a intimidade afetivo-sexual com as mulheres:

> *as minhas questões pessoais, eu não costumo compartilhar com ninguém. Eu sou "trancado": nem com homem, nem com mulher. Isso é um defeito. Isso é do meu pai, mas eu tenho amigas sem grandes compartilhações. Essa é uma coisa muito natural. Não há muita diferença pra mim, não: (...) pra mim, eu acho que o fato de você ter a relação com uma pessoa, sexual ou não ter, amiga ou não, a intimidade é praticamente a mesma.*

Haroldo também não expõe suas questões mais íntimas a amigos ou amigas, mas admite que teme se sentir atraído pelas amigas bonitas e se envolver com elas ao contar-lhes alguma questão pessoal:

> *compartilho, mas nada muito específico, assim. Pra mim, é indiferente comentar com uma amiga ou um amigo. (...) Eu, pra amiga, num tem sexo, mas eu tenho sempre medo de querer desejar uma amiga* (risos) *porque, se a gente começa a falar muito das nossas intimidades, a gente pode se "ligar", né? Uma amiga minha, que ela é muito bonita, eu fico olhando, assim. Eu digo "não"* (risos) *porque que é muito sério você tá "passando", assim, numa amiga.*

Tomás pouco compartilha seus problemas pessoais com alguém, nem mesmo com a mulher com quem está envolvido afetivamente, reconhecendo, embora se censure, que tende a sentir atração sexual pelas mulheres de quem se aproxima:

> *em absoluto: minhas questões pessoais, eu compartilho raríssimas vezes, aqui e acolá, mas, com mulheres, num deu tempo. (...) Como tava falando sobre o meu relacionamento com essa mulher que eu tô tendo agora: num é uma amiga minha, mas porque ela tava falando também de outro relacionamento dela - digamos - mas não que eu procure (...) uma pessoa pra falar. (...) Eu tento imaginar, às vezes, as minhas amigas ou (...) mulheres até que eu vejo, (...) ter um relacionamento, não obrigatoriamente sexual, um relacionamento mais terno. (...) Com todas, eu sempre penso assim, né? Não que me impede, mas, às vezes, de tanto eu me relacionar com elas, esse ímpeto parece que se efetua. É uma questão de você - digamos assim, voltando àquela questão de ser* macho*, num-sei-que - conquistar, num-sei-que, entendeu, mas o que eu noto comigo é isso: é que toda atividade que eu tenho com mulher, eu fico logo pensando se eu casasse, se eu namorasse com ela, como seria, entendeu? E, à medida que o relacionamento, a amizade aumenta, sabe como eu penso? Esses meus pensamentos se tornam mais fortes, né?*

> *E, às vezes, num é que eu seja totalmente apaixonado por aquela pessoa, né, mas eu me sinto atraído, talvez, num é, conquistar aquela pessoa. Num sei se é por um momento que estou só, né? Por exemplo, tinha uma amiga minha que estava estudando contabilidade e eu sempre pensava nisso: a M. até "dava bola", tudo mais. Mas aí, depois, quando eu arranjei essa outra, eu perdi, assim, (...) o tal interesse nela, né? Eu tinha, às vezes, um interesse por ela ser muito bonita: interesse sexual, mas não de ter um relacionamento mais sério com ela, né? (...) Eu tirava piadinhas, né? Até um dia, ela perguntou assim, brincando, né: "que é que tu quer", né? Eu falei: "eu quero 'transar', né?" - também brincando, né? Mas tava brincando, mas era sério, né, porque eu já mudei o meu relacionamento com ela, né? Queria com ela não um relacionamento sério como pretendo com a que eu estou atualmente, né, mas sim só um sexual, mas sempre me impedia também a questão d'eu me lembrar daquele negócio da traição, de, se acontecesse esse fato e a outra ficasse sabendo, aí, né, num ia dar certo.*

Lucas considera possível ser íntimo de uma amiga, mas acha que é mais difícil e constrangedor expor suas questões pessoais a uma mulher devido a ser homem e homossexual: "principalmente para experiências sexuais, fica difícil você abordar isso com uma mulher. Mais fácil é abordar com um homem, embora você possa colocar até um certo ponto e, talvez, até com vergonha (...) pela condição da diferença de sexo". O afeto e a atração sexual por uma mulher também parecem ser os pontos de diferenciação entre uma amiga e uma namorada para Guilherme, que reconhece sua dificuldade de intimidade com as mulheres, admitindo sua resistência a se entregar ao amor:

> *porque eu não tenho "tesão" por elas: eu não tenho expectativa de ter alguma relação amorosa. O que distingue é: se eu fosse amigo de alguém por quem eu tenha "tesão", mas não teria necessariamente "tesão" por alguém que eu tenha amizade. Na verdade, assim, pr'eu assumir e amar e me entregar, eu acho isso: sou meio reservado.*

Edson teve muita dificuldade com a ambigüidade entre amizade e atração sexual pelas mulheres, custando a conseguir ser amigo delas:

> *normalmente, não havia uma separação entre ser um envolvimento afetivo ou só de amizade. Acho que faziam confusão: não consegui ter amigas. Depois, com o passar do tempo, não: foram, assim, melhorando um pouco. Eu passei a ter algumas amigas por quem eu podia passar sem ter nenhum componente sexual, alguma coisa, mas, mesmo assim, é muito pequeno o número de amigas em relação ao número de amigos.*

Como podemos perceber, o espaço íntimo da amizade entre homens e mulheres parece contaminado com a dificuldade masculina de receber ou de buscar os cuidados que as mulheres se dispõem e que estão acostumadas a oferecer ou que articulam com muito maior facilidade. Tal disponibilidade feminina é freqüentemente confundida pelos homens com disposição romântica ou sexual. Assim, o espaço relacional entre homens e mulheres vem se tornando confuso, pois muitos homens já não sabem o que

exatamente querem das mulheres com quem se relacionam hoje em dia, além de esbarrarem com as queixas femininas contra tal ambigüidade masculina.

Já tive a oportunidade de anunciar que depender de outra pessoa parece ser um dos grandes terrores masculinos, especialmente quando tal situação ocorre em relação a uma mulher. Neste sentido, Haroldo admitiu que já dependeu da mãe, das primeiras namoradas e, "se duvidar", da atual mulher. Tomás reconhece seu constrangimento com sua dependência em relação às mulheres:

> *eu me sinto dependente da minha mãe, né, porque o aluguel é da casa dela, né, e isso me constrange (...) também, né? Eu sou, talvez, meio orgulhoso e eu num gosto muito, às vezes, de pedir ajuda, né? Por exemplo: tamos numa sala - isso aconteceu num curso, tudo mais - e eu tô precisando tirar uma dúvida com uma menina, assim. Às vezes, eu num tiro: deixo passar, né?*

Valdir aprendeu a se defender de qualquer situação de dependência quando precisou da ajuda de uma de suas ex-mulheres, quando ainda era casado com ela:

> *graças a Deus, nunca dependi, mas* (riso) *uma vez já: uns quatro anos depois de casado, eu fiquei desempregado e, naquela oportunidade, a minha mulher tinha conseguido um emprego. (...) Coincidiu que eu tava desempregado e ela percebeu. O primeiro mês dela lá - e eu tava bebendo um bocado de dias – aí, e eu, inadvertidamente talvez, peguei. Fui com ela no banco: peguei o dinheiro dela, que eu achava que era casado com ela. Eu achava que a gente podia, que eu podia: eu já tinha feito. Quer dizer, eu tinha – digamos - 5 anos de casado: eu já tinha sustentado ela 60 meses. Eu achava que eu podia pegar aquele dinheiro que era dela, que era casado no civil e no católico. (...) Mas isso aí me custou, depois, uma série de contratempos, que ela alegou muito e tal porque eu peguei o dinheiro dela. Ficou com aquilo na cabeça, mas foi a única vez que eu dependi de uma mulher. Bom, naquela oportunidade, eu tinha uma opinião que num foi nada. Óbvio que um casamento é uma coisa muito séria: ele envolve tantos fatores que, se a gente pensar, num casa, e, como eu era muito incauto, né, e talvez muito inexperiente, eu achava que aquilo num tinha nada a ver e eu peguei o dinheiro. Eu num senti nada, não. Depois, com a reclamação, que eu me magoei: prometi a mim mesmo nunca mais precisar de uma mulher.*

Flávio, depois de negar seu apreço pelas mulheres, admite que dependeu de uma mulher de quem muito gostou, mas acabou traindo-a para se livrar da angústia da dependência:

> *eu nunca gostei de nenhuma. Ah, só uma: dependi um pouco. Era muito ligado a ela: consegui até chorar. Na época em que eu me desliguei dela, eu chorei, mas eu que fiz a "sacanagem", eu que fiz a "galinhagem". Eu já tava naquela de "ai, meu Deus, como é que eu vou me afastar das pessoas"? Eu num tenho coragem de chegar e dizer: "ó, num tenho mais nada a ver com você. Eu num quero mais". Nunca tive coragem de fazer isso. Eu faço, por exemplo: ponho "chifre" na frente, entendeu? Eu faço chegar ao ouvido alguma história, que é pra elas me "largarem". (...) Nunca eu "larguei" ninguém.*

Ernesto alega que apenas depende da mulher, que cuida da casa, mas adota uma postura de indiferença em relação a tal situação: "não, nunca: só da minha mulher.

Cuida da casa, mas hoje em dia também num me importo, né”? Mário admite que depende da opinião de suas colegas de trabalho e que, por vezes, se sente cobrado a manifestar sua opinião por ser homem:

> *dependo das colegas no trabalho, não é? É um trabalho que depende muito de orientação. Elas têm muito a dar, e eu, às vezes, me acho muito dependente, no trabalho, do que elas pensam, do que querem fazer, não é? (...) Às vezes, me sinto cobrado, não é, porque eu sou homem, não é?*

Gilson associa qualquer dependência ao tradicional e rejeitado *papel sócio-cultural* da mulher. Embora costume se sentir mais próximo das mulheres do que dos homens, é nítida a sua falta de identificação com esta pretensa tendência feminina:

> *eu acho isso péssimo, uma droga, (...) o papel da mulher submissa, subalterna e dependente de outra pessoa. (...) É interessante porque, há alguns dias, venho me questionando, me colocando na posição de certas mulheres, me colocando assim, eu imaginando como seria eu estar numa posição de uma mulher submissa, sem ter trabalho, sem ter independência econômica, sem participar do dia-a-dia das mudanças que ocorrem na sociedade, como é que eu me sentiria numa posição dessas.*

Pedro reconhece que já dependeu da mãe e da esposa quando esteve desempregado, e de uma mulher por quem esteve apaixonado, destacando que se sentiu muito angustiado em tais situações:

> *na minha infância, eu dependi muito da minha mãe, e teve uma época em que eu tive apaixonado por uma mulher e eu acho que eu estava muito dependente. Mas hoje, o que eu procuro ter, tanto com a minha esposa como com outras mulheres que eu tenho amizade, é a coisa mais de igual para igual, né? Eu, a princípio, (...) não acho a dependência uma boa coisa. Por exemplo: a última que eu tive, que foi uma paixão na minha vida, (...) eu ficava muito dependente. Então, era uma coisa que me inquietava, uma coisa que me dava uma angústia, uma coisa ruim. Então, eu (...) procurei encerrar a coisa, né? Mesmo depois de formado, eu passei uns tempos desempregado, e então, eu ficava dependendo da minha mãe. Nessa época, o meu pai já havia falecido e ela era quem controlava as finanças. E teve uma época, também, que eu estava desempregado e só quem tinha emprego era a minha esposa. Então, ficava eu dependente financeiramente. Ah, foi muito ruim, muito ruim!*

José evita a todo custo depender afetivamente das mulheres, preferindo não viver as intensas emoções da paixão a enfrentar a angústia da dependência:

> *dependi de uma mulher, e, se tive a oportunidade, fiz tudo para não depender, nem emocionalmente. Eu sempre fiz tudo para me apaixonar sem ficar “furado das venta”. “Furado das venta” são aqueles bois que são brabo, e que, quando a gente fura as “venta”, eles ficam bem mansinho. Eu sempre quis me apaixonar. É muito bom estar apaixonado, mas - exatamente isso - sem ficar dependente. Ou seja: na hora que não me quiser mais ou na hora que não der mais certo, “tchau, tchau”! Fica só uma leve fissura, nenhuma cicatriz funda. Eu nunca vou viver grandes emoções, mas, também, nunca vou ter grandes decepções e problemas emocionais.*

César ainda vive uma situação de dependência sexual de uma mulher, lamentando que a conquista e o sucesso com as mulheres dependam da condição financeira, dos bens simbólicos e do *status sócio-cultural* que um homem tenha conquistado:

> *só sexualmente, né? (...) Era uma menina que eu gostava e que queria ter um relacionamento, mas ela não gostava de mim. Foi indo, foi indo: ela acabou arranjando um namorado. O namorado deixou ela. A partir daí, houve um relacionamento sexual. Eu achava ela gostosa, boazinha e tal. Aí aconteceu, mas, quando aconteceu, eu nem estava mais com todo aquele "gás" que eu tinha de querer "pegar" ela. (...) Agora, a gente passa até dois meses sem se ver, mas ainda acontece: a gente começa a conversar e tal; aí, temos um relacionamento sexual. Chato, né? (...) Às vezes, pode até surgir a oportunidade de aparecer outra mulher, mas você não quer aquela. Isso é chato, mas é uma coisa que você aceita: não é porque você tem um objetivo de conseguir uma mulher que você não possa conseguir uma melhor do que aquela que você está almejando. Pra você conseguir uma mulher melhor, você tem que ter um carro, dinheiro - que você não tinha - e aquela, você já tem um certo diálogo, já tem um certo espaço - que a gente falava sobre sexo. (...) Às vezes, eu cheguei a me masturbar, mas eu me sentia um "trapo": fazia coisas que não fazia pra ninguém, mas eu buscava me satisfazer porque sexo é uma necessidade.*

Talvez por já ter dependido em diversos sentidos de várias mulheres, Marcos, ao contrário da maioria dos homens, afirma não se incomodar de depender da esposa:

> *na época que eu estava namorando, eu dependi de uma mulher. Dependia dela para poder sair: (...) eu lembro que ela tinha uma melhor condição - tinha carro e eu não tinha carro. (...) Da E., foi mais para uma questão de aprendizado sexual: ela era uma pessoa mais velha do que eu, uma mulher muito bonita de corpo, e era uma pessoa que eu queria que ela tivesse do meu lado, e ela acabou me "usando" um pouco, durante 3 anos, eu acho. Não é pouco: é muito. Eu sofri bastante "na mão" dela, mas foi o sofrimento. (...) Olha, eu hoje dependo da minha mulher financeiramente para tudo que eu tenho. (...) Financeiramente, eu dependo de minha mulher numa relação super-tranqüila. Não tenho medo. (...) Não me incomoda. A gente discute muito isso. Ela ganha melhor do que eu. Ela é uma profissional melhor. Ela tem uma profissão. Eu sou doido para ter um escritório meu, para trabalhar na área de "marketing", coisa que eu adoro. (...) Não consegui ainda viabilizar isso e não me incomodo. Quer dizer: eu não sei em que incomodaria isso porque é tudo em prol da gente. Não é uma coisa dela. Quer dizer: ela ganha mais, muito mais do que eu, e é em prol da gente. (...) Nós estamos tão misturados, nessa questão financeira, que é indiferente para mim o fato de ela ter uma condição financeira (...) melhor do que a minha.*

Renato já viveu situações de cumplicidade com uma amiga, mas sofreu muito por depender da primeira namorada, pois acredita que ela usufruía de sua dependência, embora ele mesmo reconheça sutilmente que necessitava da proteção que ela lhe propiciava. Também se sentiu incomodado por depender financeiramente da mãe quando estava desempregado e de "ter" que surrupiar dinheiro dela:

> *ah, eu dependia muito da minha primeira namorada! Realmente, foi, assim, uma dependência muito forte e que, felizmente, eu "saí fora" porque, se eu continuasse esse relacionamento, eu não sei onde eu estaria hoje: muito mal, muito mal. Mas claro que era aquele apoio, "cajado" mesmo. Era um apoio emocional, era o apoio psicológico. Era muito ruim e eu acho que ela, até por um ponto, ela fazia questão de eu ter entregue a minha autonomia pra ela, assim, na tomada*

> *de decisões e tudo. Nunca foi uma pessoa que dissesse "e você, o quê que você acha, né?" - essa coisa de sempre me subjugar e tudo: eu ia cada vez mais definhando e deixando que ela tomasse conta da situação. Da minha mãe, quando eu não trabalhava nem nada, né? Aí, eu tirava dinheiro da carteira dela, mas eu me sentia péssimo fazendo isso, mas "não tinha outra"!*

Apesar do sentimento de frustração e de impotência, a dependência afetiva levou Jorge a manter um casamento fracassado durante alguns anos. Com a segunda mulher, sentiu-se profundamente constrangido por depender financeiramente dela:

> *já teve, no meu primeiro casamento, uma dependência afetiva muito grande da minha primeira mulher, que, apesar de que emocionalmente eu tinha consciência da impossibilidade de convivência, mas, devido à dependência, mantive o casamento ainda por uns 3 anos, eu acho, me preparando pra me libertar dessa dependência. No segundo casamento, quando a gente começou, eu dependia financeiramente porque ela ganhava mais do que eu até um ano e meio de casamento, mais ou menos, eu acho. (...) Com minha ex-mulher, eu convivi 13 anos. Da dependência afetiva, eu me sentia diminuído, impotente, revoltado por ter um relacionamento que não dava em nada, e que, em diversas situações, se brigava muito, e chateado porque estava interferindo na educação das três filhas. No segundo relacionamento, apesar do pouco tempo da dependência econômica, eu me sentia, eu acho que inadequado por não poder contribuir financeiramente com a casa o tanto que ela contribuía.*

Finalmente, Edson e a esposa vivenciam uma situação de freqüente instabilidade em relação a seus empregos, o que o leva a eventualmente depender dos ganhos financeiros da mulher, mas tal situação não parece incomodá-lo, pois a dependência é mútua e apenas serve para aproximar e reforçar a confiança do casal:

> *a gente acaba sendo um casal bem instável em relação a emprego. Então - como até está acontecendo agora, de eu não estar trabalhando; ela está trabalhando - acho que eu me sinto tranqüilo: não me fere em nada, me sinto natural e tenho confiança. Quer dizer: de um lado, não me incomodo. Acho isso é natural.*

Embora alguns dos depoimentos apresentados aqui demonstrem que o padrão do *poder* viril dominante do patriarcado venha sendo rompido, não posso deixar de concordar com Campolim & Lima (1998), que argumentam que

> *a cultura patriarcal, machista, ou os esquemas de pensamento sobreviventes dessa cultura reforçam essa fantasia masculina de onipotência, de poder para se proteger do desamparo diante daquilo que não se sabe para onde vai nos levar, juntos, como um homem e uma mulher* (p. 144).

Os homens, sem dúvida, precisam e eventualmente buscam as mulheres. Entretanto, poucos foram educados para se permitir receber abertamente os cuidados femininos ou mesmo para admitir e reconhecer suas próprias necessidades – neste caso, o desejo de serem cuidados e protegidos. Muitos homens parecem ainda resistir a abdicar de seu *papel sócio-cultural* preestabelecido - sempre viris, ativos, plenos de iniciativa,

dominantes e provedores da família - pouco confiando nas mulheres e em sua solidariedade como parceiras, amigas, companheiras ou mesmo como amantes e esposas. Desta forma, as transformações sócio-culturais das *relações sociais de gênero* na direção de um companheirismo mais equânime e mútuo parecem depender em grande parte do risco que mulheres e homens – particularmente eles, pois as mulheres já o vêm fazendo há muito tempo - se disponham a correr no sentido de romper com tal padrão social internalizado e de buscar a descoberta de relacionamentos que não mais reproduzam simplesmente o tradicional *poder* patriarcal.

Capítulo 3. O Pai e o Filho do Homem: Identificação, Conflito e Confusão

... a solução seria não só manter o pai, mas de certa forma inventá-lo juntos...

Contardo Calligaris[56]

Pai, pode ser que daqui a algum tempo
Haja tempo pra gente ser mais
Muito, muito mais que dois grandes amigos
Pai e filho, talvez
Pai, pode ser que daí você sinta
Qualquer coisa entre esses 20 ou 30
Longos anos em busca de paz
Pai, pode crer, eu tô bem, eu vou indo
Tô tentando, vivendo e pedindo
Com loucura pra você renascer
Pai, eu não faço questão de ser tudo
Só não quero e não vou ficar mudo
Pra falar de amor pra você
Pai, sente aqui que o jantar tá na mesa
Fala um pouco, sua voz tá tão presa
Nos ensina esse jogo da vida
Onde a vida só paga pra ver
Pai, me perdoe essa insegurança
É que eu não sou mais aquela criança
Que, um dia, morrendo de medo,
Nos seus braços, você fez segredo
Nos seus passos, você foi mais eu
Pai, eu cresci e não houve outro jeito
Quero só recostar no seu peito
Pra pedir pra você ir lá em casa
E brincar de vovô com meus filhos
No tapete da sala de estar
Pai, você foi meu herói, meu bandido
Hoje, é mais, muito mais que um amigo
Nem você nem ninguém tá sozinho
Você faz parte desse caminho
Que, hoje, eu sigo em paz
Pai!

Fábio Jr.[57]

Um rapaz prepara a mamadeira de seu bebê e o alimenta, segurando-o nos braços com uma solicitude que nem a melhor das mães teria diferente. Levanta de madrugada porque o seu filho pequeno está chorando; dá banho nesse menino, enxuga-o com a toalha felpuda e os dois riem como duas crianças. Um homem de grandes mãos

[56] CALLIGARIS, Contardo. À escuta do sintoma social *in*: ROPA, Daniela (coord.) **Anuário Brasileiro de Psicanálise**: O mal-estar na sexualidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992-1993, p. 17.
[57] *Pai*, interpretada pelo próprio compositor, no disco *Fábio Jr./1979*, pela gravadora Som Livre.

> *queimadas do sol ajuda seu filho a dar os primeiros passos; senta-o no carro e sai com ele para os arrozais; ou - quando pensa que ninguém o vê - observa esse filho brincar com uns pauzinhos, e os olhos azuis muito claros do pai brilham de uma emoção insuspeitada num homem de tanto senso prático e tamanha solidez. Nunca acreditei que "homens não têm jeito com criança pequena". Se alguns receiam pegar bebês muito frágeis, talvez seja porque a mãe fica dizendo: "Cuidado, você não tem o menor jeito, vai deixá-lo cair!" Ou: "A sua barba está espinhando a carinha dele!" em lugar de abrir a porta da vida dessa criança, da qual é guardiã, para o pai entrar.*
>
> Lya Luft[58]

Freud (1913 [1912-1913] [1974]) já destacava que "a imagem que um filho faz do pai é habitualmente investida de poderes excessivos desta espécie e descobre-se que a desconfiança do pai está intimamente ligada à admiração por ele" (p. 71), tendo discutido-a em vários pontos de sua vasta obra. Por outro lado, alerta que

> *os primeiros anos de uma criança são dominados por uma enorme supervalorização do pai; em consonância com isso, rei e rainha nos sonhos e nos contos de fadas invariavelmente representam os genitores. Mais tarde, sob a influência da rivalidade e do desapontamento na vida real, a criança começa a desligar-se deles e a adotar uma atitude crítica para com o pai* (Freud, 1939 [1934-1938] [1975], p. 25).

Por sua vez, alguns psicanalistas chegam a sugerir uma verdadeira psicopatologia da paternidade, afirmando que "a influência do pai é amiúde tão nociva quanto a da mãe" (Aberastury & Salas, 1991, p. 24).

Entretanto, os diversos grupos de homens e os *men's studies* que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos, apesar de reconhecerem a importância das influências psicológicas na *construção sócio-cultural* do vínculo paterno, entendem que a compreensão da masculinidade de nossos dias precisa levar em conta o fato de que a concepção de paternidade é historicamente bastante recente, pois apenas

> *há seis ou sete milênios, as sociedades mais adiantadas descobriram a relação entre o ato sexual e a procriação. Isto levou-as a tomar consciência da paternidade. Tal novidade acarretou de modo imperceptível uma revolução profunda, que transformou as estruturas sociais, as religiões e os comportamentos sexuais* (Dupuis, 1989, p. 3)*, (...) na época neolítica* (p. 9).

[58] *Op. cit.*, p. 95-96.

Até então, a organização social era matrilinear e a mulher estava envolta em uma representação de mistério e de respeito, mas a descoberta da função biológica do pai na concepção modificou toda a vida comunitária. O terceiro e o segundo milênio antes de Cristo são caracterizados pela organização patrilinear, pelo parentesco descritivo e pelo casamento heterossexual. Estes fatores, juntamente com a valorização da força física, parecem constituir os traços primitivos da representação da masculinidade. Assim, deve-se a isso, pelo menos em parte, o fato de que os homens tenham utilizado a função paterna para realizar seus desejos de conquista, instituindo, então, com os filhos, códigos patrilineares de *dominação*. Por outro lado, ao assumir tal postura, destituem de si mesmos a permissão para expressar tudo o que se aproxime ou que signifique as "dores e os privilégios da feminilidade" (p. 224). Desta forma, os grupos de homens e os *men's studies* vêm tentando rever a nova representação masculina, que envolve tanto a sensibilidade quanto a afetividade.

As confusas e eventualmente conflituosas manifestações da paternidade contemporânea têm sido um dos principais núcleos das delicadas polêmicas entre as diversas vertentes de pesquisadores da *sociologia das relações de gênero*. Se os homens vêm se transformando, é previsível que as relações entre pais e filhos também se modifiquem. Ser pai hoje tem sido objeto de questionamento por parte de muitos homens, pois se anteriormente a função paterna era inquestionável, hoje ela é passível de incômodos e angústias. Demonstrei como a função materna é essencial na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*. No momento, cumpre-me destacar como a paternidade - por muitos ainda considerada secundária no desenvolvimento humano - tem também um papel importante nessa *construção sócio-cultural*. Conforme Nolasco (1993),

> *as análises que hoje os homens estão fazendo sobre sua condição têm na paternidade o fio condutor. A revisão do papel e da atuação do pai e sua inserção no cotidiano da casa fazem com que os homens reflitam sobre a relação com seus próprios pais, para nela identificar, na maioria das vezes, uma experiência de abandono, esquecimento e tensão. Por outro lado, os homens começam a perceber que este sentimento de abandono também foi experimentado por seu pai e seu avô* (p. 13).

Por outro lado, Campolim & Lima (1998) comentam a relação entre os homens e seus filhos, evidenciando que

> *os pais têm uma relação lúdica com os filhos porque isso faz parte do estereótipo masculino. O homem brinca mais. O problema é que essa tendência dos homens para o jogo, para a atividade lúdica, termina sendo potencialmente discriminadora. Pois enquanto os pais levam os meninos para o futebol ou assistir ao jogo, as meninas ficam em casa, normalmente ajudando a mãe a arrumar a cozinha. Nessa hora é que aparecem os elementos culturais, sociais e históricos, que derivam da natureza masculina e dão origem a certos estereótipos. (...) São expressão profunda de aspectos da natureza humana, masculina ou feminina* (p. 66-67).

Almeida (1996) expõe a evidente *diferenciação de gênero* no tratamento que um de seus entrevistados dedica ao filho e à filha, demonstrando a forma como a transmissão e a reprodução sócio-culturais das imagens masculina e feminina costumam ocorrer também através da figura paterna:

> *existe uma diferença muito grande na minha relação com os dois filhos, sim. Vamos dizer, ao nível do enrijecimento, por exemplo: o que eu exijo dele é muito maior do que eu exijo dela. Uma vez eu estava voltando do judô com o menino e ele se queixava da violência deste esporte. Aí eu tive um papo com ele, exaltando as virtudes masculinas da virilidade. (...) O homem tem a coisa do guerreiro, do endurecimento, que não é só o endurecimento muscular não, tem o endurecimento psíquico, é o criar calo na cabeça da gente! (...) Ter esse espírito de sacrifício, agüentar as coisas!* (p. 135).

Da mesma forma, acrescenta a importância da imagem paterna nos depoimentos de alguns homens, considerando o

> *caráter irrelativizável da diferença entre os sexos e, mais do que isto, da própria materialidade e da concretude máxima dos sinais dessa diferença. O significado do que é ser homem parece estar vinculado a um conjunto de variáveis, símbolos e sentimentos flagrantemente distintos e intrínsecos ao campo masculino de funcionamento e organização da subjetividade. Quando são feitas menções mais próximas ao terreno afetivo e emocional, curiosamente, elas se remetem ao plano de uma memória igualmente acionada por estímulos e noções indissociavelmente remetidas ao universo masculino. Partindo dos exemplos de resistência física e psicológica, provação, dureza do espírito, aptidão para a "guerra", e chegando ao exemplo final de ideal paterno como figura paradigmática do que é ser homem, todas essas passagens não deixam de conferir uma natureza ainda irrelativizavelmente masculina a esta estruturação subjetiva* (p. 136-137).

É neste sentido que interessei-me em tentar desvendar e discutir como meus entrevistados percebem seus pais e seu relacionamento com eles, bem como as possíveis transformações sócio-culturais das relações com seus próprios filhos.

1. *Pai e Filho: Aprendendo a* Ser Homem

Assim, através de diversas perguntas, busquei investigar junto a meus sujeitos de pesquisa as seguintes questões relativas à minha 8ª tipologia nativa, que trata da paternidade: como caracterizam a relação com o pai (pergunta 37) e com os filhos (pergunta 50); se percebem diferenças de tratamento do pai com eles e com seus demais irmãos (pergunta 38) e como as explicam (pergunta 39); se entre eles e o pai ocorriam manifestações físicas de carinho (pergunta 40) e se tais manifestações se modificaram ao longo do tempo (pergunta 41), bem como o que igualmente se aplica à relação com seus filhos (perguntas 55 e 56); acerca da influência paterna sobre o seu relacionamento com as mulheres (pergunta 42) e com os homens (pergunta 43); sobre a imagem masculina transmitida pelo pai (pergunta 44) e a que transmitem a seus filhos (pergunta 59); sobre a imagem das mulheres transmitida pelo pai (pergunta 45) e qual a imagem feminina que transmitem a seus filhos (pergunta 58); se há diferenças no tratamento que têm com seus filhos e filhas (pergunta 57); se o pai lhes cobrava que adotassem atitudes firmes, decididas ou agressivas (pergunta 46), como respondiam a essas cobranças (pergunta 47), se alguém hoje lhes cobra tais atitudes (pergunta 48), o que pensam a respeito dessas cobranças (pergunta 49) e se cobram as mesmas atitudes de seus filhos (pergunta 60); como comparam o relacionamento que tinham com o pai e a relação que têm com os filhos (pergunta 51); se seus filhos são mais próximos deles ou das mães (pergunta 52) e como justificam tal proximidade (pergunta 53); e se percebem-se repetindo as atitudes do pai com eles no relacionamento com os filhos ou se tentam agir de forma diferente dele (pergunta 54). Tais questões geraram 3 (22ª, 23ª e 24ª) tipologias analíticas.

. *O pai participante e acolhedor, modelo de homem*

Entre meus entrevistados, é comum a descrição de pais autoritários, distantes e omissos. Entretanto, alguns de meus sujeitos de pesquisa conseguiram um bom relacionamento com seus pais, mesmo que tardiamente e com dificuldade. Assim, pude perceber uma opinião diferenciada ou mesmo uma ligação forte com o pai por parte de alguns deles, como João, que, apesar de perceber a dureza paterna, admite sua profunda identificação com o genitor até mesmo em seus defeitos, tomando-o como modelo de homem e incorporando alguns traços machistas dele em sua relação com os homens – que seriam mais insensíveis, podendo lidar com eles com violência - e com as mulheres. Apesar de sua dureza, seu pai nunca lhe cobrou que adotasse posturas mais viris ou agressivas, pretensamente masculinas:

> *eu me sinto mais ligado umbilicalmente a meu pai porque os meus defeitos, com o tempo, eu concluí que eles são mais do meu pai. Os meus silêncios, a minha introspecção é paterna. A minha esquisitice é paterna. Minha mãe é mais expansiva. Então, eu acho que eu herdei mais do meu pai. A questão do silêncio, a questão da reserva, a questão de não rir, não me "pôr pra fora" é do meu pai. Eu nunca vi meu pai chorar e isso é uma frustração que eu tenho. E nem vi minha mãe chorar, muito tempo. Eu aprendi a chorar de pouco tempo pra cá. Acho que me aproximei mais de minha mãe e me afastei um pouco do meu pai, mas ainda sou muito a formação paterna. Eu acho que quem influenciou minha relação com os homens foi meu pai. (...) A minha dureza, as minhas "portas fechadas" ainda são de meu pai. Eu acho que eu sou uma "construção" ainda com muitas "portas fechadas". (...) É o fato de ser o mais velho, primogênito, né? Eu num sei, também, explicar o motivo, não é? Talvez por ter sido, também, colocado pra ser homem. Talvez pelo fato de ter vivido fora de casa mais cedo, isso me fez, também, me aproximar mais dele e ter ele como modelo inicialmente, né, e isso fica difícil você acabar com isso de vez, né? Aí vem o pouco de machismo, de* macho *que ainda existe em mim, não é, de resolver as coisas de homem pra homem, essas coisas. (...) Ele tem muito mais facilidade de resolver grandes problemas com homem do que com mulher pelo fato de, com o homem, há bem mais opções de resolver as coisas do que com a mulher, já que a violência, a brutalidade e o machismo pra tratar duma coisa com o homem é uma opção, e, com a mulher, já não é tanto. Transmitiu uma imagem de que os homens são, realmente, mais* machos*, mais fortes. São mais insensíveis. Parece-me que os homens são mais "duros", e, principalmente, os homens são mais insensíveis. (...) Nunca cobrou nenhuma atitude minha, que eu me lembro: nunca de ser mais* macho *ou mais* fêmea*, nada.*

Haroldo se sente próximo do pai, preocupando-se com ele. Acredita que dá-lhe menos motivos de apreensão e percebe sua admiração, tendo até mudado a forma de expressão de carinho entre eles, embora limitadamente. Quanto às mulheres, aprendeu do pai que não deve dar muita atenção ao que dizem. Com os homens, afirma que reproduz socialmente as atitudes que aprendeu com o pai. Aqui, percebo claramente e destaco a transmissão da ideologia viril, pautada culturalmente na independência

financeira e afetiva, no trabalho profissional e na necessária provisão da família. Apesar de não reforçar a violência do filho, seu pai pareceu sentir-se orgulhoso quando Haroldo venceu uma briga com colegas de escola, atitude paterna que muito o agradou também:

> *acho que ele ouve um pouco mais. Eu bebo um pouco mais com ele. Ela é muito séria, hoje em dia. (...) Eu fico preocupado com ele. Antigamente, eu ficava preocupado comigo. Hoje, eu é que sou preocupado com ele, com o que ele faz da vida dele. Ele é próximo. Depois que os filhos cresceram etc., ele tem tido trabalho com uns, e com outros não, por assim dizer. (...) Então, acho que, há algum certo tempo, eu deixei de dar trabalho a ele e,* (risos) *além de deixar de dar trabalho, eu acho que ele admira, né? (...) Tomava a benção, né, e hoje em dia, a gente se agrada, aperta a mão; nos aniversários, a gente se beija. A benção, ninguém toma mais, né? O cumprimento mais comum é o aperto de mão, mas nas datas solenes, geralmente a gente se abraça e, às vezes, se beija. Ele sempre achou que as mulheres gostam de "tricotar", né, e que, por exemplo, isso num merece muita atenção: "quando tão 'tricotando', deixa elas 'tricotando' ali. Num dá muita atenção, não. Também, quando chegam falando muito, presta atenção no essencial. Deixa de prestar atenção nos detalhes". Eu acho que é uma reprodução, assim, né, da maneira que eu me relaciono com ele. (...) Ele me dizia mais ou menos o seguinte: que o homem bom deve trabalhar, casar, ter filhos, né, ter uma boa relação com os colegas de trabalho, com os amigos, tudinho, mas deve ter sempre, assim, uma certa independência, uma certa autonomia, num depender muito, (...) ter a sua (...) identidade, sua personalidade. Eu lembro, também falando em violência: uma vez, eu deveria ter perto de (...) 10-12 anos, e ele foi me pegar no colégio, e, na hora que ele chegou, eu tava brigando com outro garoto do colégio. Na verdade, não era com um: era com mais de um, né? E ele chegou em casa e comentou isso. Eu num fui reprovado por essa atitude e a maneira dele contar foi, assim, até de quem se gabava de alguma coisa. Eu achei ótimo também: isso foi o máximo!* (risos)

Apesar de não conversarem muito, Mário sente-se mais à vontade para expressar seus sentimentos ao pai, embora considere o relacionamento muito sofrido com ele. Conseguiu transformar a relação com o pai ao admitir sua homossexualidade e perceber que ele estava ao seu lado, mesmo não gostando de tal situação. Hoje, conseguem expressar afeto através de contato físico. Entretanto, se incomoda porque sua comunicação é freqüentemente indireta e sente-se ainda insatisfeito. Quanto às mulheres, o pai lhe transmitiu a imagem de que são trabalhosas, desprezíveis e que são uma grande responsabilidade, pois é bastante submisso e respeitoso com elas, demonstrando-lhes uma aparente indiferença. Através de uma relativa distância, seu pai tentou ser um modelo de homem para Mário, juntamente com outras figuras masculinas. Conta um longo episódio em que seus pais reforçaram sua reação violenta aos gracejos de um primo que questionou sua masculinidade:

> *embora eu não converse com meu pai como ele fala com meu irmão, (...) tenho com ele intimidade de conversar, (...) de abraçar e chorar, coisa que eu nunca fiz com minha mãe, né?*

(...) Parece que entre eu e ela é assim: é menos sofrida a nossa relação. Eu acho que eu sou mais próximo dela porque eu prefiro ficar com ela, por ser mais prazeroso: a gente ri mais, a gente é mais descontraído. (...) Acho que, com meu pai, eu tenho a impressão que tanto ele não fica à vontade quanto eu. (...) É mais sofrido pra eu falar com meu pai sobre a minha sexualidade ou ser eu mesmo pro meu pai do que com a minha mãe. (...) A minha relação com meu pai é uma relação de profundo respeito. É de amor. Meu pai disse pra mim que não concorda com o que eu faço em relação aos meus gostos sexuais, mas que ele vai estar sempre ao meu lado. Isso me deu profunda confiança, uma profunda segurança. Minha relação com ele é de extrema proteção. Eu me sinto hiper-protegido por ele. Eu me sinto bem com a presença dele. Hoje, meu pai, assim, me influenciou muito na minha orientação moral, crítica, de honestidade, de sinceridade, ser uma pessoa calma, tranqüila, sensata. Eu busco muito ser como ele é. Ele é muito atento, escuta muito. Ele fala muito, ele brinca demais, mas, nos momentos de falar sério, ele sabe chegar e falar, e é muito bonito quando ele fala sério. Ele fala pouco e diz tudo. Minha relação com o meu pai, o que eu vejo é ele como um herói. Meu pai, pra mim, é um grande "Super Man". E foi isso que me conquistou, há poucos anos atrás. (...) O meu pai nunca me bateu! Meu pai nunca gritou comigo. Falava sério, algumas vezes, pra demonstrar que estava desgostoso com a gente, mas nunca brigou ou ameaçou levantar a mão pra mim ou pra o meu irmão, né? Eu, também, nunca desafiei. Eu tenho uma paciência de Jó. (...) Foi com o passar do tempo que ele demonstrou pra mim que queria falar sobre a minha pessoa, falar mais sobre a minha relação com as mulheres. Foi aí que eu senti que eu não posso estar negando a minha relação como era. E eu chorava, dizendo pra ele que eu não ia mais tentar dissimular uma situação que ele sabia. Eu sabia que o sonho dele era que eu me casasse e tivesse filhos para ele ter os seus netos; tivesse a vida mais ou menos como ele tem; que eu o seguisse em qualquer coisa, tanto no aspecto moral como no aspecto dos amigos. Ele sempre dizia: "faça como seu pai faz". E eu sabia muito bem que eu não ia fazer como ele pediu pra mim. E eu chorava porque eu gosto muito dele, mas não dava pra fazer. E ele foi um paizão mesmo. (...) E hoje, a gente se olha; eu beijo meu pai, e, quando a gente se fala no telefone, ele manda beijo pra mim, né? (...) Eu me preocupo com ele. Sinto saudade de estar com ele. Era dissimulado: eu não beijava meu pai. Meu pai, também, era muito falso. Meu pai ficava escutando minhas conversas atrás da porta. Meu pai ficava me "brechando", sem nunca me enfrentar "de cara": era sonso. Eu tinha a impressão que meu pai era "enrustido": era casado, tinha filhos, mas gostava de homens também. A impressão que eu tive foi essa. Meu pai era assustado. E hoje, não. Hoje, eu acho meu pai, assim, fantástico. Eu acho que ele tem mais orgulho do meu irmão, não é? Eu acho que, primeiro, ele conta as coisas pro meu irmão, e, depois, pra mim. (...) É sempre assim: ele fala pro meu irmão; minha mãe escuta e fala pra mim. E eu vou lá de intrometido, que também quero saber o que aconteceu com ele. Me incomoda. (...) Meu pai era de deitar na rede comigo, de me fazer cócegas, e, quando criança, ele fazia isso com muita freqüência, não é? Meu pai me ensinou muita coisa, né? Meu pai me dava comida na boca: eu era muito magrinho; eu dava trabalho pra comer. Houve mudança com o tempo: a gente foi se distanciando. Passou um tempo em que a gente nem se olhava. Mudou com o tempo. Hoje, pra ele, é outro negócio: abraço, beijo ele, não é, tomo a benção - são coisas que estão mais próximo do corpo. O que eu quero ainda são coisas que estão bem distantes. Acho que influenciou no sentido do respeito. Meu pai disse que nunca se bate numa mulher e minha mãe vai dizer que meu pai nunca a levou num motel. Ele transmite um respeito pela mulher como algo, assim, como meio inatingível, né, e que ele é muito submisso à minha mãe. À minha avó, também: ele era muito submisso à minha avó porque ela perdeu o esposo, o outro filho, seu irmão, e como ele era o único filho de uma família que teve dois outros homens, né? Então, ele era muito paparicado por ela e ele tinha a minha avó como uma deusa. Todo dia, ele ia na casa dela. Era muito submisso: fazia todas as vontades dela. (...) É assim a visão que ele me passou das mulheres: que é muito trabalhoso; é muita responsabilidade. A imagem que ele transmite é que a mulher é, às vezes, até, assim, de caráter diferente. Minha mãe gritava, esperneava, fazia e acontecia, e ele mantinha aquela calma: parece que estava ouvindo música clássica. Ele dizia que a mulher era algo que não o atinge: desprezível, talvez. (...) Teve uma vez só: meu primo estava em minha casa e minha tia se queixando que era muito danado. E aí, minha mãe contava vantagem do que eu não era: eu

> *era muito arisco, mas, no colégio, era muito hiper-organizado. E eu tava na sala e meu tio também tava. Então, minha mãe foi buscar meu caderno pra mostrar e meu caderno tinha um monte de florzinha: parecia caderno de menina. E, quando ela começou a mostrar, passando as folhas, cheio de flores, o meu primo, espertíssimo e danado demais, disse: "parece caderno de mulherzinha". Olhe: esse menino conseguiu "arrasar" com todo mundo, né? Eu não tinha noção do que aquilo significava. Depois, o meu pai chegou pra mim e disse: "olhe, quando uma pessoa disser que você é mulherzinha, não leve esse desaforo pra casa. Devia ter respondido à altura". Aí, passou algum tempo: esse meu primo me chamou de mulherzinha de novo, na piscina do sítio do avô, e eu quase que mato esse menino afogado* (riso)*. Ele saiu e tinha asma: tava todo roxo, tossindo - ele bebeu muita água. A minha tia, brigando comigo, querendo que minha mãe brigasse comigo, e minha mãe brigou comigo e piscou o olho, sabe, como se dissesse "é isso que você tem que fazer".*

Apesar de perceber o "fechamento" e a falta de intimidade com o pai, José admira e se identifica muito com ele, admitindo que o imita em muitas situações. Aprendeu com o pai que deve sempre lutar para ser o melhor em tudo o que fizer, o que lhe "pesa" muito hoje, embora não consiga mudar tal postura. Mais uma vez, encontro aqui a ideologia do *papel sócio-cultural* masculino intrinsecamente ligado ao trabalho, à fortaleza, à independência e à provisão da família, bem como a necessidade de imposição de limites ao *poder doméstico feminino* entre alguns homens, ou, em outros termos, a ainda prevalecente *dominação masculina patriarcal*, embora decadente:

> *o velho era muito "trancado". O meu pai é muito "fechado": gente boa, "cabra" bom, de primeira, mas não era de conversar. (...) Um grande pai, disciplinador: apanhei dele, de cipó, de tudo. Não tenho recalque: eu apanhava porque merecia mesmo e eu tive um relacionamento excelente com ele. Só com um detalhe: ele tem 64 anos. Não é tão velho. Ele é mais velho que eu 20 anos, somente. Hoje, ainda é vivo. Tenho um bom relacionamento com ele. Quero bem demais a ele. Interessante: minha mãe queria mais bem a mim, mas eu queria mais bem a meu pai. Se fosse medir preferência, eu queria mais bem a meu pai, mas ele, toda vida, foi muito "fechado". (...) Era de "conversar abobrinha": "como é que vai os estudos, as nota" e tal. (...) Eu nunca tive problema, nem com pai, nem com mãe, com criação. Eu, às vezes, via os "cabras" ter uns problemas, recalque, tal: eu não tenho nada disso. Hoje, (...) a gente conversa mais, mas conversa assim: pouco sobre ele e sobre mim. Conversa mais sobre o geral, os problemas que ele tem, mas de ordem financeira: aí, tal, eu "chego junto". (...) Mas não tem cumplicidade. Eu, tirando algumas arestas, eu sou muito parecido com ele, em relação a isso. Tanto com as esposas, quanto com as "quengas"* (risos)*, com as meninas de fora, ele era muito namorador, muito mulherengo. (...) Corrigindo algumas "arestas", com meus filhos, eu sou "aberto": beijo e converso e falo tudo. Tirando algumas coisas, eu sou a cópia fiel do meu pai. Com os amigos, eu não gostava de ocupar ninguém: tudo do meu pai. Eu sou muito parecido com ele neste sentido. Acho que copiei, claro. Basicamente, ele não me transmitiu nada: eu assimilava por ver o comportamento dele. Era esse: tem que trabalhar; tem que "batalhar"; tem que ser direito; tem que ter um bom relacionamento com a mulher; ter todo o cuidado com a esposa, com os filhos; "se matar" para isso. (...) Tem de ser bom, mas a mulher tem que ter o limite dela: até aquele limite, ela vai; daí para frente, é só com permissão, senão não adianta. Só me cobrou sempre trabalhar e estudar; vencer, mas por meios lícitos. Ah, eu sempre fui o primeiro da classe; eu sempre fui o primeiro no CPOR! Ele me criou a mania de ser sempre o primeiro lugar. Pesa, pesa: hoje, se mantém. Na minha empresa, eu sempre fui o primeiro lugar, sempre, sempre, e isso vai até o resto da vida.*

> *Eles dizem para mim que tanto faz ser o segundo como o centésimo: os "louros da vitória" são sempre do primeiro. As atenções são sempre para o primeiro.*

Marcos, apesar da maior proximidade com a mãe, vem se chegando ao pai aos poucos por meio de correspondência postal, sentindo-se afetivamente mais satisfeito com a conquista recente e contentando-se com os sinais sutis do afeto paterno. Embora tenham tido um relacionamento bastante conflituoso durante muito tempo, hoje se sente respeitado pelo pai porque se tornou financeiramente independente dele, o que o diferencia dos demais irmãos, mas não há expressão física de afeto entre eles. Destaco aqui o uso das costumeiras justificativas do maior distanciamento paterno em relação à mãe, como a necessidade de provimento e de sustento financeiro da família, atitudes que Marcos absorve do pai e que parece utilizar no relacionamento com seu próprio filho:

> *até uns cinco anos atrás, mais ou menos, eu era muito mais próximo, como sou ainda, da minha mãe do que do meu pai. Hoje, eu estou muito mais próximo do meu pai. É gozado: eu estou gostando mais de estar mais próximo do meu pai, acho que porque meu pai mudou. Meu pai, hoje, está conversando mais comigo. Eu tenho 33 anos: eu estou começando a me relacionar com ele agora, através de carta. Eu não esperava que meu pai escrevesse cartas. (...) Eu escrevia pra ele; eu dizia: "pai, eu te amo. Pai, eu quero que você fale comigo". E ele sempre muito sério, muito distante comigo. (...) A minha mãe está sempre próxima, mas esta proximidade é muito mais física do que afetiva. Eu sinto que eu estou muito mais afetivamente ligado ao meu pai do que à minha mãe. Muito dolorosa, no início, era na época quando eu tinha os meus 17-18 anos. (...) Comecei a trabalhar com ele: (...) isso não me fez bem. (...) Meu pai pagava a minha faculdade: (...) eu queria a minha carreira "solo". Então, eu brigava muito com o meu pai: queria esnobar e não conseguia. Foi uma "zona", uma considerável "zona". Aí, saí: (...) comecei a trabalhar; viajei para o Nordeste e mudei para o Ceará. (...) Me casei e, logo no começo, passei um aperto "filha da mãe", um aperto de grana "fodido". Liguei para o meu pai: "pai, preciso de dinheiro emprestado". "Não tem". E eu aqui, todo "fodido". Pedi duas vezes. "Não tem". Não pedi a terceira, (...) mas isso me ensinou muita coisa que hoje eu vejo, que eu não via quando eu tinha vinte e poucos anos. É aquele negócio: "faça por si mesmo as suas coisas. Você não vai conseguir nada através dos outros. Você só pode conseguir suas coisas através de si". Mas isso custou muito porque ele poderia ter me ensinado isso com muito mais palavras e gestos do que financeiramente. Meu pai sempre foi muito preocupado com os filhos pegando dinheiro dele. O velho falava: "não lhe dou dinheiro. Também não lhe dou atenção porque, se eu for lhe dar atenção, você vai me pedir dinheiro; e também não falo nada para você porque se eu for falar alguma coisa, você vai me pedir dinheiro. Não dou dinheiro, não falo, não dou atenção". Pronto: esse era o meu pai no passado. E hoje, eu vejo que é muito diferente. Por isso que eu digo que, hoje, eu estou muito mais ligado a ele porque eu posso conversar com ele e ele sabe que eu não quero dinheiro. Acho que isso deu tranqüilidade para ele conversar comigo. (...) Na cabeça do meu pai, existe o Marcos e os outros filhos. (...) Por que? Porque eu sempre fui o escrachado: "o Marcos não serve para isso. Marcos não serve para aquilo. O Marcos não é bom administrador. O Marcos não é bom. Não vai conseguir. Vai ser sempre 'bunda mole'. Não vai conseguir nada na vida etc. etc. etc." E eu provei "por A + B" que eu consigo, que eu fiz, que eu batalhei e venci. (...) Eu sei que ele me respeita muito hoje, diferentemente dos outros irmãos. Então, já há uma discussão mais de homem para homem, hoje, que não tinha. Antes, era uma condição: "eu sou o pai e vocês são os filhos. Não ousem dar 'pitaco' na minha vida". (...) Hoje, eu brigo; hoje, eu*

> *converso com ele; hoje, eu discuto assuntos com ele. (...) Ele tem me dado provas disso só de palavras. Eu abraço; busco abraçar o meu pai, hoje. (...) Recebi uma carta. (...) Para o meu pai escrever assim, escrever uma carta para mim e mandar um beijo - "tchau, um beijo" - nossa! Eu fiquei mais pasmo do meu pai escrever isso para mim do que chorar, de ficar assim porque isso nunca aconteceu. Essa foi a primeira carta. (...) Isso é uma coisa muito gostosa. Isso é uma coisa que todos os pais deveriam dar para os filhos. Quer dizer: o filho, no relacionamento com o pai, o pai pensa muito na "grana", né, dá condição para o filho, esse negócio todo. E eu sou pai, hoje, apesar de ser pai só há 6 anos, mas eu sei muito o que é isso. A gente sempre fala: "a gente não teve pai quando era pequeno". A gente sempre falava: "a gente tem um provedor, aquele que dá dinheiro, né? Ele dava o dinheiro, mas não era pai". Então, mudou muito. Hoje, eu tenho um pai que não tive 30 anos para trás.*

Filho único, Renato percebe-se em vários pontos muito parecido e identificado com o pai, pois pode conversar abertamente e sente-se mais acolhido por ele do que pela mãe, embora as manifestações de afeto tenham diminuído ao longo do tempo. Neste caso, temos uma mostra clara da importância dos jogos viris na aprendizagem da masculinidade através da figura paterna, mas transparece também um temor subliminar de tensão nas relações entre os homens. Renato se ressente da falta de um modelo masculino mais forte no relacionamento com as mulheres, considerando o pai excessivamente feminino ou até mesmo afeminado, sentindo-se envergonhado de sua fraqueza pouco identificado com ele neste aspecto, pois acredita que o pai adota uma postura excessivamente submissa e respeitosa em relação à mãe e às mulheres em geral, como expôs extensamente a mim:

> *exatamente por ele ser um "cara" mais carinhoso, sabe? Ela não é. Desde pequeno, ela nunca foi. E ele é e gosta de crianças e tal, e foi por aí. E até a semelhança, o meu jeito, se parece muito com o jeito dele: ele é muito manso e eu acho que eu sou por aí, também. (...) Até a própria questão da gente conversar, tecnicamente. Por exemplo: há pouco tempo, eu bati o carro. Então, ele ficou me dando "carona" pra ir pros cantos, e foi um momento que eu até comentei com ele que tinha sido bom porque a gente tinha se reaproximado, e ele até falou alguma coisa do tipo: "é, às vezes, a gente se distancia e não sabe nem como o outro tá pensando também, se ainda pensa as mesmas coisas ou não". Pois é, então, porque é uma pessoa que eu posso conversar abertamente. (...) Mas eu acho que meu pai fez a coisa muito bem feita porque eu não sinto raiva dele: eu não me lembro de ter sentido raiva dele, exceto alguns fins de semana, algumas coisas desse tipo, que eu ficava em casa e era muito monótono. Mas eu sempre senti muita raiva da mamãe, exatamente por causa de censura, de eu não poder fazer as coisas. Pois é: às vezes, eu fico até me lembrando aquele lance de "Édipo" e "Electra". "Porra", o meu "Édipo" foi invertido aqui, apesar de que eu nunca tive, assim, fantasias de sexo com o meu pai, mas eu acho muito louco, também, isso de eu me dar melhor com o meu pai! Mas eu acho, também, que é porque eu sou filho único. (...) Eu, quando era pequeno, não tinha com quem brigar, assim, brigar mesmo, se agarrar e tal. Aí, ele fazia isso comigo: a gente brigava e tal, não-sei-o-que, nos finais de semana. (...) Nas férias, eu viajava com ele. Foram situações que ajudaram a aproximar mais, coisa que, com a mamãe, (...) eu nunca tive essa proximidade. (...) Com o velho, eu me lembro de mais carinho, mas hoje em dia, nem tanto. Eu acho que teve um momento que eu quis cortar relações para os dois, mas mais pra mamãe. (...) Com ele, tem um "lance legal", que é essa coisa do carinho de homem é "foda"! Por exemplo: têm vezes que eu quis só um toque, mas "tipo"*

> *dando murro e tal, né? Mas eu acho que isso caracterizaria até um carinho, mas um carinho de homem, já que o homem tem essa dificuldade de expressar o carinho, alisando ele e tudo: aí, vem dessa forma. (...) Eu nem vi ele "dando em cima" de outras mulheres - que é o que eu preferia que ele fizesse - e nem também com a mamãe. (...) Eu acho o meu pai com jeito de "gay", sabe? Ele é assim, muito assim, e, quando ele fala no telefone, ele tem, assim, uma coisa muito feminina porque, já que ele era o mais velho, ele ajudou muito minha avó e fez atividades de casa, "tipo" cozinha e tal. Não que isso influencia, mas, pelos moldes daquela época, do que era ser educado, eu acho que acabou, de certo ponto, afeminado. (...) E eu acho que a maneira que ele me influenciou com os homens foi eu ser mais "escroto", mais "duro" para não ser como ele. Perante outras pessoas, eu fico logo sério para ficar aquela coisa "o pai do 'cara' é, mas ele não é", e tenho essa postura mais rígida: eu me sinto mal; me sinto envergonhado. Hoje, eu já procuro "deixar por menos" e achar engraçado. (...) Sinceramente, eu não sei, até pelo desinteresse que ele tem pela mamãe e não arranja outra "figura". Ele dá umas saídas, de manhã, mas sei lá. Eu só achava "legal" se ele chegasse e falasse. Eu achava mais "legal", né, mas, aí, se ele for, não tem grandes problemas, não. Olha: eu acho que ele sempre teve um pouco de medo, também, sabe? Pelo menos, é assim que eu sinto: respeitar muito; respeitar em excesso; ter sempre uma postura complacente para outras pessoas. (...) Eu vi como ele era submisso em relação à minha mãe. Então, eu acho que ele deve ter-me transmitido também isso. Ele é um "anti-espelho": é um "anti-exemplo".*

Aqui, sem dúvida, temos um claro exemplo do modelo do pai desvirilizado, surgido a partir do desenvolvimento das sociedades industriais, a que já me referi em outro trecho desta tese. Para Sílvio, a menor proximidade com seu pai se justifica pela maior presença da mãe na adolescência, que não trabalhava quando ele mais precisou de apoio familiar, mas acredita que o pai lhe propiciou muita autonomia, tendo aprendido a se relacionar com os diferentes estilos dos pais, trabalhando com ambos até hoje. Entretanto, o modelo paterno também funcionou negativamente, já que Sílvio evita repetir o tratamento que o pai dedicava à sua mãe, o que levou o filho a lidar de uma maneira diferenciada com as mulheres:

> *mais próximo dela, assim, porque, no período da minha adolescência, que eu acho que foi uma fase de transformação, aquela coisa toda, realmente ela que estava mais próximo de mim. Logo, na época, ela não trabalhava: estava mais dentro de casa. (...) Hoje, a minha relação com meu pai é boa. Como eu falei, na época da adolescência, assim, eu tive aquela coisa meio estranha, mas hoje não, principalmente porque a gente passa o dia juntos, porque trabalha junto. Então, melhorou 100% e até mesmo em casa. É assim porque a gente tem dois estilos totalmente diferentes. (...) Realmente, me dá muita autonomia. Ele foi sempre muito "danado". Então, assim, às vezes, ficava "aquele" clima lá dentro de casa. Então, isso aí, eu acho que serviu até de base por ver o que acontecia lá. A relação dele com a mamãe, de certa forma, me traçou uma linha pra dizer: "olhe, se você quer ser correto, se você não quer ter sofrimento pra tua namorada, pra tua esposa, sei-lá-o-que, não vai fazer isso". (...) Normalmente, o que eu busco fazer é, se eu tô com uma namorada, eu só tô com ela e pronto!*

Jorge tem mais contatos com a mãe, embora o relacionamento com o pai seja menos conflituoso, tendo se identificado com ele e incorporado muitos dos seus valores cristãos e de não-violência, pois considera a mãe excessivamente preconceituosa.

Entretanto, apenas recentemente conseguiu expressar afeto pelo pai, pois adaptou-se às ausências dele em momentos importantes de sua vida:

> *eu converso mais com ela, mas tenho menos problemas com o meu pai. Meu pai participava pouco da parte educacional, assim, direto, de estar com os filhos, de cobrança do dia-a-dia. Esse trabalho pesou mais pra minha mãe, mas os valores morais que eu, na maioria, tenho hoje, acho que se devem ao meu pai, às conversas que eu tinha com ele, à convivência, a conselhos dele. Eu acho que minha mãe tinha mais preconceito. Meu pai era muito católico: então, eu acho que ele considera o ser humano como ser humano, independente de sexo. Ele, eu vim beijá-lo depois que eu já estou homem: é, quando eu chego lá, eu beijo ele, mas, quando eu era menino e "brochote", não tinha essa abertura. Quando criança, tinha, apesar de que eu acho que era menos do que hoje. Hoje, eu beijo, abraço. (...) No início, quando eu beijava, ele ficava - o termo não é bem rejeição - não sei: talvez ele se sentisse inadequado, não sei. Hoje, não: hoje, a gente se beija, sem problema, se abraça. Meu pai já é casado duas vezes, e, segundo ele diz, é monogâmico, e eu acho que essa monogamia, eu acho que lhe devo, eu acho que foi um valor que eu assumi basicamente devido a ele. Meu pai tinha por filosofia a filosofia cristã. Então, era muito de conversar, de não ter violência. (...) Ele cobrava não pressão: ele cobrava diálogo. (...) Eu sentia que tinha diferença: que o papai pouco participava de eventos esportivos, de jogos, seja de que qualidade for, e daí eu também não gosto de jogo e, de certa forma, num determinado momento, eu senti dificuldade por não ter nenhum tipo de esporte que eu praticasse.*

Sem dúvida, posso perceber alguns avanços na intimidade e na expressão de afeto entre pais e filhos, apesar da postura rígida, autoritária e dura de muitos pais, tendo certos entrevistados buscado ativamente uma maior proximidade com eles, por vezes tardiamente. Entretanto, a relação entre pais e filhos ainda é recheada de entraves e de limites, como podemos perceber nos depoimentos que exponho a seguir.

. *O pai ausente, omisso, rejeitado ou violento e outros reforçadores de atitudes socialmente consideradas masculinas*

Apesar dos reconhecíveis progressos no que se refere à expressão de sentimentos e à intimidade nos relacionamentos entre pais e filhos, particularmente nas últimas décadas, a figura paterna é ainda freqüentemente percebida como ausente, omissa, rejeitadora, agressiva ou mesmo violenta – e por isto mesmo desprezada, devo destacar. Além de expressar tal imagem negativa, a maioria de meus entrevistados se

sente mais próxima de suas mães, o que evidencia as ainda persistentes dificuldades de acesso afetivo e íntimo à figura paterna. Luís, que é filho adotivo, conta que teve um relacionamento conflituoso com o pai já falecido, embora fosse mais próximo dele do que os seus irmãos, filhos de um casamento paterno anterior. Além de o pai ter-lhe ensinado a lidar com as mulheres, aprendeu também com ele que os homens esquecem a amizade na disputa pelas mulheres:

> *me sinto mais próximo é mesmo é da minha mãe. Eu acho que, na adolescência, o meu relacionamento com o meu pai num era, assim, amistoso: ele era muito machista. Não sei se é porque eu fosse o caçula dele, mas ele era mais chegado a mim do que meus outros irmãos. Ele me falava, assim, acerca das mulheres; como agir com as mulheres como homem; de que tipo de homem a mulher gostava, assim, sexualmente. Ele sempre dava umas dicas. (...) Contava que as mulheres gostavam de carinho; falava sempre pra mim que, no relacionamento sexual, o homem num poderia pensar só nele, só no prazer dele: pra ele se preocupar no prazer da mulher. Às vezes, ele interferia, né, nos meus relacionamentos com as meninas. (...) Num sei se é porque ele gostava de mulheres. Eu dizia pra ele que se tratava duma questão pessoal. O ponto de vista dele, também, eu respeitava. Acho que ele teve de respeitar a minha opinião, meu ponto de vista diferente do que ele achava. Ele passou uma imagem dos homens: ele disse que existem amigos, mas, quando o assunto é mulher, muitas vezes, o "caboclo" esquece o companheirismo. Acho que a amizade, quando se trata de mulher, acho que num há amizade. Tratando-se de mulher e homem, é cada um por si: olha o que ele falava!*

Tomás afirma que a relação com o pai é de freqüente animosidade, mas prefere se calar, pois seu relacionamento se transformou de um temor respeitoso em decepção e mesmo numa certa rejeição ao pai, havendo rara manifestação de carinho entre eles. Deixou de perceber seu pai como herói e se sente constrangido por ele e o irmão serem mais admirados em comparação às suas irmãs pelo simples fato serem homens. Embora pareça se sentir grato ao pai, que o incentivava a sair de casa e a enfrentar a timidez com o sexo feminino, aprendeu a evitar repetir as traições dele à mãe. Tomás também sentiu a pressão para corresponder aos ideais paternos de sempre ser o melhor em tudo, de ter *poder* e posição social e de prevalecer sobre as mulheres, o que considera influência negativa do pai:

> *às vezes, num concordo com muitas opiniões do meu pai, né? A gente discute certas opiniões e, geralmente, cai no aspecto financeiro, né? (...) A relação com o meu pai, antigamente, ela era baseada, assim, no respeito, no medo do pai, né? Hoje, (...) ela virou completamente porque eu enxergo muitos defeitos nele, atualmente, né? E hoje, eu diria que chega a ser uma relação de - eu num diria de desprezo, não, em absoluto - mas de vê-lo, assim, com inferioridade, vendo muitos defeitos nele, né? Isso mudou muito. Antigamente - não que você idolatrasse seu pai, né? - o pai num era herói, mas eu sentia aquele respeito por ele, né? Eu sentia um certo medo de desobedecer as ordens dele, né? Você vê, assim, às vezes, mandando você fazer determinada coisa, quando ele mesmo num faz, né? Por exemplo: teve uma vez, né, que eu fui trabalhar no*

mercantil - acho que um mercadinho dum amigo dele, né? Eu acho que eu tinha uns 13, 12 anos, né? Esse rapaz com o qual eu trabalhava, (...) de vez em quando, me botava no caixa, né? E eu, menino pequeno, vendo aquele dinheiro, né, não resisti a pegar algum dinheiro. Eu pegava um dinheiro e comprava uma coisinha ali do caixa. Uma certa hora, descobriram o serviço, né? Aí, meu pai me bateu muito, num-sei-que, né, me fez devolver o dinheiro na frente do "cara". Esse é um momento de maiores vergonhas da minha vida, né? (...) Quando eu acho que eu tinha uns 17, foi num mercantil, numa cidade do interior, e ele foi comprar uma foice ou foi uma enxada, né, de tal maneira que trocou o preço, né, pra pagar mais barato. Eu num falo mal porque num quero, né, isso também pra ele. (...) Têm esses e outros fatos que não podem ser bons. O "cara" faz e faz assim, na frente do filho, né, descaradamente, num-sei-que, mas eu nunca falo as coisas. (...) Conheço as minhas críticas, mas eu guardo. Talvez seja porque o meu pai, ele protege mais os homens, né? De fato, ele libera o dinheiro e entre eles há mais orgulho dos homens. Eu num acredito que, numa família, por exemplo, só por questão de sexo, tenha nascido dois homens inteligentes e duas mulheres "burras", mas lá em casa, para esse plano sexual, (...) eles passam isso pra gente. (...) É já uma manifestação que se espera do papai, ele dar um abraço, num-sei-que, mas é raro, né? Um em cada 2 meses, ele me dá um beijo, num-sei-que. Eu, às vezes, até brinco: "mas pra que um e não mais?" (...) Eu num acharia chato beijar um homem, do pai beijar um outro homem. (...) É que o meu pai, ele nunca foi muito próximo, assim, dos filhos: não teve mais próximo até agora, né? É tanto que, até a questão do colégio, ele nunca me acompanhou: nunca ensinou, assim, a tarefa de casa, né? Era só na hora de assinar o boletim e dar o "carão" nas "notas vermelhas", (...) né? Mas ele nunca foi, assim, muito chegado aos filhos, até de brincar com os filhos. (...) E hoje em dia, num brinca mais mesmo porque, agora, que nós mesmos não somos crianças, né, num tem esse relacionamento tão próximo. A relação minha com ele que influenciou as mulheres, que eu vejo, é nesse aspecto da traição, né? Isso é a coisa dele que mais me marcou em relação às mulheres, né: é nunca procurar trair porque você sabe que vai "pro balde", (...) "cagar" na sua vida, né? Ele transmitiu, assim, mais o que eu achei errado, né: que o homem, ele precisa ter uma amante, num-sei-que. Tentando ser franco, é a imagem que ele passava, né, de o homem prevalecer sobre a mulher. Era tanto que, antigamente, antes de haver essa traição, minha mãe, o salário que ela ganhava, dava pra ele, né? Não sei se, às vezes, essa questão de época, né, de conceito, mas eu achava isso um absurdo: a mulher ganha o seu salário e dá o salário pro homem, pra administrar, num-sei-que, né? Era sempre essa questão. Eu num gosto dessa questão de, pra ele, a gente tem que ser o máximo. (...) Eu mesmo entrei na medicina mais por causa dele, também: "não, você tem que ser médico. Você vai ter que ser cirurgião, né?" (...) Às vezes, quando eu queria abandonar a medicina, ele ficava muito chateado, aborrecido, num-sei-que, né? No vestibular, ele prometia vários prêmios, né: "ó, se você passar no vestibular pra medicina, eu darei um carro, darei um videocassete, num-sei-que-lá". Bom, eu sei que, depois, eu viria até a ganhar um carro, né: comprou um carro e deu o carro. Mas, aí, quando eu saí da medicina, ele: "troca esse carro. Agora, você vai sair da medicina: num precisa mais dum carro, não. (...) Quer dizer: ele sempre passou pra mim foi essa idéia de "só presta se você for bom, se você tiver lá em cima", (...) você ter o poder, uma grande posição social, né? Isso ele passou, né: o homem ser melhor do que a mulher, né, mas isso eu via atrás do jogo dele, né? Nessa questão de vida, né, de relação com as mulheres, ele dizia assim, porque eu, continuando muito tímido, decerto ficava muito em casa, né, e ele sempre ficava querendo era me empurrar pr'eu sair. (...) Eu me sentia, às vezes, constrangido por isso. (...) E, por isso, talvez, eu tenha me recluso muito ao quarto. Hoje, diminuiu bastante, mas no meu período de 15 aos 20 anos, mais ou menos, 19, tinha época, tinha dias que eu ficava o dia todo no quarto, né?

Valdir era mais chegado à mãe, pois o pai não permitia muita aproximação e sempre foi muito pouco afetivo. Hoje, entretanto, conseguiu que ficassem mais íntimos e descobriu facetas interessantes que não imaginava dele. Apesar de negar ter seguido os seus conselhos, parece ter incorporado dele a resistência ao casamento, o que tenta

transmitir também aos filhos, embora tenha se casado e se separado de várias mulheres e afirme que não voltará a fazê-lo. Seu pai queria que fosse militar como ele, descrendo em sua opção pela engenharia, o que muito o desapontou. Entretanto, apesar do "peso" sócio-cultural da dominação e da violência masculinas, era sua mãe quem o repreendia e o punia quando sofria reveses nas brigas com outros garotos:

> *o papai, também, num entrava muito espaço. Hoje, ele já tá mais velho, com 75-76 anos. Tá mais "aberto". Uns 3 meses atrás, eu tava lá no interior. Eu cheguei pra ele: me contou coisa que eu jamais esperei que ele me contasse - ele contar coisas de quando era rapaz. Lembrou um negócio que eu tinha feito, um cordel, num-sei-que. Ele até me pegou de surpresa: eu, com 50 anos; ele, com 75; e ele - sei lá - se relaxou lá e contou, e eu, pego, senti aquela coisa. Há umas coisas que ele é bom. Sempre foi muito seco. Eu, se eu tivesse ouvido o que ele me dizia, num teria nem me casado. Ele mesmo dizia assim: "rapaz, num casa. Rapaz, num casa". E eu gravei isso - "rapaz, num casa", como ele dizia - e até eu quero dizer pros meus filhos hoje: "rapaz, num casa". (...) O velho, ele apenas queria que eu fosse ser militar, né, que ele era militar. (...) Mas eu desisti de ser militar porque eu já tentei - (...) tentei no Colégio Militar - não passei. E, assim, ele num gostou muito porque eu num fui ser militar. Inclusive, quando eu tomei minha conta de fazer engenharia, ele disse uma coisa que eu num vou me esquecer. Ele foi e disse: "você quer ser engenheiro! Você quer ser engenheiro!" Mas ele disse, assim, num ar que eu queria, mas num ia conseguir e tal. Pela aí, me marcou. A mamãe, quando eu chegava em casa "apanhado", eu recebia um safanão: fazia a gente voltar pra* (riso) *"descontar". (...) Eu num podia voltar "apanhado". O que tinha apanhado, ou voltava calado, ou, então, num vinha com negócio de apanhar. Tinha que demonstrar que ia reagir.*

Apesar da freqüência dos presentes e dos desejos sempre atendidos, Flávio tinha medo do pai, adotando uma postura de frieza em relação a ele. Considerava seus agrados mera obrigação paterna, rejeitando seus carinhos. Nunca conseguiu ser íntimo dele e até se refere a ele pelo nome próprio, não como pai. Embora rejeite a figura paterna, acredita que incorporou a idéia de que as mulheres são descartáveis:

> *meu pai, pra mim, sempre foi aquele "cara" que era só dinheiro. (...) Eu dizia, eu sonhava com uma coisa, e o troço tava na mão. (...) Ah, se eu dissesse, se sonhasse o quê que eu queria, antes de dizer, eu já tava com o troço na mão. (...) Meu pai era (...) um "cara" que me inspirava medo também, entendeu: medo porque bebia; medo porque ele brigava com minha mãe. Minha mãe brigava com ele até brigas feias e ele ameaçava que ia se suicidar. Pra mim, ele fazia uma festa, mas me preocupava com o meu irmão mais novo. (...) Ele num tinha coragem: ele era louco, alucinado pela minha mãe. (...) Ele era louco por mim, né? Eu tinha um certo medo, uma coisa assim. Pra mim, é como se fosse tudo perfeito: o que fazia por mim era obrigado, entendeu? Era por ser pai: era obrigado a fazer. (...) Eu nunca comentei: "ah, porque papai era isso. O papai fez aquilo". Eu dizia "ah, porque Antonio é isso. Antonio é aquilo". (...) Muito pouca a conversa com ele, sabe, muito pouca. (...) Eu tinha medo num sei de quê, porque eu tinha a minha mãe do meu lado e minha mãe mandava nele, mas eu tinha um certo medo dele. Doutor, inclusive - "eras"! Tenho até vergonha de falar! - mas o cheiro dele não me era muito agradável. Eu me lembro que, se eu tenha dado uns 2-3 beijos nele quando criança, eu senti algo salgado, né, e aquilo não me era muito bom. Foi muito pouco tempo: ele morreu, eu tinha 11 anos. Mas ele era louco. (...) Essas coisas, eu me lembro: da loucura dele por mim. Ele era um "cara" atípico, né? (...) Essa história de "mulher é pra se usar", né? O meu pai, até velho, até antes de*

> *morrer, ele era um "cara galinha". É que tem uma cena que me vem à cabeça: ele me obrigando a andar com um garoto que tinha a minha faixa de idade - 8, 9, 10 anos - e eu sempre fui muito esperto. Eu já tinha ouvido em casa, uma ou duas vezes com a minha mãe, que ele tava com uma outra mulher, e esse menino, andando com a gente no carro, e, de vez em quando, eu notava - "ah, esse menino, parecido com você". "Eles são a cara: são irmãos" - tanto desconfiando daquilo como se aquele menino fosse meu irmão, que, até hoje, eu desconfio que "seje". Então, nesse sentido de usar as mulheres, ele me influenciou um bocado. Por exemplo: a mania de dar coisas, muito, pra mulher. É verdade que eu num dou, me entende? Se eu desse, eu tava "fodido". Quer dizer: eu passo uma semana, 2 dias, 3 dias, mas meu pai tinha mania de negócio de jóia. Ele brigava com minha mãe, hoje; amanhã, trazia um anel, trazia um colar, sabe? Isso aí, eu tenho vontade, mas jamais confiaria dar uma jóia a uma mulher. Jamais: eu sabia que era "jogar no ralo". Me vêm à cabeça aquelas mulheres muito "vamp": a imagem que ele me fez ter das mulheres. Sabe aquelas mulheres muito vulgares, "peruas", né? Ele sempre, pra mim, foi meio nulo. Então, isso num teve muita influência, não, porque era mais pelo lado da minha mãe. A coisa era mais da minha mãe. Quem "segurava mais a barra" era a minha mãe. A que era mais ligada à educação da gente era minha mãe.*

Ernesto percebia o pai como uma pessoa mais fraca do que a mãe, mas temia a autoridade arrogante e o temperamento violento dele e sentiu falta de seu incentivo, admitindo sua influência à distância, embora não o considere um modelo de homem. Com o pai, entretanto, aprendeu a se precaver contra as mulheres muito ousadas:

> *com relação ao meu pai, apesar dele ser querido, ele tinha uma coisa autoritária que deixava ele inflamado. O meu pai tinha personalidade mais fraca. Era ruim pra mim. Devia ter um outro filho. Então, ele passava por uma personalidade mais fraca, apesar de castigar a gente.* (pausa) *Ele era ruim: só violência e um tanto arrogante. Ele batia na gente para castigar por tudo, mas, quando envelheceu, ficou mais próximo.* (Pausa) *Machista, né? Como minha mãe tinha a personalidade muito forte, eu achava ele fraco. Parecia ter mais autoridade do que ela, na hora de falar alto, né, quando eu apanhava. (...) Num tinha, assim, um modelo, tá ouvindo? Ele pouco enturmava, muito pouco. (...) Não me ajudava muito. (...) Um certo cuidado, né, com as mulheres por conta disso que os homens fazem com as mulheres mais "avançadas", né?*

Gilson sempre adotou uma postura diferenciada em relação ao irmão rebelde já morto para obter o amor e a admiração dos pais, se ressentindo da distância e da falta das atenções paternas durante toda a sua vida, mas tenta entender o pai a partir de justificativas sócio-culturais e históricas, pois se aproximou dele pouco antes de seu falecimento. Destaco que a necessidade de trabalhar e a função de provedor da família são sempre as principais alegações por parte dos filhos para justificar a ausência paterna. Gilson considera um tanto confusas as suas relações com os homens, sempre se policiando para não senti-los ou tratá-los como objetos de seu desejo, mas não sabe até que ponto aprendeu a desconfiar dos contatos masculinos com o próprio pai. Embora tenha demorado a aceitá-lo, acabou por incorporar e por se identificar com seu modelo de bondade e de simplicidade. Aqui, também, percebo a perspectiva dicotômica

entre os *papéis sociais de gênero*, a *diferenciação* dos universos masculino e feminino, bem como o exercício sutil do *poder* doméstico feminino na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*:

> *eu era mais próximo dela, criança, e tudo porque meu pai era uma pessoa muito distante. Eu acho que ele imaginava que o papel dele como pai, como homem, era o sustento da família e manter a casa, sobretudo. Eu acho que ele imaginava que aí acabava o papel dele como pai. Mas, depois, quando adulto, principalmente depois que eu saí de casa, (...) quando eu voltava para A., a gente sentava pra conversar e eu achava a conversa agradável. E até depois, quando eu passei a entender melhor, eu passei a ver que ele era uma pessoa simples. Ele era "aquela pessoa" e ele não tinha necessidade de mais nada: tudo era simples pra ele; ele se satisfazia com pouco; ele queria permanecer morando no interior, mas ela tanto fez que levou ele para A. porque nós íamos estudar. Eu acho que ele morreu, de enfarto ou não, mas em função disso, daquela vida de cidade maior. (...) Foi muito ruim porque nós não vivemos aproximação nenhuma, apesar do último ano de vida dele, eu ter passado a entender ele. E sinto uma coisa boa, hoje, em relação a ele, mas teve épocas em que eu tive raiva dele: minha mãe ter transmitido aquela idéia dele ser uma pessoa fraca, sem espírito batalhador, sem ser competitivo. Eu achava que tudo isso eram valores que ele não tinha, e depois, eu descobri que não era nada daquilo: ele era outra pessoa, outra coisa. (...) Meu irmão mais velho (...) "enchia o saco" de minha mãe também, e isso me desagradava muito, e eu queria protegê-la, e ficava naquela tensão, e eu não sei se fazia exatamente porque ela queria e procurava me comportar de uma forma exatamente contrária à dele pra ver se preenchia, se agradava: era o certinho, o arrumadinho, o limpo; não sujava a roupa; não voltava pra casa sujo, arranhado, batido, nada disso. E ele fazia tudo ao contrário: chegava em casa com a farda rasgada, suja; e apanhava; brigava na rua; voltava molhado, a roupa toda molhada de rio, que ele tomava banho. (...) Nem ele me agredia, nem me batia: até isso, já que ele batia muito no outro, surrava muito o outro, mas comigo, não, tanto que eu me lembro até hoje um "cocorote" que ele me deu na cabeça, com a ponta dos ossos do dedo. Até hoje, eu me lembro o local onde foi. Não sei se eu imagino que aquilo foi atenção que ele me deu: é a explicação que dou, mas, na realidade, na memória, até hoje, eu me lembro o local onde foi, como foi. Eu saí de casa em 67, e, nesse período que eu saí, agosto de 67 a janeiro de 69, quando ele faleceu, eu percebi que, quando eu voltava em casa - e eu fui morar em outro Estado; eu vinha em casa nos feriados - a gente se aproximava mais. Eu chegava e conversava com ele: abraçava quando chegava e me lembro que a morte dele me chocou bastante. Era uma coisa que eu não imaginava: eu já estava aqui em Fortaleza - a primeira vez que eu estive aqui e recebi a notícia - e saí correndo para A., para dar tempo de ainda pegar o enterro, e eu cheguei em cima da hora e estavam me esperando, e eu imaginava que não, mas logo no outro dia, a minha vida voltou ao ritmo normal. (...) Com os homens, pela primeira vista, parece que um tanto de desconfiança, não sei. Hoje, eu tenho uma visão muito diferente de mim, de minha relação com os outros homens porque, antes, eu via os homens, assim, como sexo: eu via o homem como objeto de sexo. Eu acho que era isso e eu não sabia, não entendia como me relacionar com os outros homens, além de meu irmão mais velho. (...) Hoje, eu tenho até alguns amigos, que não era uma coisa muito comum. Eu tinha um grupo no colégio. Eu tinha um grupo na faculdade, mas eu tinha até medo em algumas situações porque tinha alguns dos amigos que começaram a me ver como um objeto. Aí, eu dava como terminada a amizade. (...) Mas hoje, não: hoje, eu até consigo ter algum amigo. Eu tenho um amigo em R., da faculdade: (...) é uma amizade como poucas que eu tenho com esta pessoa, e não tem nada de atração, de nada. (...) Quando eu vejo um "cara" "meio" voz alta, gestos, assim, meio forçados, chega a me dar mal-estar. (...) É evidente que ele foi o modelo que eu demorei a aceitar, e hoje, é um modelo que aceito, como uma pessoa, uma característica. Talvez pelo temperamento passivo, ficou aquela idéia de que você só pode se relacionar se for com uma mulher mandona, arredia, exigente, que era o que minha mãe passava em relação a ele, e, naquela época, eu achava que ela estava completamente certa: que meu pai era agressivo,*

> *otimista, "pra frente", brigão - essa era a impressão que eu tinha. Hoje, eu acho chatíssimo imaginar uma mulher que "pega no pé"; que "enche o saco"; que chega, assim, cobrando. Eu acho terrível, mas, naquela época, eu imaginava que aquele era o papel da mulher: a mulher é que tinha que estar naquela "linha de frente".*

Pedro também entendeu tardiamente os limites do pai já falecido, lamentando que tenha sido envolvido durante muito tempo pelo maniqueísmo materno, pois a mãe ocupava todos os espaços e apresentava o pai como vilão e ela como santa. Embora sempre tenha percebido o tratamento preferencial do pai com ele por ser homem em detrimento de suas irmãs, praticamente não havia expressão de afeto entre eles, achando que foi pouco influenciado pela figura paterna. Apesar disto, acredita que incorporou do pai algumas atitudes sociais e relativas à família. Pedro sentia-se muito mal com as cobranças paternas de ser um homem "duro" e de gostar de armas como ele e seu avô:

> *eu praticamente não tenho lembranças com o meu pai, né? As lembranças são sempre com a minha mãe. Para mim, foi muito importante eu ter saído de casa: à distância, eu pude enxergar melhor as coisas, né, porque, infelizmente, a minha vida inteira, foi colocado o meu pai como um vilão e a minha mãe como vítima, uma santa, aquela coisa toda. Isso me afastou muito. Quer dizer: muitas vezes, eu me lembro que, até por parte dele, teve iniciativa de se aproximar de mim, mas como eu estava dominado - digamos assim, ideologicamente - pela minha mãe, eu repudiava qualquer aproximação dele. E isso foi uma coisa que, depois, me doeu muito. E, praticamente quando eu tive mais contato com ele foi no último ano, quando ele estava bem doente, e, mesmo naquele estado de doença, eu acho que tive mais proximidade com ele do que em toda a vida dele. Eu acho que existiu uma certa preferência, aquela questão de filho homem e pelo fato do outro meu irmão ter saído de casa cedo. Quer dizer, então, que eu era o único filho homem que estava em casa e eu avalio que existia uma certa preferência, né, em detrimento às mulheres. (...) Na última fase do último ano que ele estava doente, já havia essa coisa de pegar na mão, mas, a vida inteira, quando ele estava sadio, nunca houve aproximação física. Eu acho que, por essa coisa da distância - que a minha mãe monopolizava e ocupava todo o espaço - o meu pai teve pouca influência sobre mim. Então, eu diria que o meu relacionamento, essa coisa que eu falei das mulheres, foi mais ditado pela mãe, que ocupou realmente o espaço, do que pelo pai. (...) Em grande parte, ele permanece um desconhecido para mim. Ficaram mais coisas, assim, que, hoje, eu compreendo que herdei dele, né? Essa coisa de juntar: ele gostava muito de se juntar com os irmãos para tocar violão - tocava violão muito bem - essa coisa que eu gosto muito de música. Ele era uma pessoa que tinha relacionamento com todos os irmãos. Os irmãos dele eram brigados: quase todos eram brigados entre si, e ele era o único que tinha contato com todos os irmãos. (...) O pai dele havia sido delegado de polícia no interior. Então - contam - na infância dele, tinha pessoas que davam tiros na casa do pai. Então, ele era muito ligado nessa coisa da arma, né? Ele tinha um revólver e, às vezes, ele me chamava para o quintal da casa para treinar dar uns tiros. Acho até, assim, um processo interessante porque eu avalio como uma coisa que veio dentro de mim porque, ao contrário dele, era uma coisa que me fazia muito mal. (...) Ele me cobrava nesse sentido. (...) Uma lembrança que tenho e que me fazia muito mal era ir para o Náutico e ele me jogava dentro d'água, na piscina, e eu ter que nadar. Aí, eu ficava agoniado. Aí, ele ficava dizendo como se "ah, tá sendo mole". Então, essa coisa, para ele, ficava muito essa imagem que homem tem que ser "durão", né?*

César se ressente da grosseria do pai - especialmente com sua mãe - o que o deixava extremamente enraivecido e à qual sempre reagia. Veio a se aproximar dele quando o pai passou a respeitá-lo mais porque começou a trabalhar e a contribuir financeiramente com a família, deixando de lhe fazer imposições. Hoje, lamenta muito sua morte, pois vinha se aproximando mais dele, embora atribua a sua inibição para se relacionar com as mulheres à falta de gentileza do pai com a mãe. Acredita que o pai também o influenciou negativamente, ensinando-o a brigar pelo que queria e a impor sua vontade, mesmo utilizando violência:

> *é, eu sou muito mais próximo dela porque papai era grosseiro, né? Mamãe, não: a gente conversava. Até problemas de namorada, eu conversava com mamãe. Não conversava com papai porque ele nunca deu espaço para isso. Sexualidade era uma coisa que nunca se ouvia de papai. (...) A minha mãe brigava muito com meu pai: ela sempre chorava e tal e meu pai é que passava aquela imagem de ser* macho*, "durão", meio mau, mas eu não consigo ver minha mãe relacionada com estas coisas porque minha mãe sempre foi, assim, muito frágil. (...) Por causa disso, eu sentia muita raiva do meu pai, muita raiva mesmo. (...) De 15 a 26 anos, foi muito tumultuado: muitas brigas, troca de insultos. Era uma época que eu estava me divertindo, não me definia profissionalmente. (...) Aos 27, (...) eu recebi um aumento: a coisa melhorou; o relacionamento com o pai começou a se modificar; passou a ser nosso irmão; a gente não mais discutia; não tinha mais insulto. Ele se tornou uma pessoa mais calma. (...) Eu fui me dar com meu pai foi nos últimos 10 anos: (...) graças a Deus, eu fui me dar bem com ele, que o sujeito não dá pra continuar se dando mal. Então, antes, eu me sentia muito mal com isso. (...) Antigamente, eu me colocava e me impunha nas discussões - se fosse preciso, eu "quebrava a mesa" - mas hoje, não. E, principalmente, que meu pai faleceu. Assim: faleceu o pai do meu pai e, com um mês, meu pai faleceu, né? Foram duas "porradas". Meu pai era novo: tinha 58 anos, né, mas parecia 48, e, pra mim, foi uma "porrada" muito grande porque, antes dele falecer, a gente já tava se dando bem: a gente já se abraçava - que era coisa que não fazia antes - no Natal, festa junina; já me pedia dinheiro emprestado, e, antigamente, isso, ele não fazia. E ele me valorizava muito como profissional, né? (...) Só depois que eu comecei a me dar bem profissionalmente foi que mudou a situação, que, anteriormente, vivia uma vida difícil e que faltava algumas coisas em termos de alimentação. Eu tive uma certa dificuldade pra poder namorar: isso, porque o fato de ele nunca ter falado comigo sobre sexo, essas coisas, talvez tenha me inibido, e eu tenha visto mais a parte grosseira dele, como ele tratava minha mãe. (...) Ele era muito grosseiro e falava que a gente tinha que ser positivo, afirmativo: "quando você quiser uma coisa, tem que ser como você diz, não-sei-o-que". Isso fez até muitas brigas que eu tive nas ruas, muitas discussões. (...) Papai não tinha estudo: ele só tinha até a 4ª série primária. Aí, tudo o que eu aprendi foi nas escolas. Ele me influenciou de uma maneira negativa, grosseira. Papai era assim: o desejo de papai era ser militar. Ele tinha uma coisa de militarismo: isso me irritava. Ele era grosseiro e eu era também. (...) Eu era grosseiro porque meu pai era grosseiro. Não existia esse tipo de conversa com meu pai. (...) A única coisa que ele falou é que nem sempre, quando uma mulher é bonita, é uma mulher correta e uma mulher certa. (...) Ele sempre me obrigava a fazer o que ele queria: (...) eu reagia sempre com muita ignorância. Havia sempre troca de insulto: tudo o que ele fazia, tudo o que ele dizia, eu sempre reagia com muito insulto.*

Rogério não tinha proximidade nem com a mãe nem com o pai e não havia entre eles qualquer expressão de afeto. Lamenta a distância e o alcoolismo paternos. Embora

arcasse com todo o sustento da casa e com o “peso” de ser o modelo ideal para seus irmãos menores em sua juventude, Rogério jamais aceitou assumir o *papel sócio-cultural* de chefe da casa em lugar do pai, respeitando-o apesar da insistência da mãe de que adotasse essa posição. Destaca o despreparo e a omissão do pai, e, como muitos outros entrevistados, a necessidade de trabalhar para o sustento da família como justificativas da ausência paterna. Da mesma forma, aceita como uma limitação histórica e sócio-cultural a posição conservadora e machista do pai quanto às mulheres. Acredita que não a incorporou e que, até recentemente, não o incomodava a ausência de um modelo masculino:

> *nenhum dos dois: não sei se por mim ou por eles, né? (...) Nós nunca conversamos, em momento algum. (...) Agora, na velhice, ele já aposentado, trocava algumas informações sobre política, como votar, coisa rápida, mas ter um “papo” de pai pra filho nunca houve. (...) Num escutava ninguém. (...) Sempre respeitei, mesmo na fase que ele foi muito tempo alcoólatra, né, que caía pelas ruas, eu ia ajudar. Ele perdeu o emprego e a mamãe queria - eu “cortava no ato” - que eu “assumisse as rédeas”, que eu fosse realmente o chefe, naquele tempo: “enquanto ele for vivo, embora eu dê dinheiro e sustente a casa, mas quem manda é ele”. (...) Então, meu pai foi desprezado nesse tempo. (...) Num cabia nem tempo pra se encontrar, rapaz: ele saía pra trabalhar o dia todo; nós, também, pra trabalhar. (...) Num havia muito tempo mesmo, não, pra esse tipo de conversa, esse tipo de “papo”. No entanto, se ele procurasse, se ele tivesse outra visão, outra educação - que ele num teve - talvez procurasse mesmo. (...) Num sei se foi problema de tempo ou falta de conhecimento ou de preparo: acho que desinteresse num foi, não. Eu até que acho que ele gostaria. Ele num tinha preparo. Num foi educado assim. (...) A não ser no aniversário, o abraço de aniversário, pronto! Ele foi totalmente omisso, mas por tradição. Aí, é a qualidade de machista que ele transmitiu: “mulher veste saia”, né? Mulher num era pra se pintar; num era pra afrontar o marido; fazer tudo o que ele queira, na hora que ele bem entender: essa visão bastante machista, ele passou porque essa era a visão dele da vida. Ele cobrava, assim, só da minha mãe querer ser independente, fatos acontecidos, né, televisão, jornal, negócios de família, às vezes, comentando: “isso tá errado. Mulher é pra ficar mesmo dentro de casa”. (...) Ele nunca deixou mamãe trabalhar, e, quando soube que ela quis trabalhar um tempo, até se sentiu mal. Nunca permitiu: “mulher é pra perguntar. Quem tem que trabalhar é o homem: dar sustento, mandar na casa - é o homem”. (...) Talvez porque ele não quisesse que ela participasse do orçamento, e, como tal, tivesse mais alguns direitos, sei lá, né, mas pode ter sido essa a razão. Sabe que, Georges, isso nunca me incomodou? Hoje em dia é que eu, lendo sobre psicologia e psiquiatria, é que eu vejo que a ausência do modelo masculino pode ter-me prejudicado: pode constituir tudo isso aí, determinante, né? Mas, na época, isso num me incomodava, não: num me senti impotente; num me sentia que ele me desprezava, marginalizava, não. Eu achava que aquilo era normal.*

Lucas atribui a distância entre ele e o pai à introspecção de ambos e à dificuldade mútua de expressar sentimentos, mas, eventualmente, se questiona se sua homossexualidade teria algo a ver com a figura paterna, admitindo a falta afetiva que a ausência do pai provocou nele:

> *sou mais próximo dela do que do meu pai até porque meu pai tem um jeito, assim, "fechado", de uma maneira muito introspectiva, e eu também sou um pouco assim. (...) Eu acho que é uma relação muito distante. Quando criança, melhor, mas depois da adolescência pra cá também: ficou mais distante ultimamente. Quer dizer: uma distância que é mais uma distância física, que eu percebo que tem muito sentimento, né, mútuo. Sei que ele gosta muito de mim; eu gosto muito dele: talvez a gente não tenha aquela maneira de ser e não tenha como expressar o sentimento, mas existe o sentimento. Não é uma relação fria, não, sabe: é uma relação, só que não é mostrada, nem comigo nem com meus irmãos. Eu acho que sempre foi. Eu questionei muito a condição, né, de homossexual, que estaria ligada à questão do pai. (...) Talvez a falta que eu sempre tenha percebido seria na relação ao carinho, à demonstração do carinho, né? Ele sempre foi muito uma coisa muito distante, né? Talvez isso aí tenha me feito falta. Até a nível inconsciente, talvez, ainda faça muita falta essa história de demonstrar afetividade, né?*

O distanciamento entre Guilherme e seu pai - que nunca foi um modelo de homem para o filho - tornou-se crescente a partir da adolescência, enquanto a expressão de afeto decrescia, o que provocou um vazio em relação à função paterna, pois atribui ao pai sua dificuldade de ser amigo de outros homens. Entretanto, considera que seu pai, bem ou mal, serviu como um modelo para se relacionar com outros homens, embora sua imagem seja predominantemente negativa devido ao desprezo que percebia nas atitudes paternas, reagindo a elas também agressivamente:

> *eu já sinto que a minha experiência com o meu pai sempre foi muito distante. Melhor dizendo: quando eu era menor, assim, até uma certa idade, (...) eu me sentia muito próximo, mas, na medida que eu fui crescendo, na adolescência, então, a distância foi aumentando. (...) Acho que vem de falhas dele mesmo, de ter construído essa relação. (...) Insatisfeito, eu diria: eu acho que sinto falta, uma certa lacuna. (...) Eu acho que, de uma certa forma, ela contribuiu também, em relação ao meu pai, pra dificuldade de construção da minha falta de amizade, eu acho. Por exemplo, eu num sentia o meu pai, realmente, um modelo de homem que eu gostaria de ser: (...) a falta da relação mais afetiva, mais próxima; a forma dele ser; a distância, não só corporal - mas também corporal - mas, assim, uma distância em geral; comentários. Eu me senti desrespeitado, assim: meu pai sempre desconsiderava qualquer opinião dos filhos e tal, qualquer coisa. Num havia quase diálogo. Continua assim: uma relação mais formal, mas numa relação que eu diria próxima. Não tenho mais raiva, como eu já tive muitas vezes do meu pai, mas também não me sinto próximo. Essa construção com a identidade masculina me deu outro sentido: (...) saber direito o que fazer com os outros homens, como se portar. (...) Num era exatamente o ideal de homem que eu gostaria de ser. Falava, eu diria, mais pelo comportamento. Geralmente, acabava em agressão: eu revidava. Eu me sentia agredido pelo desprezo. Então, agredia. Era agredido também como revide mesmo. É, eu discutia: agredia verbalmente, com as falas.*

O alcoolismo afastou Edson de seu pai, passando a rejeitá-lo apesar das manifestações de carinho da parte dele. Tais expressões de afeto diminuíram na adolescência, mas o filho vem tentando questionar sua resistência ao pai, embora considere-o um modelo negativo quanto ao relacionamento com as mulheres. Acrescenta que seu pai foi um modelo de homem dúbio, ao mesmo tempo sereno e forte para resolver problemas

externos, mas irresponsável e sem autocontrole, enquanto a mãe se dedicava à igreja e à religião:

> *mais próximo da minha mãe, acho que por conta do alcoolismo dele. Quer dizer: faz poucos anos que ele parou de beber. No momento que eu estava morando com ele, né, na maioria do tempo, ele estava um tanto envolvido com bebida. Então, isso distanciou a gente: uma relação difícil, muito difícil, intermitente - não foi contínua - interrompida (...) principalmente por conta do alcoolismo dele, apesar dele (...) estar presente e mostrar, de alguma forma, carinho. Era eu que, na verdade, rejeitava esse tipo de relação "quebrada". (...) Na infância, sim, me lembro muito de sentar no colo dele, de contar história, essas coisas. Aí, depois, durante toda a puberdade, adolescência, diminuiu muito, se tornou quase inexistente, e, nos últimos 3 anos, a gente tem reunido mais. O negativo da fotografia: tentando fazer uma relação com as mulheres naquilo que ele não tinha conseguido com a relação com a minha mãe, né; assim, de ser mais presente, de não se afastar muitas vezes pela bebida, no caso; tentar uma maior constância na relação; tentar estar com a mulher, ao invés de estar bebendo com os amigos no bar. É uma coisa que, por exemplo: meus amigos tão bebendo, eu "tô por fora", né? Não tomo. Bebeu? Nem fale comigo. Duas imagens: uma, assim, muito de serenidade, de fortaleza mesmo. Em certos momentos em que minha mãe estava alterada, tinha reação de reagir com violência: ele era uma pessoa muito calma, de "pára, aí! Vamos resolver", né? Então, marca essa calma e essa tranqüilidade de resolver o problema. (...) E, de outro lado, era uma certa irresponsabilidade, né? Esse ter domínio nos problemas externos e não ter domínio de si, né? (...) Aí, eu acho que as mulheres têm mais um certo domínio delas. O que, talvez, ele transmitiu é uma coisa meio que em relação à minha mãe, à história dela: muito religiosa, gostava de igreja. Então, talvez, viesse de lá: de não tá cuidando da vida; de não tá ganhando a vida; de tá preocupado com outras coisas, né; o estar fazendo coisas que não interessavam; somente coisas importantes, transformando. É até meio engraçado.*

Apesar de sua aproximação recente, os preconceitos homofóbicos e racistas de seu pai geraram em Marcos problemas para se relacionar com seus amigos e com outros homens. Acredita que foi pouco influenciado por ele no trato com as mulheres. Ressente-se da falta de diálogo com o pai, pois tinha que "se virar" sozinho diante da descrença paterna, situação a que reagia energicamente, embora reconheça que aprendeu por seus próprios meios. Uma vez mais, podemos perceber aqui a importância que nossa cultura e nossa sociedade impõem a independência e as iniciativas masculinas:

> *o meu pai sempre foi "daquele tipo". Por exemplo: eu tinha um amigo que era um "negão" de 1,90 m., que era uma pessoa muito próxima a mim. Era um amigo mesmo, o melhor que eu tinha. Na época, eu tinha uns 15 a 18 anos. (...) Ele vinha lá em casa: tocava a campainha pra gente sair pra dançar. A gente fazia tudo junto. (...) O meu pai sempre dizia "lá vem o 'veadinho' do teu filho" - quer dizer: se referindo ao meu amigo - ou "a noiva". (...) Minha mãe dizia: "que 'veadinho', nada! É amigo dele. Deixa: eles vão sair; vão dançar". (...) Meu pai nunca encarou isso "legal". Quer dizer: não gostava que eu trouxesse pra casa as meninas que eu estava namorando nem os amigos também. Sequer, com o meu pai, conversei sobre a minha primeira "transa", sobre sexo, sobre nada, nada, nada, nada. O meu pai foi totalmente inexpressivo na questão, na minha formação sexual, no meu trato com as mulheres. (...) E, com relação aos homens, era o pior conceito que você pode ter: "homossexual, 'veado'. Esses 'caras' só gostam de dar o cu. (...)*

> *Preto filho da puta! Não quero preto aqui em casa!" (...) Se tinha alguém precisando fazer um curso de como ser preconceituoso, faça um curso lá com A., que ele era ótimo nisso* (risos)*. Não me falou em nenhuma mulher. Eu não sei quem ele "comeu" ou deixou de "comer"; eu não sei qual é a mulher bonita para ele: (...) não sei nada. A gente assistia novela e o meu tio falava "'pô', essa mulher é 'boa' mesmo" e o meu pai não emitia nenhuma opinião. (...) Hoje, já está um pouco mais tranqüilo. Não sei: acho que eu estou começando a conversar com ele de forma confidente. Nossa! Quando a gente era pequeno, era só o resto: o meu tio falar coisas de mulheres, de eu saber mais da vida sexual do meu tio do que do meu próprio pai. A única coisa que o meu pai falava era o seguinte: "você tem que fazer as coisas por si só". Respondia do jeito que eu respondo hoje: a minha vida é uma resposta àquilo que ele me ensinou. "É para fazer o que eu quero?" "É". "Então, um abraço para o senhor! 'Foda-se' a sua loja! 'Foda-se' a sua oficina mecânica! Estou indo cuidar da minha vida. Vou construí-la e vou trazê-la aqui na sua porta: tudo aquilo que você está falando para eu fazer. Então, eu vou mostrar para você que sou capaz de fazer tudo aquilo que você diz que eu não sou capaz de fazer".*

Assim, é razoavelmente comum que, nos tempos atuais, os filhos se sintam confusos quanto à sua própria *subjetividade masculina*, pois o modelo patriarcal já não é unânime nem parece dar conta das diferentes manifestações da masculinidade contemporânea. Apesar de ser mais freqüente hoje que os pais busquem mais ativamente uma relação íntima e carinhosa com seus filhos, ainda é comum que se instale no ambiente ilusoriamente seguro e acolhedor do lar um novo tipo de violência - a violência *indiferente* ou *passiva* - em que a desatenção e o descaso do pai geram desprezo por parte dos filhos, tornando difícil sua *identificação* com a figura paterna, cuja posição pouco firme, distanciada, inconstante ou insegura dificulta que os filhos desenvolvam uma *subjetividade* adulta, e impedindo, por sua vez, que *construam* sua própria *condição masculina*.

Alguns homens, mesmo quando não cobrados pelo pai ou pela família, sentiram-se pressionados a adotar atitudes associadas ao modelo dominante do *poder sócio-cultural* masculino: firmeza, decisão, objetividade, agressividade ou mesmo violência. Foi o que aconteceu com João em seu campo de trabalho profissional:

> *algumas vezes, eu já "topei" com isso, viu? Até no meu trabalho eu sou uma pessoa negociadora: procuro resolver as questões no diálogo, num sabe? Então, eu vejo muito isso. Eu trabalho sem criar grandes traumas. Eu num tenho tido "pegas" - digamos assim - num tenho tido grandes problemas pessoais como administrador, e algumas pessoas, principalmente meus colegas diretores, acham que eu devia ser mais* macho *no trato de algumas situações. Eu acho que o grande equívoco está com essas pessoas, e eu acho que eu estou certo em procurar resolver as coisas, até hoje, sem "trocar tapa", sem levantar a voz, sem criar inimizades, tudo tentando negociar até as últimas circunstâncias. Eu acho, por isso, (...) que o meu modelo - modelo da negociação e modelo do diálogo - é melhor do que o modelo da discussão áspera. Nunca discuti asperamente e nem sei discutir asperamente.*

Haroldo, por sua vez, percebe a cobrança que ele mesmo se faz de ser um homem mais firme e decidido: “eu mesmo me faço a cobrança de ser mais decidido, mais rápido, mais eficaz, menos lento e mais firme. Eu penso que eu poderia ser mais objetivo”. De sua parte. Luís sente a cobrança dos amigos:

> *meus amigos (...) me cobram muito, (...) nos meus relacionamentos, eu, né, ser generoso, às vezes. Eu ainda sou daquele tipo que ainda dá presente; ainda sou daquele tipo que gosta de ir prum cinema, gosta de ir pruma praia, uma beira-mar. Gosto de me divertir, e, às vezes, os meus amigos cobram, dizem que “não, tem que sair é só os homens juntos”, esse negócio: “mulher fica em casa”. (...) Muitas vezes, é necessário ser tachado ainda de machista, né?*

Os próprios pais de Tomás lhe cobram que consiga um emprego e que seja financeiramente independente, o que lhe parece coação, embora ele mesmo também se faça tal exigência:

> *eles fazem no sentido do emprego, da realização profissional: ‘já está crescido, 25 anos, já é um homem, né? Já precisa ganhar o seu dinheiro, num-sei-que. Num pode mais ficar só aqui, dependendo da gente, não’”. Bom, eu me sinto, assim, coagido. Eu num gosto. Eu odeio quando eles fazem isso comigo, né? Eu chego a sentir, assim, raiva deles, tudo mais, né, mas, ao mesmo tempo, eu também (...) sinto essa cobrança comigo mesmo: “‘pô’, ‘cara’! Já devia tá fora, num-sei-que, né”? Devia tá ganhando o meu, né? Também me cobro muito, né?*

Valdir atualmente não se sente cobrado quanto a adotar atitudes culturalmente consideradas masculinas, pois já as incorporou, considerando-as positivas, embora acredite que suas ex-esposas tentassem dominá-lo:

> *ninguém me cobra, não, e, também, se me cobrar, eu num vou dar vexame. Pois é o que eu digo: se a pessoa recua, o outro avança. É só cobrar. O ser humano, acho que ele é dominador por natureza, principalmente no relacionamento. No relacionamento entre pessoas, alguém vai querer dominar alguém, seja homem, seja mulher. E uma mulher cobra muito do homem, né? Ela cobra até perdendo autoridade, mas, pra mim, esse tipo de cobrança só facilitou.*

Aposentado, Ernesto se sente pressionado a voltar a exercer alguma atividade profissional, o que considera difícil de acontecer, mas admite que cogitaria em voltar a trabalhar se tivesse chance: “um amigo meu, que ele me cobra essas coisas de trabalhar, né? Eu acho ruim, assim, numa certa parte: fico em dúvida porque acho improvável que aconteça. Se tivesse oportunidade, ia fazer pra trabalhar mais”. Mário se sente pressionado pelo namorado, que lhe cobra atitudes mais firmes. Admite que se incomoda, reagindo com aborrecimento, pois considera tais cobranças “um ‘saco’! Eu sempre digo: ‘deixa eu ser eu’! Me importo também muito nesse sentido. Às vezes, eu fico ‘seco’”. José já incorporou integralmente as exigências paternas de ser o primeiro

em tudo o que faz, antecipando-se a qualquer cobrança neste sentido e admitindo sua competitividade e sua frustração por não poder ser sempre um vencedor:

> *sou eu mesmo que quero ser o primeiro. É bom porque é estimulante. Por exemplo, é sempre aquela velha história: eu nunca estou satisfeito de lutar porque sempre acho que dá para fazer mais. É ruim porque você não consegue ser o primeiro em tudo: isso deixa um certo gostinho amargo na boca porque eu gostaria de ser o primeiro em tudo, e eu fiquei, na minha mente, Georges, de uma maneira que eu quero ser primeiro em tudo.*

Apesar de não ser mais cobrado pela família, César ainda se exige conseguir sucesso profissional, pois também sente a mesma pressão no trabalho:

> *eu faço pra mim mesmo, né? Mas ninguém me faz, a não ser no sentido profissional: há, nesse sentido, um tipo de cobrança, né? - eu não conseguir, eu não conseguir me equilibrar. Então, o pessoal reclama. Então, meus irmãos e minha mãe entendem que eu estou trabalhando, né, mas só que está custando a vir o retorno. (...) Tem seu lado positivo e o seu lado negativo: (...) o lado positivo é porque as reclamações, de certa maneira, têm sentido; e o lado negativo, de qualquer maneira, é que me aborrece.*

Marcos não se sente cobrado a fazer nada, pois se sente perfeitamente à vontade do *papel sócio-cultural* atribuído aos homens: “aquele que faz”. Rogério não se sente exigido pelas pessoas à sua volta, mas afirma: “eu que cobro dos outros”. Renato se ressente da falta de um modelo masculino mais forte na figura do pai, mas é cobrado pela namorada, pelos amigos e no trabalho, procurando se mostrar mais agressivo e rude:

> *hoje, eu sinto falta de não ter brincado mais com os meninos na rua. Eu sinto muita falta disso, que eu fui proibido pela minha mãe. Eu noto que, às vezes, isso ajudaria no comportamento que eu teria profissionalmente. (...) Eu acho que eu saberia “me virar” melhor se eu tivesse tido esse convívio de rua. Agora, eu sinto vontade, também, dele ter sido mais exemplo pra mim, “tipo” eu vejo amigos meus agirem hoje, mas eu vejo que eles tinham uma pessoa em quem eles “se espelhavam”, sabe? Eu não vejo essa pessoa. Ah, sim - “porra”! - minha namorada, amigos mais próximos, né? (...) Tá vendo como é bom ser “escroto”? Você é “escroto”, e, num instante, o pessoal vai chegar cedo, quer lhe atender e tal. Ao mesmo tempo que você, sendo mais “escroto”, mais rígido, você faz as coisas acontecerem, (...) você corta uma via de comunicação com os outros. Isso, eu também notei nos outros empregos que eu freqüentei. Quer dizer: às vezes, a peãozada me falava algumas coisas pra melhorar o processo, e eles não falavam para o mais “escrotão”. Só que, quando chegava a hora de mandar, eles obedeciam ao “grandão” lá de cima. Então, eu sinto falta disso.*

Jorge controla e censura seu temperamento explosivo, que o leva a agir como um *macho* violento: “eu sou um pouco explosivo, temperamental. Então, quando eu extrapolo, existe uma cobrança no sentido contrário. Às vezes, até ‘estouro’. Se tiverem razão, segundo o que eu avaliar, eu tento corrigir a estupidez. Se não, eu não me

desculpo". Guilherme se exige muito que consiga manifestar mais livre e espontaneamente sua virilidade:

> *eu acho que as cobranças maiores são mais minhas mesmo. (...) A cobrança que eu me faço é mais de "deixar mais correr mais frouxo", expressar de forma mais livre a minha própria sensualidade, sexualidade masculina. Eu acho que isso é bom, até porque sinto dificuldade de "me dar": tenho uma coisa de refrear, de cumprir.*

A partir dos depoimentos descritos acima, deduzo que as exigências sócio-culturais de uma masculinidade pronta e acabada a partir de um modelo previamente incorporado – o patriarcal – ainda são marcantes mesmo nos homens contemporâneos. Apesar de perceber algumas sensíveis mudanças nas manifestações da paternidade, conforme pude destacar através das falas masculinas aqui expostas, entendo que as marcas do padrão patriarcal ainda se manifestam em campos diversos, particularmente através do endosso à sexualidade, à agressividade e à violência masculinas, à estruturação familiar que diferencia os *gêneros* e à necessidade de que os homens trabalhem sempre para cumprir a provisão das mulheres e dos filhos. A figura paterna, freqüentemente omissa, desprezada ou rejeitada, ainda é o principal representante deste padrão em nossa cultura. Acrescento que o "mínimo" *poder doméstico feminino*, apesar de freqüentemente negado ou rejeitado, também é perceptível em várias falas de meus entrevistados, a mãe e a mulher sendo ainda o esteio no qual muitos homens assentam o exercício de sua masculinidade. Pode-se perguntar se a imagem da paternidade que meus entrevistados incorporaram e os influenciou ao longo de suas existências continua sendo a mesma que eles mesmos *construíram* e exercem atualmente junto a seus próprios filhos. É esta possível nova faceta sócio-cultural que discuto em seguida.

. *Uma nova paternidade?*

Assim, passo a tratar das possíveis transformações sócio-culturais sofridas pela paternidade de meus entrevistados na contemporaneidade em comparação à paternidade conforme foi apreendida no relacionamento com seus próprios pais. Que mudanças nos relacionamentos com seus filhos eles incluíram a partir das

freqüentemente difíceis relações com seus pais? Como se percebem meus informantes como pais? Como vivenciam afeto e manifestam intimidade com sua prole? Como se aproximam ou se diferenciam das atitudes de seus pais? Reproduzem ou se diferenciam da paternidade de seus genitores?

Surpreendeu-me que João acredite que seu pai seja menos conservador do que ele mesmo. Entretanto, atribuiu suas reservas quanto à intimidade com a filha ao temperamento herdado do pai e às diferenças entre os mundos masculino e feminino. Assim define, justifica e compara a relação que seu pai tem com suas irmãs e o seu relacionamento com a única filha, afirmando que tem com ela

> *uma relação boa, uma relação de pai brasileiro, nordestino, comum, com sua filha. Sempre fui um pouco distante porque a filha sempre é mais apegada à mãe. Eu acho que a relação de meu pai com minhas irmãs é muito parecida: ainda tem alguma coisa com a minha relação com a minha filha, apesar de que nós temos uma relação muito mais aberta hoje, muito mais próxima do que meu pai tinha com minhas irmãs. Mas ainda guardo alguma coisa, algum resquício de atraso, que eu acho que eu devia ser mais "aberto" com minha filha, mas sou um bom pai. Então, o meu relacionamento com ela é idêntico o relacionamento das outras filhas com todos pais porque é comum, apesar d'eu achar que ela é mais "aberta" comigo, né, do que eu próprio com ela: daquelas coisas que existem ainda do meu pai, que eu ainda guardo, que são defeitos, mas eu aprendo e parece que ela me educa mais em algumas circunstâncias do que eu a ela própria. Isso é uma coisa também cultural. Ah, você sabe: geralmente, a filha se aproxima mais da mãe e o filho se aproxima mais do pai. (...) A família do pai, que é minha, mora no sertão: é mais distante. Então, ela vive dentro de um mundo feminino. Isso faz com que ela se apegue mais ao feminino do que a mim, que represento ainda um mundo estranho pra ela, que é o masculino. Eu e o namorado dela somos dois elementos diferentes do mundo dela. Ela tem três tios: dois são homossexuais, mas tem um que é muito machista, né? - um machista muito mulherengo, apesar de ser também artista - mas ela é apegada aos dois e à mãe e à tia e à avó: é um mundo totalmente diferente. (...) Meu pai sempre teve uma relação com minhas irmãs muito "aberta". Meu pai é um sertanejo que minha irmã, com 18 anos, ela foi conviver com um homem desquitado. É o seguinte: se "juntou", né, com 17 pra 18 anos - com um homem casado, inclusive - e meu pai encarou isso com a maior naturalidade, "num deu a mínima", não se manifestou nem quando, depois, os dois se casaram, quando ele se divorciou, já com filho com ela. Então, ele tratou essa questão de uma forma que eu achei brilhante. Meu pai sempre encarou, e nisso eu acho que eu me acho até um pouco mais atrasado, mais preconceituoso do que ele. Me parece que ele é mais "aberto" pra essas coisas. (...) A outra, que divorciou-se, já vive com um rapaz que é roceiro lá: trabalha com ele e meu pai trata isso com uma naturalidade impressionante, que meus tios vivem horrorizados, mas meu pai, não. (...) Ela me beija, me abraça, (...) me toca. Eu faço também isso, mas com menos freqüência. Quer dizer: ela é muito "aberta" comigo. Se esquece, às vezes, e me trata como trata os dois tios especiais dela. Às vezes, pergunta, quando quer que eu ache também o namorado dela bonito: "olha, como ele é bonito!" - aquela coisa de ter, assim, até uma certa intimidade, que o fato de eu ser "machão", vejo o namorado dela já diferentemente, né, do que os dois tios dela vêem, né? (...) Eu sempre brinquei com ela, cuidei dela, botava pra dormir. A imagem que eu tenho das mulheres é da ternura, da beleza, da inteligência: é de um ser muito sensível. Eu faço tudo pra ela gostar das artes, né? Tudo o que eu vejo de bonito nas mulheres, eu procuro transmitir pra ela, né: o meu lado feminino, né? Eu num influencio muito as escolhas dela, se bem que ela ter escolhido esse namorado... É bem o segundo ou terceiro. Pessoas incríveis, que eu gosto demais, os meninos são. Esse que ela*

namora agora, pra mim, é uma pessoa "fora de série": um rapaz que chega, aperta a minha mão. Quer dizer: eu tive sorte até hoje de ela ter namorados de acordo com - me parece - um modelo que eu... Eu num sei, também, se ela arranjasse outro tipo, se eu ia ter alguma coisa contra - que eu num tenho a experiência - mas os namorados que ela arranjou até hoje, todos foram pessoas do meu agrado, né? Então, que eu achei que ela é uma pessoa que sabe escolher as pessoas certas pra namorar.

Haroldo mantém alguns elementos da sua relação com o pai no contato com seus próprios filhos. Protetor, assim define sua relação com os dois filhos:

paternalista no sentido, assim, de pai determinado, né? Um pouco de demasia, né, nesse cuidado. Minha procura é num reproduzir aquelas coisas que eu achei inadequadas nessa relação do meu pai, com os meus filhos. (...) Eu acho que "seje" questão afetiva mesmo, da mãe com o filho: é muito mais próxima. Bom, eu tento agir diferente: repetir o que achava "legal" e não repetir aquilo que eu não achava "legal". Então, isso é ser diferente. Essa hombridade, essa maneira de se relacionar, etc. e tal, eu acho "legal". O papai, quando eu era pequeno, ele batia na gente: disso eu num faço, embora eu procure ser meio áspero, rigoroso com meus dois filhos. Às vezes, eu boto de castigo. O castigo é "entra no quarto e num sai, num assiste televisão", esse tipo de coisa. (...) Principalmente abraços, aperto de mão; às vezes, beijo. O mais velho, a gente sente que ele, quando é pequeno, toda noite vai lá no quarto, dá boa noite, né? Agora, já não faz tanto. (...) Ser cavalheiro, né, de ser cuidadoso, de ser gentil, de evitar disputar algumas coisas com as mulheres. Eu acho que, através dos colegas deles que vão lá em casa etc., então, eu acho que termina se passando alguma coisa, né? E tratar, também, com gentileza, né? Por exemplo: essa história de brinquedo emprestado. Eu digo assim: "olha, você tem que ter cuidado. Num pode tá emprestando pra todo mundo. Tem que ver se é um amigo seu, se essa relação, também, há reciprocidade, e se essa coisa que ele tá pedindo emprestado num é uma coisa que é muito particular sua. Se for, você não deve emprestar". Acho que isso aí implica em alguma coisa de como se relacionar com outros homens. Sim, porque é muito complicado. (...) E eu me "peguei", outro dia, dizendo assim: "não, rapaz! É isso aí: bateu, 'levou'"! Num vai atrás de briga, mas, se brigar, né, "dá o troco".

Separado da mulher, Luís tem apenas contatos esporádicos com a filha, embora se preocupe bastante com ela:

o relacionamento com a minha filha é um relacionamento, assim, um pouco distante. Eu vejo minha filha, assim, 2-3 vezes por mês, e é assim: a gente passa de um dia. Ah, eu sou muito carinhoso com a minha filha, apesar do tempo que eu passo sem ver ela agora: é uma mostra, assim, de carinho que ela tem comigo. Acho que, em relação ao relacionamento com o meu pai, parece um pouco porque eu sou muito preocupado com a minha filha em todos os aspectos. Ela mora com a mãe dela, e a mãe dela mora com os avós, e, com a separação, no caso, aí houve um rompimento do diálogo com a família dela. (...) Por ela morar na casa dos avós, com a minha filha lá, eu num procuro ir lá pra ver minha filha: só quando ela traz. Acho que eu fico chateado. Acho que é circunstancial. (...) Quer dizer: incondicionalmente, ela tem o direito de ficar com a menina até os 13 anos. Eu acho que, se convivêssemos ainda juntos, talvez eu tivesse mais proximidade da minha filha do que a minha própria esposa. O que eu noto, assim, em relação à menina, não sei se por causa do relacionamento da gente, mas eu noto uma certa indiferença dela com a criança. Eu acho que eu tento agir diferente porque eu sou mais "aberto". (...) Apesar da minha filha ser pequena, mas eu acho que os passos do meu pai em relação ao nosso relacionamento, eu acho que eu não seguiria, assim, à risca. Há manifestação de carinho, de afeto. Eu acho que eu vou tentar passar pra ela uma imagem acerca da mulher, o que é ser mulher, indiferente da mãe dela querer manter ou não manter diálogo com ela. Acho que a imagem que eu vou tentar passar pra ela é da mulher independente: não depender de ninguém;

pra ter suas próprias decisões; não se deixar "levar" pelos outros. Primeiro, eu falaria pra ela, no momento oportuno, sobre sexo, sobre se prevenir, como se prevenir e, acho, que escolher a pessoa certa (...) - se bem que eu acho que é muito difícil de se encontrar a pessoa certa - mas pelo menos o básico: precaução, a prevenção, sobre AIDS, sobre esses tipos de problemas que tão à tona agora.

Valdir tem 8 filhos, tendo muitas mágoas deles, o que me expôs longamente. Afastou-se dos quatro mais velhos ao se separar de suas mães, do que muito se ressente, argumentando que nunca desejou ser pai. Entretanto, afirma que se sente responsável e que tem prazer no contato com eles, o que nunca percebeu claramente no pai:

minha relação com os meus filhos é difícil porque eu tenho uns problemas, né: dois filhos com uma mulher; dois filhos com outra mulher. Aí, quer dizer: é eu me dividir pra "a" e pra "b". Eu prefiro ir "levando": vai "na valsa". Eu vou dar toda atenção que eu puder, mas num vou mais ficar com aquele complexo de culpa, assim, porque eu deixei de fazer alguma coisa a mais. Eu faço, mas é da minha forma. Os antigos, não: os grandes, eu, Georges, desde dessa última vez que eu fui lá, eu nunca... Até na época, tava no conflito que o senhor viu, né? Eu gostava deles, mas eu acho que eu nem percebi isso, né? Às vezes, eu me "pego" perguntando como é que eu possuo filhos, né, mas eu consegui, num é, "numa boa" (sorrindo). *Tão com 11 anos que eu tenho um ressentimento muito grande: a mãe deles me trata ruim. A mãe deles proibiu, de me esconder tudo porque, (...) cada vez que eles vinham, eles gostavam muito, né, aquela alegria; quando voltavam, era um "chororô", era um negócio ruim, triste. Assim: eu me sentia mal, chorava e tal, e eles também, né? Aí, também, com hora pra juntar: comigo, eram 4; eram 4 com a I., e ela dificultava. Se não fizesse isso lá, "a menina é minha"! Aí, aquele negócio foi me aborrecendo. Aí, eu digo: "rapaz, vou acabar dando isso". De início, nem cismaram em buscar; aí "pegou". Tá com quanto? 17-18 anos. Desde 81: 17 anos. Eu vi um, o menino. Eu vi ele em 85 porque, numa oportunidade, ele veio me pedir pra fazer para o Colégio Militar. Ele me veio pedir porque, naquela época, o Colégio Militar, quem era filho de militar tinha uma certa prioridade, e o meu sogro - no caso, o avô dele - ele era coronel do exército: tinha mais chance de que com o pai de entrar para o Militar. Ele veio me pedir pra eu dar uma autorização pra ele entregar pro avô dele, e eu fui, perguntei se ele se lembrava de alguma coisa que ele tinha convivido e tal - isso, depois duns 3 ou 4 anos que a gente tinha convivido, né? - e ele disse que num se lembrava de nada. Aí, digo: "então, 'bicho', eu num vou te dar o documento, não, pelo seguinte: porque tu num se lembra do que aconteceu. Nós convivemos 6 anos e você num se lembra, tá? Quer dizer: há 4 anos, você tinha 10 anos. Há 4 anos, você já esqueceu tudo. Então, eu dou esse documento hoje: daqui a 20 anos, você vai dizer que eu lhe abandonei, lhe reneguei. Eu num dou, não". E realmente, foi a única coisa que eu "engoli". Depois disso, já com 6 meses depois, eu me encontrei com ele: tinha passado. Eu disse a ele que, se ele não passasse, eu daria, que ele tinha vontade: "bom, você vai tentar conseguir". Conseguiu, que eu sou civil. E ele tentou e passou: (...) foi a última vez que eu falei com ele. Aliás, imediatamente eu falei com ele. "Peguei" primeiro o "cheiro" que ele deu e marcamos: saímos uma vez; fui "na mamãe"; fui na casa da mamãe, e tal, tal, tal, tal. Passamos a tarde junto. No final, ele disse que não ia mais porque a mãe dele disse que ele estudava à tarde. Essa foi a última vez que eu tive contato com ele. Ele tinha 11 anos. Primeiro, eu num quero ter filho: num gosto. Num quero por causa da responsabilidade. Eu tenho 8 filhos. Eu só quis ter 2 filhos. Eu casei: queria ter um filho homem, né, e nasceu mulher. O segundo, porque eu tentei novamente: queria um filho homem; nasceu mulher. A partir daí, nenhum deles eu quis, de livre e espontânea vontade: é as mães que engravidaram. Essas outras duas, depois, engravidaram pra tentar me ver "preso", dominado, um "lance" assim, ou "amansar", mas eu nunca quis nem quero. Você vê: porque o "cara" que tem um filho tem que ter responsabilidade. Que cara eu teria se "jogasse" filho no mundo só pra dizer que tenho uma prole grande? Num tem condição. Eu tenho 4 meninos estudando, tudo nesse*

plano de idade, na idade do colegial e um gasto absurdo: é um gasto absurdo o sujeito manter, dar educação, dar um padrão de vida, numa época dessa. Então, aí, se eu já tô aí, eu tenho é que assumir que eu, de livre e espontânea vontade, num quero, não. (...) A minha relação é muito melhor do que a que ele tinha comigo porque eu sinto prazer em andar com eles. Eu, tendo oportunidade, eu gosto de passear com eles: o papai num fazia isso tranqüilo, né? Só me lembro de uma vez que o pai saiu comigo: uma vez, saí lá do centro até a outra ponta, ali, perto do Juvenal de Carvalho, a pé, atrás de uma casa pra alugar. No centro, nós fizemos esse trajeto: foi o passeio que me levou. (...) Eles já são ligados com as mães, né, porque convivem: tão o tempo todo. A convivência que eles têm com ela já é um fator, né, predominante. Agora, quando eles tão comigo, eu num acho que eles se arrependam, não. Nem tento agir diferente, nem imito. Eu ajo do meu modo. Nem me lembro de como é que ele agia com a gente. Sempre eu tive muito carinho, muito afeto pelos meus filhos. Aliás, a razão do meu trabalho é dar um conforto a eles. Eu num quero condicionar o indivíduo nem quero que o indivíduo seja à minha imagem, entendeu? Eu num quero que ninguém me copie. Eu, se eu puder evitar essa insinuação, eu evito. Nem tem que valorizar o que eu digo (riso)*. O que eu digo é o seguinte - o que eu digo prum filho meu, digo pruma filha minha: é que um filho meu procure casar com uma mulher rica porque, pra casar com mulher pobre num tem condição; e uma mulher procure casar com um homem rico porque casar com homem pobre... Isso, eu condiciono elas, pelo seguinte: eu procuro dar, assim, o máximo que eu puder de material - quem sabe, fazer o máximo que eu puder. Por isso, eu invisto fundo na educação deles e condiciono pra que elas num seja dependente: tenha, primeiro, um padrão de vida. Quando digo uma coisa pras mulheres, eu digo o contrário pros homens: os homens têm que casar com uma mulher rica e evitar casar cedo, se num tiver condições. As mulheres têm que casar com um homem rico pra, depois, num ficar passando uma vida quase de empenho. (...) Talvez, inconscientemente, né, porque eu coloco no caratê, mas eu uso mais como uma defesa. Mas pode ser até uma maneira, né, de satisfazer o inconsciente.*

Mesmo solteiro, Flávio pretende adotar uma menina, associando o amor mútuo que percebe entre eles ao que havia entre ele e sua mãe, mas não ao amor paterno, apesar de também ser pleno de paparicos:

doutor, eu tenho certeza que é uma relação de pai pra filho. Eu, ontem, comentando com o meu tio, eu tava comentando que eu nunca tive filho; nunca me casei; nunca quis ter um desses filhos que nós tivemos - nós resolvemos esses assuntos, né, eu e as moças - por saber que eu ia ser exatamente como tô sendo com a M., sabe? (...) Eu sabia que eu ia ser mãe e pai - um amigão, num é? Pra você ter uma idéia como a coisa é forte: no dia que eu soube que a minha mãe tinha morrido, eu fui pra o hospital: (...) eu vi umas imagens terríveis dela morta, que até hoje tá na minha cabeça. Por volta de 3 horas, eu fui pra casa. Abri uma garrafa de uísque - isso, sentado na cama. Tinha 6 caixas de "Norbital", 6 de "Lorax" de 2 mg., 4 de "Lorepinol" ou "Repinol", fora outros "baratos" que eu tinha. Aí, comecei a tomar um uísque: botava logo 3 e "puft!" Mais 3 e "puft!" No nono, eu comecei a pensar: "'porra', eu num posso fazer isso por causa da M." Aí, peguei os remédios "tudinho", guardei e fechei o uísque. Tive uma "lombra" enorme por causa dos 9, misturado nas 3 garrafas de uísque, mas eu não fiz. (...) Aí, não fiz por causa dessa garota, e hoje, tô me agüentando por causa dela. Então, a ligação é muito forte, tanto de mim pra ela quanto dela pra mim. Agora, eu tô com a idéia muito fixa de começar a adotar menino. Principalmente, eu quero adotar, agora, um menino, um homem-menino, desde nenê, sem mãe, se eu não chegar a casar: um menino que seja bonito e que eu crie. (...) Meu pai tinha um amor muito grande por mim, né? Só que o meu pela M. é 50 vezes, 1.000 vezes mais. Agora, o mais parecido é essa mania de comprar coisa, entendeu? Tudo o que eu vejo, eu tenho vontade de comprar pra M. (...) Eu sou o mais próximo. A ligação dela é comigo, tanto que tem dias - "titio, vamos dormir de rede?" - quando ela dorme lá em casa, né? Ela chegou pra nós com 5 dias. Eu, sempre, desde que a M. chegou, eu não durmo fora de casa. Eu passava a noite toda dando chá

> *pra ela, água - a babá do lado, "esticada", dormindo. Quando ela tava com febre, eu levava pra minha rede. Armava uma rede e dormia com ela, se ela dizia: "tio, eu quero ir pra tua rede". Então, a proximidade foi essa: de ser eu e a mãe dela, que é minha mãe, do lado. Meu pai, num é, ele era um "cara" meio "seco" também: com ela, eu num sou. Eu nunca chamei nada nem ninguém e morro de vergonha de chamar alguém de "meu amor", mas, com ela, é passando a mão - "vem cá!" - não depois que minha mãe morreu: desde o começo, sabe? É uma coisa mais assim, até mais feminina. Há manifestação de carinho e bem mais feminina, mais de mãe pra filha. Agora, parecida com meu pai essa mania de comprar coisa, como eu disse. (...) E - "porra"! - todo dia, eu tenho que levar um "troço" pra ela, nem que seja um chiclete. Meu pai, todo dia, me dava um carrinho daqueles de fricção, que nem existia aqui, na época, né? (...) Doutor, eu deixo ela até muito "solta", que até as pessoas dizem que isso é prejudicial.*

Ernesto se sente negligenciado pelos filhos, atribuindo tal situação à atitude de insuflação hostil de sua mulher contra ele. Entretanto, admite que tanto a relação com seu pai quanto o relacionamento com seus filhos são pautados num temor respeitoso sem carinhos íntimos, acrescentando que, no contato com eles, há

> *um certo conflito, né, por causa de, lá na minha casa, que eu sou um sujeito que "tanto faz". É que, no começo, a minha mulher tivesse "jogando" eles contra mim. Então, nuns certos aspectos assim, aí, gerou o atrito, né, com os dois. (...) É diferente: na nossa época, as coisas era mais escassa, né? Lá em casa, eram 12: ninguém não tinha como comer pão com mel, uma bicicleta; brincava com os outros. E, Georges, lá em casa, tenho todo um conforto, levo pruns passeios. Lá em casa, eu num tinha. (...) Mais próximo da mãe deles, todos: ela que aproxima mais deles do que eu. (...) Eu tenho visto que eu tenho coisas em comum, embora eu mesmo tenha sido severo nas cobranças. Enfim, eu acho que num é tanto como era antigamente. (...) Cobro de vez em quando: medo, em todos os dois. Quando eles eram pequenos, tinha mais. (...) Eu procuro fazer, sabe, diferença, pois eu vejo a mulher mais desprotegida, embora não pra proteger: só em termos de defender o necessário. Eu procuro interferir porque aparece lá um machista: é uma criança, né, do sexo feminino, né? Eu procuro interferir, nessas horas, quando vejo, sem ser egoísta, conflitos de coisa de caráter, assim, homem-mulher, né? (...) Quem conversa mais com eles é a mãe deles. Eu num tenho: eu podia até transmitir, mas num tenho, nem é próximo da intimidade que a mãe deles tem. Acho que é por isso: ela tem. Com relação aos homens, eu acho que faço mais pr'eles terem mais cuidado, né, porque a mulher é contra a mulher mesmo; porque o domínio é coisa de cada mulher: têm que dar, assim, uma opinião contra os homens. (...) Cobro do do meio: o do meio, ele era mais passivo também.*

Gilson busca ser compreensivo com os filhos, mas gostaria de conseguir ser mais íntimo deles, apesar de ter um relacionamento muito mais profundo com os filhos do que aquele que seu pai teve consigo. Entretanto, não tem tanta facilidade de expressar afeto com o filho mais velho quanto consegue com o mais novo:

> *eu acho que é muito de compreensão, mas eu gostaria que a relação da gente fosse mais próxima. Com o mais novo, é. Com o mais velho, é mais difícil: ele é mais afastado, mais distante, e eu até consegui identificar que eu e minha mulher tínhamos muita culpa neste afastamento dele porque, quando o outro nasceu, ele tinha 9 anos e a gente voltou as atenções todas para o pequeno porque ele já sabia "se virar". Então, eu acho que a gente teve uma boa parcela de culpa, tanto que, por isso, eu gosto de ser muito compreensivo com ele, mas eu faço a coisa com muito cuidado. Eu acho que eu poderia muito mais ser amigo deles: amigo, assim, em termos de igualdade, de sentar para conversar de igual para igual. Eu sinto falta disso porque a*

conversa – evidente - fica assim: discutir um filme, discutir um livro que leu, uma notícia que saiu no jornal ou a prova que ele fez. O meu mais velho até, uma vez, reclamou que eu só chegava pra ele pra reclamar sobre aula, sobre o colégio: segundo ele, eu nunca chegava pra perguntar como é que ele estava, o que era que ele estava sentindo. (...) Com o mais moço, eu já dou estes "toques", mas, com o mais velho, realmente eu não fiz isso. (...) Eu acho muito, muito diferente. É porque é aquela história de que eu estou 24 horas "no ar", principalmente com o mais novo. A gente está sempre junto, assim, na preocupação: "como é que está se sentindo? Como é que foi? Foi bem? Não foi? Tá bem? Não tá? O que é que você tá se dando mais? Como é?" Pra tudo, né: levar, trazer, se preocupar na hora de estimular pra fazer uma coisa. É sempre assim. (...) O mais velho não fala com a mãe, e, em função desta relação de risco, chegou um dia, há uns 2 anos atrás, ele deu uma "peitada", assim, em mim: "tá me forçando a sair de casa?" - porque ele quis me testar - e eu disse "estou" e eu "segurei" que estava. Aí, ele arrumou as coisas, foi pra casa de um amigo e ficou uns 3 meses. Depois, quando saiu, eu liguei para a namorada dele. Aí - isso, depois de uns 3 dias: "olha, tô ligando pra você pra saber como está o... Quero saber o ambiente em que ele está, porque ele saiu de casa porque quis, mas eu continuo sendo o pai. As obrigações que eu tinha como pai, eu continuo tendo: eu continuo pagando a faculdade dele. Estou preocupado de saber se ele está bem, se está com saúde, se está alimentado. Agora, só não consigo agüentar é grosseria e falta de respeito. Aí, ele veio me testar e me perguntar se eu estava botando ele para fora de casa, e ele sabia que eu jamais botaria um filho pra fora de casa. Mas ele veio me testar. Aí, eu disse que tava, e 'segurei'". Aí, depois, ele veio me chamar para a gente ir conversar num restaurante e tudo, até que ele voltou pra casa, uns 3 ou 4 meses depois, e até hoje ele está em casa. Está noivo; está formado em direito; está estudando para concurso porque, agora, ele descobriu que precisa realmente estudar, fazer alguma coisa, mas está em casa e não fala com a mãe: uma relação que é uma desgraça pra pessoa que fica no meio, de "leva-e-traz". (...) E o mais novo, eu percebo que ele tem, às vezes, pra determinados assuntos, mais intimidade de conversar com a mãe, e outras coisas, tem mais intimidade de conversar comigo. Então, eu deixo assim, muito à vontade. (...) Então, eles sempre foram, desde pequenos, "grudados" em mim: não sei se por isso ou porque eles perceberam a minha presença. Quer dizer: isso foi uma coisa que foi feita desde sempre. Eu acho que isso facilitou. (...) Eu tinha medo, agora, depois de grande, que acontecesse alguma coisa que me afastasse deles, mas eu percebo que eles ainda escondem algumas coisas de mim. (...) Ah, eu adoro! Com o mais velho, não há, mas com o outro ainda há toques, alisada de cabeça. De vez em quando, quando eu faço um carinho, ele diz: "já sou adulto: não precisa me agarrar". Me dá um tapinha, assim, querendo demonstrar força, mas é que ele tá com vontade de me abraçar: eu percebo. Aí, eu pego ele, agarro, beijo. (...) Olhe: o que a gente pensa em passar, é, assim, de respeito à mulher; que a mulher não é objeto; que a mulher tem todos os direitos iguais aos homens. Essa é a idéia que a gente passa, né? Sobre os homens, é essa história: generosidade, solidariedade com as outras pessoas, respeito aos sentimentos das pessoas. (...) Não cobro porque eu acho que eles mesmos vão descobrindo a maneira deles enfrentarem as coisas. Eu vou, à distância, tentando ajudar.

José, apesar de estar vivendo com outra mulher, afirma que se sente responsável e que se dá bem com os filhos de uma forma bem mais íntima do que conseguia com seu pai. Acredita que é mais próximo do que a mãe deles, embora tenha que refrear seu temperamento violento com os filhos, pois argumenta que os homens devem ter controle emocional sobre si mesmos:

um mora com a mãe e a menina. (...) O de 18 mora comigo. O meu relacionamento com eles é bom. Eu noto que, de uma certa maneira, ficou uma mágoa devido à separação, mas me relaciono bem com todos eles. Tenho absoluta intimidade com eles. Sou o pai no sentido tanto de corrigir, de cobrar, de dar "carão", tal. Sou de bater, como eu já lhe disse, né? Eu sou violento de

bater. Umas duas surras que eu lhe dei, eu dei com força demais, dei "lapada" demais. Aí, o que acontece? Eu peguei e saí, com medo de bater. São meus filhos. (...) Eu beijo: não tenho, assim, subterfúgio. (...) Só que, quando se fala de paternidade, é uma coisa séria. Você tem que assumir o menino que você "faz". (...) É tanto que, toda vida, fui muito "raparigueiro", mas só fiz 4 meninos na minha vida. Se tivesse "feito" mais, estava cuidando, estava criando. (...) Eu acho que, se meu pai tivesse sido do jeito que eu sou com eles, teria sido bem melhor. Eu buscava muito a minha aproximação com meu pai. Eu queria muito bem a ele. Eu queria tá mais junto dele, mas, toda vida, ele ficou lá no canto dele de pai, e eu no meu de filho, subordinado. E, com meus filhos, não tem muito isso: eu deixo "correr frouxo" até onde eu vejo que tá bom, mas eu exijo respeito. A gente tem até mesmo conversa de bar, mas o respeito, eu exijo. (...) Eles são mais próximos de mim. Com a separação, ficou mais equilibrado: J., que tem 16, era mais comigo, mas agora, é mais com a mãe dela - eu acredito que até pela distância, né? (...) Só devido à separação, eles ficaram com certo amargor por eu ter deixado a mãe deles - claro! - e a distância. No começo, eu passava todo dia lá. Quando eu me separei, tinha aquela coisa, né? Aí, depois, naturalmente, você passa a ter preguiça: aí, vai se espaçando mais. Quando eles vão ao meu apartamento, tudo bem, tal, tal, tal. A menina de 16 é que passa pouco: fala com a A., mas não gosta de A. Aí, com essa, eu tenho tido menos contato, mas por culpa minha. Se eu passar no apartamento dela, tá tudo bem. (...) Eu tento agir diferente para melhorar na minha concepção, mas eu vejo muita repetição. Eu repito muito meu pai no problema da disciplina, no problema de dar o melhor que eu posso pra eles. Às vezes, muitos amigos dizem que eu sou prejudicial, que eu dou muito pra eles, que eu dou facilidade demais: dou; "faço conta"; assim, sou muito "paizão" em dar as coisas para eles. Os amigos dizem para eu deixar os "caras" "batalharem" um pouco. Eles nunca andaram de ônibus; toda vida, teve carro, teve motorista pra levar e pra apanhar: "deixa esses 'caras' 'se virarem' Deixa eles irem de ônibus para a escola. No dia que você faltar, eles estão 'ferrados'". Mas eu nunca consegui me corrigir: continuo fazendo porque o meu pai - não que ele pudesse - mas o máximo que ele podia fazer por mim, ele fazia. (...) Eles são menos carinhosos que eu. Eu pego, eu beijo, eu abraço. Eles chegam: "diga aí, pai! Tudo bem?" "Tudo bom". "Aí, 'cara'? Tudo bom?" "Tudo bom". Mas eu, não: "quê que há, 'cara'? Toma a benção, seu 'porra'! Venha cá, tomar a benção do pai! Venha cá, me dê um cheiro". Dou um cheiro. Eles são mais "secos" do que eu. (...) O que eu digo é o seguinte: que são pessoas maravilhosas; que a gente tem que entender; que tem que ser bom; tem que ser dedicado; tem que fazer feliz a mulher que você tem e ser decente com todas as mulheres; ser amigo; ser "legal", né; ter um relacionamento bom. (...) Sobre os homens, a mesma coisa: ah, o pensamento não diferencia muito. É também ser amigo e leal; ser justo: nunca querer "usar" ninguém. Eu sempre digo pra eles: "olha, tudo na vida, você pode optar. Eu tô dizendo como eu faço. Esse negócio de você ser emotivo demais, de deixar as coisas ocorrer do jeito que é pra ser, não, nunca! Tente sempre ter o controle de qualquer situação que você se encontre. Tente sempre ter o controle de qualquer situação". Isso é o que eu sempre tentei passar para eles, pros homens. Pras mulheres: "olhe, nenhum homem é seu amigo. Todo homem é seu amigo, mas, se você 'der', aí vem e 'come'". Eu digo pra minha menina de 16 anos: "não vá acreditando nesses 'camaradas' que vem conversando, que dá flores" - que ela andou com uns "paqueras", uns namorados. "Namore: não tem problema, mas eu quero conhecer seu namorado. Não precisa namorar escondido, não. Traga o 'safado', que eu quero conhecer: quero ser amigo dele, quero ir pra festa. Se um dia, ele não tiver dinheiro, me diga baixinho, que eu dou pra vocês irem pra festa. Vou levar, vou buscar de madrugada: faço isso constantemente. Agora, não me venha chorar depois de decepção de amor: 'ah, eu amava fulano! Tive relações com ele e, depois, ele me abandonou'! Estou lhe explicando como é. No dia que você gostar, namore. No dia que você quiser ter um relacionamento sexual, tenha. Agora, não me venha com esta história de trauma, de que lhe abandonou, que você 'deu' por amor: 'dê' porque quer 'dar'. Esse negócio de "por amor" e tal, eu não 'engulo'".

Marcos admite que já se dedicou mais ao filho, mas tenta recuperar a intimidade com ele, apesar de reconhecer que ainda assume o tradicional papel familiar de "dono do

dinheiro” e de “chefe da casa” - à semelhança de seu pai - preocupando-se que o filho saiba se impor na vida:

> *já foi melhor. Eu, hoje, tô tentando recuperar. Sei que recuperar eu não vou conseguir, mas, no começo, quando ele nasceu, era um homem que eu queria. Nasceu um homem: fiquei muito orgulhoso por isso. Eu tinha muito mais tempo para com ele, né? (...) Tinha condição de poder estar com ele, nos finais de semana, “curtindo”. Participava muito mais do que participei até o ano passado, 97, porque a empresa me cobrou muito, me exigiu muito: exigiu os meus finais de semana; exigiu minhas noites, né? (...) Foi um negócio muito ruim: eu estou tentando amoldar isso; acabou um pouco com a minha saúde (...) e acabou prejudicando um pouco o relacionamento com o meu filho, né? (...) Eu quero ser muito mais participativo do que eu sou hoje com relação às coisas da escola dele, (...) ao medicamento dele, (...) às brincadeiras dele. E eu sei que eu tenho faltado um pouco com isso: então, melhor do que foi de 97 para trás. Tudo aquilo que o meu pai não fez por mim eu quero fazer pelo meu filho. Tudo de ruim que o meu pai fez para mim eu não quero fazer para o meu filho. Então, eu me preocupo muito em saber se ele está bem. Eu me preocupo em beijar, quando eu chego. Eu me preocupo em dar as coisas para ele, que o meu pai não me deu. Acho que eu estava até errando um pouco nisso. (...) Eu quero “curtir” cada etapa da vida dele: (...) quero “curtir’ cada uma dessas etapas e ser uma presença marcante em cada uma destas etapas, coisa que o meu pai não foi. Ela tem muito mais preocupação com ele, né? Ela tem muito mais dedicação para com ele do que eu. (...) Eu sou mais, com ela, assim: discutindo com ela as coisas, decidindo as coisas, e ela é quem vai lá e dá a comida e dá a assistência e faz as coisas. Eu sou mais aquele que brinca, aquele que sai, que leva para sair, né? Não é ruim: a relação é boa, mas eu sempre quero mais, melhorar o máximo possível, Georges, porque eu vejo que eu posso ser melhor do que o que eu estou sendo hoje. Eu tento fazer diferente, sim. (...) Ainda tem uma coisa que eu tenho para com o meu filho, que é uma relação que eu tenho com o meu pai, que é a do dinheiro: eu sou um homem de dinheiro em casa, para com o meu filho, e como era na minha relação na minha casa, que meu pai era o homem do dinheiro na minha família. Então, isso ainda está muito ligado. Para o meu filho, eu sou o homem do dinheiro. E, para o meu pai, quando eu morava lá com ele, ele era o homem do dinheiro: decidia fazer as coisas; comprar; não comprar ou fazer. (...) Eu sou quem mando. Eu não acho ruim essa condição, mesmo porque eu brinco muito com meu filho sobre esse negócio da condição de quem manda. Ele sabe que quem manda sou eu, mas eu tento que essa coisa seja o mais natural possível: eu tento; (...) às vezes, eu não consigo. Às vezes, eu tenho que mandar mesmo: “você senta aí porque você está me desobedecendo. Você senta lá, que eu estou mandando porque quem manda sou eu. E fique aí até eu achar que você deve sair ou quando você pedir desculpas porque fez isso etc. e tal”. (...) Agora, eu sinto que ele está mais de beijo e mais de abraço, que ele não era. Quando criança, o toque era diferente, era mais de brincadeira, né: “ah, o pai chegou! Vem cá”, isso tudo. Hoje, eu sinto que tem um negócio de carinho: “oh, dá um beijo no pai”. Ele abraça; gosta; brinca comigo; às vezes, bate - brincadeira de lutar, que a gente faz. (...) Eu converso com ele um pouco sobre “ah, como é bonita, a menina!” Ele gosta de uma menina na escola, que chama B.; gosta muito de outra menina, que se chama J. Então, eu falo: “ah, a J. é bonitinha. B. é bonitinha. Você brinca com ela. Chama para brincar aqui em casa”. (...) Agora, ele está com uma curiosidade sexual de querer tomar banho com a coleguinha dele, que é a N., a coleguinha mais próxima dele, e ele tem curiosidade de tomar banho com ela: (...) “pai, posso tomar banho ‘pelado’ com a N.?” “Não pode: primeiro, toma a N.; depois, toma você”. (...) Eu ainda não senti - ele tem 6 anos - uma facilidade minha para eu poder falar com ele sobre algumas coisas: (...) “ah, pai, fulano de tal fez isso”! “E o que você fez?” “Nada”. “Mas como nada? Tem que fazer alguma coisa, né?” Cobro dele uma decisão (...) para que ele possa se impor, né?*

Solteiro e homossexual, Rogério reconhece que jamais seria pai:

> *eu acho que ser pai e ser mãe, hoje em dia, é um negócio muito sério, né, e que hoje, eu diria que acho que eu não assumiria esse papel, não: não teria estrutura pra, realmente, com a visão que eu tenho, de encaminhar bem uma pessoa, de orientar, de conversar, de encaminhar. (...) Requer tanto detalhe, tanta atenção, tanto tempo, que eu acho que eu num teria condição, hoje, de ser pai, não. (...) E nem aceitaria, por exemplo, criar alguém, adotar, vamos dizer. (...) Existem coisas mais prioritárias pra mim do que isso.*

Jorge está separado da primeira esposa, vivendo com outra mulher que já tem um filho e que espera um filho dele para breve. Procura ser participante, mas reconhece que sua atuação junto às filhas do primeiro casamento ainda é limitada e que não se sente muito à vontade com o enteado, embora acredite que a distância entre pais e filhos seja parcialmente provocada e perpetuada pelas mães. Reconhece seu potencial violento e busca refrear a possibilidade de usar sua agressividade com as filhas e a família:

> *a relação que eu tenho com minhas filhas e com meu enteado é de dialogar o máximo possível, (...) mas eu acho que devia ser maior: os homens deviam participar mais da educação dos filhos. No meu caso, eu acho que mais pela dificuldade da presença, de estar pouco presente, ou menos presente do que deveria por conta do trabalho fora de casa. Eu acho que as mães perpetuam a discriminação, talvez mais do que pelos homens, porque são elas que lidam diretamente com os filhos, e os primeiros valores de discriminação, eu acho que são delas. (...) Eu pouco agi com violência com relação a elas, e, quando agia, eu me sentia mal. (...) Eu não lembro, assim, a não ser de uma vez, do papai ter me batido: normalmente, ele conversava. (...) No começo da separação, me chateou um bocado: eu tinha muito problema em aceitar não viver com elas. Hoje, como não tem outro jeito, então, eu procuro, sempre que posso e que tenho o tempo livre, estar com elas. No aspecto de conversar com minhas filhas, eu percebo mudando de nível e acho que é o mais correto. Eu tenho uma interferência maior na educação delas: eu acho que eu sou menos omisso. No período da separação, logo após, durante uns 2 anos mais ou menos, a gente ficou um bocado distanciado, e depois, a gente voltou a ter mais contato e eu acho que essa separação me fez (...) respeitar mais como pessoa, de ser menos possessivo. (...) Logo no início, como eu não tive nenhum filho homem, então, a manifestação do contato físico me deixava constrangido: no início, inadequado, eu acho. Hoje, eu não faço tanta diferença, não. Até agora, eu tenho mais contato físico com elas do que com ele, mas devido a ele, e ele já percebeu: é pouca aceitação dele de contato físico, eu acho. (...) As mulheres têm diferença única de gênero. Fora isso, nenhuma: são pessoas como os homens, que têm papel social; devem trabalhar também fora de casa; que devem repartir as atividades domésticas; que devem ter objetivo de vida; que têm um papel igual ao dos homens, a não ser no que diz respeito à questão da maternidade, amamentação e as diferenças ideológicas características. (...) Eu não acho que homem tem que sair dando "porrada".*

Apesar do relacionamento difícil e conflituoso que teve com o pai, Guilherme ainda assim deseja exercer uma possível paternidade diferenciada daquela que viveu junto a seu pai: "eu esperaria que o filho que eu venha a ter, caso o tenha, possa ser muito diferente do meu pai, a minha relação com ele. Ultimamente, vem surgindo na minha cabeça o desejo de ter um filho. (...) Eu sinto um desejo que, algum tempo atrás, era

ausente". Casado, mas ainda sem filhos, Edson considera a paternidade fundamental, sonhando ser pai dentro de pouco tempo:

> *eu acho uma coisa extremamente importante ser pai: importante ser pai mais do que ensinar, do que fazer qualquer coisa. Eu acho mais do que fazer uma revolução, que votar nulo para presidente, do que qualquer coisa, é você criar um filho: pra mim, é fundamental, realmente, agora, sobre isso, a participação do pai junto com a mãe na criação do filho. Pretendo ser pai, breve.*

Freqüentemente negligenciada e considerada secundária por leigos ou mesmo por especialistas em psicologia do desenvolvimento humano em relação ao *papel sócio-cultural* da mãe, a figura paterna revela-se, portanto, significativa na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* através dos depoimentos que obtive. Acredito que as transformações sócio-culturais da paternidade contemporânea são ainda sutis e que acontecem lentamente. Entretanto, percebo-a se modificando passo a passo e sistematicamente no discurso de meus entrevistados, especialmente através de suas manifestações concretas de afeto e de intimidade com seus filhos. Se persistem as marcas do padrão patriarcal em muitos dos depoimentos aqui expostos, tal modelo vem sendo questionado, não mais apenas pelas mulheres que convivem com esses homens ou pelos estudos gerados pela *sociologia das relações de gênero* sobre a masculinidade, mas pelos próprios homens, que freqüentemente se ressentem da dificuldade de expressar carinho a seus próprios filhos e que se perguntam se serão capazes de transformar o duro fardo do patriarcado que incorporaram de seus próprios pais. São vários os entraves para a criação de um relacionamento mais prazeroso, fluido e tranqüilo entre pais e filhos, como pude destacar através de diversos depoimentos de meus entrevistados. Apesar de tais empecilhos, creio que as sementes de uma nova paternidade estão implantadas, o que pode vir a propiciar que os homens se permitam expressar sem pudor a intimidade e o amor que realmente sentem por aqueles com quem convivem, ampliando esta postura mais flexível a outros campos de suas vidas, como, por exemplo, o relacionamento com seus congêneres, favorecendo com que as relações de amizade entre os homens deixem de ser um mero espaço de desconfiança e de competição, como ainda é comum nos tempos atuais. Este é o tema de que tratarei no próximo capítulo.

Capítulo 4. O Homem e os outros Homens: Competição e Violência *versus* Amizade e Intimidade

Eu passei muito tempo
Aprendendo a beijar
Outros homens
Como beijo o meu pai
Eu passei muito tempo
Pra saber que a mulher
Que eu amei
Que amo
Que amarei
Será sempre a mulher
Como é minha mãe
Como é, minha mãe?
Como vão seus temores?
Meu pai, como vai?
Diga a ele que não
Se aborreça comigo
Quando me vir beijar
Outro homem qualquer
Diga a ele que eu
Quando beijo um amigo
Estou certo de ser
Alguém como ele é
Alguém com sua força
Pra me proteger
Alguém com seu carinho
Pra me confortar
Alguém com olhos
E coração bem abertos
Pra me compreender

Gilberto Gil[59]

A amizade é o problema dos homens. É o romantismo deles.

Milan Kundera[60]

[59] *Pai e Mãe*, composição interpretada pelo próprio compositor, Gilberto Gil, em 1975, pela gravadora Philips, no disco *Refazenda*.
[60] KUNDERA, Milan. **A identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 45.

> *Nunca tive um verdadeiro amigo, apenas colegas de ocasião. Pela primeira vez me via diante de outro homem semelhante a mim, cuja presença era confortável, me fazia bem: não me levava a descer como sempre a fatal escadinha que da inveja leva ao ressentimento, deste à frustração, finalmente ao rancor. E era meu próprio pai.*
>
> Fernando Sabino[61]

> *Um homem contou a seu amigo de infância que ia se casar mais uma vez e, quando disse quem era a escolhida, o outro saltou:*
> *- Você está é doido! Faz anos que tem essa invejável liberdade de morar sozinho, e agora quer se casar, ainda por cima com essa mulher tipo família? Se quer se divertir, arranje uma dessas meninas capa-de-revista, que a gente usa e depois despacha!*
> *- O que mais me doeu - disse-me o que fizera a confidência - nem foi que ele pensasse daquela maneira, pois eu conhecia os seus princípios: foi que, depois de uma amizade de tantas décadas, ainda soubesse tão pouco de mim.*
>
> Lia Luft[62]

Lins (1995) comenta que os espaços viris, reservados prioritariamente aos homens, evidenciam

> *o prazer e o gozo que sentem os homens de se encontrar em um terreno comum e propriamente masculino, o terreno dos combates e do afrontamento. Acontece porém, que o encontro entre rivais combatentes, misto de medo e de terror, provoca igualmente momentos de uma grande força lúdica* (p. 67).

De sua parte, Campolim & Lima (1998) consideram que

> *os meninos (...) estão menos expostos ao ressentimento ou à inveja porque a rivalidade entre eles encontra outras formas de expressão, seja no jogo, na competição, na camaradagem ou na disputa, muitas vezes acirrada, que inclui até a força física, brutal. Através da briga, das disputas, o ressentimento do menino se esvai* (p. 51).

Por sua vez, Almeida (1996), a partir de sua própria pesquisa, argumenta que

> *não são pouco freqüentes as menções que os entrevistados fazem à incapacidade de externalização dos homens. Talvez justamente pelo fato de aqueles elementos que fazem parte do que entenderíamos por mundo externo parecerem residir no plano exterior ou epidérmico desses sujeitos* (p. 109).

---

[61] SABINO, Fernando. **Aqui estamos todos nus**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 198.
[62] *Op. cit.*, p. 76.

Portanto, é possível reconhecer que as relações sociais entre os homens costumam integrar de maneira ampla e variável um misto de atração e de amor mútuos freqüentemente escamoteados com uma beligerância e uma competitividade mais facilmente aparentes e manifestas, o que comumente confunde tanto os próprios homens, que geralmente convivem num espaço de confiança e de companheirismo fugazes, quanto aqueles que se dispõem a observá-los em seus relacionamentos sociais, percebendo que as vivências masculinas envolvem apreço e solidariedade e, ao mesmo tempo, competição e violência entre os homens. Da mesma forma, podemos perceber como a animosidade e a competição parecem ser constituintes importantes dos relacionamentos dos homens entre si. Além disto, o risco de manifestações violentas parece sempre rondar as relações masculinas, freqüentemente empanando a confiança mútua.

A partir dos depoimentos de meus entrevistados, busquei tentar desvelar algumas possíveis nuanças daquilo que se configura como um fenômeno sócio-cultural reconhecidamente misterioso e intrigante e sobre o qual poucos homens se dispõem a tratar: o que sentem meus sujeitos de pesquisa no contato com seus congêneres e como lidam com a amizade e a confiança em outros homens em seus relacionamentos sociais e afetivos.

1. *Os Melhores Amigos do Homem*

Assim, a partir dessas considerações, elaborei a 9ª tipologia nativa desta pesquisa, levando em conta as seguintes perguntas sobre as relações entre meus entrevistados e seus congêneres:

. se têm amigos (pergunta 64);

. como caracterizam suas relações de amizade (pergunta 65);

. se compartilham suas questões pessoais com outros homens (pergunta 66);

. o que pensam a respeito de compartilhar tais questões com seus amigos (pergunta 67);

. se percebem diferenças no contato com amigos e amigas (pergunta 68);

. se já vivenciaram situações de constrangimento no relacionamento com outros homens (pergunta 69);
. se já dependeram de outro homem (pergunta 70);
. se participam de alguma atividade ou de algum grupo exclusivamente masculinos (pergunta 71);
. como se sentem num ambiente exclusivamente masculino (pergunta 72);
. se, numa festa, por exemplo, aproximam-se mais dos grupos masculinos (pergunta 73).

Partindo das perguntas acima, desenvolvi a discussão das seguintes tipologias analíticas (25ª e 26ª):

. *O melhor amigo do homem é outro homem*

As respostas de meus sujeitos de pesquisa à minha primeira pergunta sobre suas relações de amizade com outros homens foram inicialmente afirmativas: todos os meus entrevistados afirmaram que têm amigos. Entretanto, em seguida, muitos deles revelaram que suas relações de amizade são restritas e alguns manifestaram mesmo a falta de maiores laços afetivos com outros homens. Tal situação evidencia quanto o silêncio, a distância e a desconfiança ainda permeiam os relacionamentos masculinos e como a (im)possibilidade de confiar em outro homem interfere numa vasta gama de outros campos sociais, para além das próprias relações de amizade. Neste sentido, Guilherme confessou-me: “eu sinto falta de amigos, né? Falta ter a experiência masculina para compartilhar: são mais distantes do que eu gostaria”. Jorge também reconhece a importância de ter amigos com quem compartilhe suas questões pessoais: “eu acho que, quando se tem problema e que se tem alguém que possa ouvir, seja homem ou mulher, eu acho que é interessante porque ajuda a pessoa a se sentir mais ‘leve’”. Valdir tem como confidentes os amigos que encontra nas mesas dos “bares da vida”, tendo aprendido com um velho mestre de obras que não deve contar tudo de si mesmo às mulheres, pois não as compreende, não confia e não consegue ser íntimo delas. Entretanto, por outro lado, acha especialmente constrangedora a possibilidade

de depender de outro homem, embora já tenha participado de vários grupos considerados essencialmente viris pela sociedade em que vivemos:

> *talvez até como um desabafo, né? Dizem que mesa de bar é confessionário de "bebo", e, às vezes, a gente - aquela tensão, aquele "stress", aquelas coisas da vida - fim de semana, senta ali juntos, começa a comentar: serve como uma "válvula de escape". Então, eu tenho um amigo que "vale pela casa toda": compartilho, comento. Quando isso acontece, é como desabafo. (...) Certas coisas, ninguém pode conversar, né, com uma mulher. Eu num converso. (...) Isso, eu aprendi até com um mestre de obras, quando eu comecei. O mestre de obras me dizia - na época, eu num entendi bem, né? - que a gente não podia contar certas coisas pra mulher que ela ia "gerenciar" aquele conhecimento. Se contar uma coisa, mulher é muito sagaz: muita imaginação, muito ampla, né? Então, ele me disse: "rapaz, tu é recém-casado. Doutor, têm certas coisas que ninguém deve contar pra mulher, não". E eu acho que eu ouvi a verdade: têm certas coisas que a gente num deve contar pra mulher, não. (...) Eu me senti e me sentiria e vou me sentir, se Deus querer* (sic)*, eu precisasse pedir algum dinheiro emprestado. Às vezes, eu me sinto, assim, meio em conflito. Eu pensei em fazer análise, né? (...) Eu, uma vez, quando dessa época que eu fiquei desempregado, eu tinha um amigo meu - julguei que o "cara" era meu amigo e fiz muito serviço pra ele - e, nesse dia, eu tava tão apavorado, aperreado, que eu fui pedir emprestado um dinheiro a ele, e, nisso, ele não me deu. Não me emprestou: me negou. Essa vez foi a única vez que eu precisei de uma pessoa assim. E, dentro da mesma possibilidade, eu falei com o meu pai: o meu pai me arranjou o dinheiro que eu tava precisando, só que houve uma reparação nisso. (...) Eu, antes, fui maçom, durante algum tempo. Eu freqüentei muito a loja maçônica e lá só tinha homem, né? Lógico, mas foi a única atividade que eu freqüentei que só tinha homem. Gosto de futebol também. (...) Atividade, teve mais outras. Hoje, não. Hoje, eu num participo de nenhuma atividade. (...) Eu, normalmente, me volto mais pros homens, né, porque num tenho relacionamento com as mulheres. Como é que eu vou "entrar"?*

Mário afirma não ter dificuldade de se relacionar com outros homens, embora reconheça que há alguns limites, especialmente quando se sente atraído por algum deles e não é correspondido, preferindo se aproximar e compartilhar suas questões pessoais com as mulheres. Revelou que depende afetivamente do namorado para tomar decisões, mas participa de grupos masculinos apenas ao freqüentar o meio "gay":

> *com homens? Ah! De farra, de brincadeira, de piada, de sair. Eu só quero dizer que é muito maravilhoso a relação com os homens. Eu acho que a relação com os outros homens é bastante precária, "tipo" não falar sobre sexo. É, eu acho mais fácil falar meus segredos pras minhas amigas do que pros meus amigos. Com quem eu estou envolvido afetivamente ou sexualmente, é uma emoção que eu sinto, não é? (...) Sou mais tentar ser mais charmoso, conquistar esse rapaz, enquanto que, só como amigo, não: eu não tenho o menor desejo de tentar seduzi-lo; vou encará-lo, assim, de uma maneira, né, que, às vezes, eu até me esforço pra fazer, né, e isso não complica. Ser brincalhão, né, e não "rola" nenhuma atração sexual. Às vezes, tem uma atração e eu fico constrangido com isso, e nem sempre é correspondido. (...) Eu já dependi do meu pai, não é? E hoje, eu dependo muito do meu namorado, né? Às vezes, eu sinto mais no lado afetivo. "Viche"! Eu dependo muito mais, certo? É, dependo em tomar decisão, não é? Ah, eu me sinto bem, em alguns momentos; em outros, não, né? Eu me sinto meio assim... (...) Vou a cinemas onde só têm homens lá dentro, não é, e isso mexe com a minha sexualidade bastante: mexe com meus instintos. É muito sexualizado: é um ambiente que só têm homens. Mas, assim, um grupo de velhos amigos, não. Às vezes, a gente vai à praia, a um bar lá na praia: é diferente. Eu me sinto bem. Se eu não tenho nenhum interesse de nenhum relacionamento amoroso, eu me aproximo mais das mulheres. É mais fácil eu me aproximar das mulheres do que dos homens.*

Apesar de ter poucos amigos, Pedro acredita que pode confiar nas suas amizades, desabafando com os amigos, sem distinção sexual. Entretanto, costumava ficar constrangido por conta da prática corriqueira de alguns amigos, que expunham e evidenciavam seu desempenho e suas proezas sexuais em comparação à própria inexperiência dele na adolescência, o que fez questão de garantir que conseguiu superar ao longo do tempo. Da mesma forma, sentia-se mal por depender financeiramente do pai e não se dar bem com ele. Embora exerça atividade profissional considerada essencialmente viril, não se sente à vontade com alguns estereótipos ainda mantidos por muitos homens, como os costumeiros grupos masculinos apartados das mulheres nas festas, apesar de tender a se aproximar mais deles:

> *quando eu digo a palavra "amigo", realmente são pessoas que eu confio, são pessoas que eu sou amigo mesmo, pessoas que eu posso "colocar" coisas íntimas. Logicamente, dentro dessa categoria, dentro dessa classificação, o número de pessoas amigas é limitado, né? São coisas que você dá até para contar com os seus dedos da mão quando realmente se tornam necessárias, pedir opinião, desabafar. (...) Eu procuro ver a coisa (...) tanto para mulheres quanto para homens, né? (...) Para mim, não existe aquela coisa - como é muito comum: a maioria faz - dos homens se juntam para conversar assuntos de homens, né, falar de mulheres, falar de futebol; e isso aí, eu acho totalmente sem sentido, né? Realmente, quando eu me encontro com as pessoas, são homens e mulheres juntos, e se conversam assuntos, homens e mulheres juntos. (...) O que antigamente constrangia; hoje, não: por exemplo, em termos de experiências sexuais, eu tive muito poucas, né? Então, quando chegava em determinadas rodas de homens, cada um vai contar quantas mulheres levou para a cama, essa coisa toda. Então, era uma coisa que me inibia porque, da minha parte, nunca tinha muitas histórias para contar, né: aliás, pouquíssimas. Aí, eu me "fechava", ficava rindo, aquele sorriso meio sem graça, tentando disfarçar. Quer dizer: eu não tinha coragem de assumir essa coisa, né? Quer dizer: agora, quero deixar bem claro que faz muito tempo, né? Hoje, felizmente, eu já consigo "trabalhar" a coisa bem. (...) O meu relacionamento com o meu pai sempre foi uma coisa distante. Então, era uma coisa ruim por isso: porque você não tem uma relação afetiva, mas, ao mesmo tempo, tem uma dependência econômica. Então, é uma coisa, assim, de uma certa contradição, né? Isso era uma coisa que me fazia mal. (...) Mesmo no meu trabalho, devido a ser (...) de engenharia, a maioria é composta de homens, mas existem mulheres, apesar de ser a minoria. (...) Infelizmente, a maioria dos homens, quando você encontra o grupo, ainda está muito naquela coisa de cumprir o papel clássico dos homens, né? Eu acho isso desagradável. Para mim, é uma coisa que não me faz bem: aquela coisa de você chegar no local; então, você encontra um determinado grupo de homens; aí, tem aquela história: "vamos sair para algum canto para - como se diz popularmente; é uma forma um pouco pejorativa - (...) "pegar mulher": "então, vamos lá arranjar uma mulher". (...) Se você está num ambiente e você não conhece as pessoas numa festa, uma coisa que entra várias pessoas que você não conhece, então, a tendência, geralmente, é ir sempre para os grupos masculinos. (...) Infelizmente, isso perdura. (...) Então, você está numa festa: fica, de um lado, o grupo dos homens; do outro lado, o grupo da mulheres - quase uma tendência, principalmente, na minha idade, né? (...) Aí, isso me faz mal: eu não gosto; não me agrada.*

Apesar de ter feito bons amigos em Fortaleza, Marcos apenas tem conseguido intimidade com homens provenientes de seu mesmo Estado de origem, com quem

compartilha seus projetos e suas conquistas. Contou-me um episódio constrangedor em que teve que ser firme ao ser abordado por um homossexual e afirma que, atualmente, convive basicamente com casais:

> *com o E., com o M., um muitíssimo amigo meu, são os mais próximos que eu tenho. Com o próprio R.: uma relação de complementação mesmo. Nós (...) moramos aqui há algum tempo e é um negócio de um ajudar o outro mesmo, de brincar. É uma necessidade: eu tenho uma necessidade de poder conversar com eles, de falar com eles, de estar com eles; partilho, compartilho. Bom e necessário: eu preciso falar; eu preciso ter uma pessoa com quem eu possa contar as minhas loucuras; que possa me orgulhar ou contar para alguém o orgulho que eu sinto de ter feito A, B, C; de ter conquistado alguma coisa etc. Eu preciso e sou de ouvir deles também, essas coisas. Então, a gente fica muito contando: "ah, fizemos isso, fizemos aquilo. Tomar cuidado com relação com mulher, com não-sei-o-que, com compra de apartamento. Ah, vamos comprar um apartamento. Vê se a 'grana' vai dar ou não vai dar; segura, não-sei-o-que". A gente conversa; eu converso muito, mas eu gosto muito deles: são pessoas que eu tenho um carinho, assim, enorme, principalmente o E., o M. e o R. (...) Hoje, eu tenho poucas amigas: eu tenho muito mais amigos. Então, eu estou me "abrindo" muito mais: eu consigo me "abrir" muito mais com o E., com o próprio M., do que com amigas. Amigas, eu não tenho. (...) Me senti, com uma experiência que eu tive com uma pessoa que é homossexual e que acabou invadindo o espaço, uma pessoa que eu conheci (...) e que eu me senti constrangido, né? Tive que me impor enquanto homem para poder fazer isso. (...) Me deixou constrangido. (...) Me deixou inseguro, naquele momento, né? Eu nunca tinha vivido esta experiência. Eu acho que eu fui até um pouco grosseiro demais, mas não era uma situação que eu queria que fosse adiante. (...) A relação que eu tenho é muito familiar, muito "vamos chamar os casais".*

César afirma que tem apenas dois amigos, mas sente-se satisfeito ao poder compartilhar com eles suas vivências comuns. Reconhece que dependeu do chefe e de funcionários subalternos com mais experiência para tomar decisões no trabalho no qual convive apenas com homens, sentindo-se inferiorizado e constrangido. Percebe-se mais à vontade nos grupos masculinos, com os quais criou uma linguagem de códigos comuns através da qual se comunica e pode falar de tudo com os homens, o que não ocorre tão facilmente em seus contatos com as mulheres:

> *eu tenho basicamente dois amigos - o M. e o T.: são como meus irmãos. O M. trabalha comigo, na mesma profissão. Ele estava desempregado também e acabou trabalhando na mesma profissão, e é uma profissão avulsa, como se fosse profissionais liberais. Então, um incentiva o outro. Então, tem o lado bom: eu sou muito brincalhão. Eu já tive uma situação econômica muito boa: eu tinha uma D-20 e a gente saía; fazia umas farras junto; o objetivo maior era arranjar uma mulher pra "transar". A gente se lembra de algumas passagens; a gente conta; se diverte; às vezes, passa uma mulher e tal. (...) Me sinto à vontade porque tanto ele fala da vida dele como eu falo da minha e não existe um assunto particular. A gente trata de qualquer assunto. (...) Com os amigos, eu tenho mais liberdade em termos de assunto; com as amigas, não. Ah, tem uma delas que fala de qualquer assunto, mas, com os amigos, a "abertura" é muito maior. (...) Houve uma época em que eu dependi muito do meu chefe: (...) ele me deixou à vontade para trabalhar na sessão que eu quisesse. Talvez ele tenha até me deixado à vontade para ver como eu ia trabalhar, e eu tive muita necessidade: não sabia o que fazer; não sabia onde ir; via muita coisa errada e ficava sem saber como agir para consertar aquele erro. O "cara" vivia muito ocupado e*

> *eu tinha muita dependência dele pra contar um problema e ele dizer que atitude tomar, e, às vezes, a gente chegava a brigar porque "faça isso! Faça aquilo! Não posso dizer, também, tudo o que você tem que fazer. Você tem que aprender a tomar uma atitude e fazer o que você acha que deve ser feito". Ele já dizia isso porque queria ver eu tomar uma atitude, ver o meu nível de liderança. E, quando eu fiz 6 meses, ainda estava nesse negócio: às vezes, tomava atitudes certas ou erradas. Aí, brigava com o chefe de produção. Aí, o chefe de produção levava o problema para ele: ele me chamava atenção. Foi um período muito chato. (...) É uma situação, assim, constrangedora, não é, né? É uma situação que, às vezes, eu "pegava no pé", né, que, às vezes, ele estava lá em cima, fazendo um relatório, e eu ia falar com ele sobre o que eu tinha que fazer: aí, ele me achava "atrasado"; me achava "burro", que não sabia tomar atitude. E, às vezes, eu ia conversar com uma pessoa de função muito mais inferior que a minha e, por incrível que pareça, pessoas com muito mais tempo na empresa já sabiam o que eu tinha que fazer: então, eu me sentia um joguete na mão do pessoal. Eu fazia o que queria, como queria. Às vezes, não fazia nem de um jeito nem do outro: tomava minha própria atitude. Fui "quebrando a cabeça", "quebrando a cabeça": consegui exercer a função que era até uma função que eu almejava, (...) mas eu me sentia inferior. (...) Eu me aproximo mais dos homens. Eu trabalho só com homens, mas, se tiver que trabalhar com mulher, isso é normal, tal. Tem brincadeira só de homens e tal, né? Me aproximo mais dos grupos masculinos até pela facilidade de se relacionar que você tem. Com as mulheres, você tem um certo "jogo de cintura" pra colocar um certo assunto. Com homem, não: você chega, diz que aquela mulher é "gostosa" e tal. Com a mulher, não: você tem que manter uma conversa mais específica; os comentários são da festa, se está gostando da festa. Aí, com o homem, você tem uma infinidade de assuntos para falar.*

Sílvio se sente disponível para procurar tanto homens quanto mulheres quando precisa compartilhar seus problemas pessoais, mas fica mais à vontade com os homens, saindo eventualmente com eles para farrear. Passou a se preocupar com sua própria independência quando começou a trabalhar com os pais e a ganhar seu próprio dinheiro:

> *quando tem algum problema, o primeiro que aparece, nesse momento, eu converso um pouco: alivia a cabeça. (...) É diferente porque, formando uma roda só de amigos, assim, ninguém mede termo nenhum pra usar quando tá conversando. Então, de certa forma, quando se tá com amiga, é assim. Lógico, têm aquelas que são mais liberadas, aquela coisa toda, mas normalmente não. Eu não saio conversando todo tipo de "esculhambação": nesse ponto, é diferente. (...) A gente sempre, tanto eu como meus irmãos, dependia dele: era uma coisa normal, dentro de casa. Pra mim, era uma coisa normal porque não trabalhava, e, assim, quem sustentava mesmo a casa era ele. Só a partir do momento que eu comecei a trabalhar é que eu vejo que eu não quero voltar pra essa relação de dependência, mas, enquanto eu fui dependente financeiramente deles, dele e da minha mãe, não. Eu tenho o meu trabalho; eu tenho a minha "grana". Assim, moro com ele, mas hoje, por exemplo, se eles não fizerem supermercado, eu vou e faço. Não tem esse negócio: "o dinheiro é de fulano e tal". (...) Aqui e acolá é que, final de semana, a gente sai, só homens, pra farrear mesmo, mas outras atividades, não.*

Não demonstrando qualquer dificuldade especial de aproximação com homens e mulheres, Jorge revelou-me que, embora tenha se incomodado por ter dependido financeiramente de parentes para estudar, terminou por adaptar-se a tal situação:

> *quando eu vim pra cá, fui morar na casa de tia e fiquei: basicamente, quem me sustentava eram dois primos. Eu queria estudar: então, tinha que vir pra cá e tinha que ficar na casa da minha tia*

> *porque meu pai não tinha dinheiro para pagar hotel, pensão, fosse o que fosse, e, no começo, foi meio ruim para aceitar a dependência. Depois, não me constrangia, não. Festa, quando eu vou, é com minha mulher, casal de amigos, e não me aproximo nem mais de homem e nem mais de mulher.*

Lucas também tem poucos, mas bons amigos, embora admita que tem mais dificuldade de ser íntimo daqueles que não se reconhecem homossexuais como ele. Denunciando a estereotipia homofóbica nos relacionamentos entre homens, confessou-me já ter vivido situações de intensa dependência afetiva de outros homens, considerando-as patológicas:

> *eu acho que tenho poucos amigos, né, mas os que eu tenho, eu posso me "abrir", eu posso ser eu, eu posso falar das minhas dificuldades, dos meus desejos, dos meus anseios, coisas que, de um modo geral, se eu fosse falar para um outro homem que não fosse amigo, seria mais difícil de "colocar", mas eu já compartilhei com amigos não-homossexuais. (...) Quando não é opção dele - o outro amigo não é homossexual - fica mais difícil: pode até entender ou não ter preconceito, mas é mais difícil de entender. Eu acho que, pelo menos por causa de minha experiência nesse grupo, né, eu me sinto aceito pelo grupo. Talvez até algum deles gostaria de conversar, assim, que eu me "abrisse" mais; talvez até identifique coisas que eles têm e eu também. (...) Eu identifico que tem muita gente que sente o que eu sinto, que questiona o que eu questiono, pela condição de ter "amarrado": (...) "eu sou homem! (...) Prefere ficar na "coisa" do convencional, de atitudes masculinas: num pode fazer isso; num pode fazer aquilo, né; tem que gostar de futebol, né, ir pro estádio; tem que jogar futebol; tem que gostar de filme policial, de violência, né? Então, eu acho que tem muita gente que foge a isso, né, mas que não se assume ou não assume por medo, né, até de "colocar" diante dos outros, da sociedade, e se expor, né? (...) Eu me senti constrangido no contato com um homem com a mesma opção sexual minha, mas o meu constrangimento foi a diferença de divisão do mundo, a incompatibilidade, a insensibilidade. Quer dizer: de algumas coisas que eu estava sentindo e ele não estava sentindo. (...) Em relação aos outros homens, sabe, pessoas não-homossexuais, um grupo de colegas, amigos, eu vou até um certo limite. Um certo limite eu tenho, de algumas coisas que eu não posso contar pra eles: eu acho que não é o caso, né? (...) Eles sabem, inclusive - lógico, que eles num são idiotas, né: uma relação de 10 anos que a gente se encontra - só que é uma coisa não falada, e acho que nem precisa falar, e, também, nem de um lado nem de outro há cobrança. (...) Afetivamente, eu já tive algumas relações meio... posso dizer até patológicas. Eu acho que, no momento, eu tava fragilizado.*

Edson vivencia sentimentos de companheirismo e de fraternidade em suas relações de amizade, mas admite que é difícil compartilhar sua intimidade, embora se esforce mais para compreender as mulheres. Ao final, reconheceu que tem ciúmes dos amigos e que diferencia homens e mulheres, atribuindo a eles maior determinação e capacidade de tomar iniciativa e a elas uma tendência à indecisão e à volubilidade. Socialmente, a rejeição ao alcoolismo do pai tem-no impedido de se aproximar mais de outros homens que bebem, pois é abstêmio:

> *é uma coisa quase de irmãos, eu diria. (...) Bom, é difícil tanto pro homem como pra mulher. Eu não vejo diferença entre um e outro, né? Por ser homem, pra mim, é mais difícil do que por ser*

mulher. (...) Quer dizer: é aquela história de que, com mulher não tem problema. (...) Mesmo que eu não partilhe normalmente, eu partilho quando eu acho necessário: eu procuro resolver. (...) Me "abro" com amigos tanto quanto me abriria com amigas. Eu diria que eu tenho um relacionamento com as mulheres muito maior, assim, mais internamente do que externamente. (...) Quer dizer: é uma coisa que eu presto muito atenção, de olhar pra mulher, de ver como as mulheres se portam, ver como elas pensam, achar o quê que elas estão expressando. Então, eu tenho um olhar voltado pra isso, apesar de ter menos relacionamento com mulheres do que com homens. (...) Com homem, só questão do ciúme, ou da minha parte e deles. Da minha parte e deles, já chegou a ocorrer nos dois casos, né? Pra mim, é uma coisa, assim, meio que natural, né? Na verdade, eu acho absolutamente normal: quando eu tiver a fim da namorada de fulano de tal, eu acho muito natural ele sentir ciúmes, né? Quando acontece comigo, também: eu acho muito natural ter ciúmes. (...) Engraçado: principalmente quando entra mulher no meio, em relação homem-mulher, eu tendo a respeitar muito o homem, mesmo que, no caso - digamos - eu esteja no outro lado, né? (...) Eu acho que tenho uma tendência a achar que a mulher é mais fraca, né, se a mulher que está vacilando a não decidir, né, e não o homem: tá fazendo o seu papel de ser determinado como sempre. (...) Eu tenho uma tendência a ficar com a minha família. Normalmente, eu fico onde as mulheres estão conversando porque aí vem aquela história de bebida: o grupo dos homens, geralmente, está ali bebendo.

As relações sociais e afetivas entre os homens apresentam uma multiplicidade condizente com as inúmeras possibilidades da *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na contemporaneidade. Entretanto, parece comum ainda que muitos homens prefiram se associar com seus congêneres, tendo dificuldade de compreender o universo feminino. Tal "apartheid" de *gênero*, sem dúvida, contribui para um freqüente distanciamento entre homens e mulheres. Acrescente-se que os espaços eminentemente viris continuam existindo e que ainda sobrevivem, mesmo nas sociedades contemporâneas, engendrando códigos e rituais que atraem muitos homens, mas que os distanciam das mulheres, aparentemente com o objetivo sócio-cultural de desenvolver e de instituir uma *identidade masculina* única e padronizada, atemporal e ahistórica – portanto, pretensamente eterna - através da qual os homens constituem uma espécie de elite sócio-cultural e econômica, na tentativa - que acredito vã – de perpetuar um modelo patriarcal cada vez mais decadente, mas que certamente ainda manifesta seu *poder de dominação e de discriminação* entre os *gêneros*. Apesar disto, a própria diversidade humana, crescente no mundo contemporâneo, vem corroendo tal exclusão mútua entre os universos masculino e feminino, tudo parecendo funcionar como se, entre aqueles homens que desde sempre conviveram mais com as mulheres, ocorresse uma tendência a *construir* uma maior habilidade para lidar com a intimidade, atributo sócio-cultural relacionado ao universo feminino. Assim, muitos homens já não se adequam a tal modelo sócio-cultural discriminatório e excludente e

mesmo investem na integração entre os *gêneros*, bem como no desenvolvimento de uma maior intimidade harmoniosa com seus congêneres.

. *O homem que não confia em outro homem*

Apesar de alguns homens ainda preferirem ou se limitarem a desenvolver relações de amizade com outros homens, a defensividade distanciada entre congêneres ainda se faz presente nos relacionamentos masculinos. É neste sentido que Nolasco (1993) adverte que

> *as amizades entre homens são como terra de ninguém. Fomos socializados para calar o sofrimento, o prazer ou a fantasia para outro homem, sob o preço de perder sua "amizade". Nossas relações são, na maioria das vezes, superficiais e distantes, justificando nosso fervoroso envolvimento com o trabalho, as guerras e o comércio* (p. 13).

Assim, muitos homens ainda hoje vivenciam uma espécie de sofrimento calado e solitário quanto às suas *relações sociais de gênero*, pois nem sempre confiam nas mulheres e freqüentemente também vacilam ou oscilam entre o desejo e o temor de se integrar intimamente com seus congêneres.

Os temores masculinos de se mostrarem como de fato são a seus congêneres se manifestaram de forma mais ou menos clara em diversas *falas significativas* de meus entrevistados sobre suas limitações quanto à amizade com outros homens: "olha, eu tenho alguns amigos, mas eu nunca me abro total pros meus amigos, não" (João); "tenho: não muito chegados, não, mas tenho" (Tomás); "eu mantenho os amigos quando eu encontro, não aquelas coisas, sabe, de tá sempre encontrando" (Flávio); "tenho poucos: poucos amigos, mas tenho" (Ernesto); "eu tenho, mas muito poucos" (Gilson); "amigos, eu tenho: poucos, mas tenho, né?" (Rogério); "tenho alguns, igualmente como as amigas: eu tenho pouco contato com eles. Poucos também pelo mesmo motivo: pela questão do tempo de encontro, de contato" (Jorge). João explicou-me porque tende a se aproximar e a se envolver mais afetivamente com as mulheres, embora não se exponha íntima e integralmente nem a elas nem aos homens, mesmo sendo seus amigos. Contou-me que já vivenciou situações de constrangimento com os amigos na juventude devido a cobranças sócio-culturais de demonstração e de

comprovação de seu desempenho sexual com prostitutas. Por outro lado, entretanto, sente-se muito à vontade e integrado em agrupamentos masculinos quando joga futebol, pois sua violência viril se evidencia nestes momentos:

> *pras mulheres, as relações afetivas. (...) Eu fui sempre criado só: no seminário, era só; depois, vim pra cá, longe da família. Toda a minha própria formação, no meu tempo, fez que eu fosse um pouco reservado. Eu nunca me "entrego" numa amizade. Minhas questões pessoais, eu não tenho amigos pra lhes contar. Ninguém sabe minhas questões pessoais. Eu tenho alguns traumas do meu tempo de rapazinho, né, muito jovem, que eu compartilhava tudo, né, com amigos, e andei sofrendo um pouco por causa disso, e, por conta desses problemas que eu enfrentei, pelo fato de tudo que eu via, que eu sabia, eu contava, e hoje eu "virei", assim - como dizem - um "túmulo", né? Eu tenho os amigos, mas não tenho confidentes. (...) Eu acho que o ideal seria eu compartilhar. Isso é um defeito que eu tenho de não compartilhar. (...) A minha relação com as amigas, ela é mais franca, ela é mais sensível, até mais confiável. Com os amigos, é um pouco mais difícil. Me parece que eu tenho tido menos traumas, menos dificuldades em me revelar com as mulheres do que com os homens. As poucas confidências minhas têm sido mais com as mulheres do que com os homens. Têm a ver, principalmente, com o fato d'eu viver num mundo feminino. Eu vivo dentro do mundo educacional e a maioria é mulher. Então, eu tenho mais contato com as mulheres. Tenho tido mais compreensão, mais ajuda, mais ternura, sabe, com as mulheres do que com os homens. (...) Eu me preocupei em alguns momentos. Por exemplo: eu sempre tive um problema. Eu nunca gostei muito da prostituição, da prostituta. Eu vivi, logo no inicio da minha vida, né, adolescência, rapaz novo, no contato com meu grupo de amigos, que a gente freqüentava boate - "cabarés", como se fala, né? - e eu num concebia o fato de você pagar pra ter uma relação com uma mulher. (...) É um negócio muito difícil, e eu era interpretado mal. Notei que, em alguns momentos, me chamavam que eu não gostava de mulher, que eu era - digamos - "veado". Me chamaram, mesmo eu não sendo, pelo fato de eu num gostar daquele tipo de coisa: "eu pago essa mulher e vou ter relações com ela". (...) Eu participo do "racha", do nosso futebol, todo sábado, e é só homem. Eu sempre gostei de futebol. É um ambiente masculino. Eu me sinto igual aos outros porque uma coisa que eu descobri é que, quando eu entro no campo pra jogar bola, aparece em mim tudo de brutalidade, de animal que existe dentro de mim, de "machão". Eu sou um jogador - sempre fui; agora, não: ultimamente, eu tenho mudado muito - mas eu já coloquei muitas pessoas pro hospital, no futebol.*

Haroldo me revelou alguns dos códigos e dos rituais pertinentes aos grupos viris de que participa, mas tem mais facilidade de se expor pessoalmente às mulheres, mantendo-se cuidadoso ao compartilhar suas questões íntimas aos homens, pois seus contatos sociais com eles ocorrem mais freqüentemente ao jogar futebol com os amigos e ao

> *sair pra beber junto, né, conversar sobre trabalho, fazer algum desabafo. Eu acho que tem que ter cuidado, né? (...) Eu acho que num é comum. Talvez num seja comum porque o ambiente, a oportunidade e a própria necessidade, essa equação aí, num se manifesta facilmente. (...) É de certa maneira muito mais fácil conversar questões pessoais com amigas, pra mim, do que com amigos. Me lembrei agora da história da minha relação com a minha mãe, que houve uma época que eu era o confidente dela, né? (...) A relação afetiva mais próxima que eu tive foi com as mulheres. (...) Então, é como se, de certa maneira, eu tivesse me acostumado a falar mais sobre questões mais íntimas com as mulheres. (...) Alguns assuntos, há um certo constrangimento de conversar com outros homens. Por exemplo: falar sobre mulher com outro homem é um certo constrangimento. É muito melhor falar com outra mulher que seja só amiga. Até recentemente, acontecia um grupo (...) - a maioria era homem - (...) pra jogar futebol.*

Luís diferencia os amigos dos meros conhecidos, apenas se tornando íntimo de alguns poucos que considera amigos fraternos e com quem se sente sempre mais à vontade do que com as mulheres. Joga futebol com os amigos, enquanto as mulheres apenas assistem, considerando agradável o ambiente de seu grupo masculino, embora se queixe das atitudes e dos comportamentos denotadores de virilidade estereotipada por parte de alguns amigos. Com os homens, Luís sente-se à vontade para expressar os códigos viris sobre mulheres provavelmente mais disponíveis:

> *eu tenho amigos, assim, que eu considero como se fossem irmãos e tenho amigos, assim, que são só amigos. "Amigos" é um modo de dizer, assim: são mais conhecidos, que a gente conversa, às vezes, "bate papo", mas num é uma coisa, assim, muito "chegada" (...) de querer atenção, preocupação. (...) Com poucos, acho: dos meus amigos, 2-3 no máximo. Eu acho que tenho alguns que são amigos meus, mas são aqueles que mais "batem papo", aqueles que "colam", e, com eles, eu num converso muito os assuntos particulares, relacionamento com mulheres. Mas esses três amigos que eu tenho, a gente "troca figurinha", me dá uma dica, "dá um toque", qualquer coisa. (...) Com os homens, é mais fácil. Há uma diferença. Nas minhas relações com as minhas amigas, a gente conversa, eu converso com elas, a gente fala sobre assuntos pessoais da gente, mas é sempre uma coisa, assim, muito restrita: a gente fica parando nalgum ponto, se impondo algum limite na conversa. Já com os amigos, não: é uma coisa, assim, mais "aberta", mais franca mesmo; a gente fala, assim, sem vergonha, um com o outro; entra, assim, em detalhes que, talvez com as amigas, a gente sente uma certa dificuldade de poder comentar. (...) Participo de um time de futebol de salão e futebol "society". As mulheres têm participação assim: quando a gente vai jogar, assim, elas acompanham a gente, mas quando é jogo, dia de 6ª feira, é só homem. É amistoso: realmente, é agradável, apesar de ter aqueles lá do meio que gostam de cobrar, de ser* machos *no meio da turma, mas é agradável o ambiente, às vezes. (...) Os grupos masculinos, quando saio pra festa, é isso aí: aquela turminha, conversando; "trocando significado" quando a dona "caça" a gente; tão olhando, um "dá o toque" pro outro, qualquer coisa assim. Já um grupo, assim, de mulheres, (...) querer estabelecer diálogo, eu me sinto meio acanhado.*

Tomás afirma que não compartilha suas questões pessoais com ninguém, sentindo-se tímido e constrangido, principalmente com as mulheres, mas também com os homens. Entretanto, gostaria de pertencer à Maçonaria – um grupo masculino extremamente "fechado" e seleto – com o objetivo de conseguir *status*, influência e ascensão sócio-culturais, embora tenha com os homens apenas

> *relações mais superficiais. Num são relações de você chegar e, né, aquela amizade da pessoa tá na sua casa, de você ir na casa do outro, né? São mais relações de conhecidos. É tanto que a maioria das minhas relações são de ex-amigos de colégio, (...) né? (...) Talvez a timidez... (...) Com os homens, né? Você brinca, num-sei-que, desde que seja ali comigo, entre a gente, né? A partir do momento que esse grupo sai, assim, para um passeio, sai pra "ficar", arranjar namorada, aí você já se sente - eu me sinto - já menosprezado: "ah, eles vão conseguir, num-sei-que. Eu vou ficar fora, né?" Por exemplo: eu fico bem com eles desde que a gente esteja só, num canto, é tanto que teve um carnaval aí que (...) ficou um grupo, assim, de uns 5 homens, tudo lá na casa (...), né, e eu me senti muito à vontade ali, porque a gente brincava, né? A gente tinha até uma fita pornô pra fazer brincadeira lá; brincava; pedia uma "pizza", tudo mais, né? Ficava naquela*

> *brincadeira de "baldeação", mas sempre ali, só os homens que tinham ali na casa, né? Já teve outra vez, que essa mesma turma saiu, inventando de passar o carnaval num acampamento, ali no Barro Preto, né, perto da praia, que tava muito movimentada, né? Aí, já eu, no dia, inventei uma desculpa: "não, num-sei-que, eu tenho uma namorada" - desculpa pra não ficar com eles, porque, já ali, o grupo de homens, dentro dum grupo maior, que até saía pruma festa, né, tinha os seus esquemas lá, pra brincar, arranjar mulher, num-sei-que-lá. Eu sentia que ia "sobrar", me sentia menosprezado, né? Porque, às vezes, ali no grupo, tinha dois amigos meus mais bonitos e eu num me sinto bem quando eu estou na presença de um grupo que tem homens mais bonitos do que eu, né? (...) No momento em que você tem que ficar, às vezes, nu, na frente dos outros homens, né, por exemplo, no exército, no médico. Eu me sinto bastante constrangido, quando, no médico, tem que abaixar a cueca pra apalpar, né? (...) Fico com medo de ter uma ereção e quê que o médico vai pensar, né? Às vezes, essa questão, eu acho que ia ser "osso", né? (...) Eu queria - tinha até falado com o meu pai pra mim entrar para a Maçonaria, né? - mas não por ser uma questão de grupo só de homens, né, mas uma questão que eu já tava vendo até de conhecer pessoas influentes, né, que eu pudesse até ganhar alguma coisa, assim, com elas, entendeu? (...) Eu só vou a festa se for uma festa, assim, de conhecidos. Eu não vou a festas que tenham muitos desconhecidos, né, ou então, a festa que eu vou com a pessoa e ela vai se entrosar com outros, né? Eu num freqüento muita festa, não, porque eu num gosto. Eu me sinto tímido: eu num consigo "quebrar", né, a timidez e "chegar junto" com as pessoas, né?*

Embora já tenha dependido de outros homens, Flávio admite que não confia neles e que nunca troca confidências em suas relações de amizade. Afirma que detesta os grupos predominantemente masculinos, preferindo a companhia das mulheres. Aprendeu a lidar com todos por meio de uma certa esperteza social, pois considera que suas relações de amizade são

> *totalmente superficiais, e, às vezes, falsas. Não acho que sejam confiáveis. E outra coisa: não acho que, se eu compartilhar, vá me levar a alguma coisa, entendeu? Quando eu tinha a relação com as minhas amigas - essa que foi embora e essa que morreu - elas eram muito maiores e mais profundas do que com os amigos. (...) Eu num confio em homem. Quando eu fui embora pro Maranhão, o meu irmão mais velho, ele queria que eu - eu era muito "fresco", né, muito "filhinho de mamãe", aquela coisa - "cortasse" isso, tanto que chegou pra mim e disse: "Flávio, vá pro Maranhão. Arranjei um emprego maravilhoso pra você". Eu fui, pensando que era um – "porra"! - empregão. Cheguei lá: era pra ser quase que "office-boy" de banco, só que, antes, eu me "forrei" num "cara" que era um pouco mais velho que eu, mas já era engenheiro na época, e, quando o meu irmão me disse "isso é o novo emprego", eu "fui atrás", né? "Porra"! Eu num tive dúvida: "saí" nisso, né? Sempre fui meio maduro pra isso e meio "cara-de-pau". (...) O "cara" começou a ter um certo poder sobre mim. (...) Então, eu dependi mais ou menos nesse sentido, entendeu? (...) Eu já notei: fica aquela rodinha só de homens e as de mulher. Eu prefiro é conversar com a mulher, ou então, misturem.*

Ernesto reconhece que desconfia de todos os amigos, tendo vivido alguns constrangimentos, especialmente no ambiente de trabalho. Entretanto, sente-se mais à vontade nos grupos masculinos:

> *os meus amigos são mais de trabalho, né: ambiente de trabalho. (...) Converso pouca coisa, né? A questão dos amigos é que a gente, pelo menos nessa época, tem que ter o cuidado de num revelar coisa que possa "voltar" contra você, num é verdade: não confiar totalmente nem nos amigos. (...) É difícil a pessoa ver, assim, amigo de forma fascinante. Elas, as amigas eram mais*

> *assim parecidas com uma irmã, né? Os amigos, assim, mais voltados para o aspecto público, né, de terem a impressão das coisas com palavras, piadas, essas coisas. (...) Ah, sempre! Antigamente, era mais: tinha muito medo da crítica, nesse aspecto de acreditar, em tempos passados. Melhorei. Ah, alguma gozação, essas coisas, no trabalho, uma coisa que eu tinha feito. (...) Mais do grupo masculino: é que eu acho natural. Tem nada a ver isso, mas "fresco" também com os meus irmãos, assim.*

Gilson classifica os amigos através de uma espécie de tipologia que criou e destaca a dificuldade que muitos homens têm de compartilhar intimidade entre si. Confia mais nas mulheres, por quem se sente mais acolhido, embora ainda com limites. Afirma que se percebe pouco estimulante aos grupos de homens, tendendo a ficar constrangido diante de comportamentos masculinos estereotipados e da possibilidade de que alguns homens desconfiem de uma possível atração por eles, pois já se sentiu dependente e temeroso de perder seu costumeiro controle em relacionamentos que viveu:

> *é interessante as amizades de um homem porque homem não "abre o coração". É só uma necessidade minha, que eu gostaria de ter uma facilidade com outros homens, uma amizade, assim, mais estreita, mais afinada, de conversar, e não encontro isso. (...) Falo muito pouco: falo sobre o trabalho, sobre não-sei-o-quê. (...) Eu tenho um determinado limite: os desejos, que fogem às regras. Eu tenho um outro amigo, (...) que eu sei que tem desejos por homens e já ocorreu e tudo, mas ele não se "abre" e eu também não me "abro". (...) É a tal da história da gente imaginar que você vai "abrir" as proteções, vai se expor. É complicado por isso porque você tem alguns sentimentos, desejos, e, normalmente, eu não me "abro" com meus amigos. Eu sinto a falta: eu sinto falta disso, como se a gente imaginasse que perderia o respeito se se "abrir" consideradas fraquezas. (...) Eu imagino que, tanto da parte das outras pessoas como da minha, é não se deixar expor. Apesar de que, com as amigas, as conversas são muito por metáforas, mas a gente consegue dizer, descobrir sentimentos, problemas que estão se passando internamente. A conversa do homem fica muito no dia-a-dia, nos problemas de trabalho, de família, de ganhar dinheiro, de enfrentar, de governo, de ideologia: fica muito neste campo. E, com as mulheres, eu percebo que eu consigo falar sobre sentimentos, sobre coisas que me preocupam: agora, a gente conversa muito, assim, por metáforas. Eu não sei se eu respeito ou se elas me respeitam. Eu tenho mais facilidade de fazer amizade com as mulheres: eu me sinto mais à vontade, eu confio mais nas mulheres do que nos homens. Eu me sinto constrangido diante de colegas, outros homens, que se comportam e que têm um comportamento machista e falam coisas que são lugar comum, que são frases feitas de homem - que se diz "de homem". (...) Eu percebo que, às vezes, eu até tenho que me controlar porque eu tenho vontade de reagir e eu sei que a minha reação não vai alterar o comportamento. Eu acho que uma coisa que me constrange é a possibilidade de um outro homem identificar desejo sexualmente por outro homem. Ah, isso me constrange: de eu imaginar que outra pessoa tá imaginando que eu tenho desejo sexual por outro homem. Isso me constrange: me deixa meio "errado". Sim, eu acho que houve umas duas ocasiões que teve uma dependência da atenção deles. Foi por um certo período. Foi, assim, meio complicado. Foi complicado porque eu ficava muito excitado: era excitado mesmo com esse homem. Tinha horas que eu imaginava que eu perdia a razão: eu fazia coisas que normalmente eu não fazia; tomava atitudes; realizava coisas, assim, fora do meu padrão do dia-a-dia. Isso aconteceu umas duas vezes. (...) Eu percebo que eu tenho a tendência de chegar numa roda que tem mulheres, a conversar com elas, com certeza. Em parte, eu acho que eu sou até interessante – claro - pras mulheres; eu não me acho interessante com os homens. Em relação às mulheres, eu acho porque eu sou uma pessoa que dou oportunidade às mulheres, assim, se mostrarem: acho que elas gostam disso. Eu apenas sinto que eu tenho um*

> *ritmo meio lento de ver as coisas, de raciocinar. Eu tenho o raciocínio meio retardado, a velocidade: aí, eu acho que isso não é interessante, e a própria conversa, apesar de eu ter conhecimento, assim, sobre esporte, sobre cinema, sobre uma série de coisas, mas eu acho que eu não consigo manter um diálogo longo, numa festa, ficar numa roda.*

José revelou-me os motivos de ter tantos amigos, mas de confiar em tão poucos, temendo depender e se tornar servil. Portanto, limita-se a conversas superficiais com os homens, enquanto tenta se envolver sexualmente com as mulheres que considera bonitas:

> *eu sou mais "de" amigos do que "tenho" amigos. Eu não me "abro" com amigos. Eu não sou de falar de problemas meus pros amigos: primeiro, que ele não vai resolver; segundo, que eu acho que vou resolver. Então, eu tenho alguns amigos, (...) mas eu sou mais amigo deles do que eles de mim porque eu não me "abro" com eles. Eu quero sempre servir a todos os meus amigos. Se puder, não quero ser servido por ninguém porque eu digo sempre: eu sou um "desastre" quando eu devo favor. Eu fico servil, quando eu devo favor. Se a pessoa me faz um favor, eu fico como se eu tivesse devendo: uma dependência. É uma dependência, é um débito com aquela pessoa, e eu não gosto de dever favor a ninguém. (...) Nunca compartilho. Só compartilho se não tiver jeito. (...) Aí, eu não posso fugir. Mas não sou de conversar com amigos. Eu me proponho, e sempre foi assim, de tentar resolver todos os problemas de quem é amigo, e, às vezes, até de quem eu não conheço. (...) Com as amigas, eu sempre tento "comer", se for bonita. (...) Eu tenho um amigo que é muito brejeiro, carinhoso, e vem me beijar, quando a gente está, assim, num canto que ele chega, tá "bebo", tem gente, e eu não me sinto "abaitolado", nada disso: acho normal. Eu não tenho nenhum problema com isso: eu só não vou fazer isso. (...) Eu nunca me senti dependendo de outro homem. (...) Mas amigo, eu nunca fui de ter amigos. (...) E como eu sempre tive essa "barreira" de não gostar de depender de ninguém, eu sempre fiz tudo por isso: não depender de homem, mulher, nada. (...) Eu não gosto de depender de ninguém. Eu sempre tive essa característica. (...) Pra onde eu vou, até pra bar, se lá só tiver barbado, uma ou outra vez eu vou só: tudo bem. Mas, normalmente, para onde eu vou, eu saio sempre com as minhas mulheres. (...) Numa festa, eu sempre vou com minha mulher ou com uma mulher.*

Rogério apenas sente-se à vontade com seus parceiros afetivo-sexuais e com amigos que compartilhem de sua orientação homoerótica, embora não goste de freqüentar o que denomina de "guetos gays". Confessou-me que já sustentou financeiramente um de seus parceiros, pois dependia emocionalmente dele:

> *com os parceiros, de um modo geral, eu sempre compartilhei, né? Em cada "caso" que eu tinha, eles sabiam tudo a meu respeito. (...) Agora, fora os parceiros, eu num tenho, assim, um amigo - digamos - heterossexual, que eu possa dizer "é amigo", né? Eu tenho outros amigos, também homossexuais. (...) Se o homem não for homossexual, pra mim, o espaço é impossível porque, de qualquer maneira, "vai e volta", sem "colocar" uma atitude que a gente tá vivendo; "volta e meia", vai "cair" nessa área. Aí, não dá. Quando chega aí, eu vou ter que parar ou vou ter que mentir, ou, então, num vou nem começar. Eu só me "abro", me dou bem com você, né, se for um técnico, essa pessoa que possa ver comigo: eu me "abro" total. De princípio, eu temo bastante. Temo bastante e nunca arrisquei. Nunca arrisquei. Têm até pessoas de amizade, por exemplo, que são meus amigos - é gente que bebe cerveja junto; a gente sai junto; que me contam muitas coisas pessoais deles - mas a recíproca num é verdadeira: de lá pra cá; daqui pra lá, não vai. Sempre fico com horror até de perder a amizade, caso eles saibam que eu sou homossexual. Há sempre esse temor, ainda hoje. (...) Eu num me "abro" cem por cento nem com elas nem com*

> *eles. (...) Amiga mesmo, eu num tenho, né? Essa parceria teria que ser homossexual. (...) Eu acho as pessoas muito levianas: não merecem muita fé; "de repente", vão ser inconvenientes; vão espalhar suas opções. (...) Qual é a diferença? Bom: sobre isso aí, é exatamente a questão do prazer sexual, né, porque, até eliminando a cama, é tudo igual. (...) Então, eu acho que o parceiro é um amigo e um amante. Nele, a coisa "vira", alcança outro patamar. Em resumo: a amizade, né, do parceiro e a amizade da outra pessoa que num é parceiro, pra mim, isso é outra coisa. (...) Agora, o parceiro é algo mais porque o parceiro, além de tudo isso, é também amante: é preciso a gente tocar nele e dar carinho pra satisfazer; há que dar aquele "toque" que num há no amigo. (...) Realmente - embora, nas festas, que eu nunca vou com quem eu num participe na cama - mas eu prefiro estar no meio de homem do que no meio de mulher: eu fico mais à vontade, mesmo que sejam heterossexuais. Eu gosto mais de ficar com homem do que com mulher, é claro. Me sinto mais seguro, mesmo sendo heterossexual. Eu até nem gosto de ambiente, por exemplo, exclusivamente "gay": bar "gay", boate "gay". Eu não vou. Eu acho que é gueto: eu num me considero habitante de gueto. (...) Agora, eu tô muito cuidadoso com as pessoas com quem eu saio. (...) E-mo-cio-nal-men-te* (pensativo)*, já. Hoje em dia, não. Eu nem percebi nada, Georges. Depois, eu vim descobrir que eu permiti, emocionalmente. Depois de quando terminou, né, ao lembrar dum ângulo novo, quando terminou o "caso", eu percebi que eu dependia, que eu fiquei sempre vivendo em função dele. Ficava aquela coisa toda: isso é dependência, né, embora, financeiramente, ele dependia de mim, né: o táxi fui eu que dei; "trabalhar na praça", por exemplo, né? Então, emocionalmente, dependia dele: tudo era em função dele, aquilo que eu pensava. Era uma coisa meio obsessiva, uma coisa meio aniquilante, mas só vim perceber isso quando acabou. Na época, eu num me incomodava, não: achava "legal"; não me incomodava muito.*

Renato afirma que costumava compartilhar tudo com os amigos, embora não conviva com quase nenhum deles atualmente, mas apenas com a namorada. Enfatiza a importância e a necessidade de sentir confiança naqueles a quem expõe sua intimidade:

> *eu confio exatamente porque eu tinha um grande amigo, assim, dele dormir na minha casa, de eu dormir na casa dele. Então, a gente era muito próximos. Mas, aí, "rolou" uma situação de uma menina que eu já tinha "ficado", que estava sendo, agora, namorada do irmão dele e ele me perguntou algumas coisas sobre a menina. E, realmente, ela era uma "figura" que era "sem futuro", que era muito boa pra "ficar", mas pra namorar não era. Então, no final, ele falou tudo o que eu tinha dito pra ele: ele falou tanto pra menina como falou pro "cara". Porque é assim: porque ele falou pro irmão dele, né, o que eu tinha falado, e aí o irmão dele falou pra ela. Então, eu não confiei mais nele. Então, hoje em dia, o meu relacionamento com ele é só "oi, tudo bom?" Mas falar com ele, conversar, ligar: isso, nunca mais. Por isso que eu digo que é, basicamente, confiança. Agora é que eu não tô com amigas e amigos: eu estou basicamente com dois. Isso, eu acho péssimo: esta restrição no meu círculo social. Talvez eu tenha me afastado mais das amigas por minha namorada ser muito ciumenta.*

Guilherme sente falta de mais intimidade com os amigos e se questiona se suas atitudes não favoreceriam um distanciamento mútuo. Considera mais difícil ser íntimo das mulheres, apesar de temer ser mal interpretado ao expressar afeto a outros homens, o que o atrapalha quando sente necessidade de se aproximar deles:

> *eu gostaria que fossem mais próximos - digamos: compartilhar mais. Na convivência mesmo, eu me sinto mais distante de alguns amigos que eu gosto, de que eu gosto muito: gostaria de senti-*

> *los mais próximos. Não sei até que ponto, talvez, eu contribua também pra isso. Eu acho bom. Eu sinto falta de não fazê-lo. É bem menos difícil do que com uma mulher. Eu sinto alguma identidade mais com os homens, no sentir mais igual, mais próximo. Com as mulheres, de alguma forma, ficam algumas coisas que eu compartilho bem, e, com outras mulheres, eu me sinto, de alguma forma, mais distante. (...) Eu diria: mais ou menos receoso de sentir contato físico; de expressar carinho; receio de ser considerado uma atitude homossexual; de ser entendido dessa forma ou de, de alguma forma, prejudicar a relação por causa disso. (...) Mesmo numa festa - que eu gosto - eu me sentiria incomodado de dançar num grupo onde só tivesse homem. Eu poderia acrescentar o seguinte: festa, especificamente, eu gosto daquele clima de sedução, como brincadeira mesmo. Sinto um pouco de prazer e eu acho "legal", assim, esse jogo de sedução: eu acho "legal". (...) Não, não me aproximaria exclusivamente de homem, de um grupo de homens.*

Acrescenta que viveu muito incomodado e constrangido enquanto dependeu financeiramente do pai, vindo a sentir-se aliviado apenas quando saiu de casa: "uma experiência ruim: muito mal por depender. Eu tinha uma vontade imensa de sair da situação. Consegui sair depois: um alívio enorme".

Assim, destaco que as relações de intimidade entre os homens são ainda comumente entravadas por situações concretas e imaginárias que envolvem a sexualidade exacerbada, a competitividade, a violência e a dureza viris, entre muitos outros condicionantes atribuídos pela sociedade e pela cultura ao *gênero* masculino. *Ser homem* ainda hoje significa em grande parte ser independente, forte e agressivo, aparentemente não necessitando da acolhida e dos cuidados que as mulheres costumeiramente podem solicitar e se permitir. O modelo patriarcal criou e institucionalizou alguns mecanismos que permitem, dentro de certos limites, a expressão do companheirismo, da amizade e de uma certa cumplicidade entre os homens - os grupos viris – espaços reservados nos quais podem eles vivenciar, através de manifestações, de jogos, de códigos e de rituais freqüentemente agressivos ou mesmo violentos, a necessidade e o desejo de contato com seus congêneres. Entretanto, tais espaços parecem não mais dar plena conta da premência que alguns homens percebem em si mesmos no sentido de se libertar das amarras sócio-culturais que secularmente lhes foram impostas. A diversidade das manifestações da *subjetividade* e da *condição* masculinas já não cabe nos limites da estrutura rígida do sistema patriarcal, que impede, entre muitas de suas conseqüências nefastas, um intercâmbio afetivo e social mais pleno e rico entre homens e mulheres.

A comprovação dos conflitos sócio-culturais entre os *gêneros* - mas também de suas possíveis transformações - se expressa mais claramente no espaço que tradicionalmente talvez represente melhor as pesadas exigências que ainda imperam sobre muitos homens: o universo do trabalho profissional. É neste sentido que decidi, como último capítulo desta tese, voltar minha atenção a este “símbolo sagrado da masculinidade”.

Capítulo 5. O Trabalho e a *Construção* da Subjetividade Masculina

Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho
E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz

Gonzaguinha[63]

A empresa falira, suas contas bancárias haviam sido encerradas, estava enterrado em dívidas. O que mais o afligia naquele momento, porém, era que sua mulher não sabia de nada.
- Tenho de avisá-la com urgência de que não pode mais usar o talão de cheques, mas não consigo. Como é que a coitadinha vai se sentir?
Quase não pude acreditar no que estava ouvindo. Quem era essa que vivia ao lado dele, que lhe parira os filhos, que lhe deveria ser a pessoa mais chegada, a cúmplice, amada e amiga? Quem, o que a pusera naquela posição cruelmente infantil? Por tudo isso, não concordo em que todos os homens estejam "apavorados" com a transformação da mulher. Alguns me parecem agradavelmente intrigados: o que está nascendo dessa crisálida? Um novo animal, de grande porte, belo e audacioso e cheio de surpresas, com quem será emocionante e desafiador estar?

Lya Luft[64]

Em vários pontos desta tese, destaquei que a questão do trabalho profissional foi apontada por meus entrevistados como uma importante referência para a *construção* do que significa *ser homem*. Ter trabalho e emprego que lhes garantam o sustento da família parece ser ainda uma das principais bases de sustentação da *subjetividade* e da

[63] Mais um trecho de *Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)*, *op. cit.*
[64] *Op. cit.*, p. 77.

condição masculinas. É neste mesmo sentido que Almeida (1996) se reporta a um significativo depoimento de um de seus entrevistados, que revela a importância do trabalho profissional na *construção do gênero masculino*:

> *a lembrança mais intensa e forte que consegui reter dessas impressões foi a de um entrevistado que vinculou precisamente o sentimento de masculinidade à capacidade que teve, em uma etapa de sua vida, de suportar e resistir a uma enorme provação: uma falência financeira. Recordo-me exatamente do tom enfático e grave com que ele me disse: "depois que aconteceu esse fato (refere-se a uma gigantesca operação financeira que ele realizou e na qual perdeu tudo), eu acho que esse perder tudo, para mim, foi um negócio assim, por exemplo, foi um preço que eu paguei pra ser homem, pronto". Desta forma, Luiz Carlos retirou, de uma etapa de sua biografia, a capacidade de vincular estreitamente a idéia de constituição, ou de formação de um homem a princípios como os de: prova, resistência, força e coragem* (p. 134-135).

Assim, percebe-se quanto a vinculação a uma atividade laboriosa e a busca de sucesso através do trabalho condicionam o sentimento pessoal e o reconhecimento sócio-cultural de *ser homem*, interferindo nas escolhas e no desempenho profissionais de muitos indivíduos do *gênero* masculino, bem como na eleição de atividades que nem sempre satisfazem seus ideais de realização profissional, mas que remuneram bem e que são socialmente consideradas masculinas, ou, em outros termos, percebidas como *trabalho de homem*. Tal ideologia viril influencia também o clima das atividades de trabalho e as relações sociais com seus congêneres e com as mulheres, haja vista que elas têm conquistado cada vez mais espaço no mercado de trabalho. Acrescente-se que, no mundo globalizado da atualidade, a economia neo-liberal tem gerado crescente desemprego, o que vem suscitando entre muitos pensadores sociais a idéia de uma *crise da masculinidade*, pois os homens perdem seu tradicional *papel sócio-cultural* de provedores do lar, embora tal fenômeno social venha se desenvolvendo há bastante tempo e as transformações da *subjetividade* e da *condição masculinas* venham se tornando cada vez mais evidentes. Finalmente, é comum que a ideologia do trabalho como condição de reconhecimento sócio-cultural da virilidade limite ou leve alguns homens a abdicar do usufruto das necessárias opções de lazer a que têm direito, pois não estar trabalhando passa a significar "não estar fazendo nada".

Portanto, o universo do trabalho profissional e suas ramificações configuraram as 3 últimas[65] (10ª, 11ª e 12ª) tipologias nativas de minha pesquisa, envolvendo questões relativas ao significado que o trabalho profissional permanece tendo na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* mesmo na *contemporaneidade*, suas repercussões nos relacionamentos dos homens com seus congêneres e entre os *gêneros* no mercado de trabalho e as dificuldades vividas por alguns homens no sentido de se permitirem se entregar sem culpas a seus necessários momentos de lazer.

1. *O Homem e o Trabalho*

Considero que os homens são socialmente *construídos* por meio de um *poder* institucional e sócio-cultural exercido principalmente através da família, mas ainda comumente seguindo um modelo patriarcal que é reforçado por outras instâncias sociais. Assim, muitos homens freqüentemente aprendem que devem trabalhar não apenas por conta de sua sobrevivência física, de seu próprio prazer e do sustento da família, mas também para garantir o *status* e o reconhecimento sócio-culturais de que são cidadãos dignos e *homens de fato*. Portanto, busquei investigar como se deram as escolhas profissionais de meus entrevistados (pergunta 77). Indaguei-lhes se e de que modo relacionam tais escolhas e seus desempenhos profissionais ao fato de *serem homens* (pergunta 78). Tentei saber deles como definem sua relação com o trabalho profissional, ou seja, qual o significado e o objetivo que atribuem a ele, ou ainda, para quê trabalham (pergunta 79). O "clima" predominante em seus ambientes de trabalho foi também investigado (pergunta 82). A ocorrência do desemprego em suas vidas e suas reações a tal situação constituíram a pergunta 83. Encerrei esta 10ª tipologia nativa indagando-lhes da significação do espaço ocupado pelo trabalho em seu cotidiano (pergunta 86). Esta tipologia nativa acerca da relação dos homens com o trabalho gerou 2 (27ª e 28ª) tipologias analíticas no que diz respeito à realização

[65] A 13ª tipologia nativa constituiu uma averiguação sobre a própria entrevista (*Sobre a Entrevista*), gerando 2 (33ª e 34ª) tipologias analíticas (*Repercussões Positivas* e *Repercussões Negativas*) e foi discutida anteriormente, quando da apresentação de meus sujeitos de pesquisa, ao longo do Capítulo

masculina através do trabalho e à identificação de suas atividades profissionais com o fato de *serem homens* ou com sua *condição masculina*.

. O trabalhador realizado

A satisfação e a realização profissionais são importantes condições básicas para o bem-estar das pessoas. A escolha adequada e o bom desempenho profissionais são, por sua vez, exigências que desde cedo são feitas a muitos homens, que as percebem como um pré-requisito condicionante de seu reconhecimento como cidadãos e, também, como *homens de fato*. Alguns de meus entrevistados conseguiram realização profissional, muitas vezes tendo de enfrentar tais pressões sócio-culturais. João considera que sua escolha profissional foi natural e sente-se satisfeito com ela, embora enfatize que a necessidade de sobrevivência levou-o a se encaminhar em tal direção. Valoriza suas conquistas profissionais e gosta do ambiente de trabalho, no qual acredita que não há disputa pelo *poder*. Entretanto, vem se questionando se seu apego ao trabalho não o impede de se divertir e de se dedicar ao lazer:

> *comecei a dar aula (...) e foi até uma necessidade de sobreviver, né, começar a ganhar dinheiro, que me levou ao trabalho. Eu, ainda na 8ª série, comecei a dar aula, no grupo do primário. (...) Eu acho uma relação de muita responsabilidade. Pelo fato de meu pai num ser um homem rico, ser um homem pobre, do interior, um lavrador de pouca terra - que havia pouca - um homem de possibilidades limitadas, então, cada conquista minha, eu supervalorizo. Se eu tivesse nascido num "berço de ouro", eu num valorizava tanto as minhas conquistas. Me parece que a escolha do meu trabalho, ela "empareou" exatamente porque dá certo comigo, né? O meu trabalho, pra mim, é um divertimento: eu me sinto bem, principalmente dando aula. (...) Eu acho que eu tenho alguma necessidade de exibição, e o professor, ele, quando tá na sala de aula, pra mim, é um palco onde eu estou me exibindo. Então, dar aula, pra mim, é uma catarse, é uma necessidade que eu tenho, uma necessidade muito grande de ficar em evidência numa sala de aula. (...) Meu trabalho, pra mim, é uma "leveza", né? Nossas relações, eu não vejo nenhuma concorrência, né, esperteza. Eu, graças a Deus, "luto" com pessoas que vivem numa boa convivência comigo. (...) As pessoas aqui (...) são muito desprendidas dessa questão do poder. (...) Ocupa tempo, mas eu já fui mais apegado a essa coisa, mais preocupado em manter essa questão do meu emprego. Hoje, eu já estou pensando diferente: eu já acho que eu já tenho que começar a pensar em me divertir.*

No caso de Luís, a necessidade de trabalhar e as limitações financeiras da família restringiram suas opções de estudo e levaram-no a buscar precocemente uma atividade

---

2.2, *Escutando Homens: Quem São Eles*. Além disto, retomo a sua discussão no início de minhas considerações finais.

profissional, mas que parece satisfazê-lo. Afirma se sentir acostumado e à vontade no ambiente extremamente competitivo de sua área de trabalho, embora lamente que o tempo dedicado às tarefas profissionais lhe impeça de estudar e de se aperfeiçoar mais:

> *acho que, na época, estudar num colégio do governo num era, assim, muita boa coisa: (...) eu acho que eu me preocupei mais com fazer um alicerce pra quando eu terminasse o meu 2º grau, tentando um vestibular e não passando, eu poder, pelo menos, me firmar no mercado de trabalho. Quer dizer: eu estudava e trabalhava já com o pai de um amigo numa indústria de calçado, e então, eu procurei primeiramente me qualificar no mercado de trabalho, fazer alguma coisa que fosse, na época, um emprego no mercado que ele tivesse mais aberto, e, na minha época, era pra contabilidade e administração de empresas, e, no colégio, não oferecia. (...) Eu acho que a melhor coisa que pode haver é a pessoa fazer o que gosta, e, nas minhas áreas onde eu sempre atuei - área administrativa, área financeira: essa área de contabilidade - são coisas que eu gosto, que eu sinto prazer em fazer. Então, são coisas que não me incomodam: indiferente de tempo e de horário, eu sempre tô sentindo prazer em tá fazendo aquilo. Pra mim, eu num sinto alguma coisa "pesada", não. (...) Eu tenho duas áreas de trabalho, né? (...) O pessoal, os meus amigos aqui, (...) é um pessoal que gostam de cooperar um com o outro, um ajuda o outro, um "troca figurinha" com o outro no quê que eu tô fazendo que num tá dando certo, e sempre tá comentando ou tá falando sobre capacitação. Como autônomo, (...) nessa área de contabilidade, tem muita liberdade, tem muita competitividade, o que, muitas vezes, prejudica; até barateia a mão-de-obra; desvaloriza muitas vezes até o serviço que você tá fazendo, e, se você tá cobrando um valor "x", dentro da realidade do mercado, tem alguém, por competição mesmo, pra querer ir tomar o cliente. (...) Eu acho que até mesmo eu já tô me acostumando com esse tipo de coisa. (...) Tô "deixando de lado" aquele lado ético, de "não, sou profissional": tô agindo da mesma maneira também, competindo com eles. (...) Tem a parte do estudo, por ser só ser técnico: o mercado de trabalho pago é bem competitivo mesmo e o pessoal tá primando mais. Quanto mais conhecimento você tem e quanto mais "tarimba" você tem, mais você é procurado, e pretendo me graduar na área de contabilidade. (...) Meu trabalho, ele ocupa muito (...) do meu tempo: (...) pouco tempo pra estudar.*

Valdir sente-se satisfeito com sua escolha profissional, mas tentou atender as pressões paternas para que seguisse suas expectativas de que fosse militar, com as quais chegou a concordar durante algum tempo, tendo desistido delas por não conseguir realizá-las:

> *no meu cotidiano, o trabalho ocupa 100%. (...) Eu queria ser militar, né, porque papai queria; eu queria, mas num houve oportunidade e eu fui fazer engenharia. (...) Me dei bem e é o que eu realmente gosto de fazer. Tenho prazer em fazer. É um trabalho que me dá muita satisfação pessoal e eu tô plenamente realizado dentro da minha profissão.*

Embora reconheça a tendência à humanização de sua área de trabalho, Valdir admite que ainda é uma profissão essencialmente masculina e que uma mulher teria dificuldade de exercê-la:

> *pelo menos dentro de determinadas tarefas, nunca a mulher (...) vai ter condição de exercer. Então, numa obra, por exemplo, que tem centenas de homens, né, que tem mal-educados, e uma mulher, quando chega lá, ela é malvista: a turma desenha nas paredes - eu já tive a*

> *oportunidade de ver. Tinha operário que, pra fazer o mal, (...) a turma desenhava "esculhambação" pra chocá-la, né? Então, o empregado, o peão, né, ele já é revoltado por natureza. Uma mulher, aí, ele "deslancha em cima dela", né? (...) Hoje, tá mais comum: os operários respeitam mais porque, hoje, essa nova metodologia, que "energizou" esse negócio todo nas empresas, elas tão usando muito essa questão dos recursos humanos, né? Torna o ser humano, né, mais importante, talvez. Uma mulher, talvez, tenha mais inocência, mas uma mulher seria até melhor pra eles: eles têm até mais respeito diante do grupo.*

Para ele, o trabalho profissional – que ocupa completamente seu tempo - tem a função de dar uma vida melhor a seus filhos, preocupando-se com a competição e o desemprego como agravantes atuais do clima de trabalho, pois vivenciou muita ansiedade e tensão quando esteve desempregado:

> *o meu objetivo maior de trabalhar é dar uma vida melhor que eu puder pros meus filhos. Competição existe, né, principalmente numa época dessa que nós tamos: o desemprego tá aí em flagrante. Então, o pessoal tá fazendo tudo aí pra conseguir um emprego. (...) Graças a Deus, (...) nunca mais eu fiquei desempregado. Quando eu tava desempregado, eu fiquei muito ansioso porque tudo aquilo que a gente "fazer"* (sic) *com muita ansiedade e tensão, a gente tá fadado a não dar certo. Então, eu procurava de manhã, de tarde, de noite: toda hora, atrás de arranjar um emprego. Eu já tinha até um meninozinho, já de uns 4 anos, 3 anos. É uma experiência que eu num quero viver, a experiência de ficar desempregado.*

Apesar de não se imaginar fazendo outro tipo de trabalho, Mário acredita que teve sorte ao optar por uma atividade que favorece seu auto-conhecimento, pois não fazia idéia do que significava a profissão que escolheu – na qual predominam as mulheres - até vivenciar uma crise pessoal. Hoje, apesar das dificuldades das condições ambientais de suas atividades de trabalho – desconfiança, tensão, violência etc. - acredita que conseguiu dar um sentido a elas, pois sentiu-se extremamente incomodado quando esteve, durante alguns meses, desempregado após sua formatura. Entretanto, por vezes, sente-se cansado de trabalhar com pessoas oprimidas, das freqüentes reuniões e do "clima pesado" de trabalho, que interferem constantemente em sua vida:

> *no início, quando eu escolhi ser psicólogo, se deu, assim, acho que num momento de crise. Eu comecei a ver a possibilidade de ajudar outras pessoas, descobrir, né, a valorizar mais aquilo (...): eu comecei a me ver mais como psicólogo, né? Eu comecei a ver que eu estava fazendo um processo de auto-conhecimento, né, de descoberta, e me apoiando e me construindo, né: uma vida que, pra mim, não era mais sofrida, menos confusa, mais clara. Então, eu me vi em condições de acompanhar, de começar a acompanhar outras pessoas, de escutar, né: de tentar, junto com elas, buscar uma clareza de detalhes das vidas delas, né? E foi por aí que eu busquei tentar ser psicólogo. (...) A nível de vestibular, (...) foi tudo, assim, na sorte. Eram os espíritos: o meu guardião espiritual que andava me guiando. Eu não tinha a menor idéia do que eu ia encontrar, não é? Não sabia: nem na faculdade mesmo eu tinha compreensão de que poderia vir a ser psicólogo ou não. Eu só me vejo assim, dentro da minha profissão. Eu fiz terapia, também, depois que eu comecei a experimentar mudanças. (...) "Viche"! Eu acho que psicologia, a maioria do pessoal é mulher, né? Hoje, eu trabalho com uma equipe que me acrescentou algo mais. Eu*

> *acho que o que me faz trabalhar, também, é poder experimentar confiar no outro e tentar construir algo que seja diferente, novo, né? (...) Eu não sei o porquê desse trabalho: o que eu faço, atualmente, está muito ligado a muita gente oprimida demais, né: muita perda, muita frustração, que não tem a menor possibilidade de obter o menor sucesso em alguma coisa que pensa fazer. Então, assim, tem um empregozinho que ajuda as pessoas, né, e eu acho que é isso que me faz optar e continuar trabalhando, porque eu me proponho a fazer, sabe? (...) Eu passei muito tempo na obscuridade e foi quando eu tive uma clareza do que eu penso: já é um prazer imenso. (...) Claro que têm os "ossos do ofício", que não pode "passar por cima": tem que ter um "jogo" bem inteligente pra conduzir a outra situação. Têm as situações de grupo, não é, que têm que ter apoio e confiança; tem a gente querendo construir algo e tem outras pessoas torcendo contra a gente, também. E essas pessoas não "se chega" e a gente tenta "se chegar" até elas pra ter outras idéias. (...) No ambiente de trabalho, eu acho que tem um pouco desses dispositivos todos: (...) acho que tem muita competição, muita violência e um pouco de amizade, companheirismo, né? (...) Eu tenho amizade, eu tenho muita confiança entre as pessoas, né? O resto, elas são revoltadas, de desconfiança, não é: é um ambiente de tensão; não existe confiança; é complicado. (...) As outras pessoas, que não trabalham comigo, eu desconfio: tem um que eu odeio, não é? (...) A instituição, em si, é um "clima" tenso: eu fujo dele. Às vezes, eu fico mais no consultório: sou mais psicólogo porque o "clima" é mais de descontração; tem um pouco mais de estar junto com pessoas, de ter um encontro diferente, né, porque só tô eu e a pessoa que tá comigo. (...) Quando eu terminei a faculdade, eu estava desempregado. Assim, eu sempre estava "atrás" de alguma coisa, não é? (...) Foi terrível porque tem a ameaça, assim, de não ter o que fazer. (...) Horrível: eu não quero passar por esse desespero. (...) Há as viagens, né, e, às vezes, ultrapassa as 8 horas diárias porque tem uma reunião, não-sei-aonde, que eu tenho que ir, tá entendendo? E, às vezes, o clima de tensão está muito "pesado" que até interfere no meu sono: eu tenho pesadelos, né? Mas também já não é novidade chegar em casa e jantar e já ir para uma reunião que é do trabalho. (...) Sim: em alguns momentos, me "pesa". (...) Ah, isso é "pesado"! Talvez eu pudesse me interessar em fazer outra coisa diferente. Às vezes, eu acho que eu tô cansado de trabalhar com muita pobreza, com muita doença. Eu me acho cansado: deveria "dar um tempo", cuidar melhor da vida, né, depois de descansar, retornar: depois que passar um tempo sem "mexer" com a psicologia - nada de hospital, nada de trabalho beneficente, nada de religioso, de pobre, carentes, doentes, não é? - "deixar um pouco de lado" essas coisas que eu penso. Eu acho que, às vezes, o meu trabalho é um pouco presente, não é?*

Embora satisfeito com o trabalho que realizava até se aposentar – tanto que continua exercendo uma atividade afim – Gilson abdicou de seu projeto inicial, seguindo o curso socialmente mais valorizado de sua cidade, pois lhe daria dinheiro e trabalho mais facilmente, além de se libertar da dependência dos pais e de conquistar conhecimento e possibilidade de transformação da vida das pessoas através de seu trabalho. Reconhece que desistiu de algumas opções profissionais por serem atividades consideradas femininas pelo seu meio sócio-cultural. Embora seu ambiente de trabalho fosse competitivo e tenso, conseguiu estabelecer companheirismo e amizade com os colegas que compartilhavam de seus mesmos gostos. Mesmo aposentado, Gilson percebe-se "programando" a si mesmo para permanecer ativo e trabalhando, pois tende a repetir o padrão rígido do antigo emprego. Entretanto, apesar da grande carga de atividade dos últimos anos, sente-se satisfeito de realizar um trabalho em que acredita:

a minha escolha profissional se deu porque, na época, (...) eu imaginava que o único curso que valia a pena fazer era fazer química industrial: (...) era visto como o melhor curso que tinha lá. Na época, era o que eu imaginava. (...) Eu resolvi fazer química porque medicina eram 6 anos e eu não queria ficar estudando a vida toda, dependendo de meus pais. Aí, eu quis fazer química pra ganhar logo dinheiro e arranjar emprego com facilidade, tanto que, a partir do primeiro ano, passei a ser estagiário, (...) e, durante o curso inteiro, eu ganhei dinheiro como estagiário. (...) Aí, assim que eu terminei, abriu concurso. (...) Aí, eu pensei que por aqui eu "me faria", e, realmente, eu acho que foi muito bom, e os últimos anos, principalmente, eu assumi poder: recebia projetos; idealizava projetos - foi bem interessante. (...) É isso que eu, hoje, gosto de fazer. (...) Então, eu acho que só pelo fato de eu ser homem, pode ser, porque eu imaginava não fazer filosofia, nem fazer letras neolatinas, nem germânicas, por isso: porque eu achava que era uma profissão feminina. (...) Eu trabalho pra sobreviver. Eu trabalho pra adquirir conhecimento. Eu trabalho para os meus filhos, também, adquirirem conhecimento. (...) E hoje, então, foi uma coisa que me agradou fazer: é este trabalho. (...) Me dá uma idéia de que eu estou tendo alguma interferência, que eu estou interferindo de alguma forma na mudança do estado geral das coisas: eu estou criando condições pra outras pessoas. Essa idéia me passa. (...) Tensão, tinha; competição, também. Tinha "leveza" com algumas pessoas. (...) Acho que era uma mistura de um bocado de coisa. (...) Agora, nos últimos tempos, com a orientação "em cima", acho que criou a competição e a tensão: foi o que eu vi. Eu achava interessante porque eu conseguia sobreviver dessas diferenças. (...) E, também, tinha aquele outro ambiente de tensão, de obrigação, de cobrança, de acompanhamento: tinha tudo isso. (...) É interessante porque, pela primeira vez, eu posso programar o meu tempo, porque o meu tempo, anteriormente, eu era automaticamente "programado". (...) Eu tinha obrigação diária de cumprir horário: eu sempre fui cumpridor de horário. Então, tinha horário pra sair; tinha horário pra ir; às vezes, não pra voltar: mas cumpria rigidamente. (...) E, hoje, eu me "peguei" me "programando" para trabalhar, pra estudar, pra lazer, pra ler o que eu quero, e (...) isso é uma situação nova pra mim. Tem hora que eu me "pego" assim. Aí, depois, eu raciocino que "'pô', eu trabalhei este tempo todo; eu constituí um fundo para poder fazer a complementação da minha aposentadoria. Eu tenho este mínimo certo, mensal, reservado pra mim. Se fosse só pra mim, era dinheiro demais: eu podia viver tranqüilamente, e o que vier, adicional, é só lucro". Mas hoje, eu me "pego" assim: "o que eu estou fazendo pela minha sobrevivência? De onde está vindo isso?" (...) Nos últimos anos, (...) foi uma coisa que me ocupou tremendamente: nos finais de semana; viajei não sei quantas vezes. (...) E foi um trabalho que deu prazer de fazer. (...) Então, os 6 anos últimos, eu acho que valeram: os outros, não. As pessoas comentavam se valia a pena tanto esforço, mas eu acho que não buscava reconhecimento: eu acreditava no trabalho e gostava do que estava fazendo. Mas foi ótimo, tanto que eu digo muito ao pessoal: é excelente você se aposentar assim, no auge. Você se aposentar daquele jeito "louco" para chegar aquele dia de você sair, pra largar o trabalho, deve ser horrível. Então, eu me aposentei no auge da habilidade, tanto que me deu "pique" pra eu, fora, continuar ainda querendo fazer coisas, porque tem muito aposentado que não faz nada, não faz atividade alguma: não estudam; não trabalham; recebem a aposentadoria; ficam dentro de casa de pijama, e eu acho que não estou assim, e foi exatamente por causa dos últimos anos que eu "vim no embalo". (...) Não, não me "pesava", não. Eu não sabia como eu fazia, mas eu conseguia este negócio de trabalhar final de semana, sábado, domingo, feriado: na hora que precisava. (...) Foi realmente um período difícil, que eu sofri bastante, e as pessoas que eu conheci, neste período, são amizades que se mantêm até hoje.

Marcos trabalhava com o pai, abandonando seu emprego após uma briga com ele, mas terminou por fazer seu caminho através de um trabalho prazeroso e em que consegue realizar profissionalmente seus projetos. Embora perceba um clima de competição saudável em seu trabalho, acredita que nele predomina a cooperação. Sentiu-se sentiu muito desorientado nos meses em que esteve desempregado, mas acredita que

aprendeu a não se deixar absorver pelos interesses da empresa, dedicando-se mais às pessoas, embora o trabalho ocupe grande parte de seu cotidiano:

> *eu comecei a trabalhar em empresa depois que eu tive uma séria discussão com o meu pai. (...) E eu "me dei bem" nisso, nesse caminho que eu devia idealizar uma coisa e fazer, ou tornar possível aquela idéia que fora discutida numa reunião, por exemplo, né? Então, eu sempre fui um "cara" que viabilizei, que fiz acontecer algumas coisas para ter prazer. (...) O que eu tenho sentido mais é muita cooperação: muito, muito, muito! E a competição existe e eu cultivo a competição que tem lá dentro do ambiente de trabalho com o pessoal, mas é uma competição sadia, né? - aquele negócio de "eu quero ver quem faz melhor isso. Você vai ter que fazer cada uma das coisas, mas sempre com as experiências trocadas, cada uma das pessoas que conseguiu vencer uma etapa passar para a outra a experiência que tem, uma à outra, né?" (...) Não foi uma boa experiência, não, Georges, porque eu fiquei meio sem rumo: eu "perdi um pouco o chão" quando eu fiquei desempregado. Eu fiquei desempregado durante uns 6 meses e isso me deu uma "loucura". (...) "Perdi muito o chão", perdi muito o rumo das coisas e aprendi muito com isso porque eu me limitava muito à empresa. Eu vivia em função da empresa, no passado, e não conseguia ter outra coisa a não ser a empresa. Hoje, eu já penso totalmente diferente, já ajo totalmente diferente, já me relaciono totalmente diferente. Eu preservo aquelas amizades que eu tenho, apesar do custo que me traz isto - a empresa me "suga" muito, né? - ao invés de abandoná-las. (...) O meu trabalho, ele consome, do meu tempo todo, uns 70% do meu tempo.*

Após algumas dúvidas, Sílvio escolheu a profissão e o trabalho que lhe atraíam, buscando sua realização pessoal e a manutenção do padrão de vida a que estava acostumado através do trabalho na empresa da família, embora pense em ter um negócio próprio com amigos. Hoje, adaptou-se ao clima de trabalho, que oscila entre a cooperação e a tensão, mas anteriormente chegou a ter problemas psicossomáticos devido às ansiedades que ele provocava, embora eventualmente ainda tenha que discutir e tomar decisões sobre o trabalho em casa com os pais:

> *passei pras duas faculdades, de administração e computação, só que eu optei de imediato pela computação, mas fiz um ano: não gostei muito. Aí, voltei pra administração e - pronto! - fiquei. Trabalho com isso atualmente: eu acho que, principalmente, pra manter o padrão de vida que eu fui acostumado a ter, sempre em busca de algum retorno, mas também tem alguma coisa de realização pessoal nisso aí. Não é exatamente, assim, o que eu quero, mas, de certa forma, por ser também empresa familiar, tem uma série de limitações, uma série de barreiras pra transpor, pra poder conseguir fazer tudo o que você quer. Então, assim, eu e mais uns amigos, a gente tá desenvolvendo projeto pra começar com treinamento, e, aos poucos também na área de administração: aí, sim, eu acho que dá exatamente a complementação do lado financeiro. (...) Acho que sem trabalho é que faz falta. Acho que é uma mistura de tensão com cooperação. (...) Acho que já me habituei. Assim, hoje, eu faço um esforço tremendo pra não me agitar, pra não me "desgastar", porque já teve época de ficar aquele "stress", aquele nervosismo, aquela coisa toda, de estômago "reclamar". Hoje, eu já tô tentando "deixar o mundo desabar": depois, a gente vai lá e pede pra arrumar a bagunça. Eu trabalho de 8 da manhã até 18:30 da tarde, e assim, eu acho que toma um tempo durante o dia, aquela coisa toda, depois que a gente se "desliga". Aqui e acolá é que, assim, a gente deixa pra discutir, resolver alguma coisa.*

Jorge seguiu seus interesses e ideais profissionais, políticos e sociais, embora reconheça que direcionou algumas de suas atividades para obter maiores ganhos financeiros e outros benefícios, evitando depender da mulher e dos pais através da dedicação intensa ao trabalho em várias áreas. Acrescenta que as mulheres teriam algumas dificuldades para exercer suas atividades profissionais por conta das obrigações domésticas e das restrições impostas por seus companheiros. Ressente-se da insegurança gerada pelo governo em seu emprego público, o que provoca competição com os colegas, embora o clima de trabalho geralmente seja cooperativo. No entanto, freqüentemente se sente sobrecarregado com a carga intensa de trabalho, temendo acarretar prejuízos a si mesmo e àqueles que usufruem de seus serviços:

> *eu comecei a manter contato com política e achei que tinha um papel social pra desenvolver aqui no Brasil, e achei que esse papel poderia ser desempenhado numa profissão que eu tivesse contato com gente. (...) Aí, eu escolhi medicina por ter muita possibilidade de continuar nesse aspecto das ciências exatas, como biologia, física, química, e a parte de social, (...) do contato humano; e daí, gostei e fiquei. (...) Eu acho que, pra o sexo feminino, fica mais difícil por conta dos trabalhos domésticos - como eu disse: é feito basicamente pelas mulheres - além da pressão possível dos maridos. (...) Meu trabalho como funcionário público, eu fiz concurso no penúltimo ano da faculdade, e o meu objetivo era ganhar algum dinheiro - que eu ganhava muito pouco ou quase nada e eu vivia basicamente às custas da minha mulher - porque (...) existia uma possibilidade de, depois, eu ingressar num serviço público como médico, que até hoje não ocorreu. Na realidade, foi uma escolha pela questão financeira: não teve nada a ver com vocação, por opção, nada. Eu relaciono ao fato de não ter renda de coisa nenhuma e à situação pouco confortável dos meus pais de me manterem aqui. (...) O meu trabalho (...) tem algumas coisas que me prendem lá: tem o trabalho político que eu desenvolvo, mas, basicamente, (...) tem um plano de saúde que é interessante e a parte financeira como médico. Como médico, eu realizo o que eu escolhi pra fazer. Então, tem o aspecto econômico, mas é a parte em que eu me realizo mesmo, enquanto pessoa e profissional. Eu acho que a atividade do consultório tem me enriquecido muito na área médica que eu escolhi: tem ampliado conhecimento muito; tem me feito estudar bem mais e tem me proporcionado poder ajudar as pessoas, e, no meu modo de entender, crescer como profissional, adquirindo mais conhecimento e de ajudar melhor. Há uma sensação de insegurança grande (...) por conta da política do governo, que ele não dá mais reajuste há mais de 3 anos e vem suprimindo os direitos que se tem, gradativamente, ameaçando demissões, e isso tem gerado um clima de insegurança muito grande: competição muito pouca. (...) Meu trabalho ocupa meu tempo, eu acho que ainda de forma exagerada. (...) Eu trabalho todo dia de 7 às 20 horas, e 4 dias da semana; no final de semana, eu dou plantão - todo domingo tem. Eu estou reduzindo plantão: (...) normalmente, toma meu tempo demais. Às vezes, me "enche": às vezes, me "torra" a paciência quando eu estou com essa sobrecarga de trabalho. Normalmente, me preocupa mais quando eu pego carga de trabalho acima de 48 horas: aí, me irrita, me estressa, me perturba. No meu campo, eu acho que trabalho deve ser um meio pra se viver melhor, e, às vezes, devido a - especificamente na minha profissão - a gente tem que trabalhar em muitos cantos pra poder se ter uma renda boa ou razoável, e, infelizmente, eu acho que acarreta prejuízo não só pra quem está no trabalho, mas pra quem está diretamente envolvido com os pacientes, que se prejudicam no sentido de que o médico não tem tanta condição de se aprimorar, não tem tempo, e a sobrecarga de trabalho estressa muito, e, aí, acaba prejudicando também o tratamento.*

Lucas sempre soube qual o trabalho que gostaria de realizar e a profissão a que se dedicaria, sentindo-se pessoalmente realizado, embora se perceba incomodado com o clima de agressividade e de competição em sua área de trabalho, que atribui principalmente às disputas entre as mulheres. Apesar da grande carga de trabalho, consegue reservar espaço para seu lazer, embora apenas nos finais de semana:

> *eu sempre pensei em fazer o que eu faço: em ser médico. Até me perguntei porquê: na minha família não tem nenhum médico. (...) Eu trabalho por uma satisfação pessoal, de realização pessoal e de ajudar. (...) No momento, agressividade: ele me "passa" um grande problema. O problema é que eu trabalho entre três mulheres e isso sempre houve. No hospital, (...) nós fazemos rodízio de direção: no momento, sou eu que estou na direção da clínica. Aí, eu trabalho com três mulheres, né? (...) Duas delas não gostam da outra, e eu vivia dentro, no meio dessa relação, de uma certa forma, tentando viver bem com as três, mas me "encheu o saco". Então, no nível que estava, impossível de trabalhar, começaram a me envolver, e a coisa, agora, tá numa situação que: uma saiu e a outra começou a se voltar contra mim e achou que eu tive participação na saída dessa. Ficou nervosa e ficou uma relação ruim, num sabe, uns 6 meses. Em relação ao cargo, a nossa relação entre os médicos parece ruim: tá agressivo, tá indiferente. Sabe aquela coisa, assim, de que "você não 'pise no meu pé' ou...", num sabe? Mas, assim, em relação aos doentes e à clínica, cada um tá fazendo a sua parte, né, embora sempre com problemas. (...) A minha relação com o trabalho, ela é muito forte: eu passo o dia todo envolvido com o meu trabalho. Agora, eu sei também dar uma "parada" no final de semana, quando eu estou mais livre, mas o meu dia-a-dia é muito trabalho.*

A conjunção do conflito com os pais - devido à sua dependência deles enquanto não trabalhava - com o apoio de um professor levou Guilherme a definir sua carreira profissional. Reconhece que tende a associar masculinidade e iniciativa no trabalho. Sente-se realizado com o que faz, pois suas atividades profissionais têm um sentido social, embora ainda se incomode com o clima de inatividade desestimulante em sua área de atividade. Eventualmente, leva tarefas desgastantes do trabalho para casa, mas admite que freqüentemente tem dificuldade de distinguir trabalho e prazer:

> *pela experiência que eu tive no secundário, o professor me ajudou bastante. Então, me despertou essa idéia, essa vontade. Na época, eu estava com muito conflito com os meus pais e ele me deu uma "força" muito grande. (...) Logo que terminei a faculdade - estudei dependendo do meu pai: meu pai que mantinha - então, foi uma situação de transição incômoda porque eu queria abreviá-la o mais rápido possível, acabar com a dependência do meu pai o mais cedo possível. (...) Agora, depois, pra ser professor, não gostava de ensinar, não gostava da academia. Foi uma escolha ter lutado pra isso e ter conseguido: depois, a idéia inicial da primeira escolha, ela se modificou. (...) Eu me sinto bem por ser homem e estar fazendo o que eu faço. Pode achar, assim, que é uma coisa louca, mas...* (pausa) *- assim, não que eu ache que alguma mulher num poderia fazer exatamente na profissão o que eu faço como professor - (...) bem no fundo, (...) há uma certa identidade de iniciativa ou capacidade de tomar iniciativa e masculinidade. (...) Meu trabalho, pra mim, eu tenho muito claro o meu papel social também: eu acho importante o que eu faço. (...) O ambiente tem mudado: ele mudou a composição social. Mas eu diria: uma certa cooperação, mas existe também uma certa inatividade, assim, algo não tão estimulante, relativamente relaxado. Eu não acho que é um clima tenso, mas gostaria de me*

> *sentir mais estimulado. (...) É engraçado: é complicado responder essa pergunta porque a "fronteira" entre o trabalho e o prazer no que eu quero fazer, às vezes, é tênue, não é tão, assim, delimitada, não é? Por exemplo, eu tá estudando, eu tá querendo saber alguma coisa: tem vinculação com o trabalho, mas, às vezes, tem vinculação também com o meu desejo de fazer isso, né? Eu faço em casa, e é, às vezes, difícil distinguir o quê que eu tô fazendo motivado pelo trabalho ou pelo desejo de fazer.*

Edson sofreu pressões para escolher uma carreira profissional socialmente considerada masculina, mas, depois de haver se submetido, optou por um trabalho que o realiza mais. Atualmente, evita conflitos com os superiores com quem não se dá bem:

> *eu arranjei uma professora que era muito boa e que me despertou pra essa relação de ensino, da aprendizagem. Então, eu me dispus a me envolver nisso. Primeiro, houve o momento de escolha, na época do vestibular: a pressão toda era pra que eu fizesse na área de exatas; acabei fazendo engenharia, né? Mas aí, logo um semestre depois, acabei fazendo outra opção: (...) o encontro com o que eu realmente queria, eu ter descoberto o que eu queria fazer. Então, optei em contraposição do que queriam que eu fizesse. (...) Quer dizer: o que me chamou a atenção foi uma ligação muito emocional, também, com o total, como se uma pessoa pudesse, dentro da outra, identificar a outra. Essa coisa muito humana me chamou a atenção: foi o que me fez trabalhar. Eu trabalho pra uma satisfação pessoal. Eu não trabalho no sentido de segurança material. (...) Ah, eu diria que são duas coisas diferentes: de um lado, uma cooperação, uma harmonia, uma beleza, uma palavra de ânimo - quer dizer: isso, principalmente em relação às pessoas, aos educandos com quem tenho um embate, as colegas. Já, superiores, existe uma relação, lá, um pouco mais difícil: de fato, de uma certa briga, de uma certa disputa. (...) Eu tento me concentrar em outro ponto; tento evitar; aí, vem aquela história, e, assim, tento me relacionar mais com as pessoas que estão dentro desse nível do que com as outras.*

Alguns de meus entrevistados, sem dúvida, têm conseguido satisfação através do trabalho. Entretanto, devo destacar o "preço" pessoal e sócio-cultural que muitos deles freqüentemente têm que "pagar" por sua realização profissional. Alguns tiveram de desenvolver suas carreiras profissionais sob grandes interferências econômicas, familiares ou mesmo ideológicas, o que evidencia a existência de uma concepção em nossa cultura de que o trabalho profissional é um pré-requisito básico para que um homem seja reconhecido como bom e digno cidadão, mas também como um *homem de fato*. Podemos perceber nos depoimentos acima que, mesmo aqueles homens que se consideram satisfeitos com suas realizações profissionais tiveram que freqüentemente efetuar um percurso tortuoso e penoso em direção ao sucesso através do trabalho. Desta forma, penso que, apesar de minoradas, persistem muitas das pressões sócio-culturais no sentido de que os indivíduos do *gênero* masculino reproduzam a decadente - embora ainda persistente - ideologia dominante das sociedades patriarcais, que determina que o homem deve ser o provedor da família e que, para tanto, deve

competir agressivamente contra seus adversários, concepção sistematicamente compartilhada e reforçada por outras instâncias sociais.

. O homem insatisfeito com seu trabalho: trabalho de homem?

Nem sempre os sonhos e as primeiras escolhas profissionais de meus entrevistados foram definitivos para a realização no trabalho que de fato seguiram posteriormente. Alguns deles terminaram por se submeter às pressões da família ou de outras instâncias sociais no sentido de buscar atividades conforme os ditames sócio-culturais que determinam qual é o devido trabalho que cabe aos homens. Neste sentido, depois de muita indefinição quanto a seus interesses, Haroldo se desapontou com sua opção inicial, tendo descoberto novas perspectivas de trabalho e conseguido redirecionar sua vida profissional. Posteriormente, já casado, também deixou de atuar em outras áreas que lhe interessavam devido à necessidade de ganhar dinheiro e de sustentar a família, optando pela área de trabalho financeiramente mais rendosa, mas também menos "pesada". Reconhece que, por vezes, privilegia o trabalho acima de sua própria pessoa. No trabalho, toma cuidado quando o "clima" se tornava competitivo e tenso:

> *o curso que eu tinha "peitado", engenharia de pesca, era assim como que uma visão (...) muito fantasiosa do mundo e de mim mesmo, né? Assim: "que 'bacana', você tá na praia, peixe e vara de pescar, né?" Era mais, assim, uma idealização, e, essa época, eu tomei contato com o ambiente universitário, (...) que era muito fecundo, né, e eu voltei a estudar história, que era uma ciência que eu também gostava muito, né? (...) Eu acredito que, também, retomei uma paixão que eu tinha pela biologia, e, dessa equação toda aí - de história, política, biologia e engenharia - há de ser que a grande questão era a psicologia, acredito que como uma forma de resolver essa aparente indefinição profissional. (...) Talvez eu tenha feito, assim, uma opção por uma questão mais minha, que seria, assim, de me compreender melhor e também ali encontrar uma profissão. (...) Quando eu me formei, eu trabalhei em duas áreas: a área organizacional, e depois, eu atendi na clínica. (...) Tava muito "pesado", muito cansativo, e eu me afastei, já pensando em estudar um pouco pra ensinar. (...) Como homem, é que (...) tem tanto, todo o tempo, uma exigência: eu tava casado, fazendo por me formar bem - eu "emperro" nisso aí - e precisava ganhar dinheiro, eu e a minha esposa, e, efetivamente, quem tinha contribuído financeiramente era o emprego de psicólogo organizacional e não de clínica. (...) Eu trabalho pra ganhar "grana", pra ter as coisas que eu quero, que eu preciso, né? Não sei se eu tivesse essas coisas, se eu trabalharia: num sei ou o que eu iria fazer se poderia chamar um trabalho. (...) Sobre a questão do trabalho, (...) tem importância fundamental, hoje em dia: (...) muito freqüente, algumas vezes, mais importante de que eu. (...) Há o outro ambiente que é muito presente, que é a família. (...) Até recentemente, eu tinha dois ambientes de trabalho, né? Agora, eu tô afastado de um deles. Esse que eu tô agora é muito recente, né, e eu acho um ambiente "leve", né, mas um ambiente que tem - digamos -*

> *competição; também tem alguma vaidade, né, porque é um ambiente de professores. (...) Tem uma certa alegria. Sabe, eu me sinto bem. Eu gosto desse ambiente. Agora, eu, assim, sou uma pessoa que eu sou muito espontânea. Então, às vezes, eu tomo um certo cuidado, quando eu acho que o ambiente começa a ficar um pouco mais tenso, mais "pesado". (...) O outro ambiente é serviço público: eu trabalhava com essas pessoas há muito tempo. Então, havia um certo "desgaste": havia companheirismo, mas havia também muita competição e muita tensão.*

Pressionado pelo pai, Tomás chegou a freqüentar durante algum tempo um curso superior extremamente valorizado em termos sócio-culturais, mas não suportou o ritmo de estudo e o abandonou, buscando uma profissão que lhe realizasse mais. Entretanto, continua insatisfeito por não realizar atividades de trabalho que considere significativas para si mesmo e para a sociedade, destacando a importância do significado do trabalho para evitar a sensação de inutilidade, para obter ganhos financeiros e para conquistar independência. Admite que evitou profissões e especializações consideradas social e culturalmente femininas. Trabalhava anteriormente em dois locais, tendo pouca intimidade com os colegas de trabalho e sentindo dificuldade de comandar seus empregados. Sem qualquer atividade fixa no momento, Tomás sente-se angustiado, improdutivo e dependente, preocupando-se com a opinião alheia e na dúvida se deve investir na segurança de um emprego público ou na sua arriscada ascensão social e financeira como profissional liberal:

> *primeiro, a faculdade de medicina. Eu terminei o meu 2º grau e num vi, assim, essa aptidão pra nada. Num me interessava muito por vestibular: fui levado mais pela influência do meu pai, que queria. Eu fui levado pra faculdade de medicina, mas aquele ritmo pesado de 8 horas de estudo - a gente tem que estudar à noite - isso num me agradava muito, não. No começo, ela é uma oportunidade pra emprego seguro e de "status", né? Todo mundo achava isso, né? O médico, estudante de medicina, então, né, todo mundo achava lindo, né? Mas aí, eu vi que eu tava "me ferrando" naquilo, né, e eu passei 6 ou foi 7 anos na faculdade, mas, na verdade, eu fiz só 3: eu "trancava"; abandonava; essas coisas, assim, né? Aí, eu resolvi: "não, eu vou sair da faculdade". Saí, pensando em fazer o quê? "Não, eu vou fazer direito, né?" Mas aí, a faculdade de direito, o vestibular era anual: "mas o quê que eu vou fazer durante esse ano todinho, porque cursinho eu num vou fazer porque é um 'saco', né? (...) Não, aí, vou pagar pra ir pro de técnico de contabilidade". (...) O que eu acho chato, assim, dessa minha questão do trabalho, é você acordar e você num ter o que fazer: você vê todo mundo saindo e você fica em casa, parado, sem ter o que fazer; você se sente altamente inútil; você se sente menosprezado por aquilo. Eu acho que o trabalho te dá um complemento, né? Você se sente útil. Às vezes, até se eu ganhasse muito dinheiro, mesmo sem ter que trabalhar, eu acho que eu procuraria alguma coisa pra trabalhar, porque o trabalho, ele é o seu movimento: você fica arrependido sem ter um trabalho, né? (...) Por exemplo, arquitetura; dentro da área da medicina, por exemplo, pediatria: eu acho que a mulher leva mais jeito, né, que o homem, né, essas coisas. (...) Eu, principalmente, pra me tornar independente: seria a principal coisa pra trabalhar. O importante é a remuneração no trabalho: a partir do momento que você recebe aquele dinheiro, você se sente uma pessoa independente, né? Você se sente até, por isso, capaz ser o chefe de uma família, né? Você se sente mais responsável. Você se sente saindo das "correias" do pai e da mãe, (...)*

> *você saber que essa remuneração que você tá recebendo é produto seu, você mesmo que fez. (...) Nesse do supletivo, eu diria que, talvez, num se percebe nem o "clima" porque eu num tinha muito relacionamento com os outros professores, né, pra sentir, né? Já em relação a esse espaço da churrascaria, eu dava liberdade, né, em casa, pros funcionários, tudo mais, mas aí, eu notava, às vezes, que eu perdia o moral: então, depois, eu procurava reaver o relacionamento de interatividade, né, de patrão-empregado, como deve, né? É difícil porque, como eu disse, eu sou meio inseguro: às vezes, se o funcionário reclama, eu fico, assim, meio inseguro. Às vezes, eu não tenho coragem de dar um "carão" num empregado. (...) É angustiante, né, (...) por uma questão de você se sentir improdutivo: você se sentir em casa. Você se sente dependente. Você sente que num tá fazendo nada. Você pensa (...) até no que os outros pensam, né? (...) Eu tô na grande dúvida se eu estudo pra fazer um concurso público ou se eu estudo pra botar um escritório meu, porque eu conheço: se eu estudo pra um concurso público, geralmente, você num tem muita possibilidade de ascensão - você fica naquilo. Mas, se você estuda pra botar um escritório seu, você num tem possibilidade de (...) passar a ganhar muito dinheiro e ir crescendo. (...) Então, eu quero segurança.*

Flávio afirma categoricamente que detesta seu trabalho e que apenas o realiza com o objetivo de ganhar dinheiro, tendo seguido tal profissão por um acaso fortuito, utilizando sua esperteza para conseguir sucesso profissional. "Bon vivant", embora afirme que se preocupa com o trabalho, Flávio se sente totalmente insatisfeito com suas atividades profissionais, trabalhando quando quer ou "se virando" quando precisa de dinheiro:

> *eu entrei (...) num curso que foi extinto, né? (...) Aí, (...) ligaram pra minha casa e falaram com (...) que eu tinha direito a qualquer curso, (...) que eu entrei porque era o mais fácil. Meu negócio era entrar na Universidade. (...) Eu tava trabalhando (...) de engenheiro sem ser. Aí, (...) eu disse: "bote engenharia civil". (...) Aí, entrei na escola de engenharia e terminei, ajudado por esse tal (...) que eu disse que tinha uma certa dependência dele: fazia as provas todas em papelzinho; (...) botava dentro duma caixa de chiclete; jogava pela veneziana; (...) jogava de fora pra dentro; eu - pá! - passava pra prova cálculos e o "diabo", mas tenho "alergia" a engenharia. (...) Agora, se eu pudesse, eu seria pensionista ou aposentado, ganhando um bom dinheiro, só. Eu detesto trabalhar: só pra ganhar dinheiro, pra ter dinheiro. Eu sou totalmente insatisfeito com o que eu faço, né? (...) Na minha maneira de ser, a competição existe, num é? Agora, na minha maneira de ser, existe muito "leveza". Eu sou aquele tipo: (...) trabalha quando quer, né? Eu num tenho aquele horário. Num tem aquela obrigação. (...) Desempregado, não, que eu nunca fui empregado* (riso)*, né? Sem dinheiro, já: passei um tempo aí, meio "duro", né? É verdade que "folgado", eu acho que, hoje em dia, na atual situação, ninguém tá: me preocupa. Ah, eu "me virava": eu num pedia dinheiro à minha mãe, né? Então, "me virava".*

Ernesto adaptou seus interesses de estudo às atividades do trabalho que já vinha exercendo a partir de um concurso a que se submeteu para uma instituição pública. Admite que seu principal objetivo foi se aposentar com o máximo de vantagens que pudesse conseguir. Achava o "clima" de trabalho, especialmente com os homens, muito tenso, competitivo, sofrido e desgastante:

> *eu entrei foi através de concurso mesmo. (...) Foi a oportunidade mesmo. A faculdade, entrei depois que eu trabalhava: economia. Eu num tentei, né, carreira. (...) Economia (...) pra ver se tinha alguma utilidade. (...) Bem no começo da minha carreira, pensei que ia fazer uma outra coisa, essa idéia que "pintou". Passado um tempo, aí num deu. (...) Minha primeira meta: me*

> *aposentar com tudo. Então, eu procurei ver se fazia alguma coisa. Aí, tinha uma carreira média, né? Eu nem tentei, né? Num fazia parte desse meu projeto: seria apenas uma peça no meio daquelas, aquela imagem. (...) Tinha competição com homem. Eu achava, assim, o ambiente desgastante, né, muito desgastante, né? (...) Muito cedo, tinha muito é tensão, né? Eu trabalhava 8 horas. Eu tava trabalhando longe de casa: então, almoçava lá no trabalho. (...) Então, a gente sofria muito .*

Pedro sentia-se atraído pelas artes e pelas humanidades, que eram, anos atrás, social e culturalmente consideradas atividades femininas ou mesmo relativas a homossexuais, mas foi pressionado e conduzido a fazer um curso superior considerado difícil e "de homem". Atribui tais pressões ao contexto sócio-histórico dos anos 70, ou seja, ao regime militar brasileiro da época. Apenas posteriormente, através de suas próprias atividades profissionais, conseguiu integrar seu trabalho a seus ideais sociais, o que lhe deu um novo sentido à sua vida pessoal, aproximando-se dos colegas mais construtivos e evitando os mais negativos e agressivos:

> *a escolha profissional, eu vejo que, (...) quando eu estudava, existia uma pressão muito forte que se colocava mais ou menos que - por mais ridículo que seja - na época, era uma coisa que tava na minha cabeça, pela pressão que foi feita. Então, o "curso de homem" é curso difícil; então, o curso difícil é o curso de engenharia, o curso de ciências exatas; e curso para mulher é curso fácil, é curso de humanidades. Então, isso é uma coisa que, na época - quer dizer: tem que ver todo o contexto de época; eu com 15 anos; isso, na década de 70, no regime militar e tudo mais - isso ficou bem forte na minha cabeça, né? E é um aspecto muito interessante que eu me lembro muito bem porque eu tinha amizade (...) no meu colégio - que o meu colégio era uma colégio só de homens - e (...) os homens que eu tinha amizade eram homens que, por exemplo, gostavam de cinema, de pintura, e esses homens, muitas vezes, eram colocados até como se fossem homossexuais. Existia um certo tratamento pejorativo por parte da maioria, aquela história: homens que não gostam de futebol, né, aquela história, e, muitas vezes, eu me via com vergonha. Eu era uma pessoa muito reprimida: eu tinha vergonha de estar perto dessas pessoas porque podia ser confundido, né? É, acontecia. Então, eu procurava fugir, procurava aquela coisa do "Pedro que nega Jesus", né? Então, eu ficava negando e fazendo de conta que eu não tinha muito interesse de amizades com aquelas pessoas, né, que era a minha realidade. E, então, (...) a coisa foi muito nessa coisa da pressão, né? (...) Hoje, eu vejo que, talvez, se eu não tivesse tido essa pressão, talvez tivesse feito um curso de humanidades, que uma das coisas que mais me envolvem é cinema, né? (...) E acabei na coisa da engenharia, mas, (...) o importante é que, dentro dessa engenharia, eu consegui transformar a coisa e levar para um caminho que, para mim, faz sentido, né, um caminho mais (...) a serviço da comunidade, a serviço do ser humano. Então, isso é uma coisa que ficou: esse elo com a coisa humana - digamos assim - que eu mesmo fiz. (...) Eu acho que de tudo existe um pouco. Quer dizer: existem pessoas que "passam" coisa ruim, de agressividade, e pessoas que "passam" coisa boa, de realmente querer construir algo. Então, eu procuro me aproximar das pessoas que eu vejo que têm o compromisso de construir algo no trabalho, ter um trabalho honesto. (...) Logicamente que ela não é a minha vida, mas ela ocupa uma parcela significativa, importante, na minha vida. Eu procuro transformar, inclusive, ele, numa coisa interessante. Agora, eu vejo isso como uma conquista minha, né?*

José também abdicou de seus primeiros sonhos, optando por aquela que considera sua única vocação: ganhar dinheiro. Sente-se por isto "uma aberração da natureza", já que

se mantém constantemente “ligado” ao trabalho. Acredita que assumiu uma atividade profissional essencialmente masculina, pois crê que uma mulher não teria as mesmas condições de exercê-la como ele, que lida muito bem com o clima extremamente competitivo de seu trabalho:

> *por interesses financeiros: puramente norteado por isso. Mas foi uma “aberração da natureza”. Não tenho vocação: minha vocação é ganhar dinheiro para ser melhor em tudo aquilo que eu faço. E quero ganhar dinheiro não pra ter dinheiro pra guardar, essas coisas: queria ter dinheiro para ele ser o meu “escravo”. Então, eu era estudante: fazia a universidade de biologia; eu era louco por biologia. Meu sonho era ser médico, mas como era 6 anos, eu não agüentava: o meu pai não poderia; eu não poderia passar 6 anos dentro de uma faculdade de medicina. Então, eu fui tentar fazer a faculdade de biologia. Quando eu fiz biologia, eu fiz o CPOR, que é um curso de oficiais da reserva - você conhece. Quando eu entrei no CPOR, eu vi que meu negócio era militar: eu tinha sido “talhado” para ser militar. Quando eu fiz o CPOR, aí, eu fui estagiar, porque lá você vai estagiar, se quiser, mas eu fui estagiar, ser sargento lá, com 21 anos de idade, uma autoridade de uma “porra”! (...) Quando eu entrei no Exército, eu ganhava bem. (...) Quando eu (...) comecei a ver que o salário não estava “legal”, aí, eu vi, na vida particular, vida privada, que a melhor oportunidade de ganhar dinheiro era você ser vendedor porque emprego burocrático não era muito bom. Aí, eu fiz uns cursos. Eu tinha (...) uma grande formação lá no exército em termos de material de estoque administrativo. (...) Fiz um estágio para ser gerente de uma loja. Aí, fui gerente de todas as lojas e sempre como gerente. Aí, fui chamado para ser gerente regional. (...) Surgiu a oportunidade de ser representante de uma firma, a mesma que eu trabalho até hoje. Mas se varrer chão desse dinheiro hoje, o meu negócio era ser varredor. Eu não tenho gosto de profissão. (...) Se eu fosse mulher, eu não fazia essa atitude. (...) Com-pe-ti-ti-vi-da-de! Muito bom: se precisar “pisar no pescoço”, eu “piso”. Estou evitando que eles “pisem” no meu. (...) Tranqüilo: não “pesa”, competitividade. (...) Ocupa! É constante: eu durmo pensando e acordo já pensando no trabalho.*

Depois de muito tempo desempregado, César teve que optar pelas oportunidades que apareceram, mas pensa no trabalho como uma forma de ficar rico e de viver bem. Apesar de perceber que há cooperação, destaca que a competição se impõe em seu ambiente de trabalho. Lembra que, quando esteve desempregado, exasperava-se com as pressões familiares e sentia falta até mesmo do cansaço e das agruras do trabalho:

> *eu passei muitos anos desempregado, mas eu sempre rabiscava algumas coisas, desenhava rostos de pessoa, coisas assim. Então, eu fui fazer um curso de desenho mecânico até ter oportunidade de entrar no Senai. Então, pagava uma taxa irrisória e acabei fazendo um currículo lá no Senai: vários cursos, quase todos os cursos que teve de desenho mecânico. Ainda bem que não foi muito difícil conseguir uma colocação no mercado. Por que? Porque eles exigem uma experiência: se você não tem aquela experiência, você não tem como trabalhar. Mas aí, eu trabalhei como inspetor de qualidade. Saí de lá: fui para um outro emprego; apresentei os cursos, currículo, e fiquei como desenhista de controle de qualidade. Depois, passei a desenhista. Mas tudo isso aconteceu de uma maneira não muito fácil, forçada, devido à falta de emprego, à falta de dinheiro, quando eu estava desempregado. Então, a escolha se deu forçada: não foi nada fácil. (...) O trabalho é uma “porta” para você viver bem. Eu penso em me casar, mas eu penso em me casar e viver bem: eu pretendo me casar e viver mais ou menos. E você tem que viver bem através do quê? Através do trabalho. (...) Você tem que ser astuto, malicioso, um “cara” prestativo; tem que ser objetivo. Eu já vi pessoas trabalhar e ficar rico em 10 anos. Às vezes,*

> *você trabalha e, de retorno, você não recebe nada, sendo que você também tem que contar com o fator sorte, e só tem sorte quem trabalha. Então, eu já estou com 35 anos de idade: então, eu quero trabalhar, assim, mais uns 10 anos e ficar rico. (...) O que existe muito maior é um tipo de rivalidade: a cooperação fica no segundo plano. (...) A situação de desempregado fica difícil quando você começa a discutir com a família. É uma situação difícil, e, até conseguir trabalho, dentro da família é uma relação de brigas e discussões. Eu gosto de trabalho. O período que eu estive desempregado - não só porque a falta de dinheiro incomoda - mas eu sentia, às vezes, falta de pegar ônibus cheio, lotado e tal, de acordar cedo e ter que correr pra pegar o ônibus pra ir trabalhar e tal, (...) você chegar cansado e tal.*

Rogério atribui suas escolhas profissionais ao acaso, mas cogita ter sido condicionado pela mãe e pela avó, pois sempre foi um menino obediente e o modelo exemplar da família, terminando por se tornar um homem pragmático e adaptado a uma carreira que lhe dava segurança e estabilidade, embora tenha trilhado um caminho intrincado desde sua vocação religiosa inicial à militância política que assumiu. Hoje aposentado, Rogério ainda mantém seu vínculo com atividades partidárias e sindicais, embora tenha evitado a competição no trabalho e vivenciado muita tensão nos anos da ditadura, temendo represálias políticas das instâncias superiores. Mostrou-se preocupado com o crescente desemprego dos tempos atuais:

> *ah, foi por acaso: não foi escolha. A minha vocação, quando estudante, quando criança, era ser padre, né? Aí, não sei se foi eu que escolhi ou se eu fui condicionado pela mãe, pela avó - "'viche'! Porque tem que ter um engenheiro, um médico e um padre, né?" - e eu sempre fui uma criança muito obediente, 1ª da classe ou modelo: a criança-modelo dos demais irmãos, né, muito obediente, muito estudioso, muito tudo, né? (...) Eu queria ser padre. Depois, saí por razões econômicas, né, tanto que num tinha vaga nas vocações sacerdotais; eu teria que pagar alguma coisa. (...) Aí, a partir dali, eu passei a trabalhar, (...) com 14-15 anos. Aí, eu já comecei a estudar de noite, trabalhar de dia. Se tivesse trabalho, já se ajeitaria o mundo: eu logo "descobri o mundo com os meus próprios olhos". Meu primeiro emprego foi num cartório, (...) como contínuo, né? Depois, eu fui trabalhar num escritório de câmbio. (...) Depois, houve aquele concurso do banco. (...) Comecei a (...) sair de casa mais; (...) comecei a ler outras coisas, e aí, então, me tornei ateu. Homossexual, eu tinha que "entrar" nisso: (...) dei uma "guinada". (...) Comecei a me interessar por política. Fui de esquerda. Sabe o que é ditadura? Me esforcei bastante: (...) fui preso; por pouco, até torturado, já com a sentença de morte. Já tive muito perto disso, mas fui, mais uma vez, protegido a nível de CEB - se é que existe anjo da guarda - porque tinha tudo pra, realmente, ter entrado na luta armada, na clandestinidade, naquela época, mas, outra vez, não quis que esse caminho pudesse me dar problema. E eu só num fui pelo medo da tortura, por medo de ser preso, de ser torturado, né? Foi isso aí: covardia mesmo. Foi medo de "cair", de ser torturado: foi isso aí que me fez desistir de tudo na época, que não é uma coisa de bom senso. É uma loucura, né? Aí, me obrigaram a ser médico, né? (...) Os 3 anos do científico me preparando pra fazer medicina, mas achando meio difícil, né, porque tinha de trabalhar. O pai, operário; já tava trabalhando: que é que eu vou fazer em medicina, se era o tempo integral? Quando eu tava no 3º científico, em 64, "pintou" o concurso do banco: (...) "ah, você faz o concurso, que vai passar, entrar no banco (...). É um emprego bom, banco garantido". (...) Aí, eu admiti: "eu vou ser realista. É um emprego bom. Lá, eu posso fazer a 2ª opção" - que era economia. Fui nomeado. (...) Fiz vestibular de economia e passei. (...) Eu não escolhi ser bancário. As minhas escolhas, antes, eram outras: era padre e médico. Eu "me dei bem". (...) Com o tempo, eu passei a gostar*

> *da minha profissão, do meu trabalho, né? Me senti tranqüilo de ir trabalhar com gosto: me dei por vencido, nesse período, né? Passei a gostar, a achar importante o meu trabalho. É dentro do perfil da escolha: vida autônoma. Foi o que apareceu: é um trabalho como outro qualquer, e então, procurei, lendo e participando, inclusive dando opinião política, e levei a minha vida assim mesmo, sem grandes traumas, né, pra me manter, manter os meus, né? (...) Eu achava isso na época: hoje, não. Mas na época, eu achava que tava seguro e estável: nunca me preocupei de ser demitido. (...) Eu tinha atividade política, né, com medo: mesmo tendo "status" como político, você pode ir pra fora; eu vi muita gente ir pra fora no tempo da ditadura, né? E depois, então, que eu entrei, né, realmente nessa parte aí, eu sempre gostei, mas fui apegando de participar de sindicato. (...) Mas o emprego, pra mim, no banco, era um emprego bom, né: me satisfazia; eu me achava importante; tinha "status". Então, me resolvi: acomodei. Minha relação era muito boa, realmente, com os colegas, o sindicato, o salário - que era muito bom, na época: eu me recordo que, na época, era. (...) Como toda empresa, havia cooperação, havia competição, tensão. Havia tensão, em época de greve, na ditadura principalmente, né, de 65 até 79. Quando veio aí a anistia e a "abertura", aquele negócio todo, foi um momento de tensão, mas eu sempre tinha medo de ser demitido, pois é, de ir pra alguma reunião, assim: havia as "colocações" que a gente fazia contra o autoritarismo, contra a censura, contra a ditadura, né? (...) Eu tentei entrar em competição, (...) ter um cargo de chefia, né? Foi-me "colocado" claramente que (...) o cargo era meu, né, mas desde que eu renunciasse a qualquer atividade política. (...) Ficou nisso: (...) "pode passar pra outro: não aceito, não. O 'preço' é muito alto pra mim: não vou abdicar de toda uma ideologia, de toda uma vida quase. Eu num vou ser hipócrita. Num vou aceitar isso". (...) Eu vi que só podia fazer alguma coisa entrando na clandestinidade, né: aí, não; aí, num dá; aí, é a "fronteira"; isso aí, eu num faço. Aí, me chamaram de "bunda mole", pequeno burguês, que num tinha consistência ideológica, covarde. (...) Arrasado, arrasado, né? Arrasado, né, e, no fundo, reconhecendo que era verdade aquilo tudo, mas, ao mesmo tempo, tendo um profundo medo, né, de ser preso, de ser torturado: isso aí, pra mim, é uma coisa, assim, que me gerava pânico, num sei porquê. Quer dizer: então, foi aí que eu realmente, né, tive medo, mas eu num arrisco, não. (...) Eu acho que "caminhamos" por uma "barbada". Eu acho: o desemprego vai "explodir" mesmo.*

Renato também desistiu de seus primeiros interesses profissionais, escolhendo um trabalho que lhe proporcionasse dinheiro e maiores oportunidades, embora se sentisse atraído por outras atividades profissionais menos rendosas. Acredita que é mais respeitado no trabalho por *ser homem*. Atualmente desempregado, tenta se adaptar ao clima de tensão e de competitividade em sua área de trabalho, sentindo-se incomodado com a falta de dinheiro e com a opinião alheia sobre o fato de estar exercendo apenas atividades informais:

> *eu estava fascinado com a coisa da eletrônica. Então, até minha primeira tentativa de vestibular foi exatamente pra engenharia eletrônica: (...) aí, eu comecei a não passar. (...) Passei em mecânica. (...) Quando eu fui fazer, foi mais ou menos assim: "rapaz, o que é que tem em todo canto? Em todo canto, têm empresas. Empresas, vai precisar de quê? De engenheiro mecânico. Engenheiro mecânico: pronto!" Sabe, foi por aí: basicamente, eu queria engenharia eletrônica, mas quando eu vi que tava difícil, daí eu fui pra mecânica. Eu até queria escolher uma psicologia, uma história, uma filosofia, mas eu visualizei a "grana": para ganhar dinheiro. Basicamente, essa é a questão: para ganhar dinheiro. Mas eu tô vendo que, hoje, a engenharia não dá a "grana", que eu achava que seria muita "grana", na época que eu fiz vestibular. Então, (...) o fato de eu ser homem interfere no desempenho, na maneira que as outras pessoas me vêem, "tipo" assim, quando eu andava na metalúrgica, que fazia estruturas metálicas. Quer dizer: se fosse uma*

mulher que tivesse andando, eu acho que a maneira de ser visto seria outra, no aspecto profissional mesmo. Não é uma coisa da atração, não, mas é o aspecto profissional, de respeitabilidade ou não, sabe? Eu acho que demoraria mais pras pessoas respeitarem uma mulher. (...) É competição e tensão. Eu acho que tem muito essa mentalidade: "você está tenso, você produz mais". É um comportamento ridículo, mas eu praticava: "me fazer" que tô preocupado. Eu acho que, se as pessoas acham que você parece preocupado, significa que você tá produzindo, que você tá fazendo, que você tá "acontecendo na história". (...) "Eu tenho que fazer bem feito pra não deixar ninguém 'pegar no meu braço', ou ninguém 'pegar na minha mão'". Então, essa expressão significa alguma coisa: "você tem que fazer bem feito pra não deixar ninguém lhe repreender", sabe? (...) Cooperação, eu notava pelas pessoas que me contratavam, sabe, "tipo" assim o engenheiro que me contratou, ou, então, os donos da fábrica, sabe, ou, então, o gerente da área comercial, que ajudou na minha seleção: aí, neles, eu via cooperação, sabe? Mas, quando você desce pro "chão de fábrica" mesmo, nada de cooperação. Então, esse último trabalho, assim como o antepenúltimo também, eu tinha que acordar 5:20 e voltava pra casa 6:30 da noite, e, no anterior a esse - era uma montagem, numa fábrica - então, eu voltava pra casa "tipo" 8 horas, 9 horas da noite. Então, ocupa muito tempo de trabalho por querer fazer melhor. (...) Eu me sinto meio "bosta". Assim, você tá se sentindo "menos" porque eu acho que o "lance" do trabalho, eu acho que cai até na coisa de você ser aceito pela sociedade: "ah! Você trabalha em quê"? Então, isso significa que você é aceito ou não pela sociedade. Então, se você não tem um trabalho, eu acho que as pessoas já lhe vêem de outra forma, sabe? Por exemplo: agora, eu tô sem trabalho, mas estou ligando, fazendo contatos pra ver se eu dou assistências técnicas, mas vai ser complicado as pessoas perguntarem o quê que eu tô fazendo e eu dizer que eu não estou fazendo nada. As assistências técnicas que eu vou dar é pela empresa de um serralheiro, que é um peãozão que me chamou assim: "ah, você é 'gente boa' e tal. Vamos ser o engenheiro da minha empresa!" Daí, eu tomo conta da coisa burocrática, do orçamento e tal, coisas desse tipo, mas que é um trabalho, ligar para o pessoal. "E isso é um trabalho"? É um trabalho, mas eu acho que, socialmente, ainda há necessidade de dizer que você tem a carteira assinada por alguém, que alguém lhe aceita. Então, a minha condição de ser desempregado é de me sentir meio mal, mas aí é que tá: o quê que eu quero com o trabalho? Eu quero "grana"!

Destaco aqui que vários de meus entrevistados têm mais de uma área de trabalho, o que revela não apenas a faceta social mais cruel da crise econômica e do conseqüente temor do desemprego em que vivemos, mas também a imposição sócio-cultural ainda imperiosa em nosso meio de que os homens garantam o sustento do lar como condição de seu reconhecimento como cidadãos e como *homens de fato*. Acrescente-se que, entre aqueles que conseguiram uma relação prazerosa com o trabalho, tal conquista ocorreu a partir de um esforço por vezes hercúleo, freqüentemente sacrificando o convívio maior com a família e os filhos ou abdicando dos finais de semana e das férias, bem como de seus relaxantes momentos de lazer. Alguns de meus entrevistados deixaram de lado seus projetos pessoais e sua realização profissional em prol da segurança financeira ou da manutenção do *status* social. Todos estes entraves, sem dúvida, constituem elementos que fazem com que o trabalho freqüentemente seja encarado como tortura, como sacrifício ou como um

“peso” necessário e inescapável. Desta forma, trabalhar deixa de ser fonte de prazer para se transformar em sessões tormentosas e cotidianas no “tripaliu”[66]. O temor ou a realidade concreta do desemprego muitas vezes agrava esta situação, conduzindo os homens a uma situação emocional e social que revela não apenas a crise econômica que o mundo globalizado e dominado pela ideologia neo-liberal vive atualmente, mas também o fardo que “pesa” às costas dos indivíduos do *gênero* masculino, envolvidos na crença de que devem sempre sustentar a família como semideuses quase onipotentes. Assim, a vida profissional de muitos homens oscila entre o regozijo pelo sucesso e pela realização através do trabalho profissional, e, por outro lado, pelo seu contraponto: a humilhação pública, familiar e particular pelo fracasso e pelo conseqüente desprezo dos concidadãos por não trabalhar ou por não poder dar conta condizentemente do que é atribuído social e culturalmente a um homem.

2. *Cuidado: Homens e Mulheres Trabalhando Juntos!*

Tratei da importância que o universo do trabalho representa na *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*. Portanto, é de esperar que o espaço do trabalho profissional seja um microcosmo no qual os homens convivam durante bastante tempo em suas vidas e, conseqüentemente, desenvolvam relações sociais significativas com seus congêneres. Da mesma forma, destaquei que, neste último século, as mulheres vêm se inserindo cada vez mais no mercado de trabalho e, mesmo que ainda de maneira limitada, vêm ocupando atividades e funções profissionais tradicionalmente consideradas masculinas em nossa cultura. Pode-se perguntar acerca das repercussões sócio-culturais da progressiva utilização da mão-de-obra feminina especificamente na *condição* e na *subjetividade masculinas* e nas *relações sociais de gênero* de modo geral. Tudo indica que a crescente inclusão da mulher no mercado de trabalho tenha gerado novas tensões e algumas transformações sócio-culturais nos

[66] Conforme Ferreira (1975), “**trabalhar.** [Do lat. vulg. **tripaliare*, ‘martirizar com o *tripaliu*’ (instrumento de tortura)” (p. 1404).

ambientes profissionais e nas relações entre os *gêneros*. A partir destas considerações, dediquei os dois próximos itens à investigação e à discussão das relações de amizade e de intimidade *entre* os homens e *com* as mulheres no espaço do trabalho. Em que medida meus entrevistados confiam em seus colegas de trabalho - homens e mulheres - e qual o significado que para eles têm suas relações sociais com pessoas com quem compartilham diariamente tanto tempo e tanta dedicação em seu ambiente de trabalho? Tais questões constituíram a 11ª tipologia nativa desta tese.

1. *Trabalhadores do Brasil, uni-vos!*

Como espaço social vital na vida da grande maioria dos homens, o universo do trabalho profissional se constitui como "*locus*" de convívio íntimo e, ao mesmo tempo, de embates competitivos com seus congêneres. Assim, tentei investigar com meus entrevistados até que ponto a formação de grupos viris se faz presente no espaço do trabalho, ou, por outro lado, se a desconfiança e a competição predominam nas relações profissionais com outros homens. Portanto, minha 29ª tipologia analítica surgiu a partir da indagação se meus entrevistados têm amigos no ambiente de trabalho (pergunta 80) e se tais amigos se diferenciam dos amigos de outros ambientes sociais (pergunta 81). Neste sentido, João contou-me que tem muitos amigos no local de trabalho, mas que se mantém reservado com eles, não se permitindo fazer-lhes suas confidências íntimas. Para Haroldo, as diferenças entre os amigos do trabalho e os de fora dele se devem ao fato de que

> *as relações entre as pessoas tão se "desmanchando" muito. (...) Eu acho que eu tenho amigos. (...) No trabalho, eu acho que é uma relação, assim, madura, diferente do que a gente chamaria de amigos em conversa de adolescente. (...) Quando a gente é estudante de Universidade, eu acho que as coisas vão mudando um pouco nos assuntos, na cumplicidade que existe, né, a cumplicidade pra determinados aspectos, né?*

Luís afirma que tem amigos no trabalho. Entretanto, explica que "a gente, às vezes, até sai, compartilha alguns momentos de lazer, esse tipo de coisa, mas os meus outros amigos, não. (...) Eles são mais "chegados": a gente tem mais convívio, (...) o dia-a-dia, o cotidiano: vive o que acontece no bairro da gente e se torna um pouco mais próximo". Tomás alega que, quando estava trabalhando, tinha apenas amizades restritas ou

> *“em termos”, né, porque os meus trabalhos geralmente eram (...) bolsa de professor particular; de professor do supletivo. Também tinha uma loja de vender frango: eu tinha uma certa liberdade, mas era mais, assim, patrão-empregado, né? Não que eu o considerasse um amigo, mas sempre tinha, assim, umas “liberdades”, né?*

Valdir afirmou categoricamente não ter amigos no seu ambiente de trabalho, mas unicamente colegas, pois os considera aéticos:

> *eu num tenho amigos. Eu tenho colegas. (...) O engenheiro, ele é muito anti-ético, sabe? Eu já observei: todas outras profissões, eles são - vamos dizer - companheiros, né? O engenheiro, não. Num sei porque o engenheiro, ele num tem muita ética profissional: precisa ter muito cuidado no relacionamento porque são muito falsos.*

Flávio não tem amigos em sua área de trabalho, tendo com eles apenas um relacionamento distante e formal: “amigos, (...) não, mas eu me ‘dou bem’ com todo mundo. São pessoas totalmente estranhas, num é? São pessoas que eu não tenho a mínima intimidade”. Ernesto também restringiu-se a meros colegas em seu ambiente de trabalho, afastando-se deles quando se aposentou. Mário se voltou principalmente às amizades femininas em seu campo de atuação profissional. Embora tenha feito muitos amigos no trabalho, Gilson não tem tido contato com a maioria deles depois da aposentadoria. Pedro tem dificuldade de fazer amigos e está num emprego recente, preferindo manter amizades do tempo de escola em outras áreas profissionais pelas quais se interessa, embora se relacione bem com alguns colegas em sua atual atividade profissional:

> *eu sempre tive pouco amigos. Hoje, tem o fato a acrescentar que eu estou há pouco tempo nesse ambiente de trabalho, mas têm pessoas que eu me relaciono bem, mas eu não classificaria como amigos - (...) que são pessoas que eu me “abro”, que eu conto meus problemas - mas (...) um relacionamento de colegas de trabalho, digamos. Eu sempre tive dificuldade de ter, é tanto que, quando eu era estudante de engenharia, as pessoas que eu tinha amizade eram (...) apenas duas pessoas, duas amizades. Então, na época mesma de estudante eu sempre tinha mais facilidade com pessoas fora da engenharia, principalmente da área de humanidades.*

José afirma que tem apenas colegas no ambiente profissional, mas distingue-os daqueles com quem convive fora do ambiente de trabalho. Evita confundir amizade com relações de trabalho, competindo e sentindo-se sempre desconfiado de seus colegas, que podem atacá-lo se não estiver com sua defesa alerta:

> *tenho, mas sempre com o “pé atrás” com eles porque você deve nunca estar absolutamente, integralmente exposto. Sun Tzu* (?)*, general chinês, diz o seguinte: “o segredo da vitória é a surpresa”. Então, se você está totalmente “aberto” para todo mundo - eu digo inclusive com amigos, no trabalho, fora, tal - então, você é uma pessoa vulnerável. Eu sei onde lhe atingir, e*

> *com facilidade e sem defesa, porque eu sei onde é seu "ponto fraco". Os amigos do trabalho são do trabalho. Fora do trabalho, eu não tenho contato nenhum com eles, (...) e, se você começa a "misturar as coisas", começa a ter problemas. Então, eu digo: "meus amigos particular são uns e meus amigos do trabalho são outros".*

César também tem apenas colegas de trabalho, pois considera que há muita competição e mesmo deslealdade em seu campo profissional:

> *tenho. Não são amigos. Eu acho que existe uma diferença muito grande entre o colega e o amigo porque o colega se trabalha: amigo, não. Os colegas que eu tenho (...) têm um outro comportamento. A diferença entre um e outro é que (...) eles trabalham à base de comissão: então, são mais "mercenários". (...) A diferença se dá, principalmente, pela rivalidade, a concorrência que existe: (...) é uma rivalidade mais acirrada. Existe um pouco mais de deslealdade: o objetivo é ganhar dinheiro.*

Marcos não tem amigos no seu ambiente de trabalho, mas vem tentando se aproximar de seu chefe, que também provém de seu mesmo Estado de origem, considerando que é difícil se relacionar mais intimamente no espaço profissional:

> *tenho colegas: amigos, não. Eu tenho uma pessoa que eu estou conquistando ou cativando uma amizade, né, que é o meu chefe. (...) Não posso chamar de uma amizade pura porque nós temos muito pouco contato pessoal e o fato de ele ser uma pessoa com a idade muito mais avançada do que eu: ele tem um ritmo de vida diferente do meu. Então, os nossos ritmos não se encontram, mas, enquanto estamos no trabalho, aí sim, a gente consegue ter uma "sintonia" muito tranqüila. Eu me "abro" com ele para muitas coisas, falo de algumas questões pessoais minhas, me aconselho com ele sobre algumas coisas. Sei que ele, também, do jeito dele, se aconselha comigo: busca informações comigo. Então, é uma amizade "gostosa" que eu tenho com o O., que tem seus 50 e poucos anos. (...) Eu tenho muito contato com o M., com o D., com o R. em casa, sentado, tomando uma cerveja, "batendo um papo" etc. e tal. E com ele, lá na empresa, já fica mais uma questão profissional. (...) Então, o que difere é que eu tenho muito mais tempo disponível, durante a semana, e pouco tempo com os amigos em casa, mas, em contrapartida, o pouco tempo que eu tenho com os meus amigos em casa, eu tenho que "sugar" o máximo possível desse tempo, conversando, enquanto que, na empresa, a gente tem que buscar algumas oportunidades ou ficar um pouco mais depois do almoço, ou depois do trabalho, ou na hora do almoço para poder achar um tempo ou criar um "clima" para poder falar alguma coisa pessoal, né?*

Rogério, embora tenha afirmado que é amigo íntimo unicamente de homens que compartilham de seu homoerotismo, mantém uma certa cumplicidade com os companheiros de trabalho por conta das vivências sindicais e partidárias comuns, mesmo estando aposentado:

> *tinha e tenho ainda alguns. Mesmo aposentado, a gente mantém contato, se vê, né, telefona, (...) tendo um pouco mais - digamos - de intimidade, né, pela própria convivência, né, os próprios interesses comuns: corremos riscos iguais, né, em assembléias e tudo mais, em greves, em piquetes, essa coisa toda. Tenho até mais amizade do que o pessoal do partido (...), por exemplo, que eu tenho alguns amigos lá, mas num tem a intensidade, a seriedade, o envolvimento dos amigos que eu tenho no banco - amigos e amigas também. (...) Mais tempo de*

> *convivência, né, interesses comuns diretamente ligados à sobrevivência - no caso, o emprego, de tarefas, né? Então, isso nos "amarrou" mais.*

Atualmente desempregado, Renato justifica suas poucas amizades no campo de trabalho devido às constantes mudanças de emprego. Apesar de manter contato com alguns ex-colegas, considera-os como colegas formais com quem priva de pouca intimidade:

> *eu não tenho amigo de local de trabalho. Eu tive no primeiro local de trabalho porque tinha todo um programa de "trainee": então, houve muita aproximação entre a gente, pra gente ser colocado. (...) Fizemos uma semana de - não sei como é que chama - alguma coisa do "tipo" socialização, aclimatação, alguma coisa assim, pra, depois, sermos colocados na fábrica. Então, ficamos muito próximo, tanto é que até eu ligo para o pessoal e a gente sai pra jantar, "tipo", mas, assim, não é aquela coisa do amigo. (...) Quer dizer: é uma coisa formal; não é aquele amigo de chegar no quarto, sentar na cama e ficar "ouvindo som", sabe?*

Trabalhando com os pais numa empresa familiar, Sílvio mantém um relacionamento formal de patrão com os diversos empregados de seu trabalho, pois não convive com eles fora do espaço profissional:

> *no meu ambiente de trabalho, não: amigo, amigo, não. É, assim, da área administrativa mesmo, só, mas a empresa mesmo tem algo em torno de 80 funcionários. Eu acho que, na verdade, é por isso: ninguém tem muito relacionamento extra-trabalho por a gente já passar o dia todo. Quando sai, não.*

Jorge mantém poucos amigos no seus vários campos de trabalho, voltando-se principalmente aos contatos políticos: "muito poucos: talvez dois em cada canto, ao nível de trabalho, porque (...) devido à minha atividade política lá dentro, é onde eu conheço mais gente. No meu ambiente de trabalho, (...) é onde eu discuto mais política". Lucas tende a se restringir às questões do trabalho em seu contato com os colegas, pois compartilham a mesma linguagem profissional, tendo maior dificuldade de ser íntimo e pessoal com eles do que com os demais amigos:

> *são mais no sentido que a gente tem uma linguagem comum em relação à classe médica e sempre é uma convivência; os assuntos, também, estarem relacionados à área que a gente trabalha. Eu tenho um grupo de amigos não-médicos: eu percebo, assim, até um nível de cultura, de conhecimentos. Eu acho que muda um pouco. Eu acho mais difícil, no trabalho, as questões pessoais.*

Guilherme não sente muita identificação, intimidade ou proximidade com seus companheiros de trabalho, considerando-os colegas ou "amigos sociais": "amigos não tão próximos. (...) É difícil porque ficam 'viciados'. (...) Eu diria que são mais 'amigos sociais': trabalhamos juntos, mas não temos tanta proximidade pessoal. Amigos mais

próximos estão fora desse ambiente imediato do trabalho, por identidade e aproximação". Edson, por sua vez, se restringe aos amigos que fez entre seus alunos, não sendo muito próximo dos colegas de trabalho: "tenho: não tanto como colegas de trabalho, né, mas - digamos - amizade com alunos. Quer dizer: vários alunos que eu tive, eu tenho encontrado até hoje"

Chamou-me a atenção o fato de que, apesar das alegadas preferências de meus entrevistados pelas amizades masculinas, a maioria deles mantenha-se distanciada ou mesmo desconfiada quanto a seus colegas de trabalho. Tal aparentemente estranho fenômeno social apenas evidencia o clima competitivo e de alerta mútuo em que muitos homens são *construídos* em nossa sociedade, freqüentemente temendo a "derrota" ou a traição na competição com seus congêneres, como algumas falas masculinas de meus entrevistados demonstraram. Sem dúvida, não posso deixar de articular tais relacionamentos pouco confiáveis à instalação, em muitos homens, dos preceitos, da ideologia e dos valores inerentes à sociedade capitalista em que vivemos. Entretanto, creio que a busca de sucesso financeiro e profissional não basta para explicar e para justificar a formação de um "clima" tão suspeitoso entre homens que trabalham juntos diariamente e por tanto tempo. Acredito, na verdade, que os indivíduos do *gênero* masculino ainda são *construídos social e culturalmente* para perceber, em seus congêneres, rivais, competidores ou mesmo inimigos, aprendendo que devem derrotá-los para conseguir o estatuto pessoal e coletivo de *machos* vencedores. Os resquícios do machismo patriarcal resistem fortemente nos ambientes de trabalho porque aos homens ainda lhes é ensinada a manutenção de uma ancestral desconfiança contra aqueles que, como assemelhados seus, adotam também a mesma postura competitiva e agressiva, que, eventualmente, pode chegar à ausência de ética ou mesmo à violência corrosiva dos relacionamentos humanos.

Ampliando tal questão às *relações sociais entre* os *gêneros*, investiguei como meus entrevistados lidam com a progressiva presença feminina em seu ambiente de trabalho ou mesmo quando são comandados por mulheres em suas atividades profissionais. É esta questão que trato em seguida.

. A guerra dos sexos chega ao trabalho?

Para Campolim & Lima (1998), “as relações entre os homens e as mulheres ficaram, de fato, mais transparentes em muitos aspectos com a entrada das mulheres no mercado de trabalho” (p. 51). Seguindo esta idéia, indaguei a meus sujeitos de pesquisa se já foram ou são chefiados por uma mulher em seu ambiente de trabalho (pergunta 84) e como encaram este fato ou esta possibilidade (pergunta 85), constituindo ambas a minha 30ª tipologia analítica. Assim, João contou-me que é e prefere ser chefiado por mulheres em sua vida, o que tem ocorrido com freqüência em seu trabalho:

> *as mulheres me comandam. A minha mulher me comanda. (...) Ah, você diz no trabalho? Quase sempre fui comandado por mulheres no trabalho. Rapaz, tem sido muito proveitoso, num sabe? Inclusive, eu sempre me dei bem: eu acho até mulher melhor pra administrar do que o homem. Eu tenho me dado melhor com as mulheres administrando do que com os homens administrando.*

Haroldo já teve mulheres como chefes em dois empregos e parece lidar tranqüilamente com tal fato: “*(risos)*, eu num me sinto comandado por ela, não, mas me sinto assim participando. (...) Já fui: lá no outro emprego, eu era comandado por uma mulher. (...) Como natural”. Luís, embora nunca tenha tido mulheres na direção de suas atividades profissionais, acha interessante esta possibilidade, considerando que a mulher é mais flexível quando é chefe no trabalho:

> *meus chefes sempre foram homens. Quer dizer: na empresa onde eu trabalhava, eram 4 sócios, né, mas 2 sócias eram mulheres. Como sócias e diretoras, elas exerciam mais é uma função, assim, de até mesmo colega de trabalho do que até mesmo diretora: eram muito “abertas” ao diálogo, conversavam sem aquele negócio “ser diretor” e “vou ser profissional”; mantinham um relacionamento, assim, mais amistoso, de amigo para amiga do que até mesmo profissional. Mesmo sendo uma área profissional, elas, assim, nunca se dirigiram como diretora, né? (...) Acho normal. Seria até interessante: acho que, muitas vezes, a mulher, ela é mais flexível.*

Tomás nunca foi comandado por uma mulher no trabalho e, apesar de considerar isto um fato normal, admite que se sentiria inferiorizado e humilhado nesta situação:

> *eu nunca tive chefia com mulher, não, mas, definitivamente, eu acho uma coisa normal uma mulher comandar um homem, mas eu, talvez, não aceitaria por mim. Eu iria ao trabalho com um certo sentimento de inferioridade, né? Achar que uma mulher sabe mais do que você, que uma mulher tá lhe comandando, pra mim, seria algo até humilhante, né?*

Valdir também nunca teve mulheres como chefes em seu trabalho, mas condiciona a aceitação do comando de uma mulher à sua competência: “nunca fui comandado por mulher. (...) É normal. Se ela for incompetente, num dá, né? Tendo competência, eu num tenho nada contra”. Flávio nunca esteve sob o comando de uma mulher no trabalho, mas reconhece que gostaria disto, pois trataria de se aproximar e de conquistá-la para obter maior acesso às instâncias de *poder*: “por mulher, não. Eu até gostaria, que eu iria conquistar a mulher *(riso)* - (...) que eu sei conquistar uma mulher - pra poder ter um certo comando, entendeu?” Ernesto afirma que nunca foi chefiado por uma mulher em seu trabalho. Entretanto, comenta que costumava delegar tarefas a elas. Quando eventualmente percebia a possibilidade de surgir algum problema, evitava-os se distanciando, pois considera que a chefia requer experiência, embora pense que as mulheres tendam a ser mais afetivas do que os homens no comando do trabalho:

> *até o momento, nenhuma: no trabalho, não. (...) Era normal: só delegava. Às vezes, dá situações difíceis: exige experiência. (...) O problema com as mulheres: eu via problema e queria fugir de antemão.* (Pausa) *Eu acho isso mesmo: com uma mulher, a coisa torna-se, às vezes, mais distante, embora tenha mulher que é aquela coisa de maneira, assim, mais afetiva.*

Mário já teve experiências negativas com uma mulher como chefe e trabalha atualmente apenas com colegas do *gênero* feminino, mas encara tal fato com tranqüilidade, pois acredita que as relações sejam menos tensas com elas. Entretanto, acredita que precisa se defender, escamoteando certos detalhes para obter algumas vantagens no ambiente de trabalho:

> *fui comandado por uma psicóloga, muito antipática, por sinal. (...) Eu encaro como natural, não é? (...) Eu trabalho num lugar que só tem mulher e me dou muito bem, com toda a razão. Eu nunca senti essa diferença, não, se bem que, quando eu tinha uma como chefe, não tinha essas perguntas. É: agora, que eu tô podendo, eu me sinto mais à vontade de ter uma chefe mulher do que um chefe homem. É menos tensa, a relação. Eu, agora, tô tratando, no meu serviço, com uma chefe, né, (...) e eu digo: “não, eu nunca falei isso, não”. É como uma estratégia que a gente usa de nunca falar a verdade pra ter vantagem.*

Gilson admite que sempre foi comandado pelas mulheres em sua vida, embora no trabalho nunca tenha tido uma chefe a quem estivesse diretamente subordinado. Conta que teve problemas com uma colega muito impositiva, a quem reagiu negativamente. Posteriormente, tal colega chegou a um posto superior ao seu, mas ele não esteve sob

o comando dela, conseguindo se aproximar e acatar suas decisões, pois pôde perceber sua mudança de atitude:

> *fui comandado por mamãe. Fui comandado por umas duas namoradas. Acho que sou comandado pela mulher, em casa: ela diz que sou eu que comando, mas eu acho que é ela. No trabalho, eu não estive diretamente sob o comando de uma mulher: indiretamente, sim, mas não estava, no dia-a-dia, me acompanhando. Eu tenho uma colega minha que trabalhou comigo durante um período, mas era mais tensa, possessiva. Era um pouco mais abaixo de mim e ela tentou, algumas vezes, impor alguma coisa, algum ponto de vista dela, e eu fui muito agressivo: muito difícil com ela, nesse período. Depois, ela passou a ser chefe (...) e era uma função acima, mas eu não estava diretamente vinculado a ela, mas eu sempre olhava, assim, com uma certa desconfiança, mas, até, com o tempo, eu fui reconhecendo que ela mudou muito e cresceu demais. (...) Eu mesmo percebia o crescimento dela, no ponto de atender a todo mundo, de dar atenção ao ponto de vista de todo mundo, a ouvir, de ter idéias brilhantes. Então, foi uma coisa em que eu resolvi chegar à conclusão por mim mesmo e acatar muita coisa. Sabe que, quando ela passou para uma outra função, eu comecei a me aproximar dela?*

Pedro nunca passou pela experiência de ser comandado por uma mulher em seu trabalho, mas acredita que tudo depende da postura da chefia, quer seja exercida por um homem ou por uma mulher:

> *nunca tive essa experiência. (...) Eu vejo isso de uma forma sem nenhum problema. Quer dizer: uma coisa que, para mim, faz muito mal é a coisa de arrogância. Então, a pessoa não sendo arrogante, eu não tenho nenhuma dificuldade de relacionamento, independente de ser homem ou mulher.*

José teve apenas uma mulher como chefe no início de sua carreira e acredita que não teve problemas com ela: “no início do meu trabalho, quando eu trabalhava no almoxarifado, a chefe de lá era uma mulher: sem problema”. César nunca teve uma mulher comandando suas atividades de trabalho, mas não percebe qualquer diferença entre homens ou mulheres como chefes, desde que sejam capazes e competentes:

> *nunca tive como chefe uma mulher, não. (...) Eu não vejo dificuldade, não. Eu penso que, se ela realmente tiver competência para a função, eu acho que, em termos de profissão, tanto o homem como a mulher são equivalentes: tanto o jeito do homem quanto o jeito da mulher, eu vejo como o mesmo potencial. Então, se ela está como chefe, é porque ela é uma pessoa capaz.*

Marcos já foi comandado por uma mulher sensível e destaca a maior capacidade feminina de aceitar argumentos objetivos e justos, enquanto que, com os chefes do *gênero* masculino, é preciso cuidado e capacidade de persuasão para não ferir-lhes o orgulho, pois os homens gostam de comandar e de impor:

> *já fui comandado por uma mulher, com a maior naturalidade possível, Georges, porque, na época, minha gerente geral (...) era muito sensível. (...) É diferente de você porque o homem tem aquele negócio de mandar e de ter a sua imposição, né: “o objetivo é esse: façam isso”. E você, para poder convencer um homem do contrário, você tem que ser muito técnico e tem que ter*

> *muita persuasão, saber a "entrada" e tudo mais, para poder não "ferir" o orgulho daquele "cara" que tomou aquela decisão. Tem que ser muito mais "trabalhado" para poder mudar a direção que foi dada por um homem, né, por um chefe: já com a mulher, não, se você mostrar para ela, como eu fazia. (...) Quer dizer: eu mostro tecnicamente como fazer a ela. "Ah, está certo! Então, está". É muito mais prático, né? É muito mais fácil de se convencer de uma coisa do que um homem ou de mudar de opinião do que o homem.*

Rogério já teve várias chefes mulheres em seu trabalho, algumas tão autoritárias quanto os chefes homens, mas acredita que as *relações sociais de gênero* não interferiram em suas atividades profissionais, pois se relacionava bem com todos e conseguia cumprir seus deveres:

> *já: várias. (...) Muito bem: muitas são minhas amigas hoje. Têm 3 ou 4, e apenas uma que era um tanto ou quanto autoritária, coitada, mas apenas uma - tantos problemas conjugais etc. e tal: a gente entendeu isso; começamos a descobrir; ela chorou uma vez. (...) Não houve diferenças, não, Georges, (...) já que tudo é, lá, muito bem, assim, estruturado, né, sem existir rótulos: existem regras, existem regulamentos, e, de certa forma, sexo também influenciou, não. (...) Tinha mulher autoritária e tinha homem autoritário também. Tinham aqueles que achavam-se donos de você, (...) mas eu sempre me dei muito bem: cumpria o meu dever etc., mas nunca num fiz distinção, não, né?*

Renato reconhece que foi comandado por uma namorada. No trabalho, não teve esta experiência, mas a aceitaria bem, embora acredite que muitos homens não a admitiriam:

> *só uma vez, que foi um namoro. (...) Ah, no trabalho! (...) Nunca fui, mas não me sentiria mal. Aliás, até participei de uma seleção que, ela mesmo, me falou: "eu vou ser sua superior. Pra você, tem algum problema?" (...) Ela comentou que o pessoal, às vezes, não se sentia muito bem e tal, mas sem nenhum problema.*

Trabalhando com os pais em sua empresa familiar, Sílvio lida tranqüilamente com o fato de ser comandado pela mãe, apesar de surgirem discordâncias eventuais: "eu acho que é normal: aqui e acolá, a gente tem algumas divergências, mas que pode se resolver. Mas o fato dela ser a pessoa que, junto com meu pai, decide, eu acho que não influencia, não". Jorge sempre teve chefes do *gênero* feminino no seu trabalho no serviço público e lida muito bem com tal situação: "eu não me lembro de nenhum chefe homem: (...) todas são mulheres. Eu não vejo diferença, não: não vejo nenhum problema, não". Lucas percebe-se com maior facilidade de trabalhar com homens, pois acredita que as mulheres tendam a ser mais competitivas, menos confiáveis e mais maledicentes em sua área de trabalho:

> *pra me comandar, eu acho que nem com um homem nem com mulher, né? (...) Já fui comandado em termos profissionais, né, mas não tem problema nenhum. Inclusive, anteriormente, nós*

> *éramos 4 - 3 mulheres e um homem: 2 delas comandavam a gente - elas foram as diretoras da clinica e não teve problema nenhum. Em relação ao trabalho, eu percebo que eu tenho mais facilidade de trabalhar com homem do que com mulher: não que eu não a sinta competente, pessoas capazes, não. Porque eu acho que, pelo menos na minha experiência, existe um ambiente de competição entre elas, que, talvez, até haja entre os homens, mas eu não sei: têm outras histórias. Entre elas, mulheres, eu acho que elas não são muito amigas. Por exemplo: agora, entrou um homem; saiu essa mulher e entrou um homem. Eu estou sentindo a relação do trabalho mais equilibrada porque não existe a fofoquinha, coisa que eu acho que é mais comum você ver que, realmente, tem mais em grupo de mulher e menos no grupo de homens.*

Guilherme nunca foi diretamente chefiado por uma mulher no seu trabalho, pois acredita que tem uma certa autonomia em sua profissão. Em suas atividades políticas, também nunca teve problemas com a direção exercida por uma mulher:

> *diretamente, não. (...) Pelo fato de ser professor, (...) sendo homem ou sendo mulher, num se sente diretamente a chefia como um chefe no sentido tradicional: o professor tem uma certa autonomia, um maior poder diante da chefia. (...) Eu diria que normalmente. (...) Partidariamente - não é do trabalho, mas é um outro tipo de experiência - eu já vivi e trabalhei, muito tempo, no Comitê Regional do Partido, dirigido por uma mulher, durante um bom tempo, e, assim, não foi um problema pra mim.*

Edson já foi comandado por uma mulher em seu trabalho, não tendo dificuldade alguma com a chefia feminina nem percebendo diferenças de competência entre mulheres e homens: “por uma diretora de escola. (...) Também com muita naturalidade, assim vejo: a mesma competência que o homem pode ter. A mulher pode ter a mesma competência que eu já vi em homens e mulheres. Então, pra mim, não tem diferença em ser homem ou ser mulher”.

Contrastando com as difíceis e competitivas relações com seus congêneres no trabalho, a maioria de meus entrevistados afirma aceitar bem o comando feminino em suas atividades profissionais, o que pode soar estranho na medida em que a confiança nas mulheres como amigas parece ainda ser um ponto melindroso nas *relações sociais de gênero*. Entretanto, tal contradição apenas reforça a impressão de que a relação com o trabalho profissional significa, para a maioria dos homens, uma busca de realização pessoal e social, mas, ao mesmo tempo, também um penoso “peso” sócio-cultural a cumprir. Entretanto, destaco o fenômeno social da crescente abertura masculina à inserção das mulheres no mercado de trabalho e à sua ascensão às instâncias de *poder*, apesar das inegáveis resistências que ainda persistem. Alguns de meus sujeitos de pesquisa admitem – e aceitam bem – serem comandados pelas mulheres em suas próprias vidas pessoais, inclusive no ambiente de trabalho. A maioria

deles manifesta boa acolhida ao fato de mulheres chefiarem suas atividades profissionais, reconhecendo a capacidade feminina de liderar seus grupos de trabalho, alguns destacando a forma mais suave e afetiva das mulheres exercerem o *poder* de comando no trabalho. Neste sentido, as maiores resistências parecem se voltar não às tensões e aos conflitos das *relações sociais de gênero*, mas às posturas e às atitudes autoritárias, à falta de diálogo e às imposições por parte da chefia, quer seja exercida por homens ou por mulheres. Devido à manutenção ainda insidiosa do *poder* patriarcal nas relações de trabalho – pelos homens, mas, em alguns casos, também pelas mulheres - tendem a persistir relacionamentos escamoteadores e pouco confiáveis *entre* os homens e *com* as mulheres no espaço profissional, o que impede ou dificulta o surgimento e o eventual desenvolvimento de relações significativas de amizade, de intimidade e de afeto neste âmbito. No caso dos homens, tais tensões - associadas ao valor sócio-cultural que o trabalho parece representar na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* – estas atitudes desconfiadas, hostis ou mesmo violentas se estendem para além do universo profissional, interferindo ou impedindo que muitos homens se permitam usufruir de seus momentos de lazer, o último tema a ser discutido nesta tese.

3. *O Descanso do Guerreiro*

Apesar de ser considerado por muitos uma questão sócio-cultural menor ou secundária, alguns cientistas sociais têm voltado sua atenção para as formas de lazer, particularmente nas sociedades mais ricas e desenvolvidas da contemporaneidade, na medida em que as necessidades mais básicas dos cidadãos vão sendo crescentemente satisfeitas. Embora em nosso meio estas necessidades ainda estejam longe de serem devidamente atendidas, o acesso ao lazer no cotidiano das pessoas não deixa de ser

um requisito básico para o bem-estar daqueles que trabalham. Acontece que muitos homens, envolvidos pela ideologia do trabalho como pré-requisito de reconhecimento tanto sócio-cultural quanto de *gênero*, freqüentemente se privam do lazer como um importante recurso vital na medida em que se sentem vagabundos ou irresponsáveis quando não estão trabalhando. Alguns homens ainda se vêem limitados a unicamente usufruir de atividades de lazer socialmente consideradas como diversão *de homem*, aquelas que geralmente acontecem em espaços reservados especialmente aos indivíduos do *gênero* masculino, os já referidos grupos viris. Estas questões foram objeto da 12ª tipologia nativa desta tese.

. *Trabalho* versus *lazer*

A dicotomia ou mesmo a cisão entre as atividades de lazer e de trabalho pode ser intensamente marcante para muitos homens, particularmente nos tempos atuais. É possível que apenas alguns homens consigam inserir prazer em suas atividades profissionais e que poucos alcancem uma integração razoavelmente harmoniosa dessas práticas sociais em suas vidas. Foi tendo esta questão em mente que desenvolvi a 31ª tipologia analítica de minha pesquisa, indagando a meus entrevistados qual o espaço que o lazer ocupa em seu cotidiano (pergunta 87). Assim, João argumentou que o lazer representa um espaço significativamente importante em sua vida, mas ainda o considera limitado e insuficiente:

> *ocupa, ocupa: basta dizer que, sábado à tarde, eu tava jogando bola aqui. Domingo à tarde, tava no estádio. Pra mim, isso é lazer, mas eu acho que não é suficiente ainda. Na 5ª feira, tava assistindo o "Titanic" com minha mulher e minha menina e o namorado dela: isso é lazer, mas eu acho que ainda não é o suficiente. Eu acho que eu nunca pratiquei o lazer suficiente pra minha sensibilidade e pra minha necessidade.*

Haroldo compartilha da mesma impressão sobre seus momentos de lazer: “ele ocupa um espaço, assim, bom, né, mas eu ainda acho insuficiente”. Luís argumenta que seus momentos de lazer se concentram principalmente nos finais de semana: “acho que, nos finais de semana, ele ocupa um espaço bem significativo: acho que uns 40 ou 50% do meu tempo. Agora, no período da semana, de 2ª a 6ª, um espaço, assim, pouco, né?”

Por sua vez, Tomás, que está sem atividade fixa de trabalho no momento, explicita o conflito masculino que vivencia quando se permite ter seus momentos de lazer, destacando que suas limitações financeiras levam-no a dedicar-se a atividades individuais ou a se privar de freqüentar eventos públicos, nos quais se sentiria inferiorizado ou constrangido:

> *o lazer meu sempre fica, a maioria das vezes, coagido por esse meu pensamento, essa cobrança interna minha: "ah, eu tô aqui me divertindo! Eu devia tá é estudando". Fica essa cobrança, né, talvez por isso: por eu, atualmente, tá desempregado, sem fazer nada. Se eu tô fazendo alguma coisa, se eu tô brincando, fazendo alguma coisa, eu fico sempre naquela preocupação: "eu num devia tá fazendo isso. Eu num devia tá brincando, num-sei-que, né?" (...) Eu num me entroso, né, com grupo, mas eu gosto de futebol: adoro jogar; adoro ler revistas; estádio, eu só num vou com freqüência por causa do dinheiro. Às vezes, eu confesso que, se eu tivesse um dinheiro, (...) eu iria ao estágio sempre, sempre. Eu gosto de futebol: adoro futebol. Música, eu não tenho preferência por nenhuma: adoro todos os estilos. Acho o teatro uma maravilha, né, mas, pela questão financeira, num dá muito; cinema também, né? Eu diria que, no lazer, eu sou restrito muito ao financeiro, né, que os meus lazeres são muitos, assim, (...) lazeres do individual. Talvez falte-me intimidade porque minha dificuldade só é de timidez, né? Por exemplo: festa, eu num vou muito porque eu me sinto tímido. Eu me sinto constrangido num ambiente que eu num conheço ninguém, (...) ir pra esses "shows", nessas casas, os "Três Amores", é tanto que eu tô com 25 anos - minha irmã vai quase todo mês, toda semana, a esses "shows" - e eu nunca fui a nenhuma dessas casas. (...) Tenho vontade, mas eu me sinto constrangido: eu vejo todo mundo ali, pulando - "e eu com isso?" - por eu me sentir inferior fisicamente, eu me sentiria inferiorizado lá.*

Valdir também condiciona a possibilidade pessoal de usufruir do lazer às suas condições financeiras: "primeiramente, eu só posso ter um lazer se eu tiver condição financeira: eu, primeiro, tenho que ganhar pra poder ter um lazer, mas, havendo oportunidade, eu viajo, vou a uma praia". Flávio tem se limitado às atividades solitárias de lazer ou aos contatos com a menina que pretende adotar:

> *hoje em dia, eu num tenho mais, num é? Tem uma música que diz: "nada me dá prazer". Nada, nada, nada, nada: só não bebida - bebida me dá. (...) O que me dá prazer, hoje, é essa menina. (...) É, por exemplo: deixar meu carro em casa, pegar um ônibus, ir pra Barra do Ceará, do lado de lá, e andar feito um "égua", fumando maconha e bebendo nos botecos, só de calção de banho. Então, prazer, pra mim, é isso. Agora, tô começando a pensar em viagens de novo, entende, mas de uma maneira só: pegar um carro, aqui, e ir sozinho, ou talvez procurar um prazer nisso.*

Mesmo aposentado, Ernesto pouco se dedica ao lazer, e, quando o faz, geralmente é solitário, "procurando ler de tudo. Gosto de música muito: no momento, mais leitura. (...) Pouco: assim, eu ia mais à praia, pra ver o mar". Mário prefere sair à noite e nos fins de semana, ir a bares e boates para beber cerveja, passear com seu cachorro ou mesmo assistir televisão:

> *ah, simples: ocupa os finais de semana, sábado e domingo. (...) Algumas noites, também, não é? Às vezes, eu vou ao cinema. Eu quero assistir televisão. Às vezes, eu levo o cachorro pra passear na calçada. Às vezes, eu vou à praia. (...) Vou a uma boate à noite, a um bar, tomar cerveja.*

Apenas agora, quando se aposentou, Gilson vem conseguindo se dedicar um pouco mais às atividades de lazer de que realmente gosta:

> *não ocupava nada no meu cotidiano, e, atualmente, está ocupando mais do que antes. É aquela história: (...) eu não conseguia fazer o meu calendário, a minha agenda; que a minha agenda já era, automaticamente, feita (...) em função do trabalho. (...) Hoje, eu tô conseguindo fazer por mim mesmo. Então, hoje, eu tenho mais condições, assim, de ver um filme que eu programo que eu quero ver: "eu quero ler esse livro tal". Eu acho que isso daí é uma coisa boa: eu tô, também, vivenciando conseguir fazer essa minha agenda pra poder ter trabalho, ter casa, ter lazer, ter coisas que eu goste. Então, hoje, eu acho que estou conseguindo paz: fazer mais isso.*

Pedro tenta reservar especialmente os fins de semana para sair da rotina através de atividades de lazer: "eu procuro, principalmente nos finais de semana. Quer dizer: a coisa, para mim, é principalmente o contato, a coisa de sair da rotina, a coisa de ir para o mar, de ter esse contato com o mar, que, para mim, é uma coisa que me faz muito bem". José expõe claramente a típica e recorrente dicotomia masculina entre trabalho e lazer:

> *na hora do lazer, não falo em trabalho. (...) Fechei o escritório, "morreu": eu não penso mais no meu trabalho. Aí, eu saio: acontece tal, tal, tal, tal. Aí, no outro dia de manhã, quando eu acordo... É tanto que se diz - tanto os meus funcionários como os meus amigos - que eu incorporo o José: fora do escritório, é outro porque, fora do trabalho, eu sou brincalhão, extrovertido, gozador, tudo nesse campo de lazer. E lá no trabalho, não tem nada disso: é seriedade, trabalho, e cada um "na sua", cuidando no seu departamento.*

César restringe seu lazer em prol de seu objetivo principal – enriquecer e obter sucesso profissional - apenas se permitindo eventuais momentos de diversão através do próprio trabalho ou saindo com os amigos quando se farta de se concentrar unicamente em seus projetos pessoais:

> *eu não sei nem bem me definir nessa situação porque, às vezes, a vontade de me "dar bem na vida" é tão grande... (...) Eu faço projetos: às vezes, eu me divirto trabalhando. (...) Então, eu crio aeromodelismo, invento. (...) Então, isso dá uma trabalheira muito grande. Então, isso é uma maneira de eu exercitar minha inteligência, e eu me divirto com isso aí: é tanto que eu criei um projeto de uma bicicleta, que é o meu sonho. Quero colocar esse sonho em prática. Então, isso foi uma coisa que eu criei, num horário de lazer, e foi um divertimento. Então, o meu lazer é mínimo. Quando eu estou de "saco cheio" mesmo, ele se resume numa praia ou numa cerveja com os amigos. Eu não tenho outro lazer, não.*

Marcos admitiu que o espaço para o lazer é mínimo em seu cotidiano: “nossa! O lazer ocupa aí uns 10% do meu tempo”. Mesmo aposentado, Rogério reconhece que o lazer não está entre suas prioridades e seus principais interesses:

> *o lazer, pra mim, sempre foi uma coisa muito, assim - digamos - secundária. (...) Eu nunca priorizei muito o lazer, não; mesmo hoje - principalmente hoje, que nem sequer praia eu num vou mais, hoje. (...) Ia à praia, né? Ainda ia ao futebol no próprio estádio. Hoje em dia, pelas minhas atividades, eu num tenho mais tempo, não, e nem interesse: se eu tivesse, eu teria tempo. (...) Tô até precisando fazer caminhada e num comecei a fazer ainda. Hoje em dia, cinema, basicamente, e, quando eu encontro os meus parceiros - nos dias que eu encontro-os - é prum barzinho qualquer, normalmente somente nós dois porque os meus amigos não são de sair, não estão mais aqui no Ceará. (...) Então, hoje em dia, o meu lazer praticamente é cinema e, ainda mais, é vídeo, que até mesmo pra se deslocar pro cinema eu acho que num tenho muito “saco”; num tenho muito tempo também. Aí, eu sempre tenho uma coisa pra preparar: palestras, cursos, reuniões, né?*

Renato vem tentando transformar seu lazer em atividade de trabalho lucrativo:

> *outra coisa, pra mim, que é lazer e que eu quero transformar em trabalho é: eu estou querendo escrever “curtas”. Daí, pra isso, eu tenho assistido cinema e tenho alugado filmes regularmente, e prestar atenção em filmes e tudo. Isso tem sido o meu lazer: assistindo várias vezes o evento, pegando roteiro, fazendo anotações.*

Sílvio dedica seus fins de semana e algumas noites eventuais ao lazer: “final de semana totalmente livre, e, agora, assim, à noite também, às vezes eu saio: jogar boliche; ir pra barzinhos; cinema; raramente, praia”. Jorge tem se esforçado – sem muito sucesso – para conseguir um final de semana mensal para estar com a família:

> *uma vez por mês, eu tento tirar um final de semana pra passar com minhas filhas e com minha mulher, numa praia ou em qualquer canto, só que, desde fevereiro, (...) eu não consigo, assim, juntar todo mundo, mas, por enquanto, não tenho mais do que um final de semana completo por mês, não.*

Lucas também reserva apenas seus fins de semana ao lazer: “o meu lazer é nos finais de semana: vou pra praia - eu tenho uma casa de praia - pra gente fazer umas festas; vou pra barzinho; faço festa em casa”. Guilherme tem se esforçado para ampliar suas opções de lazer, pois vinha se dedicando apenas aos compromissos com o estudo e o trabalho:

> *tenho procurado abrir mais espaço, mas (...) ele ocupou espaço pequeno. Levou um período, assim, mais de compromisso, né, do que de lazer, né? Então, o que eu tô buscando é ampliar os espaços de lazer: esporte - correr ou fazer ginástica é muito agradável pra mim - filme ou ouvir música. Penso também em fazer outras coisas, como aprender a tocar ou alguma coisa assim, mas não tomei a iniciativa ainda.*

Ao contrário da maioria dos homens, Edson associa seu trabalho ao prazer:

> *é difícil até separar uma coisa da outra, né, porque o meu lazer, normalmente, inclui um processo mental ou intelectual: acaba sendo revertido. Quer dizer: ver televisão, pra mim, é tanto diversão quanto é trabalho porque uma coisa que eu estou vendo, estou aprendendo, estou lendo com cautela - de cinema, também - tanto é diversão quanto é trabalho, conhecimento, diversão. Completamente dissociado de qualquer tipo de trabalho é uma coisa que tenho pouco tempo na minha vida: de sair só pra passear na beira da praia, pra ver o mar, coisas assim, são poucos momentos. É, existe uma associação muito grande do prazer com o trabalho: eu sinto prazer trabalhando.*

Assim, pautando-me nos depoimentos de meus entrevistados, posso destacar que as experiências de lazer masculino, apesar de sua razoável variabilidade, apresentam alguns aspectos sócio-culturais bastante freqüentes:

- alguns homens eventualmente não conseguem se divertir adequadamente, pois sentem-se culpados por se afastar do trabalho ao qual acreditam que deveriam se dedicar, percebendo que estão “não fazendo nada” e sentindo-se vagabundos ou irresponsáveis;
- a grande maioria dos homens apenas se permite entregar-se aos prazeres do lazer nos finais de semana, pois os demais dias devem ser dedicados ao trabalho, considerado socialmente necessário e obrigatório, especialmente para os indivíduos do *gênero* masculino;
- boa parte das atividades de lazer dos homens depende de suas condições financeiras e de que sintam que a manutenção do lar e da família esteja garantida;
- apenas poucos homens conseguem associar ou integrar trabalho e prazer;
- os espaços viris parecem apontar para o visível fenômeno sócio-cultural de que alguns homens costumam apenas se divertir entre seus congêneres, questão que discuto no próximo e último item desta tese.

. *Diversão entre homens?*

Destaquei anteriormente que os grupos viris constituem espaços privilegiados das vivências masculinas. Neste sentido, alguns homens tendem a se divertir apenas quando reunidos com seus congêneres nesse tipo de grupo, ou primordialmente através de atividades de lazer que seriam consideradas pela sociedade e pela cultura como devidamente masculinas. Portanto, perguntei a meus entrevistados se atribuem

características predominantemente masculinas às suas opções de diversão, ou seja, se consideram-nas práticas “de homem” (pergunta 88), o que constituiu a 32ª e última tipologia analítica a ser discutida nesta tese. Assim, João confirmou-me que a maior parte de seu lazer ocorre através de atividades viris. Haroldo, por sua vez, costuma se divertir com a família ou com os colegas de trabalho. Para Luís, seu lazer

> *é mais com homem. Quando a gente num tá jogando futebol de salão ou “society” com os amigos - eu tenho um amigo que tem uma academia - eu treino com os amigos dele lá. Treino judô e é sempre contato porque judô é algo assim: tem contato corporal. É uma coisa, assim, de força, e são poucas as mulheres que praticam este tipo de esporte.*

Valdir também admitiu que se diverte apenas com outros homens, enquanto Flávio vem tentando se divertir solitariamente. Quando trabalhava, Ernesto costumava sair para beber e para falar de si mesmos com seus colegas de trabalho, sentindo-se bem assim, mas, ao se aposentar, tem se limitado à diversão com seus familiares: “quando eu trabalhava, eu saía com eles: algumas noites de ‘porre’, (...) outras de dia, falando dos outros”. Em tom de brincadeira, Mário evidencia e denuncia ironicamente a contradição da estereotipia machista e homofóbica dos grupos viris por meio de sua adesão ao lazer nos espaços e eventos “gays”, considerados pela maioria dos homens como pouco ou nada masculinos:

> *só não cuidar de cachorro com uma fitinha no cabelo* (riso)*, não é? (...) Essas boates, à noite, também, né, são consideradas masculinas - consideradas, a grosso modo, “de ‘bicha’”. Eu vejo como masculino, mas sei que as “bichas” levam muitas críticas e não são consideradas masculinas. Se isso é a verdade externa, socialmente aceita, que eu também já sei, não é masculinidade.*

Mesmo aposentado, em seu novo trabalho, Gilson vem se esforçando para se divertir conforme sua vontade e fora dos padrões socialmente estabelecidos como adequados aos homens, mas ainda se submete eventualmente às pressões do trabalho, particularmente quando advindas de outros homens. Aponta o consumo de bebidas alcoólicas como uma das práticas sociais que são costumeiramente inseridas e reforçadas nos grupos viris:

> *o meu lazer é muito filme, leitura, cinema: eu gosto e é outro espaço, né? (...) E agora, durante o carnaval, (...) eu tirei uns 20 dias, assim, de folga mesmo, que eu nunca mais eu tinha tido. Até quando eu me aposentei, usei os dias de férias, fazendo curso de espanhol, fazendo não-sei-quê. Aí, tirei 20 dias de folga só pra mim mesmo e fui para A., com minha mulher e o mais novo, sem preocupações, sem horário, sem nada, apesar de que, um dia, o pessoal da prefeitura conseguiu me “puxar” e eu passei um dia com eles. (...) Aí, eu voltei: fiquei 2ª, 3ª, e voltei na 4ª à*

> *tarde, mas o restante - quer dizer: foram 4 dias dos 20 e tantos que eu fiquei "preso" a trabalho - o resto, foi só encontrando quem queria, conversando com quem queria, saindo na hora que queria, fazendo o que queria e com pessoas que eu queria estar. Então, foi bom: foi um negócio ótimo, o período de carnaval, mas só sair à rua, sem programação, encontrar pessoas, "bater papo", cantar na rua, dançar na rua. E outra coisa: sem beber. Engraçado que, antes, eu bebia, e hoje, eu não estou bebendo.*

Pedro, por sua vez, não considera seu lazer eminentemente masculino, pois se diverte através de atividades socialmente pertinentes a homens e a mulheres: "as coisas que eu gosto é de ir a praia, de ir ao cinema, e são coisas que é comum aos dois sexos, homens e mulheres. Coisas mais clássicas - por exemplo, como jogar futebol - eu não jogo futebol". Contraditoriamente, José alega que não se diverte através do lazer tipicamente masculino, pois freqüenta espaços viris sempre acompanhado por sua mulher, mas para evitar que outros homens a assediem:

> *pra todo canto que eu vou, eu levo a minha mulher. Por exemplo: eu vou prum bar, eu levo a mulher. Eu vou pra festa, eu vou com a minha mulher. E, às vezes, eu vou prum bar "safado", (...) mas levo a minha mulher: não tem nenhum "filho duma égua" que "mexa" com ela, que ela tá comigo. Ninguém vai desrespeitá-la. Então, eu não tenho esse lazer masculino. Por exemplo: têm uns camaradas que vão para estádio. Aquilo é negócio de doido, de "abestado": botar minha bunda quente num cimento quente pra ver uns "abestados" jogarem bola? Futebol não é comigo, que é onde dá muito homem. Tem um pessoal que gosta de jogar pôquer: vou, nada! Ficar jogando isso, conversando besteira? Tenho minha mulher! Então, eu não tenho lazer só de homem.*

César questiona se suas práticas de lazer seriam eminentemente masculinas, pois as mulheres também vêm aderindo a elas: "as minhas atividades de lazer não são masculinas: ir à praia, "bater uma bolinha". Isso não é mais só de homens: agora, têm mulheres jogando bola". Além gostar de escutar música sozinho, Marcos costuma se divertir com os amigos e suas mulheres, não considerando suas atividades de lazer essencialmente masculinas:

> *leio pouco e gosto muito de passear, de viajar: isso, eu adoro e não tive condições de fazer. Então, não são masculinas, não: mesmo quando a gente brinca, às vezes, de jogar cartas, têm sempre as mulheres e os nossos amigos, com a minha mulher também próximo, né? A única atividade que eu exerço, ainda que sozinho, para mim mesmo, é a música. A música é uma coisa que é minha, certo? Isso daí, a minha mulher não interfere, meus amigos não interferem, ninguém interfere. A música, eu ouço; compro o disco que eu quero; escuto na altura que eu quero: então, é minha. Essa é uma parte muito minha, né, a música. É muito meu, muito íntimo. É a única coisa, mas nada relacionado, assim, a atividade masculina. Jogar bola - porque é só homem - eu não jogo bola. Fazer uma atividade sem mulheres, eu não faço isso.*

Rogério, que não costuma freqüentar os meios "gays", não considera seu lazer tipicamente masculino, pois convive com homens e mulheres: "seria, no caso, misto,

‘unissex’, né? Cinema? Tanto faz. Barzinho? Tem mulher que também vai: não é exclusivo, não”. Apesar de não se dedicar a atividades de lazer consideradas essencialmente masculinas, Renato tem se interessado por esportes radicais, que requerem força, vigor e disposição viris para enfrentar desafios e riscos:

> *não é futebol e nem é automobilismo. Então, não é considerada masculina. Outra coisa que eu gosto e não estou fazendo é pintar, mas isso, também, não é masculina. E aquele “lance” lá das cordas e tudo mais, eu tô me exercitando pra fazer porque é um negócio que eu quero muito: é fazer escalada e tudo, mas eu não tenho força pra isso. Eu acho que é só o desafio mesmo: eu acho isso “legal”, sem dúvida, mas tem a beleza da natureza. Mas a beleza da natureza, a gente consegue só andando: você consegue espaço. Eu acho que é uma coisa masculina: é uma coisa masculina mesmo.*

Jorge também não considera suas atividades de lazer tipicamente masculinas, mas destaca que costuma ingerir bebidas alcoólicas – o que censura como um mau hábito dos homens - embora argumente que as mulheres vêm bebendo crescentemente: “fora beber, não. Todas as outras, acho que não servem para reuniões sociais. (...) Talvez dançar seja uma solução. Eu acho que os homens bebem mais que as mulheres, ainda, (...) apesar de que, infelizmente, as mulheres vêm bebendo cada vez mais”. Sílvio e Edson não participam de atividades de lazer exclusivamente masculinas, enquanto Lucas costuma freqüentar os eventos sociais de seus amigos, homens e mulheres. Finalmente, Guilherme reconhece que busca resgatar a intimidade e a *identificação* com sua masculinidade através de práticas esportivas e do cuidado com o próprio corpo, embora não considere suas atividades de lazer tipicamente masculinas:

> *esporte (...) é muito, assim, pra mim, particularmente, num é? Se for perante os outros, mas, pra mim, é muito de resgate dessa masculinidade ou de procura de expressar ou de vivenciar a masculinidade; também, um pouco de resgate de identidade. Corro, jogo, ou musculação, ou na ginástica, mas a ginástica - apesar de a grande maioria que faz são as mulheres - não diria, então, que é uma atividade masculina, mas isso, pra mim, tem muito a ver: a minha experiência de tá fazendo aquilo, eu vivenciar a minha própria experiência, corporalmente. É uma coisa de corpo.*

Os depoimentos aqui apresentados demonstram a diversidade da *subjetividade* e da *condição masculinas* na contemporaneidade. Podemos perceber que, apesar das visíveis transformações das práticas sócio-culturais de lazer masculino no sentido da exploração de possibilidades e de opções cada vez mais múltiplas, alguns homens ainda persistem em se “fechar” em atividades e grupos sociais culturalmente considerados viris e restritos aos seus congêneres, enquanto outros ampliam seus

contatos para além dos limites da propalada “guerra dos sexos”, da estereotipia homofóbica e das posturas ainda consideradas “de homem”. Embora os avanços masculinos sejam inegáveis neste e em vários outros campos sociais aqui investigados, creio que ainda permanece ocorrendo uma insidiosa e sutil culpabilização de muitos homens quanto à necessidade imperiosa de trabalhar e de garantir o sustento do lar, da família, da mulher e da prole, pré-requisito de seu reconhecimento pessoal e social como cidadãos e como homens de fato, o que impede ou limita o usufruto do lazer como um direito de cada um, além de criar uma dicotomia na relação entre trabalho e lazer, bem como transformando o trabalho profissional numa espécie de punição pelo prazer que possam obter ou numa obrigação que devem suportar.

Acredito que seja chegado o momento de tentar resumir as conclusões que obtive a partir de meus estudos pautados na *sociologia das relações de gênero* sobre a *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na *contemporaneidade*, particularmente como resultado da investigação que desenvolvi junto a meus entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM FENÔMENO EM TRANSFORMAÇÃO: FALAS DE HOMENS: A *CONSTRUÇÃO* DA SUBJETIVIDADE MASCULINA

Os homens nunca foram os vencedores do duelo dos sexos.

Bernard Shaw

"Para isso, eles nunca estão doentes", diziam na minha infância de um homem paralítico e pobre cuja mulher ano após ano aumentava seu bando de filhos. Cada gravidez anunciada provocava em nossa casa exclamações de piedade e horror. "Os homens não entendem nada disso", ouvia também, quando se tratava de assuntos que exigiam delicadeza. Era como se não admitíssemos que sentem e sonham, são ternos ou sofrem de solidão; às vezes falamos como se fossem menos humanos do que nós. A mim, provocam uma confessada solidariedade. Mesmo quando se encontram e riem alto, dando tapinhas nas costas dos outros, quando bebem juntos falando animados ou, concentrados, discutem negócios, entrevejo todo um mundo que me enche de respeito e me comove. Observo-os no parque com filhos pequenos, olhando-os entre embevecidos e incrédulos; ou calados num restaurante diante da companheira com quem parecem não ter mais nada a dizer. Imagino o que sentem quando dirigem seus carros ou caminham apressados com uma pasta na mão, pensando na família que ficou e no trabalho que espera, na mulher talvez insatisfeita, no filho problemático; quando brincam com sua amante e lembram-se, num gesto dela, num jeito de rir, da que ficou em casa, ou que está nessa hora no emprego - e que confia nele. Falo de homens triturados por deveres: ser firme e forte, ser um sucesso, não fraquejar; depois se aposentar e mesmo assim não parar, nunca parar porque existe uma caricatura de pijama e chinelos que os atiça para que não deixem de ser atuantes, seja lá em que atividade for. Escrevo muito sobre a solidão dos homens - que é também a solidão de suas mulheres.

Lya Luft[67]

Chamou-me a atenção que a grande maioria dos homens que entrevistei manifestou se sentir motivada e satisfeita por dar-me seus depoimentos, alegando motivos variados: Valdir aceitou ser entrevistado porque se interessa por pesquisa e

por psicologia; Flávio, Renato e Edson gostaram de suas entrevistas por considerá-las completas, bem elaboradas e detalhadas; Mário achou a experiência marcante, pois seu depoimento lhe trouxe lembranças esquecidas e pôde reelaborar conceitos que acreditava definitivamente “fechados”, sentindo-se sensibilizado; Gilson expressou o desejo de ter podido contribuir com minha investigação; Marcos ficou tão entusiasmado com a possibilidade de dar seu depoimento que animou um amigo a ser também entrevistado, o que não pude atender, enquanto Guilherme, embora tivesse dúvidas se conseguira contribuir com minha pesquisa, manifestou a expectativa de favorecer a discussão e a busca do que chamou de uma “identidade masculina”. Apenas dois entrevistados apresentaram algumas poucas considerações negativas acerca das entrevistas: Haroldo, que infelizmente teve que dar seu depoimento duas vezes devido a problemas técnicos com a gravação, achou as perguntas muito diversificadas, o que tornou contribuiu para tornar a entrevista cansativa, enquanto Rogério alegou que tinha a expectativa de dar um depoimento mais pessoal e autobiográfico, já que a entrevista foi mais genérica do que ele esperara, pois eu evitara criar um clima que favorecesse a confusão com a possibilidade de retomada de um vínculo psicoterápico anterior. Ao contrário do que eu esperava ao planejar meus instrumentos metodológicos de coleta de dados - e também do que observaram outros pesquisadores que realizaram investigações semelhantes sobre a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* - entre meus entrevistados não percebi manifestações significativas de constrangimento, de mal-estar, de desconfiança, de descompromisso, de despojamento lacônico, de temor ou de desconforto por compartilhar suas questões íntimas com um homem (Nolasco, 1988), muito menos alguma tentativa deles de utilizar um palavrório simpático e sedutor, mas superficial perante uma mulher (Almeida, 1996). Embora houvesse uma certa vacilação nas respostas de meus informantes no início de algumas das entrevistas - o que considero natural diante do inusitado da situação para a maioria deles - creio ter obtido sucesso em conseguir criar um clima de segurança, de confiança e de intimidade, exatamente porque houvera uma experiência anterior, mesmo que ocorrida há muito tempo, de compartilhamento de

[67] *Op. cit.*, p. 72-73.

questões íntimas numa situação clínica, mas também devido à salvaguarda de um certo distanciamento, tanto no tempo quanto devido ao esclarecimento a respeito dos objetivos de minha pesquisa. Na medida em que as entrevistas avançavam, pude perceber que muitos homens sentiram-se satisfeitos de poder tratar destas questões – que sem dúvida diziam respeito a eles – alguns mesmo manifestando-se aliviados ou mesmo gratos por poderem expressar opiniões e sensações que pouco revelam a outras pessoas. Portanto, creio que posso concluir – conforme eu imaginara - que o fato de eu ter sido anteriormente o psicoterapeuta da maioria de meus entrevistados facilitou a criação de um clima de maior segurança, confiança e intimidade para que eles me dessem seus ricos depoimentos acerca da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na contemporaneidade.

Assim, esta tese partiu do reconhecimento da necessária distinção de vários conceitos relacionados ao arcabouço teórico da *sociologia das relações de gênero*. Desta forma, esclareci que a noção de *sexo* ou de *sexualidade*, devido à sua relação restrita aos aspectos bio-fisiológicos e reprodutivos dos seres vivos, não dá conta da ampla diversidade da *construção sócio-cultural* da *condição* e da *subjetividade* dos seres humanos em geral e dos indivíduos do *gênero* masculino em particular.

Demonstrei como, historicamente, e em particular nas sociedades ocidentais, as diversas concepções a respeito da *diferenciação* entre homens e mulheres quase sempre serviram para justificar a *dominação masculina*. Até as primeiras décadas do século XX, diversas teorias tentaram definir se as diferenças entre os *gêneros* seriam determinadas biologicamente ou se, de outro modo, tratavam-se de *construções sócio-culturais*, e, portanto, ideológicas. Mesmo certas correntes contemporâneas feministas e do movimento “gay” - embora algumas delas afirmem a semelhança entre os *gêneros* - terminam por justificar a ascendência e o *poder* dos homens sobre as mulheres na medida em que ainda se pautam na perspectiva de sua diferença essencial por conta de fundamentos biológicos ou sócio-biológicos. Especialmente a partir dos anos 80, com o advento dos *men’s studies*, reforçou-se a concepção de *gênero* como uma *construção* histórica e sócio-cultural. Além disto, compreende-se cada vez mais que não existe masculinidade - nem feminilidade - única, mas que as manifestações viris

apresentam-se numa tal diversidade que torna-se praticamente impossível tratar de uma essência ou de uma *identidade* masculina universal e atemporal. Acrescente-se que *ser homem* significa estar inserido desde cedo numa *construção relacional*, ou seja, numa elaboração ao mesmo tempo subjetiva e coletiva não apenas a partir das relações sócio-culturais com seus congêneres, mas também com as mulheres, até porque as mulheres ainda desempenham primordialmente o *papel* sócio-cultural institucionalizado de educar e de cuidar da formação dos futuros homens que geraram. Neste sentido, na medida em que as mulheres vêm mudando e conquistando espaços sociais cada vez mais amplos, tais transformações e avanços femininos vêm interferindo na anteriormente inabalável hegemonia masculina - historicamente fundada no sistema patriarcal - gerando o que alguns cientistas sociais denominaram de *crise do gênero masculino*, comumente vivida por alguns homens com uma certa angústia vaga e com uma confusão dos *papéis sócio-culturais* outrora claramente delineados, como bem revela a fala de Gilson, um de meus entrevistados:

> *os papéis na sociedade são definidos. Os homens têm mais oportunidade, saem mais, saíam mais, talvez isso porque, naquela época, eu tinha o papel do masculino. Para mim, era permitido sair só, entrar em contato com outras pessoas sozinho, ficar até tarde na rua, ao ponto que minha irmã, mais ou menos da minha idade, não teve esta mesma liberdade. Então, eu acho que, nestas oportunidades que eu tive, surgiram coisas que, se eu fosse mulher, não teriam surgido. Negativas também. Têm algumas coisas que ocorreram ou outras deixaram de ocorrer porque eu me omiti, mas, sim, eu preferi desempenhar alguns papéis pra mostrar que era homem, pra desempenhar o papel. Em alguns momentos, foram coisas desagradáveis.*

Conseqüentemente, destaquei também a perspectiva de *gênero* que norteia esta tese. A concepção de *gênero* aqui utilizada pressupõe uma *construção* contextualizada ou situacional, historicizada e relacional, envolvendo um conjunto de valores, atitudes, ideologias, comportamentos, práticas, símbolos, representações, normas, preconceitos e estereótipos sócio-culturais, que, portanto, induz, condiciona, limita e/ou reforça determinados aspectos da vida dos indivíduos – diferenciados sexualmente em sociedade - mas para além do que sugere a mera noção de *sexualidade*.

Da mesma forma, me contrapus à utilização da concepção – comum entre alguns representantes dos estudos sobre *gênero* – de *identidade masculina*, pois significa o reconhecimento de uma *semelhança essencial, absoluta e completa* entre os homens, sem levar em conta as diferentes localizações espaciais, momentos históricos e

experiências pessoais e coletivas que os diversos homens vivenciam. Assim, preferi trabalhar com a perspectiva de buscar compreender a *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na *contemporaneidade*, reconhecendo sua inevitável *diversidade* e seu caráter sempre provisório e constantemente mutante, além da freqüente interferência de inúmeros condicionantes biológicos, econômicos, políticos, sócio-culturais e pessoais, e destacando suas possíveis transformações na realidade atual.

Desenvolvi minhas idéias a partir da compreensão de que, durante séculos, num mundo dominado pelos homens, a mulher foi sempre a grande desconhecida, dotada de inextricáveis mistérios e objeto de curiosidade ou mesmo de pavor por parte dos indivíduos do *gênero* masculino, os principais detentores do saber científico. Num momento histórico em que, cada vez mais, as próprias mulheres se conhecem intimamente e investem em si mesmas, os objetos de investigação das ciências que estudam as questões de *gênero* devem deixar de ser apenas as mulheres – apesar de elas ainda liderarem os eventos e os estudos sobre tais questões – para incluir os homens, que sempre resistiram a revelar suas nuanças mais íntimas e a expor a *subjetividade* e a *condição masculinas*.

Tratando mais diretamente da *construção* da masculinidade, apontei como ela se constitui através de uma *relação positiva de inclusão* e de uma *relação negativa de exclusão* sócio-culturais. Destaquei a necessidade que ainda é incutida nos homens pela cultura e pela sociedade no sentido de se diferenciarem das mães e das demais mulheres, enfrentando, freqüentemente, uma postura feminina de insidiosa *sedução*. Gerado num ventre feminino, o menino cedo deve se diferenciar de sua mãe e aprender a se mostrar um hábil conquistador de mulheres, sob o risco de não ser considerado um homem de fato. Assim, os meninos aprendem, desde cedo e antes de quase tudo, quais são as atitudes consideradas socialmente inadequadas a um homem, para, só então, incorporar as devidas posturas sociais “de homem”. Neste sentido, a *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* é, ao mesmo tempo, um complexo processo sócio-cultural de *identificação* com um modelo internalizado de masculinidade, previamente institucionalizado e freqüentemente rígido – o sistema patriarcal – e também um movimento reativo de *diferenciação* contra toda e qualquer atitude

percebida como suspeita, relacionada à mulher ou passível de aproximação dos homens com o universo feminino. Portanto, compreendo que *ser homem* é em grande parte uma conquista – inicialmente biológica - *contra* a feminilidade original do embrião humano, que, posteriormente, se torna um esforço precoce, porém contínuo – aí, então, sócio-cultural - *contra* a sedução envolvente dos cuidados maternos, atrativos com os quais os homens poderiam se identificar e, conseqüentemente, aos quais devem resistir. Assim, logo ao nascer, um menino é envolvido pelo olhar de ambos os genitores – mas mais intensamente pelos anseios do pai - que põe sobre ele suas expectativas de que corresponda ao ideal social e culturalmente instituído do que deve ser "um homem de fato". Quase ao mesmo tempo, os acolhedores cuidados maternos provocam um sério dilema a que o pequeno homem deve responder: entregar-se aos paparicos da mãe sob o risco de se tornar dependente, infantil e feminino – "um filhinho da mamãe" - ou, por outro lado, diferenciar-se dela, rompendo com os encantos e com os cuidados proporcionados pelo mundo feminino ao optar pelo freqüentemente duro, distanciado e frio modelo masculino oferecido pelo pai. Desta forma, a masculinidade é, muitas vezes, uma *construção* reativa, defensiva, dolorosa e violentamente alcançada – mas também intensamente desejada pelos homens - através da incorporação de valores e estereótipos sócio-culturais que preconizam o que é *ser homem*. Conseqüentemente, muitos homens aprendem a rejeitar não apenas as mulheres, mas tudo aquilo que esteja associado às atitudes tradicionalmente consideradas femininas: as atividades domésticas; as ocupações profissionais das mulheres; as atenções aos filhos; o cuidado com os outros, a gentileza e as atitudes de afeto, de intimidade e de acolhimento. Alguns homens rechaçam também os indivíduos homoeróticos, pois não seriam "homens de fato", adotando uma postura homofóbica freqüentemente hostil e eventualmente violenta. César, por exemplo, expôs algumas situações comuns vividas pelos homens:

> *alguns colegas meus "fazem hora de minha cara" e tal, né? Eu não gosto muito, não. Eles dizem: "tu deu o cu a não-sei-a-quem"; "tu comeu o cu não-sei-de-quem". Isso, eles vivem fazendo essa brincadeira também com mulheres, mas eu rio dessas brincadeiras e "esculhambo" com eles também. Mas é uma brincadeira que me irrita, que eu não gosto também. (...) Uma vez, eu vinha no ônibus, né? O ônibus vinha mexendo. Aí, tinha um "cara" - na realidade, um homossexual - de cabelo grande. Aí, eu passei e "pinei" na bunda dele, só que eu não tinha percebido que era um homem. Aí, eu passei, mexi na bunda dele. Aí, ele veio e ficou do meu lado. Aí, eu percebi que*

> *era um homem. Aí, eu fiquei "na minha". Aí, passei para o outro lado - isso, o ônibus cheio. Quando eu olhei, ele tava do meu lado. Aí, eu me preparei pra dar um bofetão nele. Aí, chegou na parada, eu desci e fiquei esperando. Aí, ele seguiu e não "mexeu" comigo, mas eu já estava pra dar um bofetão mesmo. Isso me chateou porque ele ficou "atrás" de mim.*

Como pude demonstrar através dos depoimentos de meus entrevistados, a maioria dos homens ainda manifesta um claro repúdio a atitudes que possam revelar passividade, dependência ou quaisquer nuanças de feminilidade, pois costumam associá-las às mulheres. Tomás, por exemplo, revelou esta atitude tipicamente masculina ao discutir as interferências de sua mãe em sua vida, que o fazem se sentir "menos homem":

> *eu acho que ela quer, às vezes, dirigir a vida da gente, e você se sente, talvez, até na condição de homem diminuída porque (...) é aquela questão de você ser independente. Às vezes, eu tenho vontade de sair de casa: não que eu não goste dos meus pais, (...) mas a questão de você querer viver por conta própria, sem depender dos outros, né?*

Portanto, pude perceber também que a história de silenciamento sobre a *condição* e a *subjetividade masculinas* é uma realidade vivida pela maioria dos homens, a não ser entre os que se declararam homossexuais, que mais freqüentemente buscam compartilhar experiências com seus parceiros ou em grupos nos quais discutem as questões comuns entre seus semelhantes. Sem dúvida, os espaços viris não costumam receber bem a expressão direta de ternura ou de sentimentos, mas, por outro lado, são inúmeras as histórias de camaradagem verdadeira, de amizades sólidas, mesmo entre aqueles que apenas se encontram em mesas de bar ou unicamente em seus locais de trabalho. São espaços e grupos potencialmente ricos para o desenvolvimento de uma intimidade a que muitos homens ainda não estão afeitos, mas que muito prometem, desde que seus participantes se disponham a ir além da tradicional postura viril que vem sendo social e culturalmente *construída* durante anos. Acredito que especialmente entre os mais jovens, esse potencial se configure como bastante promissor. Assim, parece-me inegável o esforço empreendido por muitos homens no sentido de se desvincular do estereótipo do *macho*. Os depoimentos que obtive expõem as tensões vividas por meus entrevistados em seu cotidiano, destacando não apenas o conflito entre suas necessidades afetivas e sua capacidade para compreendê-las e satisfazê-las, mas também sua luta para vencer os

limites pessoais diante dos dilemas que enfrentam; os vínculos muitas vezes ambíguos e a freqüentemente difícil relação com a figura paterna, e, ao mesmo tempo, suas tentativas de romper o silêncio e a distância do pai; a violência consigo mesmos, seus congêneres, a mulher e os filhos, e seu reconhecimento de que esta é uma atitude equivocada e que pouco constrói; as cobranças sociais subliminares para que sejam sempre firmes, decididos ou agressivos, de se mostrarem como *machos* sexualmente insaciáveis e sedutores e de serem homens de sucesso a qualquer custo. Estas são apenas algumas das situações de tensão que constituem o pano de fundo sócio-cultural em que está imersa a maioria dos homens, exigências das quais dificilmente dão conta, raramente podendo corresponder às expectativas postas sobre suas costas. À *condição masculina* e aos conseqüentes *papéis* sociais atribuídos aos homens costuma ser associado um inegável *poder*; entretanto, este *poder* sócio-cultural não é concedido gratuita e facilmente: mais do que isto, costuma cobrar um alto preço, e, freqüentemente, gera sofrimento. Muitos homens não se sentem os "monstros truculentos" e misóginos retratados por certas vertentes feministas, mas também não se percebem como os "pobres coitadinhos" que alguns estudiosos sobre a *condição* e a *subjetividade masculinas* pretendem apresentar como uma forma de penalizar as pessoas sobre sua confusa situação.

Entretanto, na realidade atual, cada vez mais os homens vêm sendo estimulados a expressar seus sentimentos de ternura, de passividade ou mesmo de dependência - por muito tempo considerados atributos femininos nas sociedades patriarcais - sem perder necessariamente o reconhecimento pessoal e social de sua *condição* e de sua *subjetividade masculinas*. Creio que os homens têm se mostrado sensíveis a tais pressões sócio-culturais – a maior parte inegavelmente provinda das mulheres e da mídia - aproximando-se crescentemente de suas reais necessidades humanas. Sem dúvida, como bem demonstrei, há resistências e tais transformações da *subjetividade* e da *condição de gênero* dos homens ainda não podem ser consideradas um fenômeno sócio-cultural generalizado, mas parecem apontar para um maior conforto e uma harmonia crescente dos indivíduos do *gênero* masculino com aquilo que de fato sentem, pensam e vivenciam.

Em vários pontos desta tese, apontei como o modelo patriarcal de homem é ainda fortemente instalado na *subjetividade* e na *condição masculinas* na *contemporaneidade*, destacando a forma violenta e violentadora como muitos homens aprendem, a duras penas, o que é e o que deve ser um "homem de fato". Tal modelo de masculinidade cria um verdadeiro "apartheid" de *gênero*, separando homens e mulheres, como ainda é costumeiro nas festas sociais de Fortaleza. Marcos, por exemplo, não apenas observou isto como sentiu na própria pele a dificuldade de aproximação e de intimidade em eventos sociais:

> *olha, eu tive péssimas experiências de festas sociais, aqui em Fortaleza, né? Nós nos relacionávamos com algumas pessoas, né? Eu e minha mulher, nós buscávamos se relacionar com as pessoas - quer dizer: estar lá, em contato. Ia numa festa: tinha várias pessoas; aí, fazia aquele "clube do Bolinha e da Luluzinha", né? Aí, os homens, lá, conversando das suas atividades sexuais - "blá-blá-blá", o que "faziam", onde "comiam", não-sei-o-que, o que "faziam" etc. e tal, e era só isso que "rolava". E a minha mulher ficava conversando com as outras mulheres lá, e eu conversando com os homens aqui. Aí, nós entrávamos no carro e falava: "'porra'! Tu fica conversando com A, B, C. Fulano, sicrano e beltrano só falava que 'comeram' fulana, que 'fizeram' isso, 'fizeram' aquilo, 'fizeram' aquilo outro, não-sei-que-lá". Então, as mulheres ficam reclamando dos maridos. Aí, eu vou para uma outra festa: de novo, lá, as mulheres no canto e os homens no outro e falando só de "comi" fulana, "comi" beltrana, não-sei-o-que, "fiz" isso, "fiz" aquilo". E eu, perguntando para minha mulher: "'poxa', será que ninguém gosta de carro?" (...) "Será que eles não discutem nem sobre futebol, aqui nessa terra - 'pomba'! - que é só isso?" Então, foi uma experiência ruim, né? E nós acabamos nos afastando um pouco disso, né, buscando só algumas aproximações. (...) Realmente, eu criei uma animosidade para esses contatos porque não "rolava" outra conversa a não ser esse tipo de conversa. Eu acho que a vida pode oferecer muito mais coisas - contato - do que necessariamente se resumir ao fato de "quantas eu 'comi'", né, ou "quem foi que eu 'comi'" ou "como foi que eu 'comi'".*

Tal situação também impede a livre e espontânea expressão de afeto entre os homens, que terminam por adotar as escamoteadas manifestações características dos grupos viris, isto é, um misto de afeto e de admiração com agressividade e violência. Outra conseqüência da introjeção dos valores patriarcais é a sensação vivida por muitos homens de que não são capazes de manifestar afeto ou mesmo de que não são responsáveis por sua prole. Os vínculos de amizade entre os homens comumente apresentam uma característica aparentemente contraditória: muitos homens, apesar de só conseguirem ser amigos íntimos de outros homens, tendem a vê-los como obstinados rivais, com quem competem, e de quem, freqüentemente, esperam agressão e aos quais reagem com *violência*.

As confusas e freqüentemente conflituosas relações de alguns de meus entrevistados com seus genitores do sexo masculino eventualmente têm gerado dificuldade de *identificação* com eles e, conseqüentemente, de descobrirem uma forma tranqüila e prazerosa de, também, serem pais. Vários de meus informantes afirmaram que o contato com seus pais foi freqüentemente atravancado pelo silêncio e pela distância, pois, apesar do ocasional reconhecimento da existência de um sutil afeto mútuo, alguns apenas conseguiram uma aproximação tardia e árdua. João justifica o silêncio e a distância entre pais e filhos por conta de sua origem sertaneja: “no sertão, isso não existe. A gente morre de gostar, mas não se toca”. Lembro também que Gilson apenas conseguiu se aproximar do pai próximo da morte dele. Entretanto, alguns de meus sujeitos de pesquisa argumentam que o relacionamento com seus próprios filhos vem se modificando na medida em que passaram a questionar sua experiência com os pais, permitindo-se, assim, uma maior abertura e um melhor acolhimento de sua função paterna atual.

Destaquei também que, desde a Antigüidade, a *condição masculina* sempre foi associada à própria humanidade, ou seja, o homem sempre foi considerado como o único modelo adequado de cidadão e o digno representante do que caracteriza o ser humano. Desta forma, o sistema patriarcal foi instaurado *pelos* e *para* os homens, “naturalizando” a *dominação masculina* sobre as mulheres e o controle hegemônico sobre a sociedade. É neste sentido que Foucault (1976) argumenta que as *relações sociais de gênero* são também relações de *poder*, pois funcionam no sentido de evidenciar a *diferenciação* dos *papéis sociais* masculinos e femininos, que tem se mostrado onipresente ao longo da história e nas diversas culturas e sociedades. Tais relações de *poder* manifestam-se tanto nas diversas instituições sociais quanto na vida pessoal e na *subjetividade* dos indivíduos, e, portanto, são estas suas mesmas características de penetração social que permitem sua própria flexibilização e a possibilidade de ocorrência de eventuais transformações sócio-culturais. No que se refere particularmente às *relações sociais de gênero*, Bourdieu (*in*: Lins [org.], 1998) destaca que até as mulheres - e mesmo o movimento feminista - terminam sempre por reproduzir o *poder masculino*. Entretanto, seguindo os argumentos do próprio Bourdieu

(sep. 1990), ouso afirmar que as mulheres também detêm uma parcela significativa - embora sem dúvida limitada – deste mesmo *poder sócio-cultural*: elas ainda controlam o lar, os cuidados e a educação dos filhos, e, conseqüentemente, boa parte da *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* dos homens que engendraram, mesmo na *contemporaneidade*. Acrescente-se a tal confusa situação os fenômenos sócio-culturais da progressiva participação feminina nos diversos campos da vida humana e da cada vez mais intensa inserção da mulher no mercado de trabalho e teremos uma intrigante impressão dos impasses e dos dilemas que os homens têm vivido na contemporaneidade bem como das possíveis transformações por que vem passando o outrora *poder masculino* universal, ainda persistente, mas abalado como jamais esteve.

Apontei como os *papéis sócio-culturais masculinos* ainda são importantes determinantes da conduta e das atitudes dos homens, servindo como um parâmetro do que se espera deles em sociedade. Especialmente nas últimas décadas, percebe-se uma continuada flexibilização ou mesmo um afrouxamento sucessivo das regras e das normas que tradicionalmente definiam os *papéis* relativos aos atributos sociais dos homens, o que tem levado alguns – particularmente os mais jovens – a se sentirem confusos ou perdidos na ausência dos seguros, embora rígidos, valores patriarcais. Os grupos viris e os rituais de iniciação - instituições do patriarcado - propiciavam uma intensa, apesar de freqüentemente dolorosa, sensação de segurança, de intimidade e de apoio afetivo a seus participantes, enquanto seu esfacelamento vem gerando angústia e confusão entre os homens por conta da ausência dos modelos de *identificação* que tradicionalmente fundamentavam a *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas*.

Enquanto o espaço público, tradicionalmente controlado pelo *poder* masculino - em contraposição ao espaço privado do lar, ainda administrado predominantemente pelas mulheres - vem sendo progressivamente conquistado pela presença, pela participação e mesmo pelo surgimento de um certo *poder* feminino que tem demonstrado novas alternativas na administração da coisa pública, os homens ainda resistem - embora cada vez menos - a participar e a se responsabilizar pelas atividades

domésticas e pelo cuidado com os filhos. Tal fenômeno sócio-cultural tem caracterizado o que denominei de “manutenção de um mínimo *poder* feminino” no espaço doméstico, o fato de que as mulheres tendem a se apegar às suas crias e às atividades domésticas, queixando-se da negligência e do desinteresse de seus companheiros – que sem dúvida resistem a se responsabilizar pelas questões do lar – mas, por outro lado, freqüentemente mantêm os homens – tanto seus companheiros quanto os próprios filhos – afastados e ignorantes acerca das lides domésticas. Tal *apartheid* de *gênero* apenas perpetua a cisão e o estranhamento entre homens e mulheres, reforçando as crenças corriqueiras de que existem tarefas sociais femininas e outras “de homem” e a concepção de que a *subjetividade* e a *condição masculinas* seriam fundamentadas na natureza bruta, não em complexas *construções sócio-culturais*.

Já não se identificando com o tradicional modelo masculino do patriarcado, representado pelo pai, e tendo que se afastar do acolhimento sedutor dos cuidados maternos - que ameaça seu reconhecimento como homens através da instalação da passividade e da dependência, cultural e socialmente consideradas femininas - muitos jovens buscam se (re)afirmar como *machos* fora de casa por meio de novos modelos de *identificação* masculina. Longe do lar, quer seja na escola, nas práticas esportivas ou através da adesão a diversos tipos de espaços viris contemporâneos – por exemplo, as gangues e outros grupos de pares – alguns homens exercitam seus atributos “heróicos” (Lins, 1995), enfrentando a violência e o medo por meio de embates com os quais podem se permitir a expressão da coragem e da ousadia e de uma vasta multiplicidade de emoções que a *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* ainda exige.

Descrevi os grandes empecilhos e as dificuldades por que passam muitos homens na *construção sócio-cultural* de sua masculinidade. Tal empreitada é freqüentemente mais penosa do que a das mulheres, pois se inicia bastante precocemente com os percalços do bebê *macho* para garantir sua sobrevivência física, enfrentando, muitas vezes, ameaças maiores do que as fêmeas da espécie humana, além de riscos que persistem durante o primeiro ano de vida e que se estendem ao longo de toda a sua existência, já que a vulnerabilidade física e psíquica e a mortalidade masculinas são sempre maiores do que as femininas em praticamente todas as

sociedades. Portanto, a fragilidade e a instabilidade da *subjetividade* e da *condição masculinas* podem explicar, pelo menos em parte, porque muitos homens ainda precisam demonstrar freqüentemente - para si mesmos e para os outros - que são adultos independentes, homens másculos e ativos e *machos* heterossexuais à toda prova. Assim, podemos compreender que *ser homem* é - antes de tudo e diferentemente da *condição* feminina - uma *construção* secundária, reativa e negativa, que (re)afirma sistematicamente: “não sou um bebê dependente; não sou uma mulher passiva; não sou um homossexual efeminado”, como bem apontou Badinter (1993).

Expus como historicamente as diversas sociedades desenvolveram rituais de iniciação, de passagem ou ritos de instituições (Bourdieu, 1982/1990) que visavam a instalar e a garantir a virilidade de seus cidadãos homens. Tais rituais podem ser encontrados nas sociedades arcaicas, passando pela pedagogia homoerótica da Grécia antiga e pela formação dos cavaleiros da Idade Média, chegando até aos tempos atuais - embora de forma bastante atenuada e sutil - mas sempre presentes no imaginário masculino e na vida concreta dos meninos e dos adolescentes que buscam conquistar seu estatuto sócio-cultural de “homens de verdade” (Castoriadis, 1995). Estes ritos institucionais de virilização costumam impor um limite crítico a ser superado, ou seja, exigem que o garoto abandone sua infância *indiferenciada* para tornar-se um homem adulto e másculo, revelando os impasses da *construção sócio-cultural* do *gênero masculino*, pois, enquanto a moça tem na menstruação uma espécie de iniciação natural, o rapaz precisa passar por um processo educativo substitutivo da natureza para abdicar da *identificação* original com a mãe (Corneau, 1993), que o encanta com seus cuidados e com sua acolhida costumeira, pelo menos até então. Assim, acredito que, para além de seus determinantes inconscientes, tornar-se homem é também uma *construção sócio-cultural* comandada pela vontade consciente, posto que, apesar de serem obrigados a enfrentar provas que geram dores e marcas em seu corpo e em seu psiquismo, os homens ainda persistem em buscar ativamente, através de tais ritos institucionais de masculinização, o reconhecimento de sua *condição masculina*, regozijando-se quando pensam tê-lo conquistado. Neste sentido, é ilustrativo o

depoimento de Edson sobre o papel de sua família como indutora – através de ritos de iniciação mais ou menos sutis – de sua aprendizagem afetivo-sexual:

> *eu tô me lembrando, né, da história de cobrar ser homem, coisa e tal. Me lembro de festa também, na adolescência, a história de sambar, tirar pra dançar, não-sei-o-que: me lembro que havia muito constrangimento. Me lembro que um tio meu veio e disse: "não tem homem aqui nessa festa, não, pra tirar essas mulheres pra dançar?"*

Alguns de meus entrevistados se manifestaram sobre as pressões constrangedoras de seu grupo de pares quanto à perda da virgindade, ainda um limite marcante para que um homem se considere um homem de fato. Registrei também um fenômeno social crescentemente evidente nas últimas décadas, apontado por Badinter (1993) e por mim observado nas vivências de meus entrevistados: a progressiva ausência da participação do pai nos rituais de iniciação masculina, particularmente no que se refere à sexualidade, cujo tradicional *papel sócio-cultural* de iniciador dos jovens vem sendo abandonado, entregando os filhos à sua própria iniciativa, geralmente longe da família. Se, por um lado, tal postura paterna parece revelar um certo desprendimento quanto aos antigos valores patriarcais, por outro lado, pode reforçar o crescente isolamento dos filhos em relação aos pais – desprezados porque percebidos como ausentes e desvirilizados - dado que as mães já não podem ser aceitas nesta função e também porque elas se voltaram ao mercado de trabalho e às suas próprias questões. Apesar de muitos pais ainda se preocuparem bastante com a possibilidade de feminilização de seus filhos devido aos carinhos maternos, o homem vem se transformando e a paternidade acompanha as mudanças de atitudes e de comportamento masculinos, que se tornam mais acolhedora, mas, nem por isso, necessariamente menos viril. Neste sentido, Lins (*in:* Lins & Bezerra de Menezes [coords.], 1995) argumenta que é pequena a diferença entre as *construções* da virilidade a partir da figura paterna de ontem e de hoje, não tendo seu amor se modificado, mas havendo um salto qualitativo na expressão de sentimentos entre pais e filhos desde o Iluminismo, que questionou a imagem paterna rígida, fria e autoritária, imposta pela Igreja. A imagem paterna tendeu a se desenvolver, então, em duas modalidades possíveis: o pai ausente e inacessível, distante física e/ou emocionalmente; e o pai desvirilizado e desprezado. No século XX, tal situação apenas se agravou com o grande acesso feminino ao mercado de trabalho,

pois os filhos sentiram-se freqüentemente abandonados e confusos. Eventualmente relegados à solidão das angústias provocadas por uma *construção masculina* árdua e difícil, muitas vezes, só resta aos homens jovens de hoje se apegar aos grupos de pares, buscando adotar novas bandeiras na conquista de uma virilidade heróica e gloriosa, mas também inatingível porque necessariamente requer confirmação constante. Assim, a companhia dos pares, a escola, as turmas e as gangues e mesmo as equipes esportivas (Highwater, 1992; Wacquant *in*: Lins [org.], 1998) passaram a constituir os novos campos de batalha pelo estandarte da virilidade, para além da aparente – e freqüentemente ilusória – segurança do lar. Esta situação de busca de um modelo masculino mais adequado fora de casa é bem ilustrada pelo depoimento de César, que me contou suas dificuldades com o pai extremamente forte e violento, o que o levou a procurar na rua um modelo alternativo de *identificação* masculina, mas que, sem dúvida, repete e se confunde ainda com as costumeiras atitudes viris paternas:

> *não faz muitos dias que eu me envolvi em uma confusão e fui em casa pra pegar uma faca e meu irmão ficava me segurando. Foi uma briga e tal. Não dá para avaliar o sentimento naquela hora. É uma coisa que você não tem uma escolha: se quer sair armado, a gente tem que segurar ele. A gente não pode deixar sair armado: depois, acontece o pior. Ele é muito forte: já trabalhou de servente. Eu tinha cuidado com meu pai, mas dava três de mim: é um "guarda-roupa de porta aberta". A gente só segurava ele porque, senão, era arriscado acontecer alguma coisa, mas eu ficava constrangido: o pessoal ficava olhando, comentando. Eu ficava envergonhado. (...) Não, a briga de rua foi isso, só que eu tinha de 12 pra 14 anos de idade. Inclusive, esse "cara", eu passei foi uns 5 anos brigando com ele: briga de rua e tal. Quando eu encontrava com ele, não tinha cabeça pra pensar como era, naquela época. Passei muito tempo como um inimigo. Aí, eu fiquei sabendo que ele se suicidou num "pé" de goiaba no fim do quintal da casa dele. Era um cara da minha idade: talvez fosse mais novo que eu uns 5 anos. Então, eu me senti muito mal, muito mal mesmo. Não gostei, não, de saber dessa história, até porque já estava surgindo alguma amizade entre a gente, quando aconteceu isso.* (...) *Isso tá com uns 8 anos, mais ou menos, que eu soube que ele se suicidou. Também, porque estava surgindo alguma amizade: ele passava lá por perto de casa; tomava umas cervejas. A última vez, eu tava lá; ele tava lá, tomando uma cerveja. A gente não chegou a conversar diretamente um com o outro, mas já não houve aquela implicância de olhar um para o outro e achar que tava. Então, de repente, eu soube que ele se suicidou: eu me senti mal. Eu pensei que poderia ter sido melhor, se eu fosse menos grosseiro - que, na época, eu era muito grosseiro: eu gostava muito de uma briga, de uma confusão. Era uma coisa dos teus colegas te empurrando pra brigar e eu era meio "metido a valente" e tal e eles ficavam "empurrando" e você se sentia bem porque você ia lá. Geralmente, eu me saía melhor do que ele. Aquilo, pra você, era como se fosse um troféu, mesmo que hoje a gente ache uma idiotice da pior qualidade.*

Podemos perceber que este homem, apesar de buscar *construir* um novo modelo de masculinidade, pautado em figuras de *identificação* externas ao lar, ainda repete o modelo viril e violento incorporado à figura paterna. Em seu discurso, numa perceptível

confusão cronológica, após começar a tratar da briga recente em que se envolveu, repentinamente, fala da violência do pai, para, em seguida, se reportar ao seu antigo desafeto e aos seus sentimentos ambíguos, culpabilizados e confusos em relação a ele e à sua própria violência por conta do suicídio do “amigo-inimigo”, de sua antiga belicosidade mútua e da pressão grupal no sentido de que se enfrentassem. Sintomaticamente, ao final, utiliza a terceira pessoa do singular quando trata de suas próprias sensações quanto ao seu rival, despersonalizando e coletivizando um sentimento masculino que acabara de reconhecer em si mesmo.

A associação entre *comportamento violento* e *condição masculina*, comumente feita pela maioria das pessoas, foi também objeto de minha atenção nesta tese. Em diversos momentos e de vários modos, as referências de meus entrevistados às suas próprias atitudes agressivas ou de outros homens, à tensão por conta da possibilidade ou mesmo da ocorrência de fato das inúmeras formas de manifestações violentas (também apontadas por Jardim [23-27/11/1994], Leczeneiski [1995] e Reynaud [1981]) demonstraram que a *violência* constitui um freqüente pano de fundo de suas relações sociais. Neste sentido, destaquei a controvérsia em torno desta associação por parte dos cientistas sociais, levantando argumentos que questionam tanto sua fundamentação biológica quanto sua manifestação generalizada entre os indivíduos do *gênero* masculino e nas diversas culturas. Entretanto, apontei o fato de que as sociedades e as culturas normalmente se impõem aos seus cidadãos por meio da violência, moldando suas necessidades e cerceando seus desejos. Apesar de ser incômoda, desestruturante e freqüentemente assustadora, a violência humana, num sentido social mais amplo, é mesmo inevitável e fundamental, tanto para a sobrevivência dos indivíduos quanto da coletividade. Assim, desde a longínqua Antigüidade, a violência masculina sempre se fez presente na história da humanidade como mito cultural e como realidade social concreta, freqüentemente relacionada à honra viril. Elegi Fortaleza como um *locus sócio-cultural* ilustrativamente rico na medida em que reúne elementos de uma cultura originalmente rural e ainda fortemente baseada em representações de honra – por exemplo, Lampião, o herói mítico do sertão, tido e havido como másculo e violento por excelência – e peculiaridades urbanas e

modernas de uma sociedade tecnológica, mas também violenta. Diferenciei a *agressão* – que tem um sentido social positivo na medida em que é uma função ou capacidade humana básica para o contato e para as relações sociais (Perls, 1969) – da desestruturante *violência*, que destrói e pode aniquilar os laços afetivos interpessoais e sociais. Feita esta devida distinção, entendo que, sem dúvida, é grande a amplitude das manifestações de violência no meio social fortalezense, mas afirmo que sobre os homens persistem expectativas e cobranças de atitudes de coragem como resposta àqueles que ofendem sua honra ou que questionam o *poder* viril que julgam ter e merecer, o que leva alguns deles a ainda usar a *violência* como uma tentativa vã de manutenção da *dominação masculina*, que, no entanto, creio estar progressivamente decadente. Desta forma, podemos reconhecer várias modalidades de grupos viris – como a escola, a companhia dos pares, as turmas, as gangues e as práticas esportivas – que se constituem nas mais recentes alternativas de campos sócio-culturais para o exercício da virilidade contemporânea. Assim, *ser homem* hoje significa estar numa posição de *poder* e de privilégio, mas, ao mesmo tempo, requer o cumprimento de deveres, de obrigações e de imposições, o que tem gerado um evidente tensionamento em muitos homens. Esta *illusio viril* é o fundamento de toda *libido dominandi* (Bourdieu, sep. 1990) e tende a provocar que muitos homens se submetam aos jogos considerados adequados e conformados às imposições da sociedade e da cultura. Pude constatar, através de vários depoimentos que recolhi, o esforço – muitas vezes patético - de alguns homens para serem reconhecidos como “homens de verdade”, bem como o sofrimento por não alçarem a um estatuto realmente inatingível. Sem dúvida, o *habitus* masculino ainda se desenvolve num campo sócio-cultural destinado prioritariamente aos homens, no qual são desenvolvidas a competição, a honra, a política, a ciência, a arte, a religião e a guerra, o que destaca sua grandeza, mas, por outro lado, mal escaramuça sua miséria. Muitos homens ainda buscam dominar seus congêneres, e, de forma secundária, mas também como um instrumento de luta simbólica, exercer seu poder sobre as mulheres e seus filhos.

O fenômeno sócio-cultural da dominação masculina sobre as mulheres foi também objeto de minha atenção, porquanto sempre destacado por inúmeros

pensadores sociais. No entanto, pude evidenciar a partir de Lins (1997) que, mesmo no Nordeste brasileiro, reconhecido por muitos como uma cultura patriarcal, machista e violenta, foi possível fazer surgir o intrigante fato da inclusão das mulheres no cangaço – cujas repercussões simbólicas e míticas sobre a *subjetividade* e a *condição masculinas* foram por mim apontadas anteriormente – vindo a modificar as relações internas de grupos de homens que antes funcionavam apenas a partir de valores e atitudes essencialmente viris. Penso que tal fato curioso confirma, ao mesmo tempo, tanto a posse de um *poder* de influência e de transformação por parte das mulheres quanto o prenúncio de um sintoma sócio-cultural que muitos estudiosos das questões de *gênero* mais recentemente vêm denominando de *crise da masculinidade* ou da *identidade masculina*. Esta suposta crise diz respeito ao incômodo e à inadequação de muitos indivíduos do *gênero* masculino com as atitudes, com os valores e com o próprio modelo de homem do patriarcado, sem, contudo, terem encontrado ainda novas e harmoniosas formas de lidar com as recentes transformações das *relações sociais de gênero*. Sugeri que muitas das manifestações atuais de violência viril - especialmente contra a mulher, mas também envolvendo seus filhos e outros homens - têm como um de seus principais elementos constituintes uma reação agressivo-defensiva diante da difusa sensação pessoal de decadência sócio-cultural da *dominação masculina*.

A família, sem dúvida, não poderia ficar imune a tantas mudanças sócio-culturais. De fato, ela vem se transformando há bastante tempo, perdendo seu caráter de unicidade nuclear – pai, mãe e filhos juntos – e adotando uma vasta multiplicidade de modelos como jamais teve antes. Neste novo contexto, encontramos pais que se mostram mais interessados e dedicados a seus filhos – fugindo do padrão familiar patriarcal - bem como outros que persistem numa atitude distanciada e distanciadora em relação a eles – caracterizando o que denominei de *violência indiferente* ou *passiva* - o que, muitas vezes, dificulta a *identificação de gênero* dos filhos com o pai, bem como a tranqüila *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* das novas gerações. Como já destaquei, este fenômeno sócio-cultural vem transbordando da aparente e ilusória segurança do lar para a rua e os jovens vêm buscando novos modelos de *identificação masculina* longe de casa, adotando as atitudes, as regras e os

rituais de vários tipos de agrupamentos viris, que, muitas vezes, têm na violência seu traço comum.

Assim, concluo que *ser homem* hoje ainda significa em grande parte assumir os *papéis sócio-culturais* privilegiados conforme permanecem sendo atribuídos ao *poder masculino* dominante, mas que tal privilégio implica, também, em atitudes, em tarefas e em exigências que têm provocado conflitos e dilemas freqüentes em muitos homens. A partir de Béjin & Guadilla (janvier-juin 1984) e do que ouvi de meus entrevistados, destaquei um sintoma sócio-cultural que acredito ser uma conseqüência da hegemonia do *poder* masculino dominante e característico das culturas latino-americanas, isto é, o intrigante fenômeno que possibilita que o comportamento viril dos filhos seja incentivado não apenas pelo pais ou pelos pares desses jovens, mas também por suas próprias mães, o que evidencia a importância do *papel histórico* e *sócio-cultural* da mulher na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*.

Creio que, para além das transformações sócio-culturais por que vem passando a masculinidade contemporânea, podemos reconhecer que sua *construção* ainda se dá de forma freqüentemente opressiva. Obtive depoimentos de homens que tiveram que abdicar de sua liberdade de escolha profissional, de seus sonhos pessoais e de seus desejos mais íntimos, tendo que desviar sua história de vida e forçar seus limites em busca de aceitação e de adequação sócio-culturais ou adotar comportamentos viris predefinidos conforme o modelo de homem patriarcal, mesmo que já não acreditem nele. Uma comprovação da permanência - ainda que diluída - dos valores viris patriarcais entre muitos homens pode ser evidenciada na manifestação de Tomás, meu mais jovem entrevistado, que, mesmo tendo estudado medicina, prefere pôr em risco sua saúde a se submeter a um exame físico que considera humilhante:

> *o exame de próstata, eu sei que é uma besteira: até na faculdade de medicina, né, você sabe que é apenas um exame normal, que é um médico, uma pessoa interessada pelos demais. Eu nunca faria na vida um exame de próstata! Eu me sentiria, assim, humilhado, até - digamos assim - menos homem, né, se um homem fizesse um toque retal dentro de mim, né? (...) Você (...) sabe o que é certo e o que é errado, (...) que os tempos mudaram, que aquilo é apenas uma questão de mentalidade passada, mas daí a você aceitar aquilo, né, com você mesmo, é difícil. Isso eu num aceito, né?*

Entendo, a partir do que demonstra Messner (*in*: Kimmel [ed.], 1988), que a primeira violência com a qual um homem se depara ocorre, antes de tudo, contra si mesmo e particularmente contra seu próprio corpo, que é percebido como uma ferramenta, uma máquina ou uma arma que deve ser manipulada para se defender ou para atacar outros homens, que também passam a ser considerados como seus rivais potenciais. Esta banalização da masculinidade – corriqueiramente violenta, hierárquica e competitiva – dificulta também o desenvolvimento de amizades consistentes da parte de muitos homens com seus congêneres. Alertei para o curioso fato de que os grupos viris, tão intensamente vigorosos em suas atitudes homofóbicas, freqüentemente apresentam um intenso – embora certamente velado - homoerotismo inconsciente, pois surgem e se desenvolvem como um espaço sócio-cultural em que é permitido que os homens se toquem sem serem considerados homossexuais, como já anunciava Badinter (1993).

Os principais conflitos que dizem respeito às *relações sociais de gênero* parecem convergir a um núcleo comum - o patriarcado – considerado universal por diversos pensadores sociais (por exemplo, Campolim & Lima, 1998; e Lévi-Strauss, 1976; 1981) ou mesmo eterno e necessário (para Lacan, 1960; 1964; 1966). Sem dúvida, o sistema patriarcal ainda impõe atributos e condutas viris como modelos estandardizados do *poder* dominante nos diversos campos sociais. Entretanto, acompanho Badinter (1980; 1986; 1993) em seu argumento de que o *poder sócio-cultural* masculino está crescentemente com os dias contados: o mundo é cada vez mais das mulheres. Destaquei que, nos últimos 30 anos, os estudos sobre o homem vêm registrando que o hegemônico e ilusório ideal viril é não apenas limitante, mas que pode ser mesmo fatal para o próprio *gênero* masculino. Apresentei dados que comprovam a crescente mortalidade masculina no Ocidente, especialmente no século XX, apesar dos enormes avanços nas condições da vida moderna. Desde os anos 70, diversos estudiosos das *relações sociais de gênero* (Farrell, 1974; Feigen-Fasteau, 1980; Jourard, 1971) vêm apontando que:

- os homens são freqüentemente impedidos de vivenciar as mesmas necessidades psicossociais permitidas às mulheres;

- o “homem duro” é submetido a perigos físicos e é induzido a arriscar-se a sofrer acidentes ao praticar esportes, “hobbies” ou mesmo vícios que confirmam os símbolos sócio-culturais da virilidade;
- a obsessão pelo desempenho sexual tem levado alguns homens a uma habitual busca desenfreada e arriscada de prazer que os tem conduzido ao vazio existencial, ou eventualmente a abdicar de sua própria satisfação sexual em prol de sua(s) parceira(s), na tentativa de confirmar à toda prova sua virilidade;
- a ocorrência da violência é comum na vida pessoal e coletiva de muitos homens;
- a competição e o estresse profissionais têm desencadeado sérios problemas de saúde em certos homens, além do comprometimento de sua qualidade de vida;
- ainda é bastante corriqueiro que os homens tenham dificuldade de expressão de seus sentimentos mais íntimos;
- as imposições sócio-culturais de confirmação da virilidade criam uma sensação enganosa de “fortaleza” em muitos homens, mas, ao mesmo tempo, os fragilizam, pois volta e meia são assolados pela dúvida, pela ansiedade, pela angústia e pelo medo de fracassar na tentativa de atingir um padrão ilusório e inatingível;
- alguns homens apresentam comportamentos de violência reativa contra todos aqueles que questionam seu pretenso *poder* masculino, atingindo tanto as mulheres quanto seus filhos e seus congêneres.

Acrescento que o universo do *trabalho*, cada vez mais, vem se tornando um “terreno minado” para muitos homens por conta das ameaças do desemprego, da conquista do mercado de trabalho pelas mulheres e do clima hostil e desgastante, entre outros limites, além do fato de que alguns deles - especialmente aqueles que desenvolvem atividades que denominam de “trabalho de homem” - ainda persistem em considerar seu *trabalho* como seu principal – ou mesmo o único - esteio na vida, abdicando, muitas vezes, das poucas oportunidades de lazer, ou adotando em relação a elas uma atitude culpabilizada. Ou seja, as explicações psicossociológicas que posso deduzir de tais fenômenos apontam para a sobrecarga, o constrangimento e o mal-estar gerados nos homens por conta da assunção dos *papéis sócio-culturais* a eles impostos pelo rígido modelo de homem do patriarcado.

Da mesma forma, creio ser evidente a conclusão de que também os relacionamentos entre homens e mulheres freqüentemente se vêem envolvidos em desconfiança, e, por isto mesmo, são vivenciados com tensão, pois, se muitos homens não conseguem reconhecer seus próprios limites, alguns igualmente resistem a aceitar as crescentes e inegáveis conquistas femininas em vários campos sociais e outros reagem a elas com violência: toda mudança social gera reações e se dá através de avanços e recuos. Assim, alguns homens não têm recebido passivamente tais transformações no *status quo* em que estavam confortavelmente instalados. Penso que as conquistas femininas geraram um clima de mudança sócio-cultural – com freqüência apoiado e incentivado pela mídia - desfavorável aos valores masculinos tradicionais, mas muitas vezes numa perspectiva maniqueísta em que o homem foi igualado e denegrido como o próprio mal e condenado à extinção, assim propiciando uma idealização dos atributos femininos que vem contribuindo para abalar a hegemonia do ideal patriarcal. Desta forma, acrescento que alguns homens ainda se sentem desrespeitados ou ofendidos em sua honra viril por essas recentes e inquietantes cobranças sócio-culturais – especialmente quando provindas de suas companheiras – e, não podendo, não querendo ou não conseguindo atendê-las ou lidar com elas de maneira tranqüila, eventualmente reagem com violência ao questionamento do *poder* masculino que persistem em acreditar que representam, mesmo na contemporaneidade.

Diante de tais considerações, posso afirmar que, apesar de decadente, o *poder* masculino patriarcal ainda continua sistematicamente a desenvolver uma *construção sócio-cultural* opressiva e violadora de muitos homens, que se vêem cindidos e incapacitados de harmonizar sua gênese paterna e materna, masculina e feminina, bem como sua justa necessidade de atividade e de passividade, na medida em que sofrem um processo de *diferenciação de gênero* predominantemente voltado aos atributos viris. Neste sentido, Haroldo descreve algumas situações ocorridas em grupos essencialmente viris:

> *é um ambiente, assim, meio arruaceiro. É um pouco selvagem. Veja bem: nesses dois grupos, existe alguns pressupostos, né? Pressuposto que a gente tá reunido com um objetivo, né? Um era, por exemplo, jogar futebol; depois, a gente saía pra tomar uma cerveja. O outro era só pra*

> *tomar cerveja mesmo, né? Implícito, ali, eu acho que só ia homem, né, e que, por isso, algumas coisas eram permitidas, né? No caso de todos dois, era permitido, assim, fazer abuso, de ter que falar palavrão, como contar histórias sobre mulheres ou de "sacanagem" e conversar sobre o mundo dos negócios. Quer dizer: existe todo um ritual desse tipo de grupo, que tá implícito, né, só de jogar futebol, só de beber cerveja.*

Destaquei a solidão e o sofrimento freqüentemente silenciosos de alguns de meus informantes diante da corriqueira tensão em seu cotidiano, situação que diversos deles têm mesmo dificuldade de perceber ou de admitir. Guilherme, por exemplo, afirma:

> *na convivência mesmo, eu me sinto mais distante de alguns amigos que eu gosto, de que eu gosto muito: gostaria de senti-los mais próximos. Não sei até que ponto, talvez, eu contribua também pra isso. (...) Eu acho bom. Eu sinto falta de não fazê-lo: é bem menos difícil do que com uma mulher. Eu sinto alguma identidade mais com os homens, no sentir mais igual, mais próximo.*

Pude escutar de alguns de meus sujeitos de pesquisa o inquietante mal-estar diante das exigências sócio-culturais no sentido de que assumam e representem unicamente atitudes viris, ousadas e agressivas, com as quais nem sempre ou não mais se identificam. Aqueles entrevistados que vêm se dando conta deste insidioso cerceamento da expressão plena de sua totalidade parecem se esforçar para redefinir uma nova forma de manifestação de sua masculinidade, diferenciando-se da defensividade violenta, misógina e homofóbica do *macho* latino. Entre meus entrevistados, a necessidade de transformação do homem - tendo como suporte as conquistas femininas - é apontada por Renato:

> *eu acho que hoje o homem já pode ter "ferramentas" pra expressar a insegurança ou a não certeza, quando, antigamente, eu acho que isso não existia. Por exemplo: há pouco tempo, meu avô foi querer erguer um botijão de gás; ele já tem 90 anos. Quer dizer: eu acho que é uma mentalidade que, naquela época, não se tinha. Por quê que o homem tem que fazer tudo? Tinha até uma expressão, alguma coisa do tipo "até eu ser capaz de vestir minhas próprias calças": é uma coisa assim. Eu acho que hoje o negócio já está mais "leve", mas essa "virada", a gente ainda vai ter que fazer melhor por causa da revolução feminina. Então, tem que ter uma revolução masculina mais bem estruturada também.*

Poucos homens parecem de fato conformados ou adaptados ao antigo modelo de homem patriarcal, enquanto alguns ainda tentam disfarçar sua dificuldade de aceitação das novas *relações sociais de gênero* que vêm se desenvolvendo mais recentemente, mas terminando por reagir a elas quando se deparam com situações inusitadas e surpreendentes em seu próprio cotidiano.

Apoiei-me para a discussão que desenvolvi aqui sobre a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* na *contemporaneidade* não apenas nos depoimentos que obtive de alguns homens, mas também – embora parcialmente - nas idéias de alguns pensadores sociais, como Nolasco (1993), que denuncia a corriqueira concepção sócio-cultural da inexistência de uma sensibilidade masculina, afirmando que a *subjetividade* sempre foi considerada um atributo das mulheres. Assim, muitos homens parecem ter a percepção de que seus comportamentos são dotados de uma pretensa e inquestionável *objetividade* masculina. Podemos observar no depoimento de José a costumeira tendência sócio-cultural de negar a sensibilidade masculina:

> *o que diferencia um homem de uma mulher, eu entendo assim: mais objetividade, que eu acho que as mulheres são muito vagas, a cabeça delas muito sonhadoras, não têm muito objetivo nas coisas. A única diferença que eu vejo em relação às outras pessoas é que eu sou muito prático e objetivo, e, às vezes, eu me torno frio: agora, por dentro, eu estou extremamente emotivo. E, de tanto eu notar que isso não era bom e me fazia mal, eu fui, com o decorrer do tempo, me condicionando a não ser emotivo porque não é "legal", no meu modo de ver, ser emotivo demais. Agora, qualquer filme triste que eu assisto, tenho que me controlar senão eu choro. Agora, durante todo o decorrer da minha vida - e ainda hoje - eu me esforço para não ser emotivo, para não ser sensível demais, "tipo", assim, "botar uma carapuça", e eu "abro a coisa" quando eu quero, a emoção, quando eu quero. Então, pronto! Eu "fecho" e "morreu": uma "armadura", digamos assim. Eu era tão emotivo, tão tímido, tão "enrolado", que eu fiz uma opção. Aí, eu vi que isso não era "legal". Aí, eu disse: "não, esse negócio aqui não leva a nada. Ser tímido, emotivo, não leva a nada". Então, o que é que tem de ser é ser frio e calculista, estar sempre fora da "panela quente". Isso de você tá "dentro da panela" é difícil de você resolver o problema de dentro do "caldeirão". Então, eu sempre busco fazer o seguinte: o "caldeirão" está sempre com fogo. Em qualquer que seja o "caldeirão", eu estou de fora, olhando, né, assim? É mais fácil se resolver. Mas eu acho que, para a mulher, é muito difícil agir dessa maneira, porque, na minha concepção, é intrínseco dela a emoção, de viver grandes emoções, românticas, grandes amores, essa coisa toda. O homem é mais frio, mais calculista.*

Concordo também com a posição defendida por Campolim & Lima (1998), que consideram que tal objetividade é em grande parte uma falácia que os homens preferem crer na tentativa vã de não se verem questionados em suas posições e decisões, adotando atitudes pragmáticas e racionalizadas que evitam, na verdade, seu envolvimento emocional com as questões e os problemas que de fato vivenciam, como bem demonstram alguns depoimentos que apresentei. Neste sentido, confirmei também entre meus entrevistados algumas das características da *construção sócio-cultural* da *subjetividade* e da *condição masculinas* na *contemporaneidade* conforme apontadas tanto por Tolson (1983) quanto por Nolasco (1993):

- clima de trabalho profissional freqüentemente desqualificador da expressão da individualidade, da singularidade e da *subjetividade* dos homens, como bem o descreve Gilson, que se sentiu cobrado a ser mais agressivo pelo chefe no trabalho:

> *eu tive uma pessoa comigo que me cobrou e que nós não tivemos um desfecho feliz: (...) Eu só não me aposentei amigo dele porque ele era uma pessoa que me cobrava uma atitude mais agressiva e tal, e que, na hora, eu fiquei meio sem ação, mas que, depois, eu achei que ele podia querer, mas não podia exigir porque eu era uma outra pessoa. Aí, eu saí: saí como inimigo*.

- angustiante ausência paterna em seu cotidiano familiar, como apontou Pedro: “ah, meu pai é uma pessoa distante! Meu pai não tinha tempo pra mim e a minha mãe sempre tinha tempo, sempre me dava atenção. Mas, na realidade, a coisa não é tão simples assim porque, na realidade, era meu pai quem tinha que lutar, trabalhar”. Podemos perceber, então, que a ausência paterna - comum na experiência de muitos filhos - costuma provocar a busca de explicações, de justificativas e de racionalizações (geralmente tardias) que têm seu principal fundamento freqüentemente nas pressões sócio-culturais que prioritariamente incidem sobre os homens no que se refere ao *trabalho*, como acrescenta o mesmo Pedro:

> *eu não sei se essa é uma coisa que eu sinto relativamente há pouco tempo pelo fato de que, anteriormente, durante uma boa parte da minha vida, eu vivi na casa de meus pais e, hoje, eu entendo, por exemplo, muitas coisas em relação a meu pai. (...) Pra o homem, é colocado mais isso, essa pressão de que ele tem que “cavar” a luta do dia-a-dia, e, pra mulher, (...) nem tanto.*

- inclusão social através de atitudes autoritárias, competitivas, violentas ou defensivas, o que resulta comumente em resistência, evitação ou dificuldade de manifestação calorosa em situações afetivas. Alguns dos *recortes de falas masculinas* aqui apresentados demonstram a postura freqüentemente defensiva que muitos homens são induzidos a adotar, não apenas diante de seus congêneres, mas também quanto às mulheres, a seus filhos, ou mesmo contra todos: um homem deve estar sempre alerta, não confiar em ninguém – a não ser em si mesmo e em suas capacidades – e vencer sempre por seus próprios méritos. Esta “fabricação de *machos* heróis”, apesar de gerar homens aparentemente fortes, inabaláveis e vencedores, escamoteia as reais necessidades psicossociais e humanas que todos têm direito a experienciar e a expressar.

A partir das considerações de Nolasco (1988), situei historicamente nos anos 70 - e no Brasil na década de 80 - a evolução dos crescentes questionamentos de alguns poucos homens sobre a opressão avassaladora do *poder* sócio-cultural da dominação masculina a eles imposta. Evitando a auto-piedade, mas também não se percebendo incluídos na imagem preconcebida de trogloditas com que uma certa facção do movimento feminista pejorativamente tachava os representantes do *gênero* masculino, alguns homens passaram progressivamente a buscar compreender em suas vidas os elementos pessoais e coletivos que permitissem uma renovada *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* que já não simplesmente espelhasse o modelo de homem do patriarcado, mas que também desse conta dos impasses sócio-culturais que as novas *relações sociais de gênero* vêm sistematicamente requerendo no mundo contemporâneo. Neste contexto histórico, apontei o fato de que alguns textos feministas ainda persistem em descrever genericamente os homens como misóginos opressores das mulheres, adotando posições pautadas na desconfiança, no maniqueísmo e no revanchismo quanto ao *gênero* masculino. Mesmo Almeida (1996), diversas vezes utilizada como um dos suportes teóricos desta tese, reconhece este limite em sua própria pesquisa:

> *a estrutura central dos argumentos que sustentam a análise deste capítulo pode, com razão, soar, pelo menos aparentemente, um tanto ingênua e desavisada, em função da contundência, da carga crítica e da defesa intransigente de certas posições. Numa palavra, a idéia que resume com mais eficácia esta aparente ingenuidade é o tratamento negativo da subjetividade masculina estudada. Ou seja, por vezes concentrei-me, talvez exageradamente, numa perspectiva de contraste negativo desta organização subjetiva relativamente à minha própria subjetividade pessoal, que possivelmente reflete um padrão próprio ao meu gênero (p. 140).*

No mesmo sentido, destaquei que também os eventos científicos sobre as questões de *gênero* têm tratado quase que exclusivamente dos problemas e dos impasses das mulheres, muitas vezes esquecendo e perdendo a importante perspectiva relacional que fundamenta as *relações sociais de gênero*. As ultrapassadas e intolerantes posições radicais de parte do movimento feminista podem ser explicadas pela necessidade de conquista política do espaço social pelas mulheres – como bem demonstrou Perrot (1998) – mas creio que já não se justificam mais em grande parte na medida em que muitos homens buscam um convívio mais harmonioso, digno e justo

com a múltiplas manifestações das *condições de gênero*. Portanto, defendo a posição de que é necessário reconhecer as intensas pressões sócio-culturais a que os homens estão ainda submetidos no sentido de reproduzir o tradicional *poder* patriarcal, mas, por outro lado, também, que muitos deles já não se identificam com meras posições falo-narcísicas arrogantes. Conseqüentemente, tendo a discordar da idéia - quase que consensual assumida por boa parte da mídia - que atribui ao movimento feminista toda a responsabilidade política pelos crescentes questionamentos masculinos sobre sua própria *condição* de *gênero*. Embora claramente evidenciada apenas em tempos mais recentes e inegavelmente alavancada pelas reivindicações políticas das mulheres – mas sendo também uma produção de outras forças sócio-culturais relevantes - a dita *crise da masculinidade* não me parece ser simplesmente uma conseqüência direta da política feminista, pois suas manifestações podem ser encontradas em vários outros momentos históricos anteriores, apesar de politicamente menos intensas. Assim, a partir das indicações de Badinter (1993), apontei no século XVIII o movimento das "preciosas francesas" – que contava também com homens, os tradicionais detentores do *poder* patriarcal - como precursor dos questionamentos sócio-culturais e políticos da masculinidade tanto por parte das futuras feministas quanto dos recentes estudos mais recentes sobre os homens. Embora este movimento tenha provocado questionamentos circunscritos apenas à elite sócio-econômica da Inglaterra e da França, certamente plantou sementes que se desenvolveram mais evidentemente durante a modernidade vienense do final do século XIX, quando, por sua vez, reconhecidamente surgiram novas concepções de homem, de sujeito e de indivíduo, as conseqüentes discussões sobre a *condição sócio-cultural de gênero* e uma verdadeira *crise do masculino*, como caracteriza Le Rider (1993). Neste processo de reconhecimento das crises da masculinidade no mundo moderno, pude apontar, a partir de Messeder (1983), manifestações da transformação sócio-cultural da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* nos movimentos de contracultura, especialmente entre os "hippies", que buscavam, já nos anos 60, diluir a rígida separação dos *papéis* sexuais e sociais de homens e mulheres. Assim, concluo, tomando as próprias considerações de Le Rider, que tanto o movimento feminista quanto os estudos "masculinistas" são

ambos produções sócio-culturais das transformações não apenas das *relações sociais de gênero*, mas principalmente provocadas por uma crise do individualismo vigente na modernidade. Entretanto, creio que esta dita *crise da masculinidade* não signifique simplesmente que os homens venham se sentindo “menos homens”, pois todos os meus entrevistados afirmaram que se sentem satisfeitos com o fato de *serem homens*, parecendo muito mais vivenciar as transformações inquietantes de um momento histórico cujas transições sócio-culturais têm levado – homens e mulheres - a buscar alternativas mais autênticas e justas de viver e de conviver com sua diversidade subjetiva.

A maior parte dos homens que entrevistei define *ser homem* a partir de fundamentos biológicos, numa perspectiva naturalista bastante comum, como apontei nesta tese. No entanto, creio que sua compreensão da própria masculinidade não se reduz a critérios meramente anatômicos que distingam homens e mulheres – como faz pensar Nolasco (1988) - posto que muitos deles terminam por considerar e reconhecer a interferência dos condicionantes sócio-culturais nas relações de *gênero*.

Da mesma forma, acho questionáveis as posições do mesmo Nolasco (1993) e de Tolson (1983), que destacam unicamente a desconfiança, o constrangimento, o mal-estar e o temor mútuos nas relações sociais e afetivas entre os homens. Não percebi este “clima” nos contatos com meus entrevistados. De fato, os grupos viris estabelecem rituais que nem sempre favorecem os contatos interpessoais entre seus participantes, e, sem dúvida, não são uma panacéia para todos os entraves dos relacionamentos entre os congêneres masculinos, mas constituem espaços sociais potencialmente criativos dos vínculos íntimos na medida em que os próprios homens se permitam romper com os rígidos padrões sócio-culturais impostos pelo sistema patriarcal. Creio mesmo que tais espaços exclusivamente viris, apesar de suas inegáveis limitações, devem provavelmente continuar a existir pelo menos até quando os homens tenham aprendido a lidar melhor com sua própria intimidade e com o contato afetivo com outros homens.

Retomando a história dos questionamentos masculinos sobre a *condição* viril, situei nos Estados Unidos, nos anos 70, os primeiros ensaios de um movimento sócio-

cultural mais amplo nesta direção, quando alguns homens passaram a se indagar se a *violência* masculina não seria produto das agressões sofridas em seus primeiros anos, levando-os à apatia diante de sua própria *subjetividade*, de seus sentimentos afetivos e de seus *papéis* sócio-culturais. Reavaliando o modelo viril de inserção social, surgiram vários "grupos de homens" que buscavam refletir e "humanizar" o cotidiano masculino. Como discuti anteriormente, tais grupos são herdeiros da modernidade vienense do século XIX em sua vertente individualista (Le Rider, printemps-été 1984; 1993), crítica à ideologia "machista" e em grande parte solidária às reivindicações do movimento feminista, reconhecendo a interferência da *subjetividade* nos comportamentos humanos em sociedade. Neste contexto, apontei as idéias da existência do *inconsciente* conforme Freud (1905 [1972]; 1908 [1976]; 1925 [1976]; 1929-1930 [1974]; 1940 [1938] [1975]), de uma *evolução criadora* fundamentada em Bergson (1979) e principalmente a concepção regeneradora da *filosofia da vida* de Nietzsche (1881-1882 [1967]; 1990) como os princípios fundadores e norteadores desses grupos, que questionavam a compreensão da *condição* e da *subjetividade masculinas* a partir de representações cartesianas, racionalistas e iluministas e em rígidas noções de autoridade e de tradição. Tais grupos assumiram a tarefa de desenvolver uma linguagem mais expressiva das emoções dos homens sem necessariamente incorporar a tradicional violência masculina em suas *relações sociais de gênero*, bem como revendo sua dificuldade de envolvimento com a função paterna.

Apontei que estudos mais sistemáticos, progressivamente consistentes e em vários enfoques teóricos sobre a *condição* e a *subjetividade masculina*s têm surgido nos últimos anos, denunciando o hegemônico *papel sócio-cultural* dos homens nas guerras, nas políticas de dominação, nos problemas de trabalho, nos distúrbios inter-raciais e nos conflitos entre os *gêneros*, constatando que muitos homens freqüentemente conquistam sua independência à custa de sua própria desumanização, renunciando a seus afetos e enfrentando uma extrema solidão. A partir da consulta à crescente literatura sobre a masculinidade e por conta dos depoimentos que obtive, concluo que ainda é comum que os homens vivam uma rotina padronizada e entediante em seus relacionamentos afetivos e em suas atividades profissionais, a maioria sofrendo com a

ausência paterna em seu cotidiano familiar (Goldberg, 1994). Penso que os grupos de homens possibilitaram um primeiro movimento de reação mais sistematizada advinda dos próprios homens contra tal modelo sócio-cultural, permitindo compreender como o patriarcado sacramentou o casamento heterossexual, rejeitando todas as múltiplas alternativas de relacionamento entre os *gêneros* (Dupuis, 1989). Concluo também que os tradicionais valores patriarcais estimulam, reforçam e sustentam a *violência* masculina, sua ameaça freqüente favorecendo o distanciamento e as limitações afetivas de muitos homens. A estereotipia do modelo de *macho* do patriarcado ainda dicotomiza rigidamente a percepção de mundo e de homem da maioria deles através de inúmeras cisões - masculino *versus* feminino, atividade *versus* passividade, dever *versus* prazer, controle excessivo *versus* indiferença ou negligência e dependência *versus* auto-suficiência – impedindo a manifestação da ampla diversidade da *subjetividade masculina* e fazendo muitos crerem que *ser homem* significa apenas confirmar uma essência pronta e acabada a partir de regras preestabelecidas: jamais expressar emoções ou se envolver afetivamente; ser sempre o melhor de todos; competir constantemente; manifestar freqüentemente sua fortaleza inexpugnável; e nunca desistir ou mostrar fraqueza (Nolasco, 1993).

Acredito que os grupos de homens e os estudos “masculinistas” representam um passo significativo nas recentes transformações sócio-culturais que as *relações sociais de gênero* vêm sofrendo. Entretanto, ainda persiste uma clara diferenciação de *gênero* na educação e nas expectativas dos pais em relação a seus filhos e filhas, o que confirma o argumento de muitos pensadores sociais (Adler, s.d.; Ariès, 1981; Foucault, 1976; 1979) de que as *relações sociais de gênero* são sempre relações de *poder*. Partindo das considerações de Foucault (1976), pude compreender porque sempre e ainda hoje os homens são tão estimulados a supervalorizar e a exibir sua sexualidade, reproduzindo um modelo sócio-cultural predeterminado e não expressando de fato sua *subjetividade*, que passa a ser considerada “coisa de mulher”. Alguns de meus entrevistados reconheceram seu constrangimento com o hábito masculino ainda comum – ao qual alguns tiveram que aderir - de relatar suas proezas sexuais em busca do reconhecimento de seus congêneres e de sua própria (re)afirmação como *homens*

de fato. Assim, pude confirmar através de diversos depoimentos masculinos que obtive as impressões de pensadores sociais (Falconnet & Lefaucheur, 1975; 1977; Goldberg, 1994; Tolson, 1983) que argumentam que, juntamente com seu trabalho profissional, é a sua vasta experiência sexual que ainda em grande parte atribui sucesso e reconhecimento sócio-culturais a um homem.

Nesse mesmo contexto, apontei o fenômeno sócio-cultural da confusão crescentemente perceptível em que vivem muitos homens. A rigidez dos *papéis* masculinos engendrados pelo patriarcado já não assegura o homem dos tempos atuais, pois *ser homem*, hoje, significa lidar com a grande diversidade das manifestações possíveis da masculinidade e das *relações sociais de gênero*. Como anunciei antes, o fato de tal confusão entre os homens se mostrar progressivamente mais visível parece revelar uma verdadeira *crise da masculinidade* – o que os deixaria em dúvida quanto à sua *condição* e à sua *subjetividade masculina*s – o que é, certamente, mais uma comprovação do declínio dos valores patriarcais e o conseqüente e necessário advento de um momento histórico transicional para renovadas formas de relacionamento dos indivíduos do *gênero* masculino consigo mesmos, com seus congêneres, com as mulheres, com a paternidade responsável e participante e também com seu trabalho profissional. Expus como alguns pensadores sociais (Muszkat, 1994; Ruitenbeek, 1969; Tucker & Money, 1975) descrevem e explicam a gestação desta pretensa *crise da masculinidade*, a maioria apontando os problemas de *identificação* de muitos homens de hoje com a figura paterna. Sem recusar o valor inegável dessas considerações psicológicas, destaco que tal processo de transição sócio-cultural representa um momento histórico decisivo, em que a masculinidade atual necessita eleger múltiplas e mais versáteis manifestações, suscitando o crescimento pessoal e interpessoal, a recuperação da vida em sociedade e uma nova *diferenciação de gênero* (Erikson, 1975) para além dos rígidos modelos de homem e de *poder* patriarcais e de seus ritos institucionais de virilização (Bourdieu, 1982/1990; sep. 1990; Castoriadis, 1995; Clastres, 1974; Moore & Gillette, 1993).

Demonstrei a partir de Figueiredo (1992) que a gênese do pensamento ocidental na modernidade pode ser considerada o motor originário das progressivas

transformações históricas, político-econômicas e sócio-culturais da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* que continuamos a perceber na contemporaneidade. A noção de *individualidade*, gestada desde os séculos XV e XVI, provocou uma valorização sócio-cultural da *diferença* e da *singularidade*, mas também encetou o receio da perda das diversas *identidades*, particularmente no que se refere à *condição* e à *subjetividade masculinas*, plenamente dominantes por conta do *poder* patriarcal. Os contatos da civilização européia com as terras recém-descobertas favoreceram não apenas o reconhecimento de diferenças sócio-culturais entre os povos, mas incitaram uma *diferenciação de gênero* nos campos sociais, através da qual o espaço privado foi relegado às mulheres, enquanto os homens controlavam o espaço público em suas diversas áreas. Desta forma, tal concepção polarizada - pautada em critérios sócio-biológicos - interferiu também na compreensão das diferenças sexuais e sociais entre os *gêneros* (Costa, 1992; Laqueur, 1990; 1992), que passaram a ser entendidos como descontínuos e opostos desde o século XIX, fundamentando a idéia da *superioridade* e da *dominação masculinas*. Apontei igualmente as profundas transformações sócio-culturais dos valores patriarcais no seio da família neste mesmo período histórico, especialmente a partir da Revolução Industrial, quando não apenas os homens, mas também e progressivamente as mulheres passaram a garantir o sustento da família através do trabalho profissional fora de casa, favorecendo sua independência e autonomia, bem como o questionamento e a *desconstrução* da tradicional e dominante autoridade patriarcal. Até então, o trabalho profissional dos homens e a domesticidade das mulheres eram os principais “divisores de águas” da *diferenciação de gênero*. Assim, mesmo sem abdicar totalmente de sua prioritária função de segurança emocional dos filhos, a família do século XX – especialmente na sua última metade - viu não apenas sua estrutura ser reduzida a um núcleo mínimo ou a modalidades extremamente diversificadas (L’Année Sociologique, 1987; Le Monde de l’Éducation, 1994), mas também deparou-se com a proliferação de outras instituições dedicadas à socialização, à educação e à profissionalização de seus filhos e o crescente questionamento dos apartados *papéis sócio-culturais* de homens e mulheres, engendrados por meio da família patriarcal (Lasch, 1983; 1986; 1991). Portanto,

considerando as intensas mudanças apontadas acima, penso que a secular hegemonia viril vem arrefecendo paulatina e significativamente desde a segunda metade do século XX, apesar da ainda persistente manutenção de inúmeras contradições sócio-culturais, especialmente em nosso meio.

A partir das considerações de Badinter (1993), critiquei algumas propostas de "solução" da referida *crise da masculinidade* contemporânea, pois são, na verdade, um investimento inútil e excludente num "resgate" de uma virilidade idealizada e incompatível com os tempos atuais. Adoto também a explicação da psicanalista quanto à lentidão masculina na conquista de uma tranqüila e humanizada reconciliação consigo mesmos, com as mulheres, com outros homens, com a função paterna e com seu trabalho profissional, pois as mulheres há muito mais tempo tentam integrar com prazer esses diversos *papéis sócio-culturais*. Creio que, neste momento histórico de transição da *condição* e da *subjetividade masculinas* para formas e manifestações mais flexíveis, as mulheres precisarão de boa dose de paciência e de tolerância com as vacilações e inseguranças de muitos homens confusos e ainda em dúvida quanto ao encantamento do ilusório *poder* viril patriarcal.

Baseado em Bourdieu (1982/1990; 1986; 1988; 1989; 1990; sep. 1990; 1992; 1994; [dir.] [décembre 1994]; 1998; *et al.*, 1988), Foucault (1976; 1977; 1979; 1985; 1990) e outros importantes pensadores sociais, questionei as concepções do essencialismo sexual - pautado na *diferença natural* dos *gêneros* – adotando as idéias do *construtivismo sócio-histórico* ou *cultural*, que entende os desejos humanos não apenas como meras necessidades biológicas, mas como *construções* elaboradas através de práticas sócio-culturais historicamente determinadas. As diversas instituições sociais favorecem a criação de modelos ou padrões que tendem a cristalizar a *diversidade* das *condições de gênero* e a *subjetividade* das pessoas, que podem incorporar manifestações rígidas ou estereotipadas. Interessado em analisar e discutir a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* em *Fortaleza* na *contemporaneidade*, apoiei-me em diversos aliados teóricos das ciências humanas e sociais – principalmente da psicologia, da psicanálise, da sociologia e da antropologia – entendendo-as como aquelas que mais sistematicamente vêm contribuindo com as

investigações mais voltadas à compreensão do *gênero masculino*. Entretanto, entendendo que a formação da sociedade brasileira engendrou em seus concidadãos – particularmente entre os membros provenientes das classes médias, como são meus entrevistados - uma peculiar percepção freqüentemente indiferenciada e híbrida dos espaços privados e públicos, pessoais e impessoais, julguei necessário incluir também entre meus aliados teóricos alguns dos principais representantes da sociologia clássica brasileira, posto que analisam e interpretam importantes aspectos sócio-culturais da formação da família patriarcal e da herança colonial de nosso povo. Neste sentido, desenvolvi um *enfoque psicossocial* – pois transcende os limites de uma interpretação meramente psicológica, mas que também a abrange - da *construção* da *subjetividade* e da *condição masculinas* em *Fortaleza* na *contemporaneidade*, elaborado por meio de uma pesquisa que reconhece tanto os aspectos sócio-culturais quanto relacionais e projetivos do pesquisador e de seus sujeitos, bem como a necessária inclusão da *subjetividade* (Almeida, 1996; Figueira, 1991) entre os objetos da investigação sociológica.

Entre vários representantes da sociologia clássica brasileira, destaquei a contribuição de Freyre (1936; 1961), que descreve e analisa a influência da figura emblemática do senhor de engenho na constituição da família patriarcal e no imaginário dos brasileiros, ainda hoje servindo como modelo de conduta, particularmente para os homens. Tal ideologia patriarcal desenvolveu uma estruturação subjetiva peculiar à sociedade brasileira e pouco compreensível aos estrangeiros, mas que permite que o nosso “homem cordial” justaponha gentileza e postura pacífica aparentes em seus contatos sociais com uma intrigante alienação de sua própria *subjetividade* a serviço da evitação de sua sensibilidade mais íntima. Mesmo nos dias de hoje, muitos homens ainda costumam assumir posturas de auto-suficiência e de objetividade superficiais freqüentemente associadas ao exagero da espontaneidade interpessoal, oscilando entre a dificuldade de conviver consigo mesmos e com os outros, como demonstram os típicos contatos masculinos em algumas festas e reuniões da classe média de Fortaleza. A corriqueira apartação de homens e mulheres nestes eventos sociais também revela a ainda dominante tendência masculina a justificar a *diferenciação* dos

papéis sócio-culturais atribuídos a ambos os *gêneros* a partir de concepções *naturais* incorporadas através dos valores patriarcais. Discuti também a análise sociológica desenvolvida por Candido (*in*: Smith, 1951), pois acrescenta alguns elementos importantes às considerações anteriormente elaboradas por Freyre para a compreensão da *subjetividade* do homem brasileiro. A partir das idéias de Candido, apontei como a família patriarcal brasileira engendrou na *subjetividade* de seus membros do *gênero* masculino um padrão moral duplo que permite que alguns homens dicotomizem sua vida familiar - com a esposa e os filhos, de um lado - e suas necessidades afetivo-sexuais – fortuita ou constantemente vividas com a(s) amante(s) ou mesmo com amigas, de outro – o que parece ser prototípico dos resquícios das atitudes incorporada do grande patriarca brasileiro.

Além disso, para muitos homens, mesmo entre os mais jovens, ainda é extremamente constrangedor reconhecer sua inexperiência sexual, apesar do discurso familiar "oficial" ser aparentemente a favor da castidade. A denúncia de Buarque de Holanda (1984) da proliferação de uma "cultura da personalidade" entre os brasileiros também permitiu explicar a corriqueira manifestação da independência masculina a partir de um "individualismo radical" originado em nossa herança colonial ibérica, posto que impede o reconhecimento de princípios comuns que integrem a sociedade brasileira em torno de ideais solidários.

Utilizei em parte as idéias de Almeida (1996) como um contraponto crítico ou uma espécie de interlocução de minha discussão da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* do homem brasileiro – particularmente o fortalezense - na *contemporaneidade*. Acompanhei os argumentos da socióloga e cientista política na medida em que atribui a costumeira retórica de nossos homens sobre a sexualidade a uma incorporação de valores utilitaristas e "predatórios" herdados das figuras arquetípicas patriarcais e aparentes nas atitudes e no imaginário masculinos no que se refere não apenas à mulher, mas também a tudo aquilo que considera sua propriedade e que deve estar disponível à sua vontade. Reconheço que tais idéias da pensadora social em grande parte ainda fazem sentido, mas penso, no entanto, que não levam em conta as mais recentes transformações sócio-culturais da *subjetividade* e da *condição*

masculinas, especialmente quanto à preocupação e ao cuidado de alguns homens com as necessidades sexuais de suas parceiras, o que de fato não ocorria com a maioria dos herdeiros mais diretos do patriarcado.

Apontei diversas hipóteses de cientistas sociais que explicam o fenômeno sócio-cultural historicamente universal da *dominação masculina*, como o fato de os homens *construírem* a sociedade material e simbolicamente através das mulheres (Balandier, 1974); a necessidade de especializações técnicas na produção de diferentes alimentos (Lévi-Strauss, 1976); ou a importância sócio-econômica da caça para garantir a sobrevivência (Meillasoux, 1976). Em minha discussão, registrei a denúncia de Balandier (1974) de que tal dicotomia sócio-cultural prejudicou sempre as mulheres, que assumiram as tarefas e as funções menos qualificadas e mais desagradáveis e receberam os menores salários, além de não contar com a devida representação nas empresas e na política, apesar de freqüentemente terem instrução superior à dos homens. Além destas explicações sociologicamente coerentes, destaquei a posição de Enriquez (1991), que as amplia, incluindo também interpretações do imaginário e dos mitos sócio-culturais a partir da psicanálise em sua discussão da dominação viril. As considerações do sociólogo e psicanalista partem de recentes investigações nas áreas biomédicas (Sherfey, 1978; Viderman, 1975) que demonstram a origem filogenética feminina dos seres humanos - como também anunciei em outro ponto desta tese (Jost *in*: Sullerot [ed.], 1978) - para explicar como um fenômeno estruturante da ordem em todas as sociedades engendra a ocorrência de mitos e comportamentos masculinos que associam a mulher ao mal. Isto justificaria também a maior carga de trabalho das mulheres, inclusive porque, além das tarefas fora de casa, devem - quase sempre sozinhas ou com outras mulheres, aparentadas ou contratadas - dar conta das desgastantes, desprestigiadas e repetitivas atividades domésticas (Farias, 1983). Entretanto, questionei algumas idéias do eminente pensador social, que atribui a progressiva assunção de algumas profissões assistenciais pelas mulheres no século XX menos às conquistas femininas, mas principalmente à desvalorização destas ocupações, associadas à peculiar “intuição” do *gênero* feminino, embora alegue que tal situação de dominação não se deva apenas à vontade dos homens, porém à introjeção

da dominante ideologia patriarcal masculina também pelas mulheres. As mulheres tenderiam a utilizar sua ameaçadora, sedutora e carinhosa “histeria” como um sutil *poder* feminino sobre os homens, renunciando ao espaço social público para se dedicar ao espaço privado da família e aceitando posições subordinadas em suas atividades profissionais, pois seriam essencialmente contra o *poder*, vinculado à força e à violência masculinas. Argumentei que suas alegações desconsideram a existência factual de um *poder* feminino que é exercido eficientemente em vários campos sociais e desenvolvido mesmo como um mecanismo de resistência saudável à dominação patriarcal masculina. Neste sentido, o auto-conhecimento e o domínio das sutilezas da *subjetividade* têm permitido às mulheres o exercício de um verdadeiro *poder* – por que não dizer *político*? – em vários contextos *sócio-culturais* e particularmente nas *relações sociais de gênero*, o que muito tem confundido os homens de hoje. Embora as considerações de Enriquez reforcem minha tese de “manutenção de um mínimo *poder* feminino” no espaço doméstico, não penso que as mulheres estejam desinteressadas do que ocorre em sociedade, muito pelo contrário: suas limitações no espaço público devem-se muito mais às resistências masculinas a permitir-lhes acesso igualitário ao trabalho profissional e às instâncias de *poder sócio-cultural* e também ao quase inevitável cuidado com a casa e com os filhos, função que ainda poucos homens se dispõem a assumir. São inúmeros os exemplos de mulheres que se mostram extremamente habilidosas para exercer suas funções domésticas e, ao mesmo tempo, para desenvolver suas tarefas profissionais, criando mesmo formas alternativas de administração da coisa pública e diferenciando-se do tradicional exercício do *poder* patriarcal masculino.

Voltei a acompanhar as idéias de Enriquez (1991) quanto às traumáticas conseqüências sócio-econômicas da globalização neo-liberal contemporânea sobre as *relações sociais de gênero*, particularmente no que se refere à importância do *trabalho profissional* na *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*. O desemprego crescente no novo contexto da economia mundial persiste sendo um fantasma que aterroriza muitos homens, mas eles freqüentemente ainda resistem a assumir atividades profissionais relacionadas às tarefas femininas por considerá-las

degradantes. Endosso também a conclusão do psicanalista de que a *dominação masculina* no patriarcado gerou sérios problemas para o próprio homem, pois *diferenciou* rigidamente os *gêneros* e inibiu a *construção* de uma sociedade mais equânime e expressiva da *diversidade* intersubjetiva das *relações sociais de gênero* que hoje apenas conseguimos vislumbrar. Da mesma forma, segui suas considerações sobre o exercício da *paternidade* no patriarcado, que se tornou uma *condição* de reconhecimento dos homens como indivíduos e cidadãos adultos, gerando relacionamentos freqüentemente violentos devido à função paterna dominante e ao *papel sócio-cultural* do pai como provedor da família e como "iniciador" da *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* de seus filhos através de *ritos de instituições* (Bourdieu, 1982/1990) claramente definidos. Destaquei, a partir das indicações de Ariès (1981), o progressivo reconhecimento sócio-cultural dos direitos humanos da criança durante o século XX, o que gerou conflitos e impasses à manutenção da tradicional família patriarcal por conta do crescente questionamento do modelo de iniciação viril de seus filhos e da emergência de uma nova proposta educativa, que exigia mais compreensão, atenção, cuidado e acompanhamento das necessidades das crianças, favorecendo com que muitos pais renunciassem à sua função de autoridade em prol da escola, dos grupos de pares e dos meios de comunicação de massa. Expus o argumento de Mead (1963; 1966; 1971) de que tais intensas transformações sócio-culturais da família se deveriam à própria evolução das relações entre pais e filhos, o que teria propiciado uma inversão de valores nas sociedades contemporâneas e o desenvolvimento de um novo modelo pré-figurativo familiar e cultural, em que os jovens também ensinam aos adultos. Descrevi as restrições às idéias de Mead por parte de Enriquez, que alega que nenhuma sociedade ou cultura conseguiu resolver adequadamente o problema da interdição da lei paterna e do conseqüente *poder* patriarcal viril, afirmando que a *dominação masculina* ainda persistirá durante bastante tempo. Entretanto, ouso argumentar que os modelos patriarcais de família, de paternidade e de *macho* (com sua reconhecida violência iniciática virilizante dos homens e contra as mulheres), apesar de algumas de suas inegáveis manifestações ainda serem perceptíveis na contemporaneidade, estão com os dias contados. Minha

afirmativa – otimista, sem dúvida, mas fundamentada em observações que discuti ao longo desta tese - se baseia nas transformações sócio-culturais ocorridas nas *relações sociais de gênero* ao longo da história da humanidade e especialmente no século XX, permitindo-me concluir que o patriarcado já não detém o mesmo hegemônico *poder de dominação viril* no mundo contemporâneo que outrora costumava impor a homens e mulheres, e que, se ainda mantém seus insidiosos tentáculos ativos em muitos contextos da vida humana, deve progressivamente ser amortecido até sua mais provável minimização ou sua desejável desintegração.

Se ouso fazer alguma conjetura acerca do possível destino da *subjetividade* e da *condição masculinas* nos tempos vindouros, creio ser seguro afirmar que os homens já não são os mesmos e que *ser homem* vem se transformando ao longo do tempo. Assim, acredito também que o caráter violento do *macho* humano sofre as mudanças que a sociedade e a cultura vêm absorvendo, pois nenhuma violência - mesmo simbólica - se mantém de forma duradoura e eficaz se as regras que ela sanciona instituem relações arbitrárias que favoreçam sistematicamente uma parte em prejuízo da outra, como bem afirmam Boudon & Bourricaud (1993). Se podemos entender que o homem violento dos tempos atuais é em parte uma tentativa desesperada de reassumir um suposto *poder sócio-cultural masculino*, esta mesma tentativa parece ser vã na medida em que busca se impor através de atitudes destrutivas dos elos que unem os indivíduos, podendo inibir a manifestação da polissemia e da diversidade dos seres humanos. Apontei que Badinter (1993) parece crer que a masculinidade contemporânea se distinga bastante da virilidade do sistema patriarcal, pois é sutil, múltipla e necessariamente associada à feminilidade, num tipo de *androginia*, composto de elementos femininos e masculinos. Para esta psicanalista, a masculinidade do futuro manteria sua fragilidade e sua força, não sendo o resultado de uma brusca ruptura com o universo feminino, conduzido por estranhos, mas o produto da participação paterna desde o nascimento de seus filhos. Entretanto, não me parece muito seguro que os homens se tornem integrados e que desenvolvam sua própria *condição de gênero* de forma consistente e reconhecida por si mesmos na contemporaneidade, pelo menos em tão rapidamente quanto seria desejável, pois tudo depende de uma transformação das

relações sociais, da sociedade e da cultura através de vivências mais democráticas, justas e harmoniosas, que ainda estamos longe de concretizar. Para Bourdieu (sep. 1990),

> *só uma ação coletiva visando a organizar uma luta simbólica capaz de colocar em questão praticamente todos os pressupostos tácitos da visão falo-narcísica do mundo pode determinar a ruptura do acordo imediato entre as estruturas incorporadas e as objetivadas que é a condição de uma verdadeira conversão coletiva das estruturas mentais, não somente entre os membros do sexo dominado, mas também entre os membros do sexo dominante, que não podem contribuir com a libertação senão libertando-se do privilégio-armadilha* (p. 30).

Neste sentido, sigo a idéia originária de Falconnet & Lefaucheur (1979), acreditando que, apenas de forma democratizante, homens e mulheres se uniriam com a meta de evitar a alienação dos *papéis sócio-culturais* masculinos e femininos conforme a configuração atual, criando uma nova sociabilidade, sabedores de que pouco adianta inverter ou mesmo igualar os papéis sexuais, sociais, familiares e profissionais de acordo com os interesses do Estado e do lucro, sem levar em conta os reais interesses das pessoas. Para finalizar, relembro que, para que este ideal possa vir a acontecer, faz-se necessário o enfrentamento de alguns temas incômodos nos modelos de homem e de *poder sócio-cultural* patriarcais ainda vigentes:

- muitos homens ainda necessitam constantemente demonstrar capacidade e força;
- a expressão de sentimentos pelos homens continua limitada;
- muitos permanecem dirigindo suas vidas para áreas competitivas;
- inúmeros deles ainda mantêm a função de servidores e de provedores da família;
- suas ocupações ainda se voltam com freqüência para “questões sérias”, como o trabalho, a política e a economia;
- em conseqüência, o contato sensível com a natureza, com os amigos, com as mulheres e com os filhos tende a se perder;
- finalmente, permanece sobre os homens a proibição de não saber, de não poder, de não equivocar-se e de não fracassar.

Acredito que, enquanto persistirem perspectivas sexistas unilaterais que subdividam as atividades humanas e as *relações sociais de gênero* em atividades masculinas *ou* femininas, a *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas* permanecerá confusa e a eventual reação violenta dos homens diante das mudanças

pessoais e sócio-culturais continuará sendo um inquietante elemento de desestruturação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda & SALAS, Eduardo J. **A paternidade**: um enfoque psicanalítico. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ADLER, Alfred. **L'education des enfants**. Paris: Payot, s.d.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/feminino**: tensão insolúvel. Sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AMATUZZI, Mauro Martins. **O resgate da fala autêntica**. Campinas (SP): Papirus, 1989.

_____. O que é ouvir. **Estudos de Psicologia**. v. ?, n. 2, p. 86-97, ago.-dez. 1990.

_____. Etapas do processo terapêutico: um estudo exploratório. **Psicologia**: **Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 9, n. 1, p. 1-21, 1993.

_____. A investigação do humano: um debate. **Estudos de Psicologia**. v. 11, n. 3, p. 73-77, 1994.

_____. Descrevendo processos pessoais. **Estudos de Psicologia**. v. 12, n. 1, p. 65-79, 1995.

_____. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. v. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.

AMORIM, Mirtes Mirian. **Labirintos da autonomia**: a utopia socialista e o imaginário em Castoriadis. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CEARÁ (1994). Fortaleza: IPLANCE - Fundação Instituto de Planejamento do Ceará, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Livros I e II. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Os Pensadores.

ASTRACHAN, Anthony. **Como os homens sentem**: sua reação às reivindicações femininas de igualdade e poder. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

BADINTER, Elisabeth. **O amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Um é o outro**: as relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BALANDIER, Georges. **Anthropo-logiques**. Paris: PUF, 1974.

_____. **Homens e mulheres ou a metade perigosa***.* Antropológicas. São Paulo: Cultrix/Ed. Universidade de São Paulo, p. 19-66, 1976.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BÉJIN, André & GUADILLA, Naty Garcia. Sept théses erronées sur le machisme Latino-Américain. **Cahiers internationaux de sociologie**: le sexuel. v. LXXVI. Número Spécial. Paris: Presses Universitaires de France, p. 21-28, janvier-juin 1984.

BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. Glencoe, Illinois: Free Press, 1952.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BERGSON, Henri. **Cartas, conferências e outros escritos***.* São Paulo: Abril Cultural, 1979. Os Pensadores.

BERTAUX, Daniel. **Les récits de vie***:* perspective ethnosociologique. Paris: Éditions Nathan, 1997.

BLY, Robert. **Iron John**. Addison-Wesley Publishing Co, 1990.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. **O processo de cooperação na psicoterapia de grupo em gestalt-terapia**. Fortaleza: Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Ceará, 1992.

_____. Violência e masculinidade *in*: BARREIRA, César & LINS, Daniel (orgs.) **Poder e violência**. Fortaleza: Edições UFC, p. 63-78, 1996.

BOUDON, Raymond & BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Rites de institution. Language and symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, p. 117-126, 1982/1990.

_____. L'Illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. n. 62-63, p. 69-72, 1986.

_____. O sentimento da honra na sociedade cabília *in:* PERISTIANY, J. G. **Honra e vergonha**: valores das sociedades mediterrânicas. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 159-195, 1988.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. La domination masculine. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. n. 84, p. 2-31, sep. 1990.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. L'économie des biens symboliques *in*: **Raisons pratiques**: sur la théorie de l'action. Paris: Éditions du Seuil, p. 177-213, 1994.

_____ (dir.). Stratégies de reproduction et modes de domination *in*: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. n. 105, p. 3-12, décembre 1994.

_____. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada *in*: LINS, Daniel (org.) **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, p. 11-27, 1998.

_____, CHAMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean-Claude. **El oficio de sociologo**. 11. ed. México (DF)/Madrid/Buenos Aires/Bogota (DE): Siglo Veintiuno Editores, 1988.

BRANDÃO, Junito de Souza. Introdução ao mito dos heróis *in*: **Mitologia grega**. v. III. Petrópolis: Vozes, p. 15-71, 1977.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

BURGUER, Hermann. **La mère artificielle**. Fayard, 1982 (1985).

CALLIGARIS, Contardo. À escuta do sintoma social *in*: ROPA, Daniela (coord.) **Anuário Brasileiro de Psicanálise**: o mal-estar na sexualidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 11-22, 1992-1993.

CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Dados. Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: IUPERJ/Campus, v. 27, n. 1, p. 5-28, 1984.

CAMPOLIM, Silvia & LIMA, Luiz Tenório O. **Enquanto as mulheres mandam, os homens fazem o que têm vontade**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.

CANDIDO, Antonio. The Brazilian family *in:* SMITH, T. Lynn. **Brazil**: portrait of a half continent. New York: Dryden Press, p. 291-312, 1951.

CANETTI, Elias. **A língua absolvida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CHABOT, Marc. **Genre masculin, genre flou***.* Des hommes et du masculin. BIEF/Presses Universitaires de Lyon, p. 177-191, 1er trim. 1992.

CHESLER, Phyllis. **La mâle donne**. Ed. des Femmes, 1983.

CLASTRES, P. **La societé contre l'Etat**. Ed. de Minuit, 1974.

COLLANGE, Christiane. **Como vão os homens?** São Paulo: DIFEL, 1982.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**: o que aconteceu com os homens? 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Paternidade e masculinidade *in*: NOLASCO, Sócrates (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 43-52, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício***:* estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRESWELL, J.. Five qualitative traditions of inquiry *in*: **Qualitative inquiry and research design**: choosing among five traditions. Thousand Oak: Sage, p. 47-72, 1998.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

DERRIDA, Jacques. **Salvo o nome***.* Campinas: Papirus, 1995.

DEVOR, Holly. **Gender blending**: confronting the limits of duality. Indiana University Press, 1989.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DORIN, E. **Dicionário de psicologia**: abrangendo terminologia de ciências correlatas. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DUBY, Georges. **Mâle moyen age***.* Paris: Champs/Flammarion, 1990.

DUMAS, Didier. **La sexualité masculine**. Paris: Albin Michel, 1990.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai**: uma história da paternidade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EISENBERG, Léon. La répartition différentielle des troubles psychiques selon le sexe *in:* SULLEROT, Eveline (ed.) **Le fait féminin**. Fayard, p. 313-327, 1978.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade e privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1884 (1981).

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**: psicanálise e vínculo social. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **Identity and life cycle**. New York: Norton & Co, 1980.

FALCONNET, Georges & LEFAUCHEUR, Nadine. **La fabrication des mâles**. 2. éd. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

_____. **A fabricação dos machos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FARIAS, Zayra Ary. **Domesticidade**: cativeiro feminino? Rio de Janeiro: Achiamé/CMB (Centro da Mulher Brasileira), 1983.

FARRELL, Warren. **The liberated man**. New York: Random House, 1974.

_____. **Por que os homens são como são**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

FATELA, João. **Portugal de perto**: o sangue e a rua. Publicações Dom Quixote, 1989.

FEIGEN-FASTEAU, Marc. **Le robot mâle**. Paris: Denoël-Gonthier, 1980.

FERRAROTTI, Franco. **Histoire et histoires de vie**: la méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. O papel da psicanálise no entendimento da construção da subjetividade *in:* ALMEIDA, A. M., CARNEIRO, M. J. & PAULA, S. G. (orgs.) **Pensando a família no Brasil***.* Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 89-100, 1987.

_____. Notas sobre os diferentes regimes de contato interdisciplinar nas ciências humanas *in*: **Nos bastidores da psicanálise***.* Rio de Janeiro: Imago, p. 176-180, 1991.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500 - 1900). São Paulo: EDUC: Escuta, 1992.

FLEM, Lydia. Le stade du cow-boy *in*: **Genre Humain 10**: Le Masculin. Paris: Complexe, p. 101-115, printemps-été 1984.

FOGEL, Gerald I. *et al.* **Psicologia masculina**: novas perspectivas psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité 1**: la volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade *in*: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, p. 123-252, (1905) 1972.

_____. Sobre as teorias sexuais das crianças *in*: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, p. 211-228, (1908) 1976.

_____. Totem e tabu *in:* **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-191, (1913 [1912-1913]) 1974.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, p. 303-320, (1925) 1976.

_____. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, p. 205-293, (1926) 1976.

_____. O mal-estar na civilização *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas***.* v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, p. 75-171, (1929-1930) 1974.

_____. Moisés e o monoteísmo *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas***.* v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-161, (1939 [1934-1938]), 1975.

_____. Esboço de psicanálise *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 165-237, (1940 (1938]), 1975.

FREYRE, Gilberto. **Modas de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1936.

_____. **Sobrados e mocambos**. t. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. New Jersey: Prentice Hall Inc. Englewood Cliffs, 1967.

_____. The origins of the term ethnomethodology *in*: TURNER, Roy (ed.) **Ethnomethodology**. Canadá: Penguin Books, p.15-18, 1974.

GEERTZ, Clifford. **Negara**: O Estado teatro no século XIX. Lisboa: Difel, 1980.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1993.

GILMAN, Sander (1994). Freud, Raça e Sexos. Rio de Janeiro: Imago.

GILMORE, David D. **Manhood in the making**: cultural concepts of masculinity. New York: Yale University Press, 1990.

GIORGI, Amedeo C. **Psicologia como ciência humana**: uma abordagem fenomenológica. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

_____. An application of phenomenological method in psychology *in*: GIORGI, Amedeo C. *et al.* (eds.) **Duquesne studies in phenomenological psychology**. v. II. Pittsburgh, Pensilvania: Duquesne University Press, p. 82-103, 1980.

_____. Sketch of a psychological phenomenological method *in*: GIORGI, Amedeo C. (ed.) **Phenomenological and psychological research**. Pittsburgh, Pensilvania: Duquesne University Press, p. 8-22, 1985.

_____. Theoretical justification for the use of descriptions in psychological research *in*: ASHWORTH, Peter D., GIORGI, Amedeo C. & KONING, André J. J. de (eds.) **Qualitative research in psychology**: Proceedings of the International Association for Qualitative Research in Social Science. Pittsburgh, Pensilvania: Duquesne University Press, p. 3-22, 1986.

_____. The theory, practice and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. **Journal of Phenomenological Psychology**. v. 28, n. 2, p. 235-260, 1997.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOLDBERG, Herb. **O macho secreto**: superando bloqueios no caminho da intimidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

GOMES, William Barbosa. O que é fenomenologia semiótica? **Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM**. v. 7, n. 2, p. 225-243, 1984.

_____. O eidético e o empírico na psicologia fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. v. 2, n. 2/3, p. 135-148, 1985.

_____. As aplicações sociais da pesquisa qualitativa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre: v. 2, n. 12, p. 3-12, 1987.

_____. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**. São Paulo: v. 8., n. 2, p. 305-336, 1997.

_____ *et al.* A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um estudo empírico fenomenológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília: v. 4, n. 3, p. 187-206, set./dez. 1988.

GOODE, William J. & HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1979.

GREER, Germaine. **A mulher eunuco**. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

GRODDECK, Georg. **Le livre du ça**. Paris: Tel/Gallimard, 1923 (trad. franc. 1978).

HACKER, Helen Mayer. **The new burdens of masculinity**. Marriage and family living, v. XIX, n. 3, aug. 1957.

HARTLEY, Ruth. Sex role pressures and the socialization of the male child. **Psychological Reports**. v. 5, p. 459-468, 1959.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**: sexta investigação. Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. São Paulo: Abril Cultural, (1900-1901) 1980. Os Pensadores.

_____. **A filosofia como ciência do rigor**. Coimbra: s. ed., (1910) 1952.

JAPIASSÚ, Hilton & SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. **Dicionário básico de filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

JARDIM, Denise Fagundes. Os usos do corpo: identidade social e masculinidade entre homens de grupos populares *in*: DUARTE, Luiz Dias (org.) **Grupo de trabalho: pessoa, corpo e doença**. Caxambu: XVIII Encontro Anual da ANPOCS, p. 1-20, 23-27/11/1994.

JONES, Ernest. Vida e obra de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, (1955) 1975,.

JOST, Alfred. Le développement sexuel prénatal *in*: SULLEROT, Evelyne (ed.) **Le fait féminin**. Fayard, p. 85-90, 1978.

JOURARD, S. M. **The transparent self**. New York: Van Nostraud, 1971.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença**: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KESSLER, Suzanne J. & MCKENNA, ? **Gender**: an ethno methodological approach. New York: John Wiley, 1978.

KIMMEL, Michael S. (ed.) **Changing men**: new directions in research on men and masculinity. Newbury Park/Beverly Hills/London/New Delhi: Sage Focus Publications, 1988.

KUNDERA, Milan. **Identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LACAN, Jacques. Idéias diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina *in*: **Escritos**. v. 2. Madri: Siglo Veintiuno, (1960) 1993.

_____. **Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. l. XI. Paris: Seuil, 1964.

_____. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

L'ANNÉE SOCIOLOGIQUE: sociologie de la famille. n. 37, 1987.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 6. ed. Lisboa/São Paulo: Moraes/Martins Fontes, s.d.

LAQUEUR, Thomas. **Making sex**. Harvard University Press, 1990.

_____. **La fabrique du sexe**. Essai sur le corps et le genre en Occident. Paris: Gallimard, 1992.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperança em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Refúgio num mundo sem coração**. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE BRETON, David. **Passions du risque**. Paris: Métailié, 1991.

LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os guris de rua *in*: FONSECA, Cláudia & BRITO, Maria Noemi (orgs.) **Horizontes antropológicos**: gênero. Porto Alegre: n. 1, Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 95-109, 1995.

LE MONDE DE L'ÉDUCATION: l'année de la famille. Travail, famille, Europe. Paris: n. 215, 1994.

LE RIDER, Jacques. Misères de la virilité à la Belle Époque *in*: **Le Genre Humain 10**: le masculin. Paris: Ed. Complexe, p. 121-122, printemps-été 1984.

_____. **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____ (org.). **La identidad**. Barcelona: Petrel, 1981. Seminário.

LINS, Daniel Soares. **Ayrton Senna**: a imolação de um deus vivo. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

_____. **Lampião**: o homem que amava as mulheres. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. **O dedo no olho**: micropolíticas do cotidiano. São Paulo: Annablume, 1999.

_____ (org.) **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997.

_____ (org.) **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, 1998.

_____ & BEZERRA DE MENEZES, Maria Isolda Castelo Branco (coords.) Paternidade: algo a ser reinventado *in*: **Curso Família, Famílias**. Universidade Aberta do

Nordeste. Fascículo 4. Fortaleza: Jornal O Povo/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, 1995.

LORAUX, Nicole. Blessures de virilité *in*: **Le Genre Humain 10**: le masculin. Paris: Ed. Complexe, p. 39-56, printemps-été 1984.

_____. **Les expériences de Tirésias**: le féminin et l'homme grec. Paris: Essais, Gallimard, 1989.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Lya. **O rio do meio**. 4. ed. São Paulo: Mandarim, 1996.

LURIA, Zella & RUBIN, Jeffrey. **Genre et étiquetage**: l'effet Pirandello *in*: Le fait féminin. Fayard, 1978.

MACCOBY, Eleanor E. Le sexe, catégorie sociale. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. n. 83, p. 16-26, juin 1990.

_____ & JACKLIN, Carol N. **The psychology of sex differences**. 2. v. Stanford University Press, 1974.

MARTINS, Joel & BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MEAD, George Herbert. **Mind, self and society**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MEAD, Margaret. **Moeurs et sexualité en Océanie**. Paris: Plon, 1963.

_____. **L'un et l'autre sexe**. Paris: Denoël-Gonthier, 1966.

_____. **Le fossé des générations**. Médiation. Denoël-Gonthier, 1971.

MEDRADO, B. **A masculinidade nos comerciais de televisão**. Caxambu: XV Reunião Anual da ANPOCS, out. 1996.

MEILLASOUX, C. **Femmes, greniers et capitaux**. Maspero, 1976.

MESSEDER, Carlos Alberto. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Primeiros Passos.

MESSNER, Michael. The life of a man's seasons: male identity in the life course of the jockin *in*: KIMMEL, S. (ed.) **Changing men**: new directions in research on men and masculinity. Sage Focus, p. 53-67, 1987.

MILLER, Henry. **Sexteto**. São Paulo: Ágora, 1985.

MILLER, William & CRABTREE, Benjamin F. Primary care research: a multimethod typology and qualitative road map *in*: **Doing qualitative research**: research methods for primary care. v. 3. Newbury Park: Sage, p. 3-30, 199?

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1993.

MITSCHERLICH, Margaret & DIERICHS, Helga. **Des hommes. Des femmes**, 1983.

MONEY, John & EHRHARDT, Anke A. **Man and woman. Boy and girl**. 8. ed. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1982.

MOORE, R. & GILLETTE, D. **La nueva masculinidad**: rey, guerrero, mago & amante. Barcelona: Paidos Contexto, 1993.

MOUSTAKAS, C. **Phenomenological research methods**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

MOYNIHAN, Clare. Theories in health care and research: theories of masculinity. **British Medical Journal**. London: p. 1-6, oct. 17 1998. Texto extraído da Internet.

MUCCHIELLI, Alex. **L'identité**. Paris: PUF, 1986.

MUSZKAT, M. **Desejo de mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Gaia ciência**. Lisboa: Guimarães, (1881-1882) 1967.

_____. **Masculin-féminin.** Monaco: Ed. du Rocher, 1990. Présentation et choix de texte de Didier Raymond.

NOGUEIRA, Oracy. A entrevista *in*: **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Nacional, p. 111-119, 1968.

NOLASCO, Sócrates. **Identidade masculina**: um estudo sobre o homem e classe média. Rio de Janeiro: 1988. Dissertação (Mestrado em Psicologia), PUC.

_____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____ (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PATTON, M. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills: Sage, 1980.

PENA, Maria Valéria Junho. Fontes pouco convencionais na sociologia brasileira - uma avaliação da produção recente. **Dados. Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: IUPERJ. v. 33, n. 1, p. 147-174, 1990.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais: do indizível ao dizível *in*: VON SIMSON, Olga (org.) **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, p. 14-43, 1988.

PERLS, Frederick Salomon. **Ego, Hunger and Aggression**: The Beginning of Gestalt Therapy. New York: Random House, 1969.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história *in*: **Os excluídos da história**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 167-184, 1988.

_____. Les femmes ou les silences de l'histoire. Paris: Flammarion. **Petit Journal de l'Exposition Feminin-Masculin**: le sexe de l'art (6 octobre 1995-12 février 1996). Paris: Centre Georges Pompidou, 1998.

PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra *in*: CZECHOWSKY, Nicole (org.) **A honra**: imagem de si ou dom de si - um ideal equívoco. Porto Alegre: L&PM, p. 17-32, 1992.

PLECK, Joseph H. Man to man: is brotherhood possible? *in*: GLAZER-MALBIN, N. (ed.) **Old family/new family**: interpersonal relationship. New York: Van Ostrand Reinhold, 1975.

POLKINGHORNE, D. E. Phenomenological research methods *in*: VALLE, R. S. & HALLING, S. (eds.) **Existential-phenomenological perspectives in psychology**. New York: Plenum, p. 41-60, 1989.

PSATHAS, G. (ed.) **Phenomenological sociology**. New York: John Willey and Sons, 1973.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RATNER, Carl. Principles of qualitative methodology for psychology *in*: **Cultural psychology and qualitative methodology**: Theorical and empirical considerations. New York: Plenum Press, p. 53-92; 245-260, 1997.

REYNAUD, Emmanuel. **La sainte virilité**. Paris: Éditions Syros, 1981.

RICOEUR, Paul. **O conflito atual das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, (1969) 1978.

_____. **Interpretação e ideologias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

RILKE, Rainer Maria. **Alguns poemas e cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

RISMAN, Barbara J. Intimate relationships from a microstructural perspective: men who mother. **Gender & Society**. v. 1, n. 1, p. 6-32, mars 1987.

ROLNIK, Suely. O mal-estar na diferença *in*: **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. Guerra dos gêneros & guerra aos gêneros. **Estudos Feministas**. n. 1, p. 118-123, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Lettre à D'Alembert**. Paris: Garnier/Flammarion, n. 160, (1757) 1969.

_____. **Emile**. l. V. Paris: La Pléiade/Gallimard, (1758) 1967.

RUFFIÉ, Jacques. **Le sexe et la mort**. Odile Jacob, 1986.

RUITENBEEK, H. M. **O mito da masculinidade**: uma visão nova e surpreendentemente franca do homem norte-americano de hoje. São Paulo: EGRT, 1969.

SABINO, Fernando. **Aqui estamos todos nus**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SCHNEIDER, Monique. A odisséia do gozo masculino *in*: LINS, Daniel Soares (org.) **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, p. 29-62, 1998.

SCOTT, R. P. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. **Cadernos de Pesquisa**. n. 73. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 1990.

SEGAL, Lynne. **Slow motion. Changing men**. Rutgers University Press, 1990.

SHERFEY, J. M. **Nature et évolution de la sexualité féminine**. Le Fil Rouge. Paris: PUF, 1978.

SOARES, Luiz Eduardo. Apresentação *in*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/feminino**: tensão insolúvel. Sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, p. 9-12, 1996.

SOUSA, Francisca Ilnar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

STOLLER, Robert. Faits et hypothèses: un examen du concept freudien de bisexualité. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**. n. 7, p. 135-155, 1973.

_____. **Masculin ou féminin?** Paris: PUF, 1989.

_____. **Masculinidade e feminilidade**: apresentações do gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TOLSON, Andrew. **Os limites da masculinidade**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983.

TUCKER, P. & MONEY, J. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1975

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo *et al.* Os passos da pesquisa *in*: **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, p. 29-64, 1985.

VIDERMAN, S. **Ce que deux est à trois**. Paris: RFP, n. especial sobre a bissexualidade psíquica, t. XXXIX, 1975.

WACQUANT, Loïc. Os três corpos do lutador profissional *in*: LINS, Daniel (org.) **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, p. 73-96, 1998.

WEBER, Max. **Textos selecionados**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores.

_____. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1992.